

## ÍNDICE VOL. II

|                                                      |     |
|------------------------------------------------------|-----|
| GRUPOS DE FOCO E ENTREVISTAS TRANSCRITAS .....       | 2   |
| Grupo de foco I: Thales, Lúdia, Gisele e Tânia. .... | 2   |
| Grupo de foco II: Joesmara, Derkian e Elaine. ....   | 28  |
| Entrevista: Lucinha e Mariana. ....                  | 49  |
| Entrevista: Cyntia de Paula.....                     | 65  |
| Entrevista: Jair Rattner. ....                       | 79  |
| Entrevista: Maria Magdala. ....                      | 92  |
| PEÇAS ANALISADAS .....                               | 109 |

## GRUPOS DE FOCO E ENTREVISTAS TRANSCRITAS

### **Grupo de foco I: Thales, Lídia, Gisele e Tânia.**

I: Podíamos começar com cada um falando um pouco quando chegou cá, quais foram os motivos para emigrar e afins.

TH: Eu cheguei cá no início de 89 e foi uma vinda muito pacífica, adaptei-me muito bem, arranjei trabalho muito facilmente e continuei os meus estudos, fiz o final do liceu cá em Portugal, e depois toda a minha vida académica fiz cá em Portugal, portanto, foi muito bom pra mim e como disse, adaptei-me muito bem. Quando eu cheguei aqui houve dois fenómenos que estavam ocorrendo relativamente aos brasileiros: o primeiro já tinha passado, mas depois retornou, que foi o fenómeno da vinda dos dentistas, e não foi uma situação... Primeiro, aliás, acho que foi primeiro dos publicitários, mas a vinda dos publicitários não teve um impacto na comunicação social como teve a questão dos dentistas. Eu sei que havia muito publicitário porque nessa altura, a grande maioria dos brasileiros que eu conhecia eram quase todos publicitários e era curioso porque a grande maioria optava por morar ali na linha de Cascais e porque o meu melhor amigo nessa altura era publicitário também e trabalhava na televisão portuguesa, então achei que havia ali um fenómeno migratório bastante acentuado com relação a essa classe. Depois, sim, aconteceu o caso dos dentistas, que apareceu de forma mais acentuada na comunicação social porque houve aqui uma questão da paridade dos currículos entre Brasil e Portugal, aqui houve uma paridade entre os dois currículos, porque a ordem dos médicos, os dentistas cá faziam parte da ordem dos médicos, não tem uma ordem separada, não é como no Brasil.

L: Eles são médicos, né?

TH: Sim, a formação deles é em medicina e depois optam...

I: É estomatologia que chama aqui, né?

TH: Sim, estomatologia. Então, houve um grande problema a esse nível porque a ordem dos médicos diziam que os currículos não eram iguais, portanto, os médicos brasileiros não podiam ser aceites como tal, tinham que passar por uma formação. Depois houve um acordo que aconteceu exatamente isso, entre Brasil e Portugal houve ali uma certa diplomacia, e aconteceu isso mesmo, todos os dentistas que quisessem exercer a profissão cá em Portugal tinham que passar por uma ação de formação... Não era uma ação



formação, tinham que passar por uma formação na área porque havia incompatibilidade dos currículos.

I: E você tomou conhecimento desses factos pelos media?

TH: Sim, sim, pelos meios de comunicação social. Sobretudo, porque isso foi uma coisa que se falou muito e envolveu a diplomacia portuguesa, a brasileira pelo meio, e envolveu uma série de questões associada a esse fenómeno que aconteceu. Não foi uma questão muito simpática para os dentistas brasileiros porque vieram de facto muitos dentistas na altura, viram de repente que os seus currículos, que eles não eram aceites cá, uns já estavam a trabalhar inclusive, mas depois não eram aceites na ordem, e os dentistas que passavam por essa formação, que era uma espécie de pós-graduação, aí sim esse tinha todo o direito de ser aceite, de trabalhar em qualquer lugar e fazer parte da ordem dos médicos. Então, esse foi o primeiro fenómeno que eu acompanhei...

I: E quais foram os motivos de ter vindo pra cá?

TH: Eu era muito jovem e como o Brasil estava a passar por uma crise, mais uma daquelas crises que parece que nunca mais acaba, eu já tinha tentado entrar na universidade no Brasil pelo menos duas vezes, na terceira vez prometi que, se eu não entrasse, ia embora do Brasil, por isso... Portugal seria uma hipótese, mas não era a minha primeira hipótese, mas depois eu decidi vir pra Portugal, e por isso... Trabalhava no Brasil, tinha um ótimo trabalho, ganhava relativamente bem, comparadamente com a média brasileira, portanto, não tinha problema a esse nível, de trabalho e tal... O problema era ter acesso ao ensino superior porque o critério de admissão no ensino superior no Brasil é extremamente complexo, não é muito democrático, não é pra todos, era muito difícil, o processo do vestibular era muito complicado e nem todo mundo tinha acesso à universidade, então foi nessa época que eu decidi ir embora do Brasil, uma porque eu não entrei na universidade, e outra porque havia eleições para presidente na altura, eu lembro que os dois candidatos fortes eram o Lula – foi a primeira eleição que o Lula se candidatou – e o outro era o Collor de Melo, né? Havia outros candidatos de peso, mas não recordo o nome deles, mas quando vi a fotografia dos candidatos e as radiografias deles mesmos, foi aí que eu disse: “não, não, não, não vai ser possível continuar no Brasil, porque, com esses candidatos eu não fico no Brasil, nem pensar”, e parece que eu tava a adivinhar porque, como sabem, o Collor de Melo ganhou as eleições e aconteceu o que aconteceu... Corrupto, aconteceu o processo de impeachment porque tava envolvido em muitos processos de corrupção e etc.

Por isso, eu fiz muito bem de ter saído do Brasil, mesmo, foi a melhor coisa que eu fiz, e essas foram as razões pelas quais eu saí do Brasil, as principais razões.

TA: Bom, eu saí do Brasil em 2005, foi tranquilo, cheguei cá com uma prima, saí porque na altura eu tinha acabado de me formar num curso de patologia clínica, técnica de patologia clínica, e trabalhava numa cidadezinha de mais ou menos 1000 habitantes, o salário era extremamente baixo para o risco que eu corria, trabalhava com material humano, orgânico, e eu ganhava menos de um salário mínimo, sendo que eu já trabalhei como empregada doméstica e eu ganhava dois salários mínimos. Vi que aquilo não era pra mim, nem tentei fazer faculdade em química, nem sequer tentei, vim pra cá, cheguei aqui, esqueci de tudo isso, fui trabalhar na minha primeira profissão que é estética e tô até hoje, ainda tô tentando se volto a engajar na faculdade, não como química, eu apaguei isso, deletei isso, tô tentando outra coisa, e pronto. O que eu notei, assim, o Lula já tava no governo, o que eu acompanhava de notícia era só o que me interessava, era o SEF, eu só acompanhava notícia do SEF porque eu fiquei três anos ilegal. Uma vez, eu tive que me esconder porque o SEF apareceu no trabalho, o chefe era muito gente boa, acho que nem ele tinha noção do risco que corria, então...

I: Isso no salão?

TA; No salão. Nem ele sabia o risco que corria, de multas e tal. Um dia apareceu lá e a minha colega: “olha, vai dar uma volta”, “vai dar uma volta porque o que tem aqui não é pra você” e eu tive que me esconder, não podia fingir que era cliente, então eu saí. Portanto, eu acompanhava todos os dias as notícias em relação ao SEF, tudo que estava escrito SEF eu acompanhava, era o SEF apreendendo pessoas por prostituição, era o SEF apreendendo pessoas por trabalho ilegal, era o SEF indo atrás dos brasileiros onde estivessem, nos bares e tudo, e depois, eu tava sempre em busca da notícia porque, quando o Lula entrou, uma das primeiras ações do Lula foi ajudar os brasileiros fora do Brasil, então eu tava sempre à procura dessa notícia, quando acontecia do Lula estar cá, então foi sempre eu acompanhando o processo todo, e eu fui uma das primeiras brasileiras que se legalizou com uma lei do Lula, eu cheguei em 2005, foi em 2008, mas é porque eu sempre estava ali em cima dos acontecimentos. O que eu via era uma espécie de perseguição, entre aspas, dos brasileiros que vieram como eu. Brasileiro que não veio com emprego garantido, que não estudou, eu não vim para estudar, não vim com visto, até porque, na altura, visto não tinha, não davam, quando você veio [diz ao Thales] era mais fácil, depois fechou, é como tá agora, acho eu...

TH: Pois... Depois posso contar esse processo muito bem.

TA: Depois fechou, fechou, fechou, como tá agora... Eu ainda consegui fazer uma inscrição na segurança social, uma inscrição nas finanças, quem chega agora não consegue isso... Segurança social não sei, finanças consegue...

TH: Sim, sim.

TA: Então, primeiro você tinha que fazer as finanças e depois a segurança social... Na altura, eu consegui fazer tudo isso, eu tinha tudo certo, tudo certinho, só me faltava uma autorização de residência, aí foi o ponto do Lula, porque ele ajudou não só, como eu acompanhava as notícias não só dos brasileiros cá em Portugal, mas também em outras partes do mundo, fui acompanhando também porque eu tava sempre à procura disso, era a notícia que me interessava mais, então consequentemente, eu via as outras, eu tinha amigas minhas que foram levadas pelo SEF, dormiram numa espécie de uma pedra, tipo uma prisão...

I: Esse tipo de perseguição que você notava era ao ler os jornais?

TA: Sim, digamos que havia uma certa predileção [risos]. É que os brasileiros eram os que vinham mais, tinha também o pessoal de Leste, eu tinha uma colega que quando ouvia falar de SEF, ela tremia toda, coitada, ela era da Ucrânia e ela também sofria, veio pra cá ilegal, nervosíssima sempre, eu via... Mas eram mais os brasileiros. Por quê? Não sei porque, não sei se era porque tinha mais quantidade ou se era uma predileção mesmo... Não percebia. Até percebo, mas não quero ser injusta.

G: Eu vim em 96 e foi por motivos pessoais, o meu companheiro é alemão e escolhemos o sul da Europa como sendo o meio termo, nem tão Norte, nem tão Sul. Ele tinha a vantagem por ser europeu, mas eu, tinha terminado a graduação no Brasil em psicologia, mas vim também sem visto, sem nada. Tinha me informado já como funcionava a equivalência, uma portuguesa que já tinha começado esse processo me informou, mas o visto, efetivamente, eu não tinha, e na época, eu lembro que assim que eu cheguei, não conhecíamos ninguém, viemos sozinhos os dois e tinham dito justamente do problema que tinha dado com os dentistas, mas também essa altura, a minha maior preocupação era obter o visto e, curiosamente, éramos poucos na época, eu acho que, em 96, a comunidade brasileira não chegava a 20 mil e você ia no consulado, tinha pouca gente, era fácil o acesso aos funcionários, mas eles não tinham as informações fáceis, não havia nenhum

conhecimento do próprio processo do SEF no consulado do Brasil, Então no SEF, eu via que era muita gente maltratada e via-se principalmente com as comunidades de afro-descendentes, eu cheguei mesmo a presenciar maus tratos, a funcionária dizer: “apanha essa criança que está a chorar e vai embora”, e o número de queixas foi tal que depois eles mudaram. Voltando ao assunto da época... O que eu ia dizer?

TH: Da comunidade brasileira...

G: Sim, a comunidade era pequena e no consulado não havia muita informação, eu acho, sobre o que se passava no SEF e onde eu encontrei acolhida, na verdade, foi na Casa do Brasil, não era nessa sede aqui, era em São Pedro de Alcântara e me aproximei, fui muito bem recebida, foi onde consegui alguma articulação de informações mesmo de como é que se dava o processo e notei que, a maior parte das pessoas que estavam lá tinham vindo na década de 70 e eram exilados, praticamente, políticos, muita gente do jornalismo...

I: Que frequentava a casa do Brasil?

G: Que dirigia. Mas eles mesmo estavam lá, recebiam, tinha até um jornalista, o Duda Guennes... Foi a primeira pessoa que eu conheci, era jornalista do Bola...

I: Ele se tornou muito conhecido aqui, né?

G: Foi... Eu não sabia, mas eu o conheci lá e uma coisa interessante, que talvez tenha a ver com a sua pesquisa, é que eu acabei por ser voluntária... Uma das que também, já esta aqui há bastante tempo, a Isis, ela era coordenadora do arquivo da Casa do Brasil. Existia um arquivo feito manualmente, que ela colecionava justamente artigos de jornal que traziam em Portugal notícias relativas à política brasileira, à realidade dos imigrantes brasileiros em Portugal, eu fui voluntária e nesse arquivo a gente juntava realmente as notícias, recortava...

L: Faziam o clipping...[risos]

G: Pois, eu não sei os termos, ia lá, cortava, recortava e arquivava. Depois, eu não acompanhei mais a Casa do Brasil, se mudaram, acho que o arquivo acabou. A última vez que eu me encontrei com a Isis, ela me disse que não havia quem levasse aquilo à frente, ela não podia, eles pararam, não continuou...

I: Acho que eles não têm mais, não... Semana retrasada entrevistei a atual presidente e ela não fez nenhuma menção. E teve algo, nessa época, que te chamou a atenção, pareceu que se falava muito na comunicação social sobre o Brasil, os brasileiros..?

G: O que eu noto... É que eu tenho uma certa percepção dos brasileiros... Até associações fúteis, como: “apreendidos os bandidos”, ou de traficante não sei o que, e acima uma foto de brasileiros que não tinha nada a ver com a notícia, quem lesse o jornal associava uma coisa a outra.

I: Era uma foto tirada no Brasil? Não entendi...

G: Não, era uma foto, “brasileiros festejam...”, uma coisa estúpida como essa, uma imagem de brasileiros e embaixo uma outra notícia, que um leitor desavisado podia associar uma coisa à outra.

I: E isso já na década de 90?

G: Na década de 90. E algum resquício ainda dessa coisa dos dentistas também tinha, mas também... Acho que o que tava mais em evidência era o conflito em algumas comunidades, mas não era envolvendo brasileiros, depois também teve o caso das senhoras...

TH: As mães de Bragança...

I: também já vamos falar sobre isso, porque foi um tópico quente [risos]

G: O tráfico... Porque, de facto, veio uma vaga grande de tráfico de mulheres, que aconteceu nessa época, e trabalhadores principalmente nos serviços, né... Notou-se... Depois eu comecei a notar que havia um acréscimo de trabalhadores nas obras, de brasileiros, mas depois, com o contingente de Leste começou também a sofrer, porque quando veio o contingente de imigrantes do Leste, eles tinham muitas vezes formação... Alta formação, era engenheiro pedindo trabalho de mestre de obras, então toda a comunidade brasileira e africana sofreu aí uma concorrência grande desse pessoal que estava disposto a começar de baixo. Também se notava isso nas notícias, dessa época foi o que eu mais registrei... Depois eu também posso falar mais pra frente, que eu também observei. Voltei a acompanhar, mas não tão sistematicamente.

L: Eu cheguei em 2003... Eu tenho um problema, que eu sou uma pessoa de fraca memória, então é difícil pra mim, mas vamos lá... Eu vim em 2003, vim pra estudar, pra

fazer o mestrado e na época que eu vim acho que ainda era poucos brasileiros para estudar, né? Eu acho que hoje, se for em qualquer curso aqui, em Coimbra... A metade é brasileiro. Naquela época, na minha turma éramos uns 3 ou 4 brasileiros...

I: Razoável até... Achava que era menos...

L: É, devia ser algo como 1/5 ou 1/4, não era tanto assim... Então eu vim pra isso, pra fazer mestrado aqui na Nova, o que eu me lembro assim de cobertura... Bom, eu sou jornalista de formação, não sei se sou suspeita pra falar, mas eu lembro sim, que da minha memória a maior parte das notícias eram negativas, tinha uma população muito grande, e a cobertura relacionada a crimes, a questão da imigração...

I: Crimes que brasileiros cometiam aqui?

L: Crimes que brasileiros cometiam aqui, que eu acho que isso depois foi todo um movimento do Observatório para as Migrações e uma pressão grande para que o jornalismo não identificasse a nacionalidade de quem comete crimes.

I: Isso é uma recomendação da entidade reguladora. Não sei de quando data isso, mas há...

L: Exato, mas mesmo antes da ERC, já havia uma pressão com quem estava trabalhando com direitos dos imigrantes e tal para não identificar assim de forma tão ostensiva a nacionalidade... Porque, afinal, quando um português comete crime, você não coloca: “português comete...”, né? E eu acho que, nessa época, ainda não existia essa preocupação ética e era sempre nas manchetes, quando era um crime cometido por brasileiro não estava assim no meio do texto, tava mesmo na manchete que tinha sido brasileiro. Aí eu me lembro assim... Tenho essa ideia, não tenho estudos, não tenho dados, de que era muito focado na vaga de imigração, né? Da ilegalidade e da questão do crime, e por outro lado, acho que sempre houve uma atenção ao Brasil, por exemplo, na área da cultura, porque sempre houve muito interesse, os artistas brasileiros até hoje não muito queridos aqui em Portugal, então eu me lembro que havia também nas notícias da área da cultura, de pessoas fazendo show, teatro, coisas assim... Eu nessa época, em 2003/ 2004, trabalhei num jornal que foi feito aqui chamado “Correio do Brasil”, que durou pouco tempo e era um jornal que tentava falar notícias do Brasil, sobre o Brasil...

I: Voltado para a comunidade?

L: Para comunidade e não só, tentava ter um público mais ampliado. Esse jornal não durou muito tempo...

I: De que ano ele é?

L: A minha memória... Mas eu diria que é, por aí, 2004. Esse jornal então, deve ter durado, não sei, um ano, um ano e tal, o Duda trabalhou lá e outros jornalistas que estavam cá, e tentava contrariar. Tinha essa perspectiva de tentar contrariar as notícias negativas sobre o Brasil... Era um jornal um tanto elitista, que tinha, por exemplo, uma matéria de turismo muito bonita sobre algum lugar do Brasil, uma matéria de cultura, enfim, as relações Brasil-Portugal... Tentava um pouco contrariar essa visão mais negativa, mas eu acho realmente, que era uma época ainda muito difícil, acho que não havia todas essas organizações de migrações que há hoje e uma maior discussão, uma maior consciência do direito das pessoas, enfim... Então eu acho que todo mundo que veio nessa época, mesmo eu que vim com visto de estudante, pra mim foi muito difícil mesmo...

I: O Thales, por exemplo, disse que teve uma adaptação excelente aqui, mas eu queria saber se você vivenciou alguma história de preconceito...

L: Tenho várias. Assim, eu também gostei muito e adoro viver cá, também acho que foi uma das melhores decisões que fiz na vida, não quero voltar, sim, gosto imenso, mas sofri muitas dificuldades. Por exemplo, eu fiz uma vez uma entrevista pra trabalhar numa revista, então eu fui selecionada, fui lá no primeiro dia e eu tinha visto de estudante e eu levei a lei e grifei pra mostrar que eu podia trabalhar, mas quando cheguei, a pessoa do recursos humanos disse: “eu não contrato brasileiro”, e eu: “mas eu fui selecionado, vim aqui pro meu primeiro dia de trabalho e tal...”, “não, pode ir embora”, não adianta... Falei com a pessoa que me selecionou, ela tentou falar, mas não, e ela disse mesmo: “não contrato brasileiros”, não sei se essa questão vale pra outros imigrantes, para outras nacionalidades... Tenho outras [histórias] desse tipo, mas essa foi um bocado ostensiva...

TA: Nem disfarçou, né? Podia dizer: “o seu perfil não se encaixa”... [risos]

L: Outra também é que uma vez eu liguei pra alugar casa, e eu sentia que não queriam alugar a casa quando eu falava por telefone, era sempre muito rápido...

I: Acha que era porque, quando teve esse caso das Mães de Bragança, relacionavam muito à prostituição e tal?

L: Não... Eu acho que tem a ver com achar que vão colocar muitas pessoas no apartamento, mas isso também... Enfim, essa pessoa não era muito boa do juízo, isso já faz uns tempos, faz uns 5/ 6 anos, e ela disse: “eu não alugo casa pra brasileiros”...

I: Sabe que isso ainda continua, né?

TA: Sim, eu tive uma resposta dessas segunda-feira.

L: Sim, mas essa pessoa disse com todas as palavras e eu: “por quê? Mas como assim..?”. Bom, primeiro ela perguntou porque eu queria alugar uma casa com dois quartos se era só, “eu quero, porque eu estudo, eu recebo a minha mãe, não sei o que e tal...”, e ela disse que não e quando eu perguntei o porquê, ela começou a gritar, me xingou de tudo quanto que é nome por telefone, foi extremamente grosseira...

TH: Ui...

L: Eu fui lá com o João e uma amiga pra escrever no livro de reclamações e ela quando abriu a porta, “eu sou a pessoa que ligou, eu queria escrever no livro de reclamações...”, ela abriu a porta, começou a me chutar, me empurrou...

I: Te agrediu?!

L: Me agrediu...

TA: Era uma agência?

L: Ela tinha uma microagência. Depois eu fiz queix, e aquilo dá muito trabalho, então eu desisti, aí 2 meses depois ela fez queixa contra mim, eu tive que responder, foi terrível... Porque eu tive que responder, tive que pagar advogado, o Pissarra até testemunhou, fui a julgamento e tudo, e como aquilo tudo já estava me sufocando, eu paguei...

I: Não aguentava mais..?

TA: Mas não teve como..?

L: Ela é uma pessoa que, realmente... Ela forjou provas...

TH: Isso foi completamente ilegal...

TA: Nem pro juiz pensar, “vamos equilibrar aqui porque houve um preconceito”.

TH: O seu advogado..?



L: Mas eu não gravei o que ela disse, né? Ali no juiz ela disse que não tinha dito nada.

TH: Mas o seu advogado não atuou nesse sentido? Por que um advogado jamais poderia aceitar um caso desses, né?

L: Era eu, uma amiga e o João, e essa amiga também tava num processo de legalização, ela tinha muito medo de ter aquilo no dossier dela e depois não conseguir se legalizar, né? Então eu disse pro advogado: “eu pago o que for preciso, eu quero é acabar com isso”.

I: Mas ela te acusou do que exatamente?

L: Que eu que a tinha agredido e a pessoa que trabalhava com ela testemunhou a favor dela, ela arranhou umas fotos, ela fez tudo... Então foi muito difícil, muito difícil mesmo, aí eu disse: “eu não quero...”, porque isso demora dias, você passa o dia inteiro lá, a gente trabalhava...

I: Isso já foi há uns 6 anos, então?

TH: Ela não chegou a dar entrada no processo de queixa-crime?

L: Ela deu, então eu fui a duas, a três audiências, e aquilo demora muito...

TH: Sim, é muito moroso o processo...

L: E é horrível a pessoa ser acusada de algo, ainda mais que ela não fez... Então eu falei: “eu pago”, paguei um dinheirão de advogado, paguei um dinheirão a ela.

I: Você ainda passa por isso, Tânia?

TA: Eu tô bem, graças a Deus, tenho a minha casa ótima, o meu senhorio é simpático, não sei se gosta de brasileiro ou não, nunca perguntei... [risos] Mas eu fui perguntar pra uma senhora, porque eu soube de uma senhora que tem umas casinhas e eu fui perguntar... “A senhora tem umas casinhas..?”, “tenho sim, mas não tenho nenhuma para arrendar” [risos], e eu “ok”, não vou discutir, mas ela não falou especificamente que era para brasileiros, mas eu sei que as casinhas estão desocupadas, porque tem uma pessoa que mora numa das casas dela e as outras estão desocupadas, então eu sei que ela tem e fiquei espantada... Mas já me aconteceu de eu ligar perguntando da casa, como eu tenho um sotaque pronunciado, tinha mais ainda, a pessoa: “não, não, já tá arrendado”, e eu sempre pedia pra uma colega: “faz um favor, liga pra esse número e pergunta por essa casa”, minha colega ligava e pra ela estava disponível. Já arrendei uma casa assim... Arrendar

não, mas ver pelo menos até aonde aí com uma amiga, ela é muito minha amiga, é portuguesa e ela: “vamos ver até aonde vai”, e fomos até o limite, quando a pessoa estava felicíssima que ia fazer um contrato beleza, “não, não precisamos mais”, mas fomos até o fim, porque eu ligava não tinha nenhuma casa para alugar, ela ligava tinha duas, três... O sotaque denunciava logo. Infelizmente, ainda tem isso, ela tava aqui falando, eu tava tentando lembrar de notícia boa que eu tivesse lido, visto... Não consigo me lembrar [risos]. Talvez no final disso aqui, eu lembre.

I: E cultura, não? Eu também tenho a impressão que aqui a cultura brasileira, cantores, músicos e tal, são muito valorizados...

TA: Sim, Ivete Sangalo, Vanessa da Mata... Sim, sim, as pessoas respeitam, gostam muito, mas eu penso que tudo que for dar prazer pra eles é bem-vindo, tudo que eles acharem que não é bom pra eles...

TH: É pra esquecer...

G: Em relação a essa cultura, eu notei mais é pelo momento político do país que o país passava, enquanto o Brasil teve nesses anos 90 com dificuldades, vinha muito brasileiro pra cá, era essa questão, o jornal perseguia muito as más notícias, principalmente da conduta dos brasileiros aqui. Depois, quando chega a crise aqui em Portugal, 2010, 2013 principalmente, era uma espécie de fascínio pelos negócios, pelo mundo dos negócios, pela economia brasileira, tanto que até amigos da área jornalística vinham pra mim e diziam: “eita, o Brasil agora tá bombando e tal...” e eu: “não, pera aí que aquilo é mar agitado”, mas era aquele fascínio... Então, mesmo nas manifestações, aqui tava em crise e tinha dificuldade em articular as pessoas a irem pras ruas, eles voltavam e diziam: “eita, o Brasil é que tá dando o exemplo”...

I: Eu ouvi também...

G: Então, aí era todo aquele fascínio. Aí, passou agora começar todo esse processo de destituição da Dilma e o processo do golpe, que desapareceram. Desapareceu as notícias, desapareceu o encanto, ninguém fala mais nada, tudo que aconteceu a nível político, económico, com repercussões em Portugal, todo mundo calou, você não vê uma notícia.

L: Agora? Não acho que seja assim, viu... Eu leio todos os dias notícias sobre o Brasil aqui.

G: No Público...

L: No Público tem todos os dias e eu gosto, sinceramente eu gosto da cobertura do Público. Muitas vezes eu prefiro acompanhar a crise política do Brasil pelo Público, que pelos jornais brasileiros...

[risos]

TH: Sim...

L: Porque eu acho que o Público tem uma visão em geral mais equilibrada, mais reflexiva, mais analítica e eu diria que, agora, não consigo assim pensar mais pra trás, mas agora recentemente, do ano passado, de dois anos pra cá, o Público pelo menos, quase que diariamente tem notícias sobre a crise no Brasil e eu gosto da cobertura, acho bem feita.

I: Uma coisa que eu observei e vários imigrantes com os quais eu conversei também citaram muito, é que agora se fala bastante dos brasileiros ricos que estão vindo pra cá, quase como se só estivesse vindo rico...

TH: Eu li um artigo recentemente no Público da nova vaga de brasileiros que tem vindo pra cá agora e li também no Expresso a propósito disso, com depoimentos de gente que já está cá a viver e a fazer negócios... É uma minoria brasileira, não são os brasileiros ricos que tão vindo, há uma minoria de brasileiros que vivem sobretudo entre Rio e São Paulo, são pessoas abastadas, que tem património riquíssimo e que vêm a Portugal e tem dinheiro para comprar as casas ricas, de luxo, e depois fazer um negócio sabendo, por exemplo, que tem muitos brasileiros que vem pra aqui, brasileiros que têm uma certa posição social, que têm dinheiro e podem contratar o serviço deles para... Para arranjar casa, para tratar do processo de legalização todo e não sei o que... E tratar do visto gold também, portanto, é uma classe... É uma percentagem muito pouca, porque são pessoas muito ricas mesmo e vocês sabem que no Brasil há muito rico porque a discrepância é muito grande entre ricos e pobres...

TA: Mas eu notei isso...

TH: E há de facto, e nota-se isso...

TA: Os clientes agora são outro nível. Eu, geralmente, não atendo muito brasileiro, não é meu público, eu atendo mais portugueses, mas ultimamente, tem vindo umas brasileiras muito assim, muito empinadas... [risos]

TH: Mas não são todas...

TA: Aí eu falo o preço, elas falam: “é baratíssimo, vou fazer”, eu “credo”...[risos] Hoje mesmo eu atendi uma que acha que o serviço aqui tá superbarato...

TH: E está, de facto.

G: Mas isso aí, já saiu artigo no jornal falando desse tipo, desse perfil de brasileiro que tá vindo agora... Porque a sociedade portuguesa nota a diferença de antes...

TA: Se eu já assusto, imagina os portugueses...

G: Porque eles são muito prepotentes...

TH: Sim.

G: E aqui há aquela questão do restaurante, muitas vezes é a família que atende, a senhora que cozinha, o marido que fica no caixa e um filho ou um sobrinho serve as mesas... São negócios familiares que no Brasil não estão acostumados com isso, então vêm com essa postura de esnobismo, então as pessoas, com essa postura de arrogância, que as pessoas... E pega mal.

TH: São essas pessoas... Eu lembro que havia o depoimento de uma fulana que tinha uma galeria de arte no Rio de Janeiro, o pai dela era um político qualquer que herdou uma fortuna da família, e agora comprou uma casa em Cascais, que trabalhava só pra legalizar essas pessoas...

G: Há escritório de advocacia aqui especializado nisso.

TH: Sim, mas... Voltando um pouco atrás, o que eu acho que acontece, que aconteceu consigo e contigo, no princípio dos anos 2000, o que eu noto e não só, mesmo pra trás, nos anos 90, a questão dos dentistas, depois dos publicitários, depois nos anos 2000 toda a área profissional com brasileiros, eu noto que na sociedade portuguesa há um estereótipo mal esclarecido com relação aos brasileiros, é que houve uma vaga de brasileiros que vieram cá e fizeram muita merda no Brasil, desculpem o termo...

I: No Brasil?

TH: Não, cá em Portugal, portanto, mancharam um pouco a imagem dos brasileiros que vivem cá em Portugal, mas isso não são todos.. O que se passa é que têm pessoas que tiveram má experiência com brasileiros seja em questão profissional, seja em questão pessoal, de arrendamento de casa e etc., por incumprimento ou por outra coisa qualquer,

pensam que todos os brasileiros são iguais e não são, e vocês sabem disso que não são, não é? Eu sei disso, todos os meus amigos sabem... Portanto, há um estereótipo que pensam que somos uma classe, que somos minoria, como somos imigrantes, né? Se acontece qualquer coisa, “ai, é brasileiro”, isso é completamente equivocado, é erróneo...

I: Você ouviu essas histórias de coisas que brasileiros fizeram para portugueses..?

TH: Não, é porque eu leio. Eu leio nos jornais e depoimentos de pessoas e porque eu falo com os meus amigos a propósito disso, eu tenho muitos amigos que falam como é ser brasileiro cá em Portugal e conheço muitos portugueses que me abordam nesse sentido, “ah, és brasileiro”, ou confundem o meu sotaque com outra coisa qualquer, com espanhol ou francês... Então há essa noção dos brasileiros, mas é um equívoco, um estereótipo que se criou em relação aos brasileiros, depois quando aparece fenómenos do género das “Mães de Bragança”, que era a maioria das mulheres oriunda do Brasil, pronto, todas as mulheres receberam então o título ou o rótulo de “prostituta”, que só tava aqui interessada em arranjar dinheiro ou roubar marido... Portanto, criou-se um estereótipo mais grave ainda, mais acentuado em relação sobretudo, às brasileiras, não é?

L: Eu acho que o imigrante é sempre o outro, é sempre visto como “o outro”... Nós estamos aqui falando de brasileiros, como poderíamos estar a falar de qualquer outro imigrante, como poderíamos estar a falar de qualquer outro imigrante no Brasil...

I: Mas em relação aos brasileiros, há aquela proximidade histórica, diferentemente dos imigrantes do Leste, por exemplo...

L: Sim, mas o cabo-verdianos também têm, os guineenses também têm, não é? Então eu acho que a gente tem que pensar no ponto mais amplo que em qualquer sociedade o imigrante é o outro e vai sofrer estereótipos, né? E que demora muito tempo para isso se modificar, não é?

G: Mas eu acho que essa questão histórica também é importante...

L: Também acho, claro que o estereótipo do brasileiro não é o mesmo do ucraniano, é outra coisa, né? Mas também tem o estereótipo, eu acho que todo imigrante é sempre visto como o outro e que demora muito tempo para as coisas mudarem, mas eu que já vivo aqui há 15 anos, eu noto uma diferença e acho que pra melhor...

TA: Eu vou falar uma coisa...

L: Eu noto que é melhor, você não acha?

TA: Não e eu vou falar uma coisa, eu chorei aqui duas vezes por causa de preconceito, uma foi de raiva e a outra foi de tristeza. O meu primeiro patrão não me pagou, não me pagou, terceiro mês pagava, mas não pagava na totalidade, terceiro mês eu fui reclamar, burra, novinha aqui, brasileira, não sabia, então ele: “você tá achando que eu não vou te pagar nananana... Então tire essa t-shirt...”, eu nem sabia o que era uma t-shirt, mal sabia o que era isso, eu: “a camiseta?”, “isso, a t-shirt, você não trabalha mais cá, é rua, senão eu chamo o SEF atrás de você”, então eu tirei a t-shirt, dei pra ele, fui pra rua, o que me salvou, como eu tava com contas, rendas atrasadas não sei o que, foi uma portuguesa, do Porto, viu isso tudo, me ligou e disse: “não sai daí que eu vou te ajudar”. Fui pra casa dela, ela me esperou estar estável, quando eu disse: “pronto, já tenho um novo emprego, já tenho lugar pra ficar”, ela foi me levar nesse lugar, ela viu que eu era uma rapariga... Ela tinha medo que eu fosse para o lado ruim da coisa, foi me levar, foi excelente, eu chorei de raiva dele porque eu queria esganar porque ele que me devia dinheiro... E a segunda vez foi quando eu tirei o visto, deixa eu ver... Quando eu tirei a nacionalidade eu tava muito contente, geralmente eu não falo muito do português, não quero falar, pronto, mas me senti no direito de falar, me senti no direito de poder criticar o governo, poder criticar uma rua, poder criticar o autocarro, me senti no direito... E tava uma crise, eu já nem lembro o que era... Era do hospital, a questão da legionella, e depois veio o sarampo, e eu disse: “não é estranho o sarampo e a legionella nessa altura do campeonato? Porque no Brasil nós somos vacinados desde pequenininho”, aqui não era? Eu não entendia isso... “Já que lá é tão bom assim, volta pro seu país, o que você está cá a fazer?”, aquilo me magoou profundamente porque era uma colega de trabalho, uma pessoa que eu admirava e gostava e fiquei extremamente... Pensei: “realmente, não mudou foi nada...”, eles ficaram educados, aprenderam a não falar tanto, mas o preconceito tá lá e ela tava tão irada que nem percebia, mas a senhora que tava lá disse: “não, é que na altura não era obrigado a vacinar, nem todo mundo vacinava...”, eu fiquei passada com aquilo, eu fiquei admirada das pessoas não serem obrigadas a vacinar, enquanto nós temos essa coisa boa, nós somos vacinados.

TH: Eu...

TA: [risos] Foi uma comparação infeliz, mas nós somos vacinados, vocês não são vacinados, depois ficam correndo o risco de ficar doente, vira uma grande bagunça, né? E já que o Brasil não tá em crise, e aqui com essa crise de doença, então: “volta pro seu

país”, mas ela foi muito arrogante, foi muito triste e eu pensei: “realmente nada mudou”, só tá ali escondido, as pessoas aprenderam a ser mais educadas... Por exemplo, essa senhora não me falou: “eu não alugo casas pra brasileiros”, ela só me falou: “eu não alugo casas”, há um tempo atrás seria: “eu não alugo casa pra brasileiro”, ela só camuflou...

I: Então na sua opinião atenuou-se, mas esses casos..?

L: Não, eu acho que preconceito individual, enfim... As pessoas continuam sendo preconceituosas, as pessoas são preconceituosas tanto aqui, quanto são no Brasil também, mas eu acho que como houve alguma mudança, por exemplo, na legislação, né? As pessoas conseguem se legalizar mais facilmente hoje que há dez anos atrás, não? Então eu acho que hoje mais facilmente as pessoas conseguem ter um documento pra se sentir no direito de reclamar...

TA: Não foi o meu caso... [não entendi]

L: Eu tenho documento, eu sou portuguesa, entende? Eu acho que a lei... Não podemos negar que em termos de estrutura mudou muito, porque as associações migrantes fizeram muita pressão, fizeram acordo Brasil-Portugal, porque as pessoas chegam aqui, demoram imenso no SEF, tá lá um caos, mas em tese, eu venho aqui e em um ano eu tenho uma autorização de residência.

I: É, em comparação a outros países da Europa, aqui é dos lugares mais fáceis para se regularizar...

L: Não tem comparação, né? Eu tive nacionalidade portuguesa tendo só visto de estudante, não tem mais nenhum país da Europa, que eu saiba, que te dá nacionalidade enquanto você só tem visto de estudante.

G: Mas você tem que levar em conta esses acordos entre Brasil e Portugal...

L: Exato... O que eu acho que também ajudou muito foi essa flutuação, de quando o Brasil tá em crise, vai lá pressiona, às vezes era Portugal que tava em crise, interessava pra Portugal, então ele pressionava, então essa coisa da língua também, a flutuação...

TH: Mas foi sobretudo, a diplomacia feita no governo do Lula. Eu lembro perfeitamente da ação do Lula com os brasileiros que estavam a chegar aqui, principalmente na altura da crise, no início, em 2008, que tinha bastantes brasileiros sem qualificação nenhuma...

I: Depois da crise que você teve essa impressão?

TH: Depois da crise não, depois do início da crise... 2008 despoletou a crise nos Estados Unidos, depois na Europa, e em 2010 foi cá forte e feio, né? E nessa altura, todos os brasileiros que vinham pra cá tavam com muita dificuldade de arranjar trabalho, mas antes disso, o Lula já tinha feito um acordo diplomático em que não era obrigatório para quem requisitava o visto de residência no Brasil ter logo um contrato de trabalho, porque antes era preciso para ter um visto de residência, apresentar um contrato de trabalho, com o acordo que o Lula fez com o governo português, isso alterou-se, não é? Como também mudou uma coisa que existia, um acordo com o governo português de 1977, que era o acordo de igualdade entre portugueses e brasileiros, isso deixou de existir, isso eu ainda apanhei, com a alteração feita pelo Lula, deixou de existir, mas mudou bastante...

TA: Mas tem o direito de reciprocidade...

L: O que vale lá, vale cá, mas isso era diferente...

TH: É diferente, isso era um acordo datado de 1977...

L: Também tem a ver com a CPLP, né?

TH: Não sei se a CPLP, mexe-se muito pouco e mal a CPLP, porque há casos dos imigrantes, eles raramente interferem, raramente dizem algo, eles entram no barulho...

L: É diferente...

TH: E depois as pessoas questionam: “onde está a CPLP nesse processo todo?”

L: Mas há diferenças se a pessoa é de um país ou de outro...

TH: O acordo ortográfico, por exemplo, a CPLP foi muito poucas vezes abordada nessa questão, esteve muito pouco nos meios de comunicação social a dar o seu parecer acerca do acordo ortográfico, né? Portanto, a CPLP sempre esteve muito ausente nos temas fraturantes em relação aos imigrantes brasileiros cá em Portugal.

I: Nas edições dos jornais sobre as quais debrucei-me, encontrei muitas menções à CPLP, mas nenhuma relacionada à questão dos imigrantes...

L: Não sei da CPLP, mas há acordos entre os países de língua portuguesa. Por exemplo, a minha mãe é casada com um cabo-verdiano e ele teve... Assim, ser imigrante no Brasil deve ser um inferno, mas ele só conseguiu se regularizar no Brasil, porque ele, na verdade



também é cidadão norte-americano, mas ele só conseguiu porque era cabo-verdiano, porque tinha esses acordos...

I: Acordos bilaterais?

L: Multi, entre os países de língua portuguesa. Então, há uma maior facilidade por sermos países de língua portuguesa, não sei, não conheço a lei, não sei como são os acordos, mas eu sei que há uma diferença...

TH: O acordo é que qualquer cidadão que faça parte de um país membro da CPLP possa circular, tem livre circulação nesses países, esse é o acordo principal.

I: Mas isso não está institucionalizado ainda.

L: Tá sim.

TH: Tá institucionalizado...

I: O meu companheiro é cabo-verdiano e não pode vir a Portugal sem visto...

TH: Mas isso tá mal...

I: A mãe dele tem sempre que requisitar um visto pra vir a Portugal.

TH: Ele pode vir como turista.

I: Mas eles têm que pedir um visto lá no país, não é que nem a gente...

TA: Nós podemos dar entrada, podemos permanecer aqui 3 meses, isso é um acordo que os brasileiros conseguiram, os outros países de língua portuguesa não. Eles têm que pedir, Angola tem...

I: No local.

TA: No local. Tem o direito de permanecer aqui 3 meses, mas tem que vir com o vistininho na mão, assim como o português pra ir pra Angola, pra ir pra qualquer outro país, tem que pedir. No Brasil não, ele não precisa pedir, ele entra, leva aquele carimbo e pronto, mas daí a 3 meses, ele já tá ilegal, se ele não for na polícia federal e fizer o processo como nós fazemos cá, ele tá ilegal...

TH: Deixa-me só falar uma coisa a propósito de preconceito... Eu nunca senti na pele esse preconceito, felizmente nunca senti, mas relativamente há muito pouco tempo, eu conheço um casal de brasileiros, baianos, que tem um bar ali na Bica, eles são pessoas

fabulosas, fantásticas, são pessoas muito honestas, trabalhadoras, têm um sucesso brutal, a comunidade brasileira já está toda lá, e eles sofreram um preconceito nu e cru em relação às instituições portuguesas, são casos pontuais, na verdade, mas o que se passou com eles em relação à mudança de horário de funcionamento do estabelecimento e não se passou com outros que estão lá, foi nitidamente porque eles são brasileiros, porque há uma série de comerciantes que têm bares, têm comércio na Bica, que são portugueses, que foram fazer queixas deles. Eu ouvi uma conversa de uma fulana que é portuguesa, que a mãe tem um bar ali na Bica, a ter uma conversa com a dona Carmem, que é esta brasileira, eles têm pouco conhecimento, têm pouca literacia, essas coisas todas, mas pronto, são pessoas honestas, trabalhadoras, têm um negócio cá e isso é que basta...

TA: Estão a viver...

TH: Estão a viver...

TA: Estão a ganhar dinheiro e a rentabilizar.

TH: E mais, o negócio deles está todo legal, está completamente legal... A conversa que a fulana estava a ter com ela é de uma pessoa chegar ali e dar uma bofetada na cara dela, porque, por exemplo, perguntar se ela estava legal cá em Portugal, se o estabelecimento estava legal ao nível das finanças, se ela pagava os impostos e aquelas coisas todas... Coisas completamente estúpidas, não é? Pra uma pessoa que ela não conhece de lado nenhum. Quer dizer, isso não se faz, fazer uma série de perguntas pessoais da pessoa...

[não compreendo]

TH: Isso é dor de cotovelo e preconceito.

G: Com a alteração da lei da nacionalidade, não lembro de ter sofrido muito preconceito, a não ser todos esses entraves que todos os imigrantes tinham pra se registrar, mas eu tive dois filhos que nasceram aqui, mas como o meu marido é alemão e eu brasileira, pra mim foi difícil entender porque eles não podiam ser portugueses. Nunca viveram na Alemanha, nunca viveram no Brasil e na época, quando a minha filha nasceu, ela nasceu no Barreiro, a senhora do notário: “não, só quando chegar aos 18 anos ela pode optar por ser brasileira e tem que abdicar de uma das outras”. Na verdade, depois eu soube com o mais novo, veio essa discussão toda da alteração da lei, eu fui descobrir... Na verdade, na época podia já, ela podia ter as 3 nacionalidades por ter nascido aqui, ela nasceu em 98, e o senhor dos registos disse que nessa época já vigorava, mas...

L: As pessoas são muito má informadas...

G: Ou por má informação, ou ela me negou a nacionalidade...

I: Mas a questão, que inclusive está se debatendo agora, é que em Portugal vigora o jus sanguini, por isso quem nasce aqui não tem direito à nacionalidade...

TH: Os africanos têm imensas dificuldades em relação a isso...

TA: Minha filha é nascida cá e não é portuguesa. Agora pode, porque só depois da mãe ter 5 anos de estadia legalizada em Portugal é que as crianças podem, mas como você disse... É jus soli e jus sanguini, né?

I: É, é que nem Estados Unidos, você nasceu já tem a nacionalidade...

TA: Pois, e às vezes faz confusão nas pessoas, “ela nasceu cá, como não tem a nacionalidade?”, pois, mas a lei não permite, tem que explicar que ela tem que dar entrada no processo dela nanana... Agora essa semana vai pro congresso as votações, inclusive essa lei vai à votação, que agora eu tô muito mais atenta...

[risos]

G: E eu não vejo muita cobertura sobre isso, porque há uma luta...

I: Sim, há uma supermanifestação a favor da mudança da lei...

G: É algo que se fala há tanto tempo e não se vê uma cobertura de maior proximidade das questões... As dificuldades que as pessoas passam, gerações inteiras que sofrem. Os meus filhos, por exemplo, quando chegava a altura dos exames, por você ter o cartão de residência, e eu não sabia como funcionava, com o segundo já sabia, mas com a primeira tudo era novo, mas aí, se vai fazer um exame, tinha que pedir com antecedência um número diferente, porque não tinha o número do cartão do cidadão que ia ser escrito lá na hora da prova, você tinha que antecipar e se não sabia... Ela quase não fazia o primeiro exame...

L: Há uma desinformação muito grande, né? As pessoas dos serviços, do SEF e afins, não sabem informar, não sabem...

TA: Às vezes sabem, não querem é dizer...

L: Muitas vezes não sabem mesmo. Eu tenho uma estratégia, eu ia pra fila, a pessoa dizia algo que eu não gostava, discretamente eu pegava outra senha e ia pra outra fila, aí essa

aqui já dizia uma coisa que era melhor, então eu ia e mudava, porque as pessoas não dizem a mesma coisa, se você for atendida aqui em qualquer instituição por duas pessoas diferentes, elas vão te dar informação diferente.

TH: Comigo não tem hipótese alguma, se eu for mal atendido eu faço queixa imediatamente, seja quem for...

TA: Numa terceira vez aqui no SEF, terceira ou quarta vez, eu sempre ia naquele SEF e voltava por conta de má informação, ia e voltava, ia e voltava, então peguei um saco do Pingo Doce enorme e fui documentando, fui anexando coisas, documento de tudo, até a certidão de óbito do cãozinho da minha vó, tudo lá, eu ia no SEF, pediam e eu: “tá aqui, tá aqui, tá aqui”, fui com a pequenina, quando fui dar entrada pra ela, recém-nascida, cheguei lá falaram: “não pode, vai ter que dar pra trás todo mundo”, eu: “não volto”, “por quê?”, “porque não tá faltando nenhum documento”, “mas tem que ter”, “não tem, não tá aqui no papel”, “tá no site”, eu: “me mostra onde tá no site”, ela gaguejou e eu “peço desculpas, mas eu quero o livro de reclamações”, meu marido me olhou: “Tânia, você tá no SEF”, “não interessa, eu quero o livro de reclamações”, minhas filhas arregalaram os olhos, e eu, não interessa, eu quero o livro de reclamações, eu quero fazer uma reclamação por escrito e quero falar com o responsável e que me mostre onde tá aqui... Era uma certidão da segurança social que eles cismam que a gente tem que ter essa certidão, ora, se você assina um documento autorizando o SEF a ir nas finanças, na segurança social e afins, você não precisa dessa certidão e o senhor me olhava: “mas minha senhora, é uma lei agora, você precisa trazer”, eu disse: “você tem acesso a isso com esse papel que eu assinei dando autorização?”, “tenho”, olhava pra ele e esperava, “então, espera só um minutinho pra eu olhar lá no computador para ver se a senhora já tem”. Foi lá, verificou, pegou o papel e entregou pra menina então...

L: É uma má vontade...

TA: É uma má vontade. Eu não fui processada, não fui presa... Porque a quarta vez me deixou calejada.

G: As melhorias nos serviços do SEF só aconteceram por conta das reclamações, foi um volume tal de queixas que eles fizeram uma formação, colocaram funcionários que eles próprios são imigrantes e aí você nota uma diferença gritante... Pode ter preguiça, pode ter não querer, não ter formação, mas coisas estrondosas que eu vi nos primeiros anos

aqui no SEF, delas gritarem, mandar a pessoa pegar a criança e ir-se embora porque tava a atrapalhar os serviços, isso eu não vi mais, o que acontece é que há aquilo ali nos Anjos...

I: O CNAI.

G: É que quando elas eram grosseiras, a gente ia, demorava 2 horas e meia. Agora quando você vai nesse aí no Anjos, o último eu já fui ali, era superbem tratado, assim... Pessoal simpático, né? Você encontrava cabo-verdianos, brasileiros trabalhando lá tatatata... Só que, tudo você tira uma senha, então e contei o tempo, 4 horas.

TH: Vixi...

G: Com simpatia, mas tudo você tem que pegar uma senha...

[risos]

L: Tem que escolher, simpatia ou agilidade. [risos]

G: O que eu quero dizer é que o salto para a formação dos funcionários, pra alteração do quadro lá, aconteceu graças às queixas...

TA: É que o CNAI, pronto, é uma associação para ajudar os imigrantes, aquilo é pago por dinheiro europeu. Os outros restantes de funcionários do SEF, existe uma parte que é paga com dinheiro da União Europeia, outra parte é paga com dinheiro português. Quem é pago com dinheiro da União Europeia sabe tudo, quem é pago com dinheiro português não sabe...

[risos]

TA: Por quê? Porque os da União Europeia ganham bem, têm horário de entrada, de saída, têm seus direitos garantidos, quem é pago pelos portugueses...

TH: O SEF?

TA: O SEF é mantido pelas duas coisas.

G: E onde estão esses outros? [risos]

TA: Pois é, no CNAI geralmente é patrocinado pela União Europeia. Tudo que tenha a ver a ajudar o povo, a União Europeia tá lá, mas tem uma porcentagem dessa gente que tá fazendo greve, que entra às 8 da manhã e sai às 7 da noite, que sofre, essa gente é paga pelo governo português, essa gente ganha 750 euros pra trabalhar. Eu percebo isso tudo

e essa gente diz assim: “não tem os papéis todos? Pronto, volta amanhã”, se você fala com o delegado, que eu tenho lá, a delegada ucraniana, você fala com ela, ela olha isso tudo e diz: “não é preciso nada disso, no computador sai todos esses documentos que a senhora precisa” e ela é paga, ela é contratada pela União Europeia, o dinheirinho dela vem de outro lado...

I: Mas como você soube disso? Isso é falado..?

TA: Eu tenho muitas clientes... [risos] Eu tenho muitas clientes que trabalham na segurança social, então a gente conversa, fica sabendo das coisas, então eu deduzo, muitas das coisas eu deduzo, ela não precisa me falar... Ela diz: “eu sou contratada diferente, eu sou contratada assim”, e eu “ah, agora entendi porque quando eu fui lá, fui muito bem atendida por ela e a outra coitada, não fui, porque a outra tá saturada, tem conta pra pagar, tem isso, tem aquilo, tem aquilo outro e não tem dinheiro”. E muitas vezes também é aquela coisa do nariz empinado, “eu trabalho no SEF”.

L: Essa coisa do micropoder, né?

TH: Com a crise cá em Portugal, os brasileiros sofreram imenso, não só por preconceito, mas também pela falta de trabalho e já ninguém queria dar trabalho pra brasileiro, não é? Porque depois diziam... Isso se ouvia, se ouvia na comunicação social, se ouvia as pessoas falarem nas ruas, se ouvia nas conversas de café, as pessoas diziam, dar trabalho quer pra brasileiro, quer pra qualquer imigrante, não é? “Já viu aquele, deu trabalho para um brasileiro e não deu pra um português”.

I: Mas Thales, houve muitas notícias que falavam dos brasileiros que precisavam de ajuda pra voltar [mostro as reportagens].

TH: Eu conheci casos desses, na Casa do Brasil estava cheio de pedidos de ajuda de brasileiros que não tinham dinheiro pra voltar e queriam voltar porque não tinham trabalho cá.

L: As associações tinham... A Isabela trabalhava nisso, era o Alto Comissariado, algo assim.. Eles tinham estrutura, então a instituição divulgou muito números, dados, então a gente fala: “mas jornalista não trata esse tema, desse tema...”, mas se tem uma assessoria de imprensa que envia tudo arrumadinho, sai notícia.

G: Mas eu tomei essa daí, como na época o Brasil que era o que era, tava bombando, não sei o que, fazia parte de criar essa imagem... Eles recebiam isso como sendo o Brasil,

como todo Portugal tava indo pro Brasil pra investimento, pra tudo, tinha parte isso, fazia parte desse movimento...

I: Sim, houve muitos casos de imigrantes que voltaram voluntariamente, mas esses são os casos daqueles que estavam numa situação tão difícil, que precisavam que pagassem a viagem de retorno.

L: Há muito de movimento em cadeia nisso...

TH: Sim, há muito sensacionalismo.

L: Um faz, aí outro faz, outro faz... Assim como agora teve muitas notícias sobre essa classe média alta, abastada que tá vindo pra cá. Acho que também se reflete no momento de Portugal, como tá tendo muito investimento não só brasileiro, francês, chinês, então os brasileiros são o segundo, o segundo comprador de casa... Esses 3 são os que mais comprem casa hoje, então pronto.

TH: Os primeiros foram os chineses com essa história dos vistos gold, mas houve um grande escândalo em relação a isso, como devem saber...

L: Sim, claro.

TH: Houve uma grande corrupção à volta dos vistos gold, porque as pessoas estavam a atribuir vistos gold, mas depois estavam a receber dinheiro pro seu bolso, né?

L: Sim.

TH: Políticos e essas coisas todas... Então havia uma grande corrupção à volta dos vistos gold, tanto que o governo agora, pelo menos está a trabalhar nisso e vai alterar a lei novamente. [fala do esquema visto gold]

TA: Existe uma falha, porque uma notícia que me chocou muito aqui foi quando dois brasileiros, um foi abatido e o outro ficou inutilizado praticamente pro resto da vida, que assaltaram o BES...

TH: Ah, foi...

I: Isso foi em que ano?

TH: Foi em 2010, mais ou menos. Houve bastante repercussão...

TA: E houve, há essa falha sempre, não sei se é aqui ou se é no mundo em geral que há essa falha... Uma pessoa é criminoso, um deles era criminoso lá, mas entra aqui, chega aqui e já começa a planejar...

L: Era condenado lá?

TA: Já. E eu penso, como é que permitem... E já tá acontecendo de novo, mas agora é uma elite. Se já foi condenado lá, se tão pedindo extradição, onde é que tá a falha? Como é que essas pessoas entram?

L: Eu acho que agora também há uma vaga muito grande de pessoas aposentadas a querer vir pra cá, quando houve aquele acordo também, então eu ouço muito isso das pessoas também: “como é?”, “como tá?”, querendo vir pra cá e acho que muita gente quer fugir da violência do Brasil também, né?

TH: Exatamente.

L: Então isso é uma coisa que eu também vejo nas notícias, que é as pessoas que até tem condições de vida boas lá, vendem tudo, querem começar aqui, até aceitam trabalhos mais desqualificados porque querem segurança, qualidade de vida... Já vi muitas notícias sobre isso.

E: De que lugar vocês são do Brasil?

L: Fortaleza.

G: Fortaleza.

TH: Eu sou maranhense, mas depois fui também muito jovem, com 15 anos, pra Minas Gerais, vivi lá 5 anos, foi depois que eu vim pra cá, então eu tenho assim, uma paixão absoluta por Minas Gerais.

[risos]

L: Eu também amo Minas.

TA: Eu sou mineira.

G: Eu só queria citar mais uma coisa em relação às notícias, que foi muito importante pra mim no Público, na época em que a Alexandra Lucas Coelho escrevia uma coluna...

TH: Ela é muito boa.



G: Ela foi correspondente do Público no Rio de Janeiro e eu fiquei de 2010 a 2013... Assim, eu parei de ler as notícias dos jornais do Brasil e eu, como me encantei minha escrita dela, eu fiz questão de acompanhar o percurso dela no Brasil através das crónicas e agora houve uma alteração...

I: Ela pediu demissão do Público, né?

L: Não, pediram...

G: Não, ela foi quase convidada a sair, houve uma mudança de editorial e a política é um pouco outra agora, antes o Público era mais de esquerda... Quando disseste, “tem muita notícia”, tem, mas parece mais focado na parte cultural, mas é um olhar quase literato sobre os acontecimentos, tanto que a economia...

I: O meu olhar sistemático foi mais até 2015, agora eu acompanho enquanto leitora...

G: Mas pra mim, a Alexandra Lucas Coelho foi muito importante pra ter uma outra perspectiva do Brasil estando longe, né? Há tanto tempo... Porque ela esteve no Rio de Janeiro, mas ia para as comunidades, acompanhava os movimentos sociais com esse olhar estrangeiro, mas próximo, por ser portuguesa.

L: Concordo inteiramente, também gostava imenso... E agora ela está no Sapo, né?

G: No Sapo.

TH: Quando foi o julgamento do Lula, ela escreveu uma grande crónica... E o Público está a virar um jornal de direita completamente, é um jornal que não tem quase nada, eu abro o Público diariamente e não vejo nada de interessante pra ler, é impressionante. No sábado, às vezes tenho mais tempo, abro o Público e não tem uma notícia interessante pra ler, nem a nível cultural. E o cultural que se vê no Público, são culturas comerciais, raramente se vê notícia sobre uma peça de teatro, mas não tem mais um caderno cultural como tinha antigamente...

[encerra-se falando sobre o jornal]

**Grupo de foco II: Joesmara, Derkian e Elaine.**

[Antes do início, explico brevemente sobre o que é a investigação]

I: São todos de São Paulo?

EL: Não, ela é mineira...

J: Eu sou de Ipatinga (MG).

I: Vocês vieram de São Paulo capital?

E/D: São Paulo.

I: Podem falar a idade?

E: 41.

D: 31.

J: 31.

I: Bom, a segunda vaga de imigração brasileira a qual eu me refiro se iniciou em finais dos anos 90 e perdurou uma década mais ou menos, até a crise. Este contingente, do qual vocês fazem parte, considerando-se as idades que tinham quando emigraram e as motivações para o fazerem, foi composto principalmente por pessoas que vieram trabalhar nos serviços e também na construção civil.

D: Eu vim com 19...

I: Eu trabalhei com os dois jornais por uma questão logística, porque eu não conseguia ver mais, mas vocês podem mencionar tevê e outros veículos... Pensando assim de bate pronto, vocês lembram de alguma reportagem sobre o Brasil, os brasileiros em que não agradou a abordagem?

E: Mas você tá falando dessa segunda (vaga) ou da primeira..?

D: De quando a gente tava lá..?

I: Tudo. Uma que vocês podem dizer: “Não gostei desse tipo de cobertura”.

D: Todo dia...

E: Todo dia, mas o que teve ênfase...

D: Quando dois brasileiros tentaram assaltar o BES.

J: É, o BES...

E: É, tem essa...

D: A gente ficou meio minhoca [?], qualquer coisinha era brasileiro que fazia...

I: Incomodou por que saiu o nome [brasileiro]?

E: Fora o preconceito do dia-a-dia do trabalho...

D: Isso daí é normal...

E: É normal.

I: Mas você acha que continua ainda hoje?

EL: Lógico...

D: O preconceito?

I: Nas notícias, eu me refiro.

E: Sim, sim...

J: Sempre que acontece alguma coisa, eles colocam: “é brasileiro”.

D: Eles fazem favor de colocar...

I: Sabem que há uma recomendação da Entidade Reguladora da Comunicação Social em Portugal, no sentido de não mais se indicar o território de origem, nacionalidade e afins.

E/D: Sim, sim...

D: Eles falam sim, “cidadão de nacionalidade brasileira”.

E: Colocam “brasileiro”, cidadão ucraniano, pra não colocar ali que foram portugueses... Isso passa, sim.

J: Se é europeu, é imigrante, agora brasileiro é brasileiro...

E: Exato.

I: E vocês sentem isso até hoje? Não acham que houve alguma evolução?

D: A gente acaba acostumando...

E: A gente acostuma porque aquelas pessoas que estão à nossa volta acabam conhecendo e aprendem a respeitar, mas quando você vai pra um lugar que ninguém te conhece, você percebe isso, sim.

I: Conhecem o caso “Mães de Bragança”?

E/ D/ J: Não.

I: Foi um movimento formado em 2003 por esposas na cidade de Bragança, no Norte, que fizeram um abaixo-assinado exigindo a expulsão de prostitutas brasileiras da cidade, e houve uma repercussão enorme. [mostra a reportagem]

J: Ah, tá.

E: O que a gente vê [nas notícias]? As mulheres eram prostitutas e os homens eram ladrões... Era sempre rotulado isso. Quando a gente trabalhava... No início você também sentiu isso, não? [indaga a Joesmara]

J: Sim...

E: Sempre houve uma piadinha, sempre houve uma conversinha... Sempre houve isso no trabalho. E você mesmo trabalhando em restauração, e aqui [eu] sempre foi restauração, sempre vai ouvir piadinha...

D: A primeira semana em que comecei a trabalhar, eu fui atender um casal, perguntaram: “Você é brasileiro?”, eu disse: “sou”, então disseram: “pode chamar outra pessoa porque eu não quero ser atendido por brasileiro”.

I: Assim de cara?

D: Sim... E eu disse, “tá bem, menos trabalho pra mim”.

I: Mas isso de vocês chegarem e verem notícias de prostituição... Vocês têm lembrança?

E: Não. Nessa época a gente trabalhava muitas horas...

[Derkian intervem, mas não consigo entender o áudio]

E: A gente trabalhava muitas horas e...

D: A gente vê muita gente falar, a gente vê no jornal...

E: A gente viveu mais na pele do que ouvir no jornal, porque a gente chegava de madrugada e saía logo que acordava... Não tinha tempo, não tinha vida social, era só trabalho, chegava em casa, dormia, voltava pro trabalho... Não existia isso.

I: [Cito o humorístico que tinha uma brasileira como prostituta – a Gina – e pergunto se conheciam... Dizem que não]

D: Eu já vi um, que era aquele lá os “Homens da Luta”...

E: Sim...

D: Que passava de madrugada... Tinha um personagem que imitava brasileiro, lembra? E era sempre tirando o sarro...

I: E era imitando e realçando tipo o que? Era um brasileiro malandro..?

D: Era tipo um carioca, como se fosse carioca mesmo, fazia até o sotaque...

I: E esse programa era estilo..?

D: Era estilo “Gatos Fedorentos”.

I: Então vocês não tinham muito contacto... Não viam muitos jornais?

EL: Nessa época, não.

D: A gente chegava em casa e só queria dormir (risos).

E: Porque a gente tinha folga um dia, mas tinha que ficar no trabalho até às 4 da manhã...

I: Era restaurante?

D: Era esse Lucca aqui da frente...

I: É um restaurante de alto nível, não?

D: É, eu trabalhava lá... É uma exploração. Esse é um bom pra vê que não gostava de brasileiro (risos).

E: Na quarta-feira a gente folgava, então na terça-feira tinha que fazer faxina, começava a uma... Chegava em casa, cama... Você ia dormir amanhecendo o dia, acordava era 3/ 4 da tarde, arrumar alguma coisa, ir no mercado, comprar alguma coisa e no dia seguinte já tá trabalhando...

I: Vocês se conheceram lá [exceptuando-se a Elaine e o Derkian, que são primos]?

E: Sim, eu conheci a Joes lá...

I: E o dono é português?

E: É angolano.

D: É português...

E: É português/ angolano... Veio naquela época lá da guerra com os pais...

D: Ele fala que brasileiro é merda na frente de todo mundo...

I: Ele é negro?

E: É daqueles portugueses que foram pra lá e voltaram depois da guerra. Ele só nasceu sem querer lá...

I: Vocês já tinham alguma ideia antes de vir pra cá do estereótipo da brasileira ser prostituta, do brasileiro sem ladrão..?

E: Não. Já aconteceu até de estar atendendo nas mesas e alguns clientes virem insinuar, como se fosse garota de programa... E ter que falar: “Se eu fosse garota de programa, não estaria aqui te atendendo. Lá ganharia mais dinheiro, então olha o respeito”.

J: Naquele tempo, né?

E: É, naquele tempo.

D: Hoje em dia, já não...

I: Então o contacto com o preconceito foi mais *in loco*?

E: Sim, a gente passou na pele. Eu não vi muita coisa que passou, mas sentia, ouvia piadas, conversas, sempre era...

I: Em 2011, quando a crise se intensificou, houve um volume muito grande de reportagens sobre portugueses indo para o Brasil [mostro algumas]. Vocês não sentiram que isso, de certa forma, ajudou um pouco a melhorar a imagem do país, a expressão de preconceito, discriminação e afins?

E/ D: Aqui? Não.

J: Se bobear, tinha até mais...

D: Porque falavam que os brasileiros estavam roubando o trabalho do povo que tá aqui.

E: E ouvia: “Por que você não vai pra sua terra?”. Sempre ouvia isso... Agora da parte de ter melhoria... A gente nunca foi tratado diferente.

I: Então até hoje você sente? Talvez por não ser mais funcionária... [Elaine e Derkian são donos de um pequeno restaurante]

E: Não, não... Não é isso, não é mais por não estar trabalhando pra outros, é que quando você trabalha pra um restaurante... Por exemplo, ali [o Lucca], quando a gente trabalhava ali, aquilo era moda, então sempre tinha gente nova, nova, nova... Então você vai ouvindo, as pessoas não vão te conhecer, e você é empregado, você é capacho, você tem que fazer tudo aquilo que eles querem, então você não sente um respeito. Há excessões, mas você não sente um respeito de cliente, é diferente dali hoje, todo mundo te conhece, todo mundo fala com você...

I: Cria uma intimidade?

E: Exato. E outra, vai vendo que você já tá há tanto tempo que já começa a te respeitar, já começa a ver que você não é como aqueles, que eles intitulam “não presta”, aí já começa a te tratar diferente, mas aí demora muito tempo pra você conquistar esse espaço, e antes disso você sofre muita coisa...

I: Mas até hoje, não sei se sabem, há algumas áreas do mercado laboral em que os brasileiros são a maioria, por exemplo, a Glovo.

E: É, eu pensava que a Glovo fosse de brasileiro. Eu nunca vi ninguém, de todos que eu vejo parado...

D: Só conheço brasileiro... No Lucca mesmo, tá cheio.

E: Sim, português não quer trabalhar com isso, mas depois vem dizer que você tá roubando o emprego deles... Já soube de uma vez, logo quando a gente entrou ali [no restaurante], uma moça que queria trabalhar na PT, era brasileira, tinha todos os requisitos pedidos, ela estava concorrendo com um português, bateram em cima dela... E ela tinha muito mais capacidade que o português para entrar na vaga...

I: Vocês sentem que o preconceito direcionado à mulher brasileira é maior que ao homem? Vocês têm essa percepção?

D: É.

E: Sim, sim... A gente ouve piadinha, conversa... Lembra uma vez [interpela o Derkian], na época da Eurocopa... Na primeira você não tava aqui, né?

D: Não.

E: Teve na primeira, entrou um português completamente bêbado...

I: No restaurante?

E: Sim. Tava pedindo e tal, depois que viu que eu era brasileira, voltou a olhar pra mim a dizer: “Você é puta, né? Por que brasileira é puta”. O patrão mandou eu sair de perto porque ele tava revoltado por eu ser brasileira, eu não tinha feito nada, mas por ser...

I: E isso é uma coisa que é muito notória, o preconceito de cariz sexual direcionado às brasileiras em comparação a outros contingentes migratórios.

E: Mas eu não acho que a brasileira começou a ser considerada prostituta por causa de Bragança, já vem antes disso...

I: Você diz isso por conta da imagem que o Brasil vende para o exterior?

E: Sim...

J: O brasileiro vê a portuguesa e acha que tem cabelo embaixo, debaixo do braço...

E: É, é o estilo...

D: Sei lá, não é porque brasileira é mais fácil, é porque o jeito dela é um jeito mais fácil de ter contacto...

E: Não é questão de ser simpática...

I: Mas isso também seria com os homens brasileiros?

D: É que brasileira tem mais simpatia pra conversar... Já viu uma portuguesa? Tá conversando com você assim: [silêncio].

J: Parece uma geladeira.

E: Ou então te dá um coice...

D: O dia dela mais alegre é isso aqui: [simula um sorriso amarelo].

J: Não tem dente.



D: Aí fica complicado... [risos]. Talvez é por isso.

E: Acho que tem 2 tipos de portugueses: o que não gosta de brasileiro e já grifa logo...

I: É explícito?

EL: É, e você já vê logo... E tem aquele que tem curiosidade com o Brasil... Ele aceita mais você e te dá um votinho de confiança...

I: Você diz que há essa curiosidade por questões culturais?

E: Não...

D: Já teve um amigo que morou lá...

E: Sim, ou que acha o Brasil bonito, ou por que tem curiosidade... Esse já aceita o brasileiro mais... Mas aquele que fala: “eu não gosto do Brasil, não sei onde é e nem quero saber”, você já vê que ali já começa...

I: Vocês têm clientes assíduos no restaurante, não?

E/ D: Sim.

I: Eles são portugueses, não?

E/ D: São.

D: Não tem quase brasileiro...

E: Só tinha um, na época da Microsoft...

I: E com eles [os clientes portugueses] a relação é cordial, não?

E: É, mas é diferente...

D: É que o mal do brasileiro também é às vezes querer se aparecer demais...

I: Ao modo de falar, você se refere?

D: É, fala alto, aí as pessoas já ficam... Colocam de lado... Não sabem conversar normal... Se você conversar normal, a pessoa não vai te excluir, mas se você começar blablabla, ela te coloca de lado, vai dizer “que é isso?”.

E: E o mal de muitos brasileiros é esse, infelizmente é verdade...

I: No Brasil, internamente, também há esse senso comum que nem sempre condiz com a realidade... Os curitibanos, por exemplo, não sei se já ouviram isso, são considerados frios, arrogantes e pouco sociáveis.

D: Eles são mais quietinhos, mais na deles [os curitibanos]...

I: Mas também há a imagem que eles não são muito de interagir, são de excluir...

D: Sim, Sim

D: Agora quer ver pessoa escandalosa é carioca... Pelo menos aqui, eu nunca vi um carioca que não fosse escandaloso... A gente tem um vizinho aqui, o marido da cabelereira, ele tá falando aqui, tão ouvindo lá na rua... Imagina você tá num restaurante, tem 30 pessoas, você entra com ele, todo mundo vai olhar...

E: Todo mundo vai olhar... Ele aqui, você não ia ouvir nós 3...

J: Nossa, eu ia embora...

E: Porque depois ele ia começar a questionar...

D: Ele não é má pessoa, mas esse jeito dele, faz as pessoas querer se afastar um bocado, dizer que ele é chato...

I: Vocês acham que portugueses são mais quietos?

E: Português é mais grosso e seco, é rápido, não tem meio-termo... Até não são má pessoas, a gente que é habituado com aquela coisa: “cuidado com o que vai falar pra...”. Português não tem isso, principalmente na hora do trabalho, ele te escorraça.

D: Por exemplo, no Brasil é “dá licença”, eles é “sai”.

E: Eles é “sai, sai, sai, sai daqui!”, é bruto. É o jeito deles, mas até você se adaptar...

I: Alguns brasileiros que vêm aqui para turismo reclamam disso, acham que os portugueses são grosseiros.

J: Mas engraçado, que quando você vê um turista aqui você sabe que é brasileiro... Eles são chatos.

D: Porque eles são escandalosos, querem aparecer...

J: Quantas vezes eu tava lá no Vasco da Gama e a mulher “ah não sei o que...” [imita um tom de voz bastante alto] e eu “puta que pariu”...

D: Conhece aquele café lá do lado do ginásio, o Sílvio?

I: Sim.

D: Eu tava sentado lá um dia, vieram duas brasileiras na porta e começaram: “ah, essa padaria não tem nada que me interesse”, tipo, saíram assim... Falando alto, ficou todo mundo olhando, eu fiz assim ó [abaixou a cabeça].

E: E era engraçado, eu cheguei a trabalhar ali no hotel [Hotel Roma], só que eu trabalhava na parte do salão, não na recepção, e era engraçado porque eu gostava de ver quando chegavam os grupos, dentro do salão eu sabia quando chegava o grupo dos brasileiros... Falavam alto, querendo chamar a atenção de todo mundo, “opa! Cheguei, tô aqui”.

D: Todo mundo pra você é burro...

E: É engraçado porque...

I: Mas este é o estereótipo que há no Brasil, de que o português que é burro...

D: Pelo contrário, é muito mais inteligente que eles lá.

E: Mas é mania de querer se mostrar, acho, mania do turista brasileiro... Tanto que no restaurante... Já chegou a atender brasileiro?

J: Nossa...

E: É horrível, é o pior tipo de cliente pra você atender, o cliente brasileiro...

I: Turista geralmente é um público com mais dinheiro...

Todos: Nem sempre.

D: Paga com cartão...

I: Não seria uma coisa também de rico snobe?

J/ E: Não, não.

J: Os que vêm é tudo no cartão.

E: Às vezes, tá parcelando a viagem em cinquenta vezes e tá se achando aqui, tão na Europa, baby...

I: Você tem amigos portugueses?

E: Tenho.

I: E é boa a convivência?

E: Sim.

D: Eu tenho mais amigo português que brasileiro... 10% e olhe lá.

I: As pessoas que eu contactei até agora andavam mais entre si.

D: Pouco amigo brasileiro e tudo conhecido aqui... O resto é tudo português.

E: Tinha uma [brasileira], mas foi embora...

D: No restaurante tinha 12 pessoas e eu era o único brasileiro. Aí o patrão ia embora, enchiam o saco, falavam “quem fez isso?”, eu: “o brasileiro...”.

I: Então com esses amigos vocês não tiveram isso de sentir preconceito velado?

E/ D: Não, não...

E: É aquilo que eu te falei, depois que você conhece, você vai criando um espaço, você já tem o respeito, é diferente... É igual ali [aponta para o restaurante], quando a gente foi pra ali, a primeira coisa que foi falada... Que foi? “Ah, aqui brasileiro? Não presta, não vale a pena”. Depois pra cativar, conquistar aqueles clientes que já eram dali... Então teve essa coisa do preconceito sim, quando eu vim pra essa casa. Na hora que alugou a casa, vieram falar pra ela não aceitar porque eu era brasileira.

I: [exponho a dificuldades de brasileiros em arrendarem moradia em Portugal]

E: E hoje a gente conhece todo mundo aqui na rua...

D: E antigamente pra procurar trabalho? Viam que era brasileiro: “Já estamos servidos”.

E: “Já estamos servidos”.

I: E como vocês veem a evolução disso?

E: Eu acho que tá igual. Se eu for falar que algo mudou é porque a gente já acostumou... O comportamento deles não mudou, não melhorou.

D: É, mas agora já aceitam mais.

J: Lógico, eles precisam da gente pra trabalhar.

D: E aceitam por quê? Porque eles precisam da gente pra trabalhar.

I: Você ainda trabalha atendendo ao público? [questiono a Joesmara]

J: Graças a Deus, não... De vez em quando, né? Às vezes, vou pro restaurante, mas aí eu vou pra sala ou pra limpeza...

I: Então você acaba não tendo muito contacto?

J: Tem... Mesmo limpando eles perguntam as coisas... Perguntam mais pra mim que pra Sílvia.

I: E vocês não tiveram amigos que voltaram no auge da crise? [mostro as reportagens]

D: Quando falaram que o Brasil melhorou, né? Nunca melhorou aquilo...

J: Ah, eu tive...

D: É, só que eu conheço aqui, agora... Tem o Xande, Deivid, Solange, Reginaldo, Israel, Sidão...

I: Voltando pra cá?

EL: Não, eles foram pro Brasil... Voltaram naquela época.

D: Agora que tão voltando tem a Solange, voltou o Peixe, a mulher...

E: Tem o Peixe, a Claudinha... Agora tá faltando o Xande voltar...

D: Tá querendo voltar também... Tudo gente que já tinha a vida estabilizada. Esse Peixe, ele foi pra lá, comprou uma casa, desistiu, voltou, foi pra Irlanda de novo...

I: [Exponho casos de pessoas que voltaram e, por isso, perderam a residência]

E: Sim, porque é seis meses... Eu cheguei a ficar menos de seis meses pra não perder a residência. Quando a mãe infartou, fiquei lá seis meses para cuidar dela.

I: E foi contadinho..?

E: Foi contado e o senhor do SEF falou: “Se passasse mais um dia, eu teria que tá pegando tudo as coisas dos atestados, que era pra justificar, pra não perder meu tempo de residência”.

J: Olha, esse grupo é “Brasileiros em Portugal” [mostra grupo do Facebook]. Tem tanta história também...

I: Eu já entrei, mas é mais gente interessada em vir.

E: Sim, agora tá todo mundo interessado em vir.

J: E engraçado que muitos que vieram, que estão vindo, conseguiram a cidadania... Eu to vendo o povo aqui falando...

E: Mas não é por causa de ter parente..?

D: É, quem tem parente e muito mais rápido.

J: E eles mexem lá, já vem de lá com a coisa.

D: E agora é muito mais rápido.

I: Vocês chegavam a acompanhar as notícias sobre o SEF? Os acordos extraordinários de regularização que tiveram no início dos anos 2000?

D/ E: Isso foi na época do Lula, né?

E: Foi na época do Lula, um pouquinho antes de eu chegar... a Juliana pegou esse, não foi?

J/ D: Foi.

E: Eu... Foi um dois meses antes, eu não peguei.

I: Mas você acompanhou as notícias sobre, lá do Brasil?

E: Não, eu soube aqui.

I: E nessa época vocês não tinham muito tempo para acompanhar notícias sobre isso, né?

E: Não... Eu só soube nessa época porque eu fui no CNAI, mas eu não entrei dentro por coisa de dois meses, acho... Aí, não deu.

I: Nessa época de crise intensa houve muitas reportagens sobre o Brasil [mostro algumas]

E: Sim, Brasil mil maravilhas...

J: 2011, né? Foi quando eu tive o Mateus... Em um mês eu gastei 900 reais na farmácia, coisa cara... Só estava esperando dar o tempo para poder viajar.

E: Ela teve o filho no Brasil... O Brasil mudou de repente, da água pro vinho, como um ótimo país, de investimento, país lindo, maravilhoso...

I: E vocês notaram o interesse de portugueses querendo saber como era o Brasil?

E: Sim, sim... “Por que vocês não vão embora agora que tá ótimo?”. Muita gente perguntou isso...

J: E muitos foram, né?

I: Muitos portugueses foram.

E: Sim, muitos portugueses, mas eu lembro que eu peguei um táxi que foi embora nessa época porque ouviu falar muito bem do Brasil, investiu tudo lá... Perdeu tudo. Voltou agora e é taxista.

I: Coitado...

E: Mas dele é aceitável porque ele não conhecia o país, eu entendo... Que nem quando a gente veio pra cá, a gente não sabe o que tava procurando... Agora um brasileiro voltar, falar de repente que o Brasil mudou da água pro vinho... Em um ano um presidente conseguia modificar tanto um país? Só tampou o sol com a peneira.

I: Você acha que eles foram um bocado ingênuos?

E: Todo mundo. Acredito que sim... Não dava pra acreditar uma melhoria tão grande, num país tão grande... Que nem a crise aqui... A crise existiu pra quem é rico, perdeu muito dinheiro quem é rico, quem tinha muito dinheiro aqui... A gente que é pobre, que tá trabalhando pra ganhar um salário mínimo, o que alterou? Nada.

I: Acampanharam as notícias sobre imigrantes que precisavam de auxílio para retornar ao país? [mostro umas das peças]

D: Isso é pessoa que finge que é pra não ter que gastar dinheiro pra ir embora...

E: Eu conheci...

I: Vocês acham que é isso?

D: Sim, eu conheci uma pessoa que fez isso...

E: Eu também conheci...

D: Declaram falência pro consulado só pra não ter que pagar passagem...

E: E foi, eu conheço, e vai querer voltar.

I: Mas fazem uma investigação minuciosa.

E: Eu sei, mas eu sei que conseguiram, e foram embora e não gastaram nada.

D: E não foi pra um só, foi pra quatro.

I: Só dos que você conheceu?

D: Não, é que era um casal com dois filhos. Posso dizer que foram cinco...

I: E vocês chegaram a ver notícias sobre isso?

E: Sim, que tinha brasileiro dormindo nos bancos... Agora, sinceramente, que eu vi... Aquela ali tá realmente precisando de ajuda... Nanão.

J: Até porque, se chegar a esse ponto as pessoas ajudam... Tem grupo, motim de caridade. A casa de uma brasileira pegou fogo em Odivelas, foi tudo, a mulher pediu ajuda, mobilaram a casa, arrumou tudo de novo, deram roupa, não sei o que... Quando é de verdade, ajudam.

E: Sim, mas é o que eu falo... Já soube de algum brasileiro realmente passando necessidade, pedindo ajuda pra ir embora?

J: Não...

E: Também não.

J: Mas o lugar que eu acho mais baixo em relação a brasileiro, é a Bélgica, né? Gente, aquele povo não vale nada...

I: De tratar mal, você diz?

J: Não... É que brasileiro com brasileiro, eles pegam muitas obras e na Bélgica eles não dão documento fácil, então eles dão aquilo que se chama “trabalho ao negro”, então você vai trabalhar pro homem, não sei o que, “vou te pagar”, e nunca paga. Aí tem um grupo que se chama “caloteiros na Bélgica”, é só brasileiro e português...

I: Vocês sabem também de brasileiros que, na crise, remigraram para outros países da Europa?



J: Minha mãe... Foi pra Bélgica.

I: E isso foi muito comum, não foi?

J: Foi 2012/ 13 que minha mãe foi pra lá...

E: Mas muita gente que saiu daqui, não tinha documento, então preferiu voltar pro Brasil, como o Brasil tava top, ganhava-se muito dinheiro e sabiam... A maioria que eu conheço acabou por voltar pra lá.

J: É, foi pouca gente que continua [foram para outros países]... Tipo a minha mãe que casou.

E: Exato.

J: Porque, se ela não tivesse casado, não conseguia trabalho de forma alguma... Quando você vai pra casa de alguém pra trabalhar, você tem que informar a junta de freguesia, que lá é a comuna, o tanto de gente que tem na sua casa, é te dado um número, não sei o que... Porque se souber que tem umas pessoas morando na sua casa, eles denunciavam, eles vão lá, pegam e deportam, não é igual aqui...

D: No começo, antigamente era assim...

E: Não, aqui era a carta-convite...

D: Sim, mas depois, eu lembro que falavam que denunciavam as pessoas que estavam morando na casa dos outros, não sei o que...

J: Mas na Bélgica é pior.

D: Sim, lá é outra coisa...

J: Uma vez, às 5 da manhã, a polícia batendo lá, o português viu, a polícia veio, aí colocou as pessoas no sótão, eles olharam, abriram a janela e elas [as brasileiras] embaixo, não viram elas. Era uma da manhã, tava nevando e pronto, elas tiveram que ficar ali até dar tempo para ver se a polícia não voltava... Era pessoal do prédio, português, que denunciou...

I: É, em termos de leis migratórias, aqui é um dos lugares mais flexíveis.

E: Aqui... É engraçado que o português é o primeiro a falar mal de brasileiro, de outra raça, mas também é o primeiro a dar um contrato de trabalho sem segurança social, sem nada...

I: E com um contrato de trabalho você consegue dar entrada no visto de residência no SEF.

E: Agora sim, antes era mais complicado...

D: Antigamente o SEF era um monstro...

J/ E: Um monstro.

D: Todo mundo tinha medo.

E: Agora tá muito fácil pra quem tem um contrato de trabalho...

D: Antes no seu emprego, o SEF batia lá, você diz que deu entrada, tá ok... Antigamente não era assim não, ele te levava pra delegacia.

E: Tinha muita...

I: Vocês não acham que isso tem a ver com a crise, por que diminuiu muito o número de imigrantes?

E: Não... Agora tá muito facilitado, com um contrato de trabalho, com uma procuração, você dá entrada...

D: Com 3 meses... Antes era no mínimo seis.

E: Pro meu visto, eu tive que ir pra Espanha, ou voltar pro Brasil. Eu fui pro Brasil, voltei pra dar tempo.

I: E conseguiu entrar no país? Porque há esse risco.

E: Sim, há, mas eu entrei. Eu tava grávida quando eu voltei, depois eu fui pra Espanha pra pegar meu documento na Espanha, porque naquela época não poderia dar a residência dentro do próprio país...

I: Algo que me chamou a atenção nos jornais no auge da crise é que houve muitas peças, artigos de opinião, reportagens retratando, quase em tom de lamento, a evasão da comunidade brasileira.

E: Acho que era pra mostrar que o país está ajudando...

D: Eu vim sem nada, se não fosse ela [aponta pra prima, Elaine]...

I: Mas você tinha um contacto aqui...

D: E daí? E se ela tivesse cagando e andando? Sei de casos de quem fala “fica aqui em casa” e depois passa um mês e diz “se vira! Ou paga ou vai embora”. Há muitos assim...

I: Que foram enganados?

D: Há tanto aí... [Dizem] “Vem, pode vir, fica em casa até se estabilizar”, chega o primeiro mês você não arruma nada, diz: “Arranja alguma coisa, se não pode ir embora”.

I: Durante as entrevistas, alguns imigrantes relataram que sofreram burlas de outros imigrantes.

E: [aquiesce com a cabeça]

I: Aconteceu com você também?

E: Viemos juntos, quando chegou aqui, não conhecia nada do país, não sabia nada, aí lá no Brasil tem a madrinha do padrasto dele que é portuguesa... E ela tem uma irmã em Traz-os-Montes e ela pediu para eu ir lá visitar ela porque tinha morrido o marido e assim alegrava a senhora... Esse casal foi comigo, chegando lá, no outro dia fomos tomar banho em outra casa, eles entraram, roubaram e depois fizeram de tudo para vir embora pra Lisboa.

I: Roubaram de você?

E: Não, da senhora. Roubaram o dinheiro do enterro do marido.

J: Nossa...

E: Só que eu não sabia, tava dentro dessa outra casa, eles foram lá só pra tomar banho... Quando cheguei aqui em Lisboa não acontecia nada, penando para arranjar um quarto, consegui um quarto... Depois eu soube que os parentes da senhora aqui [em Lisboa] tavam atrás da gente... “Mas por quê?”, “Ah, porque foi roubado”, “Eu não roubei nada”, aí eu liguei pra essa senhora e ela me explicou que eles tinham roubado o dinheiro, ela veio pra cá pra me ajudar, porque eu falei que não tinha roubado nada, ela viu, conheceu o que tinha acontecido, roubou o dinheiro que eu tinha aqui também.

I: Essa senhora te roubou pra compensar o roubo que sofreu, foi isso?

E: Não, esse casal, roubou o dinheiro lá e me roubou também... Quando eu comecei a trabalhar no Lucca, eu não tinha dinheiro pra comprar comida, eu não tinha dinheiro pra fazer transporte, não tinha nada. A gente ficava aqui, catava a mistura, enrolava pra pôr na mala e levar pra casa pra comer, porque não tinha comida... Então, nessa fase passei muita dificuldade por não ter...

I: Conheci uma senhora que me contou dois casos de burlas sofridas logo ao chegar. Em razão disso, ela preferia não ter muito contacto com brasileiro.

E: Sim...

D: Sim, a gente não se junta muito... Tipo, coisa que tenha brasileiro, balada de brasileiro, eu não vou...

E: Sim, porque acaba depois acontecendo isso, gente querendo te passar a perna... É essa mania do brasileiro...

D: Arranjar sempre encrenca...

E: Por isso a gente aprendeu a entender o jeito do português, ele é muito direto, se gosta, gosta, se não gosta, já te tasca [?] ali... Mas não tá te fazendo essa coisa, o brasileiro tá te alisando e tá te passando a rasteira...

I: Vocês acham que este comportamento tem alguma relação com a reação do português com o brasileiro?

D: Não, isso é só de brasileiro com brasileiro.

E: Não, eu acho que esse tipo de brasileiro se for passar a perna, vai passar no brasileiro, no português...

D: Passa até na própria mãe.

J: Aham...

E: Mas isso já vem da época que a gente veio, a gente já pegou essa parte, por isso que o brasileiro era o malandro, homem era o malandro e a mulher era a prostituta. Essa parte a gente pegou...

I: Eu também observei muitas reportagens nos jornais sobre a IURD. Vocês têm alguma opinião a esse respeito?

E: A lavagem cerebral que eles fazem... [risos]

I: Não me refiro à IURD em si, mas à sua representação nos jornais daqui, que é muito negativa.

D: No Brasil também é...

E: É que aqui é menor, dá pra perceber melhor a sacanagem que eles fazem... Mas quem tá lá, eles fazem uma lavagem cerebral que eles acham que tudo é correto, no Brasil também.

J: Falando em IURD, uma vez a Isa chegou de madrugada em casa, ligou a tevê, tava ouvindo lá a igreja, uma mulher disse: “faz uma oração pra minha filha”, ela foi olhar, era a mãe dela... Eu ri tanto.

E: Eu conheci uma moça que eu fui ajudar, que era da igreja e eu quase pus ela daqui pra fora por conta das ideia dela.

I: [referencio a reportagem de capa da *Única*]

E: Mas eu acredito sim, é que eles têm cacife pra poder mandar calar a boca de um monte de gente.

D: Vai num culto pra você vê... Na hora que passar o dízimo, coloca só um euro pra você ver... “Só isso, sai daqui pra fora”.

I: Mas há também muitos portugueses que frequentam a IURD.

J: Mas português gosta de falar que o brasileiro que é burro, que dá dinheiro...

D: É os dois.

E: Assiste qualquer dia a hora da oração pra você ver...

I: [comento da popularidade da *Record News* em Portugal e de programas sensacionalistas como “Cidade Alerta”]. Talvez isso reforce a ideia de Brasil como país em que só há violência, não?

J: Mas, infelizmente é verdade...

E: Eles ganham dinheiro mostrando a desgraça e tem quem tá ali pra assistir, pra ver isso... Porque, se for mostrar uma coisa diferente, talvez não vá chamar tanta a atenção, infelizmente o brasileiro não tem essa cultura, não tem educação de tentar melhorar, crescer, evoluir... A cultura do Brasil tá muito mal, a educação do Brasil tá muito mal, não tem formações, não tem educação, quem tem tá fora do Brasil, tá saindo do Brasil, o que tá lá de educação? É zero. O que ensina? A ser mais esperto que aquele ali, a passar a perna naquele ali pra ganhar o seu, é isso que tá sendo ensinado...

I: Você acha que em Portugal há um nível cultural melhor?

E: Muito mais... Assim, a minha filha nasceu aqui, não sei como seria estar numa escola lá, mas lá, vê a escola que eu vivi, aquilo que eu estudei há uns anos atrás e vejo o que é falado da escola hoje em dia, você vê que não evoluiu, regrediu e muito.

## **Entrevista: Lucinha e Mariana.**

I: Você está aqui há bastante tempo, Mariana?

M: Sim, vai fazer doze anos.

I: Foi em 2007, então?

M: Foi em 2006.

L: Mas não teve aquela história que você veio e voltou?

M: Sim, sim. Isso, eu fui deportada e fiquei três anos sem voltar.

I: Você foi deportada?

M: Eu fui deportada...

I: Isso é tão raro...

M: É tão comum, você nem imagina... No dia que eles cismam, “mamãe mandou pegar essa daqui”, vai e quando eles cismam... Porque há muita gente boa aqui em Portugal, mas também há muita gente mal disposta, de má vontade, discrimina muito o brasileiro, isso é horrível, as pessoas têm uma imagem que o brasileiro é bonzinho, chega lá um estrangeiro é tratado a pão de ló, não tô generalizando nem nada, mas 90% dos portugueses discriminam demais brasileiro. Brasileiro aqui é puta e acabou, principalmente mulher. Tem a parte rica, que agora até ficou em primeiro lugar, antigamente era angolano e chinês, agora é brasileiro que tá comprando casa, mas tem também aquela vergonha por causa do nosso país, do nosso presidente... É quem roubou... Muitos dos presidentes [de empresas?] que estão comprando, eles dizem, que 100% quase, como eu trabalho com muita gente influente, que mexe nesses meios, gente que mexe com dinheiro, que tem bolsas de aplicação, que mexe com o mercado imobiliário, então isso eles criticam muito... Tem muito brasileiro gente boa, mas quase 100% eles dizem, as mulheres são putas e o resto é quem rouba e vem aplicar aqui. Então isso é triste, nessa parte somos muito discriminados...

L: Então agora também tem isso, eu não tinha nem pensado... Quando a gente começou, o Brasil não tinha nem... O imigrante começou a mudar, né? Essa imagem, então entra essa história de Brasil agora, então, o que é? Que essas pessoas que estão vindo agora,

esses ricos, poderosos, que tem dinheiro [são fugidos da corrupção]... Eu nem tinha pensado nisso.

M: Sim, a maioria diz isso, principalmente os investidores... Eu trabalho com um senhor que ele tem um bloco [?] de investimento, eu achei que tinha melhorado, eles sempre falam: “os brasileiros são nossos irmãos”, é irmão quando eles vão pra lá pra serem muito bem tratados, mas quando é de lá pra cá é totalmente diferente, a coisa muda de figura...

I: Mas eles não demonstram isso, não é? Para essas pessoas que estão investindo.

M: Não... Eles dizem que é ótimo, fazem de tudo... Uma coisa que eles fazem, eles aumentam o preço... Tinha a casa de uma amiga nossa, uma ex-patroa, ela tinha uma amiga muito rica que tinha uma casa pra venda, era uma senhora que queria vender muito essa casa, também era uma época que tava em crise e nessa época quem mais comprava era angolano e chinês e ela não conseguiu vender, teve um AVC, ficou mal e tal, acabou por falecer... No mês que ela faleceu, o esposo vendeu pelo dobro que ela pedia, imediatamente... A casa era, digamos, uns 90 mil e vendeu pelo dobro...

L: Mas é louco isso... Eu nem imaginava que agora tinha essa imagem dos brasileiros...

I: E o que vocês pensam da cobertura da imprensa, o que sai nos jornais? Identificam uma representação muito estereotipada do Brasil e dos brasileiros?

M: É assim, eles valorizam o Brasil, eles fazem muito turismo, investem muito nessa coisa de levar o português pra lá, mas... Tipo assim, no íntimo, por debaixo do pano, eles simplesmente difamam, e quando nós imigrantes chegamos aqui, eu cheguei numa fase que eu fui trabalhar de doméstica, no Brasil eu não fazia isso, mas aqui eu fui trabalhar, eu me senti totalmente discriminada, eles acham que você está aqui morrendo de fome... Mas não é só nessa parte, pessoas que tem curso superior, que vêm de outros países também e penam igual a mim.

I: Os imigrantes do Leste?

M: Meninas formadas, médicas, não têm chance aqui para nada... Na casa onde eu trabalho tem médica, enfermeira formada...

I: O problema deles talvez seja mais por conta da língua, não?

M: Não, não é a língua.



I: Eles não têm dificuldade com o português?

M: Não, é assim. O pessoal de outro país tem por obrigação aprender pra pegar a nacionalidade, como eu, que já tenho a dupla, não precisa, mas os outros têm que aprender. Essa menina que trabalha comigo, eu esqueci agora qual é a área dela, mas tem nível superior e ela tá fazendo curso de português pra ver se consegue trabalhar na área dela, mas trabalha, porque tem mais condições, é formada...

L: Mas isso é em qualquer país, né? A questão da língua...

M: É, tem que aprender, é como o César. O César é jornalista, ele só conseguiu trabalho de... Como é que fala? Não é jornalista...

L: De radialista.

M: De radialista. Ele só conseguiu trabalho porque ele trabalhou na *Record*. Quando ele saiu da *Record*, em rádios portuguesas não consegue, é totalmente discriminado e olha que ele vive aqui há 20 anos.

L: E ele já fala bem...

M: Fala muito bem o português daqui.

E: [Mostro as reportagens, publicadas por volta de 2010, que retratavam o fluxo de portugueses para o Brasil e questiono se não houve alterações na imagem do país a partir da cobertura desse fenómeno]

M: Mudou. Quando aqui entrou em crise, foi na época que Portugal ficou em crise, 100% dos portugueses foram para o Brasil. Emigrou para outros países daqui e tal, mas 100% foi pro Brasil e os brasileiros também foram embora... Aí nessa época, quem mandava, 100% dos funcionários pra mexer na restauração, doméstica... Era brasileiro. Tinha pra outros países, mas quando começou essa crise, todo mundo foi embora e 100% era só brasileiro, a maioria dos portugueses emigrou pro Brasil, por que o Brasil tava no auge, né?

I: E isso não mudou a visão dos portugueses, na sua opinião?

M: Pra alguns mudou...

L: Eu noto muito isso.

M: Melhorou... Depois dessa, que teve a crise tal, e agora o que detona a nossa imagem você sabe, né? Que tá no Brasil, tá no mundo inteiro, corrupção [as duas repetem juntas]. Mas aqui também há corrupção, o Sócrates é a mesma coisa também, o caso Sócrates que é um presidente, primeiro-ministro que foi preso... Então, mudou muito, melhorou muito, antigamente era: “brasileiro, vai pra sua terra! Mulher é puta, vem roubar marido”. Até as velhotas, eu trabalhava com velha, na época eu era bem mais jovem, e ela considerava, assim, no meu ponto de vista, que eu ia querer... Mas assim, aqui tem tanto brasileiro que eu não sei como é que passa na alfândega, não sei como vêm... Porque, sinceramente, não tem cultura, que se rebaixa, fala tão mal do Brasil, chega a denegrir a imagem...

E: Brasileiros que falam mal do Brasil?

M: Isso, brasileiros que falam mal do Brasil. Tipo, aquelas pessoas bem humildes, que vem trabalhar, do Brasil, nada, é uma cultura mesmo zero, eu não sei como consegue vir e fala muito mal, que eles acham... No Brasil. Eu fui trabalhar numa casa que a senhora falava: “eu não vou me preocupar da Mariana jantar, porque no Brasil ninguém janta”. Que história é essa?! A menina que trabalhava comigo era mineira, porque aqui 100% do imigrante é mineiro, se você for reparar...

I: Você é de onde?

M: Eu sou do Maranhão. E ela perguntou, de que estado é: “sou de Minas”. E eu: “conheço muitos mineiros que jantam e eu falo por mim e pelo meu Estado, nós jantamos...”, mas porque uma menina disse, a portuguesa já generalizou que era no Brasil, que não precisava se preocupar porque eles são mortos de fome... Eles [os portugueses] regulam comida, são mesquinhos nessa parte de comida, não são todos, tem um que eu trabalho há 11 anos e lá é facto, quem manda sou eu, quem come o que quiser, mas a 100% é um esparguete, uma salsicha, um bife com um ovo...

L: Que miserabilidade...

M: Mas não é, não é miserabilidade, é a cultura deles. Tem uns que são comilões, que comem uns cozidos à portuguesa que é uma loucura, tem muito pessoal alentejano que é farto pra comer, são fartos, comem muita comida, mas é a cultura deles... No começo eu também pensava assim, eles são miseráveis, mortos de fome. É assim, eles são canguinhas com você porque eles sabem que brasileiro come de tudo e a gente mistura, faz um esparguete e não é só pra comer, mistura com ovo, tem uma salada... Pelo menos na minha

região, um monte de coisa, mas aqui não, se é um pão com salsicha é só ele, é um cozido à portuguesa é só ele, é só quando tem festa que eles misturam um pouco...

L: Mas Mariana, você falou duas coisas aí, primeiro eu entendi que você, as suas amigas trabalhavam em casas em que eles separavam a comida dos empregados...

M: Sim, com certeza.

L: E outra coisa é que eles comem pouco e a gente não tem essa cultura de comer pouco.

M: Isso... E tipo assim, tem o yogurt, né? Você come o Activia, mas no Brasil também, sempre tem aquela marca mais pobre...

I: Mas sabe que essas situações de discriminação também ocorrem no Brasil, não? Você não trabalhou como empregada doméstica no Brasil, né?

M: Não. Mas sabe que os piores patrões aqui não são os portugueses, são os brasileiros? Aqui o patrão brasileiro é pior que o português...

I: Vocês se incomodam de falar a idade?

L: Eu tenho 69.

M: Eu vou fazer terça-feira 57.

I: Você poderia falar um pouco o que suscitou a sua vinda para cá?

M: Como ela falou, a primeira vez que eu vim pra cá, eu fui deportada, super mal tratada...

I: Me conte isso, por favor... Foi no aeroporto?

M: Foi no aeroporto. Eu dormi lá, passei uma noite e um dia.

I: Isso foi em que ano?

M: Eu não lembro o ano, mas... Eu vim em 2006, foi... 2003. Acho que foi isso.

I: Foi na época que estourou o caso das “Mães de Bragança”... Você sabe desse caso?

M: Sei, sei, sei... E lá, até hoje, as mulheres brasileiras são prostitutas, lá as mulheres vão pra tomar marido, é horrível... Mas realmente, 100% das brasileiras que vêm pra cá, a maioria é prostituição mesmo.

I: Não entendi... Você acha que a maioria das imigrantes que vem pra cá são prostitutas ou a maioria das prostitutas são brasileiras?

M: Não, também há as portuguesas, mas elas são discretas. O problema da mulher brasileira, e não só das prostitutas, é que elas falam demais, falam alto e falam da vida dela pra todo mundo ouvir, porque quer chamar a atenção que ela é brasileira, ela é gostosa, que ela sabe fazer... Realmente, você ouve dentro dos comboios, nos autocarros isso das mulheres, mas antigamente, hoje não, hoje vem estudar... Já vinha antes, mas era mais quem tinha condição, essa classe mais... Mas a maioria era no sentido mesmo de prostituição, de arrumar marido rico... Elas tinham uma imagem... Porque eu digo, porque quando eu tava arrumando pra vir, uma amiga minha que veio, ela veio nesse pensamento de que ia arrumar marido rico, que aqui você não trabalhava, achava dinheiro na calçada, que você encontrava logo um homem rico e não precisava trabalhar... No meu caso, eu não vim com esse intuito, eu vim pra trabalhar, nessa época falavam... Essa minha colega já tinha vindo, falavam que ganhava superbem, ela trabalhava com criança também.

I: Aí você chegou no aeroporto, eles falaram..?

M: Eu vim com ela, mas ela é uma pessoa... Ela tá de volta pro Brasil hoje, está até fazendo nível superior, ela melhorou muito a cultura dela, mas ela era um pouco medrosa e mal informada...

I: Você chegou com ela?

M: Eu vim com ela, ela veio passear e tinha documento, ela podia me passar para eu dar o nome dela, me mandou passar um nome diferente, me deu o telefone de uma pessoa... Tipo, o nome dela era Francisca, mas não era pra dar “Francisca [não entendi]”, era pra eu dar outro sobrenome, porque ela tinha medo... Ela com documento, eles jamais iam mandar ela embora, mas ela era tão mal informada, e eu vim na escura e fiz o que ela mandou. Ela pegou uma passagem de uma outra pessoa que era cunhada dela, que desistiu e eu vim no lugar dela, passou meu nome e tudo, só que esse rapaz que ela me passou o telefone, ela tinha dado o nome da amiga dela, dessa cunhada que vinha com ela, eu disse: “liga pra ele, diz que vem outra pessoa...”, ela: “não precisa, e eles não vão olhar seu dinheiro, é antiético”, mas eu cheguei num dia que estava muita fiscalização, e eu fui escolhida... Eles viram que eu tava com 750 euros, conferiram o meu dinheiro, eles disseram que eu tinha que ter 2000 euros e fizeram um monte de perguntas, eles riam, falavam assim: “Fátima agora virou refúgio de prostituta”, isso mesmo, era humilhante... Aí eu não chorava porque eu sou assim, eu choro de tristeza, se me magoarem, mas assim não, eu engoli o choro, e eles “chora”, tinha brasileira que chorava... Eles humilham, me

colocaram para assinar coisas, eu queria ler e eles: “não é pra ler não, é pra assinar” e eu tive que assinar... Mas no fim, tinha documentação incompleta, aí quando eu fui ler, eu falei: “eu não falei isso, eu não falei isso, eu não fiz isso...” e ele: “não interessa” e puxava o papel. Eu ia pra salinha, daqui a pouco eles me chamavam de novo pra me mandar pro alojamento, porque no aeroporto tem um alojamento que é tipo prisão.

I: [Exponho o caso dos “Imigrantes encaixotados”, no aeroporto do Porto]

M: É como uma prisão... Eles não deixam você falar, ligar mais de 5 minutos e quando você passa, eles cortam... Eles te humilham que é uma coisa, eu não tinha mais vontade [de voltar], eu voltei depois de três anos porque foi de momento, uma colega arranjou tudo, porque eu me sentia tão mal... Você, se for uma pessoa fraca, faz até besteira porque é humilhante. Tinha menina que veio comigo formada, que ganhou a passagem da mãe, com cartão de crédito e eles cismaram, porque elas eram bonitas, diziam que eram putas.

Agora com a crise no Brasil, eles deportaram muito mais que deportavam antes.

I: Agora?

M: Agora. É no *Correio da Manhã* que você vê mais essas coisas.

L: [Expõe a sua preocupação com o filho que estava para vir com a intenção de se fixar no país]

M: Quando meu filho veio ainda fizeram muita interrogação, aí ele disse que vinha estudar, porque ele estava com a passagem de 20 dias de volta, mas mesmo assim... Aí eles viram o anel de formatura, meu filho tinha se formado recentemente, eles: “ah, você veio para estudar?”, meu filho: “é”, mas mesmo assim chamaram ele para conversar, com a mãe aqui e tudo...

I: E qual é a sua cidade do Maranhão?

M: É Imperatriz.

I: É uma cidade pequena?

M: É grande... É uma das maiores cidades do Maranhão.

I: E qual foi o interesse em migrar para Portugal?

M: Eu vim mesmo pra ganhar dinheiro. Eu tenho um filho, sou eu a mãe e o pai e eu queria dar um melhor estudo pra ele e como diziam que aqui ganhava bem, eu tava

endividada, então vim... Aí essa minha amiga ficou com peso na consciência, ela com documento, eu fui mal assessorada, por isso fui deportada...

I: Mas em relação à deportação, não teve um período que você ficou impedida de voltar ao país?

M: São cinco anos, mas eu vim com três anos, naquela época ainda não era o passaporte digital. Eu vim com esse passaporte e entrei de boa. No dia em que eu entrei, não tinha três anos completos, tinha duas brasileiras na frente, meninas de menor que vinham com um papel, a mãe tava à espera e as meninas bobinhas, falavam muita besteira, porque também, quando a gente chega, muitas coisas que eles falam a gente não percebe e também muitas coisas que eles falam é diferente e eles riam... Era um senhor bem jovem, a primeira vez que eu fui deportada era um velhote bem mal disposto...

I: E quem disse isso de Fátima ser refúgio de puta?

M: Os policiais, do SEF... Eles debochavam, isso ficou dentro de mim, não esqueço nunca, tantas outras coisas que eu esqueci, mas essa eu não consigo esquecer, é muita humilhação. Eu não tinha mais vontade de voltar pra aqui, fiquei com nojo, mas aí, como eu precisava, a menina me chamou, aceitei... E não me dei mal, formei meu filho tal.

I: Ele veio também pra cá?

M: Não, meu filho só veio uma vez a passeio. Ela até pensou em vir, mas agora é pai... E como eu tava falando, vinham essas meninas falando besteira, eles rindo, mandaram logo elas pra outro lugar porque tinham documento, a mãe tava esperando, eu vinha logo em seguida, com documento preenchido aqui de Cascais, porque eu morei logo aqui perto, na rua dos Navegantes, mas não coloquei que cidade que era, né? A freguesia... Só botei isso: “Rua dos Navegantes, 75, segundo andar” no papel, esqueci... Pra não dizer que ele não abriu a boca pra falar comigo, conversando ainda com outro, rindo das meninas e vendo meu passaporte e ele disse: “onde fica essa rua dos Navegantes?”, na hora eu disse: “Lisboa.. Não, desculpa, Cascais”, isso eu não esqueço, na hora abri a boca pra falar isso, aí ele só pegou meu papel que fica com eles, o passaporte carimbou e disse: “boa estadia”. Então é aquele dia do azar...

I: Vocês sentem que está voltando uma imigração brasileira de baixa renda?

M: Não, agora tem muito imigrante de alta renda, que são esses que compram, os que estão em primeiro lugar nas imobiliárias são brasileiros, mas tem muitos brasileiros da

época, doméstica, gente pobre, que voltou... Muito, muito, muito. O *Correio da Manhã* tá falando...

L: A Mariana tem uma amiga... Naquela época que se dizia que o Brasil tava bom, teve gente que pegou tudo aqui, casa..., deixou sua vida, entregou tudo e voltou pro Brasil, só que quando voltou pra cá, a realidade também já tava mudada, a especulação, né? O Airbnb, tudo isso...

M: Casa hoje virou ouro. Hoje eles tomam casa por nada.

I: Durante a crise, não sei se ficaram sabendo, mas teve muitos imigrantes que chegaram quase a passar fome [mostro as peças sobre a OIM].

M: Chegaram não, passaram. Só consegui passagem mesmo porque pediu auxílio... Teve muitos. Eu vi na SIC um documentário, o tanto de brasileiro que mora nesses abrigos e tava à espera de passagem para retornar ao país de origem.

I: Vocês não chegaram a conhecer pessoas nessa situação?

L: Não.

M: Eu soube de casos...

L: Aí eu já vejo mais o lado dos portugueses. Quando eu cheguei aqui, a crise tava no auge [não compreendo]...

M: O brasileiro tá morrendo de fome, mas tá rindo.

L: Aí você pergunta assim a ele [ao português]: “Tudo bem? Bom dia”, ele responde: “se o dia for bom, à noite eu digo”. Português é assim, completamente diferente de nós brasileiros... Quando eles me falavam: “está mal essa crise, vamos todos morrer de fome”, eu dizia: “vocês não sabem o que é crise”, brasileiro nasceu e sempre esteve em crise, quando teve o *boom* foi muito rápido, agora a gente tá aí numa crise moral tamanha, é uma crise de todo jeito... Então, eu conheci o português assim e quando eu me mudei pra cá, comecei a observar, eles começaram a cortar tudo quanto era coisa, aí aquela história, começou a cortar empregada, que era tudo brasileira, cozinheiro... Que na maioria era brasileiro.

M: Tem um site do português falando a realidade de muitas brasileiras que vem pra cá, que chega aqui precisa de ajudar pra voltar, a maioria quando chega aqui, vê toda essas

marcas que no Brasil ela só vê em revista e televisão, na novela... É que eu não lembro o nome, foi até a Edite que mandou pra mim, o nome do site do rapaz português, dizendo o que as brasileiras deviam fazer, mas vêm pra cá fazem o contrário, porque elas veem todas essas marcas, tipo Michael Kors não sei o que, porque aqui a gente tem todas as facilidades, elas se matam de trabalhar só pra comprar isso, roupa elas compram e começam a querer alugar a casa, porque já não cabe mais no quarto, porque sempre querem roupa nova e aqui tem facilidade, é mais barato, depois não conseguem trabalho, ficam na miséria, então elas precisam que ou alguém do Brasil leve de volta, tem muitas, conheci muitas que pra ir embora precisam de família pra ajudar, porque aqui só no charme...

I: Mas eu não entendi bem... Isso você leu em algum lugar, numa reportagem, ou presenciou?

M: Eu vi muitas, mulheres que vêm pra prostituição e quando chegam aqui, aqueles que pagam ficam com o passaporte, depois conseguiram sair, e muitas pessoas que conhecem caras... Até uma amiga me contou, duas primas dela vieram, domingo passado mesmo uma tava chegando no aeroporto, veio se encontrar com um cara que ela conheceu pela internet, tem muitas, acontece muito... Conheço muitas que já vieram, conheceram pela internet, o cara vem e toma o passaporte, nesse dia passou no *Correio da Manhã* uma que tava na Costa da Caparica, veio com o namorado, ele prendeu, tomou o passaporte dela, obrigava ela a fazer todo tipo de sexo, era um velho e tudo e deixava ela trancada, ia trabalhar e deixava ela trancada, proibiu ela de colocar foto no Facebook, falar com a família e tudo, mas ela conseguiu fugir e foi direto pra PSP, ia dar três meses, vi isso semana passada no *Correio da Manhã*... Então ainda acontece muito, conheci muito.

L: E uma coisa que facilita também, principalmente para esses brasileiros que não têm estudo, é a questão da língua. Então eu acho que Portugal atrai muito brasileiro também por conta disso... Eu fiquei três meses na Alemanha, em Dresden, na casa de uma amiga minha casada com um alemão muito rico, muito rico, ela brasileira, ele a conheceu num club lá, ela estava com muitas amigas, mas o homem alemão gosta da mulher brasileira...

M: Igual o português...

L: Mas eu conheci uma mulher, negra, que era dona de um bordel... [não entendi]. Eu lembro que uma vez estava conversando com uma moça, brasileira, não era prostituta, ela falava alemão e tava esperando um amigo, essa minha amiga tava ocupada, pediu para eu



encontrar com ela e eu fui encontrá-la num café e ela esperando um cara alemão, já saiu na Vogue e tal, chiquérrimo... Começaram a conversar, ele falava alguma coisa de português e tal, e quando ela disse que era brasileira, ele falou alguma coisa de brasileira que eu não entendi direito, mas ela disse: “ele está dizendo que as brasileiras aqui são prostitutas”. Ah... Pense numa pessoa que virou o bicho, eu falei: “brasileira não é isso não, eu sou aposentada...”, eu fiz um discurso, eu gritava de raiva... Ele pediu mil desculpas, sabe o que me disse: “a culpa não é das brasileiras, são dos alemães que patrocinam...”.

M: É verdade, aqui também.

L: Aqui eu não sei.

I: [Explico que os esquemas de tráfico têm geralmente origem no país de saída, as brasileiras são angariadas lá]

M: É, mas aquilo que a gente tava falando, aquelas mulheres que acham que aqui tem dinheiro fácil, elas pensam que vão chegar aqui, arranjar marido rico e enriquecer, chegam aqui se tornam escravas, as que têm pé no chão, dizem: “eu vou sair dessa”, mas como o caminho pra entrar, o mais fácil é como prostituta, pelo menos antigamente, não sei hoje... Porque eu ainda fui em muitas, há tantos meses trabalhando pra eles e com o passaporte preso, mas eu cheguei a ir... Mas não tive coragem.

I: Chegaram a te oferecer essa proposta?

M: Chegaram, lá no Brasil... Eu nunca comentei isso contigo [pergunta à Lucinha]? Pois, eu vendia confecções lá com umas amigas, conversa vai conversa vem, descobrimos uma que trazia pra Espanha, foram umas vizinhas minhas, uma que alugava salão na minha casa, que fazia vestidos de noiva, hoje ela é casada com um espanhol, mas veio pela prostituição... Eu tenho uma vizinha, que as filhas entraram tudo por esses canais, da minha cidade. Então eu fui na entrevista com essa mulher pra ir pra Espanha, ela pagava a minha passagem, ela pagava tudo, só que eu tinha que ficar 3 meses, eu dava meu passaporte pra ela, ela já falava: “chegando lá, tem que deixar o passaporte”.

I: Mas ela dizia que era pra prostituição?

M: Dizia... Mas mentia, dizia que era pra café, mas como eu já sabia... Essa não, ela disse: “tu vai trabalhar no alterne, mas tu só se prostituí se tu quiser”. Só que não é... E eu não tive coragem, porque eu não bebo, então eu falei: “eu não vou”.

L: Eu conheci pessoas assim na Alemanha, Deus do céu... Porque eles traziam pessoas para trabalhar num bar, mas era lavagem.

M: É lavagem. Lucinha, eu ainda fui na entrevista disso, mas chegando em casa, eu comecei a pesquisar, não muito boa, que até hoje eu não sou, mas eu procurava, *Globo Repórter*, as reportagens, as reportagens de fora sobre isso, e eu via que eles diziam que eram só 3 meses para pagar a passagem e depois você é livre, mas mentira, quando chega você usa droga, tranca no quarto você não pode sair, só para onde eles mandam, programa que você tem que ir... E precisa de alguém daqui com documento, um português, um espanhol, mas muitos enganam, dizem que é pra um café, pra casa de família... Mas pode ver, se alguém vir falando que é pra pagar sua passagem, é fria. Muitas dessas se matou de trabalhar, conseguiu pagar a dívida e foi depois trabalhar de doméstica, então a gente conhece, eu conheci muitas.

I: E há um estigma, não?

M: Sim, porque tem umas que vêm mesmo sabendo o que vão fazer, mas têm outras que vêm enganadas...

I: Em geral, consideram a cobertura dos jornais aqui muito negativa em relação aos brasileiros e ao Brasil?

M: A *Record* como tem aqui, manda muito, tem alguma coisa, mas nada disso, não é como no Brasil. Agora uma coisa, do Brasil pra cá, tudo que é miséria do Brasil eles mostram, porque aqui até a miséria é por debaixo do pano...

I: Acredita que a imagem dos brasileiros que passa nos jornais ainda é muito estereotipada?

M: Não, não, isso no jornal não mostra muito. Às vezes, quando há alguma barbaridade, alguém foi assassinado, acontece alguma coisa, diz assim, a nacionalidade brasileira, ainda há muito isso... Mas é muito por debaixo do pano, o *Correio da Manhã* que ainda mostra mais alguma coisa.

I: O *Correio da Manhã* tem reportagens pesadas, não?

M: O *Correio da Manhã* é igual a *Record*, se você espremer sai sangue.

I: Uma dos tópicos que eu estudo é a cobertura da IURD...

M: A Universal manda aqui.

E: Mas a cobertura é muito negativa...

M: Agora, não tinha. Antigamente... É que a IURD agora tá com uma imagem péssima, mas antigamente, era quem mandava aqui...

I: Mas as reportagens costumam ser muito críticas...

M: Agora são, depois de muitas coisas, muitas doações ilegais, muita maldade, porque eles são mesmo maus... O Edir Macedo? Nunca, em nome de Jesus, ia querer chegar perto desse homem. Além de arrogante, ele é nojento.

I: [Exponho as reportagens]

M: Mas tem, viu? A Universal tem isso e muito mais.

I: Será que não ficou essa imagem tão negativa por ser uma igreja que vem do Brasil..?

M: Eu não tenho nada contra nenhuma religião, mas assim, eu não simpatizo com a Universal. Não gosto da maneira que eles agem, sinto muito, é meu ponto de vista, sou contra. Cada um tem a vida que quer, tem a religião que quiser, mas eu acho eles muito arrogantes, eu trabalho com muita gente da Universal, eu tenho muita amizade, eu tenho uma amiga que até saiu agora da Universal por causa disso, essa coisa muito nhemnhemnhem, muito tititi... Mudou de igreja por causa disso.

L: É assim, essa coisa da desonestidade exagerada, essa ganância desmedida, é muito coisa de brasileiro, tá muito ligado ao Brasil... Agora então, ficou bem estampado.

M: É triste, mas é verdade.

I: Outra coisa também, que eu penso estar relacionado com essa cobertura intensa, é o facto da IURD ter muitos fiéis portugueses, não é uma igreja só de brasileiros, conseguiu atrair muitos portugueses.

M: Não, não, não, tem muitos.

L: Uma coisa que me espantou quando eu cheguei aqui, é... Eu tenho amizade com Mariana, eu conheci logo Mariana...

I: Vocês se conheceram como?

L: É que ela namorava uma pessoa até um ano atrás que é muito amiga dessa família me abrigou.

M: Inclusive é baiano.

L: Hoje ela não namora mais com esse rapaz, graças a Deus. [risos] O que eu tava falando... Então, é que logo que eu vim pra cá, uma coisa que me surpreendeu é que muita gente dizia “é da igreja”.

I: Como assim? Não entendi...

M: É que pra vim do Brasil pra cá, principalmente aqui em Cascais, muita gente passa a ser crente porque traz facilidades. A Universal ajuda muita gente, porque aqui eles precisam de fiéis, pra um fiel puxar o outro, e eles também arrumam trabalho. A própria igreja arranja trabalho e eles emigram de lá pra cá.

I: A Angela<sup>1</sup> comentou que a casa onde foi morar quando chegou, foi a partir de um contacto dado pela igreja.

M: Sim, eles fazem isso. Eu não sei como funciona, mas elas são da igreja, o pastor diz lá no Brasil que tá precisando de alguém pra trabalhar, então a igreja ajuda a vir. Ela é uma pessoa que lá no Brasil demonstrou que levou muitos fiéis pra igreja, aqui ela também vai conseguir, então a igreja traz e, às vezes, nem é... Chega aqui e vai ser prostituta, muita prostituta larga e vai ser evangélica pra poder se reintegrar de novo na sociedade.

L: Eu tenho uma amiga do Brasil que há muito tempo ela abriu mão de tudo, do relacionamento dela, pra ser evangélica, mas porque o sonho dela era sair do Brasil.

M: Sim, elas fazem de tudo.

I: Mas como é isso? Essa informação circula no boca a boca?

M: No boca a boca, o próprio pastor diz na igreja... Tem gente que vira pastor só pra vir pra fora.

L: Eles tem o sonho de sair do Brasil.

---

<sup>1</sup> Participou do documentário da Casa do Brasil e, portanto, conhecia a Lucinha. Porém, só conseguimos contactá-la por telefone.

M: Aí pronto, sabe que a Universal domina no mundo, fora do Brasil. Porque domina mesmo, o palacete maior dele é em Nova York, não é?

I: Por fim, gostaria de saber como vocês veem essa coisa de haver tanto estereótipo, preconceito direcionado ao imigrante brasileiro, mas, por outro lado, fazer tanto sucesso, ser tão popular a cultura brasileira aqui?

L: As novelas brasileiras foram o que realmente colocou o Brasil aqui em Portugal. Na altura, todos os astros do Brasil vinham pra cá, eles são loucos por novelas. Um dia eu fui visitar a mãe de um amigo meu lá no Alentejo... Alentejo não, em Algarve, na estrada do Monchique e ela depois do almoço: “cafezinho, cafezinho...”, “por que vocês aqui tomam tanto cafezinho?”, “por causa das novelas, a gente via que as pessoas chegavam na casa e todo mundo oferecia um cafezinho”. [risos]

Eu fui aqui na farmácia e a atendente falou alguma coisa comigo, eu falei outra coisa, mas não percebi o que ela disse, e eu disse: “desculpa, já estou aqui há 8 anos quase, mas não consigo entender tudo que vocês dizem”, “mas nós entendemos tudo” e falou das novelas.

I: [Comento de estudos que relacionam essa imagem sensualizada dos brasileiros à popularidade das telenovelas]

L: É que os portugueses são puros, eles namoram pra casar, agora brasileiro...

M: Brasileiro é assanhado demais.

L: Meu filho veio pra cá em 2013, não conseguia namorar uma portuguesa porque elas diziam assim: “ah, brasileiro não, vocês não, vocês não querem nada sério”. Eu conheci uma advogada, novinha, veio pra cá fazer o doutorado, ela disse: “não vou namorar os portugueses não, eles são muito bobos”.

Eu tenho amigas de tudo quanto é idade, elas dizem que não dá pra namorar português não, são muito bobos.

M: Mas também, quando você pega um esperto...Tem muita brasileira aqui que é escrava de português, trabalha, dá tudo pra dizer que tem um tuga. Pra dizer que tá morando na Europa e casada com um tuga... E eles sabem que as brasileiras são loucas pra casar com eles e muitos se aproveitam.

L: Sim, mas esses são mais adultos, mais safados, eu tô falando desse povo... Na cultura, realmente.

I: Só que é contraditório, porque ao mesmo tempo que tem isso, você sai no Bairro Alto, por exemplo, percebem que você é brasileira...

M: Já querem passar a mão... Eu não sei se aconteceu com você, mas quando eles vêm te conquistar, a maioria dos portugueses, eu já não, porque já não tô mais numas de sair, mas quando eu saía com as meninas e eles vinham te conquistar, já chegavam falando que eram ricos, que tinham isso e aquilo... Já sabem da fama que brasileira vem querendo arrumar um marido rico, então quando ele vem conversar contigo, já é dizendo que é dono disso, daquilo, tipo, já vem conversar com você dizendo o que ele é... Eu tenho nojo. E o que acontece muito? Se vocês virem, tem no meu Facebook, eu não apago... Uns de países de fora, mas não é de fora muitas vezes, eles põem foto de um perfil de outro, e você vai ver é viúvo ou casado, e tem amigas em comum comigo lá da minha cidade... Eu não aceito, mas muitas caem na lábia e acontece umas barbaridades.

**Entrevista: Cyntia de Paula.**

I: Podemos começar falando sobre a representação do imigrante brasileiro no jornalismo português.

C: Não peguei a parte mais crítica, até porque, quando eu comecei a trabalhar com a migração, que foi 2012, já havia alguma regulamentação por parte da ERC, de alguns reguladores da comunicação social, então eu sei mais por estudos, apesar de ainda achar que tem muita coisa na comunicação que pende pro torto. Eu venho numa época em que ainda há alguma regulação da informação, não como deve ser, mas já há, porque era horrível antes.

E: Mas por parte da Casa do Brasil, há essa perspectiva de que houve alguma evolução na comunicação social?

C: Sim, com certeza. Primeiro porque é visível, antes se houvesse um assalto, por exemplo, poderia haver 30 assaltos em Portugal no mês, se houvesse um com brasileiro, era: “brasileiro assalta...”. Hoje não podem falar “brasileiro”, tem que dizer “cidadão, imigrante, estrangeiro...”.

E: Não pode falar?

C: Não.

E: Onde está isso?

C: Há uma regulação.

E: Da ERC?

C: Da ERC. Dá uma olhada, porque há, eu não sei se é uma recomendação, mas repara que, quando eles falam sobre, eles não dizem a nacionalidade. Imagina, quando há deportação no aeroporto por drogas, repara nas notícias, eles falam: “um cidadão estrangeiro”, aí no meio colocam: “proveniente de um voo vindo do Brasil”, só que eles não falam abertamente, “um cidadão de nacionalidade brasileira”, não pode.

I: [Mostro a reportagem sobre a prostituição no bairro da Quinta do Grilo, em Viseu, mostrando a indicação da nacionalidade brasileira no subtítulo]

C: Eu acho que é depois de 2013... Mas você pesquisou qual foi a repercussão nas associações sobre esta notícia?

I: Não houve repercussão. Você não chegou a ouvir sobre esse caso?

C: Não... Mas eu fiquei curiosa porque agora, em 2012, 2013, minto, quando o Marinho Pinto, o bastonário da Ordem dos Advogados, disse em rede nacional que o que o Brasil mais exporta para Portugal são prostitutas e travestis, foi feito um manifesto. As associações de mulheres e as associações de imigrantes, fizemos um manifesto, mandamos para a comunicação social, houve mesmo e ele teve que se retratar.

I: Ele disse isso em que contexto?

C: Era um contexto de economia, estava a falar de exportações e outras questões, e ele disse isso, porque o que o Brasil mais exporta para Portugal são prostitutas e travestis. Acho que foi na SIC, salvo erro. Isso depois repercutiu, teve o manifesto, foi o vucó-vucó, as associações e isso tudo... E, por exemplo, foi interessante perceber como a sociedade civil reagiu diante dessa situação. Teve um outro caso muito emblemático, o BES, eles mataram um brasileiro, eles assaltaram, fizeram reféns no BES, e matou em direto, era um rapaz, um jovem brasileiro... Eu não estava ainda em Portugal, e veicularam constantemente: “brasileiro, brasileiro não sei o que...”.

I: No Grupo Acolhida você consegue perceber como os imigrantes brasileiros, enquanto audiência, enxergam esse tipo de ocorrência?

C: O que eu sinto? Não só no grupo, mas em todo o trabalho que eu faço, talvez nas narrativas das pessoas, eu sinto que os estereótipos e o fomento desses estereótipos, e depois o preconceito e a discriminação, é claro que a comunicação social tem uma responsabilidade absurda, e agora, numa outra perspetiva que também é perversa, dizer que só vêm pra Portugal brasileiros ricos, por exemplo.

I: Já ouvi também de imigrantes, que esses têm sido vistos aqui como os ricos fugidos da corrupção...

C: Por exemplo.

I: Mas no grupo isso é falado também?

C: Constantemente. É muito interessante, e os debates nos últimos encontros têm sido muito focados nisso, e eu não posso deixar de pensar nisso, mas focando no seu... Me surgiu rapidamente, na comunicação de outras vias, como o Facebook e os youtubers. Para nós associação, que trabalha, o atual grande problema são os vídeos no Youtube que



passam uma visão completamente errada de Portugal. Ou seja, ao contrário agora, né? Qualquer um agora pega uma câmera e fala que tudo é maravilhoso, que é fácil alugar uma casa em Lisboa por 300 euros, o que influencia completamente o processo migratório de quem tá no Brasil, que não sabe que aqui não se aluga uma casa por 300 euros, um exemplo... Mas eu acho que essa questão da comunicação social, e eu tenho muito uma visão dos dois lados, tanto do Brasil para Portugal, como no próprio Portugal, ainda é muito vincada. Com a ascensão do ACM lá no início dos anos 2000, o Alto Comissariado para as Migrações, que se começa a pensar também em todos os aspetos que influenciam a integração dos/ das migrantes, e é claro que a comunicação social tem um papel muito grande nisso. A Gina, não sei se você conheceu essa personagem do Café Central...

I: Já ouvi você comentando em encontros aqui da casa.

C: Acho superimportante você fuçar, é um programa de humor que passava no horário das oito da noite e a Gina tipo... Era uma prostituta brasileira, em animação... Eram todos os estereótipos, era aquele português barbudo, e era ela que, tudo o que ela falava era de conotação sexual, tudo, que reforça essa ideia da hipersexualidade da mulher brasileira. E não só, a gente foca muito e eu me preocupo muito com as questões da sexualidade, de estar disponível, mas não são só essas questões, mas também a mídia fomenta outras, por exemplo, nós somos sempre simpáticos e estamos ótimos para o serviço.

I: Há um investigador brasileiro, não sei que conhece... O Igor Machado. No início dos anos 2000 ele fez uma investigação com imigrantes brasileiros no Porto e observou que o estereótipo da simpatia conotado aos brasileiros acabava atuando como uma prisão étnica sobre os imigrantes, que acentuavam traços visíveis de simpatia e descontração e acabavam ficando condicionados a apenas trabalhos voltados para o atendimento ao público e afins.

C: Porque os estereótipos... Apesar de eu não acreditar muito nos estereótipos positivos, mas é claro que muitos também nos ajudam, na integração por exemplo, se eu preciso trabalhar, eu vou usar daquilo, pode ser bom, é visto como positivo pela sociedade de acolhimento e eu uso para o meu bel prazer, e é bom... E é interessante isso, e como também ou, no meu caso, no meu pensamento, acho que dos que mais afetam é também a ideia de que nós migrantes, como a simpatia e outras questões estão associadas aos serviços e na questão da desqualificação profissional. Eu por exemplo, quando vim pra Portugal, ouvi coisas do género, que era uma migração diferente, que era uma migração,

na minha época, muito estudantil, eu vim fazer o mestrado... Então assim, o pessoal vinha mais para estudar, só que foi bem ali no fim de uma migração só pra trabalho, foi aquela migração dos anos 2000, depois veio a crise, e as pessoas falavam: “você faz mestrado? Mas brasileiros servem para trabalhar nas lojas”. Tipo... O quanto também desse estereótipo de que a gente vem só pras limpezas, ou só pras lojas, também fomenta na nossa procura por trabalho. “Ah, vocês são bons... Não tem na sua área de trabalho, mas vai procurar ali no café, eles até gostam de brasileiros”.

I: No auge da crise, houve várias reportagens sobre estudantes brasileiros no ensino superior português [mostro a reportagem “Universidade maravilhosa”], que tem a ver com o aumento exponencial deste contingente estrangeiro nas universidades portuguesas. Quanto a isso, relativamente a esta presença que se tornava massiva, os imigrantes que frequentam a casa sentiram que houve alguma alteração no senso comum português sobre o perfil do brasileiro em Portugal?

C: É assim, os processos psicossociais na cabeça das pessoas não acontecem da noite pro dia, até porque se as pessoas não estão tão inseridas no seu dia-a-dia, não é só a comunicação social que irá influenciar... Quantos brasileiros e brasileiras a gente vê no dia-a-dia nas universidades, fora do espaço público, é muito menos do que a gente vê nos cafés e nas lojas, se formos pensar, na visão geral...

I: E não há muita circulação, né?

C: Exato, não há essa circulação e essa troca também, eu sinto que começa já... Talvez pra uma geração mais jovem, e quando eu digo mais jovem, sei lá... Os portugueses e portuguesas até os 40, que convive com mais gente, que, sei lá, vai ao restaurante e vê... Agora a população mais envelhecida, ainda acho que mantém muito ainda a visão dos brasileiros que vêm para trabalhar, ainda não tem tanto essa noção dos estudantes, e agora é rico, né? Na cabeça... Porque é o que a televisão passa, a televisão não foca por exemplo, o tanto de gente que vem todos os dias para trabalhar, que não tem, não é dona de um visto gold, é interessante...

E: Agora no Brasil também há muitas reportagens acerca dessa emigração mais qualificada para Portugal.

C: Sim, é o eldorado. Não sei se você... É uma pedra no sapato que você vai sentir, como não referenciar isso, tipo, como também, não sei, um foco de estudos, por quê? Nos próximos anos isso ainda vai se repercutir muito, né?

I: Eu sou da comunicação, eu não pesquiso especificamente as vagas...

C: Não, mas eu me refiro mesmo à comunicação, porque acho que está completamente relacionado. Você viu? Tem uma capa da *Sábado* pra aí de uns... Foi em dezembro, eles até fizeram uma referência à Casa do Brasil, nem sabíamos, quando soubemos, porque uma outra pessoa mandou... Uma capa do *Sábado* mostra uma família margarina, doriana [marca de margarina], brasileiros, um pai com uma prancha de surf, a mulher, uma tia assim... Os novos brasileiros em Cascais, “ah, a gente veio pra Cascais porque a gente pode levantar e correr na praia...”. Tipo, uma vivenda gigantesca, completamente tendenciosa... É claro que existem pessoas assim, mas não é a grande população, por outro lado, pensando também no efeito positivo pra Portugal, dessa veiculação pra essa população maior... Não estou me referindo às políticas públicas, mas para a consciência das pessoas, também pode ter seu lado positivo, por mostrar que há vários níveis, nem todo mundo que migra está morrendo de fome, como as pessoas acham... E naquela ideia de que, quem está morrendo de fome tem que aceitar qualquer coisa. Também é importante mudar isso, porque é verdade, no grupo isso é muito presente, tipo os empregadores e empregadoras ainda estão anos luz na consciência do outro como um ser humano de direitos iguais, ainda é muito isso, “ah, é imigrante então vai ganhar menos porque precisa de contrato...”. Eu ouço isso e não é exclusivo da comunidade portuguesa, eu ouço isso de empregadores brasileiros, “ah, porque na minha época eu sofria, agora eles chegam aqui e querem um contrato de trabalho?!”. É muito duro... Talvez essa nova vaga, e a veiculação dela... Eu, sinceramente, acho que sempre vieram pessoas ricas, não tanto quanto agora, mas sempre, eu conheço pessoas com mais dinheiro que já vieram a Portugal há um tempo.

I: A primeira vaga de imigração brasileira, que se iniciou lá pelos anos 80, era composta por pessoas de um nível socioeconómico mais elevado.

C: Sim, eram profissionais liberais, dentistas, engenheiros, médicos, publicitários...

I: É que a partir de 2000 vieram muitos [proletarizados] e também começou a ser muito veiculado...

C: Exato, exato. E é o que está acontecendo agora, e também com o advento das redes sociais, a informação circula muito mais rápido, é uma sociedade rápida, é tudo rápido agora...

I: Vocês sentem que há uma nova vaga, apesar de ainda não haver dados/ estudos?

C: Sim, eu acho.

I: Como associação, vocês têm essa percepção?

C: Sem dúvida.

E: E de pessoas de classe mais baixa?

C: Isso, exato. É o que eu acho. Eu acho que nesse momento chega de tudo, só que só está a ser veiculado quem tem dinheiro, ou os profissionais qualificados, os TI, esse pessoal que também tá muito presente, mas... Olha, o Grupo Acolhida é majoritariamente de pessoas, trabalhadores normais, que vem em busca, deixaram tudo, parcelaram a passagem para vir em busca de trabalho.

I: Sim, eu sei dessas histórias. Soube de casos de pessoas que vieram pra cá com 300 euros...

C: Sim, como é possível... E gente que vendeu tudo, porque acreditava mesmo naqueles vídeos da internet, a gente tem debatido muito isso no grupo, porque os canais no Youtube, que as pessoas fazem para ganhar likes e ter patrocínio, não vai falar da parte negativa, né? Só fala da parte positiva, e como as pessoas querem emigrar de qualquer jeito nesse momento no Brasil, pega na primeira informação, elimina tudo que pode ser ruim e pronto. No último grupo teve um casal, muito interessante, eu adorei, que disse assim: “O que eu via nos grupos e nos vídeos era: janela aberta pro Tejo. O que eu assistia dava a impressão que era só janelas abertas e quando eu cheguei aqui eu vi que, na verdade, as janelas estão todas fechadas.”. Por quê? Os vídeos não mostram o preconceito, a discriminação, a desqualificação profissional, as dificuldades que as pessoas têm pra exercer o trabalho profissional, e quando eu digo trabalho profissional não é ter o seu certificado reconhecido, é ter a sua experiência profissional reconhecida, independente de certificado ou não, é o seu currículo, o seu currículo oculto, aquilo que você fez a vida inteira, e parece que é como se você tivesse nascido o dia que o avião chegou, e há uma dificuldade muito grande desse reconhecimento de competências, e nós não podemos esquecer que Portugal está a sair de uma crise económica absurda.

I: Imagino que soube dos muitos casos de imigrantes brasileiros que necessitaram de auxílio financeiro da OIM para retornar... [mostro uma das peças]-

C: Sim, houve e também com os portugueses que estavam indo.

I: E representaram muito o Brasil como o eldorado. Como isso foi percebido? Até imagino que o volume de trabalho na Casa do Brasil tenha sido menor nessa época.

C: Pelo contrário, porque nós tivemos que criar um atendimento de emergência para ajudar as pessoas a voltarem. Então, nós tivemos mesmo... Na época foi... Não diminuíram os atendimentos, eles se transformaram. Nesse momento o nosso atendimento é de pessoas que chegam ou já estão aqui há um tempo, estão em processo de regularização e precisam de apoio nesse sentido, e informações gerais – “cheguei, o que eu faço?”. Nessa fase de 2012, que é quando eu cheguei na Casa do Brasil, de 2012 até ali..., vamos pensar, 2015, nós tivemos assim, o número de pessoas que nos chegavam pedindo ajuda, porque não tinham casa, porque perdeu trabalho, porque não tinha onde dormir, foi despejado, tinha que voltar pro Brasil. Nós tivemos que criar um contacto com o consulado e em alguns casos conseguimos passagens para as pessoas voltarem, o contacto com a OIM, tipo, já ligávamos, marcávamos e a pessoa ia, então, nós chamamos na época de atendimento de emergência, porque tivemos mesmo que criar uma *taskforce* para auxiliar essas pessoas e o atendimento de portugueses que queriam ir pro Brasil.

I: Ah, eles chegaram a procurar a Casa?

C: Sim, vinham parar aqui. Muitos! Assim, nós tínhamos semanalmente um número considerável de atendimento para portugueses que tinham interesse em saber como funcionava a legislação do Brasil, o mercado de trabalho no Brasil... Sobretudo o GIP, o gabinete de instrução profissional, atendeu muitos portugueses com dúvidas de como era o mercado de trabalho no Brasil.

I: Na época já existia o Acolhida?

C: Já, o Acolhida surgiu em 2012.

I: E você já participava?

C: Sim, eu estou desde o princípio.

I: E era falado sobre esse interesse renovado, inclusive da comunicação social, pelo Brasil?

C: Sabe o que eu sentia? E não só no Acolhida, mas nesse momento, eu sinto que a imigração brasileira viveu uma fase de muito orgulho de ser brasileiro, porque em Portugal falavam, “até que enfim nós éramos alguma coisa”. Foi muito interessante esse período e você sentia um certo orgulho em ser brasileiro, até porque a imigração portuguesa era um fluxo contrário, os portugueses queriam ir pro Brasil, que lá que tava bom, e havia mesmo um orgulho de ver o Brasil saindo da pindaíba, tipo a economia crescer, os empregos, os programas... Nós tivemos nessa época no Acolhida muita gente que vinha dos programas, Ciências Sem Fronteiras, Capes mesmo, os estudantes que vinham... E a Casa, nessa fase mais próspera do Brasil, foi também muito procurada pelos estudantes como ponto de cultura, ou seja, de ter uma referência do Brasil, de participar de atividades... Muito interessante. Mas o que as pessoas falavam mais no grupo nessa época, pronto, há assuntos transversais no grupo, que desde 2012 são os mesmos: a dificuldade de inserção no mercado de trabalho, a saudade, o preconceito. São temas assim, unânimes. A dificuldade em fazer amizades, mesmo em tempos piores ou melhores, isso é sempre com portugueses, ou seja, acabam que as pessoas ficam dentro dos seus guetos, né? Sempre... Brasileiros convivem com brasileiros, aí fura de vez em quando um português que é mais antenado, e aí sempre... E nessa época eu sentia nos atendimentos, no próprio Grupo Acolhida e nos outros inúmeros projetos, desde a cultura até a intervenção social, muito orgulho, era muito engraçado isso, as pessoas falarem do Brasil com um certo gosto, tipo: “olha, até que enfim não é só visto...”, não! Até porque nessa época a imigração dos brasileiros que vinham era isso, vinham para estudar, trazia dinheiro pro país, né? Não vinha tanto para trabalhar, apesar de também vir, não deixou de vir gente nessa época para trabalhar.

E: Brasileiros contaram-me ter ouvido de portugueses nessa época, coisas do tipo: “deixou de vir a escória do Brasil pra cá”.

C: É horrível, e é facto, nós sentimos essa mudança visível, porque não quer dizer que essas pessoas que vinham para trabalhar não vinham também, sempre vieram, o que vieram foi em menor quantidade...

I: Mesmo no contexto de crise continuavam a vir?

C: Sim, continuavam. Claro que muito menos, mas chegavam. Por exemplo, meus amigos todos vieram nessa fase. Olha, dos meus amigos a Pati veio em 2012, o [não entendi] em 2015, a Amanda em 2015, o Diógenes em 2014, o Sérgio em 2014... Fase de crise. Não

deixou de vir, é muito interessante, não aparece nas notícias, mas as pessoas continuavam a vir pra trabalhar, em números menores, mas continuavam...

I: Lembra-se de reportagens desse tipo? [Mostro as reportagens sobre os imigrantes brasileiros que, apesar da crise, permaneciam em Portugal]. O que pensa sobre isso?

C: Eu acho que aí era mais no fenómeno “Por que fica se lá está melhor?”. Eu fiz uma entrevista pro DN, eu lembro, nessa época... Fiz duas pro DN, uma sozinha e uma com o meu companheiro, eu sinto também que nessa fase a comunicação social teve uma curiosidade em saber o porquê a gente ficava, e uma das vezes que me entrevistaram era individual e o tema era mesmo: “Brasileiros em debandada” [risos], o termo era mesmo esse, “debandada”, “o que te fez ficar?”. Aí pronto, era pelo trabalho, porque eu gosto daqui, eu gosto de Portugal, e foi muito interessante essa entrevista, porque entrevistaram várias pessoas, porque que ficaram... Acho que essa entrevista é de 2013, salvo erro. E depois eu fiz outra, essa também foi muito interessante, também pro DN, mas numa perspectiva dos casamentos binacionais, das relações binacionais. É porque saiu um dado, acho que foi do senso, já não me lembro, a taxa de casamentos entre imigrantes e nacionais, e aí entrevistaram eu e meu companheiro individualmente, não fomos juntos...

I: Mas a partir de que enquadramento isso? Porque também há o estereótipo de que brasileira vem atrás de marido...

C: Sim, mas não. Essa foi bem positiva, foi mais focada nas diferenças culturais e foi bem engraçada, até ficou... O próprio texto, foi quase que em crónica e foi interessante, essa eu também tenho, e eles colocaram até as palavras que um e outro usam diferentes. E eu acho que essa dos casais ficou interessante porque eles colocaram numa perspectiva de naturalidade, ou seja, não foi tipo de avaliação ou juízo de valor, foi muito mais no: “as pessoas têm vidas normais, e têm o seu dia-a-dia normal”, e foi engraçado. Essa por acaso ficou engraçado, já tiveram outras que não, e essa eu acho, foi em 2015.

I: É que também, eu penso até pelo que li, pelo tempo dessa imigração brasileira é natural que a comunidade passasse a ser vista sem tantos estigmas...

C: O tempo e o número também, nós somos a maior comunidade. Mas, por exemplo, eu sinto na família do meu companheiro muita estranheza ainda, é muito curioso, porque no fundo a minha maior inserção na comunidade portuguesa é através do meu companheiro e do meu outro trabalho, na Umar, eu sou a única migrante que está ali na sede, no

atendimento tem outras pessoas, mas eu tô na sede. E eu ainda sinto na família dele alguma estranheza em coisas muito específicas, por exemplo, o meu percurso positivo aos olhos deles é bom. No período... Quando eu conheci o Pedro, eu ainda trabalhava, tava a terminar o mestrado, e trabalhava no El Corte Inglés, e a forma como eles me viam é diferente da forma como eles me veem hoje, isso é muito interessante...

I: Por que agora você não está mais nos serviços?

C: Nos serviços, exatamente. E não sou a brasileira esperada, é a cabeça das pessoas, facto. Me entristece pensar o quanto temos ainda que caminhar nas questões de género, porque isso está associado às questões de género, e as construções sociais em volta do género e da mulher migrante.

I: E da imagem da brasileira...

C: E da imagem da brasileira...

I: Porque você tem cabelo claro, olho claro...

C: Sim, sim, sim.

I: Por que se identifica muito claramente nas peças que os brasileiros não são os negros, prerrogativa fenotípica dos africanos, mas também não são os brancos europeus.

C: Sim, esses são mais escória ainda [os africanos], mas brasileiro também não é o europeu, e é diferente dos ingleses, esses não migram, eles escolhem viver aqui... É a questão do norte-sul, né? O norte sempre é considerado melhor... Mas eu sinto sobretudo, algumas evoluções, até no contacto, por exemplo: algo que tem sido extremamente positivo pra família do Pedro, e eu já ouvi da minha sogra quando é que eu ia aprender a falar o português de Portugal, tipo... E eu pensando assim: “Hã?! Como você se atreve a me perguntar uma coisa dessas?”, a minha única resposta foi: “Olha, você sabe que eu falo português? Que a minha língua materna é o português?”. Mas pra pensar que é tão, tão interiorizado que o que você traz por ser migrante é menos, é menos, então você tem que aprender o que é meu, o seu é menos, é muito interessante. E o que pra eles foi muito positivo, no caso? Conhecer a minha família. Como a minha família vem e passa aqui tempos, e eu sinto que o contacto com a minha família mudou muito também a visão deles, tipo, “ok, são pessoas como nós, têm vidas como nós, até têm vidas melhores que as nossas”, e essa relação tem sido muito interessante...



I: Desestigmatizada?

C: Desestigmatizada, exatamente, muito, muito curioso esses processos todos. E a comunicação social nisso tudo, nessa construção, nessa desconstrução dos estereótipos, é muito interessante pensarmos, porque pra construir o estereótipo basta uma notícia, mas pra desconstruir é um mundo, porque é muito mais fácil nos apegarmos às coisas negativas e para desconstruir esse pensamento que eu quero agarrar, também porque é diferente de mim, o outro, são eles e eu, e nós não somos diferentes, atenção, e nós estamos constantemente debatendo isso no Grupo Acolhida, quando começam isso: “mas no Brasil...”, no Brasil? Olha o acampamento dos venezuelanos que tacaram fogo, e como é que são tratados os bolivianos, e os paraguaios? Aí fica todo mundo assim... Verdade. Isso é uma questão do outro, isso é uma questão do ser humano, não é de portugueses, brasileiros, isso é claro que há povos que integram mais e há povos que integram menos, mas todo mundo tem o seu preconceito também...

I: E em relação à imagem da mulher brasileira, não há como negar que, se o colonizador português prestou grande contributo para a sua representação sexualizada, o Estado brasileiro também reforçou este caráter ao divulgá-lo pelo mundo.

C: E não só, o Brasil vende essa imagem, e vamos pensar que já ultrapassa a questão migratória e entra na questão de género, que o Brasil passa pro mundo porque vivemos num mundo globalizado, mas porque nós, dentro do Brasil, a questão do sexismo e do género, da hipersexualização da mulher e da mulher que serve, é muito forte isso no Brasil, a beleza, essa questão de que a mulher tem que estar bonita, da mulher ter que estar sempre hipersensualizada, a cobrança...

I: Leia este trecho, por favor. [mostro a grande reportagem do Público sobre o acordo Lula, em 2003, em que o repórter caracteriza uma das entrevistadas, imigrante brasileira, como “[...] dona da natural descontração sensual das brasileiras”]

C: Mas sabe também uma coisa que a gente tem que pensar muito? Quantas mulheres ocupam cargos de liderança nisso? Quantas mulheres são editoras, chefes de gabinete e são cabeças? Quantas mulheres migrantes estão envolvidas no processo de construção das notícias? A representatividade também é extremamente importante para a desconstrução dos estereótipos, porque a gente pode sensibilizar o quanto a gente quiser, se as pessoas, intervenientes também não forem cota parte do processo, as pessoas são pessoas, um jornal não se escreve sozinho, se escreve por pessoas que carregam os seus

estereótipos e os seus preconceitos, que acham até engraçado falar que as brasileiras são simpáticas e bonitas, não, não é engraçado. A nossa imagem é sempre veiculada como a de uma mulher hipersensualizada e não só, por exemplo, nós temos mulheres brasileiras, assim como temos mulheres portuguesas, e somos imensas e cada uma com as suas características. Mas eu acredito muito que o que falta, e as políticas públicas têm trabalhado também muito pra isso, é necessário também envolver os e as migrantes nos processos de decisão. Enquanto nós não estivermos nos processos de decisão, por exemplo, na comunicação social... Isso não significa que nós migrantes não podemos reproduzir os estereótipos, isso é outra questão, também podemos, e também podemos achar engraçado falar isso das mulheres brasileiras, mas também é importante a sensibilização passar por uma maior participação dos migrantes nas construções, por exemplo.

I: No meu contacto com os imigrantes sinto que prevalece uma visão muito crítica e estereotipada sobre a comunidade...

C: Completamente. E sabe o que eu sinto agora nesse trabalho? Nesse papel mais de cima? Eu sempre tive no atendimento, mas agora eu tô fora, olhando, também tive que me distanciar um pouco senão não dou conta do resto... Ver os processos de fora tem me ajudado a ver essas coisas de uma forma mais dura até, o quanto nós nos dividimos em: “ah, mas eu sou um tipo diferente de migrante. Porque as outras brasileiras que vieram pra cá e foram pra casa de alterne que mancharam a minha imagem”, tipo, sempre atribuindo a outras brasileiras um estereótipo e o preconceito sem refletir que não é culpa das mulheres. Há um entedimento e isso é muito difícil de desconstruir na nossa comunidade e nem tô falando... Se na nossa comunidade a gente não consegue desconstruir isso, imagina na comunidade de acolhimento com todos os seus senãos.

I: Pensando no âmbito da psicologia social, você não vê isso como uma forma de tentar se inserir?

C: Sim, com certeza. É uma estratégia de integração...

I: Não que seja consciente, certo?

C: Eu não sei até que ponto, eu acho que o consciente e o inconsciente não é uma coisa estanque, mas eu acho sim, que tá muito associado à questão da integração, com certeza, é uma estratégia de integração, mas há também uma questão de classe, que ultrapassa a

integração. Nós temos também que pensar que alguns processos não estão só associados à questão migratória, de integração, mas também está associado a uma questão de classe, e isso eu também vejo como uma questão de classe, assim como nós temos no Brasil. Quem é da zona sul do Rio, por exemplo, acha que quem é da zona norte que enfeia a cidade... Esses preconceitos de classe somam-se à questão de género, e eu acho que há uma necessidade por parte das mulheres migrantes menos críticas, com menos pensamento crítico, de mostrar que não são iguais àquelas que elas acham que enfeiam a sua imagem, então constroem esse discurso igual dos portugueses pra dizer assim: “eu não sou ela!”, antes de refletir o que traz esse preconceito. Eu digo isso porque é recorrente essa discussão no Grupo Acolhida, e discussão mesmo...

Eu acho mesmo que aqui é interessante pensarmos nas questões de classe, eu não acredito numa reflexão sem ser interseccional... É muito importante pensarmos sempre, sempre, sempre numa perspetiva de género e nas questões da interseccionalidade, os preconceitos, por exemplo, que a comunicação social pode difundir, os estereótipos da mulher branca migrante é diferente do que ela vai veicular da mulher negra migrante.

I: E também há aquela coisa... As mulheres que se prostituíram aqui eram de classes mais baixa, maioritariamente tinham um biotipo diferente do seu.

C: Exatamente... O quanto eu já ouvi: “mas você nem parece brasileira”... Dá vontade de dizer: “mas o que é uma brasileira?” [risos].

I: [Abordo a questão da IURD] Vocês recebem aqui fiéis da IURD?

C: Não que nos digam, até são... Por exemplo, a Midiã atendeu uma pessoa semana passada que ela até ficou muito curiosa, na reunião de equipa ela trouxe esse caso, a pessoa chegou e a primeira coisa que ela disse foi: “eu sou evangélica”. Tipo, o que isso tem a ver com o atendimento? Mas ela teve a necessidade de afirmar que era evangélica.

I: Talvez para se dissociar da imagem da prostituição?

C: Eu acho que sim. O que eu sinto em relação à IURD? Nós não temos esse feedback, eu particularmente não acompanho, mas uma perceção minha, pessoal, eu acho que para a comunidade portuguesa a IURD é como se fosse uma ilha, ou seja, não tá integrada na comunidade, por exemplo... Como é que eu explico... Sei lá, não é um lugar que os portugueses vão frequentar, então não é meu, eu sei que ali tem uma igreja que os brasileiros e brasileiras vão lá, até um português ou outro vai, mas não faz parte da minha

vida, eu passo por ali tal qual uma mesquita... Ou seja, tem uma mesquita, eu não sou mulçumano, eu não vou lá, tal como a IURD, tem aquela igreja, ela não faz parte da minha vida, então não tenho que me preocupar, e mesmo que saiam reportagens, só vai fomentar mais a minha ideia que é enganação e pra pegar dinheiro. Eu ouço, por exemplo, de portugueses com quem eu convivo, com familiares do meu companheiro, eles abominam e usam mesmo a IURD como exemplo de roubo, de extorção, de enganação, que é na cabeça das pessoas...

I: É a imagem do Brasil, não?

C: É... Mas acho que eles não estão muito preocupados com isso. Eu não sinto por parte das portuguesas e portugueses uma grande atenção sobre a IURD, acho que estão muito mais preocupados com aquela ideia falsa que os imigrantes brasileiros vão vir roubar emprego, que as brasileiras são hipersexualizadas e vão roubar marido, e que isso e que aquilo... Acho que ainda estão muito mais preocupados em justificar o seu pensamento nessas questões, do que a IURD, eu acho que não.

**Entrevista: Jair Rattner.**

I: Queria que começasse falando quando veio pra cá, com que idade e quais foram as motivações.

J: Eu cheguei aqui no dia 19 de outubro de 1986, tinha 26 anos e o objetivo meu era fazer um mestrado. Acontece que quando eu pedi uma bolsa de mestrado, me deram uma bolsa de língua e cultura portuguesa para estrangeiros. Eu me aconselhei com quem indicou, que falasse dessa bolsa...

I: do Camões?

J: Não, não foi do Camões, não havia Camões ainda. Foi do Calp, que era um pré-Camões, era um Instituto de Língua e Cultura Portuguesa... Algo assim. O Calp deu essa bolsa, eu me aconselhei, ele disse “eles vão ver que você sabe o português, não precisa fazer curso de português e vão passar...”. Eu tinha cartas de recomendação de professores da faculdade... Eu cheguei, tive um problema, demoraram para reconhecer o diploma. Cheguei em outubro, reconheceram em março.

I: Você comentou...

J: Pois... Aí eu perdi o ano, não podia mais entrar no mestrado naquele momento. Então acabei fazendo o curso de língua e cultura portuguesa e no ano seguinte eu não consegui entrar no mestrado por questões políticas da faculdade, também a ver com o facto de ser jornalista e fazer mestrado em literatura, então não consegui fazer isso... Não consegui fazer mestrado nesse ano, mas eu disse “já que vim, vou ficar até fazer”, no ano seguinte eu entrei no mestrado, mas não onde eu queria originalmente, que era na Universidade de Lisboa, na época chamada clássica, e entrei na Universidade Nova, no mestrado em literatura e cultura portuguesa, época moderna, era o barroco. Então aí que eu entrei e fiz o mestrado, depois eu comecei a estar junto da minha atual esposa. Comecei a namorar, aí eu fui ficando...

I: Ela é portuguesa?

J: Ela é portuguesa. Aí eu fui ficando, casei aqui, tenho dois filhos e tô até hoje.

I: O seu interesse em fazer o mestrado aqui foi porque o seu objeto de estudo era um autor português?

J: Não. No momento que eu decidi, eu estava na Coreia do Sul, então o que aconteceu foi... Foi um acaso. O que acontece é que na época não havia computadores e eu tinha levado pra Coreia do Sul a minha máquina de escrever, que era na Coreia do Sul uma das únicas que escrevia bem em português, as outras eram adaptadas por pessoas que não sabiam bem o português, o acento batia você não sabia se era o agudo ou o grave, o til era meio torto, essas coisas assim... Como eu tinha uma máquina adequada, as pessoas pediam para datilografar na minha máquina e como era a única, eu disse: “só eu mexo nela”, eu era rápido na datilografia, aí começaram a vir documentos... Um dia veio um rapaz falando: “eu quero fazer o mestrado em Portugal”, eu olho pra ele e digo: “Mestrado em Portugal? Pode ser uma boa ideia”. O que eu fazia? Na Coreia eu trabalhava como jornalista na rádio de ondas curtas e eu ficava lendo. Lia muitos livros, literatura... Tanto que quando eu vim pra cá eu tinha uma mala de 127 livros. O que tinha de diversão? Tinha pouca coisa em inglês, vivia-se uma ditadura, com isso eu lia muita literatura. Então pensei: “literatura pode me interessar”. Quando veio isso, eu fiz pro rapaz, mas antes pedi para tirar uma fotocópia, fiz o meu, pedi cartas de recomendação dos professores da faculdade, eles mandaram, eu enviei para Portugal e três meses depois veio a notícia da bolsa, que não era bolsa de mestrado, era outra...

I: Eu pergunto isso porque você não corresponde ao perfil do imigrante da primeira vaga, da década de 1980, aqueles profissionais liberais...

J: Eu cheguei antes deles...

I: Quero dizer que você não veio para trabalhar, já tinha uma trajetória internacional...

J: Exato. Eu vim antes, porque a leva começa no meu segundo ano aqui, começa em 1987. Eu nesse segundo ano, já que não tinha bolsa, comecei a trabalhar pra Folha de S. Paulo como correspondente freelancer. E eu acompanhei o começo dessa leva, quando surge... Vieram alguns, por acaso os dentistas, e aparece uma matéria na Veja, se não me engano, dizendo de dentistas ganhando 10 mil dólares por mês aqui, e a partir disso começa a vir gente atrás... Então dá pra identificar nessa matéria o começo...

I: Foi o disparador?

J: Antes da eleição do Collor houve uma crise enorme no Brasil, então ir pra um lugar em que não precisa falar uma língua diferente, apesar que há a ideia dos códigos serem os mesmos e não é, é um erro, não usa a mesma forma de tratamento... Então eles, com essas

ideias todas, muita gente veio pra cá, eu conheci por exemplo, gente que veio pra cá, eu entrevistei na época, porque estava na rua, assistiu a 5 metros dele um assalto, a pessoa deu dinheiro, mas mesmo assim levou um tiro e morreu na frente dele, então voltou pra casa, pegou mulher e filhos e vupt... Veio pra Portugal.

I: Em 1986 havia alunos brasileiros?

J: No mestrado, naquele ano, havia mais uma brasileira, mas muito poucos brasileiros na faculdade.

I: Era uma presença então, quase inexistente?

J: Essa brasileira tinha... Ah, uma das professoras era brasileira, do mestrado.

I: [Explico o meu projeto]

J: Conheço e escrevi muito sobre isso [a segunda vaga].

I: Você, como imigrante e jornalista, nessas notícias que começaram a se tornar mais frequentes a partir de 2000 sobre esta imigração brasileira mais pobre, notou alguma mudança de representação?

J: Houve. Na imprensa portuguesa houve durante um período a caracterização do brasileiro como bandido e da brasileira como prostituta. Era muito claro isso, e isso refletia-se no ambiente social. Por exemplo, eu conheci uma húngara que, quando um português disse que parecia uma brasileira, ela deu um tapa na cara dele e ela trabalhava num lugar que eu ia, numa papelaria onde comprava canetas, ela me contou isso... [risos].

I: Mas você sentiu que foi algo que se intensificou nessa época ou já se notava antes?

J: Na época que eu cheguei, primeira leva, havia 3 reações dos portugueses em relação aos brasileiros. Reações típicas e na época eu classificava de reações sociais. Havia a camada mais pobre da sociedade portuguesa que dizia: “Ah, você é brasileiro? De São Paulo? Eu tenho um primo meu que tem uma padaria no Ipiranga, o nome dele é Manuel, você conhece?”, como se São Paulo fosse uma aldeia [risos]. Mas gostavam de brasileiros, eram muito próximos ainda da vaga de emigração portuguesa para o Brasil, da década de 1960. Quer dizer, a emigração da década de 1960/ 70. Nessa época a classe mais pobre ia pro Brasil, a classe média pra França, também fugindo... Também teve os mais pobres que iam pra França, porque era mais perto e mais fácil fugir, mas quer dizer, ainda havia muita proximidade dessas pessoas. Depois, nessa época da primeira

imigração, havia um grupo, de uma classe mais alta, e o que aconteceu em 1975 em Portugal foi que praticamente toda a classe mais alta foi pro Brasil...

I: Aquela ligada ao Estado Novo...

J: Exatamente... Mas não só. Então havia uma espécie de gratidão dessa classe mais alta em relação ao Brasil, aos brasileiros, porque o Brasil fez coisas que... Nunca mais. Por exemplo, um advogado chegava só com o cartão da Ordem e começava a trabalhar no dia seguinte, podia trabalhar, engenheiro... Quer dizer, fizeram todas as facilidades para as pessoas em 1975 quando fugiram daqui, engenheiros começavam a trabalhar só com um cartãozinho... Não precisava de reconhecimento de diploma, não precisava de nada... Bom, e depois havia o que eu chamo de uma camada mediana que com a vinda dos brasileiros já da primeira imigração que se sentiam ameaçados, por exemplo os dentistas, os informáticos, os publicitários... Porque o mercado publicitário brasileiro era muito mais dinâmico que o mercado português, então os publicitários brasileiros vinham pra cá, falavam outra linguagem, ganhavam todos os prêmios, mas ajudaram a levar a publicidade portuguesa a um outro nível dentro da Europa. O prêmio Leão de Ouro ganhou, se não me engano, foi... Eu conheci, eu entrevistei os dois, não sei se foi o Gérson ou o outro... Já não me lembro, mas acho que foi o Gérson com o primeiro Leão. Então, sabe, era outra coisa, e as pessoas se sentiam ameaçadas desse grupo que vem aqui e tira o nosso lugar. O problema dos dentistas começou, pelo que soube, numa clínica onde tinha 2 cadeiras, uma com um brasileiro e outra com um português, e o português estava sem ninguém e o brasileiro tinha fila... Então começou: “Temos que acabar, temos que fechar o mercado”.

I: E isso se refletiu na imprensa?

J: No dia-a-dia.

E: Me refiro à imprensa...

J: Exato... Dizendo que a formação dos brasileiros não era tão boa quanto a dos portugueses...

I: Você caracterizaria como uma cobertura preconceituosa..?

J: Sim, não, talvez... Quer dizer, quem falava isso eram os profissionais e a imprensa aceitou isso de forma acrítica... Era uma forma de assumir o preconceito. Bom, e depois dessa vaga, começa a vir aos poucos pessoas que não são formadas, porque a crise se



abateu... Há vários momentos dessa segunda crise, dessa segunda vaga, e uma parte dela era... Porque na Região de Minas Gerais, de Governador Valadares e entorno, que é considerada a região que mais exporta emigrantes do Brasil, e os Estados Unidos começou a barrar a concessão de visto a quem vinha dessa região, então para muitos a saída foi vir para Portugal, então havia... E uma grande parte era considerada como uma imigração brasileira de cidades médias economicamente deprimidas, quer dizer, era a região de Londrina, de Maringá, tinha muita gente dessa região, de Valadares, mas daí era por outros motivos, tinha gente que vinha do interior do Espírito Santo. Quer dizer, não eram as grandes cidades, você via relativamente pouca gente de, sei lá, São Paulo ou Rio, mas mais gente de cidades que não eram tão grandes e a economia, por conta dos vários problemas econômicos, não tinha conseguido se recuperar.

I: Esta foi a primeira reportagem que eu encontrei sobre a segunda vaga. [mostro capa da *Pública* sobre os ilegais brasileiros]

J: Uma das características era pessoas que, apesar de terem o secundário, o nível de conhecimento deles, até por estarem afastados do centro e não terem investimentos públicos em educação de qualidade, então... Às vezes, eles até tinham mais anos de estudo que os portugueses, mas menos conhecimentos, menos capacidade técnica, existia na época uma coisa que se falava muito, que os brasileiros tinham mais simpatia que os portugueses, eram mais simpáticos para o atendimento, gostavam de ter brasileiros para atender porque faziam mais pelos clientes que os portugueses...

I: Ainda há esse imaginário...

J: Sim, mas era o que se dizia nessa época. Então, muitas vezes em lojas, em restaurantes, eram brasileiros que atendiam por conta dessa simpatia...

I: [explico o aprisionamento étnico dos imigrantes brasileiros em relação ao mercado laboral, segundo perspectiva do Igor Machado (2003)] E você sente que os imigrantes brasileiros se tornaram mais frequentes nos jornais?

J: Sim, se tornou mais frequente. Houve o caso de um assalto a uma agência do BES em que um atirador da força policial abateu e foi dado nos jornais *boom*: “Brasileiros assaltam...”. Sempre que um português cometia um crime era “um crime aconteceu”, quando era brasileiro a palavra “brasileiro” sempre aparecia como indicação, até houve

uma indicação, uma decisão da ERC no sentido de não se identificar a nacionalidade do criminoso.

I: Sabe onde encontro este texto da ERC?

J: Saiu na ERC...

I: Eu não encontro.

J: Bom, houve isso porque tornou-se notório... falava prostituta, “brasileira”, falava de brasileiro, ladrão...

I: Isso não foi só referente aos brasileiros (à recomendação), mas à caracterização de outros migrantes, não?

J: Não... A questão é que a quantidade de brasileiro era muito maior que a de qualquer outro migrante, imagina que tendo ex-colónias e um processo de descolonização recente, havia muitos imigrantes das ex-colónias e o Brasil ultrapassou muito rapidamente todas as outras, todas as ex-colónias africanas e ficou até hoje como a maior. E depois veio, não tenho dados exatos, por uma divisão de tarefas das máfias, o número de imigrantes ucranianos e moldavos foi muito grande. Estes traziam pra cá, os russos traziam pra Espanha, pra Inglaterra... Quer dizer, houve uma divisão de território, pelo menos era o que se falava na época...

I: E isso também não foi algo muito retratado pela comunicação social, não é? Por que ficou conhecido apenas como “Bloco de Leste”.

J: Havia do Leste os ucranianos e os moldavos, eram estes dois grupos nacionais... Por que ucranianos e moldavos e não russos? A Rússia também estava em crise, tinha acabado a União Soviética, mas eles estavam indo pra Espanha, iam pra Inglaterra, Reino Unido... Então quer dizer, essas... Não sei até que ponto é real, mas naquela época o que se falava é que isso era uma divisão, uma máfia mandava pra cá, outra máfia mandava pra lá e não se cruzavam... Porque havia também um processo de exploração dos trabalhadores que eram obrigados a entregarem às máfias uma parte dos seus salários, isso era sabido e havia na época notícias em relação a esses grupos...

I: Você também trabalha para os jornais daqui?

J: Agora estou trabalhando para aqui. Durante muito tempo recebi esporadicamente, mas agora tenho feito mais, até por uma situação de estar fazendo o doutoramento, cortei

muito do que fazia. Trabalhei inicialmente em... Então, em 1987 comecei a trabalhar para a Folha de S. Paulo, não tinha nenhum outro jornal com alguém aqui, logo que eu comecei a trabalhar, vieram...

I: Nenhum?

J: Nenhum. Logo que eu cheguei tinha um jornalista brasileiro, que era o Duda Guennes na época, que trabalhava no jornal A Bola e fazia algumas coisas para um jornal do Nordeste, já nem lembro, lá do Recife... O Jornal do Comércio. Escrevia de vez em quando, até porque o Jornal do Comércio não tinha condições de mantê-lo aqui. Então eu comecei a trabalhar em 1987, dois meses depois o Estadão manda alguém, depois O Globo, depois o JB, então depois de seis meses que comecei a trabalhar, toda imprensa brasileira já estava representada aqui.

I: Foi coincidência?

J: Quer dizer, não sei se foi coincidência... Portugal tinha entrado recentemente na União Europeia, nas comunidades europeias, coisa assim... Então tinha notícia, era um acontecimento, havia um crescimento económico muito grande, havia investimentos europeus muito grandes no país, então era uma mudança que valia a pena ver...

I: Talvez também tivesse a ver com este fluxo de imigração que começou nos anos 1980, não?

J: Não... Quer dizer, os outros chegam quando começa o fluxo, mas eu tô aqui antes...

I: E para os veículos daqui, você geralmente fazia algo?

J: Quando apareciam coisas. Fiz coisas pra... Já nem lembro, fiz tantos. Pro Público... Quer dizer, Público não lembro, mas devo ter feito... Mas pro Diário de Notícias, pra televisões, para rádio... Já tenho trabalho aqui... Pra revista de Estudos Estratégicos Internacionais sobre... Quando aparecia, quando alguém vinha bater na porta dizendo “queremos um texto sobre isso”, eu fazia.

I: E você sentiu alguma interferência no texto?

J: Não. Quando eu cheguei sentia que o texto do jornalismo português era um texto marcado por uma... Não sei... Não tinha a mesma escola que o jornalismo brasileiro...

I: Era o nariz de cera... [risos]

J: Era o nariz de cera, era um texto muito diferente, vamos dizer assim... E, geralmente, gostavam do meu texto, então por isso sempre fazia mais...

I: Então houve uma boa inserção?

J: Exato. E depois teve em 2000 e... Iii, já não lembro quando, surgiu uma revista aqui, em 2001, uma revista chamada Época. Depois houve outra revista chamada Época, mas é outra revista, outra empresa.

I: É, no Brasil tinha Época... É outra coisa?

J: É, é... E eu fui convidado pra ser subeditor de internacional e eu fui durante seis meses, parei de trabalhar pra Folha, fiquei seis meses trabalhando para esta revista Época e, sei lá... Eu escrevia, fazia internacional, coisa assim, era uma loucura completa. Fazia de 8 a 12 páginas de revista por semana...

I: Por semana?

J: Foi a época do impeachment... Eu lembro disso.

I: Do Collor?

J: É... Eu pegava o telefone, fazia uma entrevista com a tropa de choque do Collor e entregava... Depois fazia entrevista lá com o Supplicity...

I: Mas essa revista era semanal?

J: Sim, semanal. Fiz uma entrevista muito boa com o embaixador russo, explicando o que estava acontecendo, era interessante entender o que estava acontecendo... Enfim, foi uma série de coisas que eu consegui fazer muito boas nessa revista. Então depois disso aí, eu voltei a trabalhar pra Folha.

I: [mostro as peças “Assassinato por encomenda” e “Crimes à brasileira”]

J: Sim, eu noto isso não só em relação aos brasileiros, mas em relação aos países africanos de língua portuguesa. Existe uma visão [colonialista?] mais em relação aos países africanos... Por exemplo, há ditadura em todo lado, mas quando há em Angola é algo muito mais próximo, então, é isso...

I: Eu fico imaginando como é para um jornalista brasileiro escrever para a imprensa daqui...

J: Portugal sempre significou muito pouco para o Brasil. Quer dizer... O Brasil pra Portugal sempre significou muito, era, sei lá, a maior realização de Portugal... Que o Brasil é o grande feito português, até porque os países africanos não atingiram o nível que o Brasil atingiu... Então o português olha muito pro Brasil, mas o Brasil olha pros Estados Unidos...

I: Por isso me surpreendeu quando você disse que não existia jornalistas brasileiros em 1986 aqui baseados... Pensando em nossa relação de proximidade, parece meio absurdo à primeira vista.

J: O comércio era ridículo entre os dois países, era muito baixo e normalmente o comércio era o mercado da saudade... Sei lá, era o azeite e o vinho. Ia pra lá, vinha pra cá... Bom, já nem lembro o que ia todo ano, o quanto o Brasil estava exportando, importando, era uma coisa absurda... Não era muito, mais era pelo menos 1 bilhão, 1 bilhão e duzentos de cada lado, com uma diferença de que naquela época o Brasil tinha um superávit. O Brasil tinha um superávit, mas que deveria ser 1/6 ou 1/5 do que é atualmente, ou nem isso, então Portugal não significava muito para o brasileiro. Existia os brasileiros de origem portuguesa, mas aí é outra coisa, eles vinham pra aqui, mas não pro comum dos brasileiros, no dia-a-dia dos brasileiros Portugal era muito longe...

I: Penso que ainda hoje isso persiste...

J: Já é mais próximo. Por exemplo, você tem mais trocas culturais, você tem mais... Por exemplo, naquela época vinha... O Chico vinha pra cá cantar, mas não havia portugueses que iam para o Brasil tocar. Por exemplo, a chegada do Madredeus no Brasil virou o mundo.

I: Mas isso foi mais também por conta daquela minissérie, “Os Maias”...

J: Nem tanto, mas fez parte... Madredeus abriu um caminho lá no Brasil...

I: Algo que eu já li em alguns autores é que o que reforçou essa imagem da brasileira sensualizada foram as telenovelas... Eu, particularmente, acho as novelas muito conservadoras...

J: Sim, mas pensa o seguinte. Havia uma cultura que veio dos 48 anos do salazarismo muito repressora e de repente aparece a Sónia Braga na Gabriela...

I: É, essa [novela] particularmente tem uma sensualidade bem acentuada...

J: Exato. E era uma coisa... Por exemplo, o Mário Soares parava o conselho de ministros para ver a novela, porque não havia videocassete na época. Chegaram a parar uma sessão do parlamento para ver o último capítulo da novela, que é uma coisa inimaginável hoje. Então quer dizer, havia essa presença cultural muito maior.

I: Quando eu vinha pra cá criança eu notava que as novelas brasileiras eram muito populares, mas hoje já vejo que as portuguesas predominam...

J: Sim, as portuguesas falam mais para a realidade portuguesa, para as pessoas porque a novela, como todo folhetim, na época os folhetins literários, agora os televisivos, são construídos com base em um diálogo com a realidade em que o país vive...

I: Então vê como natural esse predomínio..?

J: Sim, é mais fácil falar de algo que esteja próximo que... Bom, tem relações, mas não é a mesma coisa.

I: E melhorou também a qualidade das novelas portuguesas...

J: Sim, eram muito ruins. E as primeiras novelas foram escritas por dramaturgos brasileiros, eu entrevistei dramaturgos aqui que ficavam fechados numa casa em Cascais escrevendo capítulos e capítulos, para depois tirar e adaptar isso para a realidade portuguesa, às vezes era um pouco difícil, era reescrever, reescrever... Mas chegavam aqui e ficavam fechados...

I: Outra coisa que me chama a atenção na análise nas notícias é que o peso cultural do Brasil é muito forte e a reorientação é muito boa... [explico as diferenças de tratamento verificadas em relação, por exemplo, aos imigrantes]. Há essa diferença clara, não é?

J: Sim, e não esquece que também teve um papel... Por exemplo, acho que em nenhum outro país o Jorge Amado é tão lido... Ajudou na formação de sei lá quantas pessoas...

I: É... Eu pro exemplo só conheci o Jorge de Sena aqui...

[breve discussão literária]

I: No segundo período de análise deu-se muita atenção aos brasileiros que estavam voltando...[mostro algumas reportagens]

J: também fiz sobre isso...

I: Você tem alguma hipótese para o interesse jornalístico com essa comunidade que estava indo embora?

J: Bom, primeira coisa é que a pauta do momento era a crise portuguesa e foi primeiro... No momento em que... Se falou muito de brasileiros quando estavam vindo, então na crise tinha a pergunta: “o que acontece agora com os brasileiros?”. Os brasileiros começaram a ir embora, a procurar outros países europeus porque Portugal não estava em condições, foram pra Inglaterra... Muitos voltaram, coisa assim... E muitos não se adaptaram ao Brasil, então mesmo na época da crise voltaram pra cá porque não conseguiam mais se adaptar ao Brasil...

I: Essas eu não vi... Eu vi só falando dos que estavam voltando...

J: Não?

E: Não.

J: Não sei... Eu encontrei várias pessoas nessas situações...

I: A emigração portuguesa para o Brasil também se intensificou nesse período e foi bastante retratada pelos jornais...

J: Isso foi de 2005 em diante...

I: Mas o foco foi em 2011, no contexto da crise mesmo...

J: Sim, mas já havia uma vaga mesmo num momento ainda de crescimento económico... A partir de 2005, com a segunda vaga de empresas portuguesas para o Brasil. A primeira foi em 1995 com o Guterres [elegendo o Brasil] como prioridade económica, aí quando o Sócrates assume ele diz: “não quero colocar todos os ovos no mesmo cesto”, ele falou algo assim, “só o Brasil não será minha prioridade”, isso ele falou numa entrevista que ele deu, eu tava lá...

I: Começou a se privilegiar a Espanha...

J: Exato, porque é mais próximo e coisa assim... Aí em 2002...

I: [explico que o fluxo emigratório recente português para o Brasil não foi tão intenso como se falou]

J: Até porque em relação ao Brasil existem muito mais dados concretos... No Reino Unido, assim como na Europa, com a liberdade de circulação, você não sabe o número...

Falam em 30 mil, mas podia ser 50 mil, 60 mil... Porque você não é obrigado a se registrar no consulado, não tem que pedir residência para morar no Reino Unido, simplesmente chegava lá, arranjava um emprego, começava a trabalhar e não havia dados concretos de quanto era exatamente o número de portugueses que estavam lá. Então, apesar de ser maior, é muito difícil... Poderiam ser muito mais que esses 30 mil que você tá falando, porque você não tem a noção...

I: E pra trabalhar não precisa...

J: Não precisa nada... Esse número é uma estimativa absoluta. No Brasil não, quando você fala 5 mil, passaram no consulado, pediram visto...

I: Não, é de entrada... Dados da Polícia Federal...

J: Sim, então você tem esses dados concretos... No Reino Unido você não precisa, você entra com o cartão do cidadão, então não fica...

I: Eu conversei com alguns portugueses e eles ficaram com a impressão de que, no contexto da crise, estava todo mundo indo para o Brasil, criou-se esse imaginário aqui, não sei se você sentiu isso... Mas se for ver os números, não foi tanto assim, foi um contingente meio incipiente... Para finalizar... Já sentiu algum tipo de discriminação ou preconceito aqui por ser brasileiro?

J: Sim, alguma coisa... Bom, primeiro que eu não sou fisicamente um brasileiro típico, né... Sou muito branquinho para ver de longe que sou brasileiro...

I: Mas o seu sotaque foi mantido 100%, né? [risos]

J: Eu tive que manter porque quando eu comecei a trabalhar para a rádio “A voz da Alemanha”, a pessoa anterior que trabalhava pra lá era um português e ele foi dispensado porque era retransmitido para várias rádios do interior do Brasil e as rádios do interior do Brasil diziam que não conseguiam entender o que ele falava... Então eu procurei manter para continuar trabalhando em rádio no Brasil e aqui em Portugal eles entendem quando eu falo, então de certa forma eu me policio um pouco para não assumir... Porque, pela minha experiência, o processo começa pela musicalidade da fala e depois você tá falando as expressões... Mas quando eu ligava lá pro Brasil, eles diziam: “tem um português aqui na linha” e aqui me dizem que é um brasileiro, então... Não me considero mais nada, porque tô aqui...



I: Então você não sentiu um preconceito muito forte?

J: Senti algumas coisas... Por exemplo, já entrei num táxi e o cara passou a viagem toda falando mal de brasileiro... Teve o caso de uma cobertura, um colega português começou a falar mal do português do Brasil...

I: Falando da escrita?

J: É, como nós falávamos, escrevíamos, coisa assim... Então expliquei pra ele que, se ele quisesse ler Camões, ele lia no português do Brasil, se não... Você não tem proparoxítonas em Portugal, os portugueses comem vogais, então... [risos]. Isso cientificamente é real, não dá pra negar, houve um processo de fechamento da fala em Portugal desde o século XVI e no Brasil isso não aconteceu. Então o português do séc. XVI de alguma forma é mais próximo do português brasileiro que o português atual. Então, quer dizer... A pessoa ficou meio sem graça...

I: Foi uma resposta elegantíssima...[risos]

**Entrevista: Maria Magdala.**

[Antes de iniciarmos, a pedido da entrevistada, volto a explicar a investigação e o interesse em entrevistá-la, por ser imigrante e dirigente de uma associação em defesa dos direitos dos migrantes]

M: Obrigada por ter lembrado, Ester, também é um prazer recebê-la. Gosto do seu foco, que é... No caso dessa minha entrevista, pessoalmente, que você coloca dois pontos: a minha pessoa enquanto imigrante e a minha enquanto especialista, não é? Realmente, eu reúno as duas coisas, a dirigente de uma organização, que eu considero mais um movimento hoje, do que uma organização burocratizada, mas é formalizada, mas considero um movimento pela independência, não é? Um movimento que, da forma como é trabalhado, tá mais para um movimento... Mas eu só queria esclarecer que quando você me coloca a especialidade da Comunidária como o trabalho doméstico, de facto este foi o trabalho de mais visibilidade, mas a Comunidária sempre trabalhou focada nas migrantes, principalmente nas mulheres migrantes, periféricas... Periféricas no sentido de que vêm dos países periféricos, e no caso da Comunidária o foco é no Brasil e em alguns países africanos. Em alguns momentos da nossa história, chegamos a atender grupo de nepalesas e nigerianas, quer dizer, sempre foi as migrações, as mulheres migrantes e essas situações vulneráveis, não é? Que nós mulheres, eu me incluo nesse meio, encontramos, mas este trabalho doméstico foi resultado deste trabalho, foi um projeto em resposta ao trabalho com essas mulheres migrantes de países periféricos.

Quanto à questão do trabalho sexual, ou prostituição, como preferiam chamar... Porque a Comunidária não está entrando na discussão, sabe Ester? Da palavra “trabalho sexual”, “prostituição”, nós usamos as duas palavras. Quem quiser “trabalho sexual”, fica com ela, quem não aceita a nomenclatura, usa “prostituição”, essa é a visão da Comunidária. Dizer o que preferimos... Essa questão dos direitos humanos tem entrado no setor da prostituição, mas nós não entramos, só entramos visivelmente com o lançamento da petição...

I: Vocês sempre tiveram essa posição em defesa da legalização?

M: Essa posição vinha amadurecendo, Ester... Mas nunca tivemos outra, porque nunca tivemos uma posição, era um trabalho que entrou no âmbito político, assim como entrou o trabalho doméstico. Nós não tínhamos essa clareza, mas também não tínhamos outra posição, no começo do trabalho em 2008 também não tínhamos a clareza sobre o trabalho

doméstico digno, a gente só atendia pessoas, pessoas, pessoas, como se estivesse apagando incêndio...

I: Aí foram coletando informações..?

M: Sim, porque só estávamos apagando incêndio... Quando fomos verificar, com a entrada de pessoas voluntárias, da Universidade principalmente, que começamos a ficar atentos aos casos, porque quem está envolvido diretamente, muitas vezes se fecha na rotina do dia-a-dia e essas pessoas como você que apareceram assim na minha vida e na vida da Comunidária, começaram a acompanhar a Comunidária e disseram: “nós temos aqui um outro ponto”. Foram essas pessoas... E eu tenho até o nome delas, “nós temos aqui um problema”, esse problema se concentra no trabalho sexual, os maiores casos eram também no trabalho doméstico... Mas não foi fácil, assim como também não foi a do trabalho sexual, essas posições não nascem assim...

I: Elas não são dadas, né?

M: Sim, nem foram dadas pra gente, não é que alguém maior que a Comunidária veio aqui, deu uma ordem, “a nossa posição é essa”, e a gente incorporou... Não, foi algo mesmo, eu diria, muito amadurecido, muito do terreno, foram conclusões do terreno, não foram conclusões acadêmicas, sem desvalorizar a academia, mas eu preciso dizer que não foram acadêmicas essas posições, foram posições tomadas de facto no trabalho do terreno... Primeiro, eu gosto de dizer que foram posições tomadas no terreno, de direitos humanos, e depois sim, todas as posições que a gente toma são políticas, têm uma ideologia, mas não foi uma ideologia que veio primeiro e depois uma posição, foi primeiro o atendimento, primeiro ouvindo as pessoas, numa visão sempre de direitos humanos, independente, sabe? Sempre independente, sempre de direitos humanos, direitos humanos, o que avaliamos como direitos humanos, o que é justo... Sempre foi uma visão muito de direitos humanos, e independente de outras organizações, volto a dizer, e independente também da posição partidária. Não nos preocupamos de partidos gostarem da gente e não nos preocupamos de em que ideologia nós estávamos enquadrados, nós respondemos a uma coisa, é isso que nós achamos... Então, foi primeiro a demanda.

I: [Questiono a invisibilidade da Comunidária nos jornais consultados em reportagens sobre prostituição]. Você já foi procurada por jornais?

M: Não, porque nós também só tomamos essa posição agora, há um ano a petição foi lançada e vou justificar porque tomamos essa posição só agora... Por quê? São diversos fatores... Primeiro lugar foi uma oportunidade, o tema prostituição começou a se tornar mais visível em Portugal e várias instituições onde a Comunidária estava inserida como parceira, não parceira financeira, mas como parceira em Portugal, em movimentos feministas, em organizações... Começaram, eu não diria a pressionar, mas a pedir uma posição da Comunidária, esse movimento de alteração da lei, uns abolicionistas, outros proibicionistas... E a gente tava envolvido com alguns parceiros abolicionistas e até proibicionistas, entendeu? E houve ali, não digo uma pressão, mas houve uma...

I: Pra se posicionar...

M: Sim, e a gente não estava querendo simplesmente se posicionar como alguém pra fazer mais massa ao que já estava estabelecido, e vimos que absolutamente nenhuma das organizações, Ninho que está há anos, organizações feministas, abolicionistas, nenhuma focava a questão das migrações... Mais uma vez a questão das migrações tinha sido deixada de lado...

I: Não abordam?

M: Sim, se você observar, toda a temática hoje que sai nos jornais, a gente só saiu depois da petição, depois da petição eu já fui entrevistada, saiu no Público, e vários debates promovemos... O que acontece? Nenhuma, se você puder verificar, nenhuma lançou uma petição de sensibilização no país, nem abolicionista, nem proibicionista, nem relacionado à questão da legalização, ou regularização, como alguns preferem dizer... Portanto, encontramos aí uma lacuna, pera aí, ninguém fala mais uma vez a temática mais importante, que é o crescimento da prostituição no mundo das migrações. As migrações são muito importantes, a temática migrações, ela não é uma temática marginal para o tema prostituição, existem relatórios financiados por nossa entidade parceira, a Mamacash, de Amsterdam, que é uma defensora do direito das trabalhadoras sexuais e trabalhadores, a Mamacash há 5 anos financia a associação Comunidária, quer dizer, existem relatórios hoje na Europa que demonstram que, dependendo da região, que de 35% a 45% das trabalhadoras sexuais são migrantes...

I: [Explico que nos jornais analisados, ao contrário, o tema da prostituição sempre esteve atrelado às migrações, sobretudo à brasileira, e mostro algumas reportagens] Prostitutas em Portugal tornaram-se nos jornais metonímia para brasileiras...

M: Sim, puta. Mas é só você verificar, a abordagem dessas associações é sempre uma abordagem voltada para o tráfico, quando ela vai falar na palavra “migrações”, ela não fala em migrações, ela fala em tráfico de seres humanos, em tráfico para fins sexuais... Ela não usa a palavra “imigração” e as últimas reportagens que temos acompanhado, uma a uma, não passa uma, a gente tem uma assessoria de imprensa, não passa uma reportagem há mais de um ano, a gente vem acompanhando todas... Não é um Observatório formal, porque já temos os observatório do trabalho doméstico... Quer dizer não é formal, mas é um observatório, e verificamos que neste último ano utilizam a palavra “tráfico de seres humanos”, ela não fala “migrações”, e outra, há uma recomendação que nós enviamos aí na União Europeia, na Universidade não pode mais falar da origem, da etnia, isso é uma recomendação que os jornais...

I: Há essa recomendação, mas não aplicam sempre, porque ainda falam “brasileiras”...

M: Ainda falam “brasileiros”, mas é uma percepção que eu tenho, minha, de que quando eu cheguei, de 2007 pra cá, há uma redução... Eu não posso dizer que isso é uma verdade, Ester, mas é a minha percepção, continua, mas é menos... Então, voltando, eu não vejo... Quando algumas associações perguntaram porque a Comunidária entrou sozinha na petição, não entrou, mas nós lançamos uma petição que ninguém tinha lançado, abordando o tema dos direitos das pessoas imigrantes dentro da temática “prostituição”. Ninguém lançou... E para que isso seja primeiro atingido, precisa a tal da profissão legalizada [diz com ênfase], que não é legalizada. Não é criminalizada, mas não é legalizada...

I: Que nem no Brasil, né? Fica um limbo...

M: Um limbo... Não sei a quem interessa...

I: Eu, lendo as reportagens, retive a impressão que apenas o ato de chamar uma amiga, por exemplo, para trabalhar num bar de alterne já é considerado tráfico...

M: Falso, e escreva isso, que eu tô louca que a mídia me entreviste, mas fale a verdade...

I: O que aqui entra como tráfico, então?

M: O que entra como tráfico... A Comunidária já foi sinalizadora de tráfico de seres humanos em Portugal, saímos em razão da nossa pouca estrutura, em razão da insegurança... Então nós temos experiência com o tráfico, nós temos dois guias de sinalização, seja ele para qualquer fim, sexual ou qualquer trabalho... O tráfico é tráfico,

mas os critérios de cada país... Realmente, há critérios para colocar o estatuto de tráfico... Eu pergunto à Ester, quantas mulheres em Portugal já receberam o estatuto de tráfico? Nós já fizemos o pedido... Quantas? As brasileiras quando saem nas reportagens saem como traficadas, e a gente desconhece qualquer estatuto de tráfico, de vítima, a gente encontra uma reportagem “encontramos uma rede de tráfico de seres humanos”, e nós não sabemos quantas são as traficadas, porque em Portugal existe um estatuto de tráfico, existe uma recomendação, tem vários critérios... E onde é que tá essas pessoas? A gente quer conhecer... Maria Magdala e Comunidária sinalizavam tráficos seríssimos e para se enquadrar em tráfico de seres humanos é necessário exigir vários critérios, não é um, nem dois, não pode apenas existir o critério falso-moralista, de repente tudo vira tráfico, como você fez uma ótima pergunta pra mim... Isso de uma amiga convidar e tal, é falso, isso não é tráfico, tráfico reúne vários critérios, no mínimo três... Roubo de documento, apreensão de documentos, não circular é outro critério... Outro critério: não ter descontos para segurança social, se juntar esse critério de não fazer desconto para a segurança social, toda pessoa em Portugal, sendo homem ou mulher, já tem um ponto para ser categorizado como tráfico que é a questão laboral... Não existe um trabalho legalizado, então é claro que todas vão ter a pontuação...

I: Mas apenas um desses aspetos não é suficiente para categorizar, correto?

M: Não, não é... Até pelos critérios do próprio governo, do que é o guia de recomendação de tráfico, o governo tem um, eu tenho aqui uma cópia.

I: É que isso na verdade é um assunto complexo... [Explico como a cobertura sobre a prostituição de brasileiras oscila entre uma representação estereotipada e uma representação vitimista e pergunto a sua opinião]

M: Como é que eu vejo a comunicação social? Eu vejo a comunicação social, e não só a comunicação social, depois eu falo, que eu faço um trabalho de campo, tá? E não vamos ficar aqui no discurso midiático, porque as mídias são empresas, são grandes corporações, e eu sou uma mulher formada em marketing na Fundação Getúlio Vargas, tenho uma visão muito pragmática sobre tudo isso... As grandes corporações falam o que o cliente quer ouvir, então, elas reforçam – a minha formação primeira é marketing –, elas reforçam o que o mundo quer ouvir, não é que ela seja só a criatura do evento, elas reforçam o que as pessoas querem ouvir, o que está no inconsciente coletivo... E eu vejo que há um falso moralismo evidente, um machismo do tamanho do mundo, não é? Por que há dados na

Europa que Portugal é o primeiro no continente de filhos sem pais... É muito importante a gente sinalizar isso, há filhos sem pais, onde a prostituição, os serviços da prostituição, e eu gosto mesmo de separar, de falar “serviços”... Não estou falando de tráfico aqui, estou falando de serviços de prostituição, é bom deixar claro, não estou falando da venda do corpo, estou falando de serviços relacionados à prostituição e o que eles geram... Eu vejo um falso moralismo imenso, uma história colonial resiste, resiste... É a minha visão, Ester, não tô dizendo que eu tenho a verdade, por favor. É um colonialismo, uma mentalidade colonial presente, tão presente quanto está aqui no trabalho doméstico, aqui são as servas, as imigrantes africanas e as próprias brasileiras, que não se comportam como servas também, não é? Eu vejo uma prática colonial e elas não vêm só dos homens, elas também representam a visão das mulheres portuguesas em relação às mulheres das ex-colônias, não é só a visão do homem que vai usar o corpo, engravidar a mulher negra ou a brasileira... Não, não vejo isso. Eu também vejo a reprodução disso na mulher portuguesa...

I: Eu sinto que o realce desse aspeto sensual é mais forte nas brasileiras, mas você também sente isso em relação às mulheres dos Palop's?

M: Sim, sim, tem muito isso direcionado a mulher negra de África... O problema é que a nossa história brasileira de facto tem umas características muito particulares, que é o nosso corpo. O nosso corpo, a nossa sensualidade não foram só comprada pelos estrangeiros, ela foi vendida, o país vendeu o nosso corpo. A gente também tem que olhar pra dentro, não é só olhar a Europa, os portugueses... O mundo todo nos vê assim, mas aqui há um reforço porque nós fomos colonizados por Portugal, tem essa característica, diferente de tá na Espanha, diferente de tá na Alemanha...

I: E há um consumo cultural brasileiro muito forte...

M: Exatamente, e tudo reforça...

I: As novelas brasileiras quando chegaram aqui, nos anos 1970, foram consideradas um pouco ousadas em termos de costumes...

M: Sim, mas adoraram! Adoraram, foi reproduzido, os padrões femininos das mulheres brasileiras, muita gente comenta, foi reproduzido a história do cabelo longo, a história de pintar as unhas, os estereótipos, vários foram trazidos pelas brasileiras... Da mesma forma que os americanos colocaram vários valores na gente, de peito e de bunda grande, os

valores trazidos das novelas brasileiras pegou também! Várias mulheres portuguesas foram influenciadas pelos valores de estética brasileira, elas não gostam de assumir isso, mas vários foram... E os homens, se você fala, vão agradecer porque acham que houve uma melhoria nos padrões estéticos, houve uma influência, como nós, volto a dizer, também sofremos dos Estados Unidos, nós sofremos muito, o Brasil sofreu muito com essa mudança... Então, quer dizer, eu vejo na verdade uma característica colonialista, é a palavra que eu dou que vai além do machismo...

I: É algo que você identifica na sociedade portuguesa e vê reproduzido na mídia?

M: Sim, porque de facto a nossa origem brasileira começou com Pero Vaz de Caminha, é só ver a carta, é só ver a índia... Como é que a gente... É colonial, eu vejo como uma visão colonialista e vejo sim a separação e volto a repetir: colonialismo não só dos homens, vamos lembrar das mulheres, vamos lembrar das mulheres, como é que as sinhazinhas tratavam as suas mulheres, as índias, as negras representavam o perigo para as mulheres brancas...

I: Mas num contexto transnacional, a questão racial geralmente não entra... Imigrantes brasileiras brancas, de fenótipo europeu, também se sentem discriminadas em razão desse estereótipo conotado às mulheres brasileiras.

M: Não entra, concordo plenamente com você Ester, não entra, entra a questão da nacionalidade. Eu vejo esse ponto do colonialismo, como eu tive a sorte, a oportunidade de trabalhar com esses setores de marginalização, esses setores que têm a cara da imigração pobre, que é o trabalho sexual e o trabalho doméstico, então eu vejo a presença das características colonialistas nos dois, de uma forma diferente, e vou aqui lhe dar um exemplo: as brasileiras no setor do trabalho doméstico têm a fama de serem as espertas, quando na verdade é uma característica positiva.

I: Esperta aqui que dialoga com aquele estereótipo da malandragem?

M: O que eu vejo que é uma grande fama que as brasileiras têm em Portugal que eu não considero negativo, considero inteligência. Não é esperteza, é uma característica que até me orgulha... Eu me orgulho, não gosto de nacionalismos, mas nessa hora eu digo: “orgulho de ser brasileira”... Qual é a característica que muitas vezes falam? “As brasileiras, o problema das brasileiras é que elas vêm e depois querem contrato rápido e depois dos deixam, querem algo melhor”, e eu: “exato”, eu de facto tenho orgulho das



brasileiras trabalhadoras domésticas, que foram as mulheres mais politizadas que eu encontrei... Querem dar um nome para inteligência, para esperteza, em vez de dizerem “politizadas”, “autodeterminadas”, que é o nome que merecem, não é espertas, é autodeterminadas, auto [frisa], não foi ninguém... A própria característica de sair do país, o pobre, o desquitado, por algum tipo de violência, por querer pagar as contas, e tudo isso numa mulher autodeterminada recebe a característica de esperta como?! É exatamente isso que você tem que fazer, eu me orgulho sim das brasileiras, porque o nível de ilegalidade é baixíssimo, não sei dizer exatamente, mas sei que é, é muito mais baixo entre as brasileiras no trabalho doméstico que nas de África, as brasileiras de facto lutam e vão atrás da legalização, são extremamente pragmáticas, ah são...

I: Alguns autores sobre os quais me debrucei, indicam que, pensando-se numa espécie de escala valorativa, os imigrantes brasileiros estão melhores posicionados que os africanos. Isso é perceptível no atendimento aos imigrantes?

M: Claríssimo. Há sim, uma etnização no trabalho doméstico, vou dar essa palavra, há sim... Por exemplo, é facto que as brasileiras no trabalho doméstico estão nos melhores postos, têm os melhores salários... O que que acontece... Se você for verificar nas ruas, as brasileiras estão no trabalho doméstico qualificado, querem mudar o nome para “assistentes de idosos”, acham que o nome “trabalho doméstico” é estigmatizante, mas é trabalho doméstico de acordo com a legislação portuguesa e os parâmetros mundiais... O que acontece? As brasileiras de facto estão no trabalho mais qualificado, que se chama “cuidar de idosos”. Por quê? Há uma preferência étnica, mas não só uma preferência étnica, mas também... Não só, ficam dizendo essa coisa toda, mas eu também tenho uma outra visão... Tem uma preferência étnica clara nessa visão, mas há também uma questão da língua e do grau de conhecimento, uma questão de conhecimento no cuidado com os idosos... As africanas vêm dessa tradição de cuidar de pessoas mais velhas e as brasileiras também vêm dessa tradição, as brasileiras pobres cuidam de uma mãe, cuidam de um pai, tinham não só os hospitais, têm um know-how incrível pra isso, assim como as bolivianas... Eu fiz na época um estudo, eu morei em Espanha, com a tradição indígena e tudo mais, há toda uma tradição de cuidar de idosos e as brasileiras também... Com mais de 40, 50 anos, são várias que ocupam essa posição em Portugal. Há de facto uma hierarquia, mas por outro lado, essa mesma mulher brasileira, se for mais jovem e adora se arrumar, como tantas que eu conheço, não correspondem ao historial, ao estereótipo de “escrava”, encontra dificuldades.

I: Por quê? Para ter oportunidade teria que estar toda mal ajambrada?

M: “Imagina, uma mulher de vinte poucos anos, nem pensar! Seduzir o meu marido...”.  
Elas ouvem tudo isso.

I: Eu ia perguntar isso... Se não é por conta do estereótipo que há essa recusa em contratar mulheres mais novas.

M: As mais novas escutam isso e se tiver um nível de beleza... Nem precisa ter um nível de beleza, é só se arrumar um pouco... Tem que ir mesmo acabada, destruída. Já vi depoimentos horrorosos, gente falando que ouviu: “como é que você aceitou essa empregada de unha feita?”. Minha filha! Já tive que dizer: “você quer uma escrava ou uma trabalhadora doméstica? De onde você tirou que uma trabalhadora doméstica não cuida das unhas?”. Já ouvi gente reclamar: “Essas brasileiras querem ganhar muito, querem ganhar mais do que eu que estudo”. E por que tem que ganhar menos?! Alguém me explica porque tem que ganhar menos? Eu não compreendo... Eu compreendo. É de facto uma mentalidade escravocrata, colonial que não foi rompida. Na minha visão, não foi absolutamente rompida. E há mesmo essa etnização, quem está com os melhores trabalhos no trabalho doméstico são as brasileiras, dentro esses dois grupos: Palop’s e Brasil.

I: Imagino que seja o grosso, não?

M: Sim, confirma-se. O maior número de trabalhadoras domésticas vêm de Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau. É o grosso completo, uns 90% do trabalho doméstico, imigrante.

I: Com a crise económica e a diminuição da comunidade estrangeira, você notou uma queda no número de atendimento?

M: Completamente.

I: Foi o que, a partir de 2011, 2012..?

M: Não, foi antes... Sim, foi mesmo drástica. Mas não só no número de atendimento, mesmo associadas, associadas brasileiras foram quase todas embora, foi no ano de 2013. Em 2013 a comunidade sofreu o maior impacto... Metade de 2012, 2013, sabe? Foi aí... 2013 foi o chão. O número de associadas caiu, perdemos a visão do todo, tudo mudou, tudo mudou, porque a partir daí, como a gente sempre teve o perfil da inserção... O nosso

perfil de atendimento sempre foi o da inserção social, começou a ver outra mudança de perspectiva... “Não quero mais me inserir”...

I: “Quero retornar”?

M: “Quero retornar...”. Aí mudou tudo, antes trabalhávamos principalmente com brasileiras, por conta deste enfoque na prostituição, deixamos os homens um pouco de lado, apesar de aqui estar aberto para todos, mas os homens foram se afastando do nosso foco... Mas eu senti, a Comunidária perdeu mesmo muita gente...

I: Não houve também casos de pessoas que precisaram de ajuda mesmo para voltar? Isto foi bastante retratado nos jornais... [mostro as peças].

M: Vários, vários... A Comunidária vivia em conexão com a OIM, nos levávamos pessoalmente para a entrevista, mas isso mudou, tudo isso mudou. Mudou esse quadro, como mudou também a forma de trabalhar da associação.

I: Mudou o que, o volume do atendimento?

M: Não, é que como a Comunidária está com outra forma de atendimento, virtual, porque passamos por uma violência muito grande, tivemos que fechar, ficamos um ano só trabalhando nas plataformas digitais e mudamos mesmo nossa ação, para sensibilização e enfoque político, mudou também o nosso trabalho, sabe Ester? O nosso trabalho mudou substancialmente também devido a essas mudanças. Tudo foi mudando, né? Mas isso era pra responder... Qual era mesmo a pergunta?

I: Queria entender os factores da mudança...

M: Mudamos por dois factores: mudança na forma de trabalho da Comunidária e mudança do cenário externo. Eu não sei avaliar o quanto tem a ver com as mudanças externas, porque também coincidiu com o período que mudamos, não posso dizer que mantemos o mesmo trabalho, a mesma forma e houve... O que eu posso dizer é que houve em 2012 e 2013, porque mantínhamos a mesma forma e a mudança foi avassaladora.

I: É que agora o trabalho não é mais focado no atendimento presencial, né?

M: Não, continua, mas não no gabinete, voltou ao terreno, voltou a ser o que era... Tanto que a Comunidária funcionou dois anos sem sede e ia a lugares, eu atendia nos lugares, eu atendia nos lugares quando chamavam.

I: Você conseguiu ter acesso às casas de alterne?

M: Não é fácil e aquilo que você me perguntou, “por que a Comunidária só entrou agora na questão da prostituição?” e eu vou responder com toda a sinceridade... Oportunidade, em primeiro lugar, como eu falei, a temática começou a pressionar a gente, este foi o primeiro ponto... Esse foi o primeiro, tá? Depois, o que que acontece? Nos anos anteriores... É que eu sou apenas uma das fundadoras da Comunidária, ela foi fundada por três pessoas, entre elas o meu ex-marido, e fundei enquanto ainda era imigrante, não tinha nacionalidade, nem nada disso, e é difícilíssimo a matemática para trabalhar neste setor, não pense que é fácil... O que acontece? Também tinha um filho menor e a minha exposição não podia ser...

I: Você falou isso no encontro na Casa do Brasil...

M: Sim... E apesar de haver vários casos, vários casos no atendimento de prostituição, [não compreendi] a prostituição nas casas mesmo...

I: Em apartamentos, você diz?

M: Não, nas casas de alterne mesmo, as que eu atendia era nas casas de alterne, não era em apartamento não... Não sei se eu falei [no encontro na Casa], mas a melhor coisa que fiz, porque meu filho era de menor, foi não ter me exposto porque é horrível trabalhar nessa área sem uma visão vitimizadora, uma visão de que tudo é tráfico... Se eu tivesse continuado trabalhando naquele discurso só de tráfico, tudo bem, seria realmente vista como uma mulher que representava as vítimas, só que não era essa visão, como não é e nem nunca foi com o trabalhador doméstico. A minha luta pessoalmente e da Comunidária, todo mundo que eu via na ilegalidade, acredita, bate de frente... Eu nunca aceitei, mesmo em situação ilegal, não aceitava e sempre me expus. Nas denúncias às agências de emprego, com o Estado, com tudo... E conseguimos legalizações, mas isso entra no trabalho doméstico, agora fazer isso na prostituição...

I: Com todo moralismo que há...

M: Não, aí é outra história... E de facto, fiz a coisa certa. A Comunidária sempre esteve centrada em mim. A Comunidária foi fundada de facto, porque não existia outra estrutura individual para trabalhar no social, as pessoas naquele momento exigiam muito de mim, como é que eu aparecia sem ser uma associação, sem ser advogada, que eu não sou advogada e era tudo muito estranho, tudo muito esquisito, enfrentei toda essa onda

também de preconceito, ainda mais sendo uma brasileira, gritando por outra brasileira... Uma bandida, oportunista, eu enfrentei tudo isso em Portugal, tudo isso e até hoje, quando eu voltei agora pra prostituição... São terríveis. Então fiz certíssimo, a vida também são oportunidades, agora com a assessoria de um jornalista, você me pergunta: “é fácil entrar?”, não, não é fácil, como é que eu faço pra entrar? Clubes que não são formalizados... Porque a atividade não é legalizada, então tem que dar outro nome.

I: Mas, *a priori*, casa de alterne não tem a ver com prostituição...

M: Exatamente. Então não é pra essas casas que eu fui indo, tá? A minha [atividade] é na rua e nos clubes, de diversão noturna, por favor. Ponha isso aí, por favor? Por favor, cuidado mesmo com essa informação. Eu não estou indo... Eu vou a clubes, clubes mesmo formalizados e institucionalizados em Portugal. Muito obrigada. Não vou a casas de alterne, tá? É bom estar claro, tá? Porque a gente está numa atividade ilegal.

I: Mas casa de alterne também não seria ilegal, não?

M: Não põe.

I: O problema não é quando há quartos?

M: O problema não é haver quartos, mas quando há o lucro, a exploração clara...

I: O chamado lenocínio?

M: O que eles dão o nome de lenocínio, porque eu nem quero entrar nesta discussão com você, tá? Nem vou entrar nesta. Por favor, não vamos entrar nessa. Mas como dizem agora, lenocínio. Lenocínio hoje em Portugal se resume a toda atividade comercial.

I: Sinto também uma incongruência no facto da prostituição não ser crime, mas a exploração por outrem o ser...

M: Eu vou te dizer aqui, a pura verdade, mesmo que ela seja independente, quando tem o discurso abolicionista elas querem criminalizar o comprador, não o vendedor, a vendedora... Minhas amigas, por favor... Por isso que eu gosto mais das proibicionistas, sabe por quê? Eu acho elas mais coerentes, as proibicionistas proíbem tudo, têm coerência...

I: A visão do Ninho é proibicionista?

M: Sim, na minha visão o Ninho é proibicionista. Mas pra mim tem mais coerência, porque proibir é, de facto, proibição, pronto. Porque você não pode... É a minha visão, eu sou uma mulher formada em gestão, se você criminaliza um serviço ou produto que não pode ser vendido, que o comprador é criminalizado, você está criminalizando quem está ofertando... Meu Deus, é preciso ser tão inteligente? Já tivemos várias discussões... Eu saí da plataforma que era abolicionista, eu era diretora, presidente do conselho, eu saí por causa da minha posição, e está é minha visão mundial sobre a prostituição, não só em Portugal, e saí exatamente por conta desse choque de ideias... Era um choque, né? Elas eram abolicionistas de levantar bandeira e eu virei uma mulher legalista, ou regulamentalista, como queiram chamar, então também tive que levantar bandeira.

I: Qual o nome da plataforma?

M: Plataforma de Direitos das Mulheres. Acho que vale a pena você conversar... É uma plataforma portuguesa, mas também com uma parte voltada às imigrantes. Eu era diretora fiscal, mas saí por conta desse choque de ideias. Mas viajamos aqui um pouco... Queria voltar à questão da etnização que você abordou, em relação ao trabalho doméstico, muito curioso que essa etnização na minha ida ao terreno, também existe no trabalho sexual e é impressionante. Converso com garçons que trabalham nesse setor, entro como jornalista, porque eu faço um trabalho jornalístico, e converso com essas pessoas que trabalham nesse meio, peço opiniões e é impressionante, da mesma forma que no trabalho doméstico as brasileiras são consideradas espertas, no trabalho sexual é a mesma coisa. São as putas das putas.

I: Isso da perspectiva dos clientes?

M: Dos clientes...

I: Também há uma preferência notória, não?

M: Ah, sim... Aí a minha discussão com eles. Eu discuto com eles, eu discuto com os clientes.

I: Não é à toa que as brasileiras são a maioria aqui, né?

M: Notória, querida. Notória. Vamos falar agora aqui sem tabus, tá? Sem falsos moralismos, por favor.

I: Eu critico o facto dos jornais generalizarem, porque leva ao entendimento de que só há prostitutas brasileiras, mas são, de facto, a imensa maioria...

M: Sim. Nessa casa que eu vou, vai ser divulgado o nosso novo trabalho lá em setembro, com fotos e tudo... [não compreendi]. E notando também essa etnização, esse machismo, colonialismo asqueroso que me dá vontade de vomitar, também as espertas das espertas são as brasileiras, por quê? Eu vou te dizer qual é a característica das brasileiras que a prostituição portuguesa, das vítimas das aldeias, as menininhas novinhas... É uma característica surreal, que as brasileiras não são, você vai cair aí da cadeira... Eu quase caí e desmaiei. A característica das brasileiras é que as brasileiras não esperam os clientes, elas vão aos clientes. “Meus amigos”, como eu discuto com os colegas, olha o machismo português, “É que a maioria dos nossos clientes não gosta disso”. Como é que é?! “Não gostam dessa iniciativa toda”. Eu falo com eles, realmente o machismo, o falso moralismo português bateu todos os recordes. Num encontro desses, há 4 anos, eu nem tinha essa posição, quando eu usei esse termo “trabalho sexual”, um professor universitário me disse pra ir estudar, que em Portugal nunca aceitariam esse termo, que as prostitutas portuguesas eram exploradas...

I: Por quê?! Foram as brasileiras que trouxeram a Portugal a prostituição tal qual a conhecemos..?

M: Sim, isso que quisemos mostrar com o documentário “entre quatro paredes” com uma portuguesa, com prostitutas portuguesas, de Lisboa... Aí onde é que está a questão do tráfico? É uma postura machista, colonialista, que não concede autonomia à mulher...

E: As “mães de Bragança” impregnaram essa visão..?

M: Ela não impregnou, na minha visão ela é um resultado dessa mentalidade, as “mães de Bragança” refletem o pensamento local, não é que ela impregnou alguma coisa, a mídia sim tratou de divulgar... Me desculpa, mas eu uso a palavra “puta”, a Espanha usa, nós fomos a primeira ONG a utilizá-la em Portugal, o Brasil usa...

I: A Gabriela Leite era uma defensora dessa palavra.

M: Eu sou uma defensora, inspirada nela, e nas espanholas também que eu tenho acompanhado o movimento e que usam a palavra “puta”, não é pra desvalorizar, mas pra dar sim o nome que deve dar, como “migrante” pra mim, eu gosto do nome “migrante”. Ele é o que é, entendeu? E a palavra “puta” é muito rica, ela não é uma palavra que

empobrece, ela é vasta, ela não é... Ela é muito vasta, ela mexe com tudo, entendeu? Eu ouvi isso, há as putas santas, as santas putas, e as putas putas. E aí, nessa casa onde temos feito o trabalho, são 99% brasileiras e o que que acontece? Como você diz, se tem tanto é porque gostam... Gostam, mas não gostam dessa característica empoderada, as brasileiras exigem, as brasileiras gritam, falam alto. Eu digo: “Vem cá, afinal quem tá errada aqui? Se você tem hora, se você não obter o seu cliente e ficar aqui esperando como uma tonta, 4/8h de trabalho sem ter adquirido, você não está aqui para brincar”. São profissionais, não vieram enganadas por ninguém – bota aí, não vieram enganadas por ninguém.

I: Sabiam ao que vinham?

M: Todas, todas nesse local.

I: Alguns imigrantes aos quais entrevistei ou que participaram dos grupos de foco relataram que os brasileiros, em geral, tem um jeito muito expansivo, exagerado, e que isso choca os portugueses...

M: É violência, é? Você tá violentando alguém? E essa classe alta, classe média que tá vindo agora é mais puritana do que a que vem da classe baixa, que a classe operária, a classe proletária, a classe favelada, essa não tem nada a perder, agora esse grupo mediano que vem com esses valores falsos moralistas, puritanos, mundo pequeno burguês, nehnhenhem, essa coisa toda... São as primeiras críticas, são elas, minha filha, pelo amor de Deus... Esse é o discurso dominante desses grupos.

I: Você notou alguma mudança de percepção, de tratamento por parte dos portugueses em relação aos imigrantes brasileiros quando, no contexto da crise, muitos portugueses começaram a emigrar para o Brasil e também começou a vir pra cá uma imigração mais qualificada?

M: Eu notei, mas eu acho que tá dividido. Eu tive várias discussões, não sei se você acompanha na minha página pessoal [no Facebook], já tive várias discussões ideológicas, quando a gente fala com os setores de serviço, táxi, hotelaria... Os setores que estão ganhando com isso, as imobiliárias, os setores que estão diretamente ganhando com essa imigração qualificada, os aspetos são positivos nesse segmento, mas novamente eu vi uma xenofobia encapotada, principalmente nas redes sociais, acompanhei e combati diversas vezes, inclusive com pessoas que compartilham as chamadas ideologias de



esquerda, porque agora quem está aqui não são os brasileiros, são os coxinhas e já estigmatizaram, eu tive essa discussão... Antes era dentista, depois eram os pobres, os ladrões e as putas, agora... Vocês mais uma vez não nos aceitam. Agora são so coxinhas, em vez de dizerem classe média, com alto poder aquisito. Pra mim o nome que tem que ser dado, sem estigmatização, sem a promoção, mais uma vez, da xenofobia... Não me interessa, não me interessa que o discurso que vocês estão promovendo agora, da esquerda desse país, de uma certa esquerda, de que agora são os coxinhas, não é nem uma classe média com alto poder aquisitivo, ou que tem uma alta aposentadoria no Brasil, não, é o coxinha, é o reaçã... Não, menos.

I: Já ouvi dizer também que são aqueles fugidos da caça aos corruptos no Brasil.

M: Essa talvez seja a predominante. [Diz] o cara aqui de esquerda, em que eu vou em reuniões de democracia, eu discuti com ele no Face, eu não aguento mais essa xenofobia encapotada, ele diz isso! Um cara de esquerda, socialista, vários grupos socialistas com esse discurso de vomitar? Calma, calma. Eu acho que outra vez temos um problema, realmente para quem está se beneficiando dos serviços está tudo bem, mas é uma minoria, agora a sociedade em geral, outra vez – tenho discutido com colegas como você – mais uma vez ela mostra o seu racismo e o seu colonialismo. Quer dizer, o cara pode, o cara tem dinheiro, ou como outra vez, uma escritora com quem eu discuti, está lá dando aula numa universidade, mulher toda feminista, de esquerda, entrou na minha página pessoal e disse: “o que você acha? Uma amiga minha da Remax ficou indignada porque o casal brasileiro foi alugar o apartamento e perguntou sobre o quarto de empregada”. Aí eu fui responder, olha a frieza: “Sim, infelizmente é a classe média brasileira, mas...”, veio perguntar o que eu diria pra amiga dela funcionária, vítima portuguesa, da santa Remax, o que eu teria dito para os clientes brasileiros... Perguntou isso na minha página. Mas já estigmatizando, mandando ver... Eu tenho os relatórios da escravidão, não há santidade, não venha com esse discurso da santidade. Nós somos os escravocratas de merda, só faltou dizer, né? Não escapa ninguém, ou é ladrão, puta ou escravocrata.

E: Sim, nas reportagens que eu li sobre escravatura se reportavam apenas à responsabilidade brasileira...

M: Pois... Se esqueceram, foi?

E: Mas você também tem a impressão que o enfoque jornalístico agora está mais nessa imigração indinheirada?

M: Sim, eu tô observando, eu tenho senso crítico para ver onde isso quer chegar e ver qual é o fundo dessa história, qual é o fundo dessa história? A quem interessa? É sempre essa a minha visão agora, Ester, a quem interessa, vou atrás de quem está interessado nisso, quem é que tá interessado nisso? Aí a professora perguntou o que eu teria respondido para a amiga, vítima da classe média brasileira, aí eu respondi: “Como sabe Margareth, a minha formação de base é marketing na Fundação Getúlio Vargas, apesar de eu ter deixado o marketing...” Comecei assim, para a moça dos braços, a professora que se sente um máximo, um pedantismo... “Sabe o que eu responderia para a sua amiga? Como uma mulher comercial, de marketing, eu educaria o novo cliente, esse que você está dizendo que é escravocrata. Ele quer um apartamento grande, não é isso? Os apartamentos grandes em Lisboa normalmente tem um quarto menor e um quarto interior já feito, eu no lugar dela diria assim: ‘já temos esse quarto’ e mais interessante, educar o cliente para este novo conceito, este quarto não tem o nome de empregada em Portugal, este quarto de facto tem uma construção que interage melhor com as pessoas, mas é o menor quarto da casa”. A mulher... Só não me chamou de bonita, disse: “que absurdo”, acho que as duas partes têm que se reeducar, tem que aprender, disse mesmo... Se reeducar, ter uma outra perspectiva das coisas, quem sabe isso não vai melhorar? Eu odeio que me categorizem [de esquerda], já até quiseram retirar meu título de feminista...

## PEÇAS ANALISADAS

Por ordem:

- “Brasil, ano 500”, *Público* (22/4/00, p.1-3)
- “Comemorações do império sitiadas”, *Público* (24/4/00, p. 4)
- “Manifestação ameaça comemoração dos 500 anos”, *Público* (25/2/00, p. 32)
- “Do mito à fraternidade” (artigo de opinião de Fernando Rosas), *Público* (29/4/00, p. 9)
- “Envolver a UE nos 500 anos do Brasil” (coluna “De Bruxelas”, de Mário Soares), *Expresso* (29/1/00, p. 25-26)
- “Brasileiros iniciam festa no Carnaval” *Expresso* (29/1/00, p. 10)
- “Portugueses continuam a emigrar”, *Público* (27/9/00, p. 2-3)
- “Brasil e Portugal na luta”, *Público* (15/12/00, p. 20)
- “Trabalho dá legalização”, *Público* (7/6/00, p. 22)
- “Portugal abre vagas para cidadãos a prazo”, *Expresso* (17/6/00, p. 6-7)
- “Brasileiros na clandestinidade”, *Pública* (21/5/00, p. 1-2, 24-36)
- “Passaportes falsos por 40 contos” *Expresso* (1/12/01, p. 4-5)

- “Seis feridos ligeiros em carga policial sobre brasileiros na Costa de Caparica”, *Público* (1/7/02, p. 43)
- “Vidas separadas”, *Expresso* (10/8/02, p. 10)
- “Expulsão de habitantes dos bairros degradados defendida por um quinto dos brancos da Amadora”, *Público* (18/8/02, p. 54)
- “Caparica apoia PSP” *Expresso* (6/7/02, p. 16)
- “Patrões portugueses preferem mão-de-obra de Leste a africanos”, *Público* (22/7/02, p. 4)
- “Portugal terá em breve 100 mil brasileiros legalizados”, *Público* (2/11/03, p. 1-4)
- “O sexo e a família”, *Única* (10/5/03, p. 1, 64-70)
- “O que é que o Brasil tem?”, *Única* (15/8/03, p. 36-49)
- “Matar por 25 mil euros”, *Público* (21/6/03, p. 20)
- “Na raiz da miséria”, *Única* (25/10/03, p. 83-94)
- “Profissão gigolô”, *Única* (7/6/03, p. 80-88)
- “A maior parte das prostitutas brasileiras ‘sabem para o que vem’”, *Público* (23/7/04, p. 27)

- "Novas regras acolhem metade dos ilegais", *Expresso* (24/1/04, p. 6-7)
- "Brasil passou de moda", *Expresso – caderno Economia & Internacional* (14/2/04, p. 1, 3)
- "Porto Seguro", *Única* (24/4/04, p. 100-110)
- *Xis* (2/10/04, p. 1)
- "Crimes 'à brasileira'", *Expresso* (5/3/05, p. 18)
- "Imigrantes pagam cerca de 600 a 700 euros para se legalizarem em Portugal", *Público* (10/11/05, p. 24-25)
- "Estrangeiros retidos mais de 40 dias no aeroporto do Porto", *Público* (7/12/05, p. 22)
- "Imigrantes encaixotados", *Expresso* (10/12/05, p. 16)
- "Alterne sem fronteiras", *Única* (7/5/05, p. 50-60)
- "Turistas acidentais", *Expresso* (30/12/05, p. 17)
- "Portugueses já não vêem cidadãos de Leste como 'bons imigrantes'", *Público* (10/4/05, p. 23)
- "Atlântico Sul na agenda", *Expresso* (28/5/05, p. 28)
- "Trabalho? Talvez lá fora.", *Expresso* (27/2/10, p. 25)

- “O futuro às vezes é ir para trás”, *Expresso* (2/10/10, p. 20-21)
- “Eleições com Lula no papel principal”, *Expresso* (2/10/10, p. 20)
- “Brasileiros Felizes, criminosos e maus”, *Expresso* (29/5/10, p. 27)
- “Paguei oito mil dólares às pessoas que me trouxeram para a Europa”, *Público* (30/6/10, caderno P2, p. 4-5)
- “Brasileiros não desistem de Portugal”, *Expresso* (6/8/11, p. 14-15)
- “O Natal dos emigrantes fica mais próximo como Skype”, *Público* (24/12/11, p. 2-3)
- “Candidatos à emigração procuram novos mercados”, *Público* (20/12/11, p. 8-9)
- “O Brasil é a fuga ao fado da crise para cada vez mais portugueses”, *Público* (7/8/11, p. 14-15)
- “Estou voltando para casa. E levo a vida na mala”, *Expresso* (26/11/11, p. 22-23)
- “O Brasil a ir embora”, *Única* (13/8/11, p. 4)
- “Onde está meu ouro de Minas?”, *Expresso* (27/8/11, p. 7)
- “José já foi ter com a família ao Brasil”, *Expresso* (26/2/11, p. 21)
- “Imigrantes pedem mais ajuda para voltar”, *Expresso* (30/7/11, p. 25)

- “O Brasil chama com força mas ainda há quem prefira Portugal”, *Público* (6/6/12, p. 8)
- “Uma mulher que não se entrega de graça”, *Revista* (18/8/12, p. 30-31)
- “Brasil travou acordos para reconhecer engenheiros portugueses” *Público* (31/12/12, p. 2-3)
- “Prostituição está cada vez mais perto das ruas da aldeia”, *Público* (11/8/12, p. 2-3)
- “Chegar quando tantos querem partir”, *Expresso* (29/6/13, p. 24-25)
- “General oferecia prostitutas em Lisboa”, *Expresso* (2/11/13, p. 12)
- “Na Quinta do Grilo o pecado paga IMI”, *Público* (13/1/13, p. 20-21)
- “No topo do morro”, *Revista* (19/1/13, p-24-33)
- “Rio de oportunidades”, *Expresso* (8/6/13, p. E16-E17)
- “Universidade maravilhosa”, *Expresso* (16/3/13, p. 18-19)
- “Se aguardássemos a situação ideal nada se teria feito”, *Expresso* (15/6/13, p. 10)
- “A minha arte é a minha pátria”, *Expresso* (20/12/14, p. 44-50)

- ““Os jovens que vão para o Brasil são altamente qualificados””, *Expresso* (4/1/14, p. 6)
- ““O dinheiro rege o mundo e o dinheiro está aqui””, *Público* (17/3/14, p. 12-13)
- “SEF investiga tráfico no futebol”, *Expresso* (21/2/15, p. 20-21)
- “Verniz esconde trabalho escravo”, *Expresso* (8/8/15, p. 18-19)
- “Brasil triste no desfecho da festa”, *Expresso* (29/4/00, p. 7)
- “O Brasil exige um trabalho de casa metuculoso para quem quer trabalhar ou investir”, *Público* (15/6/14)
- “Portugueses no Brasil ‘à espera para ver o que acontece””, *Público* (5/10/14)



B. P.  
16 JUN 2000  
DEP. LEGAL

Sábado  
22 de Abril de 2000

Diário • Ano 11 n.º 3688  
140\$00 — € 0,70  
IVA incluída

Director José Manuel Fernandes  
Directores-adjuntos Adelino Gomes,  
Nuno Pacheco e José Queirós

Rua Aguiarinho Neto, Lda. 6/7 — 1769-010 LISBOA  
Rua João de Barros, 265 — 4150-414 PORTO  
Público na Internet: <http://www.pUBLICO.pt>  
E-Mail: [PUBLICO@publico.pt](mailto:pUBLICO@publico.pt)

# PÚBLICO

edição LISBOA



## POLÍTICA

**Polícias Cravinho**  
crítica acção do Governo

## TERRA

**Portugal Vem aí**  
um atlas das paisagens

## LEITURAS

**25 de Abril Mote**  
para uma revolução

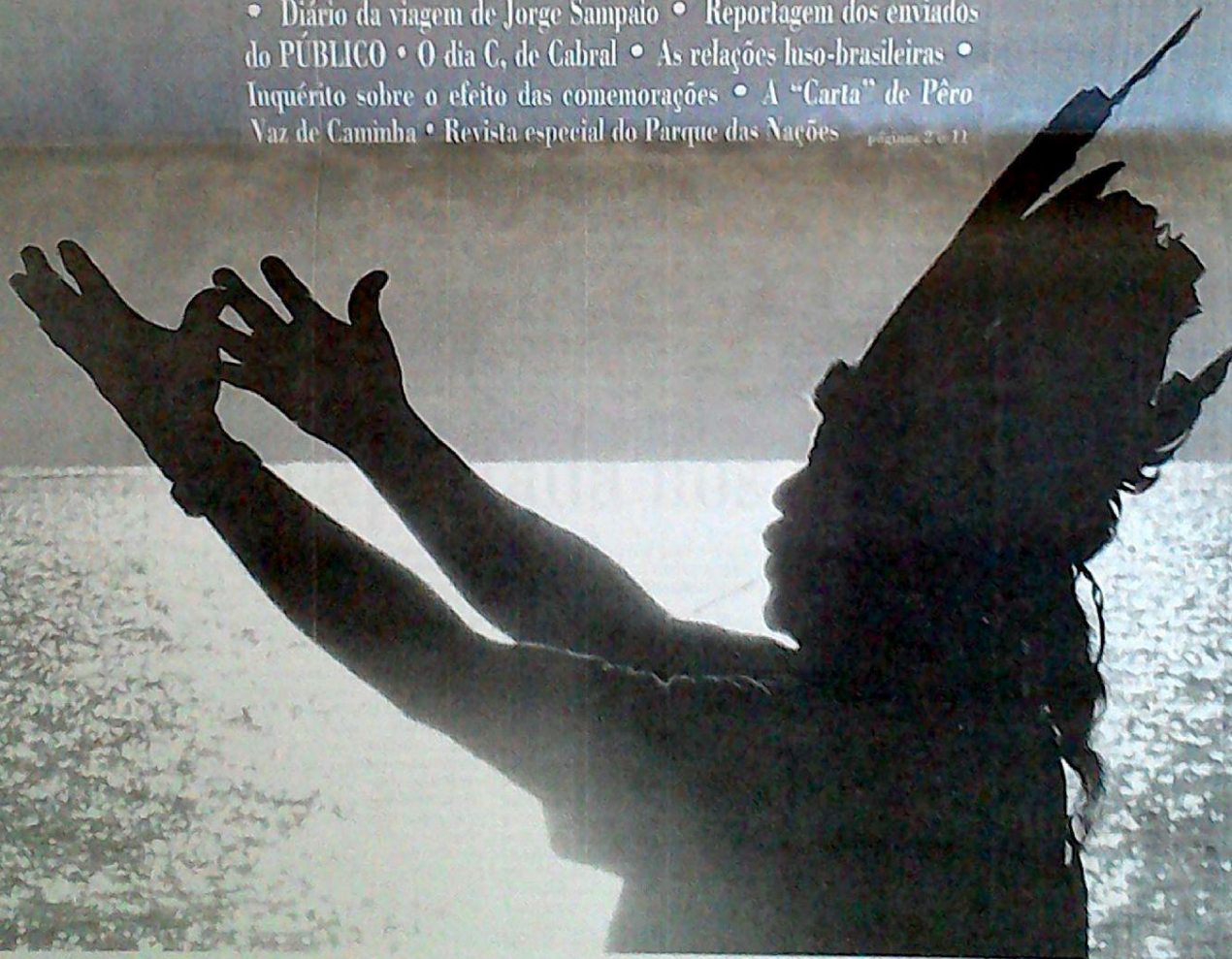
## LOCAL

**Lisboa Turistas**  
sem museus no feriado

Jorge Sampaio e Fernando Henrique Cardoso encontram-se hoje na praia de Cabral

# Brasil, ano 500

• Diário da viagem de Jorge Sampaio • Reportagem dos enviados  
do PÚBLICO • O dia C, de Cabral • As relações luso-brasileiras •  
Inquérito sobre o efeito das comemorações • A "Carta" de Pêro  
Vaz de Caminha • Revista especial do Parque das Nações — página 2 e 11





## DESTAQUE

# Reencontro na praia de Cabral

Da nossa enviada São José Almeida, em Salvador da Baía

Fernando Henrique Cardoso e Jorge Sampaio vão hoje encontrar-se em Porto Seguro, na mesma praia onde, há 500 anos, a armada de Pedro Álvares Cabral fundeou. A redescoberta do imenso território do outro lado do Atlântico não será tão pacífica como há cinco séculos atrás, como descreveu Pêro Vaz de Caminha, na sua famosa "Carta". O programa das comemorações dos dois presidentes confronta-se com um ambiente de tensão, entre uma vigilância apertada da polícia e as manifestações dos índios pataxós e do Movimento dos Sem Terra. Há 500 anos, nasceu o Brasil.



Jorge Sampaio insistiu ontem na ideia de que não se pode julgar as épocas históricas com os olhos e segundo os padrões da actualidade. Isto à chegada a Salvador da Baía e antes de partir para Comandante, onde participaria num jantar em sua honra, mas de carácter restrito, oferecido pelo Presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso. Os dois presidentes participaram também o ministro das Relações Exteriores, Jaime

Gama, o presidente da parte portuguesa da comissão dos 500 anos, Mário Soares, e o deputado do PS, João Cravinho, escolhido entre os que integram a comitiva.

Numa breve declaração aos jornalistas portugueses, o Presidente da República sustentou: "Não podemos avaliar as coisas pelos valores de agora." Com esta afirmação, Sampaio voltava a sublinhar que a história não se reescreve e a responder às teses tão em moda no Brasil de culpabilizar os portugueses pelos moldes em

que decorreu a colonização portuguesa. Insistindo nas ideias que defendeu ontem nas páginas do PÚBLICO, no seu "Diário de Viagem", o Presidente defendeu: "Devemos ter orgulho na nossa história."

Mas não só Jorge Sampaio foi vítima da febre de culpabilização dos portugueses que parece assolar o Brasil. No aeroporto, Mário Soares foi cercado por jornalistas brasileiros e, às tantas, deixando Soares sem fala durante uns segundos, alguém perguntou se já tinha passado tempo tempo para o

Brasil esquecer o "karma da colonização". Soares ficou perplexo e acabou por alinhar uma resposta, em ar bonacheirão: e se tivessem sido os brasileiros a colonizar Portugal?

## Alterações múltiplas

Hoje, em Porto Seguro, celebram-se oficialmente os 500 anos da descoberta do Brasil. Isto depois de o programa ter sido múltiplas vezes alterado pelo protocolo brasileiro, ale-

gando razões de segurança — a parânoia com a segurança, que atinge aspectos de mimetismo com os Estados Unidos, levou mesmo a que o voo que transporta a comitiva de Sampaio de São Salvador para Porto Seguro esta manhã fosse antecipado, pois o espaço aéreo será fechado para a chegada dos chefes de Estado. E ontem os rumores sobre qual o verdadeiro programa eram vários, ainda que os serviços da presidência portuguesa não tivessem qualquer informação oficial sobre a hipótese de Fernando Henri-



Réplicas de caravelas portuguesas em Porto Seguro: o programa oficial das comemorações tem sido alterado várias

# Vigilância apertada nos acessos a Porto

NEM o mais desatinado dos turistas deixaria de perceber que algo de estranho se passa em Porto Seguro, ao Sul da Baía. Logo nas estradas de acesso à cidade em que se concentram as comemorações — e as tensões — pelo Quinto Centenário do Brasil, dezenas de barreiras policiais causam longos engarrafamentos. So nos 70 quilómetros que separam Eunápolis de Porto Seguro existem oito barreiras. Já na cidade, a presença da polícia nas ruas, que até antontem era discreta, tornou-se ostensiva. O trânsito de algumas ruas foi alterado e os engarrafamentos tornaram-se constantes.

A vigilância da polícia concentra-se nos autocarros e no troço de estrada entre Eunápolis e Porto Seguro. A razão é óbvia: em Eunápolis estão acampados cerca de 2.000 elementos do Movimento dos Sem Terra (MST), que

prometem tomar Porto Seguro em manifestações contrárias às cerimónias oficiais, que terão como protagonistas os presidentes do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, e de Portugal, Jorge Sampaio. E em 30 autocarros que os elementos do MST pretendem partir, às 7 da manhã (11h em Portugal), rumo a Porto Seguro.

O coordenador do MST na Baía, Waldir Assunção — que lidera o acompanhamento de Eunápolis —, disse ao PÚBLICO que não teme as barreiras policiais: "Eles devem estar lá para verificar os documentos dos carros, para ver se há carros roubados, se os impostos estão em ordem..." A ironia de Waldir Assunção ficou evidente quando se quisera de o MST ser o único movimento social sobre cujo acesso a Porto Seguro ainda ontem havia dúvidas. "O Movimento Unificado chegou ontem em 14 ónibus", e

não teve nenhum problema — e não deveria ter mesmo —, mas eu me pergunto por que essa prevenção toda em relação ao MST."

A explicação pode estar na invasão do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) por 450 elementos do MST, onde quatro funcionários foram tornados reféns, ou na intervenção na Secretaria de Segurança Pública do Pará por outro grupo do movimento.

Waldir Assunção garante, porém, que "o MST quer perturbar a festa dos reis". O líder dos sem-terra assegura que as manifestações de protesto vão acontecer, pacificamente, em lugares diferentes das cerimónias oficiais. Quanto à possibilidade de confronto com a polícia no caso de o acesso a Porto Seguro lhe ser barrado, Assunção tanto garante que o MST não vai partir para o confronto,

quanto avisa que não vai aceitar o bloqueio: "Nós não vamos enfrentar a polícia — nós vamos passar", disse. E se a polícia não deixar? "Ai, a consequência obrigatória é a estrada inteira ficar bloqueada, para todo o mundo."

Recordado de que há exactamente quatro anos, quando o MST bloqueou uma estrada em Eldorado dos Carajás, no Pará, 19 lavradores acabaram por ser assassinados pela polícia, Waldir Assunção disse que "os mortos de Eldorado são mais um estímulo para a nossa luta".

Ainda segundo o coordenador do MST na Baía, nem o Governo estadual da Baía nem o Governo Federal fizeram qualquer contacto para negociar a participação dos sem-terra nas manifestações relativas aos 500 anos. Na tarde de ontem, porém, especulava-se a possibilidade de a polícia per-

mitir a entrada dos militantes do MST em Porto Seguro, embora sob permanente vigilância.

Mas nem só de MST se farão os protestos paralelos às comemorações pelos 500 anos do Brasil em Porto Seguro. Entre índios (cerca de dois mil, concentrados em Coroa Vermelha, a 50 quilómetros de Porto Seguro), negros desempregados e sindicalistas ligados à Central Única dos Trabalhadores, a oposição brasileira espera reunir perto de dez mil pessoas em Porto Seguro. Enquanto o MST exige uma audiência com o Presidente da República — o que dificilmente acontecerá porque, há dois dias, Fernando Henrique acusou os sem-terra de se estarem a "desviar da legalidade" —, os índios pretendem entregar uma carta com as reivindicações surgidas no Congresso Indígena que aconteceu em Coroa Vermelha.



## Sem complexos

A HISTÓRIA não se escreve a preto e branco. Não tem apenas heróis e vilões. E seguramente que não a podemos analisar apenas de acordo com os padrões éticos de hoje — senão, falamos de evolução e progresso no longo do fluir dos séculos não faria sentido.

Por isso não há nada mais despropositado e irritante do que a mais recente moda do "politicamente correcto": a que deu em pedir desculpas por tudo e por nada. Ou em exigir-las, criando a ilusão de que de um lado estão as vítimas e, do outro, os algozes.

Por isso não há nada mais despropositado e irritante do que as vozes daqueles que gostariam de reduzir a era dos descobrimentos e a colonização do Brasil a uma sucessão de crimes — crimes de invasão, crimes de extermínio, crimes de pilhagem dos recursos, crimes de tráfico de escravos, e por aí adiante. É tão despropositado e irritante como o mito da colonização exemplar ou, para utilizar a linguagem do meu tempo de escola, descrever tudo como uma "gesta" em nome de Deus e da Pátria.

A descoberta do Brasil foi um feito extraordinário. A sua colonização uma empresa colossal, sobretudo para um pequeno país como Portugal. E por mais índios e sem-terra que se manifestem por estes dias, eu não vou deixar de me orgulhar de pertencer ao povo que empreendeu tais viagens e lançou raízes tão longe. E também não vou deixar de apreciar a forma madura, adulta, como os presidentes Jorge Sampaio e Fernando Henrique Cardoso estão a assumir uma relação bilateral que se quer vantajosa para ambas as partes, e sem complexos.

Os países não são realidades imutáveis, nenhum homem nem nenhum povo tem direito à eternidade. E por isso que na história da Humanidade se sucederam civilizações e culturas, períodos variados de diversas hegemonias regionais ou globais. O nosso património colectivo é feito disso tudo, das grandes feitos, das aventuras inesquecíveis, mas também das massacres, das invasões e das opressões. Evoluímos porque nos retemos nos primeiros e aprendemos a não repetir os segundos.

Os índios já estavam no Brasil antes dos portugueses chegarem? Pois estavam. Como os mouros estavam em Lisboa antes de D. Afonso Henriques, ou os visigodos antes dos mouros, e por aí adiante. Vamos sentir-nos culpados por isso? Só se não tivermos o sentido do ridículo.

De resto, estivemos 300 anos no Brasil, saímos de lá há 200. Se o Brasil continua a ter problemas sociais e a viver desigualdades gritantes, se no Brasil se continuam a pilhar os recursos naturais ou a não respeitar os direitos dos indígenas, isso não é seguramente devido à "pesada dívida" que lá deixámos. Quem assim pensa ilude o essencial e esconjura o presente em nome de alibis do passado. Não esqueçamos que, como ontem escrevia nestas páginas Jorge Sampaio, "nós somos responsáveis pelo nosso tempo. O passado herdamos-lo".

Comemoramos pois, com alegria, os 500 anos de um dos momentos mais altos da nossa história. Associemo-nos à festa dos brasileiros que festejaram os 500 anos do seu país. Ocuemos também o que os denuciados têm a dizer, ou a reivindicar. Mas não queramos reescrever a história nem nos pegarmos para pedir desculpa por existirmos — e por termos a nossa cultura e a nossa civilização.

Até porque o que se celebra hoje é também a nossa cultura e a nossa civilização. A cultura e a civilização que nos permitiu evoluir e ser o que somos hoje, deste e do outro lado do Atlântico, democracias pluralistas naturalmente com déficits, mas democracias onde se integra a diferença e onde se defendem valores essenciais como os do respeito pela vida humana, pela liberdade, pela justiça e pela lei. E democracias que se respeitam uma à outra. ■

## DIÁRIO DE VIAGEM DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

## A história não se evita. Ela está vivida e escrita

Baia, 21 de Abril de 2000

A viagem mal começou. Hoje, apenas um gesto simbólico de apoio e estímulo à imprensa regional e um jantar privado com o Presidente Brasileiro, em Comandantuba.

Não venho ao Brasil desde 1997. Vivi então dois dos momentos mais emocionantes do meu mandato, em viagens ao estrangeiro. A visita de Estado coincidiu com o Dia Nacional do Brasil, o 7 de Setembro. As cerimónias em Brasília incluíam uma enorme parada militar a que se assistia de baixo de uma lindíssima pala desenhada por Niemeyer. As tropas desfilarão durante mais de duas horas. A passagem de cada estandarte, a locução narrava a história da Unidade desde a data da sua fundação pelos portugueses. Isso marcou-me profundamente. Quase dois séculos depois da Independência, o Brasil comemorava o seu Dia Nacional mantendo viva uma história comum. Esse foi, sem dúvida, o momento em que senti de forma mais intensa e em que melhor compreendi, a singularidade da relação histórica entre os nossos dois países.

Dias depois cheguei aqui à Baía, já a caminho de Lisboa. Estava um calor abrasador — como hoje, aliás. Depois das cerimónias de chegada dirigimo-nos ao Centro histórico. Nunca me esquecerei desse dia. Foi recebido num inesquecível clima de festa. As ruas cheias de gente. As varandas decoradas. Música. Grupos dançando pelas calçadas e convidando-nos a com eles dançar.

A alegria e o carinho com que me envolveram constituíram-se num momento único. Intimo de uma intimidade que só pode existir entre dois povos que construíram uma relação singular. De afectos que nasceram em séculos remotos. De diálogos que sempre se teceram numa língua comum. De encontros e desencontros. De muita vida vivida em conjunto, seja sob o domínio português, seja na voluntária e constante proximidade da relação entre os dois Estados independentes.

Como testemunho e garante dessa ligação está a importantíssima comunidade portuguesa no Brasil. Comunidade feita de diversas gerações de emigrantes, que aqui chegaram por circunstâncias diversas, mas que procuram, na medida do possível, manter e reforçar a sua ligação a Portugal. Ao país. As suas terras de origem. Comunidade de que nos orgulhamos pela sua história de exemplar tenacidade e pela sua inserção ímpar na sociedade brasileira.

Acabo de visitar uma mostra de pintura integrada no Congresso da União da Imprensa Regional que aqui se está a realizar. Ao falar com esses congressistas, reforço-me na ideia da importância das ligações que permanentemente se refazem graças à existência destes órgãos de comunicação social. Que ligam o que está distante e disperso.

Que dão expressão às realidades locais. E que são, também, eles tão importantes para estabelecer a permanente ligação entre as comunidades de luso-descendentes e Portugal. E desses luso-descendentes que depende uma parte — uma parte muito importante — do futuro da relação singular entre Portugal e o Brasil.

Estarei amanhã, com o Presidente Fernando Henrique Cardoso, em Porto Seguro olhando o mar do descobrimento. A história não se evita. Ela está vivida e escrita. E irreversível, no que teve de bom ou de mau. A história não se pode esconder. O presente é a história que nos é dado escrever. Só esta depende de nós. E de nós depende, no que ao Brasil diz respeito, reafirmar o nosso empenho no futuro desta relação de cinco séculos. Por isso, é tão importante a atenção que se dedica aos luso-descendentes, porque eles, herdeiros de duas culturas, filhos de dois países, devem continuar a ser um dos eixos da relação histórica e afectiva que une Portugal e o Brasil.

Glenenti, e a leitura da declaração da UNESCO que proclama a "Costa do Descobrimento" como património natural da humanidade.

Reduzida a presença dos dois Presidentes a Porto Seguro, a terra nascida da praia onde a 22 de Abril de 1500 terão desembarcado pela primeira vez tripulantes das caravelas capitaneadas por Pedro Álvares Cabral, Jorge Sampaio e Fernando Henrique Cardoso almoçam num hotel de Porto Seguro — primeiro momento oficial onde ambos deverão discursar —, após o que se deslocaram a pé pelo centro da cidade, percorrendo vários pontos onde decorrem as celebrações. Estas começam com a regata naval onde participa o navio-escola Sagres, momento em que está previsto os dois presidentes proferirem breves palavras. A seguir à largada da regata, os dois presidentes plantarão uma árvore de pau-brasil — arbusto de cerca de meio metro com espinhos nos ramos e flores amarelas, que foi vastamente usada como planta tintureira, o que levou a que se tornasse quase rara depois de ter sido uma das espécies mais comuns no território que viria ser o Brasil, país de que ganhou o nome.

Segue-se a chegada da "Chama do Conhecimento" e a visita ao Marco do Descobrimento. Os dois presidentes, acompanhados pelos dois ministros dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama e Luiz Felipe Lampreia, entrarão então no Museu de Porto Seguro, onde os responsáveis máximos pela diplomacia dos dois países assinarão o novo Tratado de Cooperação, Amizade e Consulta entre a República Portuguesa e a República Federativa do Brasil. No acto signatário do novo tratado-quadro, que regulará as relações luso-brasileiras a partir do momento da sua entrada em vigor, prevista para daqui a cerca de seis meses, estava ontem previsto que o ministro Jaime Gama e o seu homólogo Luiz Felipe Lampreia fizessem uma curta intervenção.

O momento seguinte — que será também o último em que estava anunciada a presença dos dois presidentes — era a visita à Igreja de Nossa Senhora da Pena, onde será cantado um Te Deum e ouvido o poema "Ladainha". ■

que os cuidados com a segurança nas cerimónias oficiais do Quinto Centenário vêm causando. "Se eu fosse Presidente e precisasse de tanta segurança para andar junto ao povo, renunciaria", disse a líder do MST, Lúcia Barbosa, expressando um sentimento que só não é compartilhado pelos que pensam que ao Presidente brasileiro apenas falta pulso firme para enfrentar os "badmeiros" do MST.

Se em Porto Seguro as comemorações se dividem entre as cerimónias oficiais e as contestatárias, em São Paulo, um grupo de artistas resolveu promover um espectáculo que também não deixa de exprimir o sentimento de parte considerável da população brasileira em relação aos 500 anos do país. O nome do evento diz tudo: "Cangamos Prós Quinhentos". ■

Do nosso enviado Mário Negreiros, em Porto Seguro

## Seguro

A hipótese de contacto do Presidente brasileiro com os índios reunidos em Porto Seguro é mais provável. Ontem, houve rumores de que, depois de desistir da visita inicialmente prevista à área indígena de Coroa Vermelha, por razões de segurança, Fernando Henrique Cardoso teria voltado atrás e resolvido manter o programa original.

Caso essa informação se confirme, não terá sido uma decisão tomada a partir de qualquer alteração nas condições de segurança. Ao contrário, a hostilidade — e com ela o temor de confrontos que, se ocorrerem, serão, no mínimo, contraproducentes — só tem evitado. Se, de facto, Fernando Henrique Cardoso resolver repor no programa das comemorações pelos 500 anos do Brasil a visita a Coroa Vermelha — onde inauguraria um monumento e conhecerá a aldeia dos pataxós —, não para atenuar a péssima impressão



que Cardoso irá a Cabralia. Apenas garantido que, se isso acontecesse, o Presidente português iria junto.

A visita à aldeia de Coroa Vermelha, reserva de índios pataxós, foi riscada do programa, sendo depois anulada a presença de Jorge Sampaio e de Fernando Henrique Cardoso no Centro de Convenções que os dois inaugurariam e onde está previsto que os convidados do Governo brasileiro ouçam a mensagem do Papa João Paulo II, bem como a "Sinfonia dos 500 anos", da autoria de Egberto



Negros, índios e sem-terra unidos no Brasil contra os festejos da Descoberta

# Manifestação ameaça comemoração dos 500 anos

Do nosso enviado  
Jorge Marmelo, em Salvador da Bahia

Não vai ser pacífica a passagem de Jorge Sampaio por Porto Seguro, onde deverá participar nas comemorações dos 500 anos da chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil. Uma frente comum de negros, índios e sem-terra está a preparar uma contracomemoração e teme-se a possibilidade de violentos confrontos.

Uma frente comum composta por associações e movimentos de negros, índios, trabalhadores rurais sem-terra e sindicalistas está a preparar uma grande manifestação de repúdio da comemoração dos 500 anos do Brasil. A iniciativa está agendada para o próximo dia 22 de Abril, devendo coincidir com os festejos oficiais, que serão presididos pelos presidentes da República de Portugal e do Brasil, Jorge Sampaio e Fernando Henrique Cardoso, na cidade de

Porto Seguro, no Sul do estado da Bahia.

Entre os líderes dos movimentos negros teme-se que a iniciativa acabe com cenas de violência. Gilberto Leal, um dos membros do comité executivo da Comissão Outros 500, confirmou ao PÚBLICO que são esperados confrontos entre os manifestantes e as autoridades policiais e militares. "Se eles tentarem nos barrar, vai ter pau pela certa", disse. Opinião semelhante tem o deputado federal

Luís Alberto, um dirigente do Movimento Negro Unificado conhecido no Brasil pelas suas posições radicais contra o colonialismo português e as suas consequências. Em declarações ao PÚBLICO, Luís Alberto confirmou que vai participar na contracomemoração, acrescentando: "Preveremos um processo muito violento, já que o Governo vai tentar instaurar uma espécie de estado de sítio para impedir a nossa manifestação".

Recorde-se que na passada semana, aquando de uma visita a Porto Seguro de um grupo de jornalistas portugueses, um assessor do Governo estadual da Bahia declarou que são esperadas tentativas de manifestação por parte das comunidades indígenas, acrescentando que estas estão a ser vigiadas de perto no sentido de evitar qualquer problema. Todavia, a participação dos movimentos radicais negros e do Movimento dos Sem-Terra na contracomemoração poderá agudizar bastante o problema, sendo conhecida a capacidade

de mobilização daquelas organizações e o modo violento como as autoridades policiais e militares costumam responder às suas iniciativas. Foi o que aconteceu, por exemplo, a 21 de Abril do ano passado, também em Porto Seguro, onde uma manifestação degenerou em actos de grande violência. Não se estranhará, assim, se a participação de Jorge Sampaio nas comemorações dos 500 anos do Brasil acabar por ficar manchada por cenas semelhantes.

Os argumentos da Comissão Outros 500 são relativamente bem conhecidas em Portugal, considerando os movimentos que a integram que não existem motivos para celebrações. "Comemorar o quê? A invasão?", questiona o deputado federal Luís Alberto, que chega a comparar o colonialismo português e as suas consequências ao Holocausto: "É como se os nazistas estivessem comemorando a aniquilação dos judeus", afirma. Segundo este responsável, a "única atitude decente que Por-

tugal podia tomar era se recusar a participar dessa farsa". "Pedir desculpa pela escravização dos negros e dos índios não chega, é pouco. Portugal e a Igreja Católica deviam reconhecer que cometeram um crime e contribuir para a construção de uma política reparatória", conclui.

## O Carnaval é uma arma

Os movimentos negros mais radicais consideram, entre outros aspectos, que a colonização portuguesa foi a responsável pela criação de um país racista. Em Salvador, por exemplo, estão na ordem do dia os actos de racismo durante o Carnaval, depois de, no ano passado, uma denúncia do programa "Fantástico" da TV Globo ter dado origem a uma comissão pública de inquérito. Os resultados não satisfizeram os negros, mas já foi conseguido que alguns dos blocos "afro" desfilassem este ano durante o horário nobre, fundamental para a capta-

ção de apoios publicitários.

Procurando fazer do Carnaval um momento fundamental da luta contra o racismo na Bahia, foi antontem lançada uma campanha que, entre outras coisas, permitirá a existência de um número telefónico destinado a receber queixas de casos de discriminação racial. Mas as coisas estão longe de estar pacificadas. Salvador elegeu este ano, pela primeira vez, uma rainha do Carnaval negra, Franceline Bispo, mas esta fez antontem chegar ao Movimento Nacional Zumbi dos Palmares uma mensagem denunciando o facto de estar a ser impedida de ter acesso a alguns locais e de estar a ser objecto de discriminação. "Estão a sabotar isso", comentou Samuel Santana Vêda, responsável pela delegação baiana do movimento e pela campanha. Não admira, assim, que o deputado Luís Alberto considere que o Carnaval este ano possa vir a ser um momento privilegiado de reflexão política, mas também de tensão.



# Do mito à fraternidade

Fernando Rosas

*Não é de História que se está a falar nestas comemorações [dos 500 anos da descoberta do Brasil]. É de identidade nacional, construída a partir de mitos identitários que usam a matéria-prima do passado à luz de juízos políticos e morais de hoje para fabricar, com valores actuais e com propósitos presentes e futuros, visões legitimadoras a partir da História.*



**O**s 500 anos do "achamento" ou da "descoberta" do Brasil fizeram reaparecer, mas agora com foros de discurso oficial, por parte dos mais altos responsáveis da República, uma versão nacionalista mítica sobre o acontecimento, aliás secundada por tudo o que é editorialismo "responsável" e com "sentido de Estado". Na realidade e com o propósito de rebater a contestação dos negros, dos índios, dos sem-terra e de boa parte da opinião pública brasileira à versão "epopeica" da "descoberta" e da "criação" do Brasil pelo "génio português", usaram-se dois argumentos principais.

O primeiro, que o Presidente da República repetidamente glosou, antes e durante a sua visita oficial ao Brasil, diz que o passado histórico não é da responsabilidade das gerações actuais, que se herda e se assume, neste caso, com "orgulho". É claro que o actual Estado português não é responsável pelos três séculos de colonialismo no Brasil. Mas herdar o passado não quer dizer que ele não se discuta, ou seja, não significa herdá-lo acriticamente e, menos ainda, mitificá-lo "lusotropicalmente" para efeitos de política actual. O colonialismo português edificou uma sociedade luso-brasileira assente na escravatura, na perseguição do índio, no apossamento metropolitano de boa parte das riquezas naturais do país, com profundas desigualda-

des repassadas de violência e dor infindáveis para os mais fracos. É certo que depois da independência brasileira tudo isso continuou e se agravou e muito disso dura até hoje; é certo que isso não é toda a colonização portuguesa e talvez a ela se fique a dever, entre outras coisas, a unidade actual do Estado brasileiro; é certo que as vozes contra os extermínio dos índios ou os protestos antiesclavagistas se levantaram dos jesuítas e de outros espíritos corajosos de religiosos e intelectuais portugueses dessas épocas. Mas o que é igualmente certo é que nada disso ilude o essencial da natureza da colonização dos portugueses. E do essencial, no meu entender, pouco temos de nos "orgulhar".

Repetir, a propósito destas questões, a versão actualizada da "gesta lusitana" ou o mito da "especificidade" lusotropicalista da colonização só vem corroborar a espantosa e duradoura eficácia da "educação nacional" estado-novista na reconstrução mítica da História portuguesa em geral e dos descobrimentos em particular. Acontece que não é, seguramente, sobre a recauchutagem de uma mitologia "imperial" e eurocêntrica da colonização que se pode construir a nova identidade da democracia portuguesa, saída da derrocada do "império" e da revolução de 1974/75.

O segundo argumento vai mais longe, e afirma, como fumos de cientificidade, que não é possível

julgar com o olhar e o juízo moral de hoje os factos da colonização dos séculos XVI a XIX, época em que a escravatura, o genocídio e a pilhagem foram comuns a todas as potências coloniais. Isso é certo, mas é certo unicamente para o trabalho historiográfico, cujo propósito não é o de julgar, mas sim o de procurar compreender. Ora não é de História que se está a falar nestas comemorações. É de identidade nacional, construída a partir de mitos identitários que usam a matéria-prima do passado à luz de juízos políticos e morais de hoje para fabricar, com valores actuais e com propósitos presentes e futuros, visões legitimadoras a partir da História. Relativizar o escravagismo e o genocídio índio no quadro deste propósito não é um exercício de compreensão histórica, é uma sua falsificação branqueadora com vista a obter efeitos políticos para o presente e no futuro. Para as elites políticas brasileira e portuguesa que definiram ideologicamente o sentido da efeméride, o passado só conta na medida em que possa ser apropriável pela "démarche" legitimadora dos mitos identitários de hoje. É por isso que os juízos morais que o relativizam, porque elaborados à luz de critérios políticos do presente, surgem, efectivamente, como manipulações desculpabilizadoras no quadro de uma recriação mítica da História.

Se alguma coisa havia a assinalar nestes 500 anos, e eu penso que

haveria, é óbvio que, sobretudo a nível do discurso oficial do Estado, se podia e devia não ter ido pelo mais fácil e mais falso: a cedência à retórica passadista e nacionalista. Bastava aproveitar o excelente contributo prestado, no domínio científico e da divulgação, pela Comissão dos Descobrimentos, principalmente a partir da presidência de António Hespanha, que, precisamente, lhe imprimiu um cunho multiculturalista, de encontro de diferenças, em tudo distinto dessa reciclagem de velhos mitos que acabou por empestar o ambiente.

E é claro, igualmente, que a despeito dos óbvios imperativos da diplomacia, eu teria esperado do Presidente da República, em visita ao Brasil, um qualquer gesto, por distante e simbólico que fosse, para com as manifestações dos sem-terra e dos índios — o outro lado das comemorações e do Brasil —, brutalmente reprimidas pela polícia e pelas forças militares às ordens do Governo brasileiro. Foi essa violência e abuso, afinal, que ficaram como marca indelével das "festas". E talvez por isso mesmo um tal gesto tivesse tido mais significado como expressão da fraternidade entre os dois povos, da nossa solidariedade para com essa imensa maioria de gente oprimida, espezinhada, explorada, deserdada, do que todos os discursos proferidos nas cerimónias que sobram da fuga das comitivas presidenciais à ameaça dos manifestantes. ■



# Envolver a UE nos 500 anos do Brasil



De Bruxelas

por **Mário Soares**

**I**NFELIZMENTE para mim, não me foi possível estar presente no Plenário do Parlamento Europeu nem na Comissão dos Negócios Estrangeiros, na semana crucial de apresentação da presidência portuguesa, feita, com o brilho habitual, pelo ministro Jaime Gama, pelo secretário de Estado Seixas da Costa e, depois, por alguns outros ministros nas respectivas comissões especializadas. Mas sei que tudo correu bem, sem novidades de maior. Ficou a sensação, ao que li e ouvi, de que Portugal não tem grande espaço de manobra para tomar iniciativas de tipo inovador, mas que fará correctamente aquilo que dele se espera. Para ascender a um patamar mais ambicioso e enfrentar as mudanças que se impõem, de resto, seriam necessárias outra filosofia, quanto à nossa acção na Comunidade, a disposição de correr riscos sérios e a coragem de ir contra as rotinas estabelecidas, aceitando pôr os pontos nos is e

chamar os bois pelo seu nome, sem eufemismos. Reconheço que não seria fácil... Embora ousar talvez fosse a opção mais gratificante para um país pequeno, como Portugal, com as excepcionais responsabilidades históricas e geoestratégicas que tem.

A razão por que falei à «première» da nossa segunda presidência europeia relaciona-se com as obrigações irrecusáveis decorrentes da minha qualidade de co-presidente da Comissão de Honra das Comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. Já falei, nesta «coluna», da conexão que nos interessa estabelecer entre a União Europeia e as cerimónias dos 500 anos, que terão lugar em Portugal e no Brasil. Ora, realizaram-se agora no Brasil, durante toda a semana passada, no Rio de Janeiro, em Porto Seguro (onde chegou Pedro Álvares Cabral) e em Brasília, onde tive de me deslocar para encontrar o Presidente Fernando Henrique Cardo-

so, reuniões decisivas para ultimar os preparativos e acertar o respectivo programa — intensivo, participado e, esperamos, brilhante — das Comemorações, tanto do lado brasileiro como português. Decorrerão estas de 22 de Abril deste ano a 22 de Abril de 2001, mas realmente, iniciam-se um mês antes — no começo de Março próximo — com a visita de Estado a Portugal (Lisboa, Porto, Santarém, talvez Belmonte) do Presidente Fernando Henrique Cardoso.

O objectivo destas Comemorações, além de assinalar uma efeméride incontornável na história dos dois países, consiste em afirmar os excepcionais laços de afectividade que unem os dois povos, desde sempre, em reforçar a ampla cooperação já existente entre Brasil e Portugal, com vista ao futuro, e em todos os sectores de actividade — da política à economia, da cultura à ciência e ao intercâmbio universitário e tecnológico. Tudo isso deverá ser feito — saliente-se — no quadro mais vasto do relacionamento entre a União Europeia e o Mercosul, dado ser o Brasil o pai líder e o motor desta nova (e tão importante para a União Europeia) associação regional.

Para mim é, como sempre foi, claro, claríssimo, que a solidariedade entre Portugal e o Brasil deverá constituir sempre um dos pilares fundamentais da nossa política externa. Assim também o tem entendido, felizmente, o Governo de António Guterres, que proclamou o Brasil como uma das suas «principais prioridades» e tem promovido — coisa nova! — o investimento português no Brasil, hoje considerado em quarto lugar.

Com efeito, para os portugueses que não conhecem o Brasil, é talvez mais difícil compreender como o imenso país irmão — imenso, em território, em população, em potencialidades e

pelo peculiar ritmo do seu povo — representa para Portugal, a maior oportunidade de prosperidade, como nação plurissecular. Mas muito mais do que isso, constitui uma importante garantia de perenidade da língua portuguesa, em tempos impiedosos de globalização e de homogeneização linguística. O português, qualquer português, sente-se no Brasil «em casa» — e uma das principais razões disso é a língua — da mesma maneira, julgo, que qualquer brasileiro se sente em Portugal.

Na verdade, ao Brasil demos a língua, que continua a ser a nossa maior riqueza, falada aliás nos trópicos com especial sabor, contribuímos poderosamente para a maravilhosa integração do seu povo miscigenado — o índio, o português, o africano, e todos os outros contributos étnicos vindos posteriormente da Europa, da Ásia e do Médio Oriente — composto hoje por 160 milhões de seres humanos, dispersos por um vastíssimo território, cuja unidade essencial (surpreendente!) também foi moldada pelo génio português. Com o contributo (hoje reconhecido) desse Rei tão caluniado, D. João VI (a quem agora se dedicou uma excelente exposição) que, impulsionando o «império brasileiro», uma criação política única nas Américas, abriu caminho à independência sem choques, ressentimentos ou violência (foi o «fico» de D. Pedro I, anunciado pelo próprio de uma janela do Palácio Imperial no Rio, esse nosso liberal e admirado D. Pedro IV), e moldou, definitivamente, a unidade política brasileira.

No século XIX e até meados de XX, Portugal e Brasil, nos planos político e do relacionamento dos Governos, ignoraram-se muitas vezes, infelizmente. Mas não os povos: a classe política, os empresários e os governantes. O



# De Bruxelas...

► português humilde, trabalhador, honrado, quase analfabeto, continuou a mandar o Brasil para aí ganhar, duramente, «o pão que o Diabo amassou»... Algumas vezes triunfou e regressou à terra enriquecido, feito «comendador» — o alvo preferido do sarcasmo (injusto!) do genial Camilo. Mas a maior parte das vezes não: por lá ficou, pobre e esforçado, como foi, nessas pequenas terras de nome português, hoje grandes urbes, que enxameiam o imenso Brasil. Dessa epopeia anónima e magnífica nos falaram Ferreira de Castro e Miguel Torga, entre outros.

Os portugueses, no Brasil, além de levantarem cidades, por toda a parte, projectaram obras em grande — com uma grandeza que não nunca tiveram em Portugal — criaram misericórdias, beneficências e organismos culturais, à semelhança do Real Gabinete Português de Leitura do Rio — uma verdadeira catedral do livro — que continuam, ainda hoje, a realizar uma obra utilíssima e genuína da sociedade civil, quase sempre à margem do Estado, constituindo um imenso orgulho para Portugal.

No momento singular da revolução republicana de Outubro de 1910 encontrava-se em Portugal, em visita oficial — a primeira, creio, de um Chefe de Estado brasileiro — o presidente Hermes da Fonseca. Foi recebido por D. Manuel II e depois, tranquilamente, aceitou as despedidas que lhe foram feitas, entusiasticamente, em nome de Portugal, pelo Governo Provisório da República, presidido por Teófilo Braga. Em 1922 — primeiro centenário da independência — Portugal enviou o presidente António José de Almeida ao Brasil para, na expressão inspirada do grande tribuno republicano, «**agradecer aos brasileiros, em nome de Portugal, terem-se tornado independentes**». Essa foi a tradição liberal e republicana.

Modestamente, em 7 de Setembro de 1994, data da independência do Brasil, na mesma linha de inspiração, proclamei «**o audaz, o valente, o animoso alferes**» (como lhe chamou Cecília Meireles, num poema célebre) José da Silva Xavier, o Tiradentes, da inconfindável mineira, português, «maçon» e brasileiro, enforcado às ordens de D. Maria I,

«herói português», uma vez que o é — e dos mais genuínos — do Brasil.

A tradição de afecto e de solidária amizade entre políticos brasileiros e portugueses prolongou-se, no século findo, durante os tempos negros das ditaduras, com exilados brasileiros acolhidos em Portugal e, mais ainda, com a galeria ilustre de exilados portugueses no Brasil — Jaime Cortesão, Sarmiento Pimentel, Jaime Morais, Humberto Delgado, Henrique Galvão, Palma Inácio, Casares Monteiro, Jorge de Sena, Fernando Lemos e tantos, tantos outros.

O 25 de Abril, trazendo a liberdade a Portugal, influenciou poderosamente a «transição democrática» do Brasil — bem como a de Espanha e de outros países ibero-americanos — abrindo ao mesmo tempo caminho a outro tipo de relacionamento entre Portugal e Brasil, situado agora no quadro institucional, entretanto criado, das relações entre a União Europeia e o Mercosul.

Trata-se, portanto, de um desígnio muito mais vasto e ambicioso, vital para os dois países, que passa pelo reforço da Comunidade Ibero-Americana e, so-

bretudo, da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que bem merece ser activada e tomada finalmente a sério.

É nesta perspectiva geopolítica, visando essencialmente o futuro — e para desenvolver progressivamente ao longo do século, que agora se inicia —, que têm de ser entendidas as Comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. Devem ser, obviamente, emoção e festa, participada pelos dois povos, mas também recordatório crítico, prospectiva e negociação realista, tendo em conta as novas condições geopolíticas do mundo, envolvendo os Chefes dos Estados, os parlamentos, os Governos e as sociedades civis — academias, universidades, centros científicos, associações empresariais, sindicais e profissionais.

O programa é vasto, exaltante, e a sintonia entre as orientações políticas vigentes nos Estados, ao mais alto nível, única nos tempos modernos.

Dá a importância, a responsabilidade histórica e a consciência, de parte a parte, que não pode ser perdida a oportunidade que esta efeméride nos oferece.



# Brasileiros iniciam festa no Carnaval

A CHAMA do Conhecimento, que simboliza a união de negros, indígenas e portugueses na formação do povo brasileiro, está a percorrer 112 cidades do país, terminando a marcha no dia 22 de Abril, em Porto Seguro, a sul da Baía, para os festejos dos 500 anos do descobrimento do país. Pouca gente, a não ser os moradores da cidade onde passa a chama, acompanha a sua caminhada. É Verão, o país está de férias, faz muito calor, foram todos para a praia, é demasiado exigir que os brasileiros se preocupem, por enquanto, com o assunto.

Mas, quando o Carnaval chegar, no início de Março, os brasileiros vão entrar no samba e nos festejos do 5º Centenário, tema dos mais importantes Carnavais do país — no Rio de Janeiro, Salvador, Recife, São Paulo, Olinda. Através do sumptuoso desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro, cada uma delas interpretando um momento da história do país, o mundo tomará conhecimento da festa. Para o povo será apenas o início de festejos que se estenderão por todo um ano...

Os brasileiros ainda não festejam mas nem por isso estão alheios ao tema. Uma sondagem recente mostrou que todo o país está ciente de que este ano se comemoram os 500 anos, e querem festejar a data. Para este conhecimento contribuíram os meios de comunicação que há muito estão a tratar do assunto. A pioneira foi a TV-Globo que, no início de 1999, lançou uma campanha onde crianças cantavam com Milton Nascimento uma canção cujo refrão dizia: «Brasil você é lindo/500 anos te descobrimos». Depois, a mesma emissora passou a apresentar centenas de mensagens curtas, das mais importantes personalidades do país e de brasileiros descobridores, sobre a data.

O êxito de dez livros lançados sobre o assunto (viagem do descobrimento, descobertas portuguesas, primeiros anos do Brasil), também no ano passado, surpreendeu o mercado editorial, e mostrou que o Brasil está interessado na sua história.

A fermentação cultural estendeu-se a outros sectores — filmes, peças, artes plásticas, humor, teledramaturgia. «A Muralha», mini-série da TV-Globo sobre o primeiro século do Brasil, tornou-se o sucesso do Verão, e a emissora está a preparar outra — «A Invenção do Brasil» — sobre os primeiros anos dos portugueses na terra. Assim, 1999 foi o ano da anulação da festa.

## Espanhóis jogam «felto» de Vicente Pinzon...

Um contramão com os festejos oficiais, a comunidade espanhola do Brasil deu início, na quarta-feira, na cidade do Cabo de Santo Agostinho, a 30 quilómetros de Recife, às comemorações dos cinco séculos do alegado «descoberto» do Brasil pelos espanhóis. A festa teve a presença de autoridades bras-

leiras e espanholas, e até do governador do estado, Jarbas Vasconcelos, mas não alcançou qualquer repercussão.

De acordo com os espanhóis, o Brasil teria sido descoberto por Vicente Yanez Pinzon quase três meses antes da chegada de Cabral. Carmelo Hernandez, prefeito de Palen de la Frontera, onde Pinzon teria iniciado sua viagem no século XVI, distribuiu cópias de um documento que provaria tal tese. Mas Cabo de Santo Agostinho vai festejar também o 22 de Abril. O único objectivo de apoio à festa espanhola é estimular o turismo na região.

## ... e índios preparam marcha de protesto

A desafiar o dia do orgulho oficial, contudo, algumas comunidades indígenas locais.

Ao longo da semana passada, um grupo de índios, oriundos de diferentes aldeias do país, reunido sob orientação do Conselho Indigenista Missionário (CIM) e do Grupo de Trabalho Amazônico (GTA), trouxe as principais manifestações e reivindicações que irão ser realizadas na semana forte das comemorações. O referido encontro teve lugar na Coroa Vermelha, local onde foi rotunda a primeira missa portuguesa no Brasil. Hoje é a maior aldeia indígena da Baía, com 2600 residentes.

A marcha indígena iniciará-se em Brasília, nos dias 13 e 14 de Abril, tendo como destino o Estado da Baía, o que deverá acontecer no dia 17. Depois, prosseguirá em direcção ao Monte Pascoal — o primeiro sinal de terra avistado pelos portugueses —, para no dia 22 alcançar a cidade-beiró do país, Porto Seguro. Uma agenda estipulada em função do plano oficial das comemorações que deverá reunir, no máximo, no dia 22, em Porto Seguro, os Presidentes dos dois estados, Jorge Sarqueto e Fernando Henrique Cardoso. Os índios tentam ganhar protagonismo mediático, num dia em que não vão faltar no local «festa» e câmaras.

Por detrás de todas as críticas indígenas aos actos simbólicos preparados conjuntamente por Portugal e Brasil estão, subliminamente, as pretensões de sempre. Conquistar as suas terras de volta. Se não as mesmas, pelo menos algumas das que lhes foram retiradas há 500 anos.

O título genérico recolhido para o conjunto das manifestações só por si dá conta do carácter controverso que passa a animar: «Povos indígenas retomam Brasil».

A acrescentar às reivindicações seculares pela posse da terra, os índios brasileiros juntam «exigências» relacionadas com os problemas de integração na sociedade educativa e no acesso às instituições médicas.

ISA DE ALMEIDA  
corresponsável de Rio de Janeiro  
com SANDRA TELÓR



## DESTAQUE

# Portugueses continuam a emigrar

Alexandra Campos

*Novo destino de imigração, Portugal continua a ser, em simultâneo, um país exportador de mão-de-obra. Nos anos recentes, verificou-se uma emigração menos definitiva, marcada por fluxos temporários e sazonais, mas ainda pouco qualificada. Os novos emigrantes continuam a sair*

*para destinos tradicionais, como a França e a Alemanha, ou optam por novas alternativas, como a Suíça ou a Espanha, onde se empregam na hotelaria, na construção civil ou na agricultura. Em muitos casos, os trabalhadores de Leste ou do Brasil que chegam a Portugal vêm apenas ocupar os lugares que os novos emigrantes deixaram em aberto.*

FERNANDO VILLAS



Portugal continua a ser um país de emigrantes, mas, nos dias de hoje, a partida já não acusa as marcas da fatalidade de outrora

**N**uma altura em que a atenção dos responsáveis políticos se concentra quase exclusivamente na problemática da imigração, o fenómeno da emigração tem sido praticamente ignorado. A verdade é que Portugal continua a ser um país exportador de mão-de-obra — mais instruída agora, mas ainda pouco qualificada, com os novos emigrantes a ocuparem postos de trabalho sobretudo na construção civil, nas limpezas, na hotelaria ou na agricultura sazonal.

Com a dissolução de fronteiras na União Europeia (UE) e a emergência

de fluxos temporários e sazonais de saídas, a emigração perdeu, todavia, a marca "definitiva" e "fatalista" de outrora, assumindo agora um carácter marcadamente "pendular". Os novos emigrantes portugueses — hoje promovidos ao estatuto de "cidadãos europeus" — deslocam-se já com relativa desenvoltura no espaço da UE, mudando com facilidade de empresa, de sector e mesmo de país. Vão ocupar, quase sempre, postos de trabalho pouco qualificados, ainda que se comece a notar já um tímido incremento na saída de portugueses com qualificações.

Em traços gerais, estas são algu-

mas das conclusões a retirar de um dos trabalhos mais completos sobre emigração até hoje realizados em Portugal. É a segunda parte de um vasto estudo intitulado "Os movimentos migratórios externos e a sua incidência no mercado de trabalho em Portugal", um estudo elaborado para o Observatório do Emprego há já dois anos, mas que só agora se encontra em vias de publicação. Trata-se de uma abordagem coordenada das problemáticas da imigração e da emigração — esta última centrada nos principais países europeus de destino, na medida em que se tornaram nos principais receptores de mão-de-obra

portuguesa após a década de 50 (ver textos nestas páginas).

## Regresso ainda é "projecto adiado"

Será que se continua a justificar em Portugal uma análise atenta do fenómeno de emigração? Para os autores do estudo — uma vasta equipa coordenada por Maria Iouranis Buganha, João Serrão e Jorge Malheiros —, a resposta não pode deixar de ser afirmativa, até porque um novo ciclo migratório começou a partir de meados da década de 80. Um novo

### França



- 800 mil portugueses (1995)
- 1% da população
- 14% dos estrangeiros
- 1ª comunidade estrangeira
- Principais regiões de destino: Ile-de-France (Paris)

É a maior comunidade portuguesa na Europa (e a segunda no Mundo, a seguir ao Brasil), representando mais de 17 por cento do total de emigrantes residentes no estrangeiro e cerca de 60 por cento do total de portugueses em países europeus. Foi a partir de meados dos anos 50 que a França se começou a evidenciar como destino da emigração portuguesa. Desde então, e até meados da década de 70, o fluxo de entradas cresceu a um ritmo muito intenso, uma emigração maciça e em grande parte clandestina (em 1970, para um total de de quase 130 mil emigrantes, o movimento ilegal representou mais de 80 por cento), oriunda basicamente de áreas rurais. O emigrante-tipo em França possuía então um baixo nível de instrução e de qualificações, inferior ao dos portugueses que então emigraram para a Alemanha. A comunidade portuguesa apresenta um elevado grau de permanência em França, ainda que este seja o país mais de onde regressaram mais emigrantes, em valores absolutos.

### Alemanha



- 130 mil portugueses (1996)
- 0,2% da população
- 1,8% dos estrangeiros
- 10ª comunidade estrangeira
- Principais regiões de destino: Estugarda - Essen/Dortmund; ex-RDA (Berlim)

O pico nas entradas de portugueses na Alemanha registou-se nos primeiros anos da década de 70, seguindo-se, na década de 80, um movimento inverso. Na sequência da entrada de Portugal na comunidade europeia, iniciou-se um novo ciclo migratório. Na década de 90, o número de entradas volta a crescer de uma forma significativa, fenómeno que se explica sobretudo com o aparecimento de oportunidades de emprego nos novos estados federados da Alemanha (ex-RDA), com especial destaque para o sector da construção civil (estimando-se em cerca de 35 mil os portugueses a trabalhar em regime de destacamento). O grupo dos novos migrantes é muito mais diversificado, notando-se já uma tendência para o aumento de portugueses com níveis de qualificação mais elevados, ainda que continue a predominar as oportunidades de emprego nas actividades que requerem qualificações mais baixas. Este período é caracterizado por uma grande mobilidade dos portugueses.

### Suíça



- 137 mil portugueses (1996)
- 2% da população
- 10% dos estrangeiros
- 3ª comunidade estrangeira
- Principais regiões de destino: Cantões franceses (Vaud, Genebra); Berna, Zurique, Valais

Foi a partir da década de 80 que os portugueses, em conjunto com os jugoslavos e os turcos, começaram a ocupar gradualmente os lugares que iam sendo deixados vagos pelos italianos e espanhóis. As entradas de portugueses atingiram um auge entre 1984 e 1992, ano a partir do qual começaram a diminuir progressivamente. Durante este período, os portugueses afirmaram-se como o segundo maior grupo de entrada, logo a seguir aos cidadãos da ex-Jugoslávia. Teoricamente sazonal, uma parte considerável da emigração de curta duração acabou por se converter em estagiação permanente. Aliás, a emigração clandestina para a Suíça foi muito superior à legal (no início da década de 90, estimava-se entre 20 mil a 50 mil o número de portugueses em situação irregular). Hoje é muito menos frequente a entrada na Suíça sem autorização de residência ou contrato de trabalho. Os portugueses trabalham sobretudo na construção civil, hotelaria e nos empregos "de baixo estatuto social".



## Relações entre o Estado e os emigrantes

# De clandestinos a cidadãos de pleno direito

Leonete Botelho

MARCEL GONÇALVES

O Estado português adoptou sempre uma política dupla em relação aos emigrantes. À parte as características de cada época, oscilou-se sempre entre o "canto da sereia" para atrair as suas remessas financeiras e as políticas de contenção de um indesejável retorno, definitivo e em massa. Nos anos 90, os emigrantes tiveram finalmente direito ao voto.

**D**e que forma o Estado português foi interagindo com os emigrantes ao longo do tempo? O sociólogo Albertino Gonçalves, da Universidade do Minho, traça, em pinceladas largas, três momentos distintos: o Estado Novo, a década pós-25 de Abril e o período da integração de Portugal na Comunidade Europeia.

"Nos anos 60, o Estado fez como a avestruz: fez de conta que o fenómeno não existia", diz o sociólogo, autor de diversos trabalhos sobre o tema. Depois da grande vaga de emigração, na década de 60, ganhou força a ideia de que os portugueses eram a riqueza do país e a política era mantê-los lá. Foi a altura dos movimentos contra a emigração: os grandes proprietários e industriais faziam tudo para a evitar e chegava mesmo a haver manifestações pedindo um maior controlo das fronteiras. Não é por acaso que, a partir de 1962/63, a emigração tenha sido banida das jornais, enquanto proliferavam os textos patrióticos de ligação umbilical à Pátria.

"A emigração clandestina foi uma tragédia, houve pessoas que morreram e houve sobretudo muita gente que chegou aos países de acolhimento indefesos: sem papéis, sem identidade, sem dinheiro, sujeita a todas as dificuldades e, portanto, numa situação de diminuição face aos empregadores", relata Gonçalves.



Os portugueses expulsados pelo Mundo só conquistaram o direito ao voto nos anos 90.

Por outro lado, nos países de destino, e sobretudo em França, os emigrantes tinham facilidade de legalização, sendo-lhes atribuídas cartas de estadia e de trabalho. Não podiam era vir a Portugal, e houve mesmo muitos casos de pessoas que eram proibidas de entrar no seu país. Mas ainda durante o Estado Novo essa situação mudou, com a política de legalização dos emigrantes clandestinos, a partir de 1968. É isso que explica o "pico" das estatísticas da emigração nesse ano.

A partir do 25 de Abril, o Estado

português promoveu medidas a que os sociólogos chamam o "duplo vínculo" (e que, afinal, tinha já sido a política do Estado Novo). Por um lado, fazia-se tudo para manter os emigrantes ligados ao país, para alimentar o envio das suas remessas (poupanças). Por outro, tentava-se controlar o regresso de modo a evitar um movimento maciço para o qual o país não está preparado. "O realismo aconselha, ao mesmo tempo, o não incentivo ao regresso definitivo e a manutenção, sendo o reforço, da vinculação ao país: o regresso permanente e latente,

mas não efectivo", diz Gonçalves.

Isto aconteceu entre 1976 e 85, precisamente na altura da grande vaga de retorno dos emigrantes da Europa. Mas esta devolveu-se mais à grande ilusão provocada pela revolução dos cravos do que às políticas do Estado. "As pessoas pensavam que fariam uma sociedade nova era só uma questão de vontade". A ilusão era alimentada por dois factores: por um lado, pensava-se que Portugal ia ficar rapidamente ao nível dos países da Europa. Por outro, o principal país de acolhimento — a França — desenvolveu por esta altura, devido à crise do petróleo, uma forte política de incentivo à saída dos imigrantes.

A partir de meados dos anos 80, com o movimento de integração na comunidade europeia, o discurso mudou. "As questões da imigração passaram a colocar-se no outro quadro que não o das fronteiras nacionais, e a política passou a ser de apoio aos emigrantes nas sociedades de acolhimento e de relações internas entre Portugal e as comunidades portuguesas no estrangeiro", considera o sociólogo. Para os emigrantes, o reconhecimento de Portugal no Mundo serviu de fermento para a sua melhor inserção nos países de destino.

O Estado percebeu rapidamente que, neste novo contexto, as comunidades de emigrantes são uma mais-valia muito importante para o país. E alguns partidos depressa tomaram consciência das vantagens políticas de atribuir o direito ao voto aos emigrantes. A discussão

acabou-se a discutir a década de 90, até se alcançar o consenso em torno do assunto: primeiro em relação às eleições legislativas, agora também para as presidenciais. E o peso do voto dos emigrantes acabou por se revelar decisivo nas legislativas do ano passado: foram precisamente os votos dos círculos da Europa e fora da Europa que decidiram a composição final — e original — do actual parlamento: o empate técnico de 115 deputados eleitos pelo PS e outros tantos pelos partidos da oposição.

cio que é fruto não só das novas condições de mobilidade de trabalhadores docentes da entrada na Comunidade Europeia, em 1986, mas também da revitalização de redes tradicionais e da criação de novas alternativas.

Portugal é hoje simultaneamente, "um país de imigração e de emigração", considera Jorge Malheiros, acrescentando que a década de 90 ficou marcada por um saldo migratório que deverá mesmo estar "próximo do zero". É isto porque só nos últimos anos desta década o número de entradas começou a suplantar o de saídas de uma forma significativa.

Os dois países de destino mais importantes no contexto europeu voltam a ser a França e a Alemanha, grandes receptores de mão-de-obra portuguesa nas décadas de 60 e de 70, ainda que a Suíça se tenha insinuado como um destino privilegiado. Trata-se de uma imigração pós-industrial e sazonal, apesar de a experiência demonstrar que os emigrantes tendem a prolongar a estadia, sempre que podem.

Sem a intensidade do passado, é certo, os portugueses continuam a emigrar em números significativos, causando este movimento um notório impacto no mercado nacional de trabalho. A relativa "sangria" de trabalhadores portugueses sentida no sector da construção civil (com um grande número de saídas, sobretudo para a Alemanha) parece, aliás, estar na origem da gradual substituição da mão-de-obra nacional pela mão-de-obra imigrante em Portugal, nos últimos anos. "Há aqui uma lógica de substituição", afirma Jorge Malheiros, acrescentando que a imigração e a emigração "não são processos estanques".

Outro fenómeno simultâneo é o do movimento de regresso dos emigrantes, que, afinal, acabaria por se revelar bem menos significativo do que inicialmente se previa (na década de 80 estimava-se que a média de retornos não tinha ultrapassado os 24 mil/ano, tendo descido para 22 mil, entre 1992 e 1997). Tal como no passado — concluem os autores do estudo —, o regresso definitivo parece continuar a ser, para a esmagadora, "um projecto adiado".

## Espanha



- Cerca de 38 mil portugueses (1996)
- 0,1% da população
- 7% dos estrangeiros
- 4ª comunidade estrangeira
- Principais regiões de destino: Galiza, Madrid, Castilha-León

A Espanha pode considerar-se um país de atracção intermédia. Foi a partir dos anos 60 que as entradas dos portugueses começaram a ter alguma expressão. Os investigadores distinguem quatro subtipos de emigração portuguesa em Espanha: o modelo galego, que corresponde a uma comunidade consolidada e algo diversificada, alimentada por um fluxo emigratório contínuo; o modelo urbano, um fluxo mais recente dirigido para o sector de serviços na capital espanhola; o modelo mineiro-industrial, centrado na região asturiano-leonesa, que registou um apogeu na década de 70 e está em declínio; e o modelo tradicional da faixa fronteiriça da Extremadura-Andaluzia, associado a antigas migrações de trabalhadores agrícolas. Nos últimos anos, destaque para o desenvolvimento dos fluxos de carácter sazonal e temporário para os sectores da agricultura e do turismo.

## Andorra



- Cerca de 7 mil portugueses (1995)
- 11% da população
- 15% dos estrangeiros
- 2ª comunidade estrangeira
- Principais regiões de destino: capital e arredores

Os portugueses começam a chegar a Andorra a partir de meados dos anos 70. De 67 portugueses, em 1976, passou-se para 1000, em 1980, e para quase 7500, em 1993, ano em que a comunidade portuguesa atingiu a sua dimensão máxima. Andorra assumiu-se como uma das alternativas aos países receptores tradicionais da Europa, depois de estes terem começado a adoptar políticas migratórias restritivas, a partir de 1973. Os portugueses constituem a segunda comunidade estrangeira, a seguir aos espanhóis. Oriunda sobretudo do Alto Minho, a comunidade portuguesa caracteriza-se pela sua rotatividade, com períodos alternados de residência num e noutro país.

## Luxemburgo



- 63 mil portugueses (1997)
- 13% da população
- 37% dos estrangeiros
- 1ª comunidade estrangeira
- Principais regiões de destino: áreas mineiras do Sul e capital

Os portugueses começaram a instalar-se no Luxemburgo no fim dos anos 60, princípio dos anos 70, destruindo os italianos enquanto comunidade estrangeira mais importante naquele país. Este movimento ainda hoje se faz notar, tornando-se cada vez mais relevante a presença dos portugueses neste pequeno país, sobretudo na construção civil (os bomeiros) e nas limpezas (as mulheres). A segunda geração começa, ainda que de timidamente, a ocupar postos nos serviços. Mesmo assim, um número significativo de jovens continua a sair da escola sem diploma ou com diplomas de nível básico, contribuindo para o incremento progressivo da parcela de mão-de-obra pouco qualificada num país que necessita cada vez mais de trabalhadores qualificados.

## Brasil



- 1200 mil portugueses
- 0,7% da população
- Principais regiões de destino: S. Paulo e Rio de Janeiro

Actualmente, é um ciclo emigratório quase encerrado. A emigração portuguesa para o Brasil começou a fazer-se notar sobretudo a partir do início do século XVIII, com a intensificação da exploração mineira, e prolongou-se por todo o século XIX, centrada na agricultura e no comércio a retalho. Depois da independência, o Brasil recebeu mais de cinco milhões de imigrantes, dos quais 1,5 milhões eram portugueses. Não obstante as medidas restritivas impostas à imigração a partir dos anos 30, os portugueses continuaram a emigrar para o Brasil em níveis relativamente elevados até ao final da década de 60, com especial relevância para o período compreendido entre 1961 e 1969. Entre 1976 e 1980, registou-se um novo pico, relacionado com a instabilidade política no Brasil. A partir do 25 de Abril, orientado sobretudo das regiões Norte e Centro de Portugal, os portugueses fixaram-se preferencialmente nas cidades.



SOCIEDADE

Conferência da ONU sobre o crime organizado ataca o tráfico de seres humanos

# Brasil e Portugal na luta

JOÃO P. OLIVEIRA



O Brasil "exporta" cerca de 75 mil mulheres por ano para os circuitos da prostituição

Gina de Azevedo Marques,  
em Palermo

**O tráfico de seres humanos é a terceira atividade criminosa mais lucrativa a nível planetário. Um dos seus vectores fundamentais, a prostituição, tem um eixo marcado entre o Brasil e Portugal. Dois dos países mais empenhados no combate a esta escravidão do fim do século.**

**P**ela primeira vez na história, a Organização das Nações Unidas está a estabelecer de modo concreto uma ofensiva mundial contra o crime organizado. Portugal, uma das portas de entrada na Europa das prostitutas vindas do Brasil, está na primeira linha na intenção de combater o tráfico de seres humanos.

"Portugal e o Brasil estão conscientes e dedicam particular atenção ao problema de tráfico de seres humanos. Já estamos de acordo em aperfeiçoar os sistemas de ligação entre as polícias brasileira e portuguesa", explica o ministro português da Justiça, António Costa.

A Interpol traçou um mapa das principais rotas do tráfico de brasileiras. Segundo o levantamento, os principais esquemas de exploração estão em Portugal, Bélgica, Alemanha, Canadá, Suriname, Holanda, Espanha, França e Israel. Elas são levadas de forma clandestina para o exterior com a promes-

sa de emprego e bons salários. Depois, os aliciadores confiscam os passaportes, cobram as despesas de viagem e obrigam as mulheres a prostituir-se.

Segundo a Interpol, o Brasil está entre os seis países do mundo que mais exportam mulheres para o mercado internacional da prostituição. De acordo com os estudos da ONU, a cada ano cerca de um milhão de mulheres são vítimas de tráfico no mundo. Destas mulheres, pelo menos 75 mil seriam brasileiras, estima a Federação Helsink dos Direitos Humanos.

A Conferência de Palermo tem como fundamental objetivo estabelecer regras de cooperação a nível mundial, reforçando as estruturas jurídicas e policiais para combater o tráfico de pessoas e de drogas e lavagem de dinheiro ilegal. Não se trata só de uma carta de intenções, pois os países que ratificaram o acordo contarão com um apoio de um fundo das Nações Unidas que poderia ser financiado com a recolha dos bens confiscados acumulados através das atividades criminosas.

Com este propósito, o Escritório para Controlo das Drogas e Prevenção ao Crime da ONU ajudará os Governos que ratificaram o acordo a combater também o crescente tráfico de mulheres e crianças no países.

Baseando-se no Protocolo de Palermo, o Presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, deverá enviar ao Congresso, até ao início do próximo ano, o projecto que tipifica o crime de tráfico de pessoas. No Brasil não existe qualquer lei ou artigo que mencione o crime de tráfico humano para a prostituição e o trabalho infantil. E o problema brasileiro é partilhado pela maioria dos países presentes em Palermo.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima em 120 milhões o número de crianças entre os 5 e os 14 anos

obrigadas ao trabalho forçado e denuncia a existência de um sistema de venda e comércio de menores, administrado pelas organizações criminais com contactos internacionais.

O rendimento deste tráfico humano regista um contínuo aumento desde o início da década de 90. Segundo a ONU, em 1999 o crime de tráfico e exploração de pessoas arrecadava cerca de 2,6 mil milhões de dólares e no final dos anos 90 alcançou cifras que variam entre os sete mil milhões (Organização Internacional de Migração) e 13 mil milhões anuais (Antislavery International of London) — valores na ordem dos três mil milhões de contos. Os números são projecções, pois nenhum país fornece dados fiáveis sobre o tráfico humano.

Esta é a terceira actividade criminosa mais rentável no mundo, só superada pelas drogas e pelo contrabando de armas. O produto mundial bruto das actividades criminosas supera 228 mil milhões de contos por ano, correspondendo a quase 20 por cento do comércio mundial. Para combater a criminalidade organizada, é necessário reforçar a cooperação entre as polícias e acabar com os paraísos fiscais, que lavam o dinheiro proveniente do tráfico.

O Tratado de Palermo propõe-se eliminar as actuais diferenças entre as legislações penais de cada estado, para uma eficaz luta contra o crime. Os países que assinaram o documento deverão posteriormente ratificá-lo em Parlamento. Espera-se que no prazo de dois anos 40 países possam ratificar o tratado, dando-lhe assim valor legal e internacional.

A Conferência de Palermo representará uma forte pressão moral para todos os países. Quem não assinar o documento ficará sujeito a um forte sentimento de embaraço — garantido o representante da ONU em Itália, Staffan de Mistura. ■

Denúncia da imprensa sobressalta conferência

## Mafia infiltrada nas obras da ONU

A CONFERÊNCIA Contra o Crime Organizado Transnacional, que decorre desde terça-feira na cidade italiana de Palermo, acordou ontem sobressaltada com a eventual introdução da mafia neste evento promovido pela ONU. Uma notícia do jornal "La Repubblica" de ontem referia que a Cosa Nostra se tinha infiltrado nos concursos públicos das obras realizadas na cidade para acolher esta conferência internacional, uma informação mais tarde confirmada pela AGI, a agência noticiosa italiana.

A suspeita foi lançada por duas denúncias anónimas, enviadas a 18 de Setembro à polícia e ao Governo Civil de Palermo, que davam conta de supostas

partilhas, previamente combinadas, na concessão de empreitadas a empresas associadas àquela organização mafiosa. Entretanto, as autoridades abriram um inquérito a estas suspeitas e um dos primeiros passos será a apreensão das actas dos concursos públicos, de modo a reconstituir a génese de cada empreitada e a identificar os prováveis testas-de-ferro. Esta suspeita vem dar razão aos mais desconfiados quanto ao declínio da mafia em Itália.

Pino Arlacchi, director executivo do programa de controlo de drogas da ONU e vice-secretário geral da organização, corrigiu, por exemplo, as suas afirmações iniciais nesta conferência de Palermo acerca da vitória da

luta contra a mafia. Mais comedido, Arlacchi veio a público afirmar que essa vitória é meramente temporária e conjuntural, o que não significa que a mafia tenha deixado de existir.

Seja como for, o declínio da mafia tem sido referido em vários discursos. O próprio ministro do Interior, Enzo Bianco, numa entrevista publicada no diário "La Repubblica", afirmava que todos os líderes da mafia tinham sido presos nos últimos anos e que restava apenas a detenção de Provenzano, o suposto chefe da organização, cujo paradeiro é desconhecido.

Um estudo recente publicado pelo Observatório Europeu das Drogas e da Toxicodpendência, uma agên-

cia da União Europeia sediada em Lisboa, também contribui para esse clima de vitória sobre a mafia. Letizia Paoli, investigadora do Instituto Max Planck de Friburgo, na Alemanha, afirma num dos capítulos daquela publicação que o crime organizado está a perder terreno no controlo das mercados de narcóticos.

A investigadora não tem dúvidas acerca do envolvimento da mafia calabresa ou sicliana no negócio das drogas, mas afasta a ideia de que a mafia italiana se comporte neste campo como uma multinacional do comércio de droga. Paoli salienta que o tráfico está nas mãos do crime desorganizado, num conjunto de distribuidores que

tem vindo paulatinamente a marginalizar a mafia nos circuitos de fornecimento de heroína ou cocaína.

No final da década de 70 e princípios da década de 80, a Sicília importava morfina do centro e leste da Europa para os seus laboratórios e transformava em heroína com destino aos Estados Unidos da América. Entre quatro e cinco toneladas de heroína pura eram, segundo Letizia Paoli, produzidas anualmente, no final dos anos 70, em laboratórios da Sicília. Contudo, desde meados da década de 80 que não tem sido referenciado qualquer laboratório na região.

Do nosso enviado Amílcar Correia, em Palermo



SOCIEDADE

Se tiverem emprego, estrangeiros sem papéis podem ficar legalmente cinco anos

# Trabalho dá legalização

João Manuel Rocha

Não é uma legalização como as que ocorreram na década de 90, mas a pressão migratória, cruzada com a necessidade crescente de mão de obra, que levou o Governo a destapar a válvula com que o caminho da imigração legal para Portugal tem estado barrado. A legalização por via do trabalho vai permitir uma permanência não clandestina a 30 ou 40 mil imigrantes.



Imigrantes no aeroporto de Lisboa: quem trabalha ilegalmente poderá fazê-lo às claras, ainda que a prazo

O estrangeiro que trabalha em Portugal sem visto adequado vai poder regularizar a sua situação, desde que tenham uma proposta de contrato de um empregador. Os pormenores finais do texto do Governo ainda estão a ser acertados — o assunto esteve ontem em discussão no reunião de secretários de Estado, mas transitou para a da próxima semana.

Sem recorrer a um processo clássico de legalização, o Governo vai criar a figura da "autorização de permanência" por um máximo de cinco anos. É assim que procurará dar resposta à situação de muitos milhares de estrangeiros que entraram no país com vistos de trânsito, curta duração, ou outros, e que trabalham, sobretudo, no sector das obras públicas.

A já tradicional imigração oriunda de países de língua portuguesa, sobretudo africanos, juntou-se nos últimos anos a dos países do Leste da Europa: Roménia, Ucrânia, Moldávia, Rússia. O texto governamental, a que o PÚBLICO teve acesso, assume que a alteração tem em conta "a evolução do fenómeno migratório verificado em Portugal nos últimos anos".

Tanto as associações de apoio a imigrantes como empregadores (caso da Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas) têm apontado para um número de trabalhadores estrangeiros em situação ilegal superior a 30 mil ou mesmo 40 mil pessoas. Não existe,

contudo, um real levantamento das necessidades.

Ao contrário do que aconteceu em 1993 e 1996, quando fizeram regularizações mais clássicas, as autoridades portuguesas optaram desta vez por uma solução que privilegia a legalização de quem já trabalha em Portugal. A figura da "autorização de permanência" será uma espécie de visto de trabalho, com uma diferença: é concedida no país e não nos postos consulares.

**Contrariar efeito de imã**

A preferência pela concessão de "autorizações de permanência" parece ter a ver com a

vontade de responder à situação dos milhares de trabalhadores que afluíram ilegalmente ao país desde 1996. Ao mesmo tempo transparece o desejo de atenuar o efeito de imã que sempre surge associado aos processos clássicos de legalização: em Espanha, onde a estimativa de estrangeiros sem papéis fosse da ordem dos 70 mil, o número dos candidatos ultrapassou já os 120 mil e o processo só se concluiu no final do próximo mês de Julho.

A obrigatoriedade de existência de contrato, cuja legalidade deverá ser certificada pela Inspeção Geral do Trabalho, surge assim como um instrumento que as autoridades por-

tuguesas consideram poder funcionar como dissuasor do afluxo de novos imigrantes. O contrato laboral — que ao abrigo da legislação que regula o trabalho de estrangeiros deverá ser escrito — já está a merecer críticas por parte de associações ligadas à imigração que, entre outras reservas, alertam para o risco de colocar os trabalhadores numa maior dependência dos empregadores.

Independentemente do momento de entrada no país, uma vez munidos da proposta de contrato e de outros documentos exigíveis, os trabalhadores poderão pedir para permanecer no país pelo prazo de um ano, podendo a permanen-

cia ser prorrogável anualmente até um máximo de cinco anos. Trata-se de uma permanência autorizada, mas a prazo. A autorização será "concedida sob a forma de rubrica autocolante", em princípio a colocar no passaporte do cidadão em causa.

Na ausência de uma real definição das necessidades de imigração, e de acordos que permitam regular os fluxos de pessoas com os Estados de origem da maior parte dos estrangeiros — mecanismos que poderiam subtrair os trabalhadores às mafias da imigração — o recurso à autorização de permanência surge como uma tentativa de resolver o problema interno imediato.

Está igualmente previsto um apertar da malha sobre quem emprega estrangeiros sem autorização de residência, autorização de permanência ou visto de trabalho: micro-empresas pagarão cotas de 300 a 750 contos, pequenas empresas de 500 contos a 1.350 contos, médias empresas de 850 contos a 2.350 contos, grandes empresas de 1.400 a 4.900 contos. O incumprimento das leis de trabalho, fiscal e de segurança social será considerado "infração muito grave" punível pelas sanções previstas na legislação laboral.

As alterações que o Governo está a preparar ao decreto-lei 244/98 incidem, em muito, sobre a matéria relativa ao trabalho, mas o executivo aproveitará para fazer outros ajustes na legislação que regula a entrada, permanência e afastamento de estrangeiros. A revisão do regime de vistos e o reagrupamento familiar são aspectos em que se esperam igualmente mudanças.

Associações anti-racismo contra autorizações de permanência

## Escravatura, dizem eles

QUEM VÊ mais aspectos negativos que virtualidades na proposta de lei que visa criar autorizações de permanência para os imigrantes que trabalham em Portugal são as associações de defesa dos imigrantes, nomeadamente a Olho Vivo e a SOS Racismo. "Trata-se de uma cédula em toda a linha aos interesses das grandes empresas, principalmente de construção, cujo resultado vai ser oficializar o trabalho escravo", considera Timóteo Macedo, da Olho Vivo.

Da no sábado, dezenas de associações integrantes da Rede Europeia Anti-Racismo haviam repudiado a intenção do Governo em dar "a todos de trabalho travestido de autorizações de

permanência" aos imigrantes em Portugal, considerando que os trabalhadores estrangeiros não viam desta forma reconhecidos direitos fundamentais.

"As pessoas que venham a ter estas autorizações de permanência não se vão poder matricular numa Universidade, nem inscrever-se numa Ordem profissional, nem ter direito ao crédito bancário, assim como não vão poder recorrer ao reagrupamento familiar", afirmou ontem ao PÚBLICO Timóteo Macedo, explicando que em qualquer destes casos é exigida uma autorização de residência.

"O que se está a fazer é criar um novo estatuto, um novo grupo de cidadãos de terceira, sem qualquer tipo de

direito e na completa dependência das entidades patronais, uma vez que a autorização de permanência só é válida em função de um contrato de trabalho", sublinha. Na mesma linha, José Falcão, dirigente da SOS Racismo, afirma que a proposta legislativa em causa subjugará o imigrante "ao livre arbítrio do patrão e do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras" sem conseguir sequer combater, como se pretende, as redes de imigração clandestina. "Nesse mercado não há sequer contratos de trabalho", afirmou ao PÚBLICO.

"Assim se criam cidadãos descartáveis, que se usam enquanto são úteis e se deitam fora quando não o são", considera Timóteo Macedo. Com

a agravante das implicações que, em seu entender, esta lei vai ter em todo o mercado de trabalho: "Quando os trabalhadores portugueses pedirem melhores salários ou condições de trabalho, os patrões vão responder que têm quem o faça em quaisquer condições".

"Desta forma criam-se mais razões para os sentimentos de racismo e xenofobia, pois os imigrantes vão ser vistos como aqueles que nos vêm roubar trabalho e fazer baixar os nossos salários", acrescenta.

"Todos estes argumentos foram ontem apresentados por estas associações na reunião do Conselho Consultivo do Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas onde, apesar

d disso, foi dada luz verde ao pedido de autorização legislativa que o Governo vai apresentar à Assembleia da República. Isto sem prejuízo das propostas de alteração que as associações e outras entidades venham a apresentar.

Para Timóteo Macedo, a solução tem que passar pela atribuição de autorizações de residência — com todos os direitos inerentes, nomeadamente o de reagrupamento familiar — aos imigrantes que trabalham em Portugal. Nesse sentido, a associação Olho Vivo tem já marcada para o próximo dia 15 uma manifestação no Martim de Deus, em Lisboa, com destino até à porta do Ministério da Administração Interna.

Luís de Almeida





# Portugal abre vagas p

Com os novos vistos de trabalho abre-se uma esperança para os imigrantes ilegais. Mas esta é uma medida do Governo mais virada para satisfazer as necessidades de mão-de-obra na construção civil

CATARINA CARVALHO

**O** ANÚNCIO de que o Governo ia iniciar a entrega de vistos de trabalho aos imigrantes ilegais provocou uma correria aos Serviços de Estrangeiros e Fronteira, em Lisboa, no novo gabinete de atendimento da zona residencial de Telheiras, as filhas começaram na véspera da abertura dos escritórios, mas não há espera que pareça insuperável para quem nunca teve oportunidade de trabalhar em uma situação legalizada.

Ao longo da tarde, porém, a fila aumentou de quem quer obter o visto necessário para trabalhar legalmente em Portugal.

Ao longo da tarde, porém, a fila aumentou de quem quer obter o visto necessário para trabalhar legalmente em Portugal.

de mão-de-obra que se prevê para os próximos anos na área da construção civil. Segundo uma estatística da Associação Nacional de Empreiteiros de Obras Públicas, até 2004 vão ser necessários mais 55 mil trabalhadores neste setor que atingiu um quase pleno emprego em 1999 com 540 mil e noventa mil trabalhadores.

## Questão de Estado

«Como estes números era impossível cumprir os prazos», diz Manuel Aguiar, presidente da ANOP, e os setores desistem de ser responsáveis por problemas estruturais que afetam o setor. Em 2004, a ANOP prevê que o setor das obras públicas terá um crescimento de 12 mil e trezentos trabalhadores e em obras de recuperação quatro mil e cem. Os principais picos da expansão do mercado serão em

No setor não residencial serão necessários 12 mil e trezentos trabalhadores e em obras de recuperação quatro mil e cem. Os principais picos da expansão do mercado serão em



Muitos dos imigrantes já legalizados em Portugal continuam a trabalhar ilegalmente. Não pagam impostos nos locais de destino para a Segurança Social

## Subempreiteiros postos em xeque

O relatório alerta ainda para a possibilidade de uma subida destas necessidades em mais um por cento anual, devido ao «efeito de

expulsão» do desemprego estrutural dentro do setor privado econômico, «devido às difíceis condições de trabalho do setor». E por este motivo que a Associação de Empresas da Construção e Obras Públicas, pelo seu lado, prefere não fazer estimativas. «Este mercado é muito móvel», ressalva Tomás Gomes, presidente da AE-

COOP. «O aumento das necessidades não é o mesmo efeito do aumento das necessidades mas da diferenciação do mercado». As grandes empresas de obras públicas, e em casos raros trabalham diretamente com a mão-de-obra que contratam — usam como intermediários os subempreiteiros. Segundo a lei anterior não tinham qualquer respon-

sabilidade perante os trabalhadores, mas com a nova lei, isso muda. Agora, os subempreiteiros têm de garantir que os trabalhadores tenham os direitos básicos, como o seguro social, a proteção no trabalho e a segurança no trabalho. Isso é uma mudança importante, pois antes os subempreiteiros não tinham qualquer responsabilidade perante os trabalhadores.

obras. «Isto vai permitir que sejam todos responsáveis, até o Estado se a obra estiver sob a sua alçada».

O problema poderá reduzir na instabilidade dos subempreiteiros. «Repare-se que a maior parte dos trabalhadores que vieram dos PALOP conseguiram legalizar-se como cidadãos, mas continuam a ser trabalhadores ilegais. Raramente desistem para a segurança social, e muito menos para os impostos», diz um empresário guineense da zona de Lisboa, que prefere não ser identificado e que demonstra ter muitas dúvidas sobre a viabilidade de, nestas condições, vir a passar contratos de trabalho aos imigrantes.

## Contratos de boca

O aumento das necessidades do setor tem sido sempre sinónimo de expansão do emprego mas não de fixação, na construção civil tem problemas em conseguir resolver a questão do trabalho temporário, as empresas têm de ter muita flexibilidade, segundo Tomás Gomes da Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas.

Hoje, a maior parte dos trabalhadores são contratados por boca, isto é, sem contrato escrito, o que os deixa sem qualquer proteção legal. Isso é uma situação que precisa mudar, pois os trabalhadores precisam ter os seus direitos garantidos.

Para Carlos Trindade, da CGTP, uma das principais vantagens desta nova lei é a existência de responsabilização solidária dos donos das







ENTREVISTA COM MARIA TERESA HORTA  
BRINCADEIRAS COM PAULA REGO  
A VOLTA AO MUNDO EM BICICLETA

PÚBLICA

208 21 DE MAIO 2000

# Clandestinos

Ilegais brasileiros em Portugal

e PROGRESSO





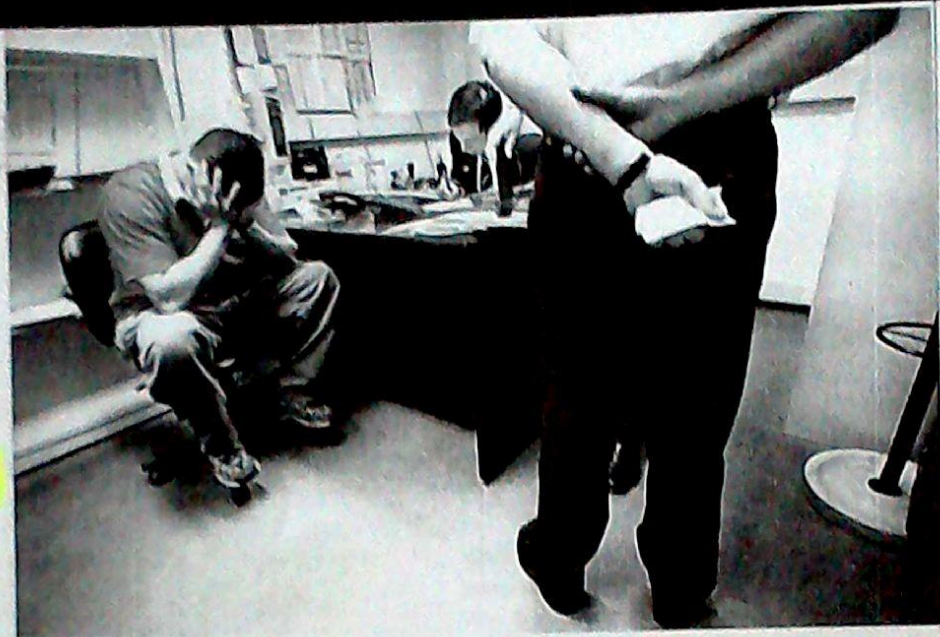
## SER "IRMÃO" NÃO BASTA

1 NUNO FERREIRA  
E RODRIGO MIRANDA

O auge das comemorações dos 500 anos do "achamento" do Brasil foi em Abril. Mas no aeroporto de Lisboa nada mudou: só nesse mês, 76 candidatos a "clandestinos" foram interceptados e encaminhados para o Brasil. O ano passado foram no total 570, e este ano serão mais. É o Brasil pobre a tentar sobreviver no Portugal novo rico. Ser do "pale irmão" não basta.

(Foto de capa: CLANDESTINO BRASILEIRO EM PORTUGAL)

24



## DO EDITOR

### BANDA SONORA RECOMENDADA

Há uma banda sonora ideal para a reportagem de Nuno Ferreira que faz o tema de capa desta revista, sobre ilegais brasileiros em Portugal: "Clandestino", o disco a solo de Manu Chao, o ex-líder dos Mano Negra, grupo mais-do-que-alternativo e de culto da esquerda radical europeia. (Diga-se, de resto, que o êxito inesperado do disco, milhão e meio de cópias vendidas em todo o mundo — razoáveis milhares em Portugal, ao que parece — tornou conhecido Manu Chao fora do ghetto do 'militantemente correcto' em que ele próprio gosta de se mover. E acrescente-se, em abono do músico que faz de Barcelona o seu quartel-general e das causas "perdidas" e "justas" o seu universo, que o êxito não parece suficiente para o mudar, conforme reportagem recente no jornal francês Libération.)

De regresso à banda sonora. Em "Clandestino", a canção de abertura do CD, Manu Chao canta (com um pedido de desculpas para a tradução livre do espanhol): "Vou sozinho com a minha tristeza / Sozinha vai a minha condenação / Correr é o meu destino / Para enganar a lei / Perdido no coração / Da grande Babilónia / Chamam-me clandestino / Por não ter papéis".

Há milhões de clandestinos pelo mundo fora, cada vez mais, numa verdadeira invasão surda que o Sul pobre faz ao Norte rico, e o Portugal nem por isso muito rico mas com pose de novo rico não escapa à invasão. Não vêm em jangadas como os africanos que procuram a sorte em Espanha, para terem o azar da morte ou do internamento em campos para repatriamento. Os brasileiros, alvo desta reportagem, vêm de avião, às vezes vendem tudo o que têm para pagar a passagem. Dois dias de trabalho nas obras, trabalho escravo muitas vezes, são quase um salário mínimo no país a que alguns insistem em chamar "irmão".

Fomos presenciar o drama dos que perdem o jogo do gato e do rato com os funcionários que vigiam o aeroporto de Lisboa. Cada um faz o seu papel e, como em qualquer jogo, umas vezes ganha-se e outras perde-se. E vimos como se desenrolam as vidas ilegais dos que ganham esse jogo e iludem a imigração, para o melhor e para o pior.

Segundo e último regresso à mesma banda sonora recomendada: "Para uma cidade do Norte / Eu fui trabalhar / A minha vida está proibida / Diz a autoridade." Se fosse nos anos 60, isto podia ser trauteado por um português em França ou na Alemanha.

Duas novidades neste número. As Vozes em Português, crónicas de escritores lusófonos que o PÚBLICO inclui aos domingos desde há anos, passam para a revista, e estreiam-se com mais um notável texto do brasileiro Luis Fernando Veríssimo e com a nada depreciável vantagem de as ilustrações de Ivone Ralha poderem assumir outros formatos e terem cor, e o arranque de uma galeria de heróis de banda desenhada, porque lá no fundo todos precisamos de heróis, mesmo que sejam rapazes e raparigas (como é o caso, para começar) de papel. | JOÃO CARLOS SILVA

#### DIRECTOR

JOSÉ MANUEL FERNANDES

#### EDITOR

JOÃO CARLOS SILVA

#### EDITOR DE FOTOGRAFIA

LUIZ RAMOS

#### REDACTORES

DULCE FURTADO, ISABEL COUTINHO,  
NUNO FERREIRA, PAULO MOURA,  
RAGUEL PALERMO DE RÁ

#### PRODUÇÃO

MARIA ANTÓNIA ASCENÇÃO  
E OLGA BARREIROS

#### SECÇÕES

CRISTINA BAMPÃO, CARLOS PESSOA,  
JOSÉ PAULO VIANA, MAYA, MIGUEL

#### DESIGN

HENRIQUE CATATTE  
JOANA NINA

#### GRÁFICOS E ILUSTRADORES

ANA CARVALHO, IVONE RALHA,  
RUI LÓIO, JCARVALHO, JOÃO LÁZARO

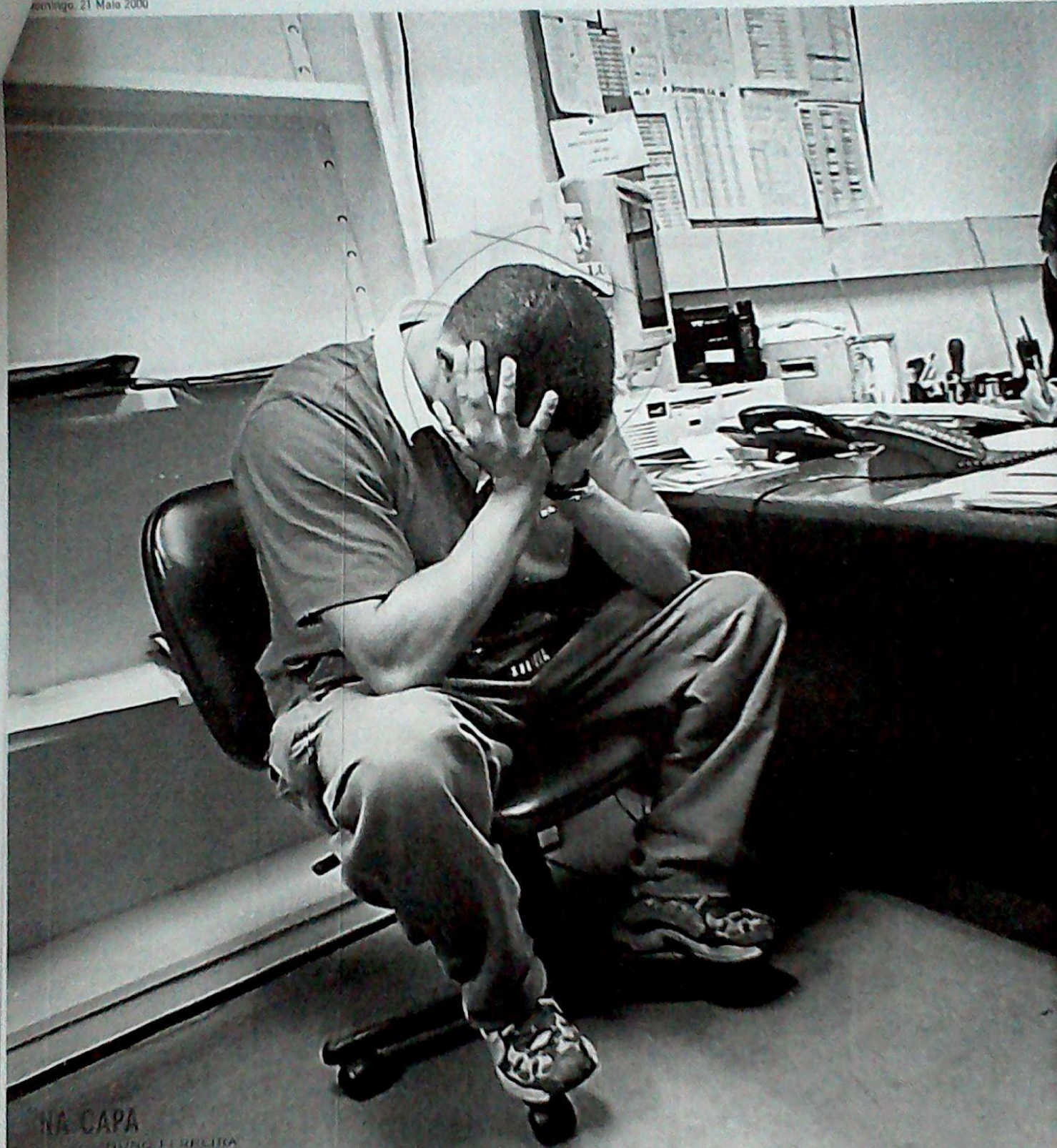
#### DIGITALIZAÇÃO

DEPARTAMENTO DE PRODUÇÃO  
DO PÚBLICO

#### IMPRESSÃO

MIRAMBELA, LDA., RUA RODRIGUES  
FARIA, 103, 1900 LISBOA





NA CAPA

DE HUMO E REPLICAS

DE ADRIANO MIRANDA

# Brasileiros na clandestinidade

No ano de todas as celebrações dos 500 anos do "achamento" do Brasil, nunca Portugal criou tantas dificuldades à entrada e fixação no país dos "Irmãos" brasileiros. Em Abril, mês alto das comemorações, 76 pessoas foram barradas e deportadas para o Brasil, só no aeroporto de Lisboa. Um embaraço nas cordiais relações luso-brasileiras, a maioria pertence a um Brasil pobre. É o embaraço deste Brasil real com um ilusório admirável mundo novo de um Portugal novo rico e europeu.







"O moço pegou na algema e disse: 'Tem de assinar, senão fica preso aqui em Portugal e vai ser mais difícil você voltar para o Brasil. Tem de assinar essa folha para ir embora'". Claudio (todos os nomes são fictícios), um rosto moreno de mineiro do interior, ainda recorda como se fosse hoje esse dia de Março de 1999. Chegara num voo da Tap, visto de turista, reserva de hotel e mil dólares emprestados no bolso, não conformado com os 40 contos que tirava como ceramista no Brasil e disposto a uma vida nova em Portugal.

Os sonhos — dinheiro para comprar um carro, uma casa, em Minas Gerais — desmoronaram-se nuns frágeis cinco minutos. "A princípio me trataram super bem, era uma moça, pegou no meu passaporte e perguntou o que vinha fazer, eu respondi que vinha a passeio." Os problemas começaram quando o fizeram entrar na sala do Serviço de Estrangeiros (SEF). "Aí apareceu um cara que fez montes de perguntas, me chamava de mentiroso, se tinha alguém comigo, se ficava em hotel... viu minha bolsa com os mil dólares, jogou para um lado lá, gritava muito, batia na mesa, fez muita pressão..."

Claudio tentou resistir à pressão psicológica o maior tempo possível. Sózinho num aeroporto de uma cidade de um país que desconhecia, a palavra do polícia português ecoava-lhe no cérebro — "Tem que assinar essa folha para ir embora." Desistiu. "Assinei e aí ele me largou." Durante dois dias viveu no Aeroporto da Portela. "Aí, beleza. Me deram comida, fiquei num lugar grande com muitas camas, tinha lá mais seis brasileiros e pessoal angolano." Tentou dormir. "Não dormi direito, 'tava fodido mesmo, fiquei pensando o tempo todo, queria ter passado." Alguns colegas de infortúnio estavam revoltados — "falavam que iam processar o pessoal da emigração, que tinham vindo como turista mesmo". Outro brasileiro, moto-taxista no Brasil, chorava a moto que vendera para conseguir pagar a passagem aérea.

Claudio ainda cirandou dois dias pelo aeroporto, o passaporte retido. "Dois policiais me colocaram num carro, me levaram ao avião e deram o passaporte para o comandante. Eu só peguei ele em São Paulo."

Durante quatro meses, no Brasil, sem emprego, recebeu os telefonemas dos amigos que tinham conseguido entrar em Portugal. "Diziam: 'você não vai ter trabalho, já que está à toa, tenta novamente'." Agosto de 99,



Claudio apanhou um voo da SpanAir para Madrid com ligação para Lisboa. "Dessa vez 'tava nervoso, fiquei nervoso em Espanha mas foi beleza, aí em Lisboa fiquei de novo super nervoso, fizeram perguntas, revistaram a minha bolsa, perguntaram o que vinha fazer... o cara ficou meio assim olhando para mim... Depois me deixou sair". Raaga um sorriso de felicidade: "Fiquei feliz." Em oito dias, graças aos amigos, estava a trabalhar numa obra, a 700 escudos à hora, sete contos por dia, mais em dois dias do que um salário mínimo no Brasil.

Ao contrário de Claudio, Wellington ainda pôde respirar o frio ar da liberdade lisboeta. "Pô, eu já estava pegando táxi, as bolsas já estavam no táxi, quando quatro policiais me pegaram e levaram de novo para dentro do aeroporto." O problema de Wellington foi aparentemente o de ter viajado em grupo. "Três do nosso grupo de cinco ficaram detidos." Durante 13 horas de muitas perguntas partilhadas com argentinos, uruguaios e marroquinos, Wellington não comeu. "Só comi no avião de retorno."

Depois de um período de frustração e abatimento, Wellington tentou dois anos e meio mais tarde e conseguiu entrar. Do grupo de

cinco homens, só um não se encontra em Portugal. Todos vieram de novo e entraram. Nem todos têm a sorte de Claudio e Wellington. Encontrámos Marcos na cave de um subúrbio lisboeta à espera do "toc, toc" do Serviço de Estrangeiros. "É hoje o último dia." A polícia mandou-o parar quando falava no telemóvel dentro do carro. "Pediram meus documentos, disseram que eu não podia dirigir com carta de condução brasileira. Me levaram à esquadra. Me multaram." Uma semana mais tarde, de novo apanhado a circular de carro, mandaram-no comparecer em Setúbal na delegação do SEF. "Deram 20 dias para eu ir embora. Vencem hoje, se a polícia me pegar hoje já sou deportado", explica Marcos, que só tinha visto de turista.

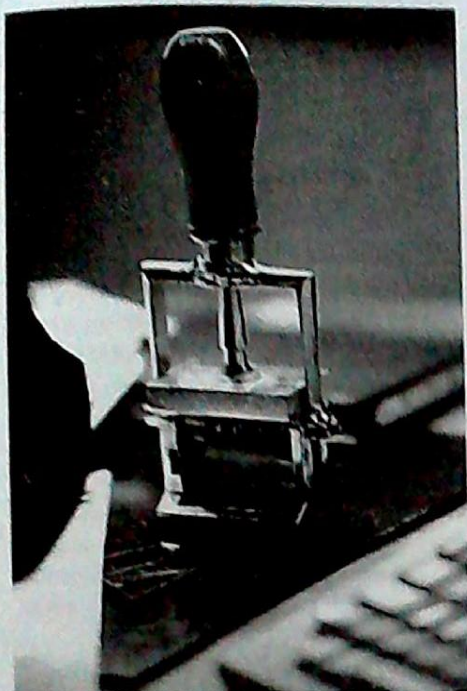
**Claudio, Wellington e Marcos são alguns dos muitos brasileiros que todos os dias tentam entrar no "país irmão" com um simples visto de turista. Pela frente, têm o Serviço de Estrangeiros e de Fronteiras. As pressões da União Europeia provocaram um aperto da legislação portuguesa em relação aos estrangeiros. Nela, os brasileiros não são mais "irmãos". São iguais aos outros, ucranianos, kosovares, bangladeshis, indianos. Não tem visto de trabalho? Ilegal. Não tem visto de estudo? Ilegal. Quer autorização de residência? Vai para a fila e desespera.**

Helda, por exemplo, tinha apenas de renovar o visto de estudo. "Fiquei cinco horas à chuva junto com mais africanos e brasileiros, só para renovar o visto. Ao fim de cinco horas para pegar um papel, passou uma italiana à minha frente. Tem uma placa lá que diz: 'Pessoas da Comunidade Europeia não precisam de entrar na fila'."

Os brasileiros "indocumentados" em Portugal serão cerca de dois mil. Ninguém tem números certos. E a pouca importa saber. São um embaraço nas cordiais relações luso-brasileiras, um autêntico jogo surdo do gato e do

**Os brasileiros "indocumentados" em Portugal serão cerca de dois mil. Ninguém tem números certos. E a pouca importa saber. São um embaraço nas cordiais relações luso-brasileiras. A maioria pertence a um Brasil pobre e real em que o Brasil sulista e endinheirado não se reconhece.**





"Aqui em Lisboa desconfiaram, revistaram e reviraram tudo, perguntaram em que hotel eu ia ficar, eu tinha reserva para três dias. Aí, o cara lá mandou eu esvaziar os bolsos, coloquei os mil dólares em cima da mesa. Aí ele pediu para eu descer as calças, falou 'pode vestir, pega e vai embora'"

mineiros desocupados.

Ambos os lados, autoridades portuguesas e "indocumentados" reclamam razão. Uns cumprem a lei reforçada e europeizada, outros infringem-na por pura sobrevivência, numa lógica terceiro-mundista: Uns meros 130 reais (13 mil escudos) de salário mínimo no Brasil, 70 reais (7 mil escudos) por dia, na construção civil aqui. "Pô, deixaram a gente entrar, agora deixa a gente trabalhar, Portugal está precisando da nossa mão de obra. Quem vai construir os estádios do Europeu 2004. Os portugueses? É brincadeira, rapaz", comenta um "ilegal".

É o Brasil real contra um ilusório admirável mundo novo de um Portugal novo rico e europeu, um "país irmão" irreconhecível, transformado em Eldorado por via de reportagens na televisão e na imprensa. "Eu vi no programa 'Globo Reporter', da Globo — conta Fábio, 25 anos, que chegou em Setembro de 1999. — Dizia que aqui 'tava muito bom, que dava para ganhar uma grana boa."

Fábio ganhava cerca de 20 mil escudos como "camelô" (vendedor ambulante) numa praça central da cidade de Governador Valadares, Estado de Minas Gerais, e não resistiu nem ao apelo das imagens televisivas nem às histórias contadas pelos amigos: "Eu lá tinha amigos que compraram casa e carros com o dinheiro ganho aqui em Portugal, todo o mundo vem para cá pensando em investir lá", explica Fábio, que deixou no Brasil uma dívida de 5 mil reais (mais de 500 contos). "Vim para pagar a casa."

Fábio tentou seguir à risca as instruções do dono da agência que lhe vendeu a passagem aérea. "Ele explica tudinho, já dá um papel assinado para preencher e entregar à emigração. Ele diz: logo que entre no aeroporto, você não conhece ninguém, no avião não fala que vai trabalhar, só fala que vai passear, para um hotel."

As instruções não refrearam os medos de Fábio na viagem de avião via Madrid. "Foi horrível. Vim nove horas calado, fora a tensão de chegar a Espanha e poder ser barrado. Acho

que eles não entenderam que eu estava nervoso, fiquei numa boa por fora, brasileiro é esperto. Em Madrid passei directo." Portugal seria uma outra história. "Aí, aqui em Lisboa desconfiaram, revistaram e reviraram tudo, me chamaram para a sala da emigração, perguntaram em que hotel eu ia ficar, eu tinha reserva para três dias. Aí, o cara lá mandou eu esvaziar os bolsos, coloquei os mil dólares em cima da mesa. Aí ele pediu para eu descer as calças, falou 'pode vestir, pega e vai embora'." Nesse mesmo dia, conta Fábio, houve pelo menos 20 pessoas barradas e obrigadas a regressar ao Brasil.

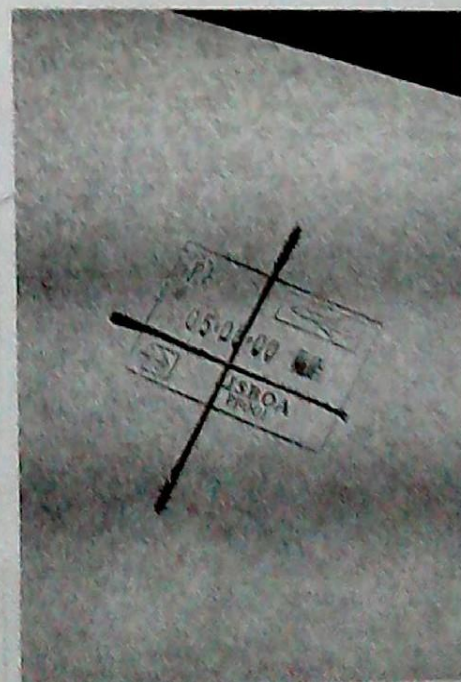
A integração junto da comunidade foi fácil. "Já tinha endereço dos meninos aqui, fui logo morar com o rapaz que me estava esperando." Ficou 15 dias parado. "Eu queria qualquer coisa, vim para trabalhar mesmo." Primeiro trabalho: limpar mesas num centro comercial. Aguentou quatro dias: "A mulher lá prometera que eu trabalhando 10 horas por dia ganhava 150 'conto'." Fábio descobriu que iria receber 80 e foi para ►

visto de estudo? Ilegal. Quer autorização de residência? Vai para a fila e desespera.

Helda, por exemplo, tinha apenas de renovar o visto de estudo. "Fiquei cinco horas à chuva junto com mais africanos e brasileiros, só para renovar o visto. Ao fim de cinco horas para pegar um papel, passou uma italiana à minha frente. Tem uma placa lá que diz: 'Pessoas da Comunidade Europeia não precisam de entrar na fila'."

Os brasileiros "indocumentados" em Portugal serão cerca de dois mil. Ninguém tem números certos. E a poucos importa saber. São um embaraço nas cordiais relações luso-brasileiras, um autêntico jogo surdo do gato e do rato, entre "irmãos". A maioria pertence a um Brasil pobre e real em que o Brasil sulista e endinheirado não se reconhece. "Se você vir, eles barram mineiro, pernambucano, pessoal de Goiás, pessoal do interior, mesmo entre os brasileiros vivendo em Portugal existe discriminação", afirma uma brasileira. "Muita gente que vem não tem noção nenhuma da apertada legislação portuguesa. Ouvem falar, vão pelo que os outros dizem e caem na boca do lobo", explica a advogada Graça Lavor, que presta apoio jurídico a "indocumentados" na Casa do Brasil, em Lisboa.

A situação social de centenas de imigrantes brasileiros chegou a agravar-se na Costa da Caparica, perto de Lisboa, quando no princípio do ano a paróquia do Padre António Pires distribuiu toneladas de roupa a centenas de





► Depois de 15 dias de construção civil, Fábio experimentou trabalhar de novo num centro comercial, desta vez em duas lojas de alimentação. "Trabalho das 9h00 às 2h30 da tarde numa, aí descanso um pouquinho numa arrecadação que tem aí e pego noutra loja das 18h00 à meia noite. É muita hora, sempre de pé, para tirar 55 'conto' numa e 83 noutra." Folga todas as sextas-feiras, mas pega à meia noite. O que conhece de Portugal? "Nada de nada, não saio, daqui vou directo para casa dormir."

Como o vaivém é constante, quem entra passa rapidamente a ser assediado por contratantes que procuram informações, contactos, um primeiro abrigo em Portugal ou apenas que os esperem no aeroporto. A espera dos voos vindos do Brasil já se transformou num ritual tenso para muitos. Dezembro de 1999. Gerson, 28 anos, viera em Outubro de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais e decidira ficar. Formado em Direito Social, 13 anos de trabalho comunitário, decidira começar uma

nova vida em Portugal, tirar um curso de turismo e fixar-se com a esposa e um casal de filhos, o menino com dois e a menina com quatro. Naquele dia de Dezembro, se tudo corresse bem, Valéria, a esposa juntar-se-lhe-ia. "Chegou às 6h30, esperei três horas. Ao fim desse tempo, vi que se passava algo", conta agora Gerson.

Na sala do SEF, Valéria estava a ser sujeita a "intensos" interrogatórios. Gilmar pediu para falar com a esposa. "Não deixaram, só pude falar por telefone, ela 'tava totalmente desequilibrada emocionalmente." Às 14h00, o SEF comunicou que Valéria seria recambiada. "Dirigi-me lá ao SEF, tive de falar por intercomunicador, pedi que alguém me desse uma resposta, apareceu um agente dizendo simplesmente que ela iria ser deportada e não deu qualquer justificativa. Eu pedi para falar com o responsável. O agente disse que não, que era uma situação irrevogável. Pedi para ver a minha esposa. Aí, o agente pediu o meu passaporte, me chamou a um canto e disse: 'Fica quietinho, deixa ela ir numa boa, senão até você pode voltar'."

Se tudo corresse bem, Valéria, a esposa juntar-se-lhe-ia. "Chegou às 6h30, esperei três horas. Vi que se passava algo". Valéria estava a ser sujeita a "intensos" interrogatórios. Gilmar pediu para falar com a esposa. Não deixaram. Às 14h00, o SEF comunicou que Valéria seria recambiada

Gerson ainda conseguiu que um cidadão português se responsabilizasse pela sua estada. Nada feito. Valéria acabaria por regressar num voo das 21h30 sem poder falar com Gerson. Agora, de novo em Belo Horizonte, não quer voltar a Portugal.

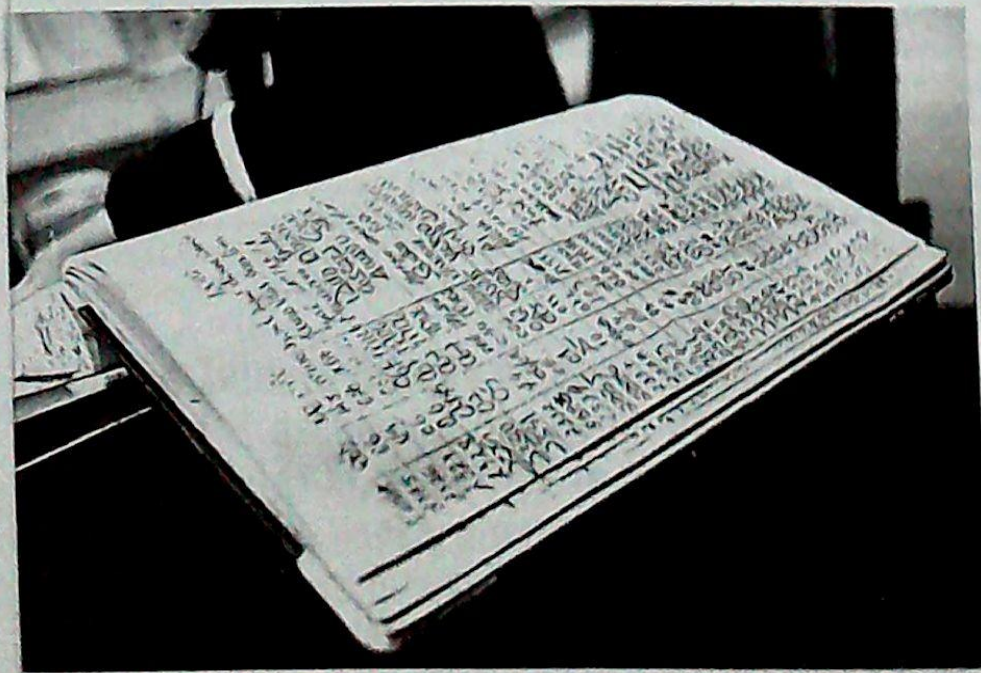
**Outro ritual dos primeiros tempos é o de alugar um apartamento.** "A primeira vez que fui para alugar uma casa nova, a mulher me recebeu com a porta quase fechada, só via a cara dela. Quando ouviu meu sotaque, disse logo: 'não tem nada para alugar'", conta Michelle. Não desistiu, voltou. "Aí ela falou alto, porque eu estava ali outra vez, que não tinha nada para alugar. Eu respondi: 'olha aqui, minha senhora, eu vivo nessa rua há um ano, sempre pago a renda, entendeu?' Aí ela começou a fazer perguntas, a entender, daí a pouco já tinha dois apartamentos para alugar."

**Outro problema é responder a anúncios.**

"Quando cheguei em Novembro, respondia a anúncio, aí sabiam que era brasileira, não queriam", explica Márcia, professora no Brasil, que passou uma humilhação num restaurante: "O cara falou na minha cara que brasileiro não sabe trabalhar e ainda pergunta demais." Márcia conseguiu um emprego noutra restaurante: "Mas tive de ter um bom sotaque e um, um bom papo, entende? O pessoal é muito desconfiado."

Os "ilegais" têm ainda outras pequenas coisas a que se adaptar. Sem B.I., não conseguem comprar nada a prestações e até para alugar um video têm dificuldades. E abrir conta bancária? "Vai na sorte — conta um —, tem quem consiga abrir conta sem B.I. Tenho um irmão que conseguiu abrir num banco em Lisboa. Fui lá uma hora mais tarde, não consegui."

A maioria alega que nunca deixaria o Brasil se não fosse o sonho de uma vida melhor e que sofre dificuldades de adaptação. "Aqui as pessoas são mais fechadas, falam entre elas. A gente vai a um barzinho só tem velho, na Igreja só tem velho, lá a gente sempre tem uma turma de amigos", conta Márcia. "As amizades aqui não são iguais às do Brasil, lá amigo é como ser da família, aqui as pessoas não vão a casa uma das outras", afirma Susana. Mas o que mais incomoda é a ilegalidade. "Você vive na expectativa de ser pegado a qualquer momento, vive tenso, constrangido, com vergonha de passar na rua, pensando: estão a olhar para mim e a dizer 'aquele ali é ilegal'." I





# "Rainha" Zulmira e outros vigaristas

"Ela arruma tudo — explica Wanderley —, autorização de residência falsificada, trabalho. Inclusive, ela já foi lá a Minas e trouxe uns meninos com ela." Quanto é que a D. Zulmira cobra? "Olha, depende. Cobrou 100 contos para um trabalho que arrumou para mim na Ilha da Madeira."

A Dona Zulmira é rainha para centenas de ilegais da periferia de Lisboa. Ela tem, entre os seus contactos na construção civil, o de um empresário da região centro especializado em livrar-se dos empregados "ilegais" ao fim de um mês. "A Dona Zulmira diz que o cara oferece trabalho nas obras a mil escudos a hora e dá dormida e comida em casa dele. Aí, você fica lá um mês — explica Helton — e o cara ao fim de 30 dias acusa o pessoal de ter roubado ele, de coisas que sumiram lá em casa. Aí, chama o SEF, o pessoal é preso e deportado e ele não paga." Helton tratou de vir embora logo que soube do esquema. Enquanto fazíamos esta reportagem, foram detidos e deportados três brasileiros que trabalhavam naquela obra.

Junior veio em 97 de Marilac, interior de Minas Gerais. No Brasil, trabalhou desde os dez anos nas obras, depois ajudava no "bute-co" (bar) do pai. Um dia, um contratante mais aventureiro veio para Portugal. "Na época, 91 ou 92, o cara sofreu demais, dormiu na rua, pediu peixe para comer." Mas quando regressou, contou que se ganhava bem em Portugal. Junior decidiu partir. "Vim nervoso. Na época, diziam que um cara tinha de trazer roupa social, barba bem feita. Aí, comprei um fato elegante."

Nunca tinha entrado num avião nem sequer visitado um aeroporto. "Cheguei perdido, estava vindo só pelo rumo. Sabia que a cidade se chamava Lisboa, mais nada. Nove horas de voo, não dormi nada, só pensando se eles me pegam, se vou preso, se tiver de voltar de novo e tomar um prejuízo." Era Novembro, lembra-se de ter falado sobre a chuva com alguém na alfândega e de ter passado. "O primeiro dia fui directo para a obra,

estive quatro meses trabalhando directo, trabalhava e dormia lá. Só ao fim de quatro meses arrumei um apartamento."

Na Caparica, arredores de Lisboa, onde se fixou, o mais difícil era encontrar um brasileiro. "Era bem recebido, chamavam a gente para conversar quando sabiam que era brasileiro." Agora, desde que chegaram muitos, tudo é diferente. "Agora brasileiro tá muito criticado, já tá mal visto, tem de pedir duas vezes no café e na obra, eles não falam o teu nome, falam 'oh brazuca!'"

Na obra, nunca está descansado. "O patrão sempre diz: 'Qualquer dia que venham os fiscais, você tem de se esconder. Não corre para a rua que eles chegam dos dois lados.' Sempre trabalhamos com medo." Foi o que aconteceu um dia a Walter: "O fiscal entrou, o patrão mandou esconder mas não tinha como esconder, o fiscal tirou fotografia a tudo. Aí, o patrão pagou a multa, ainda reclamou: 'Porque você não correu?' Pediu 25 contos a cada um e arrumou contrato de trabalho."

Walter não teve tempo de correr. Juninho correu. "Eles chegaram e cercaram a obra, a gente tinha só duas horas de serviço. O patrão disse para a gente sumir, o pessoal deixou ferramenta, deixou tudo, saltámos a vedação por trás e fugimos para a estação de metro. Nem tempo tivemos de trocar as roupas, viemos todos sujos."

Juninho, pelo menos recebe. Júlio e o tio Ivan trabalharam um mês e meio sem folgas para um subempreiteiro no Algarve. Tudo o que sabiam dele é que morava em Azeitão. "No dia de pagamento, o cara sumiu", conta Júlio, que ficou sem 450 contos.

Helton, que pediu autorização de residência em 1997 e vive "ilegal" desde então porque nunca a obteve, já foi prejudicado várias vezes: "Já levei prejuízo até de brasileiro. Uma vez o sub-empregado, em Chelas, sumiu com o dinheiro de todo o mundo. Levei um prejuízo de 200 e tal contos. O cara vinha pagando bem há seis meses, como eu ia adivinhar?"

Na obra, os "ilegais" são obrigados a fazer de tudo. Walter ficou "três meses directo sem folga": "você precisa de trabalhar, pega o que os outros não querem".

Outros são intrujados por "advogados" bem falantes. Jorge, um cozinheiro português, conheceu Juliana, uma professora universitária brasileira, numa visita que esta fez em Portugal para assistir a um Congresso em Coimbra. Apaixonaram-se e decidiram viver juntos em Portugal. Juliana chegou há um ano disposta a começar do zero e arranjar qualquer trabalho. "Para mim não tem essa de vergonha não, gosto muito do Jorge." Conseguiu um emprego no restaurante onde Jorge é cozinheiro e tratou de tirar o cartão de contribuinte. Trabalhou três meses.

"Fomos à delegação do Serviço de Estrangeiros, disseram que podiam prolongar o visto de turista mas que ela não podia trabalhar e que se apanhassem a trabalhar, a deportavam." Atemorizados, decidiram que o melhor era ela ficar por casa.

Foi quando surgiu no restaurante um pretensso advogado prometendo resolver tudo com o SEF. Pediu fotocópias do recibo de ordenado e do atestado de residência e desapareceu. "Em Abril, telefonou a pedir para depositarmos com urgência 140 contos numa conta bancária de que deu o número. Disse que aquele era o último dia, que estava tudo tratado e que a Juliana podia ir a Lisboa dia 22 levantar os papéis. Disse também que tinha precisado de untar as mãos a uma advogada e que com a papelada gasta, precisava naquele dia do dinheiro, que ia mandar o filho ao restaurante buscar os 140 contos", conta Jorge. O cozinheiro desconfiou do "advogado" José Oliveira e Silva, que estava ocupado em Lisboa e iria "partir dentro de dias com o Padre Melícias para Timor". Percebeu que se tratava de uma burla. Jorge e Juliana nunca mais ouviram falar do vigarista.

Ao fim de um ano, Juliana continua em casa. No Brasil, estava habituada à azáfama alucinante de leccionar quatro disciplinas de manhã, tarde, noite e sábados para conseguir ganhar cerca de 150 contos. Trabalhou até ao dia de vir para Portugal. "Aqui sinto-me inútil, parasita. 'Tou louca para trabalhar.' Na rua, ainda se sobressalta sempre que passa pela GNR ou quando esta manda parar o carro. É uma paranoia. Você se sente que nem bandido. A princípio, entrava em pânico, ficava apavorada. No Natal e Ano Novo entrei em depressão." 1

**"A Dona Zulmira diz que o cara oferece trabalho nas obras a mil escudos a hora e dá dormida e comida em casa dele. Aí, você fica lá um mês e o cara ao fim de 30 dias acusa o pessoal de ter roubado ele, de coisas que sumiram lá em casa. Aí, chama o SEF, o pessoal é preso e deportado e ele não paga."**



# No aeroporto, a jogar ao gato e ao rato

**"O Brasil voltará!"** Inscrita em letras garrafais na porta da imunda sala da zona Internacional do Aeroporto de Lisboa, destinada aos passageiros a quem foi negada a entrada, a inscrição mostra a indignação dos deportados, a raiva dos excluídos. Não é a única. "Estive aqui e não consegui ficar mas eu juro que vou voltar, filhos da puta", escreveu na parede repleta de inscrições um morador de Cuibá, capital do Mato-Grosso do Norte.

"Aos amigos deportados do Brasil", dedicou uma habitante de Goiás, "nós também passamos por essa tortura e sentimos muito mais com a força divina do Nosso Senhor Jesus Cristo. Um dia o Brasil será valorizado e os brasileiros também serão valorizados e os portugueses verão o que é bom ficar num quarto insano, fedendo, cheio de ratos e baratas, comer comida de avião todos os dias até a boa vontade de eles deixarem a gente ir embora para o Brasil!" A maioria exprime a vontade de justiça: "Vocês ainda vão passar por isso no meu país porque eu acredito na justiça e ela tarda mas não falha e ainda me orgulho de ser brasileira."

A sala dos deportados cheira a suor, os beliches estão desconjuntados, os cobertores velhos e empoeirados. O tecto falso está esburacado, alegadamente obra de um grupo de nigerianos. Ali convivem brasileiros, angolanos, georgianos, russos. Por ali ficaram os 76 brasileiros deportados em Abril. A única portuguesa na sala é a mulher da limpeza, que comenta ao ritmo de uma vassourada:

**"Isto não tem condições nenhuma para um ser humano aqui estar."** O inspector César Inácio, do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, concorda: "Aquilo é nojento, não tem qualificação."

É por ali que ficam os deportados enquanto não é inaugurado o novo Centro de Instalação Temporária. Foi por ali que naquela sexta-feira, dia 5 de Maio, teve de ficar Leandro. Chegou do Rio de Janeiro às 10h10. No balcão envidraçado por onde esperava passar o mais rapidamente possível, mandaram-no

esperar. Quatro horas depois, está sentado no gabinete claustrofóbico do Serviço de Estrangeiros, a cabeça entre as mãos, os cotovelos assentes nas pernas, o cérebro remoendo a frase "Senhor Leandro, você vai ter de regressar ao Brasil".

Leandro, um rapaz encorpado de cabelo cortado à escovinha, entrara bem humorado no gabinete do SEF. "Sou professor de 'personal training', não tem isso aqui. A mulherada gosta pra caramba. Vou ter de voltar em 15 dias, se não vou perder meus alunos, faço judo, entendeu?"

As coisas começam a complicar-se quando o funcionário do SEF telefona para o Hotel Sheraton e confirma que, ao contrário de 15 dias, Leandro só tem reserva para um dia e não está paga. "Ainda vou ter que correr e passar no Banco, entendeu?" Pedem-lhe que coloque o dinheiro que trouxe em cima da mesa. São 130 dólares. "Pô", diz já de sorriso amarelo e testa franzida, "isso é só para che-



**A sala dos deportados cheira a suor, os beliches estão desconjuntados, os cobertores velhos e empoeirados. O tecto falso está esburacado. A única portuguesa na sala é a mulher da limpeza, que comenta ao ritmo de uma vassourada: "Isto não tem condições nenhuma para um ser humano aqui estar."**

gar e comer, não trouxe dinheiro para ser assaltado, bicho, pô, chegava com mil dólares, seria assaltado, entendeu?"

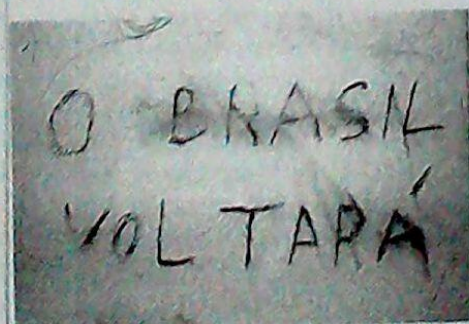
Como é que vai levantar o dinheiro?, pergunta o funcionário do SEF. "Meu sogro tem conta..." Está bem e cartão de crédito? "Não precisa, bicho, falo o número da conta e a senha (código) e levanto. O SEF telefona para o Banco do Brasil: "Ele diz que chega aí e levanta da conta do sogro sem cartão, é possível?" Leandro desespera: "Pô, deixa eu falar com ele, eu sempre faço isso no Brasil... só se esse funcionário aí for mongolóide". Do outro lado explicam que só titular da conta.

A medida que se vai apercebendo que vai ser deportado, Leandro tenta comover os agentes. "Tenho uma filha, olha minha filha aí... sou lutador, pô, sou campeão de vale-tudo, posso dar uma demonstração aqui..." A princípio, Leandro alegrava sempre que viera só e ninguém o esperava. No final, o depois de alguém ligar para o gabinete várias vezes à sua procura, Leandro reconhece: "Foi o Wilson? Foi o Wilson que ligou? Ele tá com

meu dinheiro, ele vai pagar tudo, pô é meu primo, vai-me pagar, bicho, ele vem aqui e paga." O SEF tenta que Leandro assine um documento em como só trazia 130 dólares, dinheiro insuficiente para entrar em Portugal. "Pô, eu não posso voltar, deixa falar com meu primo, tá me esperando, não posso voltar, por favor me ajuda aí..."

Nesse dia havia cinco voos a chegar do Brasil. A partir das 6h36, os balcões da porta F receberam centenas de passageiros vindos de São Paulo, Rio, Recife e Salvador. Há filas humanas no acanhado hall da zona internacional: os possuidores de passaporte da União Europeia para a direita, os brasileiros para a esquerda.

Foi a partir dessa hora que começou o trabalho dos inspectores do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras junto dos recém-chegados do Brasil. Só em Abril, barraram e deportaram 76 brasileiros. Cabe-lhes fazer cumprir a lei: quem vier para trabalhar tem de trazer visto de trabalho. "Há situações de nos fazer cair o coração ao chão", explicava um inspector,







que até já pagou do seu bolso alimentação a passageiros retidos. "Psicologicamente, o nosso trabalho é muito desgastante."

Para os funcionários do SEF, os voos do Brasil, são voos "fáceis": "É gente que só quer uma vida melhor, que imigra por razões económicas. Não tem nada a ver com voos como o de Abidjan, onde há de tudo: passaportes falsificados, tráfico de droga..."

Qualquer passageiro interpelado tem direito a ligar para o Consulado. "O pessoal do Consulado? Quase nunca cá vêm", explicou-nos um inspetor do SEF. Tentámos entrevistar o Cônsul-Geral do Brasil, Pedro Motta Pinto Coelho. Pediu perguntas por escrito. Perguntámos se o consulado tem conhecimento de quantos brasileiros são barrados diariamente no aeroporto da Portela. Sem falar em números, o cônsul respondeu que "acompanha atentamente e de perto o desembarque de brasileiros no aeroporto de Lisboa" (...) e que "nos raros casos em que as autoridades portuguesas não admitem a entrada (...) o Consulado-Geral busca sempre que necessário prestar a orientação e o apoio cabíveis".

São 7h00. Chegou um voo de São Paulo. A fila da UE termina, a dos brasileiros alonga-se. Dentro dos balcões envidraçados, os homens do SEF examinam os passaportes e fazem as perguntas da praxe: "Quantos dias vai ficar?", "quanto dinheiro traz consigo?", "tem alguém à sua espera?"

São três os homens interceptados. São convidados a esperar num corredor claustrofóbico,



por detrás dos balcões e a entrar, mais tarde, em gabinetes feitos em contraplacado pintados a branco, quase todos com uma mesa, um computador e duas cadeiras. É ali que se processam os interrogatórios.

Um rapaz de olhos de peixe, blusão com a palavra Georgetown nas costas, calça branca desportiva, pedala nervosamente o pé esquerdo em frente ao funcionário do SEF.

"Vem passar férias? Dois meses? Que dinheiro é que tem?" O jovem coloca 600 dólares em cima da mesa. O montante não é suficiente para quem vem passar dois meses. A lei portuguesa exige 15 mil escudos por entrada e 8 mil por dia.

O jovem explica que tem alguém à sua espera e que vai para casa dessa pessoa. Identifica-a como Reginaldo, e o SEF contacta-o ►



► por telemóvel. Enquanto Reginaldo não vem, o funcionário pergunta-lhe se tem ideias do que vem ver. "Pô, Pedro Álvares Cabral era português, foi quem achou nosso país, aí tenho uma tremenda curiosidade." 8h00. Chega Reginaldo, um negro de blusão e calças listadas, ténis pretos. Esforça-se por mostrar descontração: "Está mais gordinho, rapaz." Diz ser bailarino. Dança pagode, samba e lambada. Às 8h20, Reginaldo assina um documento em que se responsabiliza pelo recém-chegado. "Ele não vai poder estudar nem trabalhar, percebeu?" Estão quase a sair quando o funcionário detecta uma 'gaffe'. "Por que escreveu Porto no local de alojamento? Pensou que ia para o Porto? Não sabia que o Reginaldo vive em Faro?" O rapaz, que entretanto tentara descontraír com a história da caravela que chegara atrasada ao Brasil, apercebe-se do engano. "Ah eu errei, eh... desculpa..."

Na sala ao lado, de terno creme, calça azul, sapato preto, outro brasileiro garante que é casado mas que a esposa não veio por ter medo de andar de avião. Mostra mil dólares, reserva de hotel, fala em visitar o "Castelo de Belém"

**De terno creme, calça azul, sapato preto, outro brasileiro garante que é casado mas que a esposa não veio por ter medo de andar de avião. Mostra mil dólares, reserva de hotel, fala em visitar o "Castelo de Belém". O funcionário do SEF não está convencido mas vai deixá-lo passar**



e garante que a situação no Brasil está "muito boa". "Maravilha, graças a Deus!" O funcionário do SEF não está convencido mas vai deixá-lo passar. "Temos a convicção de que chega ao hotel, toma um duche e desaparece. É a

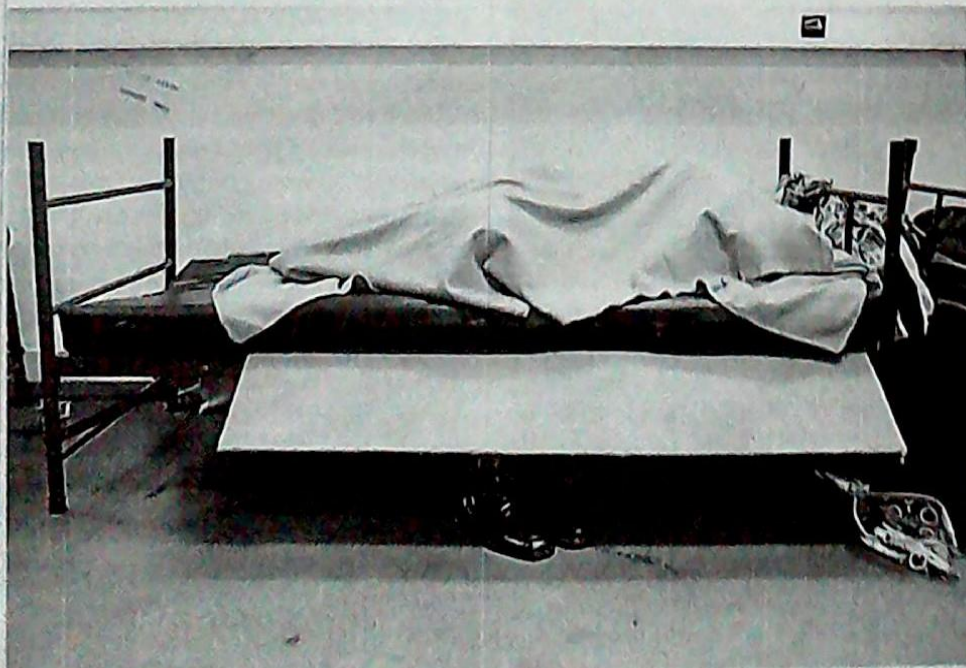
situação típica de quem está a cumprir os requisitos. O que é que posso fazer?"

10h00. Os passageiros dos voos provenientes de Recife e São Paulo, engrossam de novo as filas no hall. Um deles é Everaldo, feto azul escuro, suor na testa, que vem acompanhado pelo cunhado. "Meu casamento não deu certo, aí meu pai disse a meu cunhado para me acompanhar à Europa, para mim dar uma esfriada na cabeça." Everaldo exhibe cartão de crédito, coloca 1.050 dólares em cima da mesa, reafirma que vai ter de regressar rápido ao Brasil por causa da colheita do café na propriedade do pai.

Os homens do SEF desconfiam da história do casamento desfeito. "Pô, a gente leva um baque feio, a gente confia numa pessoa, três anos de namoro, aí ela não é o que parecia. Aí meu pai disse: vai lá, que tem muita construção bonita, muita igreja de ouro."

Mandam chamar o cunhado para confirmar a história. É um rapaz alto e moreno, vestido de feto preto e camisa branca, cuja defesa parece ser o ataque. "O senhor... desculpa a pergunta, porque eu estou aqui?" Quando lhe pedem o dinheiro, comenta: "Seria até bom que o senhor desse uma olhada no dinheiro para ver se é falso."

O número de dias de estada em Portugal não coincide nas declarações dos cunhados. Os homens do SEF mais uma vez desconfiam. "É sempre a mesma coisa, nunca trazem as esposas... no fundo, cada um cumpre o seu papel, a gente a tentar descortinar o objectivo deles e eles a tentar safar-se. Cada um no seu papel..."





Lencastre Bernardo, Director do SEF

# 'Não haverá legalização extraordinária'

"Os cidadãos brasileiros podem vir trabalhar e são bem-vindos, gostamos deles. Só queremos que tragam visto de trabalho", explica Lencastre Bernardo, director do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, que desmentiu ainda os rumores de que haveria em breve uma "legalização extraordinária dos imigrantes ilegais".

Lencastre Bernardo afirma que a actual situação de "imigração ilegal" com origem no Brasil só beneficia "angariadores e empregadores que oferecem salários de miséria e trabalho escravo" e que "o SEF não está contra os imigrantes ilegais": "Estamos sim contra a exploração abjecta dos trabalhadores ilegais."

O director do SEF admitiu à PÚBLICA que a actual legislação de imigração (decreto de lei 244/98) necessita de ser flexibilizada, nomeadamente no que se relaciona com a concessão de vistos de trabalho. Neste momento, os vistos têm de ser obtidos fora do país e pede-se às pessoas que queiram trabalhar em Portugal que já venham munidas desse visto. "Eu coloco-me na situação de um imigrante que queira vir para Portugal. Como não é fácil obter visto de trabalho, tentam vir de qualquer maneira", afirma.

"Os brasileiros a quem recusamos a entrada são pessoas que declaram vir trabalhar mas não trazem visto de trabalho. Na maior parte dos casos, a ignorância destas pessoas é utilizada por redes de imigração ilegal", explica.

Lencastre Bernardo afirma que o fluxo migratório vindo do Brasil aumentou "brutalmente" desde Outubro, depois de uma célebre reportagem na TV Globo sobre Portugal. No ano passado, foram 507 os brasileiros barrados e este ano, já tinham sido barrados 460. "São muitas pessoas, na realidade, mas em relação ao número de pessoas entradas, os barrados representam cerca de 1,5 por cento".

A actual legislação portuguesa não prevê qualquer excepção em relação aos cidadãos do Brasil. "Se o SEF vai a uma obra e encontra 'ilegais', não pode separar os brasileiros dos outros. Temos tido, no entanto, o

cuidado de contactar o Consulado-Geral do Brasil, de lhe pedir apoio na divulgação de informação e facultamos os números de telefone do Consulado-Geral a todos os brasileiros com problemas."

**O fluxo migratório vindo do Brasil aumentou "brutalmente" desde Outubro, depois de uma reportagem na Globo sobre Portugal. Em 1999, foram 507 os barrados e este ano, já tinham sido 460.**



Lencastre Bernardo confirmou receber cartas de cidadãos brasileiros que se queixam da forma como foram tratados no aeroporto de Lisboa. "Não é verdade que as pessoas tenham de esperar lá tantas horas para regressar ao Brasil, alguns só esperam duas horas." Sobre as condições da sala onde ficam os retidos, o director do SEF explicou que o novo centro de instalação temporária só ainda não foi aberto por falta de legislação e que a zona internacional do aeroporto "será remodelada". 1



# por 40 contos

## Tipos de falsificações

### Em branco

São os falsos que foram retirados dos circuitos portugueses. São passaportes em nome do portador e foram tirados as duas páginas visíveis.

### Reproduzidos

Reproduzem a fotografia e substituem por uma do novo portador, tirando as imagens do seu antigo com uma câmara.

### Cópias

São feitas em folhas de impressão digital.

### Falsos com certidões falsas

Com certidões de nascimento e falsas de identidade falsa, os falsos podem ser passaportes em circulação fora de Portugal. Podem usar um nome real, mas contém uma impressão digital e uma fotografia do novo portador.

## Como se detecta um passaporte falso

### Tipo de letra

Os passaportes roubados em branco são preenchidos com tipos de letra diferentes dos originais.

### Localização das informações

As palavras e os espaços entre elas têm regras que os falsos não conhecem.

### Papel

O papel dos passaportes originais é branco e não brilha com luz negra, como o dos falsos.



### Linhas em pontos

Os passaportes falsos são feitos a partir de imagens digitais das certidões que transformam as linhas em micro-pontos.

## Número de apreensões

Foram de documentos fraudulentos apreendidos entre 1994 e o 1.º semestre de 2001.



\*Informações de falsificações recolhidas pela Direção de Estrangeiros e Fronteiras.

**Fotografia**  
Quando há substituição há sempre erros, desde os cortes nos cantos, o tamanho da fotografia, ou a sobreposição da fotografia.

**Marca de água**  
O secundo português só se pode ver a micrografia.

# Uma senha para o eldorado

## UMA VIDA NOVA

**T**EM pouca estabilidade, são profissionais não-qualificados, vivem em condições precárias. São trabalhadores de construção civil, empregados em fábricas, e são a maioria da população de um país de 10 milhões de habitantes. São os filhos das mulheres e os filhos do Brasil. Pelo menos 20% a 30% dos imigrantes brasileiros sonham em ir viver para a América ou Inglaterra, pelo que estão em Portugal como «ponto de apoio», na esperança de obterem meios e estabilidade financeira que lhes permitam dar o grande salto.

É esta a clientela-alvo dos passaportes, bilhetes de identidade e autorizações de residência falsos ou falsificados. «O brasileiro não está muito convicto das vantagens de emigrar para Portugal. Quem consegue obter visto para os Estados Unidos ou Inglaterra atende ao Brasil não vem para Portugal», afirma a assessora jurídica da Casa do Brasil, Graça Lavoura.

## Um perfil em mudança

Para muitos, o eldorado não passará nunca de uma miragem. Porque são vítimas da rede de tráfico de mão-de-obra ilegal, acabam por não conseguirem o dinheiro necessário, ou morrem por acidente de trabalho nas obras.

Nos últimos dois anos, o perfil dos imigrantes brasileiros está a

mudar. O fluxo de mão-de-obra qualificada, que até há pouco tempo caracterizava a emigração brasileira para Portugal, não tem os mesmos contornos. Os dentistas, publicitários, informáticos, engenheiros, advogados, arquitetos e outros profissionais liberais já não vêm, ou são raros. Paralelamente, assiste-se ao regresso para o Brasil desses profissionais liberais, ao fim de sete, oito e dez anos em Portugal.

«Desde há dois anos, não se pode mais dizer que os brasileiros vêm competir com os portugueses no mercado de trabalho, como ocorreu no passado em relação aos dentistas, cuja «invasão» gerou tanta polémica em Portugal. A nova vaga de brasileiros vem ocupar postos de trabalho que os portugueses recusam por serem mal remunerados», diz uma fonte ligada ao sector.

Com efeito, nunca se viu em Portugal tantos empregados de mesa brasileiros, como ultimamente. O mesmo acontece no sector das mudanças, onde ex-estudantes do ensino superior no Brasil dividem o trabalho braçal com outros brasileiros menos letrados. Em Cascais é vulgar ler-se empregada doméstica ou mulher-a-dias brasileira, «que fazem bem o serviço e não reclamam», um luxo que os moradores da Linha não querem perder por nada deste mundo.

Na semana passada, nem Nossa Senhora da Vitória ajudou um brasileiro a entrar em Lisboa pelo

aeroporto da Portela. A justificação de que pretendia ir «à fronteira» não convenceu o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Fronteiras, porém, por reconhecer que o objetivo da viagem era «trabalhar» em Lisboa, ou a falta de documentação do cidadão estrangeiro — que deve ser solicitado no país de origem — foi a gota de água que faltava para ser mandado de volta para o Brasil.

## Mão-de-obra necessária

No aeroporto da Portela não há dia em que não desembarquem um brasileiro sem aspecto humilde — a dar a face como turista mas com intenção de ficar, somente em Lisboa, no ano passado, entraram dez mil brasileiros «nessas condições». Fluxo que parece estar a aumentar, a julgar pelos números deste ano. Até quarta-feira (os últimos dados disponíveis) entraram 9960 brasileiros com este perfil. Somadas as entradas recentes aos 30 mil que estavam registados há quatro anos, a comunidade brasileira em Portugal terá actualmente cerca de 50 mil cidadãos.

A maior parte dos brasileiros vem «com uma mão na frente e outra atrás, tal como saíram os portugueses que emigraram para o Brasil», afirma uma fonte que trabalha com esses imigrantes. Embora não haja estudos comprovativos, as estatísticas apontam que 99% dos brasileiros que entraram por si-

mos dois anos em Portugal «vêm sem mais» ao Brasil.

Devido ao facto de visto no Brasil, uma viagem para o El Dorado exige sempre autorização. Mas, devido à falta de documentação necessária, muitos brasileiros não conseguem obter o visto para Portugal. Destacaram-se dois únicos casos, venderam a casa ou pediram dinheiro emprestado. Para aparecer «bom na fotografia do passaporte, há quem tenha pedido emprestado o foto completo ao fotógrafo.

Sem visto, como é que, ainda assim, tantos brasileiros conseguem entrar em Portugal? A resposta de quem trabalha na assistência aos imigrantes é que «esta mão-de-obra é necessária ao país, enquanto houver estradas, viadutos, pontes e grandes superfícies para construir. Pelo que o SEF fecha os olhos».

Para contrariar a regra, há que, de vez em quando — muito menos do que antigamente —, obrigar alguns brasileiros a voltarem para o Brasil. Em número pouco significativo, relativamente ao de brasileiros que desembarcam diariamente. Segundo uma fonte ligada aos imigrantes, se o SEF mandasse embora todos os brasileiros que vêm para trabalhar, 90% dos passageiros de ida dos avões procedentes do Brasil «voltavam para lá».

Para alguns fontes acredita que, a partir do final do ano, o censo vai começar a «apertar». Os indi-

cados de que a situação pode mudar tendem-se pelas perspectivas apontadas pelo CIEFP em defesa do «apertar» dos imigrantes.

Segundo a assessora jurídica da Casa do Brasil, não há nada a fazer, porque a lei portuguesa não facilita a renovação de residência a quem se sustenta do país por dois anos consecutivos.

## Tentativas de regresso

As histórias de emigração de sucesso não são frequentes. A falta de adaptação, as dificuldades financeiras, a demora em obter as autorizações de permanência ou residência, ou a saudade, levam muitos brasileiros a regressar ao Brasil.

Mas «muitos dos que foram para o Brasil um último ano estão agora a querer voltar para Portugal e têm pedido apoio jurídico à Casa do Brasil, alegando direitos adquiridos», afirma Graça Lavoura. «Não há nada a fazer, porque a lei portuguesa não facilita a renovação de residência a quem se sustenta do país por dois anos consecutivos».



# Seis feridos ligeiros em carga policial sobre brasileiros na Costa da Caparica

**PSP DIZ QUE PRETENDEU DESIMPEDIR O TRÂNSITO**

**Depois da selecção do Brasil estavam a festejar e foram agredidos à bastonada e com cães. Depois de apedrejada, a PSP disparou balas de borracha**

NUNO FERREIRA

Eu vi um cara português pendo a bandeira de Portugal, ostrando a três policiais e dizendo: "Eu tenho vergonha de ser português", conta um dos muitos brasileiros que ontem à noite protestam contra a carga policial sobre as dezenas de pessoas que estavam a vitória do Brasil no Campeonato do Mundo, no O Elétrico, na Costa da Caparica. A intervenção policial provocou ferimentos em pelo menos sete pessoas.

Uma fonte da Urgência do Hospital Garcia de Orta disse PÚBLICO que deram entrada no estabelecimento seis feridos brasileiros e um polícia

português entre as 18h30 e as 19h30. Todos os feridos apresentavam escoriações, à excepção de um rapaz brasileiro ferido com uma bala de borracha numa perna.

"A gente tava aí tocando pagode, dançando, bebendo, quando eles entraram por aí com cão 'pittbull', bastão, batendo em mulher grávida", diz, revoltado, Washington Ferreira, 20 anos, montador de ar condicionado. Carlos Eduardo, filho da proprietária do bar, diz que a polícia entrou pela esplanada dentro. "Começou todo o pessoal a gritar, ninguém entendia porque batiam. Mandaram a televisão ao chão, agrediram todo o mundo."

Na esplanada de O Elétrico, pejada de vidros de garrafas de cerveja partidas, bandeiras do Brasil pelas costas, manchas de sangue nas calças, eram muitas as pessoas indignadas. Jefferson, 24 anos, mostrava as marcas das bastonadas nas costas enquanto outro brasileiro contava que viu um português apanhar da polícia. "A polícia vai ter de explicar porque terminou com a nossa festa tão bonita", disse Raquel Ferraz, 42 anos. "Abaixo a violência poli-

cial!", gritava, de bandeira brasileira nas costas Rodrigo Santos, 22 anos, de Minas Gerais, que afirma ter sido mordido por um 'pitbull' e agredido à bastonada porque não fugiu: "Tomei porque não fugi, só por isso".

"Eu levei à toa", conta Eduardo Silva, 22 anos, uma ferida junto ao olho, a rir de tanto absurdo. "Estava sentado aqui na mesa, nem vi de onde veio o bastão".

António Carvalho, 62 anos, e a mulher, dois portugueses que assistiram ali ao jogo e ficaram calmamente para a festa, ainda estavam estupefactos: "Não dá para entender, estávamos aqui sentados, entraram por aí a bater em toda a gente".

A PSP diz que deslocou para o local dois policiais, mais tarde um reforço de seis policiais e, perto das 18h00, cinco carrinhas de polícia de intervenção. Eram quase 16h00 quando a PSP afirma ter chegado junto ao Centro Comercial Pescador para desimpedir o trânsito, alegadamente interrompido por grupos de brasileiros comemorando o "Pentacampeonato".

O comissário Jorge Fonseca, da PSP de Almada, disse ao PÚBLICO que tudo foi motiva-

do pela interrupção de trânsito e que a princípio chegaram apenas dois policiais. "Como a situação se mantinha, com muita gente a interromper o trânsito, pedimos reforço de seis elementos que tiveram de utilizar balas de borracha".

Tudo parece ter começado junto ao Centro Comercial Oceano. "Os dois policiais chegaram para desimpedir o trânsito e foram valados", conta Marcos da Silva, 20 anos, de São Paulo. "Aí a gente que tava junto ao centro comercial veio para a esplanada do bar. A polícia pediu reforço policial e, quando chegou, o pessoal vaiou de novo."

Marcos diz que ninguém tomou qualquer outra atitude agressiva para com a polícia, exceptuando as vaias.

"Aí", continua Marcos, "a polícia entrou pela esplanada dentro batendo em todo o mundo com bastão, com cães mordendo. Todo o mundo fugiu. Bateram em mulher grávida, em criança..." Foi então que um grupo de cerca de 15 brasileiros, já junto à pequena linha de comboio que parte dali para a Fonte da Telha, pegaram em pedras e co-

meçaram a atirar à polícia. Nessa altura, a polícia disparou balas de borracha. "Eu vi um rapaz que levou com duas balas de borracha na cabeça, vi quatro policiais em cima de um rapaz e vi policial atingido por pedras", conta Marcos. O comissário da PSP diz que pelo menos dois policiais ficaram feridos com pedras arremessadas. Uma fonte das urgências do Hospital Garcia de Orta fala em um polícia ferido.

Revoltadas com os brasileiros estavam quatro vendedoras de marisco, que ficaram com muita amêijoas no chão e acusam os brasileiros de terem provocado a polícia com vaias e ter dado azo a tudo. "A pala dos brasileiros, tenho aqui 40 ou 50 contos de prejuízo... enrovalharam a polícia!", disse uma vendedora portuguesa, muito nervosa, que se escusou a dar o nome. ■



**Polícia usou bastões e cães para estragar a festa brasileira**



# Vidas separadas

Conflitos e convívio entre a maioria branca e as minorias étnicas da Amadora revelados em estudo

FREDERICO CARVALHO

**N**O CONCELHO mais multiétnico do país, uma barreira invisível separa as existências da maioria branca e das minorias étnicas. Ainda que os caminhos se cruzem frequentemente no local de habitação, no trabalho e na escola, o relacionamento é superficial. Os germes do conflito estão activos, associados à profundidade da pequena criminalidade, à exclusão e à pobreza, e não tanto à cor



**42%**

dos brancos estavam disponíveis para receber temporariamente uma criança africana, mas mais facilmente acolheriam filhos de portugueses, brasileiros ou imigrantes de Leste. 38% não dariam abrigo a crianças ciganas, em quaisquer circunstâncias

da pele ou a diferenças culturais. Mas, mais do que o convívio ou o conflito, domina a indiferença — esta matéria amorfa que não «dá abertura de telefunção ou manchetes jornalísticas».

Este retrato da Amadora, onde cerca de 20% da população não pertencem à maioria de portugueses brancos, resulta de um estudo encomendado pela Câmara local ao Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED). O trabalho, intitulado «As Populações do Concelho de Amadora: Relações Interétnicas e Representações», baseou-se em duas inquéritos separados, um dirigido à maioria e ao outro às minorias.

Para efeito do inquérito, foram consideradas minorias étnicas os africanos, ciganos, indianos, imigrantes brasileiros e imigrantes do Leste, tenham ou não a nacionalidade portuguesa. São eles que povoam maioritariamente o rosário de bairros degradados que, quase sempre pelas piores razões, têm nomes familiares em todo o país: Fontainhas, Cova da Moura, 6 de Maio, Estrela d'Africa.

Separadas pelas condições de vida, maioria e minorias têm visões algo diferentes sobre os problemas do concelho — que, apesar de tudo, uma larga maioria de todas as cores considera ser um local bom ou razoável para habitar.

A criminalidade, a toxicodependência e tráfico de droga e a existência de bairros degradados são colocados, de forma quase idêntica por brancos e «étnicos», no topo dos aspectos negativos. Mas a droga é apontada como problema muito mais pelas minorias (50%), que têm o tráfico na vizinhança imediata, do que pela maioria branca (18%), que aponta sobretudo com as suas consequências.

**75% dos brancos evitam bairros**

Mais revelador das diferenças é o facto de o trânsito no concelho ser apontado como problema por 30% dos brancos e por apenas 15% dos habitantes das minorias. Em contrapartida, o desemprego constitui preocupação para 32% das minorias, mas apenas para 2% da maioria.

Em matéria de relações entre etnias, vêm imediatamente à cabeça os fascistas



Bairro da Cova da Moura: os brancos evitam-no, mas os moradores gostam da boa vizinhança

bairros degradados. E, embora ninguém goste deles como estão, as visões não podiam ser mais diferentes: 75% dos brancos consideram que não áreas a evitar, associando-as sobretudo a falta de higiene e a criminalidade (ver caixa); mas 43% dos que lá moram gostam do ambiente, mesmo com todos os problemas, e apesar de uma maioria querer ser realojada.

O posto pelo bairro é declarado sobretudo na Cova da Moura, nas Fontainhas e na Estrada Militar — não

por acaso, os bairros onde há mais vida colectiva, actividades culturais e de convívio.

**Realojados sim, mas noutra sítio**

Curiosamente, embora uma larguíssima maioria dos portugueses brancos ache que o realojamento dos bairros degradados deva ser feito rapidamente, 48% dizem que há problemas mais prioritários a resolver no concelho.

Nesta matéria, uma prova dos nove da abertura ao «ou-

tro» é a disponibilidade para aceitar ter como vizinhos os realojados dos bairros malditos. Quase um quinto da população branca (19%) declara frontalmente que não quer realojados nas proximidades, destacando-se uma aguçada minoria de 5% que afirma que

iria para a rua manifestar-se. Noutra extremo, 40% declaram aceitar o realojamento sem qualquer problema. Outros 29% também aceitavam, embora achem que a vizinhança traria incómodos.

Quanto às expectativas dos moradores dos bairros, uma maioria de 51% gostaria de ser realojada noutra local do concelho mas mantendo os actuais vizinhos, enquanto 29% prefeririam aproveitar o realojamento para romper com a vizinhança. De notar que outros 14% — sobretudo jovens da «segunda

geração» — querem mudar-se por meios próprios para uma casa nova.

**Solidariedade com selecção étnica**

O relacionamento dos portugueses com pessoas das minorias étnicas é circunstancial. Em poucos casos há proximidade, com visitas familiares (17%), brincadeiras entre crianças (13%) ou convites para festas (12,5%).

Passando às provas de solidariedade, os portugueses declaram-se dispostos a transportar ao hospital um doente de qualquer etnia, embora 31% não aceitem transportar ciganos; e estão maioritariamente indispostos para emprestar dinheiro, embora o fizessem mais facilmente a portugueses e brasileiros e menos a ciganos. O acolhimento temporário de uma criança também se aceita por uma minoria, e mais facilmente para crianças portuguesas, brasileiras e de Leste e menos para africanos, indianos e ciganos.

Os africanos são a etnia com imagem mais positiva para a maioria, sobretudo por serem trabalhadores e contribuírem para o desenvolvimento do país, seguidos dos imigrantes de Leste e dos brasileiros. Estes são vistos como dispostos a empregar aos portugueses, o que não se passa com os africanos.

## As cores do crime

TRÊS em cada quatro habitantes da Amadora pertencentes à maioria étnica (portugueses brancos) declaram que nunca tiveram qualquer problema com os imigrantes residentes no concelho. Mas 24% já os tiveram, sendo que 16% foram vítimas de assaltos feitos por indivíduos de uma minoria étnica. Por centagem com impacto suficiente para que, mesmo entre aqueles que nunca tiveram «azar», os bairros degradados sejam largamente associados à criminalidade e à insegurança que, tanto para a maioria como para as minorias étnicas, estão no topo dos problemas do concelho.

Esta associação negativa não tem «cor» e é feita pelos próprios imigrantes moradores nesses bairros. O inquérito do IED revela que, entre a maioria branca, 85% concordam totalmente ou em parte com a afirmação de que a criminalidade está ligada aos bairros degradados habitados pelas minorias étnicas. Já entre os moradores dos bairros, 78% consideram mal a sua segurança, enquanto menos de 2% de optimistas a classificam como boa. Para quem lá vive, a insegurança ligada ao crime e à toxicodependência suplantam até os problemas de higiene e saúde como aspecto mais negativo dos mal-falados bairros.

Na óptica da maioria branca, os africanos e os ciganos destacam-se como originadores de criminalidade. Mas, curiosamente, são os imigrantes brasileiros, seguidos dos ciganos, que têm uma imagem mais associada ao tráfico e consumo de droga. Trata-se, naturalmente, da imagem que estas comunidades têm sob olhos da maioria, e não de conclusões baseadas em estatísticas de crimes reais. Mas a imagem, neste caso, molda os comportamentos.

FC



**16%**

dos residentes brancos da Amadora já foram vítimas de assaltos feitos por indivíduos de minorias étnicas. 76% nunca tiveram problemas com imigrantes



**19%**

dos brancos não aceitariam realojamentos de minorias perto de sua casa. 5% até iriam para a rua protestar. Para 40%, os vizinhos seriam bem-vindos

para aceitar ter como vizinhos os realojados dos bairros malditos. Quase um quinto da população branca (19%) declara frontalmente que não quer realojados nas proximidades, destacando-se uma aguçada minoria de 5% que afirma que



# Expulsão de habitantes dos bairros degradados defendida por um quinto dos brancos da Amadora

## ESTUDO SOBRE RELAÇÕES INTERÉTNICAS

**Majoria étnica tende a ter melhor relacionamento com os imigrantes brasileiros, do Leste europeu e indianos do que com africanos e cigãos**

PAULO CORREIA

Quase um quinto da população branca da Amadora defende a destruição dos bairros degradados do concelho e a expulsão dos seus habitantes do município. Perto de metade destas pessoas associa os bairros degradados às comunidades imigrantes.

Esta é uma das conclusões do estudo "As populações do concelho da Amadora: relações interétnicas e representações", apresentado ontem no auditório Recreios da Amadora, durante a visita ao concelho do Presidente da República, Jorge Sampaio. De qualquer forma, o documento refere o "espírito não racista de portugueses, pelo menos nas declarações".

De acordo com a investigação, encomendada pela autarquia ao Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, a maioria étnica da Amadora tende a projectar sobre os bairros degradados do município uma imagem de áreas sem condições de higiene, que devem ser evitadas, e que constituem a principal origem da criminalidade no concelho.

Metade dos habitantes do município afirma que a qualidade de vida no concelho é razoável, mas cerca de 25 por cento dos brancos e 37 por cento das minorias étnicas confessam que gostavam de sair do concelho ou que não têm alternativa senão viver ali.

A análise dos dados revela ainda que a maioria étnica tem melhor opinião dos imi-

MANOEL TORRES



Majoria étnica associa comunidade africana à criminalidade

grantes brasileiros, do Leste europeu e indianos do que dos africanos e cigãos. Cerca de 72 por cento dos brancos acha que os africanos estão na origem da criminalidade. Mas 76 por cento admitem nunca ter

tido problemas com eles.

Da mesma forma, a etnia cigana é associada ao crime e a indivíduos que não contribuem para a sociedade.

Da imagem positiva relativamente às minorias étnicas

destaca-se a ideia de que os imigrantes do Leste são pessoas muito trabalhadoras. Os brasileiros são vistos, por cerca de 34 por cento da maioria étnica, como indivíduos que vêm ocupar os postos de trabalho dos portugueses.

Já as minorias étnicas — cuja opinião acerca da maioria étnica não é, aparentemente, negativa — apontam a toxicodependência e a criminalidade como as principais causas da insegurança nos bairros degradados.

Cerca de 73 por cento acreditam que a câmara e as juntas de freguesia não quer saber dos bairros. No que respeita à representação que fazem de si próprios, 30 por cento dos que pertencem às minorias étnicas considera-se muito pobre e 74 por cento admite viver com problemas económicos.

Mais de um quinto da população dos bairros degradados não sabe ler nem escrever e dos que sabem fazê-lo, cerca de 26 por cento adquiriu essas competências sem ter frequentado a escola.

O estudo foi elaborado com base num inquérito telefónico a 400 indivíduos brancos e num outro, presencial, feito a 200 moradores dos bairros degradados.

## Escola primária vandalizada pela 13ª vez

A escola primária da Cova da Moura foi vandalizada terça-feira pela 13ª vez nos últimos três anos, depois de um investimento de mais de 1,5 milhões de euros. A informação foi transmitida à Lusa por Joaquim Raposo, presidente da Câmara da Amadora, que explicou que a autarquia quer fazer daquela "uma escola de excelência a nível do concelho". O autarca diz que é "complicado manter a segurança" no estabelecimento de ensino, pela elevada despesa com a PSP e a Polícia Municipal, que a câmara não tem condições de suportar.

## Jorge Sampaio culpa planeamento urbanístico

Jorge Sampaio alertou ontem, durante a sua visita ao concelho da Amadora, para a necessidade de encarar a temática da emigração "não como um dado da conjuntura actual, mas como uma nova característica das nossas sociedades", com a qual teremos de viver. Realçando o facto de este ser o município português com maior número de residentes de minorias étnicas, apontou a requalificação urbana como "um vasto problema que tem de ser considerado". "Não nos podemos orgulhar de tudo o que fizemos nos últimos 25 anos em termos de planeamento urbanístico", sublinhou P.C.

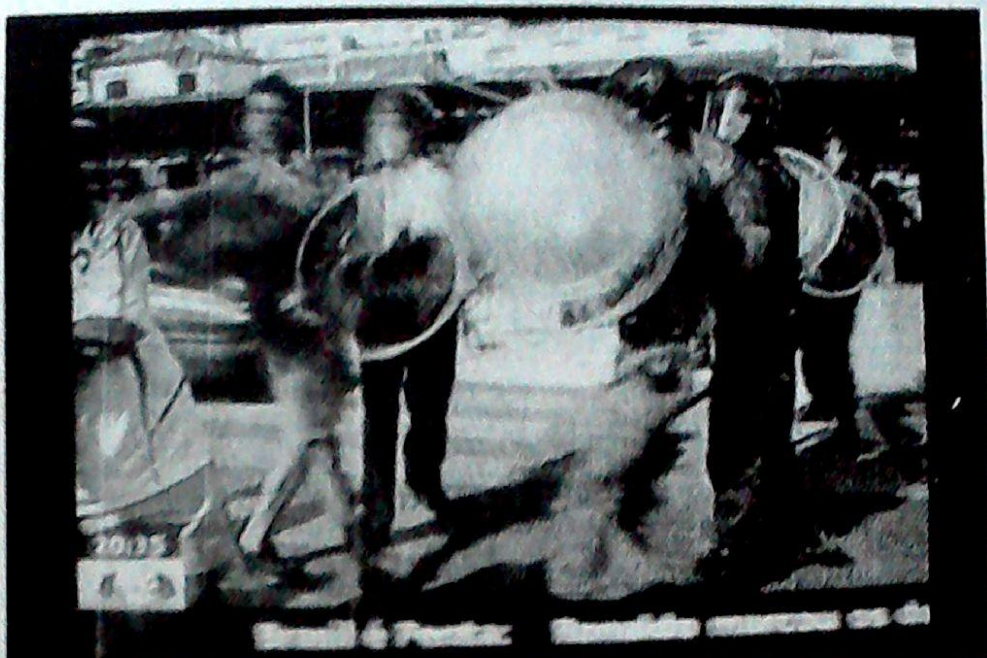
## Presidente da câmara do concelho critica Governo socialista

O presidente da Amadora José Raposo acusou o actual Governo e o anterior Executivo PS de fazerem parte do problema da criação dos jovens no concelho. Segundo o autarca, a câmara e o Governo não podem combater o problema social sem atacar os seus efeitos. Raposo afirmou que até hoje ainda se cobra qualquer coisa.

"A cidade precisa fortemente de um programa que obstrua o município, o Governo e as instituições para a intervenção no concelho e na luta social", alertou. Para haver uma mudança efectiva na Amadora é necessário mudar o presidente da autarquia, que o concelho não apoia apenas através de novas medidas que fomentem "a aquisição de conhecimentos sociais e formação de pequenos empresários". "É urgente o Governo tomar medidas [Circular Regional de Lisboa] e os apoios à requalificação da Branda e à criação do Alto da Moura", sublinhou, referindo a necessidade de políticas "em qualidade". Raposo defende que a câmara deve instrumentar a análise e a melhor fundamentação política, criar a criação de observatório para que permita a análise das populações.



Em  
abaixo-assinado,  
comerciantes  
e moradores  
da Costa  
defenderam  
a carga policial  
sobre os  
cidadãos  
brasileiros  
que festejavam  
a vitória  
no Mundial



A PSP diz que não houve carga do Corpo de Intervenção, apesar de a imagem fazer supor que sim

# Caparica apoia PSP

CATARINA CARVALHO\*

O MINISTRO da Administração Interna, Figueiredo Lopes, defendeu a actuação da polícia contra cidadãos brasileiros que festejavam a vitória do Mundial, na Costa de Caparica, com base nos relatos constantes de um abaixo-assinado feitos por 300 «vendedores ambulantes, moradores e comerciantes» e outros testemunhos que lhe chegaram directamente ao Ministério.

Na comissão de Direitos, Liberdades e Garantias da Assembleia da República, Figueiredo Lopes disse que «o Governo nunca irá desautorizar forças de segurança em situações de conflito». E deu exemplos do comportamento brasileiro, justificando a acção da polícia, situações descritas no abaixo-assinado: «Obrigaram pessoas e crianças a beijarem a bandeira brasileira, sentaram-se em cima dos capôs de automóveis, atiraram garrafas de cerveja e paralelos aos agentes da autoridade».

No documento, dirigido ao comandante da PSP de Setúbal, os signatários «agradecem a acção policial», elogiando os que «não viraram costas, impondo a Lei».

Entretanto, o embaixador do Brasil em Lisboa, José Gregório, pediu explicações ao ministro dos Negócios Estrangeiros, Martins da Cruz. A Casa do Brasil fez um protesto a condenar «a violência gratuita, chocante e injustificada» da PSP.

A posição do ministro Figueiredo Lopes no Parlamento foi bem recebida na PSP.

**Os moradores dizem que adultos e crianças foram «obrigados a beijar a bandeira brasileira»; a Casa do Brasil condena a «violência gratuita»**

Um agente da corporação, impedido de identificar-se pelo estatuto disciplinar, disse ao EXPRESSO que «se deu a ideia de que este Governo defenderá mais os polícias». Segundo este elemento, não houve orientações expressas para deixar de haver contenção policial, mas «ficou a ideia de que vai caminhar-se contra a impunidade».

Para um oficial contactado pelo EXPRESSO, «ter-se-á fechado um ciclo em que o Estado abdica da sua tarefa reguladora». Como exemplo, este polícia refere a largada de porcos no Terreiro do Paço, «uma vergonha em que foram dadas ordens para não actuarmos».

Qualquer que seja o resultado do inquérito da Inspeção-Geral da Administração Interna (IGAI) — que só deverá estar pronto dentro de um mês —, a posição do MAI está resguardada pelo estatuto da PSP, que enquadra legalmente as actuações policiais.

Segundo o subintendente Leitão, da Escola Superior de Polícia, «a legislação prevê que tenha de haver pelo menos uma voz de dispersão. Se não forem acatadas as ordens, pode usar-se a força». Sobre a proporcionalidade da força, não há qualquer indicação legal. Neste caso, deram entrada no Hospital Garcia de Orta, em Almada, dois brasilei-

ros feridos e dois polícias.

Também sobre a decisão do comando de enviar polícia de choque para o local, a legislação é omissa. Rui Gonçalves, psicólogo da Universidade do Minho que trabalha num projecto com a PSP de Braga, defende que «quando há este tipo de tensão, inevitavelmente vai haver conflito. Tem de usar-se outras armas, como camións de água». No comando de Setúbal não existem estes meios.

## Dúvidas no relatório

Estranhamente, o relatório policial ao qual o EXPRESSO teve acesso, diz que «não foi feita qualquer carga pelo Corpo de Intervenção». O comandante relata que o CI terá chegado pelas 17h20 e que os confrontos terão ocorrido por volta das 17h horas, quando 11 agentes da PS foram atacados com pedras e garrafas.

Diz o relatório que com a chegada do CI a situação acalmou. Esta versão vai contra os relatos dos atingidos — que garantiram, em relatos nos «media», que foi a polícia de choque e os seus cães quem os atacou.

\*COM MARIA LUIZA ROLIM



# Quinze podem oferecer à Turquia calendário de adesão

Ancara retribuirá dando luz verde ao alargamento a Leste e à criação de uma política de defesa

ISABEL ABRIAGA E CUNHA, em SEVILHA

A União Europeia (UE) prepara-se para oferecer à Turquia a promessa de um calendário para o início das negociações de adesão, esperando desta forma conseguir a boa vontade de Ancara para dois dos seus maiores projectos, o alargamento ao Leste e a criação de uma política de defesa.

Esta perspectiva, que deverá ser anunciada hoje pelos chefes de Estado ou de governo na final da cimeira de Sevilha, corresponde a uma das grandes reivindicações da Turquia, a eterna aspirante à adesão que, apesar de ser oficialmente o décimo terceiro país candidato à UE, é igualmente o único país que ainda não iniciou as negociações de adesão devido à preocupação dos Quinze pela situação dos direitos humanos.

Mas, segundo o que anunciou ontem Josep Piqué, ministro dos Negócios Estrangeiros da Espanha, que preside actualmente à UE, a melhoria do "currículo" de Ancara nesta frente poderá levar os Quinze a definir até à cimeira de líderes de Copenhaga, em Dezembro, um calendário para o início das negociações.

"Estão a ser feitos progressos, e nós vamos reconhecê-los amanhã [hoje] de maneira a que, entre agora e Copenhaga, sejamos capazes de fixar um possível calendário para o início das negociações", afirmou Piqué, em conferência de imprensa.

Com esta promessa, os Quinze esperam obter a cooperação de Ancara para a sua política de defesa (ver texto neste destaque) e para a reunificação de Chipre, um dos dez países candidatos que deverão terminar as negociações de adesão até ao fim do ano e aderir em 2004.

A perspectiva da adesão de uma ilha dividida desde a ocupação da parte norte pelas tropas turcas em 1974, nasceu várias capitais europeias, que tentam impor um conflito militar. Mas, em simultâneo, a UE tem sublinhado que a reunificação de Chipre não constitui uma condição para a sua adesão, sabendo que, se for o caso, a Grécia bloqueará todo o alargamento. A aproximação à Turquia poderá ajudar a ultrapassar o impasse em que se encontram as negociações sobre a reunificação de Chipre e resolver este dilema.

## Reforma das instituições

Por seu lado, os Quinze emitiram uma declaração política pedida pela Irlanda para ajudar a obter a ratificação do Tratado de Nice num novo referendo a convocar no Outono. Esta ratificação de um Tratado que reforma as instituições comunitárias na perspectiva da adesão de dez países, constitui uma das condições legais para o alargamento, mas foi recusada no início do ano por uma maioria de irlandeses.

Parante a convocação de Dublin de que a política de defesa europeia expressa em Nice poderá ter sido uma das causas desta recusa, a declaração dos Quinze precisa que a tradicional neutralidade irlandesa não será posta em causa. Dublin mantém intacta a sua liberdade de decidir participar ou não em eventuais operações humanitárias ou de manutenção da paz desenvolvidas no quadro da UE, afirmam os Quinze.

Bertie Ahern, o primeiro-ministro irlandês, precisou, por seu lado, numa declaração anexa, que o seu país não participa em qualquer pacto de defesa mútua ou no estabelecimento de um exército europeu.

Em contrapartida, alguns países começaram ontem a emitir algumas dúvidas sobre a possibilidade de cumprimento do calendário do alargamento sobretudo depois de a Alemanha ter pedido — informalmente — o adiamento da próxima cimeira de Bruxelas, a 24 e 25 de Outubro, que deverá decidir quais dos candidatos estarão em condições de aderir em 2004.

Este adiamento destinava-se alegadamente a permitir o tempo necessário para a formação do novo governo alemão que deverá sair das eleições legislativas de 22 de Setembro. Se assim não for, os alemães consideram que não estarão em condições de assumir quaisquer compromissos sobre a vertente financeira do alargamento que deverá ser acordada nesta altura, incluindo as ajudas agrícolas, os fundos estruturais e as contribuições dos novos membros para o orçamento comunitário.

Anders Fogh Rasmussen, o primeiro-ministro dinamarquês que presidirá à UE durante o segundo semestre deste ano, mostrou-se no entanto pouco entusiasmado com esta perspectiva, recordando que possa ser interpretada como um atraso do alargamento susceptível de provocar uma grande decepção entre os candidatos. Segundo afirmou, os Quinze deverão pôr-se de acordo entre si "o mais tardar no fim de Outubro ou no início de Novembro" sobre as questões financeiras, de modo a permitir um prazo de pelo menos dois meses para a conclusão das negociações com os candidatos. ■

SAULO LOPEZ



Razões do protesto dos imigrantes em Sevilha colocam-se também em Portugal

## Patrões portugueses preferem mão-de-obra de Leste a africanos

Mais de 90 por cento das ofertas de emprego recebidas por algumas associações são directamente dirigidas a ucranianos ou romenos, russos ou moldavos

RICARDO DIAS FELNER

A comunidade de origem africana está a ser alvo de discriminação por parte de alguns empregadores portugueses, que afirmam abertamente preferir os imigrantes de Leste. As associações de imigrantes alertam para o facto de a maioria parte das ofertas de emprego que receberam o ano passado terem passado a incluir o critério racial "nas características exigidas". E de se poder estar a criar um "barril de pólvora por causa desse conflito".

A Associação Guineense de Solidariedade Social, em dez meses, conseguiu empregar 150 imigrantes de Leste, mas só um único de origem africana, no caso galego. O mesmo tratamento desigual foi reconhecido pela associação Solidariedade Imigrante com "90 por cento das ofertas de emprego comunicadas o ano passado" a serem especificamente dirigidas a cidadãos da Ucrânia, Rússia, Moldávia e Roménia.

O fim do monopólio "africano" iniciou-se com o processo de regularização extraordinária, ocorrido entre Janeiro e Novembro de 2001. Em apenas um ano, perto de 150 mil imigrantes de Leste conseguiram legalizar-se, e estima-se que o número de clandestinos atinja os 75 mil.

As justificações são diversas. Rui Viana, presidente da Associação dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Norte (AICOPN), assume que "os trabalhadores imigrantes

não são todos iguais". "Os africanos são mais difíceis de tratar e normalmente menos felizes. Os de Leste são mais cultos, mais educados e mais profissionais". Por isso, considera, é legítimo que os empresários estejam a preferir-lhes. "Não se trata de uma questão racial. Mas a verdade é que não dão outras garantias. Para além de melhor formação, os de Leste têm disponibilidade total, uma vez que não têm famílias, ao contrário do que acontece com os africanos", acrescenta.

Timoteo Macedo, da associação Solidariedade Imigrante, discorda, argumentando que se trata, sobretudo, de uma mentalidade "discriminatória racial". Introduzindo de forma encoimada: "É aquela conversa sobre, ou até nem sou racista, mas prefiro uma doméstica de Leste". Uma versão da tradicional "eu não sou racista, mas não gostava que a minha filha casasse com um negro", alvitra.

Para este dirigente, esta situação "de privilégio" surge com a complexidade do anterior Governo socialista, bem como da Igreja Católica e das autarquias, que ajudaram a criar uma imagem de "existência moral e laboral". "Nunca, como no ano passado, houve tanta solidariedade para com os imigrantes. Nunca se recusaram tantas missões pelos imigrantes. Nunca se deram tantos cursos de língua portuguesa para imigrantes. E, no entanto, eles já cá estavam", conclui.

Fernando Ká, da associação

Solidariedade Imigrante, adianta ainda outras explicações. "Os trabalhadores de Leste aceitam trabalhar a qualquer preço e a qualquer hora. São mais dóceis para com os empregadores, os africanos têm um melhor conhecimento do mercado, sabem melhor o que valem e, por outro lado, estão já estabelecidos com a família há mais anos, não se sujeitam tão facilmente a deslocar-se para fora da sua zona de residência".

Alcides Tolentino, presidente da Associação Cabo-Verdiana, é da mesma opinião. "A maior parte da nossa comunidade já tem créditos firmados, tem liquidez forte com as entidades patronais. Os patrões têm escolhido os de Leste porque conseguem nos expor mais", defende.

Os sindicatos confirmam a existência de "abuses graves" desta comunidade. "Têm sido vítimas mais vezes da ganância das entidades patronais", explica António Goulard, da União dos Sindicatos do Alentejo, a região com a maior percentagem da população imigrante de Leste. José Dinis, coordenador da Federação de Sindicatos da Construção Civil da CGTE, por sua vez, precisa: "Alguns empregadores começaram a despedir cidadãos de raça negra há cinco anos atrás. Mas não as instituições junto das empresas e agora vemos que a situação está melhor".

Várias das fúrias com quem o PÚBLICO falou revelaram-se, contudo, preocupadas com o futuro. "O mercado da construção civil está em baixa", alerta Fernando Ká. "Agora é que começa a rido fazer máscaras do para todos", sublinha, por sua vez, Rui Viana, fazendo notar que a rejeição vem desde desde finais do ano passado. Timoteo Macedo acrescenta, e profetiza: "Estimamos a criar um barril de pólvora". ■

## "Só pensam em trabalho"

Podem falar de que obo: É o típico subemprego, desses que percorrem o país de obra em obra, "onde houver trabalho". A sua empresa tem 20 trabalhadores, a maioria ilegais e imigrantes de Leste. "Simpatizo muito com eles, são muito organizados, só pensam em trabalho", justifica.

O discurso é pragmático. Quer "o melhor pelo menor custo laboral". As nacionalidades não importam. "São do Leste, mas democraticamente são cidadãos, ucranianos, romenos...". A formação não interessa. "Acho que já tive militares, já tive engenheiros, não sei bem. Sei que agora trabalham nas obras". As condições socioeconómicas também não

das para a expatriação do dia-a-dia. Para a eficácia: "Um brasileiro, ou um africano, ainda se aquece. Também os tenho a trabalhar sempre. Agora quando precisamos mesmo muita obra da construção. Os imigrantes de Leste não. Fazem pouco, não arranjam problemas", explica Pedro. O mesmo problema, ressalva, é, por vezes, a língua. "Mas gostamos de trabalhar não é preciso falar".

Os ordenados vão dos cinco centos e mais até oito centos por dia, "quase dois, nove horas". "Se for um bom ajudante, não importa a cor da pele, pode levar 220 contos ao fim do mês para casa", garante. A preferência pelos trabalhadores de Leste, afirma, não releva, assim, o facto de estes serem "mais dóceis", de se sujeitarem a piores condições laborais. "Isso já não se passa. Talvez há uns tempos tenha acontecido mais. Mas agora, não sei bem porquê, andam com os olhos mais abertos".

Apesar de Pedro dar um nome falso e não querer que a sua empresa seja identificável, a situação laboral dos seus empregados, diz, está regularizada. "Têm cartões de contribuinte e segurança social". O que acontece é este estranho paradoxo português: apesar de serem não-de-obra legal, os seus imigrantes permanecem cidadãos legais no país, apesar de terem contrato de trabalho, não têm autorização de permanência — ou seja, podem trabalhar em Portugal mas sem permanecer em Portugal. "Por nós ficamos tudo. Agora é com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras", alvitra.

Neste momento, as centrais sindicais estimam que metade dos imigrantes de Leste que se encontram a trabalhar em Portugal estejam em situação clandestina.

O NÚMERO

150

A Associação Guineense de Solidariedade Social, em dez meses, empregou 150 imigrantes de Leste, mas só um único de origem africana







# A TRISTE NOVELA DOS BRASILEIROS QUE NÃO SAMBAM

De repente, passaram a estar em todo o lado. Nos transportes públicos, nos restaurantes e bares, nos hotéis e nos centros comerciais, os "portugueses com sotaque" invadiram o país e serão, dentro de poucos meses, a maior comunidade imigrante. O PÚBLICO procurou saber como vivem os brasileiros no "país irmão" e descobriu histórias de pobreza, racismo e exploração, que desmascaram a cumplicidade linguística e o imaginário carnavalesco do povo feliz anunciado nas telenovelas.



Na Cruz do Pau, todos os dias, pelas 17h00, meia-dúzia de brasileiros, mais alguns antigos vizinhos portugueses, reúnem-se para respirar o frio

RICARDO DIAS FELNER

As botas manchadas de cal, logo na entrada do quarto, demoram mais um sábado nas chamas. Walter, 33 anos, regressa a há pouco da jornada, abanico na mão. Não sei por que confesso a trabalhar ao fim de semana. O parvo não me paga as despesas. Já meiga, deitado na cama, do quarto despidido.

O tempo, em Lisboa, anda premioso, não dá para esperar o fim de semana. As várias horas de trabalho, as batidas no trânsito, o gesso catenado, a televisão. Não dá para começar a escrever "nas paredes", vaticina o homem há dois anos em Portugal.

Oito meses na Cruz do Pau. Os portugueses julgavam que os africanos e que viviam nestes sítios. Percebam que se existissem brasileiros ricos das telenovelas, acrescenta um amigo, que assiste à conversa, de pé, na soleira da porta.

Como quase todas as casas do grupo brasileiro do bairro da Cruz do Pau, na Margem Sul, a habitação onde Walter vive não tem qualquer assento. A decoração resume-se a três caixas, um frigorífico, no qual se assaia todo tipo de comida, e um fogão, que su-

ra dormir e de uma televisão para adormecer. E acordar, trabalhar, voltar, acordar, trabalhar, voltar.

Lá fora, nos caminhos enlameados surgem poças intransponíveis, orde desagua a corrente pluvial misturada com o esgoto nausabundo das fossas. O lixo acumula-se por todo o lado, intensificando o odor. Os que frequentam o bairro já não reparam: os que não o frequentam nunca hão de reparar — que o lugar sórdido está bem escondido do mundo.

Um queto lucrativo

O aluguerado de casas térreas, na Cruz do Pau, onde vivem milhares de brasileiros, fica escondido entre um pinhal

e uma zona de muradras, junto à entrada de Foros de Amora, Seixal. A disposição das habitações, em banda, lembra um bairro operário, sem condições sanitárias, nem acessos. Mas o preço das rendas concorre com o de qualquer apartamento do concelho: os quartos custam entre 100 e 150 euros por pessoa e obrigam, pelo menos, três hóspedes cada um; as exíguas casas familiares, ainda que já esqueléticas, valem 300 euros mensais.

A exploração, clandestina, é dominada por apenas três senhorios — endinheirados. Um deles possui uma moradia no bairro, com carros de luxo à porta; outro constituiu recentemente uma vivenda

"É triste essa história de povo irmão, que fala a mesma língua. Que irmão nos trata como prostitutas? Que irmão nos obriga a trabalhar 14 horas por dia e nos cobra estas rendas?"

nas imediações, onde aluga os quartos que, por si — diz-se à boca pequena — valem 10 mil euros mensais.

Acontece que, apesar disso, os inquilinos não se queixam, louvando inclusive o facto de os proprietários "não darem mole" e "não imporem dias para tomar banho", como acontecem neuras lusas.

O negócio do alojamento na Cruz do Pau começou desde 1998, 2000, quando se verteu com uma vaga de entrada em Portugal, originada sobretudo da cidade de Vancouver, no Canadá, na procura de mão de obra. A razão da migração é um fenómeno cultural religioso, registado desde há muito, que vem com o facto de os EUA, normalmente a procura de



# Quatro em cada dez não pensam retornar

Estudo indica que muitos brasileiros trouxeram a família, mas revela má integração

De acordo com um inquérito que será brevemente apresentado, quatro em cada dez imigrantes brasileiros não pensam, neste momento, regressar ao seu país de origem.

Embora a maior parte (45 por cento) tenha respondido pretender "voltar logo que consiga juntar umas poupanças", um número muito significativo (162 pessoas em 400) disse que essa questão não se coloca actualmente — refere o estudo, referente ao distrito de Lisboa e a brasileiros chegados a Portugal nos últimos cinco anos, encomendado à Casa do Brasil pelo Observatório da Imigração, do Alto-Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME).

Esta constatação mostra uma clara diferença relativamente à outra grande comunidade imigrante presente em Portugal — os ucranianos — que, segundo um outro inquérito, também concluído recentemente, revela, na sua quase totalidade, vontade de retornar (só 16 por cento fazem menção de permanecer).

De qualquer maneira, não se pode afirmar, com certeza, que quarenta por cento dos cerca de 60 mil brasileiros, a maioria com menos de 35 anos, já legalizados, irá estabelecer a sua vida em Portugal. Isto porque se sabe que, para muitos deles, Portugal é apenas uma porta de entrada para a Europa. Ou seja, podem não querer regressar ao Brasil, mas é bem provável que alguns venham a migrar para outro país, que não Portugal.

Esta rejeição do país de origem — ainda de acordo com o mesmo inquérito — resulta do desemprego e dos baixos salários auferidos no Brasil, por comparação com Portugal.

Questionados sobre as razões pelas quais emigraram, 54,5 por cento responderam que isso se deveu aos fracos vencimentos e 25 por cento alegaram o desemprego como causa primordial. No mesmo sentido, confirmando a expectativa de virem a ganhar mais dinheiro, 77,1 por cento afirmaram ganhar melhor (52,8) ou muito melhor (24,3) em Portugal do que no Brasil, sendo a percentagem dos que responderam "pior" praticamente insignificante (3,5).

Outro dos factores que poderá influir na fixação desta comunidade em Portugal tem que ver com o facto de quase

metade dos imigrantes brasileiros cá viverem com a família. Esta característica também distingue a imigração brasileira da recente vinda da Europa de Leste, preponderantemente masculina, com a mulher e os filhos no país de origem.

Isto está, no entanto, longe de representar um grau de satisfação elevado relativamente ao país. É que, quando avaliados vários outros indicadores da qualidade de vida, a imagem de Portugal torna-se muito mais negra.

Assim, a maioria (36 por cento) disse que os cuidados de saúde, por comparação com o Brasil, são piores, bem como "a qualidade da moradia onde vive" (44,5). No que respeita aos "momentos de lazer", quase 65 por cento

referiu divertir-se menos em Portugal, elegendo como distrações preferidas "encontrarem-se com a turma do Brasil" e verem televisão.

## Casos de discriminação

Estes dados parecem relacionar-se directamente com a atitude da população nacional com os estrangeiros, existindo indícios de discriminação e de diferenças culturais importantes. Perante a pergunta "viu casos de discriminação da parte dos portugueses contra brasileiros", a esmagadora maioria dos inquiridos (82,1 por cento) respondeu afirmativamente, sendo que, de entre estes, 45,3 por cento sustentaram ter presenciado "bastantes". Daí que cerca de quatro em cada dez brasileiros considerem ter "poucos"

ou " nenhuns" amigos portugueses.

Quanto às actividades profissionais que desempenham em Portugal, a maior parte está ligada ao sector da construção civil — somando operários especializados e não especializados (27,8) — seguindo-se o comércio (21,8) e a restauração (20,8).

A estatística revela, contudo, que alguns brasileiros foram obrigados a mudar de profissão. A ocupação da maioria, segundo o inquérito, antes de emigrar, era na área do comércio, seguindo-se o trabalho administrativo a par com o sector da construção civil. De referir, no entanto, que uma parte significativa (81 em 400 imigrantes), disse ter "outra ocupação". ■ R.D.F.

há, tem) travado a concessão de vistos, bem como da "boa reputação" de uma grande república sobre Portugal, condida no Globo no célebre programa Fantástico, há quatro anos.

Bom parte dos residentes entraram no país sem qualquer visto e encontram-se ilegais, sujeitos a todo o tipo de abusos: os homens trabalham quase todos na construção civil, as mulheres em serviços de limpeza ou na restauração.

"Passámos por tanto que damos abraço ao diabo" Pelas 20h00, já não se vê ninguém na rua. O ambiente é sereno. Mas entre paredes prosseguem os lamentos, com relatos tristes de empregadores sem escrúpulos e episódios racistas.

Os portugueses não nos entendem, acham que mulher brasileira é toda prostituta. Tratam mal a gente. Queixa-se José Costa, no "hall/sala/cozinha" da sua pequena residência, na ponta sul do bairro. "Eu até não sou dos piores casos", aduz, o sotaque mineiro carregado, explicando que o patrão, apesar de lhe gritar e de lhe exigir horas extraordinárias, cumpre com os salários. "Patrão português bom é aquele que paga. Porque explorar todos exploram".

Flávia, um dos moradores mais antigos, precisa o mesmo: "Já passámos por tanto inferno que damos abraço ao diabo. Quando

venho um obstáculo, contornamos pelo lado", diz, sentado à mesa do café da Santa, um dos poucos lugares de recreio do bairro, onde os homens se juntam, ao final do dia, para beber "minis".

O nome pelo qual o bar é conhecido decorre da estátua de N. Sra. de Fátima, erguida em frente, onde todos os dias, pelas 17h00, meia-dúzia de brasileiros, mais alguns antigos vizinhos portugueses, se reúnem para rezar o terço.

O ambiente no interior do estabelecimento, no entanto, contrasta com a descrição da celebração católica. Pala-se de mulheres, de futebol e das desventuras da diáspora, numa festividade que cresce à medida do consumo de cerveja.

Fora isso, não há outros entretenimentos para os brasileiros da Cruz de Pau. Como não o há, igualmente, para os que moram noutras zonas do país, porque a sociedade portuguesa não admite a convivência: "O samba em Portugal é na chibata", ironiza Flávia. "É raro termos tempo para sair. Mas se vamos a uma discoteca, ou não nos deixam entrar, ou olham nos de lado", contrapõe Magno, 33 anos.

A desilusão da aventura Apesar de na Cruz de Pau existirem factores de autointegração, não se pense, no entanto, que este sentimento de revolta para

com Portugal é um exclusivo do grupo étnico. As razões de queixa destes imigrantes — com uma cultura rural, pouca formação e idades entre os 30 e os 40 anos — são semelhantes às dos imigrantes brasileiros. Mas mais novos, muitos com qualificação universitária, que vieram ocupar recentemente os empregos na área do comércio, da restauração e hotelaria — actividades em que demonstram um "talento para vender" que faz mesmo com que muitos patrões os seleccionem em detrimento dos trabalhadores portugueses.

Por todo o lado, da Costa da Caparica (uma das maiores concentrações do país), em Queluz, na capital, habitam milhares de imigrantes anónimos, ilegais, ehlados em apartamentos caros e escondos.

No centro de Lisboa, nomeadamente, as rendas, quando os senhorios se apercebem de que os inquilinos são brasileiros e estão sem documentos, podem chegar aos mil euros. Um apartamento no Martim Moniz, por exemplo, habitado por dez brasileiros, custa 900 euros mensais. E os residentes ainda subalugam colchões, por 150 euros, a outros contrários.

## Casos semelhantes a este

existem às centenas e relevam do desespero de quem sabe que, se telefonar para um anúncio de jornal e não conseguir, disparar o sotaque, vai ouvir que a casa já está alugada ou então que ela custa o dobro do inicialmente previsto.

Simone ocupa uma mansarda num prédio de seis andares, com mais três colegas, perto da Calçada da Ajuda, em Lisboa. Deixou o curso de Administração a meio no Brasil, tem 26 anos, um filho de sete, a viver com a mãe, no Paraná, e a descontracção sensual das brasileiras, "que faz tomar umas pelas outras".

Actualmente, trabalha num bar nas docas de Lisboa, das 22h00 às 5h00, por cerca de 500 euros mês, mas o patrão recusa-se a dar-lhe o terceiro contrato, sob pena de ter de o tornar efectiva, como manda a lei. "Arranjar emprego, a gente arranja. Mas tem é que trabalhar dia e noite e sujeitar-se a muita porcaria. No final do mês dá para viver, mas não dá para juntar, para organizar o futuro".

A relação de Simone com as colegas e com os clientes portugueses também não é boa. "Palam de uma maneira rude. Outras vezes, não percebo o que dizem e toda a gente começa a rir na minha cara, gozando. A língua é a mesma, mas a maneira de falar entre portugueses e brasileiros é diferente. A gente não se entende, não", desabafo.

Uma colega reforça esta ideia. "É triste essa história de povo irmão, que fala a mesma língua. Que irmão não trata coisa prostituta? Que irmão não obriga a trabalhar 14 horas por dia e nos cobra estas rendas?" ■

RIA GALDÉNCIO



"Encontrarem-se com a turma do Brasil" e ver televisão são as distrações preferidas dos imigrantes

## Em breve haverá 100 mil legalizados a viver em Portugal

O número de brasileiros legalizados, segundo os últimos dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), referentes a meados do segundo semestre deste ano, é de 61.449. Este valor — que coloca o país no segundo lugar da tabela das maiores comunidades imigrantes em Portugal, atrás da Ucrânia (63.765) e à frente de Cabo Verde (60.688) — será todavia suplantado dentro de poucos meses devido ao processo de regularização extraordinária, em curso, que deverá legalizar mais de 30 mil brasileiros.

Assim, dentro de poucos meses, o número de brasileiros, com a sua situação legal, chegará perto dos 100 mil, cerca de um por cento da população nacional residente. A primeira fase deste processo, iniciado no âmbito de um acordo firmado com o Presidente Lula da Silva, em Julho último, em Lisboa, já está a decorrer. Neste momento, o SEF está a prorrogar, em média, 300 vistos turísticos por dia, para beneficiar do acordo recensaram-se, ao todo, 31 mil estrangeiros.

Segundo a lei, ultrapassado este trâmite, os empregadores dos imigrantes candidatos terão que ir à Inspeção-Geral do Trabalho, para que os contratos de trabalho destes sejam validados. Só posteriormente, com este documento na mão, é que os cidadãos brasileiros poderão deslocar-se a um consulado português, em Espanha (ou noutra país), por turnos a que lhes seja concedido um visto de trabalho.

Este acordo luso-brasileiro, em cuja negociação a associação da Casa do Brasil, sediada em Lisboa, teve um papel importante, suscitou algumas críticas ao Governo por parte de outras comunidades imigrantes lusitânicas, que consideram um processo (também um processo de regularização semelhante. A união da PSD-PP e a abstenção por encontrar uma solução para o problema, antes de tudo que os imigrantes de todas as origens que, embora ilegais, tivessem os impostos e desercos para a Segurança Social em dia poderiam igualmente ser regularizados. ■ D.F.







# CA

Expresso nº 1593 10 MAIO 2003

12

## O ataque aos costumes

Bragança está  
virada do avesso.  
Tudo em nome  
da família.  
As meninas de  
alterne são o alvo.  
página 64



Reportagem de **Eduarda Freltas,**  
**Pedro Neves e Jorge Simão** (fotografias)







# O sexo e a família

As «Mães de Bragança» estão fartas das brasileiras da noite. Fizeram um abaixo-assinado para expulsar as ilegais. Dizem que elas lhes dão cabo do casamento

**E** você, está do lado dos homens ou das mulheres? A pergunta pertence ao proprietário de três bares de alterne de Bragança, mas poderia muito bem ter sido feita por qualquer habitante da cidade. As opiniões dividem-se, os sentimentos confundem-se. Frequentar bares de alterne faz parte da tradição masculina da cidade, mas, agora, as «Mães de Bragança» dizem que basta. Que chega. Que não querem perder os maridos. Que não querem perdê-los ainda mais. Culpam as brasileiras que trabalham nos bares de alterne. As que dizem viver apenas «alternando». As mesmas que acabam por admitir que se prostituem. Garantem que só querem ganhar dinheiro. Não amor.

«Os maridos chegam a casa e encontram as mulheres a cheirar a gordura, cheias de problemas e mal dispostas. As brasileiras são limpinhas, cheirosas e meigas», justifica o proprietário das três casas. A esposa, também brasileira, que o ajuda no negócio, conclui: «Os homens precisam de carinho, não de discussão. E as esposas às vezes não se lembram disso». Culpam as mulheres portuguesas pelos divórcios e compreendem que os homens precisem de frequentar bares de alterne. «As mulheres é que não devem trair, é feio», defende a empresária.

Assume-se o compromisso de não publicar nomes. Um registo que, aliás, se irá repetir com todas as personagens desta reportagem.

A noite de Bragança gelava as almas mais quentes. As mulheres também podem entrar? «Claro que sim», dizem. Horas depois, foi proibida a entrada a duas jornalistas que não se identificaram como tal. «Mulheres não entram».

Um néon colorido acende e apaga. Por baixo estão duas portas. A da



**Um casal brasileiro faz o «show» da noite. O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras diz haver 149 brasileiras com autorização de residência em Bragança. Mas há mais. Sem legalização**



esquerda tem uma escotilha e dá para o bar. No primeiro piso, as salas tapadas por cortinas vermelhas servem para os «privados»: um «show» de «strip» particular, uma dança erótica para um ou mais clientes. Umas escadas estreitas descem para o bar. Em frente a uma parede espelhada está o balcão onde se fazem os primeiros contactos. Algumas mulheres estão sentadas nas cadeiras altas. Outras, encostadas às paredes. Apenas uma dança. Têm 19, 20, 30, 40 anos. Esperam pelos clientes, novos e velhos. A maior parte

bebe cerveja. Alguns estão embriagados. Conversam com as meninas. São todas brasileiras. Passa-se a mão pelo pescoço. Faz-se uma festa na cara. Os braços enrolam-se à cintura. A mão desce para a mini-saia.

Eles querem divertir-se. Elas querem ganhar dinheiro. «Você paga um copo?», ouve-se. Metade do valor da bebida é para elas. Não bebem cerveja. É a bebida mais barata e mais difícil de adulterar. «Não queremos ver as raparigas a cair de bêbadas. As bebidas delas nunca têm muito álcool», explicou mais tarde Jorge Ma-

nuel, proprietário de outra casa de alterne, o Nick Havanna.

#### **35 EUROS POR MEIA-HORA**

As meninas têm um ar sério, rostos carregados. Sorriem quando se chegam aos clientes. Conversam. Mais tarde, se se proporcionar, sobem as escadas. Saem do bar. Entram na porta ao lado. Vão para os quartos. Por 35 euros, os clientes têm direito a meia hora de prazer. Fazem de tudo. Só é preciso pagar.

Muda-se de cenário. Entra-se na maior casa de Bragança. Está licenciada como discote-

ca. Tem 37 quartos. Trabalham aqui 42 brasileiras. Ao centro vê-se um pequeno palco elevado. À volta, um enorme balcão circunda a sala. Encontra-se todo o tipo de gente, de todas as idades: estudantes, empresários, professores, desempregados, pedreiros, empreiteiros... O esquema é o mesmo. «Você paga um copo?» A bebida acaba. Não vem mais nenhuma. Muda-se de cliente. Discretamente, pedem a chave ao balcão. A história repete-se. O preço também.

O EXPRESSO falou com três brasileiras que trabalham na casa. Parecem todas meninas





Têm risos e conversas infantis. Mas os seus jogos são diferentes. Vêm de todas as partes do Brasil. Foram convidadas por amigas ou familiares brasileiras que trabalhavam na noite.

Chegaram a Portugal para ganhar a vida. Garantem ter pago as passagens aéreas com o seu próprio dinheiro. Nenhuma tem contrato de trabalho. Chegam como turistas. Ao fim de três meses, acaba a validade do visto. Chega a hora de voltar. Se ficarem, arriscam-se à ilegalidade, à deportação. Todas têm filhos no Brasil. Todas querem regres-

sar ao Brasil. Nenhuma concorda com o movimento das «Mães de Bragança». «Já temos problemas que cheguem», diz Gabi, de 19 anos. Dizem não querer roubar os maridos de ninguém. «Sei de meninas que acabaram por casar com homens daqui. Mas isso é raro. Nós só queremos ganhar a vida como toda a gente. Já bastam as paranóias de alguns homens que temos de aturar», diz Gina. Admitem prostituir-se. «Aqui dentro não. Lá fora cada uma faz o que quer», revela. E não têm medo? «Me-

do há sempre. Esta vida é difícil...», confessa Zélia.

#### ESPERANÇA EM LULA

Zélia afirma ser raro sair com homens. Sente saudades do «seu Brasil», das duas filhas que não sabem o que a mãe faz em Portugal. Pensam que é cabeleireira, a sua profissão no Brasil. «Gostava de continuar a trabalhar num salão. Mas depende do salário. Ouvi dizer que aqui pagam mal...», respondeu. Os olhos enchem-se de lágrimas. Lembra-se dos filhos. Como gostava de encontrar o Brasil quan-

do voltasse? «Todo o mundo trabalhando, com o salário digno... é o meu onho. Pode ser que o Lula consiga», diz.

Minutos depois aparecia no palco. Ao som da música, despiu-se. Por volta das 6h30 acendem-se as luzes. Ouve-se a música dos «patinhos». Acabou a noite. Em segundos, as brasileiras abandonam a sala. E os clientes. Vão buscar os casacos, apanham os táxis à porta.

Amanhece. Dia da Feira das Cantarinhas, a segunda maior da cidade. As ruas estão cheias de gente. «O que lhe parece toda esta confusão das





brasileiras?» O taxista responde: «Sempre aqui houve prostitutas e, se não fossem elas, a economia da cidade era bem diferente. Por dia, chegam a gastar cem contos em táxis». «Isto tudo é uma estupidez! Elas são educadas e muito boas clientes», garante outro. «Tem dezenas de chamadas para as levarmos aos cabeleireiros, a casa das avós, ao ginásio, aos cafés». A posição das «Mães de Bragança» é desvalorizada. «As brasileiras não obrigam ninguém a ir aos bares. Só vai quem quer. Veja o nosso caso: transportamo-las todos os dias e não temos nada com elas». A conversa vai girando em torno das meninas. O telefone toca. «Vê? É uma, a pedir um carro».

Do outro lado da rua, com dois sacos de compras na

mão, óculos de sol, o José. O mesmo que horas antes estava num dos bares, embriagado e a debitar filosofias de vida, agarrado a uma menina loira. «Querem vir beber um café? Não digam à minha mulher onde me conheceram», pede entre sorrisos e ar sério. «Eu só lá vou beber copos, nunca subi com elas. Fica mais caro, mas pelo menos não levo nenhuma doença para casa», justifica. Das «Mães de Bragança» apenas diz que o protesto não tem razão de ser.

#### ESPANCADA POR FALAR AOS JORNAIS

Mas a acção das quatro mulheres não passou despercebida. Há jornalistas por todo o lado, das rádios, televisões, revistas, jornais. Isabel, uma das «Mães de Bragança» adivinhava o impacto. É a mais nova. Está ner-

vosa e irritada. Um jornal diário publicou, contra a sua vontade, o seu nome e o local onde trabalha. «Por causa disso o meu marido chegou a casa, partiu tudo e bateu-me. Ameaçou-me de morte». Recusa-se a falar. «Jornalistas nunca mais», garante, com olhar inquieto mas decidido.

O Sporting-Benfica enche os cafés da cidade. Por duas horas, a polémica das brasileiras passa para segundo plano. Num café, uma menina da noite bebe um galão, fuma um cigarro e passa os olhos pelo jornal. Levanta-se e sai. A noite está a começar. Para ela, é apenas mais uma noite de trabalho. Para as «Mães de Bragança», mais uma noite de aflicção.

Maria é uma mulher destrocada. É uma das fundadoras do movimento. Emagreceu 20 quilos desde que soube que o

marido andava com uma prostituta. Estranhava as horas tardias a que ele chegava a casa. Acreditava nas mentiras. «Adormeci no carro». «Tive um furo». «Fui ver os meus pais», desculpava-se.

Um dia soube a verdade. Começou uma autêntica odisséia atrás daquele com quem esteve casada mais de vinte anos. Usou cabeleiras falsas, alugou carros para não ser reconhecida. Confrontou a brasileira. Ameaçou-a. Agrediu-a. De pistola na carteira, foi a uma das casas frequentadas pelo marido. «Não me deixaram entrar. Chamei a polícia e eles foram obrigados a abrir-me a porta. Por acaso, ele não estava lá», disse. Agora anda sempre armada. «Esta gente é perigosa e eu qualquer dia perco a cabeça e mando um tiro em alguém».



«Você paga um copo?» Parecem todas meninas. Têm risos e conversas infantis, mas os seus jogos são diferentes. **Garantem que não querem nem roubar maridos nem amor, apenas dinheiro**



desabafa. Diz ter perdido tudo: as poupanças de uma vida, o amor do marido, a dignidade. Chegou a contar o tempo que ele passava ao telefone com a prostituta. «Antes, estava tudo bem. Quando abriram estas casas de prostituição eles ficaram perdidos. Sabemos que só vão lá porque querem. Só que também temos a certeza que os drogam. Não imaginam como é que eles vêm de lá», afirma. Continua esperançada em que o marido regresse. E perdoo-lhe? «Ele anda louco. Não vai ser fácil esquecer, mas tudo se pode resolver. São muitos anos de casamento, sabe?»

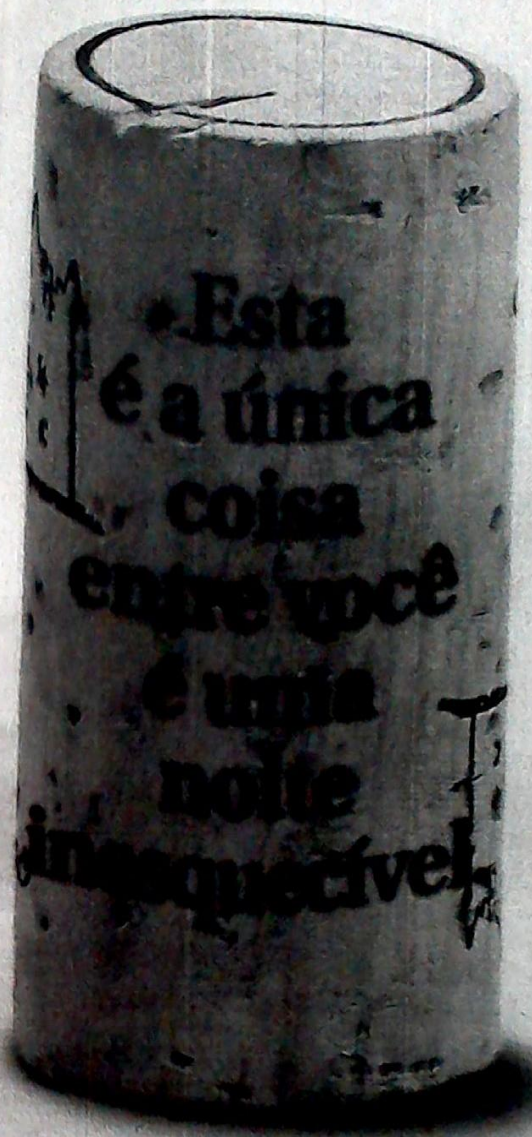
«O QUE ESTOU FAZENDO AQUI?»

O Nick Havanna é uma das casas mais antigas de Bragança. Funciona há 13 anos. A noite

está calma. Alguns clientes bebem ao balcão. Duas raparigas dançam na pista. Outra, de olhos fechados, canta. As lágrimas começam a correr. Grita. «Meus Deus! O que é que eu estou fazendo aqui? Porque não estou no Brasil com a minha filha?» Outra rapariga acalma-a.

Jorge Manuel é o proprietário. Era quase meia-noite quando foi jantar. A Comunicação Social não parava de aparecer. A conversa decorreu no escritório. O colar e as pulseiras de ouro brilham com a luz. Começa por falar em hipocrisia. Acha que as casas de prostituição deviam ser legalizadas. Apenas uma das 12 raparigas tem contrato. Trabalha atrás do balcão. Lamenta-se: o negócio está fraco. «Além disso, muitos clientes ainda ficam a dever».

Sorri quando ouve falar do



**Monte Velho**  
A 4cm do Alentejo.





«Maria» usou  
cabeleiras falsas e  
alugou carros para  
não ser reconhecida.  
Confrontou a  
brasileira.  
Ameaçou-a.  
Agrediu-a. Anda  
sempre armada

novo movimento da cidade. «Isso é ridículo. Antes das brasileiras já havia muitos divórcios. Será que as 'mães' nunca pensaram que são elas próprias o problema?», interroga. «Elas dizem que recolheram 500 assinaturas. Se quisesse, recolhia tantas como é preciso para alguém ser candidato à Presidência da República. Tudo a favor deste tipo de casas». Toca o telemóvel. Jorge atende. Desliga preocupado. «Estão a fazer uma rusga a outra casa destas, o ML. Aquilo está cheio de polícia. Isto é uma palhaçada. Só querem mostrar serviço», diz. A conversa continua. Na sua casa só trabalham brasileiras. A razão é a mesma de sempre: mais carinho e meiguice.

Batem à porta. «Jorge, recebi agora um telefonema a dizer que a polícia está a ir para a Bruxa. Os gajos entra-

ram de pistolas e metralhadoras no ML, pá!», diz o seu sócio. «Vêem o que eu digo? Querem aproveitar a presença da Comunicação Social. Não tarda estão aqui». Muitas meninas brasileiras abandonam a sala. As notícias correm depressa. Os homens começam também a sair. Ninguém quer aparecer na televisão.

#### FEITIÇOS COM FLORES

No ML, a rusga terminou. Duas raparigas são levadas, por não terem visto de permanência, mas o ambiente está animado. «Você me paga um copo?» O proprietário da casa comentava estar à espera da rusga policial. «Isto está cheio de jornalistas». Mas isso já tinha passado. Agora, todos olhavam para o «show» erótico que se passava no palco. Os olhos dos homens colam-se aos movimentos ritmados do casal brasileiro.

Domingo. Dia da Mãe. Ali-

ce tem dois filhos. É mãe. Uma das mães. Por causa dos filhos diz que talvez venha a aceitar o marido de volta. Não tem dúvidas de que ele regressará, quando o dinheiro acabar. O marido saiu de casa em Fevereiro para viver com uma brasileira. «Diz que nunca esteve tão feliz, que a ama». Recusa-se a dar-lhe o divórcio.

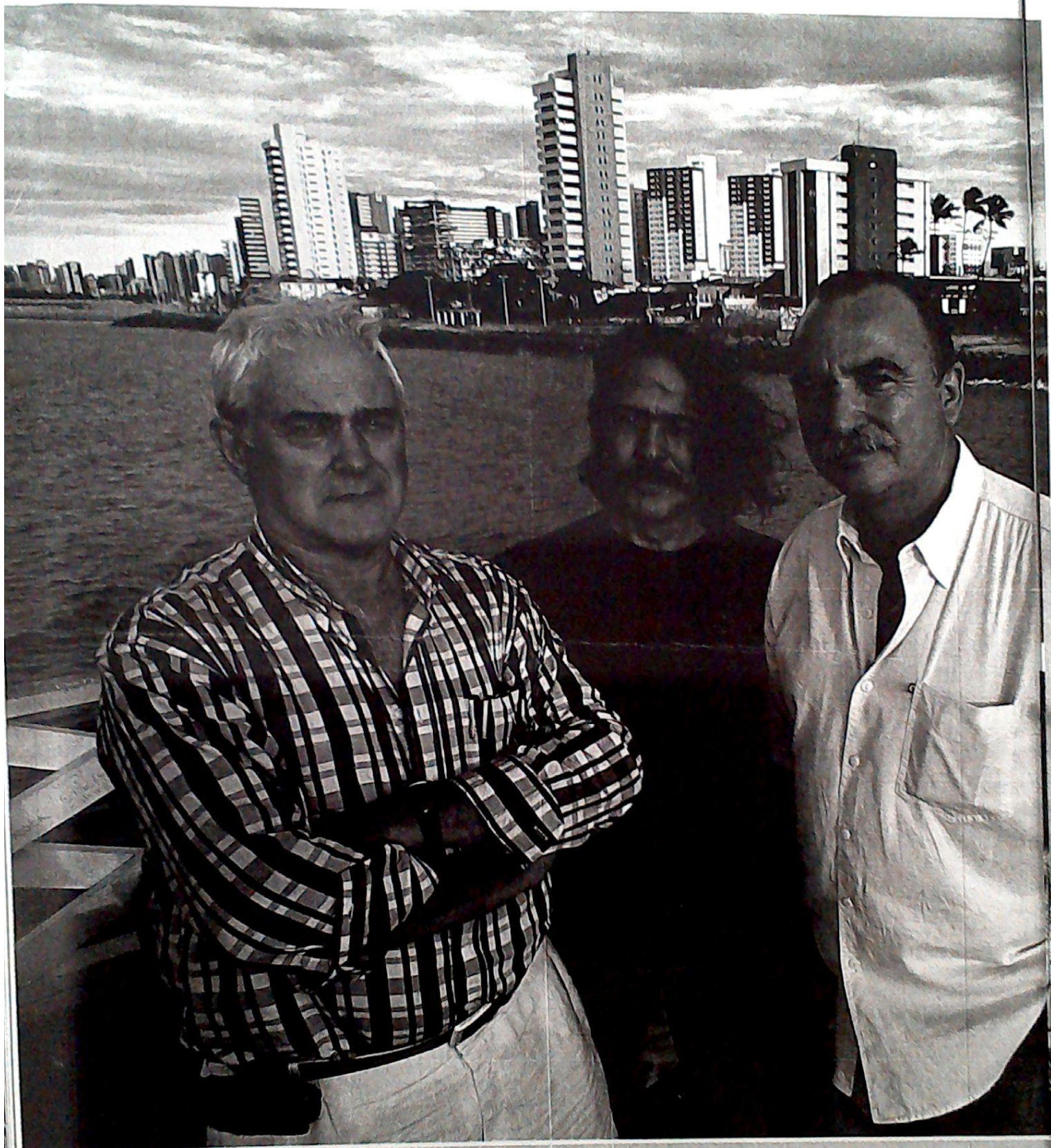
A sua vida parecia-lhe feliz. Agora assemelha-se a um filme. Triste. Dramático. Estranho. Não culpa só as brasileiras. Os homens também são responsáveis. «São uns fracos!», adianta. «Mas ele vai dar-se mal. Leva uma vida de mentiras. A brasileira finge que gosta dele e ele finge que é rico, mas não é... quando ela der conta, vai deixá-lo».

Alice diz que sempre foi uma boa esposa. «Só que quando ele chegava a casa encontrava uma mulher

com problemas e responsabilidades 'normais'. Agora a vida dele é uma ilusão». Tal como as outras amigas, acredita que há feitiçaria por detrás do «encantamento» dos esposos. «Não é só sexo...» Fala de bruxarias. De rituais que ajudam o negócio das flores. «São as minhas melhores clientes», confirma uma florista.

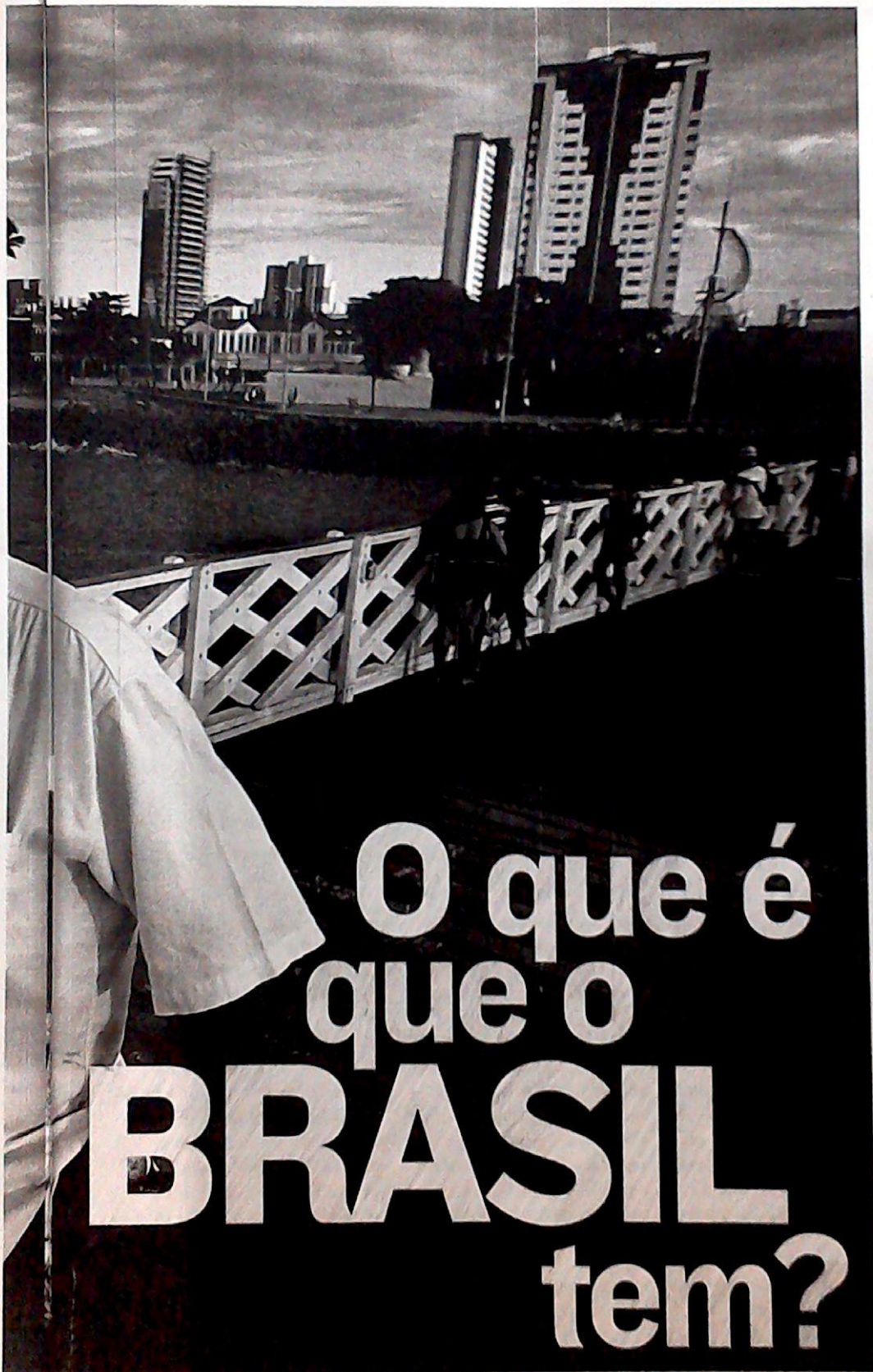
As brasileiras contam-lhe como se fazem feitiços de amor. Compram rosas amarelas e vermelhas. Encomendam arruda, a erva utilizada para afastar a inveja, fazem encomendas de raízes de amores-perfeitos. «Dizem que escrevem o nome do homem numa folha, preparam um prato com flores, frutas e peixe. Depois colocam-no num cruzamento. Garantem que resulta». Às vezes, muitas vezes, afirma a florista, pagam aos taxistas para levarem os serviços aos cruzamentos. □





Três gerações de portugueses na marginal de Fortaleza: José Rodrigues chegou em 1985 e tem uma empresa de avaliação de imóveis, Júlio Trindade é





# O que é que o BRASIL tem?

e é dono do bar O Pirata e Jalmo Silvestre vende casas, negócios e conselhos aos recém-chegados

Emigrantes de luxo, reformados em busca de sol e foragidos à lei trocaram Portugal pelo Ceará. Enquanto os brasileiros vêm para a Europa ganhar a vida, os portugueses que vão para o Brasil querem aproveitá-la ao máximo

**N**ão há só uma maneira de explicar por que razão cada vez mais portugueses escolhem o Nordeste brasileiro para viver. Podia ser o sol, que os cartões turísticos anunciam brilhar 363 dias por ano. Ou o mar turquesa e os 600 quilômetros de praia, contabilizados só no Ceará. Mas mesmo essa visão do paraíso, se calhar, não é suficiente.

Que sortilégio tem o Brasil para levar atarefados homens de negócios, casais habituados ao social, reformados de meia-idade ou já cheios de rugas a baralhar a ordem natural das suas vidas e a recomeçar de novo, do outro lado do Atlântico, no desconhecido limiar do mundo civilizado?

Miguel Maia Gonçalves foi um dos últimos a render-se. Instalado na sua nova vivenda com piscina, em frente ao mar imenso da Praia do Futuro, na cidade de Fortaleza, talvez não lhe seja preciso dar muitas explicações para a sua decisão. Mas Miguel diz que há mais do que mostram as aparências. «Aqui é viciante fazer negócios», diz. «Está tudo por fazer». Foi a crise em Portugal e





Maximiano Zagalo, a fazer a caminhada matinal no calçadão de Fortaleza, diz que vive «como um mlúdo». Em baixo, Nelson e Otília Baldala na casa de férias que compraram

a sensação de que a Europa estava completamente esgotada que o levou a desembarcar na capital do Estado do Ceará, há três meses, com a mulher, Juliana, o filho bebé e a cadelinha Labrador.

Aos 30 anos, herdeiro cheio de genica de uma empresa de construção civil de Matosinhos, Miguel nunca parou para gozar os rendimentos. Aos 20 e poucos já tinha cria-

do a sua empresa, uma frota de jipes para fazer raides em Marrocos; depois veio um «franchise» de cafés, no Norte. Agora está a iniciar-se no Ceará, no camarão, um dos negócios do momento.

Já comprou uma fazenda de quatro quilómetros ao longo do rio Paracuru, a norte do Estado, onde vai instalar os enormes tanques que servirão de viveiros. Entretanto, mon-

tou uma empresa de exportação de marisco, «para conhecer o mercado».

Miguel caminha com cuidado. Tem a noção da vida pela frente, um filho para criar em terra estranha. «Não assino contratos de terras sem as ver, como tantos que chegam aqui de férias e em oito dias já têm áreas iguais ao Alentejo». A propriedade do camarão foi desbravada à cata-

nada para lhe conhecer os limites. Eram menores do que dizia o proprietário. «Tenho tempo», diz Miguel, avisado, como se fosse um homem de meia-idade. «É preciso ter a noção que o Brasil é um mundo imenso».

#### INUSITADA DIÁSPORA

Como Miguel, a maior parte dos que chegam a Fortaleza vêm fazer negócios, ao cheiro





«África acabou, com a guerra. E isto é uma espécie de Angola melhorada. O Brasil é o melhor país do mundo»

lante diverte-se: «Agora sou o sinhôzinho Zé!»

Francisca, a caseira, vem a passar com o almoço e dá uma gargalhada. Galante não é nenhum cacique do interior brasileiro. Apenas o português que, «graças a Deus», com-

tos. O calor. As árvores baixas, empoeiradas pela terra vermelha. O sabor da goiaba, da pitanga, do tamarindo... Sensações que o transportam para outras paragens.

«Isto é igualzinho a Angola, às vezes até me faz im-

prou a fazenda que estava abandonada, lhe deu trabalho e ainda lhe ensinou a receita da galinha de cabidela.

#### A OUTRA ÁFRICA

Desde há seis meses, Galante divide-se entre os dois lados do Atlântico. Aos 57 anos. A família ficou em Portugal, tomando conta dos negócios na área imobiliária e de turismo. E ele vive sozinho, entre a cidade de Fortaleza, onde pegou na gestão de um pequeno hotel, e a vila de Itapipoca, a 180 quilômetros, onde é fazendeiro.

«Sempre fui muito aventureiro», diz. Mas isso não explica tudo. «Aqui a terra é quase de graça». Por aquela propriedade pagou menos de 25 mil euros. «É mais caro fazer uma cerca do que comprar terrenos». Não é raro haver cartazes nas estradas a propor troca de terras por carros.

Mas há mais, na história de Galante. Há o percorrer sozinho a longa estrada até à fazenda. Cheirar a paisagem a perder de vista, de vidros aber-

pressão. E quem esteve em África não tem como esquecer». Galante veio para o Ceará reviver o seu passado em Angola, para onde foi com 17 anos e se fez homem.

«África acabou, com a guerra. Isto é uma Angola melhorada. O Brasil é o melhor país do mundo». A fazenda tem cursos de água que, com a ajuda do calor, fertilizam o solo quase virgem. Bastam três empregados para cuidar da exploração.

Numa terra de moeda fraca e baixo nível de vida, o euro é rei. Sobretudo quando fala a mesma língua. «Dantes éramos o padeiro de boina. Agora qualquer português é sinónimo de 'estribado', rico». Quem tem esta visão crua das coisas é Jaime Silvestre, um dos primeiros a chegar a Fortaleza, há quatro anos, e a ter a fé de que aquele seria um lugar de futuro. Com os encantos do Brasil, sem a desvantagem da insegurança — está na cauda das estatísticas da criminalidade brasileira. «O

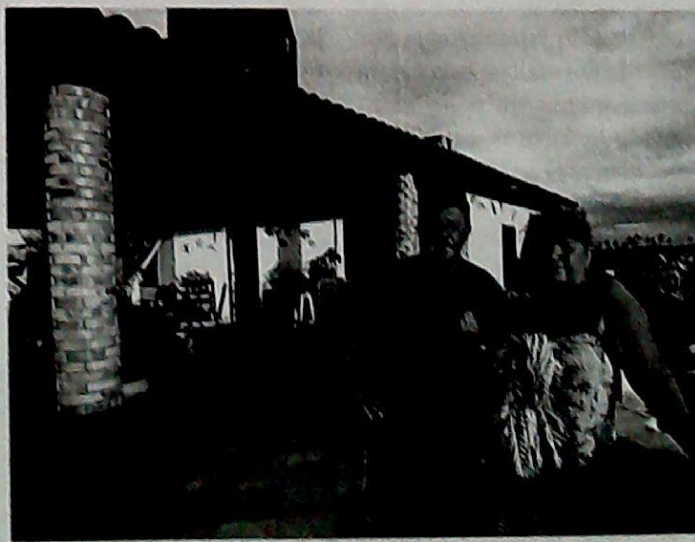
na vila piscatória de Águas Santas: agora é residência permanente

do dinheiro fácil e dos preços embaratecidos por um real em queda. Outros querem simplesmente gozar a vida que sentiam estar a danificar-se no stresse europeu a que Portugal já se rendeu. E há ainda os que vêm mesmo por causa do sol.

Todos convertem Fortaleza, capital do Ceará, num dos inusitados lugares de uma nova diáspora portuguesa. Daqueles que já não emigram

por necessidades económicas mas por sonhos, veleidades e expectativas várias.

Para andar na fazenda que acabou de comprar em Itapipoca — 1316 hectares de cajueros em abandono —, José Galante enfia as calças brancas dentro das botas de cano alto e põe uma catana à cintura. Para alguém habituado a anos de novelas, a vestimenta é a imagem dos coronéis. Ga-





## Mulher apaixonada

Quanto pode uma paixão? Parece lamechas, mas é pergunta que se pode colocar a Andreia Guerra. Aos 26 anos, ela abandonou a família e um emprego chorudo na companhia de aviação Portuguesa, em Lisboa, para ir viver com o nordestino Adhemar Pereira, na distante Beberibe, no Estado do Ceará.

«Obviamente, toda a gente me perguntou se estava maluca». Ainda para mais, Andreia tomou a decisão pouco depois das seis mortes de Fortale-



Andreia e Adhemar na casa de Beberibe

za. Aterrorizou a família. Para ela, é claro, nem um beicão nos sentimentos. Chegou em Dezembro de 2001 ao Brasil, casou com pompa e florzinhas no cabelo. Mas sem fantasias. «Eu sabia que ia ser difícil, isto é outra cultura. Até a língua, toda a gente diz que é igual, mas é completamente diferente. Às vezes falava e as pessoas ficavam a olhar para mim, era desesperante». O pior foi a habitação a Beberibe, uma terreola sem cinema nem café, onde o que de melhor há para fazer é estar na praia. Aquilo que para os outros era um paraíso de férias tornou-se o quotidiano dela.

Andreia conheceu Adhemar num jantar organizado pelo pai dela, um empresário de Lisboa que comprara uma casa de férias para a família em Beberibe. O pai estava interessado em alargar os seus negócios, e o assunto em discussão era a criação de camarões, que Adhemar, filho de um político de Brasília, fazia há já alguns anos. Andreia acabou por manipular a conversa, com futilidades de que nenhum dos dois hoje se lembra. O enamoramento consumou-se numa viagem de Adhemar a Portugal. Casaram-se. E foram viver para a casa dos pais dela, apenas a alguns quilómetros da criação de camarão dele.

Os primeiros tempos foram difíceis. Ela tinha largado a sua anterior existência, trabalho e amigos. Tinha-se abandonado a uma paixão e estava a «cair na real». Não tinha nada para fazer e não fora educada exactamente ao jeito das donas-de-casa. «Dava por mim a pensar: 'O que estás aqui a fazer? Vou fazer a mala e vou-me embora'».

Mas o destino que a atirou para Fortaleza acabou por dar-lhe a recompensa dos audazes. Numa praia vizinha, abriu um «resort» da Oásis, empresa com a qual Andreia trabalhara em Lisboa. Não lhe foi difícil arranjar emprego como chefe de reservas do «resort» português. E agora é ela que gostava de ter um pouco menos que fazer. U

Nordeste era um sítio esquecido, até para os brasileiros. Um lugar pobre, de fim de mundo».

Quando Jaime chegou, os únicos portugueses do Ceará eram os emigrantes de há 40 anos. Que nem as fortunas arrecadadas — a família de Manoel Dias Branco, herdeira de um império de moagem e padarias, é uma das mais ricas de Fortaleza — tinham conseguido mudar a imagem tradicional.

Ainda há três anos, quando Jaime foi pedir um empréstimo ao Banco do Brasil para um negócio de energia eólica, foi mal recebido. O investi-

mento era de peso e parecia sério: para mil hectares, seis milhões de dólares. Mas ainda não tinha saído do banco e já havia uma nova piada: «Sabe qual é a última do português? Ele tá querendo vender vento pra gente!»

### [LIMPEZA DE IMAGEM]

As anedotas continuam, mas agora parecem lendas, sem relação com a realidade. Os portugueses são donos dos grandes hotéis, como o Vila Galé e o Lisboa, na Praia do Futuro, do ex-autarca de Almodôvar António Saleiro, ou o resort do grupo Oásis, na Praia das Fontes. Uma fazenda de

anona, chamada Iola, outra de coco, outra de manga. Restaurantes e pousadas sem conta. Negócios imobiliários. E uma fábrica de tecidos pres-

tes a abrir, com emprego para cem pessoas, numa localidade do interior.

Para provar que as coisas mudaram basta dar uma es-



Angélica e José Martins começaram uma vida





vida nova depois dos 75: abandonaram tudo e foram morar em Deberibo. Em baixo: António Pontes com a decoradora Ione Fiúza, nos últimos retoques da casa nova

preitadela ao apartamento, na marginal de Fortaleza, onde o empresário da construção civil de Lagos, António Pontes, vai morar, frente ao mar.

O apartamento está em remodelação, e Pontes nas nuvens, sentindo-se importante como nunca, discutindo os detalhes da decoração com uma das melhores arquitectas da cidade. Ione Fiúza respondendo-lhe na mesma moeda, tratando-o com a deferência que se deve a quem ainda tem capital para gastar em coisas supérfluas, num Brasil em crise.

Com o negócio da construção civil a rolar por si em Lagos, Pontes mudou-se de ar-

mas e bagagens para Fortaleza. Veio há dois anos, com a mulher e as três filhas. De 12, 13 e 16 anos, as meninas adaptaram-se tão bem que ele teve de estabelecer a regra de que lá em casa era proibido falar

**«Sinto-me um 'sir', como os ingleses se sentiam no Algarve. E sou bem servido, porque sou estrangeiro»**

português com sotaque brasileiro. «Sinto-me um 'sir', como os ingleses que vi chegar ao Algarve. Eles iam por causa do sol, mas também porque a vida era barata. É como eu. Um quilo de 'filet mignon' custa 700 escudos,

no máximo. E é sempre servido com simpatia, porque sou estrangeiro».

Pequenos na Europa, os portugueses são grandes no Brasil. É a ordem natural das coisas, que dá um leve tom neocolonia-

português, cerca de 70 euros.

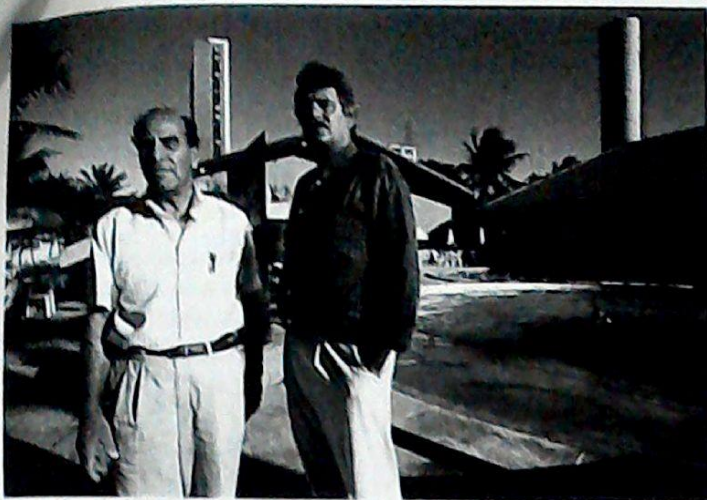
Mas depois há outros pormenores não negligenciáveis, como andar o dia todo em calções e nunca mais pôr uma gravata na vida, nem para entrar num negócio. «Aqui junta-se

lista a esta história. Por exemplo, a família Pontes pode dar-se ao luxo de ter dois jardineiros e meia dúzia de empregadas a tempo inteiro, tanto na casa de Fortaleza como na da praia. Porque o ordenado mínimo no Ceará é um quinto do

o útil ao agradável», diz Jaime Silvestre, que aproveitou a experiência de ter sido pioneiro para montar uma empresa que vende casas, propriedades, negócios e conselhos aos que querem seguir o trilho.

«Tudo começou com o





voo diário da TAP, quando as praias da região ficaram a seis horas de Portugal», conta. Isso e uma forte campanha publicitária, no início dos anos 90, tornaram o Nordeste num dos destinos preferidos das férias dos portugueses. Ciro Gomes, na altura governador do Ceará, e políticos dos estados vizinhos, recebia grupos de jornalistas portugueses em viagens promocionais.

«Depois as pessoas viram que as casas eram muito baratas. Por dois ou três mil contos compra-se uma, à beira-mar». O sol garantido compensava tomar o Ceará num lu-

Uma pessoa habitua-se depressa ao paraíso. A comer peixe grelhado com a água nos pés, quando a maré sobe, no restaurante de Socorro, a nordestina que considera uma «grande responsabilidade» cozinhar para um português. A tomar banho de mar a 25 graus, no mínimo. Aos mamões a 20 centimos o quilo. E ao silêncio — exceptuando os dos portugueses, quase não há carros por ali.

«Estou livre como nunca me senti em Lisboa», diz Otília, de fato de banho o dia inteiro. O casal foi ficando, entendendo férias, para não voltar ao trabalho do lado frio do

meio dono cansou-se do mar, mas não deixou o Brasil: foi criado para o interior.

Luís estava a ficar farto da politização do seu cargo português, numa zona sensível da gestão autárquica. Lembra-se perfeitamente do dia em que sentiu uma necessidade vital de sair dali. Reformou-se já com a

ideia de ir viver para o Brasil. Negociou a partida com as filhas, ainda jovens, que vivem com a sua primeira mulher.

E tornou-se livre, até nas suas novas funções de gestor do hotel. Como não depende daquilo para viver, tudo lhe parece relativo. Quando falta um electricista com quem tinha combi-

## Muitos dos primeiros a instalar-se foram funcionários da TAP. Agora estão a chegar as grandes fortunas

gar habitual de veraneio. Muitos dos primeiros a instalarem-se foram os funcionários da TAP, como Nelson e Otília Baldaia, aproveitando o privilégio das passagens mais baratas. Começaram por comprar uma casa de férias na praia, 50 quilómetros a sul de Fortaleza, que, com as obras de remodelação, nem ficou em cinco mil contos. «Depois de nós vieram muitos mais», diz Nelson Baldaia, percorrendo as ruas, cicerone das várias casas e condomínios de portugueses que já dominam a pequena localidade de Águas Santas.

Atlântico. Depois veio a reforma antecipada, por razões de saúde. E Águas Santas passou a residência fixa.

Isabel, 52 anos, e Luís Hespanha, 62, também aproveitaram a reforma antecipada para começar uma nova vida em Cumbuco. Com experiência no turismo — Isabel era agente de viagens, Luís director de turismo da Costa do Estoril e sócio da York House —, compraram um pequeno hotel de praia, pelo qual se tinham apaixonado numa férias. Já são a segunda geração de portugueses no Hotel Golfinho. O pri-



Luís e Isabel Hespanha ocupam as reformas com a gestão do Hotel Golfinho.



nado um arranjo, vai desanuviar a irritação com os pés na beira de água, ali a três passos. «Aqui, o tempo parece esticar». Isabel garante ter lido uma média de dois livros por mês.

Quando, em 2001, Luís Miguel Militão assassinou seis portugueses na Praia do Futuro, Jaime Silvestre pen-

sou que ia ser o fim dos portugueses no Ceará. Toda a gente desconfiava dele, que, no fundo, estava no mesmo papel do assassino, o de anfitrião. «Os empresários nem diziam quando chegavam, para eu não ir buscá-los ao aeroporto. Estive seis meses sem vender nada».

«Mas afinal o crime não teve efeitos a longo prazo», defende Guilherme Sá Pessoa, agente de viagens que se estabeleceu há quatro anos no Brasil. «Acabou por pôr Fortaleza no mapa». Guilherme faz parte do pequeno grupo de pioneiros em Fortaleza que agora vive da presença dos

seus conterrâneos por aquelas bandas e que contribui para que não cesse o fluxo. Ele faz apenas circuitos de turismo para portugueses — e são pelo menos 40 mil todos os anos.

Manuel Cardoso está a acabar de construir um condomínio fechado de 80 apartamentos, junto à praia, cujo nome,



em Cumbuco: «Aqui o tempo parece esticar». No canto superior, o socialista António Saleiro com o sócio João Baptista dos Santos no Hotel Lisboa, na Praia do Futuro





«Condomínio Portugal», não engana. «Quero vender só a portugueses, fazer uma pequena comunidade lusa». Os apartamentos T2 custam cinco mil contos. Dono do

grandes investidores».

Isso já percebeu o brasileiro Henrique Azevedo, ex-deputado federal, que vende lotes de terreno para viveiros de camarão. Trata os portu-

ças ambientais, federais, municipais, estaduais.

«Os brasileiros tornam a vida difícil, para depois termos de pagar-lhes pelas facilidades. A propina, as nos-

## O camarão é o elixir do dinheiro fácil. Vende-se a quatro euros o quilo, e um hectare produz dez toneladas por ano

bar Cuíca, na Caparica, e de uma imobiliária na margem Sul do Tejo, Manuel conta com os seus contactos para atrair os clientes para o outro lado do Atlântico: os últimos que Cardoso aliciou foram o director do jornal «O Crime» e o ex-casapiano Pedro Namora. Mas o negócio acabou por não se concretizar.

Cristiano Martins, agente imobiliário da zona de Cascais, organiza viagens mensais para os que querem comprar no Nordeste. «É uma loucura. Ponho um anúncio em Portugal e tenho mais de 60 telefonemas num dia». Há três anos, começou a vender nas praias da moda, mais a sul, Natal e Recife. Depois percebeu que podia haver negócios mais sérios do que casas e barzinhos de praia. «Dantes vinha a classe média. Agora são

gueses nas palminhas. Quando eles chegam, eu providencio que sejam recebidos pelo governador, arranjo até helicóptero do Governo para sobrevoar as propriedades». E convence-os de que vale a pena: o camarão vende-se a quatro euros o quilo, e um hectare — 17.500 euros (3500 contos) de investimento — pode produzir dez toneladas por ano.

### LUVAS SÃO INSTITUIÇÃO

Estes números são a esperança de Carlos Martins. A vida dele depende do empreendimento de camarão em que investiu tudo, depois de vender uma empresa de construção civil em Lisboa. Era suposto levar três meses para encher os tanques para o camarão. Já lá vão seis. E o negócio foi-se tornando mais caro ao ritmo das burocracias para legalizá-lo. Licen-

ças ambientais, federais, municipais, estaduais.

sas luvas, são uma instituição», diz, angustiado. A sua pele pálida não mente: vive há um ano na beira-mar de Fortaleza, mas foi à praia apenas quatro vezes.

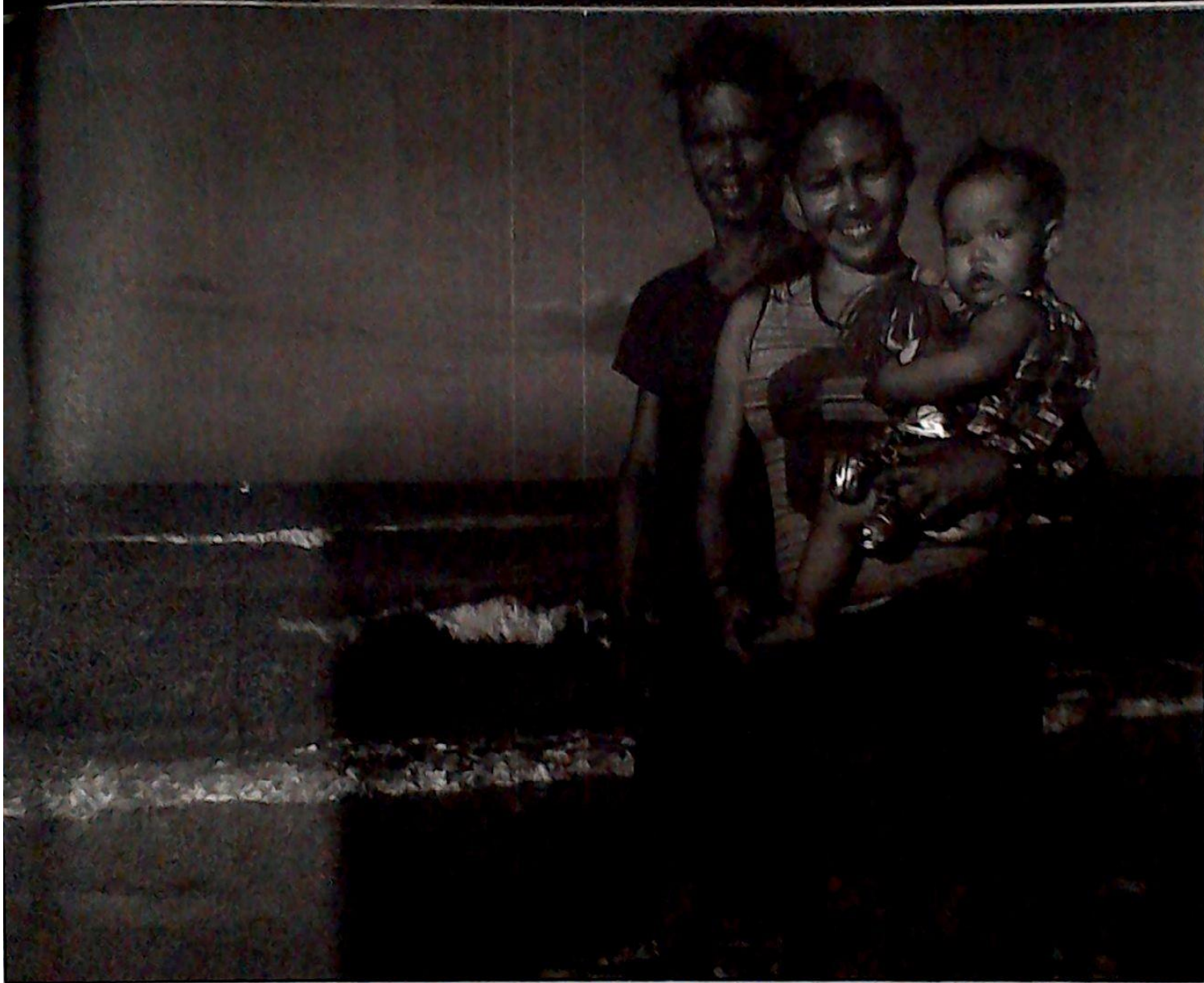
Na edição de 6 de Junho passado, «O Povo», jornal de Fortaleza, dava conta de que «os portugueses aportaram pelo menos 31 milhões de

reais ao Ceará, em empreendimentos realizados por 250 pessoas físicas e 17 pessoas jurídicas». Números oficiais, recolhidos pela recente-

Pedro Lisa com a mulher e a filha, na







a, na Praia de Morro Branco. Ao lado, José Quellas e Carlos Figueiredo estão interessados na criação do camarão, que já é o negócio da família da Miguel Gonçalves (em baixo)

mente criada Câmara de Comércio Brasil-Portugal, sediada em Fortaleza, que está a fazer um inventário dos investimentos. O trabalho é difícil, por causa dos que vão e vêm, ao sabor da lei que apenas lhes permite estar no Brasil 90 dias sem visto. Ou dos que ficam para além disso, ilegais. Registadas no consulado estão apenas 800 pessoas.

«Tínhamos os mesmos direitos que os brasileiros. Éramos os únicos estrangeiros a poder comprar terra junto do mar e a montar negócios. Mas com o caso dos dentistas brasileiros em Portugal, o Brasil endureceu a lei», explica José Rodrigues, director

da Câmara de Comércio, há 18 anos a viver em Fortaleza.

Para ficar legal ou se é empregado por conta de outrem, ou se faz 200 mil euros de investimento, ou se casa com um brasileiro. E quem está ilegal tem de arranjar um tes-

vergonha de ser preso de algemas, aos 42 anos, sem ter achado que cometera algum crime. A não ser, talvez, escolher o lugar onde queria passar o resto dos seus dias. Ainda era empresário da área de informática, quando fez umas

«Fui ao Porto arrumar as coisas e separar-me da minha mulher, que decidiu não vir comigo, e quando voltei encontrei isto numa desgraça. Ele roubou o que podia». Cortou com o tipo. Dois dias depois tinha a Poli-

## A maior parte dos portugueses está ilegal. A legalização custa 200 mil euros ou casamento com um brasileiro

ta-de-ferro brasileiro para registar o negócio. «A maior parte dos portugueses estão ilegais. Mesmo os que investem. É uma situação ridícula», desabafa Rodrigues.

Quem já provou desse fel foi o portuense Rui Rocha. A

férias em Fortaleza, aconselhado ao descanso pelo médico. Decidiu ficar e montou um bar na Prainha, a 40 quilómetros de Fortaleza, a que chamou Porto Seguro. O bar ficou em nome de um sócio brasileiro que mal conhecia.

cia Federal, que trata dos estrangeiros, à perna. «Tinha havido a denúncia de que eu estava ilegal».

Rui foi convidado a sair do país, num ultimato de oito dias. Fez ouvidos moucos. Conheceu Angela, uma nordestina de





Lourenço é dono do restaurante português mais badalado de Fortaleza, O Gaúcho. Em baixo, Rui Rocha cozinha no seu bar de praia, o Porto Seguro

22 anos, já com dois filhos, que lhe contara as mágoas quando ele foi comprar uns chinelos à sapataria onde ela trabalhava. Rui comoveu-se e apaixonou-se em simultâneo. «Encontrei a paz». Mas a sentença de expulsão que pendia sobre ele não foi anulada com o nascimento da filha, que entretanto teve com Ângela.

#### NÃO EXISTE PECADO ABAIXO DO EQUADOR

Rui foi levando. Até ser apanhado numa nova peripécia. Há cerca de um ano apareceu-lhe no bar um português de ar miserável chamado Manuel. Na altura, Rui não sabia, mas tratava-se de Manuel Mário Ribeiro, procurado em Portugal por um desfalque de 60 mil contos no Montepio Geral do Porto. Quando soube, Rui fez vista grossa. Lá diz o samba que não existe pecado do lado de baixo do Equador.

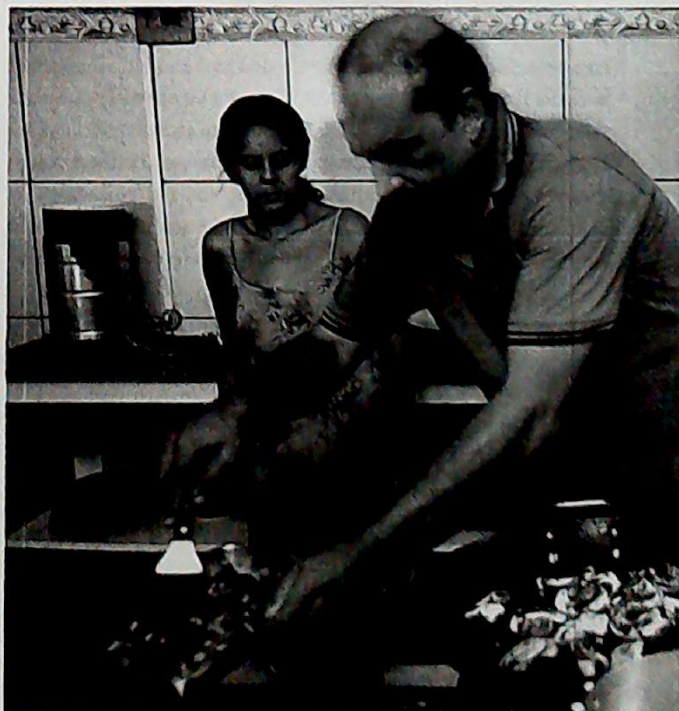
E Manuel parecia-lhe mais um desgraçado que um bandido: afinal dizia ter deixado todo o dinheiro na Polícia, em Madrid, porque lhe pediram prova da proveniência e ele não a tinha. Fugira para o Brasil, mas com os planos furados. Manuel foi detido, com o filho, há duas semanas, pela Polícia Federal. No bar de Rui, onde passava os dias e bebia café a crédito. Pendia sobre ele um mandado de captura internacional.

Rui apanhou por tabela. Quando a Polícia descobriu que estava ilegal, obrigou-o a abandonar o país. Regressado ao Porto, aguarda um visto do Consulado do Brasil, por causa da filha. Para que a sua história atribulada tenha afinal um desfecho feliz. «Quero ser enterrado no Brasil».

Quando ouve uma história destas, Jaime Silvestre costuma dizer que «é preciso saber pisar este chão», lem-

brando uma outra canção sábia da MPB. Como intermediário de muitos negócios, ele conhece «todas as histórias» de Fortaleza. As boni-

tas, de sonhos concretizados, e as que nem sequer se podem contar. Dos que se escondem. Dos que vêm para esquecer ou querem que al-





guém — o fisco, os tribunais, a família — se esqueça deles. Dos que compram milhões de euros de propriedades numa semana sem as visitarem. Da coincidência de ter havido uma grande explosão de negócios na passagem do escudo para o euro. Jaime sorri, enigmático. Afinal, é também desses segredos que se fazem os seus negócios.

Disso e de uma outra vantagem que o Brasil tem e que ele explica como sendo uma «máquina do tempo». Não é só o tempo que parece não passar,

bocadinho de descanso à cidade, centenas de pessoas acotovelam-se na marginal a fazer ginástica, a jogar voleibol ou no tradicional «cooper» («jogging»). Obrigados pelo clima a andar com o corpo à mostra, os cearenses cuidam-no bem. É a famosa «malhação», a que Maximiano Zagalo já aderiu. «Preciso de manter a forma».

Aos 69 anos, divorciado quatro vezes e reformado, depois de ter passado ao filho a gerência do talho de que é dono em Albufeira, Zagalo diz que vive «como um miúdo»

## O autor de um desfalque de 60 mil contos no Porto foi preso num bar de praia. Bebia café a crédito

como suspenso na ausência das estações do ano, com a temperatura a oscilar entre os 28 e os 30 graus. É o clima que parece soltar as pessoas, rejuvenescendo mesmo as personalidades mais empedernidas.

Que o diga Maximiano Zagalo, apontado como o marialva dos portugueses de Fortaleza. Quem o quiser encontrar basta procurá-lo na sua caminhada matinal, às seis da manhã, no calçadão. A essa hora e ao fim da tarde, quando o sol dá um

no Brasil. «Aqui, um homem não tem idade!» Pelo menos não lhe sente o peso no desviar dos olhares das mulheres, como acontecia em Portugal, quando lhe apetecia lançar um pouco da sua histórica galanteria. Zagalo anda sempre bem acompanhado. Em Fortaleza, a «paquera» é uma instituição. Uma água de coco depois da ginástica, um pedido de informações, e o resultado é invariavelmente o esperado.

Entre este clima de engate e a verdadeira prostituição, a fronteira é ténue. Fortaleza é uma das rotas demarcadas do turismo sexual. Mal cai o sol, as prostitutas enxameiam a marginal e a Praia de Iracema — zona de diversão onde há vários restaurantes e bares portugueses. A Zagalo isso entristece. Diz que não paga por sexo e dá atenção suficiente a quem namora para saber as histórias de miséria que os turistas ignoram. Ou fingem ignorar, quando passeiam de mão dada com as prostitutas, à beira-mar. Meninas lindas, troféus injustos perante as carnes flácidas deles.

«É uma maneira de ganhar dinheiro», diz Zagalo. «Uma rapariga que conheci tinha a mãe, um filho, a irmã

## Simplemente Elegante





## Noites difíceis

É uma da manhã e o ex-sportinguista Jardel faz a sua entrada na pista da discoteca Armazém, por uma das portas dos fundos. Apesar dos tristes episódios na última época, conta com a cumplicidade do português que é sócio-gerente da discoteca, Eduardo — o outro sócio é Liberto Mealha, empresário da noite algarvia. Eduardo tem uma segurança apertada e não deixa entrar máquinas fotográficas

no recinto. «Isto é um negócio muito sensível». E também recusa ser fotografado.

A noite de Fortaleza foi um dos negócios mais apetecíveis para os portugueses inebriados com o clima quente, a música tropical e os turistas em catadupa. Mas só o pioneiro teve sucesso. Júlio Trindade inaugurou a zona de diversão da Praia de Iracema, há 16 anos, com o seu Pirata, um bar dançante de música ao vivo e forró. Hoje ocupa um quarteirão inteiro e é referência das «muls loucas

noites de segunda-feira do mundo».

A razão por que o Pirata fez sucesso é a mesma do desaire dos outros. «Em Fortaleza as pessoas só gostam de pagode e forró, não têm cultura urbana», explica Manuel Faria, um dos sócios do Alcântara-Café, que acabou de encerrar o Abolição, a maior discoteca da cidade. O Abolição era um espaço gigantesco à beira-mar, com duas salas interiores, uma com música de dança contemporânea, e outra revivalista. E que acabava sempre vazio.

Pode parecer estranho a quem venha da Europa, mas nenhum nordestino encontra razão para dançar num sítio fechado se a temperatura exterior é amena todo o ano. A maior parte das discotecas de Fortaleza é ao ar livre, como o Pirata. Manuel Faria assume que não fez nenhum estudo de mercado, nem auscultou as necessidades do público.

Ricardo Sanches, um dos sócios do Olé Clube, explica que «tem de andar numa roda-viva a arranjar parcerias», para garantir um público fixo. Paga jantares ao «pessoal da comunicação social», no seu restaurante Alfama Grill, para que a discoteca apareça nas notícias, nas colunas sociais, e se torne «in» na alta sociedade de Fortaleza. «Não conseguimos viver só dos turistas».

«Em Fortaleza não há dinheiro, é uma cidade pobre», diz Manuel Faria. Para sobreviver ao fraco poder de compra da cidade, há uma espécie de pacto entre os «donos» da noite, no qual cada um estabeleceu o seu horário de abertura sem interferir com os outros. Está explicado por que o Pirata só abre à segunda-feira. U

A noite dos portugueses de Fortaleza começa quase sempre na zona da Praia de Iracema, no Gaúcho

e um sobrinho a viver com ela, que trabalhava apenas dois dias por semana num cabeleireiro. E nem conseguia arranjar o telhado da casa, por onde entrava a água que alagava o chão até ao joelho». Ele ajuda quem pode e não tem ilusões sobre a intenção das que o procuram. «Eu sou velho, sei a cara que tenho... É uma conjugação de necessidades».

### REENCONTRAR O PARAÍSO

De uma forma diametralmente oposta, Maria Angélica também se sentiu renascer no Brasil. Aos 76 anos, mudou-se com o marido, José Martins, de 82, para uma pequena aldeia piscatória a sul de Fortaleza. «Vivemos 50 anos de sonho em Moçambique, 26 anos de inferno em Portugal. Agora estamos no paraíso

so. É a nossa recompensa».

Numa idade em que outros se entregam ao tempo que lhes resta, este casal mudou de vida, decidiu ir vivê-la onde lhe apetecia. No fundo, ajustaram contas com a História, dando a volta ao destino que lhes roubara a pátria, em 1975, quando a independência de Moçambique os atirou para uma metrópole que não consideravam deles.

Reformados dos múltiplos biscates para sustentar a família em Portugal, voltaram ao Sul. Escolheram o Ceará porque se tinham encantado com o lugar numas férias passadas numa casa de praia que a filha mais velha comprara naquela zona. Venderam os tectos de uma vida inteira, com a família — filhas, netos, bisnetos — sempre a duvidar da aventura.

Até ao dia em que largaram o apartamento onde moravam em Carcavelos. «O meu genro diz que só acreditou mesmo a caminho do aeroporto», recorda José. Chegados a Morro Branco, alugaram uma casa de janelas altas a provocar as correntes de ar. Compraram um «buggy», para andar na areia ou no alcatrão escasso das estradas. E arranjaram um papagaio verde chamado Leo.

Tirando partido da elegância tardia, Angélica comprou um dos minúsculos biquínis brasileiros. «Em preto», ri-se, gaiata. Com o marido, dá longos passeios pela beira-mar, sobretudo à tardinha, quando compram o peixe aos pescadores que aportam na praia e aproveitam para beber uma cerveja gelada no bar de outro português

A José Galante, tudo no Ceará



que se mudou para Morro Branco, Pedro Lisa.

«Sabes, Pedro, já comprei o frizer (congelador)», anuncia Angélica à chegada ao barzinho, de mesas e cadeiras enfiadas na areia. O algarvio, de 34 anos, pára o que estava a fazer e opina sobre qual o melhor peixe para congelar. Ser compatriota em terra alheia anula diferenças, mesmo de idade, e acentua solidariedades.

«Aqui temos pouca gente com quem falar, às vezes faz-nos falta alguém que te-

Há dois anos, Pedro veio de férias ao Nordeste e percebeu que só conseguiria esquecer o stresse e o IC19 — ultimamente trabalhava na FIL e vivia em Sintra — cortando definitivamente com tudo. Foi ficando, na companhia de Aparecida, que fora a guia turística das falésias de areia de Morro Branco.

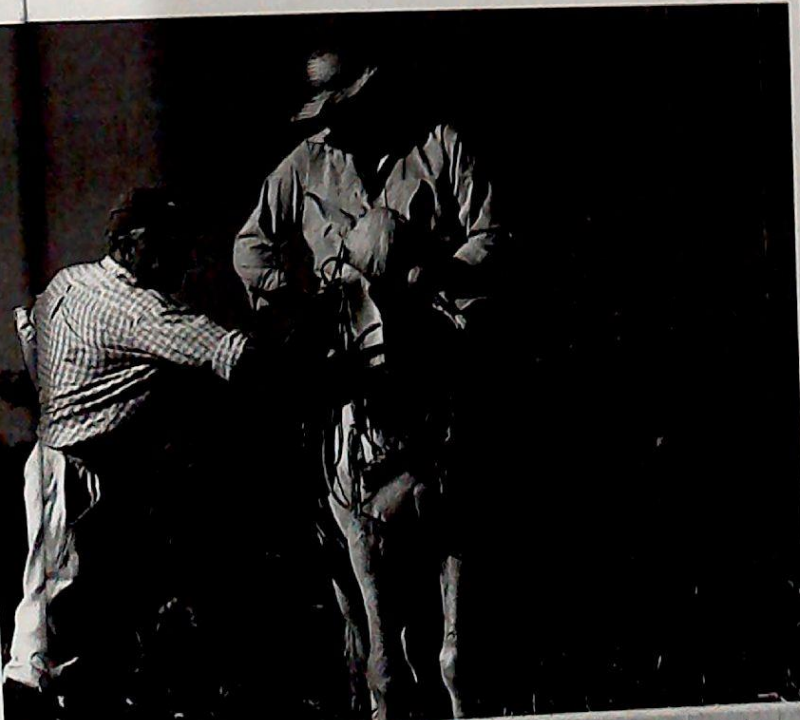
Casaram-se. Aparecida ganhava três euros e meio por dia, Pedro tinha umas economias. Decidiu abrir o bar-restaurant. Agora os seus dias começam por volta das seis da

«Aqui a terra compra-se mais barata do que a cerca que é preciso colocar à volta dela»

nha as mesmas referências culturais», explica Pedro. Também por isso ele pôs à entrada do seu bar duas bandeiras, uma da União Europeia e outra de Portugal. E chamou-lhe Água Viva, o que também fará apelo a recordações comuns: foi uma das primeiras telenovelas que passaram na RTP.

manhã, hora a que vai ao peixe. E são passados sob o sol da praia, que já lhe escureceu definitivamente a tez loira.

O último argumento para ficar no Brasil foi Júlia, a bebé que nasceu entretanto. Pedro percebeu que podia ter encontrado o seu Éden quando a menina disse a primeira palavra: «Lua». ▢



Angela. Na fazenda de caju que acaba de comprar, mata saudades de África

SAMSUNG

Simplesmente Elegante



Sofisticado e Elegante.  
**C100**  
o seu Telefone a Cores.

- Design Moderno
- Ecrã de 65000 Cores
- Download de Jogos (Java)
- Toques Polifónicos de 40 Tons

SAMSUNG  
Club

SAMSUNG DIGITall  
everyone's invited



# Matar por 25 mil euros

O crime do Fundão surpreendeu pela futilidade das razões e pela extrema violência empregue

ANTÓNIO MARINHO

**O** ASSASSÍNIO de Fernando Justo — ocorrido cerca das 00h30 da noite de 9 para 10 de Junho, em Vale dos Prazeres, no Fundão — foi precedido de cenas de rara violência, praticada pelos homicidas sobre um casal a quem roubaram o carro em que fugiram.

As vítimas, um casal de namorados de 25 anos de idade, passeavam lentamente de carro na zona da Covilhã, quando, cerca da meia-noite, foram abordadas por um encapuzado com sotaque brasileiro. Imediatamente, este golpeou o pescoço do condutor com uma faca de mato e de seguida alvejou-o com um tiro numa coxa. Assim neutralizadas, as vítimas foram levadas no próprio carro para um local ermo e amarradas a árvores com os cintos de segurança, enquanto os agressores fugiam com carro, que pouco depois se imobilizou por falta de gasolina. O jovem está livre de perigo, mas só no pescoço foi suturado com 17 pontos.

## Ligações aos «skinheads»

Apesar de amarrados, os jovens conseguiram chamar a polícia, através de um telemóvel. As autoridades apareceram no local pouco depois, tendo-lhes prestado os primeiros socorros e comunicado o facto à Polícia Judiciária (PJ) da Guarda. Mais ou menos por essa hora, os dois sequestradores consumavam o homicídio de Fernando Justo, que lhes havia sido encomendado por Luís Monteiro, um engenheiro informático (gestor de 512 sites pornográficos) com um passado ligado a organizações da extrema-direita (há mesmo suspeitas de ter estado envolvido com o grupo de «skinheads» que, em 29 de Outubro de 1989, assassinou o dirigente do PSR, José Carvalho, processo que teve Pedro Grilo como principal condenado).

Já alertada para o sequestro do casal, a PJ destacou duas equipas para o local. Pouco tempo depois, chegou-lhes a informação do homicídio de Fernando Justo, logo se suspeitando de conexão entre os dois crimes. A detenção de todos os envolvidos ocorria cerca de 60 horas depois.

A história do homicídio de Vale dos Prazeres reveste-se de elementos preocupantes, não só pela aparente banalidade das causas, como pela facilidade com que, por dinheiro, foi possível matar a sangue-frio uma pessoa desconhecida. Trata-se de algo que os americanos designam por «homicídio sob contrato» e que não é totalmente inédito em Portugal, havendo já registo de vários casos, sobretudo por motivos passionais, mas também por negócios ou ainda tráfico de droga. Neste caso do Fundão, o que mais surpreendeu os investigadores foi o facto de os executantes, não terem qualquer relacionamento com a vítima, nem com o mandante. São dois indivíduos brasileiros, com idade entre os 25 e os 30 anos, totalmente estranhos ao meio, tendo mesmo sido necessário que a vítima lhes fosse indicada por terceiros.

Segundo o EXPRESSO apurou, as desinteligências entre Luís Mon-



teiro e Fernando Justo teriam resultado de este se ter solidarizado com uns vizinhos, dois serranheiros de nacionalidade angolana (de raça branca), num litúgio sobre uns portões para a quinta de Luís Monteiro. Esse litúgio terá culminado em agressões aos angolanos, suscitando a indignação de Fernando Justo que, por isso, terá discutido com Luís Monteiro. E assim terá assinado a sua sentença de morte.

Luís Monteiro teria decidido já há alguns meses mandar matá-lo. Contactou então um conhecido seu que lhe apresentou um cidadão bra-

sileiro, «muito musculoso», ligado à actividade de segurança em bares nocturnos. Contratou com ele o assassinio de Fernando Justo por 25 mil euros, tendo-lhe entregue logo 10 mil. Algum tempo depois, o brasileiro foi ao Brasil e Monteiro julgou-se enganado, pensando que já teria fugido com o dinheiro. Entretanto, contactou outras pessoas para matarem Fernando Justo.

Mas o brasileiro tinha ido ao Brasil contratar outro sicário. Regressado a Portugal, um terceiro indivíduo indicou-lhes quem era a vítima e eles escolheram a noite de 9 para

10 de Junho, para executarem «a tarefa». A escolha da data não foi ocasional: esperavam tirar proveito do feriado de 10 de Junho, pois pensavam que, por ser feriado, a polícia demoraria mais tempo a iniciar as investigações e a recolher provas, assim facilitando a sua fuga.

## Arma com balas de fragmentação

O homicídio foi executado com dois tiros na cabeça da vítima (Fernando Justo ainda se terá atirado para o chão, tentando proteger-se, pois

o primeiro projectil entrou pela nuca direita, alojando-se na caixa).

Foram utilizadas as chardas de balas de fragmentação — vulgarmente designadas por «balas de Dum». Trata-se de projecteis irados na extremidade, na qual dois é feita uma espécie de cruz que, ao penetrarem no corpo de uma pessoa, fragmentam-se, provando danos muito maiores do que uma bala normal. Segundo os investigadores, a «tarefa» foi executada com profissionalismo: um tiro para matar, o outro para confirmar. A mesma hora em que tudo ocorreu, Luís Monteiro mostrava-se já em café da localidade, na presença de muitas pessoas que podem depois testemunhar a sua inépcia. Era um alibi quase perfeito.

Consumado o homicídio, os dois brasileiros rumaram a Lisboa, onde tinham alugado um carro. Depois de ali permanecerem algum tempo, deslocaram-se para Porto, tendo sido detidos pela PJ na Estação de Campanhã, na quinta-feira seguinte, dia 12, às 12h30. Na sua posse, tinham dois bilhetes de comboio para Espanha, um colete à prova de bala, arma do crime (que tinha sido adquirida em Portugal) e muitas munições. De referir ainda que o suor dos disparos foi o indivíduo de viena expressamente do Brasil.

## Penas podem ir até 25 anos

QUER os executantes, quer o autor moral deste crime incorrem na pena máxima prevista na lei: o crime de homicídio simples é punido com uma pena de 8 a 16 anos, mas para o chamado homicídio qualificado a pena pode ir até ao limite máximo, que é de 25 anos de prisão. Neste caso há a possibilidade de o homicídio ser qualificado com três circunstâncias agravantes: a de o assassínio ter sido determinado «por qualquer motivo torpe ou fútil», a de ter sido motivado por «ódio racial» e/ou a de os seus autores terem agido «com frieza de ânimo» e premeditação.

Qualquer dessas circunstâncias pode fazer com que a moldura penal seja de 12 a 25 anos de prisão para o autor moral. Quanto aos autores materiais,

responderão também pelos crimes de sequestro, roubo e ofensas corporais graves. De referir também que a jurisprudência portuguesa tem definido como «motivo fútil» aquilo que, verdadeiramente, «nem chega a ser um motivo» para matar outra pessoa. O agravamento da pena nestes casos justifica-se pela razão apresentada para um homicídio, seria totalmente «gratuita», acabando apenas por revelar «um profundo desprezo pelo valor da vida humana» por parte do homicida.

Resta acrescentar que o Código Penal português não distingue autoria moral da autoria material de um crime.

AM.



# z da miséria

De Goiânia, cidade do interior do Brasil, partem muitas das brasileiras que vêm prostituir-se em Portugal. Duas mulheres contam as suas histórias e como escaparam ao pesadelo



Uma mão a mexer a feijoada que coze no fogão de lenha do seu barraco numa favela de Goiânia, a outra agarrando o filho encavalitado na anca, Denise recorda a temporada que passou em Portugal: «Acabei com a minha vida». A colher de pau vai girando sobre a meia dúzia de feijões, as cebolas aos gomos fumegam na panela de fundo queimado, e Denise fala dos «homens fedorentos, meu Deus!», 10, 12 por noite, com quem teve de se deitar nos aposentos da «boite» Dama da Noite, em Vinhais, perto de Bragança, onde foi prostituta durante quase um ano.

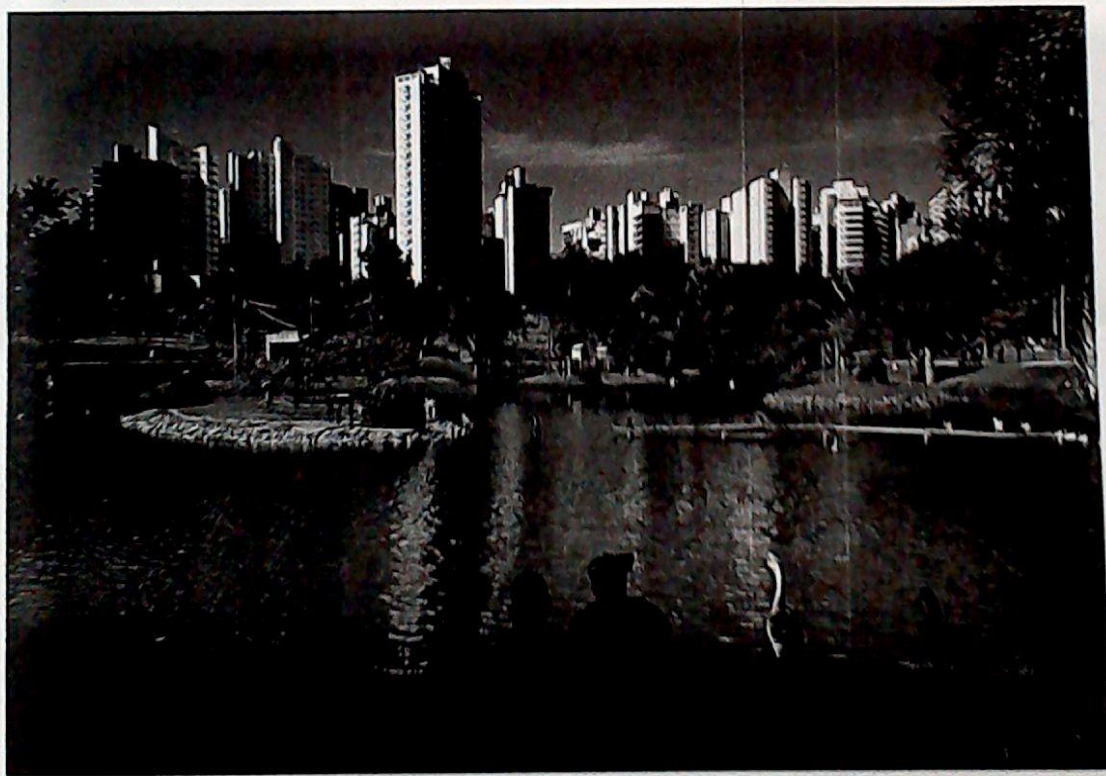
O bebé enfia a mão na boca, parla, mas o seu descontentamento é por causa dos dentes, felizmente não percebe nada do que a mãe diz. Denise cai em si, atira com os olhos para o chão, faz desenhos com a ponta da sandália na terra batida da casa, e cora. Corada parece uma menina: a pele suave, o cabelo encarapinhado puxado, o nariz redondo. Mas, aos 20 anos, Denise já penou em vários infernos. Agora, de novo no Brasil, está no papel de mãe de família, um filho de seis meses ao colo, outro de quatro anos percorrendo o pátio numa bicicleta sem pneus, o marido lá dentro pigarreando do tabaco («e da bebida», garante ela) numa barraca de adobe, de um bairro de lata de Goiânia, cidade no estado de Goiás, Brasil interior.

Denise enrola um cigarro

Denise com o filho na sua barraca. E com o fogão a lenha onde coze o feijão (em cima)



Goiânia é a capital do estado de Goiás, no interior do Brasil sertanejo, onde há enormes criações de gado e plantações cerealíferas, nomeadamente de soja. A fama de ser uma cidade rica e a proximidade com a capital, Brasília, atraiu as migrações internas. Esta corrente aumentou o desemprego, o que transformou Goiânia num lugar dividido entre ricos e pobres — como, aliás, todo o Brasil. As favelas de terra batida e casas de adobe circundam a cidade num enorme anel ao longo das auto-estradas. (fotografia ao lado). Estes bairros pobres são autênticos viveiros onde as redes de tráfico de mulheres se abastecem. E há zonas com estilo europeu, condomínios fechados, ruas de lojas e restaurantes finos (em baixo).



para apaziguar os nervos e vai explicando que foi enganada para Portugal. Pensava que ia trabalhar, «de faxineira ou num restaurante», acabou obrigada a prostituir-se por uma rede organizada, uma das muitas que operam entre Portugal e o Brasil e que descobriram em Goiânia um viveiro de potenciais vítimas. «Este comércio começou com Itália, depois Espa-

nha, agora estão indo mais para Portugal», confirma o delegado da Polícia Federal João Baptista. O movimento das «Mães de Bragança», contra a prostituição brasileira na cidade nortenha, fez primeiras páginas no jornal local «O Popular», que titulava: «Portugal, Nova Rota da Prostituição».

João Baptista não gosta muito de falar do assunto.

No caso dele não é por vergonha, é por manifesta impotência em resolver o problema. A Polícia Federal, que trata das questões relacionadas com a emigração, tem mantido contactos regulares com as polícias portuguesas, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e a Judiciária. «Mas, do lado de cá, raramente conseguimos actuar», desabafa. «Vamos ao

aeroporto, às vezes por denúncia dos próprios pais que não querem que as filhas vão embora, fazemos a entrevista com a garota que está a embarcar e ela não diz nada».

Há as que vão enganadas, como Denise, mas que mentem à polícia porque acham que vão emigrar ilegalmente. E as que têm consciência do que vão fazer. «Uma disse-me uma vez na cara: 'Estou indo para me prostituir, e você não tem nada a ver com isso'». A prostituição não é crime, nem em Portugal nem no Brasil.

#### ESCRAVAS DO SEXO

João Baptista foi buscar Denise ao aeroporto de Goiânia, no ano passado, no seu regresso de Portugal — ela foi retirada da «boite» Dama da Noite por uma operação policial do SEF. Denunciara a situação e em troca recebera auxílio para voltar a casa. O delegado esperava obter do seu testemunho pistas para prosseguir com a investigação da rede no Brasil, mas não conseguiu nada.

Quando Denise embarcou, há dois anos, o fluxo d



prostituição para a Europa já era conhecidíssimo em Goiânia. Pelas boas e más razões. «No outro dia encontrei na rua uma moça que era minha vizinha, tem 26 anos, e disse-me que era caixa de supermercado há um ano em Portugal e que voltou de férias para comprar um apartamento de 27 mil euros e fazer uma lipoaspiração», conta, com ironia, Elie Chidiac, assessor do governo do estado de Goiás para as relações internacionais.

Mas o que preocupa as autoridades são histórias mais tristes. Como a de Simone, uma rapariga que morreu há cinco anos de forma muito estranha, enquanto trabalhava num clube em Bilbao (ver caixa pág. 88). Ou, mais recentemente, no Verão, uma goiana que chegou a casa completamente demenciada por causa dos maus tratos que recebeu num bordel em Madrid. «As nossas mulheres estão a ser tratadas como escravas, perderam to-

berm mais fácil em Portugal». Aos 18 anos, já com um filho de dois, sem conseguir emprego, um marido que «pegava no dinheiro todo que ganhava como servente e desaparecia de casa para beber», às vezes «sem ter nada que comer», Denise nem hesitou. «Na altura ela não me disse o que ia fazer», recorda, com precisão. Disse só que lhe pagava a passagem de avião, garantia o trabalho e o alojamento, e ainda comprava umas roupas decentes com que pudesse embarcar para um lugar frio. «Eu nem tinha um casaco!»

#### «ELA IA FAZER UMA GRANDE COISA»

A mãe foi com ela tratar do passaporte, uma tarefa complexa para quem mal sabe ler e tropeça na burocracia. Mas estava disposta a tudo: tinha visto a filha desperdiçar a vida, deixar a escola, apesar de a perseguir até à porta para ela não faltar às aulas, engravidar aos 15 anos, sofrer «para lá da conta» com o homem errado, morar numa barraca. «A gente achava que ela ia fazer uma grande coisa...»

Por isso, Sílvia, 38 anos, alinhou nos planos da filha. Propôs-se ficar com o neto, ela que tem outra filha a estudar e ganha apenas 40 reais por semana (15 euros) nuns biscoites de manicure nos cabeleiros das favelas — no Brasil «fazer a unha e o cabelo» é um hábito de todas as classes sociais, o que varia é o preço. «Em Goiânia não há emprego para quem não estudou, só limpar a casa dos outros, e pagam muito mal», explica Sílvia.

Para as vagas do último supermercado da cadeia Carrefour que abriu este Verão na



da auto-estima. E depois chegam aqui doentes, com problemas venéreos, psicologicamente afectadas. Estes são os custos deste problema».

Só se engana quem quer ser enganado: mesmo depois de todas estas notícias, Denise nem desconfiou da conversa fiada da amiga — sua conhecida desde sempre — que lhe veio propor uma «vida

COM O VISA UNIVERSO TEM  
**DESCONTOS**  
DE 1% EM TODAS AS COMPRAS QUE FIZER  
E 3% NOS COMBUSTÍVEIS GALP.



O Visa Universo já deu 26 milhões de euros em descontos. Ao usar o seu Visa Universo ganha sempre 1% de desconto em cheques Universo para compras no Modelo e Continente. O Visa Universo oferece-lhe ainda 3% de desconto nos combustíveis Galp e até 20% de desconto em mais de 25 estabelecimentos aderentes em Portugal, para além de crédito gratuito até 50 dias. Peça já o seu no BPI ou no Modelo e Continente. E não precisa de mudar de Banco.

UNIVERSO. O VISA QUE DÁ DESCONTO.

[www.universo.pt](http://www.universo.pt)

800 22 10 22





## 73% das jovens goianas entre os 13 e os 17 anos já têm um filho. E em cada 15 segundos é violada uma mulher

cidade formaram-se filas mais de 24 horas. Cerca de 10 mil pessoas não dormiram para entregar uma ficha de inscrição para as 400 vagas disponíveis.

### NAS MÃOS DAS MÁFIAS

Denise mora numa das favelas que circundam a cidade num anel de vários quilômetros, onde é fácil convencer raparigas bonitas a fazerem qualquer coisa por um futuro melhor. Elsa Rabelo, da Assessoria da Mulher da Prefei-

tura de Goiânia dá os números da miséria: «73% das jovens goianas entre 13 e 17 anos já têm pelo menos um filho, essa cifra sobe para 51% até aos 25 anos. 92% das mulheres com trabalho são empregadas domésticas, e 27% têm a família a seu cargo. A cada 15 segundos uma mulher é violada».

Goiânia tem também outra particularidade: a tradição da prostituição que «serve» o poder da capital, dada a proximidade com Brasília, a cerca de duas horas de car-

ro. «Foram os senadores que espalharam a fama de que as mulheres goianas têm de ser as mais bonitas do Brasil», explica o delegado João Baptista. Há muitos bordéis de luxo, e os anúncios de telemóveis para encontros íntimos enchem as páginas dos classificados dos jornais do estado. «Essas redes de prostituição são neste momento mais importantes que a droga, e vendem mulheres como quem vende outra coisa qualquer».

E internacionalizaram-se. A amiga de Denise fazia parte de uma dessas redes, era a chamada «cafetina», a proxeneta encarregue de arranjar carne fresca para alimentar os prostíbulos da Europa. A sua tática era oferecer a passagem e outras benesses — como a roupa para o embarque — numa espécie de empréstimo, pago com o futuro trabalho em Portugal. O empréstimo é o anzol que atica a vontade das raparigas que querem emigrar e não têm sequer meios para o fazer, e depois as mantém presas, à mercê da chantagem das máfias que lhes emprestam o dinheiro. São ameaçadas até de



Denise está de volta ao Brasil, já teve outro filho e agora está desempregada. Diz que foi para Portugal ao engano, contando trabalhar como «faxineira ou num restaurante».

«Chegámos à Suíça, ficámos num hotel perto do aeroporto e ela chamou um taxista que nos levou até à França», recorda Denise. Depois foram novamente de táxi até Bragança. «Aí era um frio, uma angústia». No Inverno rígido de Trás-os-Montes, Denise começou por fazer as limpezas de um café em Espinhoso. «Todo o dia, pior que escrava». A mulher testou-a durante uns dias, e depois levou-a ao cabeleireiro, comprou-lhe perfume, maquilhagem, roupas, e tentou explicar-lhe o negócio do alterne. «Ela falou que era uma coisa de copos». Mas Denise percebeu que aquilo era só mais um disfarce para a mais velha profissão do mundo.

Primeiro entrou em pânico. «Fui ver o retorno da passagem, para regressar ao Brasil, mas já tinha passado da data». Chorou muito, lavando os seus últimos preconceitos. «O jeito era fazer, não tinha como voltar para trás».

morte se não pagarem.

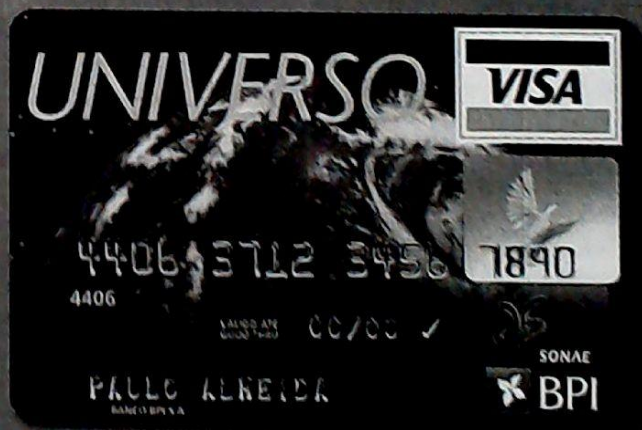
Denise e mais duas raparigas apanharam o avião para a Europa em São Paulo. A mulher que as levava deu-lhes instruções restritas sobre o que deviam dizer à chegada ao aeroporto de Zurique, onde iam aterrar, e depois afastou-se, pediu um lugar separado no avião, e quando elas tentavam perguntar-lhe alguma coisa repelia-as, mandava-as dormir. E elas sem saber sequer onde raio ficava Zurique, mas também fascinadas com a novidade, aquelas comidas pequeninas do avião, voar pela primeira vez, empiriquitadas nas suas roupas novas.

#### REZAR SEM DEUS POR PERTO

Trabalhava com oito brasileiras e três portuguesas. Todas faziam o mesmo: sob a aparência de serem alternadoras de discotecas, acompanhantes cuja função é levar homens a beber as bebidas mais caras, eram todas prostitutas em aposentos na parte de cima do bar, os chamados reservados. Denise fechava os olhos e pensava em Deus, enquanto os homens resfolegavam em cima dela.

«Eu também rezava muito, mas Deus não está dentro dum lugar desses, isso é nítido». Raí é uma outra goiana que também conheceu os

USE O VISA UNIVERSO E GANHE  
**UM ANO  
DE COMPRAS  
NO VALOR  
DE € 3.000.**



Adira ao Visa Universo e ao usar o seu Cartão até 31 de Dezembro participa automaticamente no sorteio de 10 prémios no valor de € 3.000 cada, em cheques Universo para compras no Modelo e Continente. O Visa Universo é o Cartão de Crédito que lhe oferece 1% de desconto em todas as compras que fizer e 3% de desconto nos combustíveis Galp. Peça já o seu no BPI ou no Modelo e Continente. E não precisa de mudar de Banco.

UNIVERSO. O VISA QUE DÁ DESCONTO.

[www.universo.pt](http://www.universo.pt)

800 22 10 22



## Uma morte exemplar

«Simone você sonhava tão alto, e vivia com tanta alegria...» Já lá vão seis anos desde a morte da filha, e João José Filipe continua a desmanchar-se em lágrimas quando canta os versos do samba que fez para ela. Para um músico como ele — há mais de quarenta anos que toca na banda da Prefeitura de Goiânia — não há melhor maneira de homenagear a «sua menina», morta aos 22 anos num bordel em Espanha, em circunstâncias que nunca conseguiu esclarecer. «Primeiro disseram que era pneumonia, depois hepatite aguda, mas eu falei com ela ao telefone algumas horas antes e estava muito fraca, só dizia: 'Papai, olha o que fizeram comigo'».

Simone terá sido a primeira vítima das máfias do tráfico que há uns anos começaram a levar mulheres da cidade de Goiânia para a Europa. A sua história é costumeira. Pensava que ia trabalhar como cozinheira, ganhar «1500 dólares por mês». Acabou nas mãos de uma rede que dominava várias casas de prostituição em Bilbao. «Em Espanha as máfias trabalham a sério», conta Marília Assunção, uma jornalista do jornal «O Popular» que fez uma longa reportagem, «As Escravas do Novo Século», sobre a prostituição de goianas

em Espanha. «As moças são fechadas e maltratadas. Têm uma dívida para pagar, a da passagem, à qual é acrescentada uma quantia pelo alojamento, outra pela alimentação. E pagam muitas quando ficam doentes, quando estão menstruadas, ou quando ficam tempo demais com um cliente».

Simone tinha ido para a Europa enquanto

o namorado — que não é o pai do filho — fora para Miami. Queriam arranjar dinheiro para casar. «Ela cá ganhava 60 reais por semana (cerca de cinco contos), mesmo depois de saber o que tinha de fazer, telefonava a dizer que ia ficar lá uns três meses e vinha embora». Um dia, deixou de telefonar, como fazia sempre. Terá sido agredida quando começou a falar demais. Frágilizada com uma pneumonia que terá apanhado por causa da diferença do clima, acabou por morrer.

Entretanto, Simone enviara uma fotografia aos pais — chegou depois dela ter morrido —, que ficou como uma recordação macabra: na foto, aparecia toda pintada e com o cabelo arranjado, como usava na «boite» de Bilbao. É essa a imagem que guarda dela o filho, que hoje tem 11 anos e vive com os avós e as duas tias, numa pequena barraca na zona periférica da cidade.

José João recebeu a notícia de que a filha morrera através do consulado do Brasil em Madrid. E não se calou. Andou nos jornais, foi falar com o governador, com a Igreja católica, denunciou o caso aos quatro ventos. «Eu sei que Deus a usou como exemplo, para salvar uma imensidade», diz o pai, procurando conforto na sua fé. [9]



meandros da prostituição em Portugal e regressou ao Brasil há cerca de dois meses. De volta a casa, em Goiânia, para junto dos três filhos, e do neto, Raí decidiu passar a livro os apontamentos que foi tomando enquanto estava em Portugal, em dois cadernos Âmbar de capa preta, e o resultado vai ser publicado

pos». «Não é que eu não tivesse desconfiado. Disse-lhe: 'Marina, olha que eu não sou puta!' Ela respondeu que se eu bebia era só o que precisava. Podia ganhar cinco contos por noite com as comissões do bar». Mais tarde perceberia que a insistência se devia ao facto de Marina receber cer-

da pela irmã e decidiu mudar de vida, há uns dez anos. No seu horizonte estava Goiânia, lugar das oportunidades no interior brasileiro.

### GOIÂNIA, TERRA DA OPORTUNIDADE?

A capital do estado de Goiás é um lugar enganador: a três horas de distância de Brasília,

pa, alcatrão, boas lojas, excelentes restaurantes, e os bairros de barracões de lata que se estendem ao longo das auto-estradas, lugares de terra batida onde as lojas têm letreiros escritos à mão, e cheira a esgoto. Ou à falta dele.

Raí não concorda que seja apenas a necessidade económica que leva tanta gente a emigrar para se prostituir. «Ontem encontrei uma menina que estava lá e voltou. Ela disse-me que vai regressar para lá porque aqui não consegue ter as coisas boas que tinha em Portugal. Ir a bons restaurantes, comprar roupa bonita. Já é um vício. As mulheres são vítimas, mas isso tudo é muito sórdido. É imoral dos dois lados, elas porque não acreditam em nada, eles porque são sem-vergonhas».

Com o dinheiro que fez em Portugal, Raí conseguiu mudar-se para um pequeno

## Anunciaram-lhe logo o que ia fazer: sexo para pagar a dívida de dois mil euros que contraíra para chegar ali

em edição de autor por estas semanas. «Isso vai ser importante para avisar outras pessoas», diz Raí, que não pára de fumar ao recordar o que viveu em Portugal.

No livro, Raí põe tudo em pratos limpos. Conta como se deixou enganar, aos 40 anos, aceitando o convite de uma amiga emigrada em Portugal para «acompanhar uns homens a beber uns co-

ca de 1000 euros por cada mulher que arranjava.

Raí nasceu no ainda mais interior estado de Tocantins — que faz fronteira com a Bolívia — de uma família de classe média; entre os seus irmãos há um advogado e uma médica. Mas acabou por ser a ovelha negra, meteu-se em negócios como um bar e um salão de cabeleireiro e correu tudo mal. Diz que foi engana-

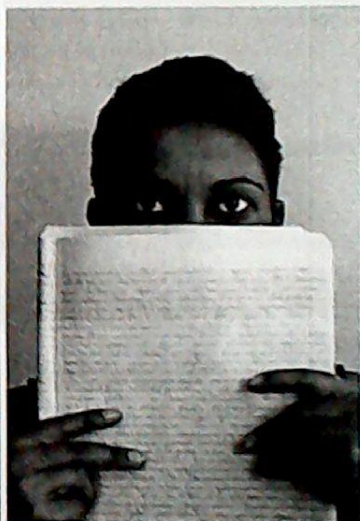
da, no meio do sertão que se anuncia — com a opulência dos milhares de cabeças de gado, das toneladas de soja — o celeiro do Brasil. «Atrai muita gente, gente a mais que chega e depois não tem emprego», explica Elsa Rabelo, da Assessoria da Mulher. A pobreza divide a cidade entre os condomínios fechados numa zona organizada que se parece com a Euro-





Com o dinheiro que conseguiu em Portugal, Raí mudou-se para um apartamento numa zona comercial de Goiânia. E escreveu um livro com os apontamentos que foi fazendo ao longo da sua estada em Portugal

gem já paga numa agência de viagens de Goiânia, e não levava roupa muito desportiva, nem demasiado apertada. Baixa, cabelos curtos, traços de índia nos olhos enormes, passou pelo controle de fronteira com um fato de calças e «blazer» preto. «Nem me carimbaram o passaporte», recorda. Ou não tinha ar de prostituta ou tinha em demasia, e as autoridades fecharam os olhos. Os polícias sabem que o destino final das brasileiras raramente é a



França — se carimbassem o passaporte e ela fosse eventualmente apanhada, eram os franceses que tinham de arcar com os custos do repatriamento para o Brasil, uma vez que era por aí que ela tinha entrado no espaço Schengen europeu.

apartamento — quarto, sala, cozinha — numa zona comercial de Goiânia. E por enquanto não trabalha. Fica com o neto e ajuda a filha, de 19 anos, que tem uma corretora de seguros. Entretém-se a escrever, a tratar da casa, que está um brinco. Quê Pink Floyd, o seu grupo favo-

rito. E pôs para trás das costas o pesadelo que viveu em Portugal, com uma leveza impressionante. «Você não pode ser menor do que os seus problemas, tem de ir em frente», explica, com as palavras que lhe ensinaram na igreja evangélica que agora frequenta. «Quando me

sinto mal, dá-me uma paranoia e passo dias inteiros a rezar». Foi também assim, com a resistência de quem sabe encolher os ombros, que Raí aguentou a temporada em Portugal.

Raí desembarcou em Paris, seguindo as instruções da tal Marina. Levantara a passa-

#### ALTERNE PARA PAGAR A DÍVIDA

De França, a brasileira veio de comboio até Portugal. Quando chegou ao Porto foi logo recebida pelo dono de um bar de alterne em Vizela que torceu o nariz à sua idade. Ela não gostou. Mas à chegada ao bar uma série de



## Dois euros e meio para alugar o lençol

O caso da discoteca O Conquistador que está em julgamento no Tribunal de Loulé envolve dois portugueses e uma brasileira de Goiânia, acusados de levarem mulheres daquela cidade para se prostituírem no Algarve. Este era um negócio que, segundo a acusação do Ministério Público, já durava há três anos. As raparigas eram recrutadas por uma brasileira chamada Mauracy, e pelo irmão — muitas eram bonitas empregadas de balcão no cen-

tro comercial Flaboyant, o melhor da cidade. O irmão conseguia que as moças assinassem «promissórias» da dívida da passagem de avião que a organização pagava — o que, em Portugal, as prendia à discoteca.

Gilberto, o dono de O Conquistador, terá ido algumas vezes ao Brasil «sondar o mercado». Depois terá mandado construir aposentos chamados «reservados» no primeiro andar da discoteca, onde as prostitutas recebiam os clientes. Por cada 20 minutos os clientes pagavam cerca de 50 euros — uma parte ia para a mulher, outra para o dono do bar. O «barman» guardava uma

ficha no chaveiro, e se os 20 minutos fossem ultrapassados acendia-se uma luz vermelha no quarto, avisando a mulher de que devia sair. Por cada cliente a prostituta comprava à casa um «kit» com um lençol e um preservativo por dois euros e meio. Uma noite inteira podia custar mais de 400 euros. O principal arguido manteve uma contabilidade organizada, na qual escrevia o nome da mulher e a quantia que esta devia receber ao fim do mês, descontando a dívida — o que serviu de prova para a acusação.

Portugal já faz definitivamente parte das rotas do tráfico internacional de mulheres: primeiro eram as que vinham do Leste da Europa, agora são as brasileiras. E, no Brasil, o estado de Goiás tornou-se um dos principais fornecedores. Não há dados oficiais, mas um inspector do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras confirmou ao Expresso que «em muitas das ruas encontram-se goianas». O SEF não tem explicação para este facto, mas as redes muitas vezes estabelecem-se por razões do acaso, como conhecimentos pessoais. A prostituição brasileira espalhou-se pelo país, e exemplo disso é o caso de Bragança — que fez capa na revista «Time» da semana passada. «As coisas em Espanha começaram a ficar mais difíceis, para Itália vão as moças mais bonitas, Portugal é agora o destino número um», explica João Baptista, delegado da Polícia Federal em Goiânia. [U]

raparigas mais novas anunciaram-lhe logo o que ia fazer: «Transar». Fazer sexo para pagar a dívida de dois mil euros que contraíra só por chegar ali. E depois então começar a ganhar algum dinheiro para mandar para casa. «Liguei para a minha filha e disse-lhe: Estou

mos ir ter. A mulher tem direito a dois copos de bebida por conta da casa, para dar estímulo, perder a timidez. Chega ao pé do homem e diz: 'Boa noite, posso sentar-me à sua beira?'. Cabe à prostituta acender no homem o desejo de ir para o privado. «Elas começam a

muíto sujo, muito sórdido». Para aumentar os lucros, as alternadeiras faziam negócios por fora. «Sem preservativo, era o dobro, sexo anal ou oral, outro tanto. O cliente chegava ao balcão pagava sexo normal e o resto pagava directamente à menina». E Raí sen-

mília e eles ficavam danados!» Os patrões pressionavam-na: «Tens de fazer, tens uma dívida para pagar». Ela diz que conseguia sobreviver sendo cabeleireira das outras meninas, mas acabou por ser transaccionada entre duas casas — o patrão da segunda pagou a dívida ao da primeira — e ir para o Novo Vício, também em Vizela.

As coisas não melhoraram, o trabalho era o mesmo, e a quarentona passou a afogar as suas mágoas no ombro de alguns amantes com quem ia estabelecendo relações para lá da discoteca. Houve um polícia, um tal António, e um construtor civil de nome Carlos, casado, mas que lhe jurou amor, lhe pagou um apartamento durante uns tempos, e a «salvou

### «Boa noite, posso sentar-me à sua beira?» Cabe à prostituta acender no homem o desejo de ir para o privado

num puteiro».

«O esquema era simples», conta. «Havia um carro que chegava à nossa casa em Guimarães, às dez e meia, nós levávamos uma malinha com as roupas e maquilhagens. Vestíamos-nos e os homens começavam a chegar. O 'garçon' indicava com quem devia-

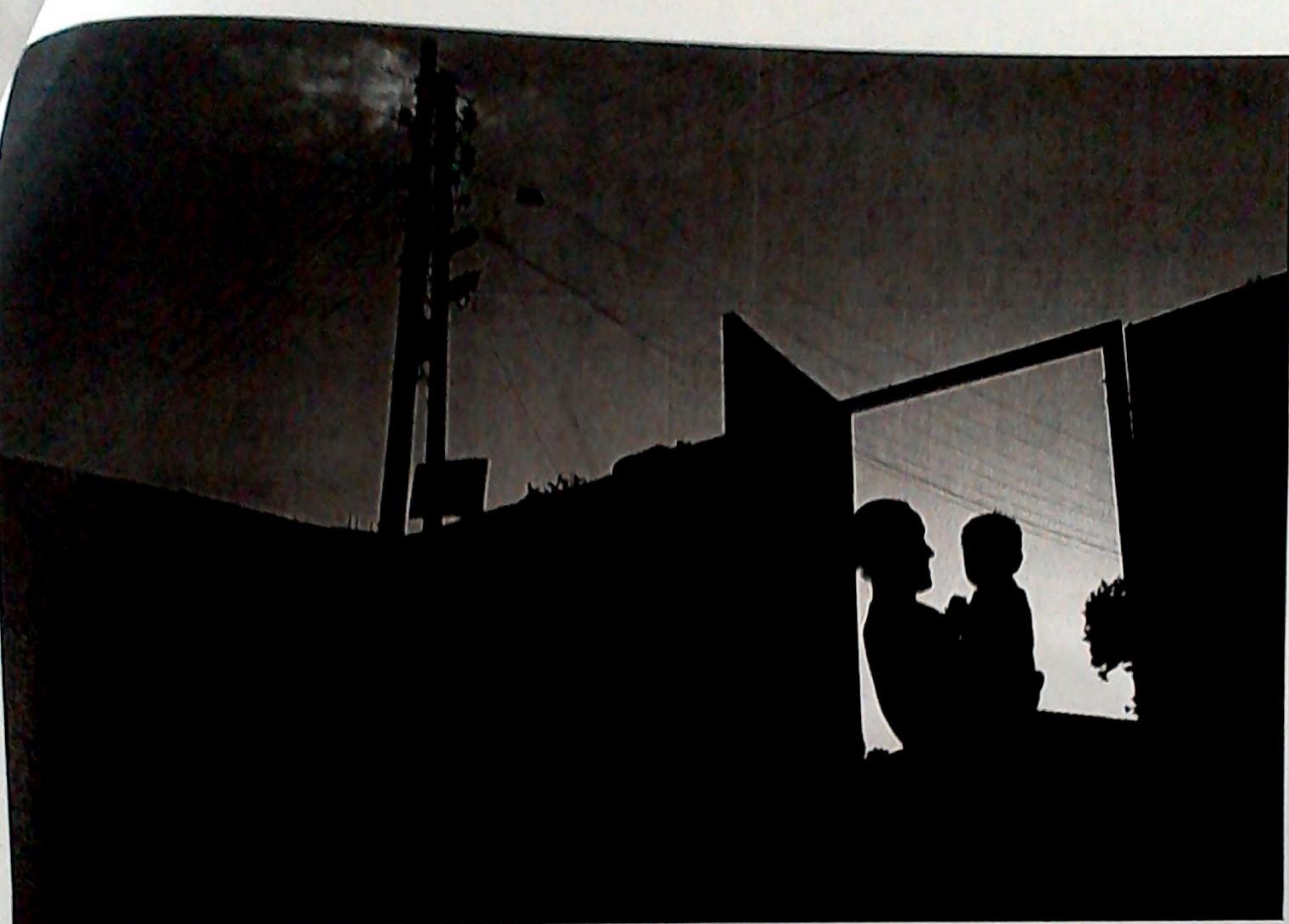
mexer-lhes, a encostarem-se todas, a sussurrarem mentiras na orelha».

Raí recorda as conversas do fim da noite: «Uma não conseguia parar de rir, dizendo que o homem só gritava: 'Bate-me, bate-me'. Outras falavam do tamanho do pénis, tudo a morrer de rir. É um mundo

tência, sem pejo: «Quem faz isso é porque está viciado, no sexo e no dinheiro».

Raí garante que não agradava aos patrões, não era «bom comércio»: mais velha do que as outras e com muito génio, não conseguia muitos clientes. «Dizia que estava menstruada. Outras vezes começava a falar-lhes da fa-





da «boîte» onde estava. Raí aproveitou para fugir e regressou ao Brasil por uns tempos, fiada na ideia de que o tal Carlos ia «montar-lhe um café» em Santa Maria da Feira. «Ele ligava para mim durante várias horas, chamada intercontinental, tinha de acreditar nele, não era?»

E regressou a Portugal. Carlos começou por não po-

fiel, Bragança, Famalicão, Porto, Gaia. Acabou por cair outra vez na «vida», por razões que nem ela sabe explicar: agora já não tinha dívidas para pagar. «Sentia-me como uma vaca que ia para o matadouro, de cada vez que entrava no reservado». A «boîte» onde trabalhava chamava-se Star Bar.

A vida desta brasileira pa-

deixou-se levar. «Eu achava que o Jorge era sério, que essa relação era para valer». Esqueceu-se foi que ele a tinha conhecido num bordel.

#### ACREDITAR NO PAÍS IRMÃO

No Brasil, Raí apresentou o tal Jorge aos filhos, e durante a estada viveram como se fossem uma família. O homem

Denise agora não espera quase nada da vida: limita-se a criar os dois filhos com a ajuda da mãe e a aturar o marido que continua a beber sem parar

nhar-se, quando Raí foi à agência de viagens marcar o voo de regresso a Portugal. Aí descobriu que o nome de Jorge era afinal Alberto. Fingiu que não sabia, deixou-o abalar de coração partido e, sobretudo, cheia de vergonha.

Mas, alguns dias mais tarde, o tal «Jorge que era Alberto» telefonou-lhe a dizer que tinha estado a fazer um «estudo de mercado» e que o melhor negócio em Portugal eram as casas de prostitutas brasileiras. Queria saber se ela não lhe podia mandar algumas, que ganharia a sua parte com isso. Aí ela não aguentou. «Será que não há nada verdadeiro nesse país que dizem que é nosso irmão?», respondeu-lhe, pousando o auscultador. Para esquecer de vez Portugal. [4]

## «Será que não há nada verdadeiro nesse país que dizem que é nosso irmão?», lamenta-se Raí

der ir buscá-la ao aeroporto, depois não lhe ligou mais e ela andou em bolandas. Viveu em casa de amigas e amigos brasileiros, todos do mundo da prostituição. «Em Penafiel vivi num 'apartamento de parada' de uma amiga minha. Quando ela recebia os homens tinha de sair do único quarto que tinha aquecimento. Depois, voltava quando ela acabava o serviço», recorda. Foi Pena-

rece um comboio desgovernado, sempre a sair dos carris. Nunca aprendeu com os erros. E quando se tinha tornado outra vez prostituta profissional, voltou a envolver-se com outro português. Mais um cinquentão de falinhas mansas e bolsos recheados. Outro construtor civil. Divorciado. Este último namorado visitou-a no Brasil, depois dela ter regressado, há cerca de um mês. Mais uma vez, Raí

que ela afinal mal conhecia dormiu na cama dela, os filhos levaram-no a jantar nos melhores rodízios da cidade, ofereceram-lhe uma caneta e uma camisa da igreja evangélica que frequentam a dizer «Jesus te ama» como está documentado nas fotos sorridentes que Raí tirou e guarda num álbum. Ele levou-lhes um porta-chaves do Futebol Clube do Porto.

Tudo parecia encami-



# PROFISSÃO GIGOLÔ

O brasileiro Alex em pose numa pensão do Porto. Embora possua um guarda-roupa esmerado, para a sessão fotográfica usa um fato do Maria Gonzaga Guarda-Roupa





Eles, os gigolôs, cedem favores sexuais a troco de dinheiro. Elas, as clientes, satisfazem fantasias. A gerir este negócio estão as agências de acompanhantes

O fenómeno é recente e importado dos EUA. As agências de acompanhantes chegaram ao universo da prostituição masculina em Portugal. Com a promessa de maior segurança, higiene e «qualidade», estes bordéis de luxo estão no topo do mercado sexual para mulheres. São empresas especializadas que agrupam no seu portfólio rapazes de todos os estilos, raças e corpos. Basta folhear a secção de classificados dos jornais ou digitar as palavras «escort boys» num qualquer motor de busca na Internet para dar de caras com agências que «alugam» rapazes à hora ou por uma noite, que pode estender-se até dez horas. Para favores sexuais ou simples adorno em festas.

das as ocasiões. Desde momentos só de prazer, para companhia ou até para relações duradouras. Está na hora de ter realmente prazer». O crescente sucesso destas empresas parece ser uma consequência directa da emancipação feminina. Depois do fenómeno das despedidas de solteiras ter apimentado o imaginário feminino com espectáculos de «striptease», a noção de «homem objecto» estende-se agora ao acto sexual completo.

Para os que viram o filme *American Gigolo*, em 1980, é impossível não associar a palavra gigolô à personagem que catapultou Richard Gere para a fama. O filme é uma versão romanceada do mundo da prostituição masculina, com bons carros, bons ho-

As tarifas cifram-se **entre os 50 e os 200 euros**. Um preço elevado, mas que garante um convívio íntimo

Os nomes são sugestivos. Clube dos Garanhões, Carnavalia ou TopElite: são alguns dos «sites» onde piscam imagens de homens seminus a exhibir corpos musculados em poses eróticas, estereotipadas ou francamente pornográficas. Uns de livre acesso, outros pagos. Clicando em cima de cada uma das imagens, abrem-se páginas com fotos dos «modelos» — quase sempre de cara distorcida — e com todo o tipo de informações. Do nome, idade, peso e altura até ao tamanho e diâmetro do pénis; se têm local próprio ou se se deslocam ao domicílio; se se envolvem só com mulheres ou também com homens ou casais. As tarifas cifram-se entre os 50 e os 200 euros.

Na «homepage» do Clube dos Garanhões, no Norte de Portugal, pode ler-se a seguinte nota: «Este 'site' destina-se somente a mulheres. Conseguimos escolher o homem para to-

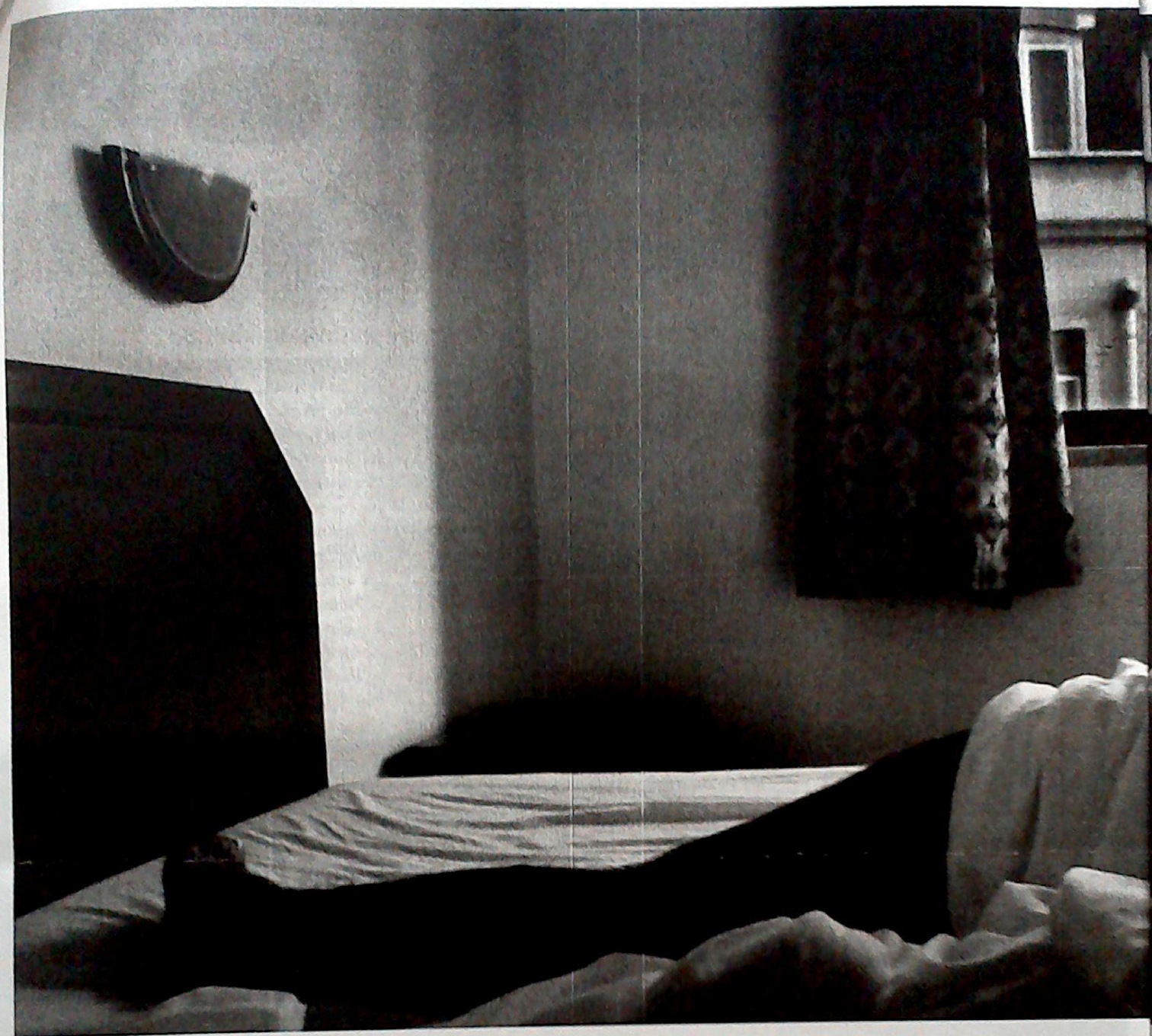
teís e boa roupa. Embora no dicionário a definição de gigolô seja a de proxeneta, e não de prostituto, no mundo real a palavra está largamente associada à personagem que dá prazer às mulheres a troco de dinheiro — como a conhecida figura algarvia Zezé Camarinha. Gigolôs, prostitutos ou «escort-boys»: diferentes designações para a mesma actividade.

#### APARTAMENTO NO ROSSIO

Na secção de classificados de um jornal diário da imprensa nacional, prometiam-se: «Rapazes... Novidades... semanais... 18, escultural, completíssimo... 22, mulato, versátil... 24, musculado, activíssimo... 26, mulatão, dotadíssimo... 'show gay'... Apartamento espectacular... Rossio... Deslocações... English... Francês». E um número de telefone.

Quarta-feira. Do outro lado da linha,





Marcelo, o aspirante a aviador, fotografado num quarto de hotel nos Anjos, em Lisboa

uma voz masculina explica as regras da casa. Só se aceitam marcações uma hora antes do encontro — o negócio é gerido ao sabor dos entusiasmos do momento. Pode optar-se pelo sistema de «consumo imediato», no local, ou usar a modalidade do «take away», com as despesas de táxi adicionadas ao preço base. Uma hora são 100 euros. Mais deslocação, caso não se queira ficar no tal «apartamento espectacular do Rossio». Não há encontros em locais públicos, «por causa das partidas de mau gosto, que fazem perder tempo e horas de trabalho aos rapazes». Para o caso do local escolhido ser um hotel, é necessário deixar o número de telefone e o do quarto.

Sexta-feira. Dia do encontro. Pedimos um típico macho ariano: louro,

olhos azuis, de preferência com 1,80 m. Explicam-nos que por causa do feriado alguns rapazes foram de fim-de-semana, em trabalho. Restam um mulato de 26 anos e um moreno de 24. Optamos pelo último, que traz anexado na ficha um curso de piloto em Tires. Um gigolô aviador... Para vivermos o percurso de uma cliente normal, a jornalista faz-se passar pela interessada. Depois de assumida a reportagem, o outro jornalista juntar-se-á à conversa.

17h30, a «cliente» chega ao Rossio. Volta a ligar, tal como combinado. Desta vez, atende uma mulher. Diz o número da porta e do andar e pede para subirmos e vermos se a mercadoria nos agrada. Batemos à

porta. Surge uma senhora, dos seus 60 anos. De vestes sóbrias, é educada e simpática — não corresponde nada ao tipo de pessoa que se espera encontrar ali. Encaminha-nos para uma sala pequena, ao fundo do corredor, e pede-nos para esperar. A situação é desconfortável, sobretudo pela sensação de insegurança e vulnerabilidade. A sala é pequena, com algo no tecto que parece uma câmara de filmar. Minutos depois, somos encaminhados para o quarto ao lado, um espaço exíguo, com uma cama, um espelho a forrar uma das paredes — fetiche típico destes cenários de encontros — e um chuveiro espaçoso. Há ainda uma ventoinha, um caixote do lixo pequeno e um pratinho de





aparas decorativas com cheiro a morango. Os elementos estritamente necessários para as funções ali desempenhadas.

#### MARCELO, O NOVATO

Entra finalmente a mercadoria. Um moreno encorpado, 1,70 m, sotaque brasileiro e apresentação ensaiada: «Olá, eu sou o Marcelo, tenho 24 anos, sou de Belo Horizonte e estou a tirar o curso de piloto em Tires». A fisionomia é vulgar. A senhora volta para receber o dinheiro: «Então, agradou-lhe?» A sensação é a mesma de estar no talho a escolher uma peça de carne. Procede-se à transacção. Cem euros em troca de uma hora. Somos informados em relação

**O regime é quase de escravatura. Os jovens estão «ao serviço» das 11h da manhã às 2h da madrugada**

ao «tempo de consumo». «Começa a contar a partir do momento em que chegarem ao hotel».

Marcelo está em Portugal há dois anos, mas neste negócio só anda há uma semana. Apesar disso, já teve oito serviços. Aprendeu depressa a canção do bom gigolô. Vem com uma rosa vermelha na mão e uma lata de leite condensado no bolso. «Costumo também usar chocolate líquido, nos preliminares», informa. Apressa-se a dizer que só está no mercado do sexo temporariamente, por se encontrar numa situação difícil. Até porque, diz,

«chamando as coisas pelo nome, isto é prostituição». Quer manter «as aulas de aviação». O seu sonho é ser piloto de longo curso, garante.

Foi através de um amigo que conheceu o patrão, uma espécie de proxeneta que gere os encontros dos rapazes da agência. O regime é quase de escravatura. Os jovens têm de estar «ao serviço» das 11h da manhã às duas da madrugada, à espera dos telefonemas dos clientes. Pausas, só de meia hora, para almoço e jantar. Estão incomunicáveis, pois os telemóveis são retidos durante todo o dia. «Não podemos



## JSD quer legalizar prostituição

«A posição da JSD aproximou-se sempre da via da legalização», explica Jorge Nuno Sá, presidente da Juventude Social Democrata. «Por vários motivos. Primeiro, porque a prostituição existe. Segundo, porque há problemas associados». As principais preocupações dos juvenis militantes da coligação governamental relacionam-se com «a protecção social dos prostitutos e prostitutas e com a sua pro-

tecção física — sobretudo por motivos de saúde pública».

Nuno Sá admite, no entanto, que a legalização não venha a ser a posição adoptada pela sociedade civil. Daí a necessidade de haver um «debate público». Ao contrário de instituições como a associação Ninho, que presta apoio a dezenas de prostitutas e é assumidamente contra a legalização, a JSD acredita que «a prostituição é legalizável, em teoria». Até porque, assegura Nuno Sá, «há quem se prostitua por opção e não apenas por necessidade.

Nomeadamente na prostituição de luxo e no segmento universitário».

Apesar da posição da JSD ser pró-legalização, Nuno Sá não acredita que o caminho seja o do «Bairro Vermelho» de Amsterdão, onde as prostitutas estão legalizadas, pagam impostos e têm até um poderoso sindicato. Considera que a legalização pode ser um primeiro passo contra a discriminação. Quanto às agências de «acompanhantes», pensa que o seu sucesso resulta da maior segurança que os clientes sentem. **U**



na cama. Enquanto isso, passa um vídeo pornográfico. «Quando estiveres activo, avisa». Altura para tirar as medidas ao pénis (comprimento, diâmetro) e examinar a glândula. Segue-se uma análise pormenorizada do corpo. Tudo é verificado: se têm cicatrizes ou tatuagens (nesta agência não se aceitam pessoas tatuadas). O proxeneta inspeciona-lhes ainda os pés — se estão limpos, se

nhou 400 euros. Cobra 100 à hora, mas metade vai para a agência. Tem uma tática para não ser barrado nas recepções dos hotéis. «Finjo que falo ao telemóvel até chegar ao elevador», o que dá um ar descontraído e insuspeito. Para se aperfeiçoar nas artes da alcova, inspirou-se nas conversas no mundo da Internet. «Abre muito a mente», assegura.

### CLIENTES DOS 23 AOS 50 ANOS

As clientes não obedecem a um perfil-tipo, nem tão pouco ao estereótipo da mulher de meia-idade, feia e mal de amores. «Há de tudo». Desde jovens de 23 anos a mulheres de 50. Há também procura por parte de casais, em que o marido é apenas observador não participante — o típico «voyeur».

O brasileiro confessa: é muito cansativo dar o corpo ao manifesto. Mas, como bom profissional, defende ter a obrigação de «as satisfazer». «Elas têm que soltar um 'Ai, graças a Deus!' no final». Devem sentir-se como rainhas...

Marcelo gosta de começar por

As clientes não obedecem a um perfil-tipo. «Há de tudo», desde jovens de 23 anos a mulheres de 50

atender chamadas pessoais», confessa Marcelo. Uma regra estabelecida para evitar a marcação de serviços fora da agência. Mas o brasileiro confidencia-nos que tem sempre consigo escondido um segundo telemóvel.

Para integrarem a equipa, os rapazes, entre os 18 e os 26 anos, têm de se submeter a provas de selecção, numa inspecção minuciosa a todas as partes do corpo. O patrão manda-os despirem-se e a seguir pede-lhes que se deitem

as unhas estão cortadas — e os dentes.

Uma estratégia curiosa do patrão é alinhar todos os rapazes da agência, em jeito de montra, sempre que aparece um cliente — mesmo que este seja homossexual e o jovem escolhido não. «O que interessa é fazer número», conta Marcelo. Um dos seus colegas é casado. Diz à mulher que trabalha num hotel e num restaurante.

Nos oito serviços da semana em que se estreou, «só a mulheres», Marcelo ga-





de forma carinhosa...» Mas sempre de modo a que elas sintam que são as próprias a pedir.

Apesar da curta experiência, Marcelo já tem histórias insólitas para contar: como o caso de um casal italiano que lhe pagou 500 euros para que estivesse com eles durante uma noite, a dançar. Ou da rapariga que, mal entrou no quarto, se deitou na cama aos brados de «eu sou a tua escrava...»

Sem saber a quantidade de serviços que tem por dia, Marcelo usa artifícios para se «poupar». «A maioria das vezes tento não ejacular, a não ser que ela peça». Simula que atinge o clímax, e sem que ela se aperceba, tira o preservativo, para não denunciar o truque. Outras vezes nem chega à penetração. Quem disse que só as mulheres sabem fingir orgasmos?

#### ALEX, O «SUPER STRIPPER»

«TopElite, boa tarde», atende uma voz feminina, em tom de perfeita normalidade, com leve sotaque norte-nho. No «site» da agência, ilustrado com fotos, garante-se: Alex é «o su-

so, à conta das obras da cidade. Alex espera, sentado numa cadeira em frente à recepcionista. É moreno, cabelo curto alisado com gel, lábios grossos. Tem 1,72 m, é entroncado e não particularmente bonito. Vem de calças de ganga e «t-shirt» muito justa, sob a qual os músculos dos braços e do peito parecem querer rebentar. Por baixo da manga direita despontam os pés de uma mulher nua, tatuada a verde. Usa dois brinco na orelha direita. Não é difícil tirar-lhe a pinta.

Tem 32 anos e é natural de uma aldeia da Bahia. Está em Portugal há três anos, na agência há um. Leva duas vidas: é gerente de uma loja de telemóveis durante o dia, «stripper» e «escort» nas horas vagas. Junta assim aos 700 euros mensais cerca de 300. No Porto há uma procura feminina muito inferior à de Lisboa.

Foi no Brasil que se estreou como «stripper» «e, muitas vezes, rolavam coisas nos 'privados'». Veio para Portugal através de um amigo, engrossar as fileiras do clube nocturno Passerelle, na capital. Quando os patrões decidiram «rodar os 'meninos', para que houvesse sempre caras novas», Alex mudou-se para o Porto. E ficou. Quer voltar para o seu país, só não sabe quando.

Marcelo diz sentir obrigação em satisfazer as clientes.  
«Elas têm que soltar um 'ai graças a Deus!'»



uma massagem relaxante, para as pôr mais à vontade. «Assim, a situação deixa de ser tão desconfortável». Só há uma coisa que ele não faz: beijar na boca... Quando se depara com clientes menos atraentes, procura defender-se, levando-as a práticas que o excitam, como sexo oral. «Eu peço

per 'stripper' masculino que as mulheres adoram». Cobra 200 euros à hora ou 500 por uma noite, que pode durar entre quatro e dez horas. Marcamos o encontro: sexta-feira, às 15h, numa pensão perto da Avenida dos Aliados, no Porto. Negócio fechado.

Chegamos com 45 minutos de atra-

#### «É PRECISO GOSTAR»

O corpo trabalhado, deve-o a anos de práticas desportivas: foi campeão de «fisculturismo», professor de «kung-fu». Hoje, para manter a boa forma, vai ao ginásio quatro vezes por semana, fazer musculação e capoeira. Alex transpira sexo, na forma como se mexe, no modo como olha e fala. Confessa que dificilmente consegue olhar para o seu «ofício» como um trabalho — afinal, corre por gosto... Resume tudo na seguinte frase: «Uma pessoa não acorda um dia e decide: 'vou virar profissional do sexo'... É preciso gostar!»

Passados 15 minutos de conversa, decidimos arriscar. Identificamo-nos como jornalistas, asseguramos que não precisa de dar a cara nem o nome. Propomos passar uma hora com ele, ao preço cobrado habitualmente, para o entrevistar e tirar algumas fotografias. Entramos no hotel e pedimos um quarto. Muito profissional, Alex olha para o relógio, e faz a conta: «16h30... Às 17h30, acabamos». E começa a despir-se. Visto de perto, nota-se que rapa os pelos do peito e da



## Gigolôs são reflexo da «modernidade feminina»

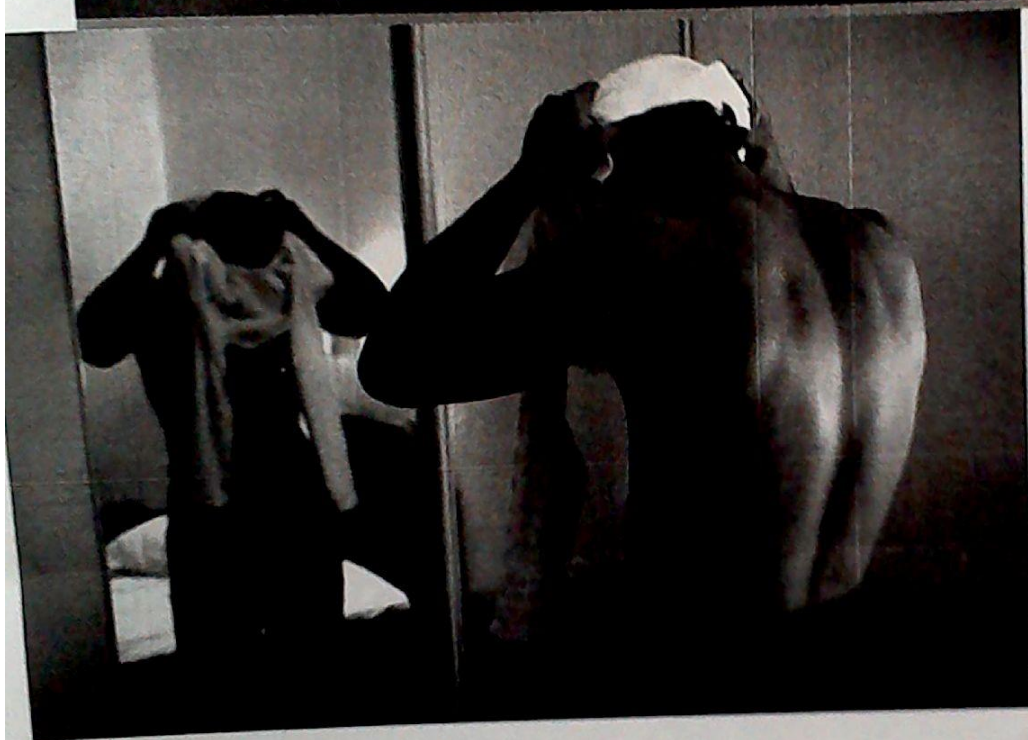
«Embora menos garrida e detectável, a prostituição masculina existe provavelmente em maior quantidade do que a feminina». Quem o diz é o investigador criminal José Martins Barra da Costa, baseando-se no estudo que desenvolveu para o seu livro *Prostituição 2001 – O Masculino e o Feminino de Rua*. Adianta: já existem nas grandes metrópoles «pensões e hotéis a viver à custa dos prostitutos». Alguns iniciam-se na actividade pela via da rua, no

mercado homossexual. Ascendem, depois, ao estaluto de gigolôs agenciados. «A entrada na via feminina ou heterossexual conduz à conseqüente saída da rua», diz o especialista.

Tem uma explicação fundamentada para a novidade das agências de rapazes. Aponta a entrada do «strip-tease» masculino em Portugal — com clubes privados criados para o efeito — como um tímido início da «escalada evolutiva em matéria de abertura, liberdade e escolha sexual conquistadas pelas mulheres». Passaram a ler acesso aos mesmos serviços de acompanhamento e convívio íntimo que já tinham os homens. A motivação é simples: «A maioria

das clientes envolve-se com estes rapazes por mera curiosidade», sustenta Barra da Costa. «Para elas, é sinónimo de modernidade».

De acordo com o seu estudo, os prostitutos deixam a actividade mais cedo do que as suas congéneres. Os rapazes «não ultrapassam os 40 anos no activo, enquanto existem mulheres a exercer até aos 64». Os gigolôs atingem o auge profissional aos 20 ou 25 anos, registando-se um declínio entre os 30 e os 39. Quanto ao estado civil destes homens que andam «na vida», os solteiros constituem a maioria (76%), seguidos dos divorciados (10%), dos separados (5%) e dos que vivem em união de facto (5%).



### A portuguesas são tradicionalmente acanhadas, mas quando estão com eles pedem coisas ousadas

barriga e que tem alguns cabelos brancos que disfarça com tinta.

Alex posa para a câmara com uma naturalidade e sensualidade inatas. Excita-se várias vezes ao longo da sessão. Aliás, admitirá mais tarde: «Excito-me muito facilmente. É só chegar perto de uma mulher. Às vezes, quando estou um dia inteiro atrás do balcão a vê-las passar, chego à noite e não consigo dormir». Tal como Marcelo, só faz serviços com mulheres e com casais — «Homens é que nunca».

Perguntamos-lhe qual o perfil mais comum das clientes, os pedidos mais frequentes, as suas próprias preferên-

cias. Alex fala abertamente: a mulher portuguesa é tradicionalmente acanhada, mas depois solta-se. «Por exemplo, nos 'shows' de 'strip', aqui no Porto, nota-se que há mulheres que têm vontade de se meterem, mas depois não o fazem por causa das amigas, do que podem dizer. Em Lisboa já é menos assim».

Quando estão com ele, assegura, as mulheres pedem coisas ousadas. A escolha mais frequente é sexo anal, que não fazem com os namorados. Outro exemplo são os vibradores. «Muitas não pedem, mas eu tenho um, e quando pergunto se não querem brincar e digo que não vão se ma-

chucar, elas gostam». Conta o episódio de um casal de noivos que requisiitou os seus serviços. O futuro marido decidiu oferecer à namorada um encontro com um gigolô, como despedida de solteira, enquanto ele assistia. «Era um casal de 'swingers', que já tinha o hábito de fazer trocas de casais. Eram novos — ele tinha 32 e ela 27 —, gente com grana...»

#### «GOSTO DE DONAS DE CASA»

Alex tem a postura de um Don Juan. Assume com orgulho os seus 19,5 cm «em esplendor», o facto de ter um instrumento de trabalho «mais grosso» que o habitual — de tal modo que «não cabe em qualquer preservativo». Garante que usa sempre «camisinha», apesar de, como dizem os amigos, «ter o hábito de pôr a boca em todo o lado». Adora sexo oral. Confessa até gostar de algumas práticas mais «hardcore»: «chuva dourada (urinar em cima do parceiro) na cara, na boca, dependendo do grau de excitação».

O seu sonho erótico é «estar com cinco mulheres ao mesmo tempo». Talvez por isso não tem namorada, porque, diz, cansa-se de andar muito tempo com a mesma mulher. E garante que o seu tipo de mulher não é «a modelinho magrinha, lourinha, que se vê na discoteca. No fundo», confessa, «eu gosto da mulher vulgar, estilo dona de casa».

Certo é que, apesar de ser um mercado mais pequeno e menos lucrativo do que a prostituição procurada por homens, os serviços para mulheres estão em ascensão. Desengane-se quem acha que a crise bate a todas as portas. Não há recessão na indústria do sexo. (E)





A futura oficial de ligação do SEF no Brasil diz que as mulheres são enganadas nos salários

# A maior parte das prostitutas brasileiras “sabe para o que vem”

ENTREVISTA COM  
ISABEL BURKE

A inspectora do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras que vai ser colocada no Brasil para combater a imigração ilegal desfaz o “mito” das vítimas de tráfico forçadas a prostituírem-se.  
Por Ana Cristina Pereira e Pedro Cunha (foto)

O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) irá, “dentro de dias”, colocar oficiais de ligação no Brasil, na Ucrânia, na Roménia e na Moldávia. Isabel Burke, até agora na Direcção-Central de Investigação, Pesquisa e Análise de Informação do SEF, transfere-se para o Brasil, país que aponta Portugal como um dos seus principais destinos de tráfico humano. Pretexto para falar, também, sobre o relatório anual do Departamento de Estado norte-americano que faz a avaliação de 140 países, nomeadamente Portugal.

**PÚBLICO** - O relatório do Departamento de Estado norte-americano refere 54 pessoas detidas em Portugal por crimes relacionados com tráfico humano em 2003. Quem são estas pessoas?

ISABEL BURKE - Ninguém lhes disse isso. Isso é uma leitura ampla dos americanos. Esteve lá há pouco, um mês inteiro, a fazer um curso sobre tráfico de seres humanos. Andei por todo o lado, falei com imensa gente, a conclusão é que chego é que a maior parte nem sabe o que é isso. Fazem um relatório mundial no qual classificam os países em três escalões, mas internamente não fazem a sua própria avaliação. Seria muito interessante, se eles fossem avaliados, ver em que escalão ficariam... Portugal tem ficado sempre no primeiro, o dos países que cumprem a legislação internacional, mas a Holanda estava para baixar para o segundo nível simplesmente por legalizar a prostituição. Os cri-

térios que eles têm são deles.

Portugal tem de ter o entendimento da Convenção de Palermo [a qual implica sempre alguma forma de coacção ou engano e controlo sobre a vítima], que assinou e se prepara para transpor para a legislação interna.

Sim. Os americanos consideram que para haver tráfico uma pessoa tem de estar presa, fechada dentro de casa, sem documentos, ser uma escrava do século XXI. Isso, em Portugal, é raríssimo. Estou aqui há anos e lembro-me de um ou dois casos com coacção muito forte. O que há é que nós consideramos tráfico, mas que os americanos já não consideram - são redes organizadas que trazem imigrantes perfeitamente controlados desde o país de origem até ao país de destino. Apesar de andarem na rua e poderem mudar de local de trabalho, têm os documentos retidos na rede e têm de pagar uma mensalidade ou uma semana para poderem trabalhar. Os imigrantes acham que é melhor pagar a estas redes do que ir à esquadra ou ao SEF ou mesmo à PJ fazer uma denúncia.

**Por causa das ameaças?**

Exactamente. A coacção psicológica pode passar a física e há vários casos de homicídio... Até para servirem de exemplos aos outros imigrantes.

E com a legislação actual [que prevê apenas tráfico para exploração sexual] nem se pode prender quem faz tráfico para exploração laboral...

Não temos legislação [específica] para aplicar. Valemos-nos da Lei da Imigração e de vários crimes tipificados no Código Penal. Sabemos que as redes, por exemplo da Ucrânia, fomentam a imigração. Dizem às pessoas para virem, que vão ganhar muito bem, e cobram um pacote de viagem [que pode incluir visto de curta duração e transporte]. Têm sido condenados diversos grupos organizados - por auxílio à imigração ilegal e por crimes como falsificação de documentos, extorsão, sequestro...

Se houvesse legislação, as tais 54 pessoas podiam estar presas por tráfico?

Algumas estariam.

E as prostitutas brasileiras? Portugal é apontado pelo Governo de Lula da Silva como sendo o quinto maior destino das vítimas de tráfico oriundas daquele país.

Quase todas, eu diria que 90 por cento, das que vêm para a prostituição sabem para o que vêm. No Brasil, umas já eram prostitutas, outras não eram, mas, devido ao que se ganha na prostituição, preferem vir cá fazer um ano ou dois ou mesmo uns meses... Quando voltam, têm um pé-de-mola para estruturar a vida.

**Ha quem considere isso tráfico.**

A corrente mais purista diz que há exploração, há tráfico. Há outra que diz que não, que a partir do momento em que a mulher sabe ao que vem e pode movimentar-se e deixar o local de trabalho no dia em que muito

bem entender é uma imigrante ilegal e nada mais do que isso. E há aquela que diz que aquilo não é trabalho, não é colectivo, portanto nem sequer é imigração ilegal. É complicado...

**O engano é o salário?**

A maioria das enganadas são no nas condições de trabalho e nos vencimentos: prometem-lhes três mil euros e vêm ganhar 1500, em vez de trabalharem numa discoteca, trabalham numa casa atrás do sol posto. Isso é tráfico? É uma burla? Não digo que não haja as que pensavam que tinham para outro trabalho - entre tantas mulheres, isso acontece com uma ou outra. Mas estou farta de ir a discotecas e a bares de álcool e, não há, nenhuma brasileira pedindo ajuda. E são entrevistadas à parte, com os devidos cuidados, para não se sentirem ameaçadas, não correm riscos...

As últimas operações em casas de alterne, e tem havido muitas ultimamente, só falam em brasileiras. A rota de Leste acabou?

Quando houve a onda de imigrantes de Leste, vieram algumas mulheres para a prostituição e houve casos complicados. Neste momento, é diminuído o número das que estão na prostituição. As brasileiras tomaram conta desse mercado. Falam a língua, são carinhosas, são simpáticas. Não sei explicar, mas acho que isso tem a ver com os gostos dos portugueses e com o tipo de dinheiro que as mulheres de Leste conseguem ganhar noutros países da União Europeia...

Dá a vo

A Qualidade do IST  
na Alameda e no Taguspark

LEIC, Licenciatura em Engenharia Informática  
e de Computadores





# etade dos ilegais



## Requerimento [60 dias]

### ■ QUEM SÃO OS CANDIDATOS?

Todos os que tenham sido notificados, pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, para fazer o requerimento. Nesta notificação deve estar mencionada a culpa devida pelo período em irregularidade (em média €350).

### ■ ONDE SE EFECTUA?

No SEF

### ■ QUAL É A DOCUMENTAÇÃO NECESSÁRIA?

- Comprovativo dos descontos efectuados para a segurança social e para a administração fiscal, a partir de retribuições de trabalho dependente, em data anterior à entrada em vigor do DL 364/2003 de 25 de Fevereiro - (13 de Março de 2003)
- Documento de viagem válido e reconhecido (passaporte)
- Comprovativo das condições de alojamento;
- Certificado de registo criminal emitido em Portugal e no país de origem (através das representações diplomáticas do país de origem)

### ■ QUANTO TEMPO DEMORA?

A resposta ao requerimento por parte do director do SEF não deve exceder os dois meses

GABRIEL CATARINO, director do SEF

## «As expulsões não vão aumentar»

O DIRECTOR do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) promete a reorganização dos serviços para responder com celeridade à nova vaga de processos que vão chegar ao SEF. Gabriel Catarino, que tomou posse há três meses, acredita que o novo regulamento de Imigração não vai fazer aumentar as expulsões de ilegais.

**EXPRESSO** — Que impacto vai ter este novo regulamento no SEF?

**GABRIEL CATARINO** — Tal como aconteceu com o processo decorrente do acordo luso-brasileiro, vamos dar uma resposta faseada e calendarizada. O SEF vai intervir após o recenseamento prévio no Alto Comissariado para a Emigração e Minorias Étnicas e feito o levantamento do universo de cidadãos a regularizar.

**EXP.** — Não irá acontecer o mesmo que está a acontecer com os brasileiros (em que os vistos concedidos não foram mais que uma centena, num universo de cerca de 20 mil pré-registrados)?

**G.C.** — Isso explica-se pelas dificuldades burocráticas e certamente por algumas resistências da parte dos empregadores. Muitos não visam os contratos na Inspeção Geral de Trabalho. Note-se, porém, que convocámos 11.800 brasileiros,

para que lhes fosse concedido o visto, e só responderam 5800.

**EXP.** — Mas também é conhecida a morosidade do SEF a responder aos pedidos. Porquê?

**G.C.** — Em grande parte devido à necessidade de confirmar certas situações e também porque há algumas carências de pessoal.

**EXP.** — O que pretende fazer para que isso deixe de acontecer?

**G.C.** — Para já, criei um grupo de coordenação nacional, dos sectores de controlo, fiscalização e investigação, que procederá ao planeamento estratégico e operativo de toda a acção do SEF. Isto vai permitir que a informação flua mais rapidamente e se possam confirmar também de forma mais célere as informações apresentadas pelos requerentes. A longo prazo, vou propor a alteração da lei orgânica do SEF. Quero, por exemplo, criar uma unidade central de informação e imigração que reúna algumas valências que, neste momento, estão dispersas por distintas direcções centrais.

**EXP.** — Continua com falta de meios humanos?

**G.C.** — Vai haver este ano um reforço importante de 179 inspectores (ou seja, um reforço de 30% destes profissionais). Os meios humanos, tal como os materiais, provavelmente, nunca serão suficientes. Mas é possível funcionar muito me-

lhor, com uma reorganização eficaz e a eliminação de algumas etapas burocráticas dispensáveis.

**EXP.** — Quais foram as maiores «fragilidades» que encontrou?

**G.C.** — Sem dúvida a falta de interligação entre as três áreas operacionais do SEF: o controlo de fronteiras, a fiscalização e a investigação criminal. Do que me apercebi, não flui a informação entre os sectores de actividade.

**EXP.** — E qual é o resultado?

**G.C.** — É péssimo pois é susceptível de diminuir a capacidade de compreensão dos fenómenos que o SEF deve controlar e investigar.

**EXP.** — O que acontecerá aos imigrantes que não conseguem legalizar-se agora?

**G.C.** — Naturalmente que, se detectados, vão ficar sujeitos às medidas previstas na legislação: o retorno voluntário ou a expulsão.

**EXP.** — E está previsto algum reforço de meios e verbas?

**G.C.** — Não, porque não pensamos que do processo possa, necessariamente, decorrer um maior volume de expulsões ou afastamentos. Os diplomatas são bastante abrangentes para as várias situações em que se encontram os imigrantes que já cá estão.

**EXP.** — O aumento da criminalidade praticada por cidadãos estrangeiros em cerca de 30%, no ano passado, é preocupante?

**G.C.** — Isso tem de ser enquadrado no cômputo da criminalidade global. Dessa forma, são valores pouco significativos.

**EXP.** — Quais são actualmente as prioridades do SEF?

**G.C.** — O rigor no controlo de entradas de estrangeiros, a fiscalização de faixas de imigrantes (que cada vez mais se mostram preocupantes para o tecido sócio-económico) e o aprofundamento das acções de investigação.

**EXP.** — Os investigadores e fiscais do SEF ameaçam com uma greve durante o Euro-2004 se não lhes for pago o subsídio a que têm direito. Admite que isso possa acontecer?

**G.C.** — Admito. Com sérias e fundadas preocupações para a segurança do evento e para a imagem de Portugal no estrangeiro.

M.R. e VALENTINA MARCELINO

tadas são a de armador de ferro (900), empregado de mesa (800) e a de carpinteiro (700).

Este levantamento serviu ainda de base a um estudo

zer». O que é necessário, realinha o ministro da Presidência, «é criar condições de acolhimento, como as que se preconizam com a regulamentação da lei, e que nunca tinham sido adoptadas com os sucessivos processos de legalização extraordinária que se fizeram».

Para o governo, estes processos «não impediam a acção dos que se aproveitavam da mão-de-obra ilegal, as empresas de empregadores e alguns empresários» — a quem o ministro promete «mão pesada» na vigilância e na condenação, porque «as regras estão definidas e ninguém poderá infringir o que foi legislado para uma correcta harmonia social».

Os menores nascidos em Portugal até Março de 2003, bem como os seus pais, vão poder ficar legalizados

do universitário macro-económico, determinando que a necessidade de imigrantes a médio prazo (dois a três anos) aponta para um número de 25 mil pessoas.

Morais Sarmiento considera que «Portugal precisa e continuará a necessitar de imigrantes, particularmente em alguns trabalhos que os portugueses já não querem fa-



«Dos 11.800 brasileiros convocados para se legalizarem, só responderam 5800»



# ECONOMIA

## & INTERNACIONAL

14  
02  
2004



# FUGA

## do

# Brasil

PORTUGAL chegou a ocupar a terceira posição no «ranking» dos maiores investidores estrangeiros no Brasil, mas, em Agosto de 2003, o desinvestimento português no mercado brasileiro era superior ao investimento.

Desde o meio da década de 90, quando os empresários portugueses seguiram o toque de avançar de António Guterres, que há histórias tristes para contar. Instituições financeiras como a Caixa Geral de Depósitos ou Espírito Santo registaram elevadas perdas e tiveram de trocar as operações directas por participações em bancos brasileiros. A Jerónimo Martins não aguentou o ritmo de um mer-

cado imenso e vendeu tudo o que tinha, registando nos livros um prejuízo de 80 milhões de euros.

A Sonae não se cansa de repetir que as regras no Brasil não são vantajosas e os analistas já fazem as contas ao que Belmiro de Azevedo arrecadaria se vendesse a distribuição: cerca de 400 milhões de euros e não seria um bom negócio para o empresário, que não esconde não ter condições para gerar riqueza. A Brisa está atenta à hipótese de nacionalização das portagens no Paraná. Contentes, estão os empresários do turismo e, sobretudo, a PT, com os mais de 20 milhões de clientes da Vivo.



O primeiro a sair foi a Jerônimo Martins. A EDP congelou o investimento. A Brisa sofre o espectro da nacionalização. Belmiro está a pensar

# Brasil passou de MODA

| Empresa | Capital Investido        | Áreas                                                                                                                      | Posicionamento Estratégico                                                       |
|---------|--------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|
|         | 6,5 mil milhões de euros | Vive la SGPS com o apoio da Telerónica operador de telecomunicações móvel em São Paulo, com 20 milhões de clientes.        | Atenta a novas aplicações, sobretudo em Minas Gerais.                            |
|         | 2 mil milhões de euros   | Distribui 53% da energia do país. Participa em quatro centrais e cinco empresas de distribuição de eletricidade.           | Complexo de novos investimentos.                                                 |
|         | 1,5 mil milhões de euros | Terceiro maior na distribuição, seis centros comerciais (incluindo o maior da América Latina) e uma fábrica de automóveis. | Está descontente com o país.                                                     |
|         | 840 milhões de euros     | Cinco cimentarias (é o maior estrangeiro do sector).                                                                       | Espreia novas oportunidades.                                                     |
|         | 170 milhões de euros     | Tem 21% na maior concessionária de auto-estradas da América Latina.                                                        | Decisão depende do Paraná, onde o governador pretende nacionalizar as portagens. |

## CHRISTIANA MARTINS\*

**B**ELMIRO de Azevedo está zangado. A EDP, vaivém, a O Deutsche Bank aconselha a PT a vender a Vivo. O Brasil passou de moda e o Governo aposta para Espanha e o Leste.

«Um filme de terror económico», foi como o administrador de um grande grupo português presente no Brasil definiu as agudas dos investidores estrangeiros naquele mercado. «Os capitais não são recuperáveis e é difícil exportá-los». Lula quer que os grupos económicos paguem a crise e os reguladores não são independentes. As regras mudam a meio do jogo», explica.

Há um e mais, a Jerônimo Martins foi o primeiro grupo a bater com a porta. Vendeu tudo, perdeu 80 milhões de euros, mas os analistas dizem que não foi mau negócio.

A EDP teve de dar um passo atrás, mas os prazos e o Governo Lula de que os investimentos na construção da central hidroeléctrica de Petrópolis estejam suspensos, a menos que houvesse financiamento em boas condições e respectivamente da estrutura acionista. Houve e as obras foram retomadas, mas Lisboa deixou claro que não envia mais dinheiro para o outro lado do Atlântico.

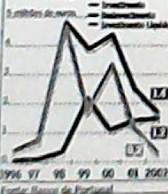
Até Agosto, os dados do Banco de Portugal demonstram que o de-

investimento no Brasil ultrapassou o investimento.

Joaquim Ramos Silva, professor do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), critica o Governo por ter tomado a Espanha «a prioridade número um», concentrando nesse país toda a energia e provocando um crescimento desmesurado do investimento directo. Uma opção, adianta, muito mais preocupante que o Brasil e que está a levar ao enfraquecimento geral dos nossos laços económicos com o Centro e Norte da Europa e os Estados Unidos e a fazer perder oportunidades essenciais para a recuperação.

Belmiro de Azevedo está descontente com os resultados da Sonae no Brasil, em particular na distribuição. «Estamos em situação altamente desvantajosa, além do risco do país, não podemos recuperar os investimentos», afirmou em Davos. «Temos compreensão com as dificuldades do Governo Lula, mas essa compreensão tem limites. Ela não paga os juros dos bancos», concluiu o empresário, que assumiu ter um retorno «altamente negativo dos seus investimentos». O herdeiro Paulo Azevedo afirmou na reunião do «Com-

## Investimento directo de Portugal no Brasil



até 35% abaixo da média dos cinco maiores retalhistas brasileiros. O investimento na distribuição atingiu níveis mínimos e o mercado aguarda a venda dos activos da Sonae no

sector, o que, nas contas dos analistas, permitiria a Belmiro recolhar 400 milhões de euros mais poderia penalizar as cotizações da SGPS, por não ser um bom negócio.

Já a Brisa não é tão negativa. Explica que a opção pelo Brasil assenta na dimensão do mercado e no potencial de crescimento. A concessionária onde tem 21% enfrenta problemas com o governador do Paraná, Roberto Requião, que se propõe nacionalizar as portagens das auto-estradas da região. Mesmo que o Paraná corresponda a menos de 1% das receitas da CCR, o maior risco é que a moda alvore. A Brisa desdenha,

mas deixa um aviso: «A avaliação da situação e o posicionamento do Governo Federal terão um reflexo directo na apreciação que os investidores estrangeiros e os mercados fazem do risco Brasil. Situação delicada é vivida no turismo. Embora o grupo Pestana reconheça que existe um risco mais elevado do que na construção de novos hotéis na Madeira ou no Algarve, quer expandir no Nordeste e comprar um segundo hotel no Rio de Janeiro.

O Brasil tornou-se de longe o principal destino dos capitais portugueses no exterior e reflecte o sucesso de empresas nacionais, em fun-

da convergência da sua internacionalização, incentivada-se no território brasileiro», afirma Ramos Silva, no livro Portugal/Brasil: uma década de expansão das relações económicas 1990-2000. Explica que chegou a aplicar, entre 1991 e 2000, uma média

anual de 10% do PIB português. O grupo não foi a excepção da Telerónica (ver p. 17). «Temos, de longe, a maior representação da internacionalização relativa da por uma empresa portuguesa nas últimas décadas», afirma Ramos Silva. O problema central é, bem, a queda de preços. «Quer dizer, quanto mais se investe, mais se perde», afirma, a começar no mercado de ações. «Se não se tem um retorno suficiente, não se pode continuar a investir».

**A Sonae está insatisfeita com o Brasil, mas o grupo Pestana quer ficar**

de António Ramos



## BRASIL



A Ramos Catarino S.A., empresa de construção civil e obras públicas, primeira portuguesa do sector com certificação integrada nas áreas de qualidade, ambiente e segurança. Informa que, estando presente no mercado brasileiro desde 2001, se encontra preparada para prestar serviços, com os mesmos padrões éticos e de qualidade, designadamente nos Estados do Nordeste, bem como nos do Rio de Janeiro e São Paulo.

**RAMOS CATARINO**

Portugal (Sede):  
Rua Prof. Fernando Serra Oliveira, 95  
1200-218 Fátima (Lisboa) - Portugal  
Tel: 213 96 100 Fax: 213 96 122  
E-mail: info@ramoscatarino.pt

Brasil (Sede):  
Av. Tancredo Neves 1223  
Edifício Catarino Tower - Sala 909 910 - Pituba  
CEP-41820-020 Salvador - Bahia - Brasil  
Tel: 55 71 272 1185 Fax: 55 71 272 0706  
E-mail: ramoscatarino@ramoscatarino.com.br

Descubra como podemos ajudá-lo a adaptar a sua empresa às novas exigências de mercado, e implementar novas aplicações e, acima de tudo, alcançar consistentemente níveis de inovação. São os desafios que cada empresa enfrenta. E ninguém está mais preparado para o acompanhar nesse desafio, que a SAP - líder mundial em soluções de negócios, com produtos e serviços específicos para cada sector de mercado.



THE BEST-BRAND SOLUTIONS FOR BUSINESS

PARA MAIS INFORMAÇÕES OU PARA CONTACTAR A SAP, VISITE WWW.SAP.COM.BR



Consultoria SAP, Datasoft Consulting, FAS, Nucleo, e outros parceiros.



# PORTO SEGURO

Durante o PREC, cerca de 40 mil portugueses partiram para o Brasil. Histórias de uma emigração forçada, contadas pelas famílias Homem de Melo, Belmar da Costa, Espírito Santo, Roquette, Queirós Pereira, Castelo Branco e Sande e Lemos

**D**ia 25 de Abril, zero horas e trinta minutos. Zeca Afonso e a sua «Grândola» ecoam na telefonia. Os militares saem à rua e marcham para Lisboa. É o início da revolução. Portugal dorme. Mafalda não. Tinha decidido passar a noite em claro. Para não variar, o estudo fora adiado para a véspera do exame. O silêncio em que está mergulhado o apartamento da Avenida da República é cortado por um telefonema fora de horas. Um familiar expedito informa o patriarca João Pedro Homem de Melo das movimentações. Só Mafalda exala contentamento. Mal sabe que o mesmo acontecimento que lhe adia o teste e a impede de ir à escola a vai obrigar, daí a alguns meses, a abandonar Portugal.

Enquanto meio país desobedece às recomendações do Movimento das Forças Armadas (MFA) e se lança nas ruas a gritar «Liberdade!», muitas outras famílias, maioritariamente burguesas, ligadas ao regime deposto ou ao contestado capitalismo, ficam em casa, ouvido colado à telefonia. Apreensivas. As emoções num rebolico de antagonismos. As

**FAMÍLIA HOMEM DE MELO:** Pilar, a mãe, Mafalda, e a irmã Mafalda; João, o primeiro neto, ao colo da avó Mafalda; os cinco irmãos em Búzios (Pilar, Luís, Pedro, Mafalda e António); Pedro e Luís com a empregada Benedita



feições do rosto alteram-se entre o agrado pelo fim do regime e o receio da perversão da democracia conquistada de fresco. Sauda-se a revolução e, ao mesmo tempo, teme-se a in-

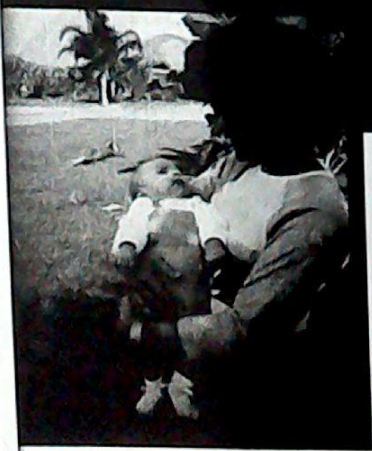
capacidade do povo, até então reprimido, de entender os limites da liberdade.

Mafalda Homem de Melo tinha 16 anos. Nunca foi «beta» como as colegas do Cole-

gio Sagrado Coração de Maria. Usava o cabelo comprido, risco ao meio, calças de ganga bordadas por ela, umas botafarras da Madeira, e durante o processo revolucionário que







se seguiu ao 25 de Abril trocava de bom grado os comícios do CDS pelas manifestações à porta do Ministério da Educação, contra a realização de exames. «A minha mãe ia-me

buscar pelas orelhas. Mas tudo acabou depois do 11 de Março de 1975. O meu pai, que era administrador da Sociedade Central de Cervejas, foi saneado, a empresa intervencionada e nacionalizada. Sem emprego e com cinco filhos, decide que vamos para o Brasil, onde tinha emprego garantido», ex-

plica Mafalda.

11 de Março — a data que marca o êxodo em massa de portugueses para o Brasil. Depois da tentativa de golpe de Estado levada a cabo pela ala spinolista do MFA, a revolução radicaliza-se. Sucedem-se as detenções perpetradas pelo COPCON (Comando Operacional do Continente), for-

ça militar chefiada por Otelio Saraiva de Carvalho. Multiplicam-se as nacionalizações da banca, dos seguros, dos transportes, da indústria. Avança a Reforma Agrária. Há terras e casas ocupadas. Proliferam os saneamentos. Em 1975 e 76, aproximadamente 40 mil pessoas abandonam o país, rumo ao «país irmão». A partilha da

**«Fomos todos revistados, desfizeram as malas  
bainha a bainha, despejaram os remédios da mãe,  
mas partimos»», recorda Mafalda Homem de Melo**





língua portuguesa dita o destino.

As agências de viagens fretavam voos «charter» para o Brasil, que partiam cheios e voltavam vazios. O empresário Antônio Moura Santos, na altura funcionário da companhia aérea Varig, ajudou muitos exilados a encontrar lugar nas viagens, entre os quais Baltazar Rebelo de Sousa, pai de Marcelo e ministro do Ultramar no governo marcelista.

A família Homem de Melo partiu em Abril de 1975. A porta de casa de Lisboa foi fechada como se voltassem no dia seguinte. João Pedro seguiu por terra e a mulher Mafalda dirigiu-se para o Aeroporto da Portela com os cinco filhos — Antônio, 17 anos, Mafalda, 16, Pedro, 15, Luís, 13, e Pilar, 11 —, sem a certeza de que conseguiriam embarcar: se o nome constasse das listas das autoridades fronteiriças, ficariam em terra. A minutos da partida, os altifalantes requisitam a comparência de todos junto à inspeção. «O coração cai-nos aos pés. Eu e a minha irmã Pilar íamos cheias de pulseiras, para levarmos o máximo possível. Fomos todos revistados, desfizeram as malas bairra a bairra, despejaram os remédios da minha mãe, deram piparotes nos saltos de sapatos... mas deixaram-nos par-



tir», recorda Mafalda.

O voo tinha Espanha por destino. Antes da ida para o Brasil passaram três meses num andar alugado na Torre Renta, em Madrid. Este apar-

co Espírito Santo, e de Pedro Queirós Pereira, presidente do conselho de administração da Secil. Ali deixaram mulheres e filhos durante os períodos mais turbulentos.

mais velho foi para a universidade e os restantes fomos para o colégio», recorda Mafalda Homem de Melo.

Mas nem todas as famílias relatam facilidades. Talvez a

**«Lembro-me da Gare Marítima de Alcântara com um mar de gente a despedir-se, era uma coisa impressionante e triste», diz Diogo Belmar da Costa**

thotel, quase exclusivamente habitado por portugueses exilados, funcionava como uma espécie de plataforma giratória, onde se faziam contactos de trabalho e se partia para o destino final. Lá estiveram também as famílias de Ricardo Salgado, hoje presidente da comissão executiva do Ban-

Quando chegaram ao Rio de Janeiro, em Julho, os Homem de Melo foram viver inicialmente para um hotel e, mais tarde, para um apartamento em Ipanema. «Não tivemos quaisquer dificuldades. O meu pai já tinha emprego certo com a Sucol e pôs-nos logo a estudar. O

maioria não o faça. Em Lisboa, para sustentar a família de oito filhos e lhes dar um nível de vida de classe média-alta, o advogado Antônio Belmar da Costa aliava ao trabalho do escritório de advocacia, algumas avenças como consultor jurídico na Companhia Mineira do Lobito (An-

### Médicos para todos

Apesar das dificuldades no acesso aos cursos de medicina, o número de médicos por 100 mil habitantes mais que triplicou desde 1974

### Enfermeiros em massa

Nos enfermeiros, o crescimento foi ainda maior: em 1974 eram apenas 57 por 100 mil habitantes e neste momento ultrapassam os 400 (sete vezes mais)

### Saúde nos centros

A assistência à saúde descentralizou-se, para fora dos hospitais. O número de Centros de Saúde saltou de 206 para 392, quase duplicando





**FAMÍLIA BELMAR DA COSTA:** Diogo, Marta, Antônio, Zé e Mafalda (ao lado); foto de família em Búzios (em cima) e dia em que os Belmar da Costa deixaram Portugal: no porto de Alcântara, em Lisboa, com amigos

gola), nos pneus Mabor e numa distribuidora de gás associada à Sacor (petróleo). «Quando o meu marido foi saneado das três empresas, resolvemos partir. O dinheiro do escritório não chegava. Foi uma coisa muito louca, atirar 43 anos de vida para trás das costas, amigos de sempre, e recomeçar da estaca zero», conta Teresa Belmar da Costa, a matriarca, num português abrasileirado. Ainda hoje vive no Rio de Ja-

neiro (ver caixa).

Para fazer face às despesas da viagem, vendeu todo o recheio do apartamento do Saldanha, no coração de Lisboa. Deixou-o completamente vazio. Muitas outras famílias fizeram o mesmo. Depois do 11 de Março, os classificados dos jornais ostentavam longas listas de móveis para venda. E também imóveis, quase sempre moradias, na esperança que alguma missão estrangeira nelas se quisesse instalar. As ourivesarias compravam jóias, relógios, prata e ouro aos melhores preços. E havia até quem se oferecesse, a troco de algum dinheiro, para guardar mobílias.

No Brasil houve uma euforia do móvel português, liderada pelo decorador de Lisboa Joaquim Mitnitky, que negociava a venda com muitos brasileiros. Há mesmo um empreendimento de luxo na Barra da Tijuca totalmente mobilado com móveis de Portugal.

A família Belmar da Costa





#### FAMÍLIA CASTELO

**BRANCO:** Cristina Ferraz ladeada pela mãe, Luísa Castelo Branco, e o padrasto, Sebastião de Castelo Branco; em Copacabana, aos 19 anos; à noite, com amigos da colônia portuguesa

Flamengo, em que o espaço era francamente insuficiente para a dimensão da família. Ao contrário do esperado, Diogo conciliou-se imediatamente com a nova pátria. No mesmíssimo hotel estava a estagiar a equipa do Fluminense, com os craques Rivelino, Carlos Alberto e Dirceu. Desde esse dia é adepto incondicional do «Flu».

O choque chegou mais tarde. «Um dia estava no ônibus e vejo na rua dois amigos de Lisboa. Desato aos gritos, aponto o número deles e marco a minha primeira saída no Rio. Peço dinheiro ao meu pai — na altura cruzeiros — e ele diz-me que não há e, pior, nem sequer pode pagar os estudos. Os quatro filhos mais velhos têm trabalho».

Não foi difícil arranjar emprego na cidade carioca. Os brasileiros descobriram rapidamente que a nova leva de emigrantes portugueses nada tinha a ver com a ocorrida nas décadas de 40 e 50, composta fundamentalmente por pessoas pobres, rurais e iletradas, os «Manuéis e os Joaquins» das anedotas. O pai Belmar tornou-se advogado da Fundação Getúlio Vargas e a mulher foi

parte no dia 29 de Maio de 1975. Diogo, 17 anos, não se conforma. A mudança provoca o fim abrupto da sua carreira futebolística: era jogador profissional do Sporting e integrava a selecção nacional de juniores. «O Dr. João Rocha, então presidente do Sporting, ainda conversou com os meus pais, mas eles insistiram em levar a família toda. O sonho do futebol morreu ali», conta Diogo. Quinze dias antes da partida, ainda vai com o Sporting a um torneio de juniores em Dunquer-

que, no norte de França. Quando regressa, a casa já está vazia e os irmãos distribuídos por várias casas.

Partiram de barco, com passaporte de emigrante, cujo estatuto reduzia consideravelmente o preço das passagens e aumentava a quantidade de bagagem a transportar. «Lembro-me perfeitamente da Gare Marítima de Alcântara, com um mar de gente a despedir-se. Era uma coisa impressionante e muito triste. O que mais me angustia-va era saber que ia partir de

um país que adorava sem saber se ou quando voltaria», lembra Diogo. A viagem durou oito ou nove dias, com escala em Vigo, Canárias e Salvador da Bahia. Deu tempo até para Diogo arranjar uma namorada argentina. «Decidimos ir de barco para que a família estivesse uns dias junta e assim se refizesse do trauma», explica a mãe, Teresa Belmar da Costa.

Enquanto não tinham casa própria moraram num pequeno hotel, ironicamente chamado Novo Mundo, na praia do

#### Protecção social

Com o alargamento da Segurança Social e o envelhecimento da população, os beneficiários do sistema cresceram de três para 4,2 milhões

#### Atenção aos velhos

Pelas mesmas razões, a importância das prestações de velhice da Segurança Social é hoje cerca de dez vezes superior ao valor de há 30 anos

#### Natalidade em baixa

A natalidade tem descido de forma quase contínua: o número de nascimentos regrediu de 180 mil para pouco mais de 110 mil por ano





trabalhar, pela primeira vez — até então era mãe a tempo inteiro —, como secretária, valendo-se da sua formação em Germânicas. Diogo começou como vendedor de assinaturas do jornal «O Globo». «Tinha que andar a bater de porta em porta, até às dez da noite. Era duro. No início nem sequer percebiam o que eu dizia», recorda. Os estudos começaram um ano depois.

Ao fim-de-semana descan-

sava-se, mergulhava-se na colónia lusa. Os portugueses viviam todos na zona sul — Ipanema, Copacabana, Flamengo, Leblon, S. Conrado —, a mais chique da cidade carioca. O mar era logo ali. «A praia era o melhor e o

mais barato programa que se podia arranjar», graceja Diogo. Ao fim-de-semana, encontravam-se invariavelmente no «Posto 9» do areal de Ipanema, junto à rede de voleibol, onde as equipas se distinguiram pelo estado civil dos jogadores. Também se jogava futebol de cinco: Diogo era o goleador, o meio campo era assegurado por Carlos Martins e Pedro Queirós Pereira, na defesa estavam António Homem de Melo e Bento Louro e à baliza Jorge

dos, acumulando a roupa em montes que se viam à distância. Quando os larápios começaram a aperceber-se da mina, os portugueses aderiram à «t-shirt» com havaianas.

Era na praia que se matabam saudades de casa, se reencontravam amigos, se afogavam em perguntas os recém-chegados, se partilhavam problemas, se iniciavam romances, se recomeçavam vidas. Os primeiros anos foram marcados por um grande número de divórcios no seio da

## Luísa Castelo Branco, para sustentar uma casa de sete filhos, começou a fazer bolos de casamento. Acabou a gerir o melhor salão de festas do Rio

de Mello (filho).

Inicialmente, mesmo antes de ouvir o seu português sem açúcar, era fácil distinguir os emigrantes lusos: as raparigas só usavam fato-de-banho (o biquíni chegou mais tarde) e todos iam incrivelmente vesti-

colónia. No Brasil era permitida a dissolução de casamentos católicos e não existia o estigma social que unia à força muitos casais em Portugal. Diogo Belmar da Costa conheceu Mafalda Homem de Melo (filha) em Ipanema. Foram dos





#### FAMÍLIA QUEIRÓS

**PEREIRA:** Pedro com a mulher, Rita, e as três filhas, Mafalda, Filipa e Lua. Em cima, os cinco em Angra dos Reis

primeiros portugueses a casar no Rio e dos poucos que aí tiveram filhos.

E foi também na praia que Pilar Homem de Melo conheceu Caetano Veloso. O «Posto 9» é até hoje o poiso dos artistas. Nos anos 60, era dali que Vinícius de Moraes via passar Heloísa Pinheiro, para sempre imortalizada em «Garota de Ipanema». Nos anos 70, paravam por lá Caetano Veloso, Gal Costa, Ney Matogrosso. «Os anos do Brasil foram o meu grito de Ipiranga. Era uma vagabunda de praia, vivia sempre lá. Um dia vi o Caetano e fui falar com ele. Expliquei-lhe que era fã incondicional, ao ponto de ter composto uma canção para ele. Qual não foi o meu espanto quando o Caetano me convidou para uma feijoada em

casa dele, no dia seguinte. Eu fui e nesse dia conheci o Gilberto Gil e a Sónia Braga. Somos amigos até hoje».

No primeiro ano de «exílio», a vida dos Homens de Melo sofre um rude golpe. O patriarca morre com leucemia.

### «O meu pai era um capitalista. Tinha participações em empresas de cimento e celulose, na banca, e era dono do Ritz. Fugiu para Paris», lembra PQP

A colónia portuguesa aperta-se em apoio. Tal como acontecia sempre que algum patrício dela necessitava. «Quase todos acolhemos em nossas casas pessoas mais fragilizadas, nos primeiros tempos de adaptação. A interajuda existia. Contava-se, inclusivamente, que havia quem recebes-

se, todos os meses, um depósito na sua conta, sem nunca ter sabido quem o fazia», recorda Diogo. Era preciso um avalista para alugar uma casa e surgia logo alguém. Marques Botelho, professor da Universidade Gama Filho, casado com uma portuguesa, terá «avaliado» metade da colónia. Mafalda era a «babysitter» dos filhos da colónia. Entre eles estavam Catarina e Ricardo, «herdeiros» de Ricardo Es-

tal anos, estava em casa com a perna engessada até à virilha quando lhe entraram uns homens em casa e lhe apontaram metralhadoras — andavam à procura de um amigo dela que faria parte da «maioria silenciosa». A minha mãe entrou em pânico e partiu para S. Paulo com sete filhos», conta Maria João Espírito Santo Bustorff Silva, presidente do conselho directivo da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva. Ela e uma irmã mudaram-se para a enorme casa de família, no Estoril. «Havia receio que fosse ocupada, que alguém quisesse fazer ali um infanatório ou um lar. As luzes estavam sempre acesas».

Mais tarde coube a ela apoiar os familiares presos em Caxias, acusados de serem «malfeitores, inimigos do povo e sabotadores económicos». A ajuda vinha também do dono do luxuoso restaurante lisboeta, o Tavares Rico, que todos os dias lhe levava comida.

José Roquette também lá

#### Senhoras doutoras

Os homens continuam a representar a maioria das inscrições na Ordem dos Médicos, mas o peso das mulheres subiu de 15% para 45%

#### Senhoras deputadas

A presença de mulheres no Parlamento também tem conhecido uma evolução positiva, embora insuficiente: de 8,9% para quase 20% dos deputados

#### Senhoras empresárias

A importância das mulheres no mercado de trabalho é visível pelo seu peso crescente entre os «patrões»: 1/3 do total, contra 9% nos anos 70





**JOSÉ ROQUETTE** partiu para o Brasil depois de ter estado preso em Caxias e Monsanto; em cima, carta de libertação da cadeia de Monsanto

estava. Era na altura administrador das «holdings» do grupo Espírito Santo. Foi preso pela primeira vez a 11 de Março de 75, em Caxias, a que se seguiu a cadeia de Monsanto por alegadamente pertencer a uma associação de malfeitores. Para nunca se esquecer da precariedade das coisas, ainda hoje conserva os mandados de captura e a ordem de libertação.

A família esperava-o em Espanha, junto à Isla Cristina. Depois exilou-se em Londres até Março de 76, a que se seguiu o Brasil. «Eu saudei a revolução e a viragem que isso implicou, e esperei que a mudança fosse tranquila.

Não foi. E ainda hoje Portugal sofre os traumas disso mesmo», desabafa Roquette.

#### O REFAZER DE FORTUNAS

Partiu para o Rio de Janeiro sem encarar o regresso, mas desses dias guarda as melhores recordações. «Ia para a praia de Ipanema nos frescos, uns ônibus com ar condicionado, e tocava órgão para os amigos, um dos meus 'hobbies'». Foi também lá que fundou o Banco Inter-Atlântico, considerado um dos pilares da reconstrução do grupo Espírito Santo.

Apesar de ainda estrangulado por uma ditadura, o Brasil vivia um «boom» económico

contos e era a sétima maior fortuna europeia. No Brasil levantou o império, dedicando-se ao ramo dos cimentos e da agropecuária, com três fazendas em Minas Gerais, Maranhão e Rio Grande do Sul.

A agricultura foi também a aposta de Pedro Queirós Pereira, hoje nos comandos da Secil. «O meu pai, Manuel, era aquilo a que se podia chamar um capitalista. Tinha participações em empresas ligadas aos cimentos, às celulosas, à banca, era dono do Hotel Ritz... Com o 25 de Abril foi para Paris, onde teve que vender alguns bens de família. O clima em Portugal não era fa-

rais, com vinte mil pés de café. Hoje tem 30,5 milhões.

No Rio, onde vivia com uma mulher e as três filhas — uma das quais com o brasileiríssimo nome de Lua — era um verdadeiro «bon vivant». Jogava voleibol, integrava a equipa de futebol, frequentava as duas semicolónias de portugueses — a do «Posto 9» de Ipanema e a de S. Conrado — e conduzia carros, uma verdadeira paixão. Foi assim que ficou amigo de Ayrton Senna.

#### A RAINHA DAS FESTAS

Luísa Castelo Branco foi outro caso de sucesso empresarial na colónia portuguesa do Rio de Janeiro. Para ajudar a sustentar a família aplicou a sua perícia culinária na confecção de bolos de casamento. Quase sem dar por isso, acabou a dirigir o «Flamboyant», uma casa de eventos onde, naquela época, se organizaram as melhores festas do Rio de Janeiro — com as estrelas da rede Globo de televisão e o «jet set» carioca — e praticamente todos os casamentos de portugueses. José Sande e Lemos, hoje astrofísico do Instituto Superior Técnico, era o «disc jockey».



«Saudei a revolução e a viragem que isso implicou, e esperei que a mudança fosse tranquila. Não foi e ainda hoje Portugal sofre os traumas disso», diz Roquette

que permitiu a muitos portugueses reconstruir fortunas. É o caso de António Champalimaud. Quando foi apanhado pelas nacionalizações, o seu património financeiro estava avaliado em 40 milhões de

**MARIA JOÃO** Espírito Santo Bustorff Silva permaneceu em Portugal depois da Revolução

vorável à perseguição dos negócios. Eu, com 26 anos, tinha terminado a tropa e resolvi partir para o Brasil. Sempre me habituei bem às circunstâncias e com aquela idade tudo era fácil», conta PQP, a alcunha por que muitos o conhecem. Em 1976 fundou uma fazenda em Capelinha, no Norte de Minas Ge-

«Eu lembro-me de estar a dormir com o barulho da varinha mágica, às três e quatro da manhã», recorda a filha Cristina Ferraz, amante incondicional do Rio. «No início até fugi de casa para não vir. Estive desaparecida uns dias, mas não tinha hipótese». Chegou ao Brasil em Agosto de 1975. O padrasto,

#### Topless nem pensar

O topless e o nudismo eram proibidos nas praias portuguesas até 1974. E o beijo na boca na via pública também estava interdito

#### Calor alimentar

O consumo de calorias subiu 25%, com os produtos animais a representarem a parcela dominante mas a diminuírem o seu peso no total

#### Mais carnívoros

O consumo anual per capita de carne aumentou 55 kg, mas na batata, cereais e vinho verificaram-se quebras de 78 kg, 19 kg e 35 litros



## Rendidos ao Rio

Nos anos 80, as dezenas de milhares de portugueses exilados no Brasil começaram a regressar. Consideram que só então Portugal entrara plenamente numa verdadeira era democrática. A Constituição fora revista, extinguindo o Conselho da Revolução. Na Presidência está Mário Soares, o primeiro chefe de Estado civil. São poucos os que resistem ao apelo da pátria.

No Brasil ficam principalmente as figuras do Regime, ministros e secretários de Estado de Marcello Caetano. E os que lá chegaram em idade casadoira e acabaram por constituir família com brasileiros.

Maria Teresa Carcomo

Lobo, a primeira mulher a integrar um governo português, vive no Rio de Janeiro desde Setembro de 1974. Foi subsecretária de Estado da Saúde e da Assistência, entre 21 de Agosto de 1970 e 7 de Novembro de 1973, e posteriormente deputada à Assembleia Nacional, eleita como independente nas Listas da União Nacional.

Depois da Revolução dos Cravos, tentou regressar à sua anterior função de consultora no BNU, mas depressa lhe mostraram que não era bem-vinda. Partiu.

«Tinha 46 anos, três filhos. Precisava viver sem medos e constrangimentos», conta. Os bancos do Brasil rejeitam-na por excesso de qualificações. Aceita um trabalho menor, mas

cança-se depressa. Com 53 anos, inscreve-se na Ordem dos Advogados do Brasil, começa a exercer e torna-se juíza federal. Hoje, aos 75 anos, aposentada, ainda se dedica a aprofundar os seus conhecimentos em Direito Comunitário e a dar aulas em vários estabelecimentos de ensino.

### PORTUGAL PELA RTP1

«Nunca pensei em partir. Fui muito bem acolhida profissionalmente, cresci como pessoa, os filhos casaram aqui. Sigo Portugal pela RTP1», explica com um sotaque completamente brasileiro.

Do governo marcelista vivem igualmente no Rio de Janeiro Ruy Patrício, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, hoje uma figura importante do grupo Mon-

teiro e Aranha, um dos mais poderosos consórcios brasileiros. E Alberto Xavier, o último secretário de Estado do Planeamento do regime, que exerce advocacia.

Muitas das famílias que chegaram no pós-11 de Março, quase sempre numerosas, deixaram filhos no Brasil. Margarida, Teresa e Leonor Belmar da Costa casaram no Rio e lá ficaram. Os pais, Teresa e António, andam cá e lá, na impossibilidade de unirem a prole.

«Eu nunca me habituei realmente. Depois de 30 anos, não posso dizer que tenho uma única amiga brasileira. Aqui fazem-se conhecimentos, recebem-se tapinhas nas costas. Sempre tive a sensação que os brasileiros nos detestam cordialmente», desabafa a

mãe, Teresa.

João Espírito Santo Silva Salgado também não voltou. Depois de ter emigrado com o resto da família, após o 11 de Março, ficou como o rosto do grupo no Brasil. Ou, falando economicamente correcto, é o director da «holding» em terras de Vera Cruz.

Parte do «Império» que hoje gere, nomeadamente as actividades agro-industriais e de pecuária, foi construído durante o exílio, após 1976. «Graças ao crédito dado ao nosso nome foi possível vingar. E à venda de muito património pessoal. Desfiz-me de quadros, pratos, até loiça da Companhia das Índias. Mas já voltei a comprar muitas delas. Estou a recuperar o que perdi».



Sebastião de Castelo Branco, a quem chama «tio», presidia à Fiandeira, uma fábrica da Covilhã, de onde foi saneado. A emigração foi a solução óbvia para a subsistência dos sete filhos, três de Luísa e quatro de Sebastião.

«Deixámos a casa do Lar-

go da Graça com tudo empacotado. Não vendi nada. Muito foi de bareo, com as pratas e as panelas juntas para não termos problemas. Com a madeira dos caixotes fez-se uma grande mesa no jardim, que estava sempre cheia. Era a Rocinha Caste-

**FAMÍLIA PIZARRO SANDE E LEMOS** foi em peso para o Rio de Janeiro. Aqui, num casamento na cidade carioca

lo Branco», lembra Luísa.

Cristina começou imediatamente a trabalhar, para conseguir voltar a Portugal. «Fazia demonstrações de cintas térmicas, para emagrecer, 'babysitting' em vários hotéis...». Ao fim de três anos foi à pátria. «E foi um choque. Era tudo tão cinzento, formal. Percebi que gostava do Brasil. A partir daí foi só aproveitar. Viajei pelo país todo».

Em meados dos anos 80 começou o regresso. Foram poucos os que conseguiram resistir ao apelo da pátria, política e economicamente estável.

Os que lá passaram a juventude chamam-lhe os anos dourados. Formaram-se lá, casaram, criaram negócios. Não tinham nada a perder. A geração mais velha ainda carrega mágoas. A dimensão dos impérios nacionalizados dificilmente conseguiu ser suplantada pelas fortunas conquistadas no Brasil. Mas todos são unânimes em afirmar que os anos brasileiros deixaram uma marca. «Se estiver numa sala um português que tenha vivido no Brasil eu percebo. São optimistas, despreocupados», assegura Cristina Ferraz.

João, filho de Diogo Belmar da Costa e Mafalda Homem de Melo, vive actualmente no Rio de Janeiro. Garante que vai reconstruir o «Rio de Janeiro de 75».

## Acesso à cultura

Os museus duplicaram e os seus visitantes triplicaram, atingindo nove milhões por ano. E as bibliotecas saltaram de 288 para 1917.

## Turistas bem-vindos

Nas vésperas da revolução entravam em Portugal 2,3 milhões de turistas, mas em 2001 ultrapassaram os 12 milhões e em 2002 foram 11,6 milhões.

## Espectáculos públicos

O número de presenças nos espectáculos públicos desceu 20%, mas as sessões multiplicaram-se por cinco — caso típico do cinema.





# XIS

IDEIAS PARA  
PENSAR 278  
02  
OUT  
2004

## Acolher os imigrantes

os apoios que precisam  
e os que já existem

### ACTUAL

Inauguramos hoje uma nova secção de grandes entrevistas sobre questões ligadas à actualidade. Daniel Sampalo dá ideias para uma escola melhor. **P06**

### HOMENS

Todas as mulheres têm um ideal do homem mas a perfeição não existe. Ainda bem, porque a grande conclusão é que o homem perfeito seria um chato! **P22**

### SOBREDOTADOS

Estratégias para lidar com crianças e jovens sobredotados. **P22**



# Crimes 'à brasileira'

Os assaltos com armas de fogo duplicaram nos últimos três anos

VALENTINA MARCELINO

A UTILIZAÇÃO de armas de fogo na prática de crimes está a atingir proporções inéditas. Nos últimos três anos duplicaram os roubos e agressões em que os criminosos fizeram uso de armas para ameaçar as vítimas. Pistolas de alarme transformadas em armas de calibre proibido, caçadeiras de canos serrados e até metralhadoras (como a «Uzi» que terá morto o agente da PSP há duas semanas) impõem-se ca-

tes a ficarem imóveis, levaram a caixa registradora. O segundo, apenas 11 minutos depois e protagonizado também por três indivíduos com cara coberta, todos empunhando caçadeiras de canos serrados, ocorreu no Lunetas, em Monsanto, e teve o mesmo tipo de actuação. Desta vez, além da caixa registradora, dois clientes foram também assaltados.

Semelhante aparato de violência aconteceu dois dias antes, a 28 de Fevereiro, no restaurante Chafariz, em Marquês (Cascais), à hora de jantar, desta vez com cinco indivíduos armados de espingardas e pistolas. Os clientes foram encostados à parede, enquanto os assaltantes escolhiam os objectos a furtar. Na véspera, domingo, numa pastelaria da Charneca da Caparica, cerca das 11h, quatro delinquentes ameaça-

ram com pistolas clientes e funcionários e levaram a caixa registradora.

Segundo uma avaliação feita pela Polícia Judiciária ao trileño 2002/2004, em relação ao recurso a armas de fogo em actos criminosos, mais de metade (53,7%) dos suspeitos têm entre 16 e 26 anos. A mesma análise, feita pelo Departamento Central de Combate ao Banditismo (DCCB),



PATRULHAMENTO GNR no Bairro do Cabeço das Rolas (Sintra). A polícia não vê razão para alterar a vigilância, apesar da recente morte de um agente

**Em 4 meses  
houve 34 assaltos  
a restaurantes  
em pleno funcionamento**

da vez mais no mundo da delinquência. No ano passado a GNR apreendeu 3333 armas legais e a PSP 1818 — uma média de 11 por dia.

Apesar de, na maioria das vezes, as armas não dispararem e servirem apenas como meio de ameaça, há analistas de segurança que não duvidam que está dado o primeiro passo para a «brasileirização» da criminalidade em Portugal.

**Assaltos a restaurantes.** Sinal disso mesmo é o crescendo de assaltos, verificado pela PSP e pela GNR desde o final do ano passado, a restaurantes em pleno horário de funcionamento, nos quais clientes e funcionários são violentamente ameaçados com armas pesadas e roubadas. De Outubro até agora, houve 34 casos. Muito recentemente, em apenas quatro dias (entre 27 de Fevereiro e 2 de Março) houve quatro situações com estas características.

Dois aconteceram esta semana, na quarta-feira, com contornos idênticos. O primeiro foi cerca das 23h15, no restaurante O Panças, na Buraça, no qual três indivíduos encapuçados, dois com caçadeiras de canos serrados, outro com uma pistola, entraram de rompante na sala e, obrigando os presen-

tes a ficarem imóveis, levaram a caixa registradora. O segundo, apenas 11 minutos depois e protagonizado também por três indivíduos com cara coberta, todos empunhando caçadeiras de canos serrados, ocorreu no Lunetas, em Monsanto, e teve o mesmo tipo de actuação. Desta vez, além da caixa registradora, dois clientes foram também assaltados.

Semelhante aparato de violência aconteceu dois dias antes, a 28 de Fevereiro, no restaurante Chafariz, em Marquês (Cascais), à hora de jantar, desta vez com cinco indivíduos armados de espingardas e pistolas. Os clientes foram encostados à parede, enquanto os assaltantes escolhiam os objectos a furtar. Na véspera, domingo, numa pastelaria da Charneca da Caparica, cerca das 11h, quatro delinquentes ameaça-

ram com pistolas clientes e funcionários e levaram a caixa registradora. Segundo uma avaliação feita pela Polícia Judiciária ao trileño 2002/2004, em relação ao recurso a armas de fogo em actos criminosos, mais de metade (53,7%) dos suspeitos têm entre 16 e 26 anos. A mesma análise, feita pelo Departamento Central de Combate ao Banditismo (DCCB),

mostra que, dos crimes com recurso a armas de fogo, a maioria são homicídios (incluindo tentativa e negligência), ofensas à integridade física e roubos. Nos casos de agressão e roubo, passou-se quase para o dobro.

Em 2002, a PJ registou 72 episódios de ataques nos quais os delinquentes recorreram a armas. Em 2003 foram 97 e em 2004 aumentou ainda

mais, para 122. Nos assaltos, quer a transeuntes quer a estabelecimentos, houve 972 casos em 2002, 1427 em 2003 e, no ano passado, foram referenciados 1729 situações.

Residências particulares, estabelecimentos comerciais, via pública e postos de abastecimento de combustível são os principais «palcos» dos crimes com estas características. Nos dois pri-

meiros casos, a subida foi também de quase o dobro — em casas, 72 em 2002 e 125 em 2003, e em lojas passou de 165 para 330. Na via pública, os números são ainda mais alarmantes: 440 em 2002 para 1004 em 2004.

**Caçadeiras e pistolas.** A PJ nota que um terço dos casos (33,6%) aconteceu na zona metropolitana da capital, nos concelhos de Lisboa, Sintra, Cascais, Amadora, Oeiras, Loures, Almada e Seixal. Na zona do grande Porto (Porto, Vila Nova de Gaia, Maia e Gondomar) foram registados 18% dos casos.

Quanto ao tipo de armas mais utilizadas, a DCCB destaca pistolas (a maior parte adaptadas de armas de alarme de venda livre) e caçadeiras (quase todas com os canos serrados). O recrudescimento na sua utilização é significativa: em 2002 foram registados 167 crimes com recurso a pistolas e 837 em 2004; em 2002, 67 caçadeiras, em 2004 o número eleva-se a 319. A PJ identificou em três anos oito metralhadoras, o que leva as autoridades a concluir que, a confirmar-se que foi uma arma deste tipo que matou o agente da PSP, não se trata de um fenómeno generalizado, mas de uma situação pontual.

O inspector-chefe Vítor Marques, responsável pelo sector de análise da DCCB, sublinha que «a utilização de metralhadoras é novidade» e salienta que «o índice de violência efectiva nestes crimes com armas de fogo é ainda baixa, pois na esmagadora maioria das vezes não há mortes».

Por seu turno, o subintendente José Torres, director do departamento de análise de informações da PSP, nota que «o crescimento dos crimes com recurso a armas de fogo não quer dizer que haja mais armas no mercado, mas sim uma maior reincidência no crime, com os mesmos indivíduos a cometerem vários actos criminosos». Até porque as penas leves permitem aos delinquentes um sentimento de impunidade: entre dois a cinco anos de prisão para venda de arma proibida; para posse de arma legal, entre 30 dias e dois anos de prisão (quase sempre transformada em pena suspensa). Além disso, a utilização de uma arma não agrava, por si só, a pena de um roubo.

Esse é o entendimento que tem o secretário-geral do Gabinete Coordenador de Segurança, Leonel Carvalho, para quem «a aplicação de penas pesadas no comércio ilegal de armas é importante para travar o crime violento».

## Mais de 300 ilegais em Lisboa

A PSP apreendeu mais de três centenas de armas ilegais (338), em 2004, na área metropolitana de Lisboa (cerca de 18% do total de apreensões a nível nacional), em operações planeadas de combate ao crime. Segundo uma amostragem estatística feita pelo departamento de informações desta força de segurança, as zonas mais problemáticas são os concelhos da Amadora (Bairro 6 de Maio, Estrada de África, Cova da Moura, Santa Filomena, Quin-



ta da Lage e Casal da Boba), de onde foram retiradas 100 armas ilegais; e em Loures/Odivelas (Bairro do Vale do Forno, Bairro da Serra da Luz, Urmeira e Azinhaga dos Besouros), onde foram encontradas 60.

Do total de armas apreendidas na área do comando metropolitano de Lisboa, a maioria (280) era de defesa, transformadas, e caçadeiras (41). Não houve registos e apreensões de metralhadoras como a Uzi (foto à esquerda, em baixo), ilegalmente utilizada no assassinato do agente Dória, na Cova da Moura.

Segundo a PSP, o bairro que registou mais incidentes com necessidade de intervenção das forças policiais foi

a Azinhaga dos Besouros (39%), seguido da Cova da Moura (16%) e do Bairro Padre Cruz, em Lisboa, e do S. João de Deus, no Porto (ambos com 7%).

A PSP salienta que apenas sete em cada mil crimes (0,7%), ocorrem nos bairros «problemáticos» e que, em casos violentos, apenas 4% visaram meios policiais. Para a PSP, não se justifica, por isso, alterar-se o tipo de patrulhamento que tem sido feito nestas localidades, que dá ao policiamento de proximidade o maior relevo.

VM



Como pode o SEF, perante isto, queixar-se de que não tem condições para atender os imigrantes?", pergunta a presidente da Casa do Brasil

# Imigrantes pagam cerca de 600 a 700 euros para se legalizarem em Portugal

TAXAS, IMPRESSOS  
CARIMBOS DE VISTO

SEF é o único órgão de polícia que dá visto e que contribui para o orçamento da Administração Interna

RICARDO DIAS FELNER

trangeiros em Portugal a pas-  
sime para conseguir cobrir os  
s de obtenção de um título de  
anência em Portugal, no âm-  
los dois processos de legaliza-  
xtraordinária em curso.

PÚBLICO fez as contas — com  
em casos concretos — e con-  
que para se legalizar cada  
rante gasta, no total, entre  
de 600 e 700 euros. Este valor  
erior à média salarial mensal  
população, fixada entre os 500  
300 euros. As associações de  
rantes consideram os mon-  
s cobrados pelo Governo  
andalosamente elevados".  
cia, 32 anos, brasileira, é ape-  
m dos milhares de imigrantes  
passaram por dificuldades.  
Deus sabe como consegui pa-  
, diz, acrescentando depois,  
rgonhada pela confissão da  
ria: "Comendo hoje, passan-  
me amanhã, pedindo dinheiro  
restado."

mando taxas, coimas, impres-  
arimbos de visto, impostos de  
procurações para o registo  
inal e viagens, a sua legaliza-

ção custou perto de 580 euros, em  
Dezembro de 2004 — o que repre-  
sentava na altura mais 150 euros  
do que o seu salário mensal.

A esta contabilidade devem ain-  
da somar-se os 78 euros do bilhete  
de autocarro para Sevilha, onde  
os brasileiros têm de ir carim-  
bar o passaporte, no consulado  
português; e o esforço decorrente  
das dezenas de deslocações e dili-  
gências nos múltiplos organismos  
do Estado, da Segurança Social às  
finanças, passando pelo consulado  
brasileiro, até à Inspeção-Geral  
do Trabalho.

Em situação semelhante à de  
Lúcia estão (ou ainda irão estar)  
perto de 35 mil outros trabalhado-  
res estrangeiros — número estima-  
do de pessoas que regularizarão a  
sua permanência no final dos dois  
processos de legalização: um refe-  
rente ao acordo Lula, destinado  
aos cidadãos brasileiros, outro  
relativo ao chamado processo dos  
CTT, destinado a todos os trabalha-  
dores estrangeiros que provassem  
ter vínculos laborais.

Heliana Bibas, presidente da  
Casa do Brasil, a maior associação  
de imigrantes brasileiros em Por-  
tugal, diz que para a maioria dos  
estrangeiros a situação é dramáti-  
ca. "Eles fazem um grande esforço  
para se legalizar. Muitos têm todos  
os documentos mas ainda não fo-  
ram ao SEF porque não pouparam  
o suficiente", aduz.

Esta dirigente afirma ainda que,  
não fosse a contestação imediata  
da Casa do Brasil, tudo poderia  
ter sido pior. "O SEF acabou por  
apenas cobrar metade da coima

que está prevista na lei, e que era  
de 700 euros. No início, alguns  
imigrantes ainda pagaram este  
valor", garante.

A Solidariedade Imigrante  
reforça a ideia. "Temos aqui  
pessoas que já desistiram. Ou  
roubam ou então, enquanto não  
surtem melhores dias, são obriga-  
das a permanecer ilegais", explica  
Timóteo Macedo, presidente da  
associação.

Ambos os processos de legali-  
zação extraordinária em causa  
— um iniciado em Setembro de  
2003, o outro em Março de 2004  
— foram anunciados como uma  
forma de compensar os traba-  
lhadores estrangeiros por conta  
de outrem que, embora clandest-  
stinos, haviam contribuído para  
a Segurança Social e para o fisco  
durante um certo período.

Sucedem que o Governo, embora  
disposto a perdoar o facto de estes  
imigrantes estarem ilegais no país  
— não os expulsando como pre-  
visto na lei —, fez questão de cobrar  
essa concessão, engordando assim  
o Orçamento do Estado.

Lúcia, 32 anos, brasileira,  
é um dos milhares de  
imigrantes que passaram  
por dificuldades. "Só Deus  
sabe como consegui pagar.  
Comendo hoje, passando  
fome amanhã, pedindo  
dinheiro emprestado"

Há um ano, o então ministro da  
Administração Interna, Daniel  
Sanches, não escondeu mesmo o  
seu regozijo com os proveitos que  
seriam arrecadados em 2005, desta  
forma, pelo SEF.

Melhoria de serviços

Na discussão do orçamento do  
Ministério da Administração In-  
terna, o ex-governante especificou  
que o SEF arrecadaria 30 milhões  
de euros com o dinheiro dos imi-  
grantes legalizados. A verba seria  
repartida pelo orçamento geral da  
Administração Interna (60 por cen-  
to) e pelo SEF (40 por cento).

Daniel Sanches acrescentou, na  
altura, que esse dinheiro permiti-  
ria — além dum crescimento do or-  
çamento do MAI — o investimento  
na melhoria dos serviços prestados  
aos estrangeiros, nomeadamente  
através da contratação de mais 400  
funcionários do SEF e da recupera-  
ção de diversas instalações.

Mas nada disso aconteceu até à  
data, como confirmou ao PÚBLICO  
o presidente do sindicato do SEF,  
Gonçalo Rodrigues. Nenhum tra-  
balhador foi admitido nos quadros,  
nem as prometidas melhorias das  
delegações do SEF em Beja, Braga,  
Portimão e Setúbal avançaram.

Esta constatação leva a diri-  
gente da Casa do Brasil, Heliana  
Bibas, a acusar o Governo de "ar-  
recadar muito com a imigração,  
mas não reinvestir esse dinheiro na  
melhoria das suas condições".  
"Como pode o SEF, perante isto,  
queixar-se de que não tem condi-  
ções para atender os imigrantes?",  
questiona. ■



legalizar não tem mil euros e, por isso, espero que Portugal tenha a generosidade de perdoar a dívida dos pobres brasileiros que estão aqui", afirmou Lula da Silva, no final da cimeira.

Instado a comentar estas declarações, o primeiro-ministro português não deu garantias de que algo fosse mudar nesta matéria, dizendo aos jornalistas que tomou "boa nota" do assunto. Vamos fazer "aquilo que estiver ao nosso alcance para que regularização brasileira seja feita sem grande

aplicada aos estrangeiros brasileiros, seria contudo sempre muito criticada pelas associações de imigrantes, que acusariam o Governo de estar a criar estrangeiros de primeira e de segunda.

Aparentemente, por isso, caso se concretize uma alteração legislativa no sentido de se reduzirem as coimas, ela deverá suceder no âmbito das mudanças que o Governo está a preparar relativamente à lei da imigração e ser igual para todos os imigrantes. ■

## Para onde vai o dinheiro

O processo dos CTT e o processo do acordo Lula não requerem exactamente as mesmas diligências. Mas, no final, a diferença de gastos é reduzida.

Os primeiros gastos até são simpáticos: cinco euros para o imposto de selo, destinado ao registo do contrato de trabalho na Inspeção-Geral do Trabalho. A maioria dos imigrantes tem depois de pedir uma procuração nos consulados representantes, em Portugal, dos seus países de origem, relativa ao pedido do certificado de registo criminal: cerca de 25 euros.

Uma vez reunidos os documentos — incluindo a declaração de rendimentos, um comprovativo das condições de alojamento, um certificado do registo criminal emitido em Portugal, entre muitos outros — passa-se à fase do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF).

Aqui, embora a lei seja igual para todos, notam-se diferenças entre os valores cobrados para situações semelhantes. Em todo o caso, quer os imigrantes brasileiros, quer os que se legalizam no âmbito do processo dos CTT, raramente deixam nos cofres do SEF menos de, respectivamente, 405,8 e 485,20 euros.

Estas quantias desdobram-se da seguinte forma, segundo dados do próprio SEF fornecidos ao PÚBLICO: é cobrada uma coima de 263 euros pelo período em que os imigrantes estiveram ilegais em Portugal. E a este montante soma-se uma outra penalização: os imigrantes são obrigados a pagar as ta-

xas referentes às prorrogações de permanência no país, cada uma delas válida por 90 dias, que deveriam ter sido feitas desde que os imigrantes ficaram ilegais no país até à data em que trataram da legalização. Cada uma destas prorrogações custa 47,60 euros.

O SEF alega que não podem ser feitas mais de três prorrogações; em todo o caso, também nunca são menos de três. Ou seja, com as prorrogações os imigrantes pagam 142,80 euros. Aos trabalhadores estrangeiros

do processo dos CTT soma-se ainda uma quarta prorrogação para efeitos de trabalho, que custa mais 79,40 euros.

Contas feitas, entram nos cofres do SEF 405,80 euros pagos pelos cidadãos brasileiros e 485,20 pagos pelos restantes.

Uma vez terminada esta etapa, os imigrantes brasileiros têm ainda de ir carimbar o visto no passaporte a um consulado português no estrangeiro. A maioria opta por deslocar-se a Sevilha, mas muita gente prefere Vigo.

O preço mais baixo pago pela viagem de autocarro, a partir de Lisboa, até Sevilha são 78 euros. Há viagens regulares desde a Gare do Oriente, com partida às 22h00 e chegada a Sevilha pelas 5h00. A diligência implica quase sempre gastos adicionais com a alimentação, em Espanha. Se toda a documentação estiver correcta (e nem sempre isso acontece), o processo é então concluído. Mas antes o consulado português ainda cobra 65 euros pela aposição do carimbo do visto no passaporte. ■ R.D.F.

Segurança Social e às finanças, falta uma assinatura aqui, mais a morada. No fim, escreve-lhe num papel o valor que terá de pagar para prolongar a sua permanência no país, assim que reúna toda a burocracia: "263 euros + 32 euros."

A mulher grande, pele muito escura, olhos meigos, não estranha o excesso de documentação. Assusta-se apenas com os números. Tenta compreendê-los, mas a comunicação é difícil. Marcelina expressa-se mal em português, o crioulo do funcionário não é melhor.

Da exposição automática apreende apenas que os 263 euros resultam de uma multa por atraso no pedido de renovação da permanência no país para efeitos de trabalho. E então lembra-se da notificação para tratar do processo, uma carta do SEF que lhe chegou às mãos tarde demais.

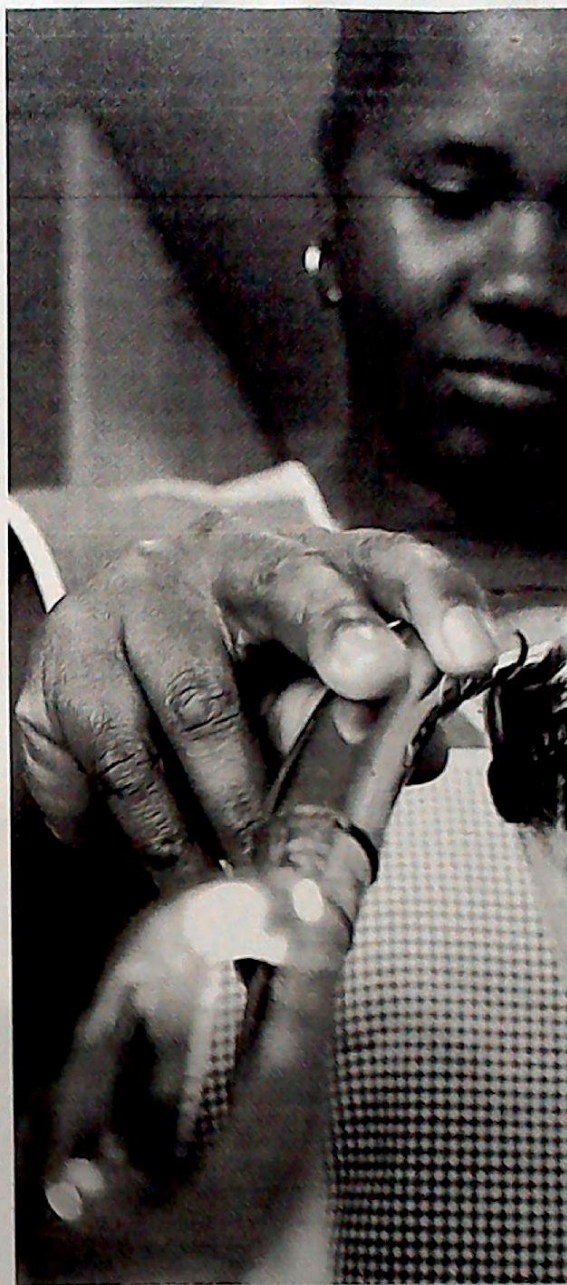
Nesse momento, Celina poderia ter explicado a história do papel: como ele foi parar à barraca do pai, em Loures; como o pai se tornou alcoólico e "má companhia" para a sua bebé de um ano de idade, obrigando-a a sair de casa ainda Neuza tinha poucos meses e a arrendar residência no Barreiro.

Poderia ter prosseguido, houvesse tempo e a diligência fosse consequente.

Em crioulo, perante a irritação do funcionário, contaria-lhe que, quando finalmente recuperou a notificação, o pai da sua bebé, deslocado numa obra do Algarve, decidiu deixar de participar nas despesas da filha. "Chamava-me de 'amor' quando me telefonava à noite, lá da obra. Mas passado algum tempo começou-se a portar mal. Fiquei sem marido", diria Celina, sem drama, sorrindo.

Se a vida já era complicada, com a ausência do marido e do seu contributo financeiro, tornara-se um autêntico contra-relógio: acordar às seis da manhã, vestir a bebé, prepará-la a comida para o dia, levá-la para a ama colectiva do bairro; apanhar o autocarro, seguir de barco para o centro de Lisboa, e mais um autocarro, para estar às 9h30 a mudar as fraldas de uma outra bebé na Avenida do Brasil; voltar às 19h30, ir buscar Neuza à ama, dar-lhe banho, dar-lhe de jantar, dar-se de jantar — outra vez o arroz com óleo e caldo de galinha preparado no início da semana.

"E há outra coisa, senhor, é que a Neuza, esta bebé linda



Celina não sabe como vai pagar o passe, a ama da filha.

que tenho no colo, apanha muitas doenças lá na ama do bairro", explicaria ainda a mulher. "Volta e meia fica com 40 graus de febre, já teve otite, já teve gripe. E também fica com diarreia muitas vezes, não sei porquê. A menina da patroa

não tem nada disso. Durto mal de noite e todo o tempo livre que tenho é para levá-la ao hospital", continuaria.

Dissesse Celina tudo isto em momento algum faltaria à verdade — é uma mulher ríspida, inteligente e responsável. Acontece que, provavelmente tudo isto soaria improvável a um atarefado funcionário do SEF — porventura farto de ouvir justificações rocambolescas dos utentes; certamente tomado, perante a lei, para abrir uma excepção, para tratá-la como uma pessoa — não como a utente n.º x de amanhã de sábado.

Celina, que ganha 550 euros por mês, não sabe agora o que vai pagar o passe, mais a

A mulher grande, pele muito escura, olhos meigos, não estranha o excesso de documentação. Assusta-se apenas com os números





*"O aeroporto do Porto não se caracteriza como uma fronteira com elevado número de pessoas a quem é recusada a entrada"*

# Estrangeiros retidos mais de 40 dias no aeroporto do Porto

## DENÚNCIA DE FALTA DE CONDIÇÕES

Uma rapariga chegou a 26 de Outubro. Cidadãos começam hoje a regressar ao país de origem, "com excepção dos completamente indocumentados"

ANA CRISTINA PEREIRA

Dez estrangeiros têm estado retidos no Centro de Instalação Temporária (CIT) que serve o posto de fronteira do Aeroporto Sá Carneiro, no Porto. Num pré-fabricado misturavam-se homens e mulheres de nacionalidade brasileira, moldava, ucraniana, russa e romena — a situação mais grave é protagonizada por uma adolescente grávida, com um bebé de um ano e meio, que está ali desde 26 de Outubro.

O caso foi denunciado anteontem, no Jornal da Noite da SIC. Ontem mesmo, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) anunciou o início das expulsões. "Começarão a seguir rumo para os países de origem em voos a partir do aeroporto de Lisboa já a partir de amanhã [hoje], com excepção dos cidadãos que se encontram completamente indocumentados", informou a porta-voz, Marília Neres.

O CIT é um espaço destinado a acolher passageiros chegados por via aérea aos quais é recusada entrada no território português. Recebe também estrangeiros que pedem asilo no posto de fronteira ou a quem o tribunal decretou expulsão. As instalações dos aero-

portos de Lisboa, Faro e Porto são da ANA, mas geridas pelo SEF, a quem compete satisfazer as necessidades básicas dos retidos.

As imagens, exibidas pela SIC, eram dramáticas. "Não me trazem um médico!", queixava-se, através das grades, uma romena de 15 anos, "grávida de gémeos". Uma outra punha a tónica na insegurança resultante da co-habitação de pessoas de ambos os sexos, vincando a existência de uma casa de banho para dez pessoas. As mulheres denunciavam falta de condições de higiene e deficiente alimentação. "Nós não matámos ninguém, não fizemos nada!", tornava a jovem romena.

## Instalações temporárias

Apesar das sistemáticas tentativas, não foi ontem possível obter autorização do SEF para visitar o pré-fabricado, que fica numa área reservada do aeroporto. A entidade sustenta que as instalações são temporárias, que os prazos legais de estada (60 dias) estão a ser cumpridos e nega que ali houvesse alguém há 60 dias.

Os casos mais antigos correspondem a um homem ainda sem nacionalidade apurada e à cidadã romena, garante o serviço. A rapariga e a filha bebé foram instaladas no CIT a "26 de Outubro", o homem "dias antes". Ainda não tinha "sido possível concretizar o afastamento [da romena] por não possuir documentos de identificação". Ao fim do dia, era uma das cidadãs com embarque previsto para a madrugada de hoje.

O SEF admite que o espaço era escasso para tanta gente. O contentor está dividido em duas áreas: numa a vigilância, um local

para visitas de advogados e outro para visitas médicas; a outra é "composta por dois quartos, uma sala e uma casa de banho com dois lavatórios, uma sanita e um duche". Quatro senhoras e uma bebé foram instaladas num aposento e cinco homens noutra. No total, há oito camas, um berço e quatro colchões amovíveis.

A lotação não costuma ser tão alta. "O aeroporto do Porto não se caracteriza como uma fronteira com elevado número de pessoas a quem é recusada a entrada e, por essa via, instalada no CIT a aguardar voo de regresso", esclarece a porta-voz do SEF.

A situação descrita pela reportagem da SIC resulta de uma situação conjuntural de instalação por parte de vários tribunais de cidadãos estrangeiros a fim de serem afastados do território nacional", justifica ainda. Oito das dez pessoas ali acolhidas vieram por despacho. "Desde o momento da instalação, determinada por via judicial, que o SEF tem vindo a diligenciar no sentido de as pessoas regressarem aos seus países de origem".

Mas a reportagem veiculava outros dramas, incluindo o mau cheiro que indiciaria falta de higiene. "A vigilância é contratada pelo SEF, bem como o serviço de limpeza", que é feito "diariamente", afirma a porta-voz, negando também a alegada falta de assistência médica. Tendo a jovem romena "manifestado vontade de consultar um médico, o SEF providenciou a sua deslocação". Foi "consultada, por duas vezes, em hospital, recebeu sempre alta médica e o hospital não manifestou obstáculo a que prosseguisse viagem", garante a mesma fonte. ■

## Prazo máximo de estada está fixado em 60 dias

No grupo retido no Porto há dois "cidadãos inadmissíveis" por serem portadores de documentação falsa e oito instalados por determinação judicial. Quando alguém é impedido de entrar em Portugal, como os dois primeiros, fica na área internacional do aeroporto até ser transportado para o seu local de origem. A sua permanência nessa área não poderá ultrapassar as 48 horas. De acordo com a lei em vigor, o SEF tem de informar "o estrangeiro dos seus direitos". E de comunicar "ao tribunal competente, com envio de cópia do respectivo processo, a presença do estrangeiro na zona internacional, logo que seja previsível a impossibilidade de o seu embarque nesse prazo, a fim de ser proferida a decisão sobre a manutenção da situação ou a instalação em centro próprio". A situação tem de ser reapreciada a cada período de oito dias. O regime de acolhimento não pode exceder dois meses. O mesmo prazo aplica-se aos oito cidadãos retidos por determinação judicial até expulsão.



## SERVIÇO DE FRONTEIRAS

# Imigrantes encaixotados

Um telefonema para a SIC denunciou uma situação de albergue de imigrantes ilegais que chocou o país e obrigou o Governo a tomar medidas

EDUARDA FREITAS

**A**S OBJECTIVAS de televisão deixaram de estar apontadas para o Centro de Instalação Temporária (CIT) do posto de fronteira do Aeroporto Francisco Sá Carneiro, no Porto. As condições sub-humanas dos contentores em que os imigrantes eram colocados, antes de serem repatriados por problemas legais, chocaram o país quando emergiram nos "media". E o Governo foi obrigado a reagir e a remediar a situação.

No rescaldo de uma semana mediática, fica o resultado dos apelos feitos entre grades, em horário nobre de televisão, dos imigrantes que aguardavam o repatriamento. José Magalhães, o secretário de Estado-adjunto da Administração Interna, mandou desactivar o CIT. O governante foi também na quinta-feira ao Porto visitar e anunciar o local da futura casa de passagem para os estrangeiros que por motivos diversos tenham de ser repatriados. Vai ser no actual Centro Educativo de Santo António, antiga Tutoria do Porto.

Segundo José Magalhães, a certificação para o funcionamento, vai ser dada ainda durante o mês de Dezembro. De fora da visita

ao local, que até ao início da semana funcionava como lar para menores que cometiam delitos, ficaram os jornalistas. O Centro precisa de alguns melhoramentos, foi a justificação apresentada para que a comunicação social ficasse do lado de fora da porta de entrada do edifício.

**Denúncia telefónica.** Paula Marcelino é brasileira. Já passou a barreira dos trinta anos. Chegou ao CIT por ter sido encontra-



**O Alto Comissário para a Imigração, Rui Marques, prefere não comentar este caso chocante**

da pela polícia em Braga, sem visto. Foi ela que desencadeou o protesto que terminou com o encerramento do CIT. Por esta altura, Paula já está no Brasil. Foi repatriada na quarta-feira.

Na segunda-feira, lembrou-se de telefonar para a estação de televisão SIC. Queria denunciar as condições em que vivia há 12 dias. Através da janela do pré-fabricado do CIT, instalado na zona de fronteira do Aeroporto, deu uma entrevista.

Uma espécie de grito de revolta. Contou que vivia com mais nove pessoas numa espaço reduzido. Homens e mulheres juntos, sem privacidade, sem higiene. Gente que já ali estava há 50 dias. Disse



AEROPORTO SÁ CARNEIRO. O Governo concluiu serem impróprias as instalações do Centro de Instalação Temporária do SEF

deiras, dois colchões, um berço de madeira.

**Um poema na parede.** Paula não falou do poema escrito na parede, que depois os jornalistas tiveram oportunidade de ler. Alguém que decidiu assinar o pequeno texto, com o tamanho de um país, Brasil, dizia que «queria ser um pássaro», e acrescentava que ficava feliz por ir embora. Paula não falou do poema, mas falou de medo, de promiscuidade. Falou de uma jovem romena de 15 anos com quem compartilhava todo aquele espaço: menina grávida de seis meses e ao mesmo tempo mãe de uma criança de um ano.

A menina romena chegou a ser assistida por duas vezes num hospital. Recebeu alta e não terá colocado obstáculos para prosseguir viagem, obrigada que foi a ser repatriada por estar indocumentada.

Depois de a reportagem ter passado na televisão, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e a administração da ANA - Aeroportos de Portugal tentaram livrar-se de responsabilidades. O SEF, responsável pela gestão do CIT, dizia que, a haver falta de condições, a responsável seria a ANA, visto ser a proprietária do pré-fabricado. Em resposta, a ANA apontava o dedo ao SEF.

Entre acusações de parte a parte, o Alto

Comissário para a Imigração e Minorias Étnicas nada dizia. E assim continuou, em silêncio. Contacto pelo EXPRESSO para comentar este assunto, Rui Marques mudou dizer que não presta declarações porque este é um caso da responsabilidade do SEF.

A Comissão Nacional para a Legalização de Imigrantes já anunciou que vai apresentar uma queixa junto do provedor de justiça. Manuel Solha, responsável por esta organização não-governamental, não se conforma com a situação de os imigrantes serem detidos durante semanas enquanto aguardam que um tribunal lhes dê uma sentença sobre o seu futuro em território nacional. E sobre o que aconteceu no aeroporto de Sá Carneiro, não tem dúvidas: «A situação não devia ter acontecido. E espero que não se repita nunca mais».

A directora regional do SEF no Porto, Amélia Paulos, é um dos nomes mais referenciados como tendo responsabilidade directa nesta situação. Não comentou se as instalações tinham condições para albergar imigrantes e limitou-se a remeter para o Governo mais explicações sobre o tema.

A deputada do Bloco de Esquerda pelo círculo do Porto, Alda Macedo, esteve presente nas instalações desactivadas e não acreditava no que estava a ver: «Portugal não é um país medieval ou do terceiro mundo».



# Alterne sem fronteiras

Alfredo Palas, conhecido empresário de bares de alterne no Norte do país, começou esta semana a ser julgado. O EXPRESSO faz um retrato do mundo da noite e da exploração sexual, negócio em expansão que quando não resulta deste lado salta para o lado de lá da fronteira

**C**omeçou esta semana o julgamento de Alfredo Palas, proprietário de três bares de alterne no Norte do país, acusado de 148 crimes, e no qual um juiz do Tribunal de Mirandela será uma das testemunhas do Ministério Público (MP). Em Abril, outros empresários ligados ao ramo foram julgados e condenados. Desde Janeiro de 2004, no Nordeste transmontano, têm sido consecutivamente encerradas casas e bares de alterne sob suspeita da prática dos crimes de lenocínio, coacção sexual, incitamento à imigração ilegal e tráfico de mulheres. Entre empresários e mulheres da noite, as autoridades não têm números concretos das detenções efectuadas. Mas sabem que a prostituição no interior Norte continua um negócio em franca expansão.

Depois da invasão de mulheres vindas da Europa de Leste para trabalhar em casas de alterne portuguesas no final da década de 90, as sul-americanas, com predomínio das brasileiras, ocupam agora o topo da hierarquia da prostituição em Portugal. «Muitas mulheres do Leste aparecem protegidas pelas mafias dos seus países de origem, o que dificulta a acção de quem as quer explorar. As brasileiras não têm nada, grande par-

te é analfabeta», explica Teófilo Santiago, coordenador superior de Investigação Criminal e ex-subdirector nacional da Polícia Judiciária (PJ) do Porto.

As histórias ligadas à prostituição são semelhantes de local para local. O EXPRESSO foi procurar conhecer as várias faces desta moeda — as prostitutas, os empresários, os bordéis, a polícia, a lei, os lucros, as rusgas, as prisões, os clientes. Todos são peças no tabuleiro de um jogo que parece não ter fim.

## As prostitutas

«Trabalho de dia, por anúncio, e à noite, no bar». Paula não esconde o seu jogo: «Era 'stripper' no Brasil, sou prostituta em Portugal». Encantou-se com a perspectiva de uma vida fácil, promessa de

um empresário português por quem se apaixonou. Cobra 50 euros a cada cliente. «Mas se pagar bebida já não é mau. Fico com metade». Praia, casa, filhos. É nisso que pensa quando tem relações sexuais com os clientes. Não tem prazer. «Nunca se tem», confessa. «Senti-me suja, mas tinha de sobreviver», recorda Paula dos primeiros tempos em Portugal. «Um dia hei-de casar-me e ser feliz. Quero ter uma vida comum». Tem medo? «Medo de quê? Quem trabalha em São Paulo pode trabalhar em qualquer lugar. Não há pior do que aquilo!», diz esta menina que nem ler sabe.

Maria concorda. «A maior parte dessas meninas já era 'garota de programa' no Brasil. Aquel é mais fácil, menos perigoso». É bem mais velha do que Paula mas tem a mesma profissão. Não trabalha em bordéis: «Metem-me nojo». Maria comprou um apartamento no bairro Mantas, em Vila Real. Os clientes são angariados através de um anúncio no jornal. É a mais velha prostituta do bairro. Irrita-se frequentemente com as raparigas mais novas, porque estragam o negócio: «Elas chegam aqui e praticam preços mais baixos, o que chateia toda a gente. É burrice, pois assim todas saem prejudicadas. Não têm consciência de classe», explica.

**«As do Leste  
estão protegidas  
pelas mafias,  
as brasileiras  
não têm nada  
e são analfabetas»**







**«Não exploro ninguém e trabalho como todo o mundo. A gente tem de viver, não é?»**

Maria tem essa consciência e um percurso conturbado. Conta que nasceu sem problemas financeiros na mesma terra do actual Presidente do Brasil, Lula da Silva, em Garanhuns, no interior de Pernambuco, no Brasil. Diz que viveu uma adolescência politizada, que foi fundadora do PT, que conheceu Lula e que participou em vários movimentos sindicalistas contra o regime que mergulhou o país numa ditadura militar que durou até 1985. «A minha casa era um autêntico sindicato subversivo, onde se tocava, escrevia e declamava pela liberdade», recorda. Começou por estudar arquitectura mas acabou licenciada em Relações Públicas, na Universidade Federal de Pernambuco. A vida corria-lhe bem até se apaixonar por um galego, com quem partiu para Espanha. A morte da mãe obrigou-a a voltar à terra natal, coisa que o marido não viu com bons olhos. Abandonou-o mas acabou novamente a tentar a sorte em Espanha, onde trabalhou num lar de idosos e ganhou calos nas mãos a amanhoar a terra. Voou até à Suíça atrás do convite para uma casa de alterne. «Disseram-me que lá só beber uns copos, mas queriam que me prostituísse. Aquilo metia-me nojo e eu afastava-me dos clientes. Vim embora».

Poucos anos depois decidiu ser prostituta em Portugal. «É a vida. Não exploro ninguém, trabalho como todo o mundo. Não sou analfabeta, continuo a gostar de ler e de escrever». Maria escreve poemas sobre si própria, sobre as mulheres e os homens que conhece. «Um dia escrevo um livro sobre isto tudo. A gente tem de viver, não é?»

Cláudia é portuguesa, tem 22 anos e não sabe ler. Aliás, nunca foi à escola. «Até tenho vergonha de dizer isso», mas diz. Trabalha no Brasão, na zona raiana de Chaves. Tem duas enormes argo-





# Julgamentos em números

O juiz presidente do círculo judicial de Mirandela, Felisberto Agostinho dos Santos, é uma das testemunhas arroladas pelo Ministério Público (MP) no processo de Alfredo Palas, empresário com ligações a casas de alterne cujo julgamento começou esta semana. Palas é acusado de 148 crimes: um de associação criminosa, um de associação de auxílio à imigração ilegal, 86 de lenocínio, 58 de sequestro, um de detenção de arma proibida e outro de detenção de pistolas transformadas. O caso remonta a Outubro de 2003, quando a PJ do Porto fez uma rusga ao Palas Bar, em Mirandela, tendo identificado 68 mulheres brasileiras e detido o proprietário.

Todavia, para o MP, a partir deste bar estendia-se uma rede de prostituição onde trabalhavam angariadores, o dono de uma agência de viagens e o próprio Palas. Através desta rede, três a quatro mulheres saíam semanalmente do Brasil para Madrid ou Paris, onde eram recolhidas por dois taxistas que as encaminhavam até Portugal. Segundo a acusação do MP, as mais bonitas ficavam na casa-mãe. As restantes eram distribuídas pelas outras duas casas

de Alfredo Palas, o Ponte da Soeira, em Vinhais, e o Cantinflas, em Verín. Os passaportes, retidos pelo proprietário, eram restituídos quando estas conseguiam amortizar os 3500 euros das dívidas das viagens. Pela estadia e refeições — as mulheres eram obrigadas a ficar na «casa» — pagavam uma diária de 20 euros. Para evitar a fuga, eram fechadas nos quartos

## «A casa era frequentada por polícias, magistrados e advogados»

(onde deveriam permanecer até às 14h) e monitorizadas por câmaras de vigilância. Segundo a acusação, eram ainda vítimas de castigos corporais infligidos pelo próprio Alfredo Palas. Em 2001, Palas já tinha sido condenado a dois anos de prisão efectiva por fomentar e explorar a prostituição de mulheres no Palas Bar, depois de uma rusga em que foram detidas 12 mulheres.

«Como a casa era frequentada por polícias, magistrados e

advogados, o meu cliente nunca entendeu que estivesse a cometer uma ilegalidade». Foi assim que, no tribunal de Bragança, o advogado de Vitor Jorge, um dos últimos gerentes do bar Nick Havana, tentou defender o seu cliente. O argumento não convenceu o colectivo de juizes. Num acórdão de 88 páginas ficou claro que três dos seis arguidos daquele processo contratavam jovens mulheres para o exercício da prostituição e determinavam os preços e as percentagens a que as raparigas tinham direito.

Vitor Jorge viu a pena ser agravada por já ter antecedentes: foi condenado a seis anos de prisão, acusado do crime de lenocínio e de um crime de apoio à imigração ilegal. Um outro empresário, Joaquim Cipriano, acusado dos mesmos crimes, teve pena igual. Cipriano foi detido no bar de Ponte de Soeira, em Vinhais, quando trabalhava para Alfredo Palas. Domingos Pinto e Vitor Jorge recorreram da sentença, pedindo que a sua prisão preventiva, na qual continuam, fosse substituída pela medida da pulseira electrónica até à conclusão final do recurso.

O tribunal de Bragança atri-

buiu a pena maior a um empresário da construção civil. Domingos Pinto foi condenado a sete anos de prisão, por cúmulo jurídico, por ter ficado provado que cometeu dois crimes de lenocínio em períodos diferentes, enquanto geriu o bar. Foi ainda condenado por auxílio à imigração ilegal. Os outros três arguidos foram também condenados, com diferentes penas de prisão, mas saíram em liberdade, beneficiando de quatro anos de pena suspensa. Comum a todos os arguidos é o facto de terem que pagar uma indemnização ao Estado português de 300 mil euros, o valor que o tribunal considerou ter sido o lucro obtido ilicitamente com a actividade.

Em Outubro passado, Manuel Podence, proprietário do Top Model, foi condenado a sete anos de prisão. Em Março deste ano regressou a casa com pulseira electrónica. Klebia, a sua companheira brasileira, foi condenada a dois anos de prisão por cumplicidade.

Estes julgamentos vêm na sequência da rusga feita pela PSP, em Fevereiro de 2004, às três maiores casas de alterne de Bragança. (V)

Eduarda Freitas e Pedro Neves

las de ouro nas orelhas, veste umas calças brancas coladas ao corpo e uma camisola azul de alças. Tem olhos e lábios muito pintados, um cabelo comprido e encaracolado. Não fuma, nem bebe. Partiu de Lisboa para o interior Norte do país, para trabalhar em casas de alterne. Numa fábrica de confecção arrecadava o salário mínimo nacional. Agora, recebe entre dois a três mil euros mensais e livres de impostos. Os pais não sabem o que faz. «Se soubessem, matavam-me». Afirma nunca ter sido obrigada a nada, nem maltratada. Diz também que nunca ouviu falar em raptos, extorsão ou abusos.

Muitas das mulheres que trabalham em casas de alterne e na prosti-

tuição são analfabetas. «A pouca instrução destas mulheres é um dos factores que leva a que seja fácil persuadi-las logo no Brasil», afirma Teófilo Santiago, inspector da PJ.

## O jogo

«É bom que se queira entender o fenómeno da prostituição através da exploração de que as mulheres são vítimas. Já não é o lenocínio clássico, há sequestros e tráfico de pessoas. Existe uma certa organização na manutenção de compromissos e redes de comunicação para a troca e venda das mulheres», palavras de Teófilo Santiago.

Imagine-se um tabuleiro de xadrez jogado com peças humanas. De um la-

do está a polícia. Do outro, os donos das casas de alterne. Todos os movimentos são cuidadosos neste jogo perigoso e cheio de recuos e avanços. A retaguarda está sempre protegida. É o lo-

**«Já não se trata apenas de lenocínio clássico. Há sequestros e tráfico de mulheres»**



cal onde fica o rei, o dono da casa, o topo da hierarquia. A rainha, o braço direito do rei, movimenta-se mais à frente, ladeada pelos cavalos — angariadores — e os bispos — importadores. À frente estão sempre os peões, mulheres, na sua maioria estrangeiras, que são a peça mais indefesa. Sujeitam-se a todo o tipo de ataques: violência, exploração e coacção sexual, violação, sequestro, escravidão, tráfico, correio de droga. À medida que o jogo avança, os peões vão sendo trocados, vendidos. O tabuleiro nunca fica desprovido de peças. É que estas mudam de lugar, desaparecem, mas são imediatamente trocadas por outras de igual ou maior valor.

Nas redes da prostituição, os angariadores prometem às raparigas uma vida como bailarinas, empregadas de mesa ou de escritório. E dinheiro, muito dinheiro. Nunca lhes dizem que vão ser «garotas de programa». O passo seguinte é o contacto com os importadores, quem disponibiliza o dinheiro para a viagem e para o vestuário, um investimento que lhes fica por mil euros. As mulheres viajam então para um país estranho e hostil. À chegada, os empresários encaminham-nas para os seus locais de trabalho. Em muitos casos, confiscam-lhes a identificação até verem o retorno do investimento inicial. E com juros elevados: os mil euros transformam-se em muito mais. «Há muitos casos em que cobram às mulheres dez vezes mais do que aquilo que pagaram», explica Teófilo Santiago. Com um investimento mínimo, poucos riscos e um elevado retorno, o negócio torna-se altamente rentável até para empresários oriundos de insuspeitos ramos de actividade. As mulheres ficam alojadas ou nas respectivas casas de alterne — onde pa-

gam uma diária — ou, com sorte, em local definido pelas próprias. «Alguns quartos são autênticos currais, com grades na janela e pouca ventilação. Nalguns sítios, as mulheres vivem sob autênticos sequestros», acrescenta Teófilo Santiago. «É preciso definir um quadro de cooperação internacional no qual se possa trocar informação entre os países de importação e distribuição e os países de exportação. Temos de prevenir na origem», remata.

### Os empresários

Onze da noite. Quem passa no IP4, a caminho de Mirandela, facilmente encontra a saída para Palheiros, uma aldeia que dista poucos quilómetros de Murça. Um caminho sinuoso e sem luz esconde o Bar Orquídea, uma casa branca que já foi restaurante. O silêncio da noite é cortado pelo som do forró. Cerca de vinte mulheres estão sentadas nos sofás de uma sala com pouca luz e muito fumo. Cada uma tem um homem ao



**Nas redes de prostituição, os angariadores nunca lhes dizem que elas vão ser 'garotas de programa'**





## «Vi mulheres a viverem como autênticas escravas, maltratadas e espancadas pelo patrão»

É a «cafetina», palavra que em português do Brasil deriva de «cafetão», que significa chulo, proxeneta. Saiu do Brasil para Espanha, onde foi prostituta a cargo de um português. Saltou de sítio em sítio até se estabelecer em Palheiros. À noite, é ela quem toma conta do estabelecimento e divide os lucros com o verdadeiro proprietário, um português que também tem uma outra casa de prostituição em Bragança. De dia, Renata sai para fazer compras e passear em Mirandela. Aceitou falar com o **EXPRESSION**, mas não apareceu no dia e na hora marcados.

Lindomar, um brasileiro que chegou a Portugal vindo de Goiás, terra de onde partem muitas das brasileiras que se prostituem no nosso país, já foi porteiro de uma casa de alterne em Bragança e conheceu muitas mulheres: «Algumas eram autênticas escravas. Vieram com a garantia de fazer só alterne, beber uns copos com os clientes, mas o patrão obrigava-as a prostituírem-se. Estavam fechadas 24 horas, sem autorização para sair. Sofriam muito. Eram maltratadas, espancadas. Andavam aterrorizadas». Continua: «Eles conseguem as raparigas através de contactos que têm no Brasil. Depois enviam o dinheiro, cerca de mil euros, para a viagem. Mas acabam por cobrar muito mais». Diz Lindomar que nem todos funcionam do mesmo modo: «Havia quem não importasse mulheres e esteja agora preso, tal como os que o faziam. Numa dessas casas, enquanto eu lá estive, as mulheres eram sempre as mesmas, nunca mudaram». Lindomar refere-se ao antigo patrão, detido em meados de Fevereiro passado. «Se for preciso, vou a Portugal testemunhar a favor dele», garantiu ao **EXPRESSION**. O antigo patrão foi condenado a seis anos de prisão, mas Lindomar não apareceu no julgamento.

seu lado, com quem trocam olhares insinuantes. As suas roupas convidam ao jogo. Em volta do balcão estão luzes de Natal. Verdes, vermelhas, amarelas, num pisca-pisca fora de época, que se repete noite após noite. Tal como se repetem os gestos, as conversas, os sorrisos carinhosos para cada cliente. Depois, tudo continua porta fora, rumo aos quartos no primeiro andar da casa.

Palheiros é aldeia de gente idosa, um denominador comum a

Trás-os-Montes. Numa terça-feira à tarde, avistam-se uma mulher e um homem que trabalham o campo com a ajuda de um burro e de uma carroça. Na estrada, passam três raparigas com fatos-de-treino justos, óculos de sol, cabelos loiros, de passo apressado em direcção ao Orquídea.

Renata tem um longo cabelo negro, cuidadosamente apanhado, lábios finos e olhos delineados a lápis preto que lhe conferem um ar severo.



É uma da manhã. Na zona raiana espanhola, já de regresso a Portugal, lê-se Brasão numa placa luminosa. Não há porteiro e o ambiente está enevoado pelo fumo do tabaco. Luís, o dono da casa, vindo de Macau há mais de uma década, abriu um restaurante de comida chinesa, deu aulas de artes marciais e foi segurança numa das casas de alterne mais antigas de Leiria, a Galáxia 2000. «Havia muitos desacatos e eu fui convidado para acabar com eles», sorri. Algumas sessões de pancadaria depois, as confusões acabaram e ao fim de alguns anos Luís resolveu abrir o seu próprio negócio.

Diz não ter nada a esconder e convida o EXPRESSO para conversar na cozinha, atrás do bar. É aqui que Luís, a sua mulher e as raparigas tomam as refeições diárias. «Nesta casa não há prostituição. As meninas bebem uns copos com os clientes, fazem-lhes companhia, nada mais», afirma. Atrás de Luís está uma porta que deixa ver um pátio interior. É por ali que se faz o acesso aos quartos. Enquanto fala com os jornalistas, as meninas vão passando com os clientes, para cima e para baixo. É como é que as mulheres chegam aqui? «Chegam. Não lhes pago as viagens, nem sei como vêm. Sabem que eu as trato bem e aparecem», conta. E para provar que fala verdade vai buscar uma mulata vestida com uma justa mini-saia e de grandes argolas nas orelhas. «Luís obriga você a trabalhar aqui?», pergunta-lhe. «Obriga não», responde ela com sotaque brasileiro. «Paguei as viagens a você?». «Pagou não». «Vocês prostituem-se nesta casa?». «Prostitui não». «É bom estar aqui?». «É bom, sim». A menina sai da cozinha. «Vê!», exclama.

«Hoje já não há casas de alterne. Só casas de putas», afirma Gui, dona da

**«Elas chegam aqui, não lhes pago a viagem, nem sei como vêm. Sabem que as trato bem»**



Taverna D'el Rei, uma casa de fados no centro da Covilhã onde também se faz alterne. Gui trabalha na noite desde os 18 anos. Correu o país em espetáculos de «striptease» com o marido. Depois do «show», bebia uns copos com os clientes. «Dava para ganhar mais algum. Nunca me prostituí, fazia o verdadeiro alterne», diz.

A noite mudou. Os clientes também. Há vinte anos, muitos procuravam nas casas nocturnas uma companhia para dois dedos de conversa. «A noite era muito bonita. Fazíamos de psicólogas, contavam-nos segredos que não comentávamos com ninguém. Hoje não há nada disso. As mulheres que trabalham nessas casas são quase todas prostitutas, só querem dinheiro e não têm respeito por ninguém», conta Gui. Neste bar, ao invés de música brasileira ouve-se Amália Rodrigues. Gui prefere as portuguesas, que considera mais honestas. Conta uma história recente: «Fui a um cabeleireiro onde estavam duas brasileiras. Contavam em voz

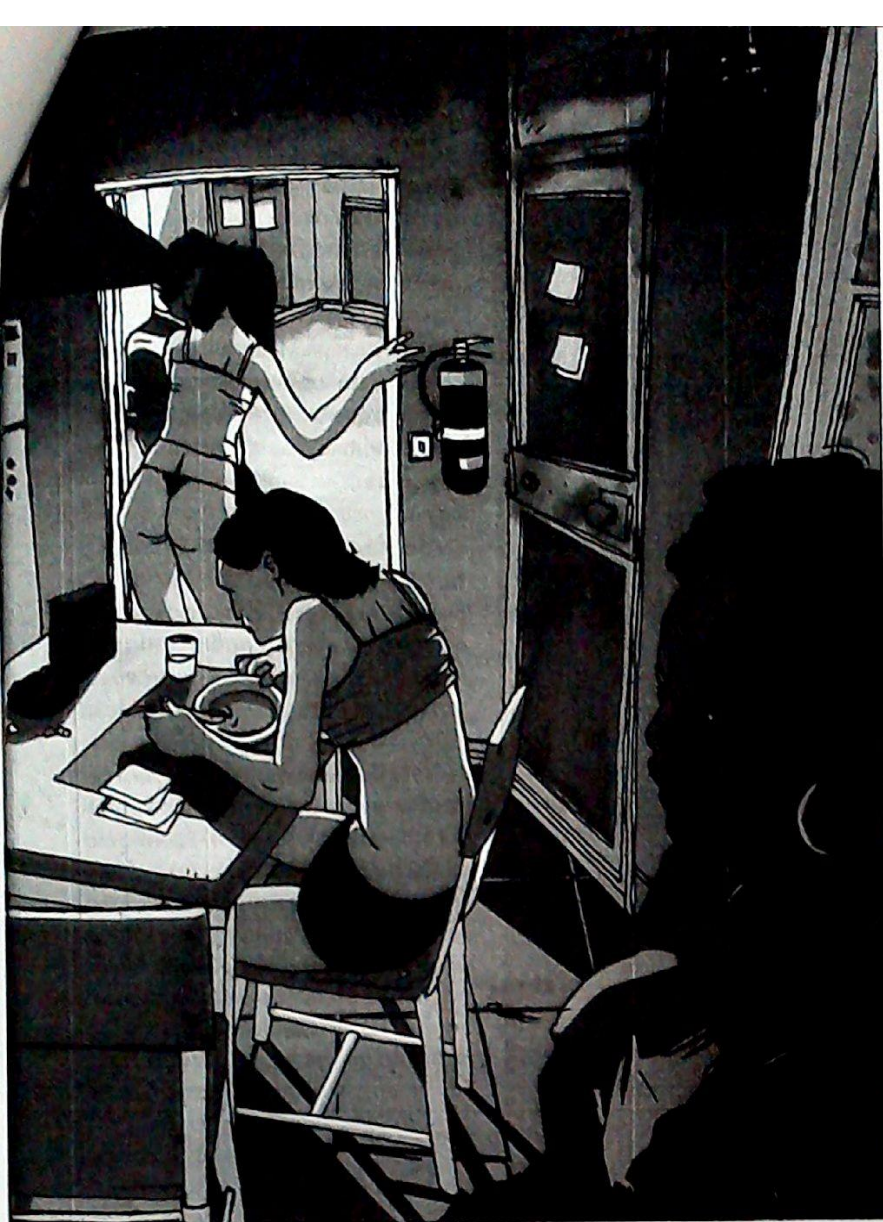
alta histórias de alguns clientes. Pelas descrições, percebi logo de quem estavam a falar. E, ao lado delas, estavam as mulheres desses homens. Mandel-as calar. Não têm respeito por ninguém. O que se passava dentro de quatro paredes, ficava dentro dessas quatro paredes. Hoje não é assim», afirma, zangada.

Gui diz que os locais mais perigosos estão junto à fronteira de Vilar Formoso, em Espanha. «Aí há sempre uma bala perdida que pode matar alguém».

### Os bordéis

Vila Verde da Raia, sábado à noite. A estrada nacional começa a ficar movimentada. «São as pessoas que vão para os bares na parte espanhola», afirma um agente de autoridade local. Da vila até à fronteira são cerca de cinco quilómetros e há quatro casas de alterne. Depois, entra-se em Espanha, onde se encontram mais de uma dúzia de bares num espaço de poucos quilómetros. No Moulin Rouge, a música, para não variar, é brasileira. Os homens





**«Aquilo que é hoje um local de prostituição pode já não o ser amanhã, e o contrário também acontece»**

«A noite de Bragança já era. Isto nunca mais voltou a ser a mesma coisa desde que começaram a chatear a gente», afirma a empregada de balcão de um bordel de Bragança. O ambiente é escuro e há poucas mulheres nas mesas da sala. A noite fria convida à lareira que arde ao fundo. Uma rapariga de botas altas e mini-saia dorme no sofá. Ao lado, uma mulher senta-se ao colo de um cliente. A casa está praticamente vazia, exceção feita a um ou outro homem que bebe cerveja ao balcão. «Os clientes foram todos para Espanha», diz a empregada.

Mas não foram só os clientes que se transferiram para o país vizinho. Depois de verem os seus negócios encerrados pelas autoridades, alguns dos mais conhecidos empresários de Bragança abriram casas para lá da fronteira, a poucos quilómetros de Portugal. O negócio processa-se de igual forma, as mulheres são as mesmas e até os cartões de consumo da casa apresentam sem pudor o nome do antigo estabelecimento português.

É quinta-feira à noite e os carros estacionados à porta do Hot Playboy, em Alcanices, terra espanhola a 40 quilómetros de Bragança, não deixam margem para dúvidas: apenas um tem matrícula espanhola, todos os outros são portugueses. O Hot Playboy não é uma casa onde se vá apenas beber um copo. A «subida» (ida aos quartos com clientes para relações sexuais) custa 35 euros e é o maior objectivo de quem ali trabalha — as raparigas, cerca de 30, recebem 75% daquele valor, o resto vai para o patrão. A maioria é brasileira e veio da casa que mais polémica causou em Bragança: o ML, encerrado pela polícia em Fevereiro de 2004.

Tânia, 19 anos, brasileira de Goiás, chegou a Portugal para trabalhar no

encostam-se ao balcão e as mulheres penduram-se-lhes no ombro, segredam-lhes ao ouvido entre abraços e beijos. O Moulin Rouge é explorado por uma portuguesa que se recusa a falar com jornalistas. Uma porta branca situada no fundo da sala dá acesso aos quartos. Em poucos minutos sobem duas raparigas acompanhadas. Descem momentos depois. Este vaivém repete-se ao longo da noite.

As casas de prostituição têm registado um aumento significativo no interior Norte de Portugal. As autoridades não sabem ao certo quantas são — «a maior parte tem licença para funcionar como restauração ou como casas de animação nocturna. Ainda por cima, aquilo que hoje é um local de prostituição pode já não o ser amanhã e o contrário também acontece», explica o Major Fernandes, comandante do Posto da GNR de Vila Real —, mas garantem que o negócio está em expansão.

Na zona raiana de Espanha, perto de Chaves, ninguém procura escond

der o que oferece: grandes anúncios luminosos virados para a estrada exibem mulheres em poses ousadas. A forte concorrência obriga os empresários do ramo a puxar pela imaginação na ânsia de atrair clientela. Uma forte rotatividade das mulheres é uma das medidas adoptadas. «Raramente ficam muito tempo no mesmo sítio. Depois, são vendidas por 1500 ou 2000 euros para outros bares. Assim, asseguram uma maior rotatividade e evitam qualquer tipo de relação com as comunidades locais», assegura o inspector da PJ Teófilo Santiago.

Uma grande percentagem dos clientes das casas espanholas fronteiriças é portuguesa. Procuram sexo ou conversa fácil, num ambiente mais distante e anónimo. Há de tudo: velhos, novos, analfabetos e licenciados. E mulheres para todos os gostos: ruivas, morenas, louras, gordas, magras, altas ou baixas. «Neste negócio a oferta tem de se adequar à procura», explica um empresário do ramo.





algumas casas não ditou o fim da prostituição. Ainda recentemente, a Bruxa, no centro de Bragança, voltou a abrir portas. Ainda em funcionamento estão Madrugada, também no centro da cidade, Casa Branca e Casa de Vale Chorado, nas imediações do ML.

#### Os clientes

A aldeia de Espinhoso, na freguesia de Vinhais, distrito de Bragança, tem poucos habitantes, dois cafés e uma rua central, com casas de um lado e do outro. E um bar: Pub Dama da Noite. O tema é incómodo. «Aqui no café não entram elas», afiança com os olhos pregados no chão um dos clientes do café. «Elas» são cerca de vinte mulheres. Brasileiras a residir e trabalhar numa casa grande e branca logo à entrada de Espinhoso. «Eu já fui ao bar delas! Então e para onde há-de ir um homem que queira beber um copo com os amigos? Aqui não há mais nada onde possamos ir», justifica-se outro cliente do café.

«Este mundo gira muito rápido. As mulheres são utilizadas como vacas a leite, toda a gente sabe», afirma Afonso, frequentador deste tipo de casas. «Enquanto rendem, ficam, depois são vendidas ou passadas para outras ca-

**«Uma casa destas chega a render entre os dois e os três mil euros por noite»**

sas. Tal como o gado», acrescenta.

A EN-314 rompe o Nordeste transmontano. De Mirandela a Vila Flor, a paisagem é marcada pelo olival e pelos tons de castanho. São muitos quilómetros onde mal se nota a presença humana. Mas o olhar desvia-se ao passar junto a uma enorme vivenda. Rodeada de muros, percebe-se o sistema de segurança que contradiz a pacatez das paisagens nordestinas. Vêem-se neóns e um gigantesco «placard» com um cavalo branco recortado dá nome à casa, Cavalo Branco, onde trabalham mais de vinte mulheres, quase todas brasileiras. Por trás, no alto de um monte, outras luzes chamam a atenção, mas por diferentes motivos: são as iluminações do santuário da Senhora da Assunção.

#### Os lucros

As casas de alterne são minas de ouro e o filão parece nunca se esgotar. É fácil ganhar muito dinheiro. Veja-se: uma grade de 24 cervejas custa pouco mais de oito euros. Dentro do bar, cada cerveja é vendida a, pelo menos, cinco euros. Feitas as contas, por cada grade vendida o proprietário tem um lucro de 112 euros. E a cerveja é a bebida mais barata, porque, por exemplo, com o whisky as contas são outras — uma garrafa compra-se por cerca de 10 euros e rende 12 bebidas, cujos valores oscilam entre os 15 e os 25 euros. O champanhe, outra das bebidas consumidas, tem garrafas a rondar os 250 euros. O copo pago à menina, fica-se pelos 25 euros. Se for um sumo, a conta diminui para 15 euros. Continue-se a somar: cada «subida» aos quartos custa, em média, 35 euros, sendo que para as raparigas ficam 25 e o patrão ganha dez. Ainda há os quartos que lhes são normalmente alugados. Por exemplo, no caso do Hot Playboy, a diária ronda os 45 euros. «A trabalhar normalmente, uma casa destas chega a render entre os dois e os três mil euros por noite», garante um antigo proprietário. [9]



preso pela PJ. Um mês antes vendera o Nick Havana para se dedicar a um negócio relacionado com o ramo automóvel. Ao EXPRESSO afirma ter a família destrozada, dois filhos pequenos que sentem a sua falta. Recusa ter trazido qualquer mulher do Brasil. «Não precisava nem o queria fazer, pois sabia que traria problemas. Elas apareciam vindas de outras casas de todos os pontos do país». Acusa José Coelho, procurador-adjunto do MP de Bragança e responsável pela acusação no processo movido aos proprietários dos bares de alterne daquela cidade, de conivência com alguns empresários, para além de frequentador de casas do género. Aos jornalistas, José Coelho explicou ter frequentado aqueles estabelecimentos. «A presença de magistrados ou agentes da polícia nestes estabelecimentos não significa conivência com os mesmos», disse. Mas nunca esclareceu se o fez por questões de trabalho ou se por lazer. Contudo, o procurador não é caso único: depois de uma testemunha do processo ter acusado alguns advogados de frequentarem casas de alterne, também um juiz vai testemu-

nhar no caso «Palas», alegadamente por ter sido apontado como cliente habitual (ver caixa na página 53).

A Vítor Jorge, revolta-o o tratamento desigual: «Há milhares de casas de alterne em todo o país mas só foram encerradas as de Bragança. De Mirandela para baixo é outro país? Há leis diferentes?» Fica a pergunta.

### As rusgas

Em Janeiro de 2004, uma acção conjunta da GNR, PSP, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e PJ levou à detenção de sete empresários e de 40 mulheres em situação ilegal. As buscas decorreram em simultâneo, entre as cinco e as dez horas da manhã, em 12 residências e bares das zonas da Guarda, Covilhã, Gouveia, Pinhel, Vila Flor, Meda, Carrazeda de Ansiães e Mogadouro. Alfredo Palas, proprietário de quatro bares, foi preso em Outubro de 2003, mas as casas de que era proprietário só foram encerradas no dia 22 de Março de 2004. Em Fevereiro de 2004, uma operação da PSP encerra as três maiores casas de Bragança: ML, Top Model e Nick Havana.

**«Não acabaram com a prostituição. Apenas com a concorrência, para favorecer alguns empresários»**

«Não percebo por que o encerramento das casas de Bragança é situação particular e não generalizada. Quando se descobre droga num barco, este é apreendido imediatamente», diz o inspector da PJ Teófilo Santiago.

«Ninguém acabou com a prostituição. Apenas quiseram acabar com a concorrência para favorecer alguns empresários», acusa um antigo empresário nocturno que preferiu o anonimato. E acrescenta: «Nem todos tiveram o mesmo destino. Alguns foram presos enquanto outros andam por aí em liberdade. E sem concorrência, trabalham ainda melhor».

É certo que o encerramento de





ML. Deixou um filho no Brasil. Com a casa fechada, também ela foi transferida para Espanha. Detesta. «Bragança sempre era mais bonita, havia lojas, podíamos passear mais um pouco». O seu passaporte está na posse do patrão. Se o quiser ter de volta terá de desembolsar 4500 euros. «Enquanto não lhe der esse dinheiro não posso sair. Depois vou para onde quiser», conta. Mas não é fácil saldar a dívida. Para além desse valor, paga mais 45 pelo quarto — e só para o pagar terá de

fazer pelo menos duas «subidas» por dia. Se esta mulher aceitasse fazer sexo sem preservativo podia ganhar muito mais: «Mas eu não aceito porque não quero morrer».

«El ambiente lo haces tú» sugere a placa luminosa de um bordel da vila Fuentes de Oñoro, em Espanha, a poucos minutos de Vilar Formoso. Várias raparigas entram e saem em carros de matrícula portuguesa. À entrada da povoação está o edifício da Guarda Civil. Mesmo ao lado, distribuem-se várias

casas de prostituição. Num primeiro olhar contamos pelo menos 15. O guarda do posto conta apenas quatro. Encolhe os ombros: «Nunca houve qualquer tipo de confusão».

«O fenómeno já ultrapassou a prostituição e o simples lenocínio; agora há escravidão, tráfico, sequestros e coacção sexual. O que se deve perseguir não são as prostitutas, mas quem as explora», afirma Teófilo Santiago.

### As leis, a polícia e as prisões

Em 1963, um decreto-lei proibiu a prostituição em Portugal, crime que passou a ser punido com pena de prisão. Em 1983, com a revogação da lei, a prática da prostituição deixou de ser considerada crime, embora se tenha mantido a criminalização de quem «facilite a prostituição ou explore prostitutas». É também punido quem se dedica ao tráfico de pessoas para prostituição noutro país. Os clientes nunca são penalizados. No entanto, não é fácil provar a coacção a que as mulheres estão sujeitas na prostituição. É o jogo do rato e do gato. Quando as autoridades se aproximam, os empresários da noite dão a volta à questão.

A colocação de uma simples porta pode atrasar todo o processo de fiscalização. «Antigamente, essas casas tinham uma porta que ligava directamente o bar aos quartos. Começamos a pegar por aí... não havia justificação para um bar ter quartos. Mas não demorou muito tempo até os empresários mudarem a porta para o exterior», conta um soldado da GNR de Vila Real. Assim, os quartos onde as mulheres se prostituem ficam fisicamente independentes do bar. E a actuação da polícia fica imediatamente condicionada.

Vítor Jorge (ver caixa na página 53) almoçava com a família quando foi

**Tânia deixou um filho no Brasil e tem o passaporte confiscado pelo patrão, a quem deve 4500 euros**



# Turistas acidentais

Cada vez mais gangues estrangeiras fazem «excursões» a Portugal. Vêm, assaltam e vão embora

DULCE SALZEDAS

EM MENOS de duas semanas, assaltaram três dependências bancárias em Coimbra, Aveiro e Figueira da Foz. O dinheiro roubado e as armas que utilizaram num dos assaltos foram encontrados por inspetores da Polícia Judiciária (PJ) de Coimbra num quarto de hotel em Ciudad Rodrigo, Espanha, onde se acomodavam depois dos assaltos. Em Portugal, permaneciam apenas o tempo necessário para realizar os assaltos.

A história é contada por um inspetor da directoria de Coimbra da PJ que, em finais de 2004, ajudou a deter os assaltantes. Três eram naturais da Corsega e tinham cadastro criminal. Conheceram-se na cadeia e terá sido aí que se organizaram como gangue. «Na primeira incursão em Portugal, assaltaram um banco em Aveiro. Ainda foram perseguidos por elementos da PSP, mas conseguiram escapar», disse ao EXPRESSO o mesmo inspetor. A perseguição acabou com um tiroteio em que um dos agentes da PSP foi ferido numa perna.

Duas semanas depois, o trio voltou a Portugal e, num só dia, assaltou duas dependências bancárias, uma em Viseu outra em Coimbra. Os três assaltantes foram detidos no dia seguinte, perto de São Pedro do Sul — desta vez, a PSP conseguiu interceptá-los durante a perseguição, também com tiroteio. Dois dos assaltantes tiveram de ser hospitalizados. O outro foi inquirido pela PJ, acabando por confessar que o dinheiro roubado no dia anterior estava num hotel em Espanha.

**É fácil assaltar em Portugal.** Portugal parece ter-se tomado um alvo preferencial para assaltantes. Nos últimos tempos, aumentaram os casos de gangues de estrangeiros que vêm a Portugal propositalmente para assaltar, regressando aos países de origem depois dos assaltos. No caso dos três corsos, foram eles próprios que disseram que vinham a Portugal assaltar porque era fácil, contra-



Coimbra que na altura deteve os dois indivíduos.

**Nove assaltos num mês.** No início de Dezembro, a Direcção Central de Combate ao Banditismo (DCCB) da PJ deteve dois homens por assaltos a agências bancárias. Sabe-se apenas que os indivíduos eram estrangeiros (a PJ não quis revelar a sua nacionalidade), estavam em Portugal desde final do ano passado e em menos de um mês realizaram nove assaltos a bancos. O modo como praticavam os roubos era sempre o mesmo: utilizavam uma motorizada, um deles ficava à porta do banco enquanto o outro se aproximava do balcão e, empunhando uma arma, obrigava o funcionário bancário a entregar o dinheiro que havia em caixa. De acordo com a PJ, o duo não revelava grandes cuidados: actuava de cara descoberta e por onde andou deixou sempre vestígios que facilitaram a identificação.

Também este mês, inspetores da PJ de Lisboa detiveram 12 homens — três deles de nacionalidade brasileira — que assaltaram dezenas de pequenos espaços comerciais na zona de Sintra, Mafra e Oeiras. Operavam em parcerias de dois ou três e utilizavam pistolas de 6,36 mm e caçadeiras de canos cerrados. «Não se conheciam entre eles, mas o modo de praticar o crime era o mesmo», disse ao EXPRESSO Carlos Farinha, responsável pela directoria de Lisboa da PJ.

Além de espaços comerciais, os mesmos indivíduos confessaram ainda ser os autores de assaltos a transeuntes e a automóveis. Todos eles têm já currículos criminais no país de origem e estavam em Portugal há pouco tempo.

De referir que os assaltos à mão armada registaram uma forte subida em 2005. Só entre 1 de Janeiro e 30 de Outubro, a PJ deteve em todo o país 441 pessoas por este crime com recurso a armas de fogo. Destes, 214 foram detidos em Lisboa, 121 no Porto, 51 em Coimbra e 23 em Faro. Só a DCCB, que em Lisboa tem a competência em assaltos a bancos e a carlinhas de valores, deteve 42 pessoas.

Outro caso, que deu «várias dores de cabeça» aos investigadores, foi o de um gangue composto por um cabo-verdiano e um brasileiro. Durante mais de um ano, assaltaram

Foram detidos em 2004, pela PJ de Coimbra.

Os dois indivíduos tinham residência no estrangeiro: o brasileiro no Brasil, o cabo-verdiano na Holanda. Combinavam os assaltos e encontravam-se em Portugal só o

tempo necessário para praticar os crimes. «Chegaram a ter uma casa alugada na margem sul do Tejo, onde pernoitavam e guardavam as armas utilizadas nos assaltos», disse ao EXPRESSO Walter Constantino, o inspetor da PJ de

ANTÓNIO MARTINS



ANTONIO MIRANDA



Ucranianos numa missa de Natal ortodoxa, em Alcáçova, em Janeiro de 2001

## Portugueses já não vêem cidadãos de Leste como os "bons imigrantes"

Estudo da Universidade Católica mostra, por exemplo, que os brasileiros são preferidos

RICARDO DIAS FELNER

Os imigrantes de Leste foram acolhidos em Portugal como os estrangeiros de luxo: os doutores, os cientistas, os disciplinados. Por momentos, pensou-se mesmo que, um dia, parte deles viria a preencher quadros superiores nas universidades e nas empresas. Quatro anos depois, contudo, os dados indicam que o país já esqueceu esses elogios e foi inconsequente nas promessas de valorização profissional.

Em 2001, de Lisboa às aldeias do interior, os portugueses abriram os braços às novas comunidades imigrantes vindas sobretudo da Ucrânia, da Moldávia e da Rússia. Louvavam-lhes a capacidade de trabalho, o músculo; apreciavam a sua formação superior, a sua disponibilidade linguística.

Nesse ano revolucionário para a imigração portuguesa organizaram-se mesmo missas e recepções emocionadas. Nas escolas, nas juntas de freguesia, programavam-se espontaneamente aulas de português para estrangeiros e grupos cívicos davam explicações gratuitas sobre o Código Laboral e a lei da Imigração.

Actualmente, no entanto, há sinais de que esta paixão se evanescceu. Um estudo da Universidade Católica apresentado no mês passado, tendo por base um inquérito realizado em 2001, mostra que os imigrantes vindos do Brasil são hoje claramente preferidos aos de Leste.

Mais: os números indicam que boa parte dos portugueses não gostaria que os filhos frequentassem a mesma escola dos filhos de imigrantes de Leste, pondo-os no fim da lista das preferências, atrás dos filhos dos brasileiros e dos africanos.

As razões para esta desvalor-

zação são difusas. A visibilidade crescente de situações de marginalidade, a imagem de imigrantes escravos sem-abrigo ou com problemas de alcoolismo, as notícias sobre criminalidade de rua representam factores a ter em conta. Mas escondem o problema essencial: a crise económica que assolou o país e o aumento dos níveis de desemprego.

Julia (nome fictício), moldava, 39 anos, desde 2001 em Portugal, acompanhou toda esta evolução. E diz tê-la sentido na pele. "No início tratavam-nos melhor", afirma sem hesitar a antiga enfermeira, actualmente a trabalhar como empregada doméstica.

"Pensam que lhes estamos a roubar o trabalho"

Recusando explicações de tipo racial, Julia apresenta outras justificações pragmáticas - materiais - para esse comportamento. "Acho que é porque os portugueses também estão com dificuldades. Acho que eles pensam que lhes estamos a roubar o trabalho", prossegue a mulher.

Na cabeça de Julia está bem presente uma entrevista com a directora de relações públicas de um hospital privado. A entrevistadora perguntou-lhe se tinha trabalho, ao que Julia respondeu que "estava como mulher-a-dias", despertando a indignação na sua interlocutora. "Se já tem trabalho deve estar muito contente. Há muitos portugueses à sua frente inscritos nos centros de emprego", respondeu-lhe.

Esta responsável hospitalar desconhecia, contudo, que também existem muitos imigrantes de Leste no fundo de desemprego. Cada vez mais. Apesar de reconhecidos como profissionais competentes e cumpridores, dos cerca de 17 mil imigrantes desempregados que se encontravam registados, no ano passado, no Instituto de Emprego e Formação Profissional, de uma lista com 32 nacionalidades, 3100 eram ucranianos, búlgaros, romenos, moldavos e russos. Em 2001,

apenas estavam inscritos 470 imigrantes destes países.

Uma consequência imediata desta crise são os fenómenos de pobreza e de marginalização, que muitas vezes acabam por inflacionar as estatísticas da criminalidade. A PSP e a PJ têm registado um aumento dos casos de roubos na via pública; já não se trata, apenas, dos crimes das máfias de Leste, que normalmente vitimam os próprios imigrantes, mas de assaltos contra os portugueses, um delito que contribui de forma decisiva para a criação de sentimentos xenófobos.

No passado mês de Março, por ocasião da apresentação de um estudo sobre "a criminalidade de estrangeiros em Portugal", o director-geral dos Serviços Prisionais, Miranda Pereira, salientou que o crescimento da taxa de estrangeiros nas prisões resultou, em parte, do aumento das condenações de imigrantes de Leste, nomeadamente dos de nacionalidade ucraniana.

A família de Julia não chegou a esta situação extrema. Vai sobrevivendo sem ter de roubar. Mas há muito que perdeu as ilusões criadas naquele ano entusiasmante de 2001: Julia já desistiu de batalhar pela equivalência profissional em Portugal, como enfermeira, apesar de ter exercido essa actividade durante 16 anos na Moldávia; e não atribui mais qualquer importância aos discursos oficiais e presidenciais sobre a necessidade de aproveitar os trabalhadores de Leste qualificados e fiscalizar o cumprimento da lei laboral.

Quatro anos depois de ter chegado a Portugal, Julia continua num sótão exíguo, arrendado por 350 euros, "sem contrato sem nada", num bairro da periferia de Setúbal. Desistiu de tentar um crédito bancário para comprar uma casa sua. Sabe que o seu futuro é como empregada doméstica, a ganhar 600 euros por mês, "a trabalhar das 6h00 às 10h00 em quatro patroas diferentes, sem que nenhuma delas pague a segurança social". ■



Crise Em 2009, pelo menos 20 mil desempregados abandonaram o país. Êxodo já é comparável ao registado nos anos 60

# Trabalho? Talvez lá fora

Texto JOANA PEREIRA BASTOS  
Ilustração CRISTINA SAMFAIO

Com malas de cartão ou com pastas de executivo, cada vez mais portugueses abandonam o país em busca de trabalho e melhores condições de vida. Segundo dados do Instituto do Emprego e da Formação Profissional (IEFP), cerca de 20 mil desempregados emigraram só no ano passado, o que representa um aumento de 31% em relação a 2008. Mas os especialistas garantem que o número está muito aquém da realidade, já que só contabiliza quem estava inscrito nos centros de emprego e comunicou que ia partir. Dezenas de milhares de outros tomam a mesma decisão sem avisar.

"Não é possível saber ao certo quantos portugueses estão a emigrar porque não existe um mecanismo de contabilização das saídas. Mas sabe-se que estão a aumentar e que, na última década, são certamente muito mais do que 20 mil por ano", assegura Jorge Malheiros, do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.

Analisando as estatísticas de entrada de alguns dos principais países de destino da emigração portuguesa, é fácil perceber as certezas dos investigadores em relação à real dimensão do novo êxodo. O número de emigrantes portugueses na Suíça, por exemplo, aumentou 60% nos últimos oito anos e em Espanha a comunidade lusa mais do que duplicou entre 2005 e 2008 (ver gráficos).

Só no ano passado foram viver para o país vizinho pelo menos 13671 portugueses, sensivelmente o mesmo número dos que partiram para o Luxemburgo. Se a estes somarmos os 7600 que se inscreveram na Segurança Social britânica apenas no primeiro semestre de 2009, a conta já ultrapassa os 35 mil só nestes três países. E engrossaria ainda mais se casos como Angola, que também figura entre os principais destinos da nova vaga de emigração portuguesa, tivessem serviços estatísticos eficientes, o que não acontece, explica o coordenador científico do Observatório da Emigração, Rui Pena Pires. "A emigração tem vindo a crescer muito nos últimos anos e está agora próxima dos níveis registados nos anos 60", garante.

O problema, adianta Jorge Malheiros, é que se nessa altura o país perdeu sobretudo mão-de-obra desqualificada, "agora está também a perder os mais habilitados". Os dados do IEFP confirmam-no: apesar de 70% dos novos emigrantes continuarem a ter baixos níveis de qualificação, está a crescer a percentagem dos que concluíram o ensino superior. E, a julgar pelos números, a tendência será cada vez mais essa: entre os desempregados que manifestaram no centro de emprego a intenção de trabalhar no estrangeiro, 40% têm um "canudo".

"Se não houver uma transformação profunda do mercado de trabalho em Portugal, com uma diminuição acentuada do desemprego e uma maior valorização dos salários e dos jovens qualificados, corremos o risco de assistir a uma verdadeira sangria de população, com ainda mais pessoas a deixar o país em larga escala", adverte Jorge Malheiros.

Ainda assim, os especialistas rejeitam um discurso alarmista, sublinhando que a emigração pode também trazer importantes benefícios para Portugal, nomeadamente no que diz respeito ao fortalecimento de relações com os países de destino, à criação de novos investimentos e possibilidades de negócio ou ao crescimento do volume de remessas, que ainda tem uma importância económica significativa. Além de "aliviar a pressão sobre um mercado de trabalho neste momento saturado" e evi-

tar que sejam ainda mais sobrecarregados os sistemas de protecção social e subsídio de desemprego, acrescenta o coordenador do Observatório da Emigração. "O problema não é tanto o facto de as pessoas saírem, mas a nossa falta de capacidade para atrair mão-de-obra qualificada de outros países", defende.

A verdade é que Portugal já não parece atrair ninguém. Qualificados ou não,

são cada vez menos os imigrantes a chegar. Rui Pena Pires vai mais longe: "A imigração acabou. O único fluxo ainda activo de imigração é o do Brasil, mas praticamente a conta-gotas e sobretudo para reagrupamento familiar. De África já não vem ninguém e da Europa de Leste tem vindo sempre a diminuir e até já estão a ir embora".

Assim sendo, o saldo migratório, que reflecte a diferença entre as saídas e as

entradas, já se inverteu. "Com o aumento do desemprego e as dificuldades económicas, há agora muito mais gente a sair do país do que novos imigrantes a entrar", afirma Fernando Luís Machado, presidente do Centro de Estudos e Investigação em Sociologia do ISCTE.

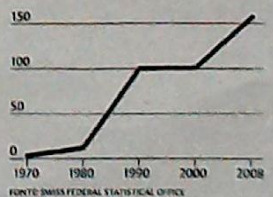
Perante a nova realidade, que começou a desenhar-se nos últimos cinco anos, os especialistas em migrações aguardam com expectativa o resultado

Em Thetford 30% já são portugueses

Sem peso relevante na emigração portuguesa dos anos 60, o Reino Unido parece agora ter-se transformado na nova França. O grande fluxo migratório começou no início dos anos 2000 e não tem parado de crescer. Só em 2009 o número de portugueses a emigrar para o Reino Unido aumentou 25%. "É muito difícil calcular o número real de portugueses que estão a viver cá. Os consulados falam em 350 mil, mas há dados baseados nos impostos e citados pelos jornais que apontam para 700 mil", explica José Carlos Almeida, investigador do Center for European Integration e especialista no estudo da comunidade portuguesa emigrada em Inglaterra. Certo é que já há localidades onde o português é a segunda língua mais falada. Em Thetford, uma pequena cidade de 28 mil habitantes a cerca de 150km de Londres, na região rural de East Anglia, os emigrantes portugueses já são 30% da população. "Têm as suas vidas estabelecidas, compram casas, têm os filhos na escola, mas não têm grande interacção com os ingleses, até porque muitos quase não falam a língua. Não precisam trabalhar, fazem compras, vão ao café e convivem em português", explica. A maioria dos emigrantes portugueses no Reino Unido tem poucas habilitações e trabalha na agricultura ou na indústria, sobretudo relacionada com processamento de carnes. Neste sector, há fábricas com cerca de 1000 trabalhadores portugueses. Mas o número de emigrantes portugueses altamente qualificados também não tem parado de crescer.

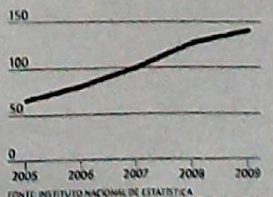
## PORTUGUESES NA SUÍÇA

Em milhares



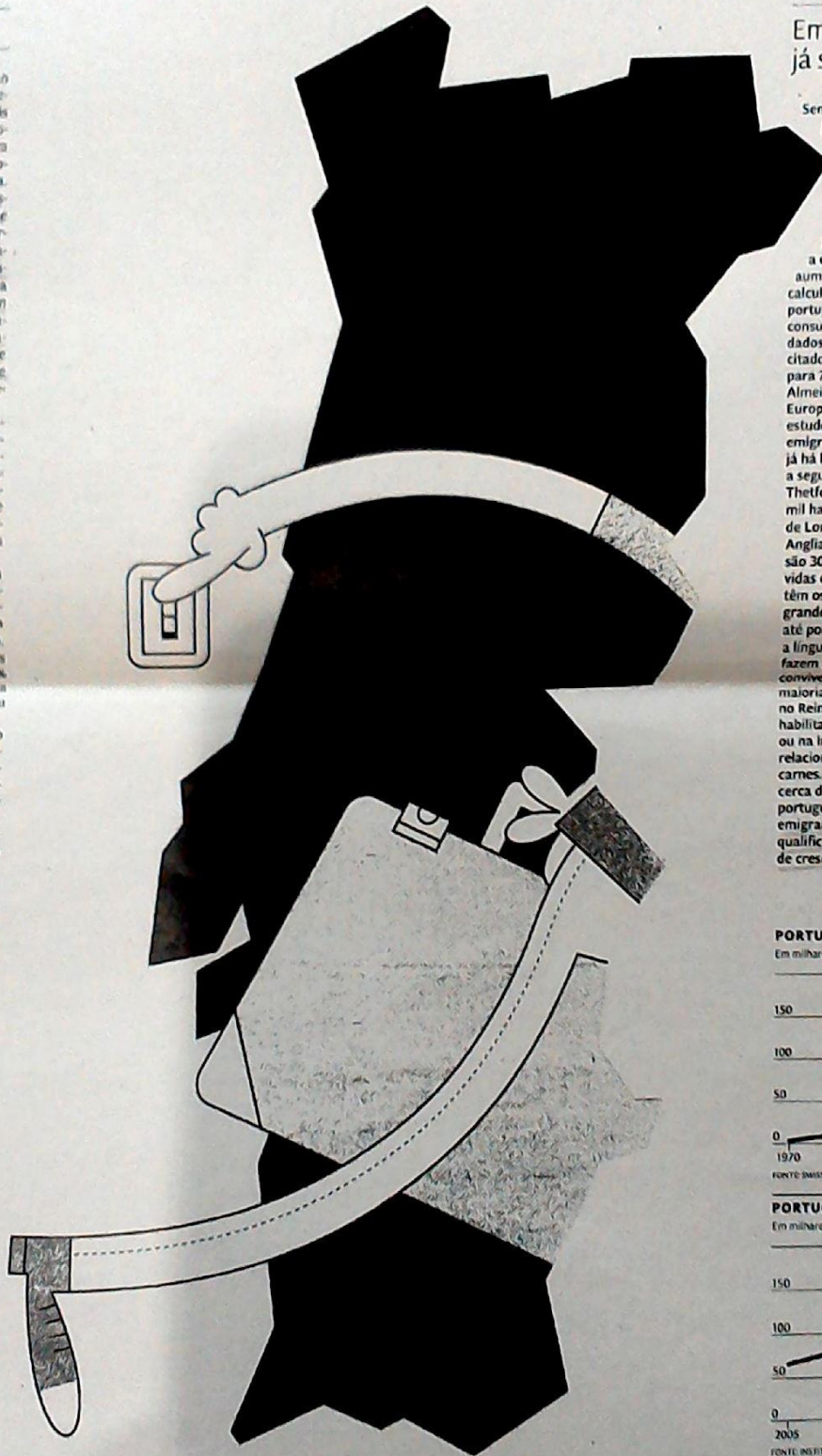
## PORTUGUESES EM ESPANHA

Em milhares



do próximo Censos, que será publicado em 2011, e avisam que os dados podem trazer uma surpresa. "As estimativas de população publicadas nos últimos anos são claramente optimistas. Com o Censos, vamos perceber que a população portuguesa é menor do que se calcula", explica Jorge Malheiros. O declínio que se previa ter início na próxima década afinal já começou.

jbastos@expresso.imprensa.pt





mil imigrantes brasileiros estavam registrados pelo SEF em Portugal no ano passado

dos ETV pedidos para o programa de apoio ao regresso da OIM nos seis primeiros meses de 2010 foram de brasileiros

personas, incluindo Sónia e Guilherme, embarcaram na terça-feira à noite, no aeroporto de Lisboa, com destino ao Brasil, no âmbito do programa da OIM

meses é quanto tempo demora, em média, a avaliação feita pela OIM das causas inscritas no programa de apoio ao retorno. A organização paga os bilhetes e, em alguns casos, oferece auxílio para quem quer começar negócios no país de origem

## TRÊS PERGUNTAS A

Carmen Fonseca

Investigadora em Ciências Políticas da Universidade Nova de Lisboa e especialista em política brasileira

□ Dilma Rousseff tem liderado as sondagens. A sua eleição poderá implicar uma mudança na política brasileira ou prevê-se uma continuidade da ação de Lula?

□ O nível de popularidade que Lula atingiu reflete o cansaço criado durante os seus mandatos e demonstra a vontade que os brasileiros têm de que se promova uma linha de continuidade. A atuação de Dilma na sombra de Lula coloca outras questões: vai acabar com a manobrista de Lula ou vai continuar a manobrista, mas dar de paz para responder a apelos de outros setores do PT e dos partidos da coligação?

□ O Brasil é hoje um destino mais atrativo do que Portugal para a emigração?

□ O potencial de crescimento do Brasil (que, no entanto, ainda não conseguiu para terminar com a pobreza ou as desigualdades sociais) poderá conduzir a uma diminuição da saída da população e à deliberação do país como um destino favorito. Contudo, Portugal certamente que continua a atrair investidores como o primeiro passo de passagem para aqueles que querem entrar na Europa.

□ Quais são os principais fatores de risco internos e externos que ameaçam o futuro do Brasil?

□ O próximo Presidente deverá ser de todo ter a capacidade de consolidar o crescimento obtido e contribuir para o reforço das instituições políticas, e desse modo garantir que as desigualdades sociais diminuam.



**DESPEIDADA**  
Sónia e Guilherme, às 23h37 da terça-feira, na hora de passarem para a zona de embarque do aeroporto de Lisboa, antes de uma última vez para José Morais, que deve voltar ao Brasil em fevereiro

**Regresso** Após décadas de emigração, muitos brasileiros estão a voltar a casa e são muitos os que precisam de ajuda para pagar a viagem

# O futuro às vezes é ir para trás

Texto RICARDO MARQUES  
Foto JORGE SIMÃO

Sónia caprichou para acabar o dia em que se sentia uma fãzinha. A verde, arranjou o cabelo no salão, depois pintou os olhos, deu um beijo nos lábios e decidiu-se por um vestido justo lilás. Na terça-feira, noite da última despedida, chegou cedo ao aeroporto de Lisboa. Traz quatro malas, o filho pela mão, o marido (José, que conheceu em Portugal e deixou para trás) ao lado e, sem desligar, a pior sensação de todas. "Nada é tão mau para um emigrante como ficar assim mau. Chegou ao ponto de não ter sequer dinheiro para voltar para casa", admite. O bilhete para São Paulo — pago pela Organização Internacional para as Migrações (OIM) — está na mochila do marido. Guilherme, três anos, aprende mais uma lição: o futuro não é sempre uma entrada que vai para a frente.

Nos primeiros seis meses deste ano, 891 pessoas embarcaram com bilhetes pagados de Sónia. Denunciadas 745 eram cidadãos brasileiros em situação difícil e que recorrem à ajuda da OIM para regressar a casa (foram 789 em 2009). "As pessoas não têm dinheiro para mais nada, muitas vezes nem para comer. São quase-límites. Não pagamos a viagem e fazemos o acompanhamento no destino", confirma Marta Buzin, chefe de missão da OIM em Portugal. Mas não são os únicos. Gustavo, 18h, presidente da Casa do Brasil em Lisboa, pode não ter nenhuma coisa, mas agarrar-se a uma certeza: "Há cada vez mais brasileiros a voltar a casa". É a estatística mostra que não param de Portugal. O regresso é a escala mundial.

Do Japão, por exemplo, onde reside uma das maiores comunidades brasileiras, saíram nos últimos anos 180 mil pessoas. A dimensão do fenómeno é tal que um dos programas com maior audiência na TV Record — "O programa do Gugu" — criou uma rubrica chamada "De Volta pro Meu Arrozinho", em que oferece a viagem de volta para emigrantes normalizados. "O programa ainda não escolheu nenhum brasileiro radicado em Portugal, mas tem planos para o fazer com um nador do país", afirma ao Expresso Gugu Silveira.

Ver a família partir José Morais, 40 anos (mais tarde do que 30), não é de fora da migração. Por época, "eles vão e eu fico mais uns meses. Vou tentar regressar em fevereiro". A matemática falou mais alto do que a emoção. "Claro que custa ver partir a mulher e o filho. Mas também é mais fácil. Posso pagar na remessa, posso sentir mais mal". José trabalha na construção civil. Conheceu Sónia quando moravam na mesma casa, em Lisboa, com mais brasileiros. "Sabe, eu sou muito apegado mesmo. E ele em mim. Uma vez, que foi fora três dias, ficou dentro. Como vai ser agora?"

Guilherme, que já conhece Portugal, vai encontrar um Brasil diferente do que a mãe deixou. O PIB cresce a um ritmo superior a 6%, que parece ainda mais prometedor quando se trata de economia mais desenvolvida se debruçarmos nos dados da crise, e ganhou peso na construção civil. O principal responsável pela aceleração brasileira é Lula da Silva, o Presidente que acabou de deixar a presidência. A candidatura do seu sucessor, Dilma Rousseff, tem sido apontada como favorita. Na hora da despedida, em setembro, Lula escreveu aos brasileiros espalhados pelo mundo. A mensagem acabava assim: "Estamos construindo um país de oportunidades. O Brasil os espera de volta".

Lula chegou ao poder em 2003 — um ano antes de Sónia chegar em Portugal. Agora, Sónia sente-se a estar em Gólgota a tempo de votar. "Eu já falei para ela que a primeira coisa a fazer, quando chegar, é registar-se para votar", explica José. "Eu não vou votar, mas se o fizer, votaria na Dilma. Ela é a candidata do Presidente Lula", acrescenta. O voto no Brasil é obrigatório para todos os cidadãos entre os 18 e os 70 anos. É também condição para conseguir emprego.

Sónia não diz qual é o seu candidato. Não diz quase nada. Sete anos em Portugal também em silêncio a uma mesa de aeroporto, com uma garrafa de água à frente. "Tenho dois filhos no Brasil. Tinha quatro e cinco anos quando vim embora. Nunca mais os vi. Eu trabalhava num laboratório de medicamentos. Aqui, trabalhei na restauração, antes de ficar desempregada", recorda. Antes de ficar doente, de passar noites a fio sem conseguir dormir. E antes de se sentir de tal modo esgotada que a única solução foi pedir ajuda à OIM. "Não dá mais".

As filhas de check-in dos três voos para destinos brasileiros são as mais concorridas. Esta noite também há partidas de Lisboa para Kiev, Luanda, Dacar e Praia, mas as ligações aéreas entre Portugal e o Brasil (estão previstas, segundo a ANA, 2618 voos em ambos os sentidos entre 31 de outubro e 30 de março de 2011) não são mais frequentes. De acordo com dados do SEF, havia em 2009 um total de 116.220 imigrantes brasileiros com a situação regularizada (mais 10 mil do que em 2008), um quarto de todos os estrangeiros em Portugal. A estes é preciso somar também os que se encontram em situação ilegal. E acrescentar uma estimativa: o aumento não significa menos emigrantes. Apenas situações regularizadas.

Portuguesa do Brasil Há uma enorme fotografia do Porto no hall e outra, do mesmo tamanho, de Lisboa na sala. Mas do que Adriana Sousa gosta mesmo é da enorme televisão, que usa para falar com o filho, de 12 anos, através da Internet. "A situação no Brasil parece estar melhor, mas eu prefiro ficar cá. Gosto mais de estar cá". É a principal preocupação, agora, é conseguir que o filho, que não vê desde 2001, possa vir para Portugal



NOVE ANOS EM PORTUGAL

Há uma enorme fotografia do Porto no hall e outra, do mesmo tamanho, de Lisboa na sala. Mas do que Adriana Sousa gosta mesmo é da enorme televisão, que usa para falar com o filho, de 12 anos, através da Internet. "A situação no Brasil parece estar melhor, mas eu prefiro ficar cá. Gosto mais de estar cá". É a principal preocupação, agora, é conseguir que o filho, que não vê desde 2001, possa vir para Portugal

Foto: J. Marques/Imagem.pt



# Eleições com Lula no papel principal



**Presidente não pode concorrer ao terceiro mandato, mas é tão popular que todos prometem imitá-lo**



Área: 8 514 877 km<sup>2</sup>  
População: 198 739 269 habitantes  
Densidade: 22,736 hab/km<sup>2</sup>

Quando 135 milhões de brasileiros forem às urnas, amanhã, estará em jogo a eleição de um Presidente da República, 513 deputados federais, 54 senadores e os governadores e assembleias legislativas dos 26 Estados e do Distrito Federal (Brasília). A pergunta que todos fazem é: conseguirá José Serra obrigar Dilma Rousseff a disputar a segunda volta, no dia 31?

As sondagens não respondem. Dilma, candidata do Partido dos Trabalhadores, preferida do Presidente Luiz Inácio 'Lula' da Silva e sua chefe de gabinete, tem 53% na média dos mais recentes quatro estudos de opinião. Mas as suas intenções de voto desceram ao longo da semana: termina a campanha com 47%, insuficiente para vencer à primeira volta. O principal opositor, José Serra (Partido da Social Democracia Brasileira), obtém 31% das preferências, e a verde Marina Silva 15%.

Tudo seria diferente se Lula pudesse e quisesse recandidatar-se, coisa que a Constituição proíbe. Com uma taxa de popularidade de 78%, o líder cessante anda na boca de todos os candidatos, que prometem continuar — "aprofundar", diz Dilma — as suas políticas. Serra garante que não é contra Lula que concorre e até Marina Silva, mais crítica (fundadora do PT, abandonou o partido e o Governo em 2009), louva o Presidente por ter reduzido a pobreza.

A entrada de Lula na campanha foi decisiva para o avanço de Dilma. Há um ano, Serra tinha uma vantagem de 15 a 20% nas sondagens e, até abril de 2010, surgia em primeiro lugar. Nessa altura, Lula anunciou que faria campanha por Dilma "depois do horário de expediente". Em maio, um estudo de opinião falava em "empate técnico", no verão, Dilma disparou e, no início de setembro, já se punha a hipótese de ganhar à primeira volta. Multado sete vezes pelo Tribunal Superior Eleitoral, Lula tornou-se "a presença mais importante da eleição", segundo

o politólogo Gian Luca Gardini, da Universidade de Bath, que o Expresso ouviu num recente seminário no Instituto de Ciências Sociais, em Lisboa. Não está posta de parte uma recandidatura sua em 2014 ou 2018.

O prestígio de Lula assenta muito no êxito do combate à pobreza, face mais visível do "milagre económico" brasileiro. O número de pobres diminuiu de 49,5 para 29,9 milhões (de 28,5% para 16% da população) nos oito anos do seu governo, segundo o Instituto de Pesquisa em Economia Aplicada (estatual), que prevê que a pobreza caia para metade nos próximos seis anos. Com um crescimento de 6,5% projetado para 2010, o país foi dos menos afetados pela crise global. O Banco Mundial admite que se torne a quinta economia mundial até 2026.

Ao mesmo tempo, vindos de todo o mundo, milhares de emigrantes brasileiros estão a regressar a casa, em resposta ao apelo do Presidente Lula da Silva. "Essa é uma realidade cada vez mais importante na política brasileira e as autoridades estão atentas", explica a chefe da missão portuguesa da Organização Internacional das Migrações, Marta Bronzin. Em Portugal, onde são a maior comunidade de imigrantes, nos primeiros seis meses deste ano, inscreveram-se 745 brasileiros no programa de apoio ao regresso.

## Nas bocas do mundo

O Brasil vive uma projeção mundial inédita. O carisma de Lula permitiu-lhe intervir em questões que vão do programa nuclear do Irão ao terramoto do Haiti. O desejo de um lugar permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas é reforçado por rumores sobre uma candidatura de Lula a secretário-geral da ONU, referida em jornais como a "Folha de São Paulo" e "The Times".

De olhos postos nos grandes eventos desportivos da próxima década (Mundial de futebol em 2014 e Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro em 2016), a antecâmara brasileira é grande e escandalosa como o "mensalão" (compra de votos parlamentares) pareceu esquecidos. Dilma promete, não obstante, investigá-los a fundo. O perito Gardini acha provável que a herdeira de Lula fique no Palácio do Planalto, mas alerta para a bitola alta que o mentor lhe deixa: "O próximo Presidente não pode errar, mas ser-lhe-á difícil fazer diferente de Lula".

PEDRO CORDEIRO e R.M.  
pedrocordeiro@expresso.angola.pt



# Brasileiros Felizes, criminosos e maus

Estudo do ISCTE traça perfil do imigrante brasileiro visto por portugueses. Só a alegria suplanta a má índole

Felizes, maus, criminosos, comunicativos, festivos, trabalhadores, conflituosos, simpáticos, ladrões de emprego, divertidos, preguiçosos, oportunistas (as mulheres), pobres... O perfil do imigrante brasileiro em Portugal, visto por portugueses, é um misto de bons e maus estereótipos, listados por esta ordem, mas o lado negativo já domina a imagem da maior comunidade estrangeira. Só eles — quando comparados com os restantes imigrantes — são considerados quezílias, preguiçosos e, no que ao género feminino diz respeito, "querem é vida fácil".

Este retrato pouco lisonjeiro saiu de um estudo realizado por Aline Lima Nunes, doutoranda de Psicologia Social do ISCTE, no âmbito da tese "Percepções de Justiça e Discriminação: Preconceito contra imigrantes brasileiros em Portugal". Em Janeiro e Fevereiro deste ano, 114 estudantes universitários portugueses, a maioria a cursar Gestão, Sociologia e Informática, responderam a três inquéritos, de questão aberta, em que lhes era pedido que, independentemente da sua crença pessoal, atribuissem características aos imigrantes brasileiros, aos imigrantes em geral e aos brasileiros no país de origem, de acordo com o que creem que, na sua sociedade, se pensa sobre estes grupos.

O objectivo final do doutoramento é analisar a discriminação contra brasileiros, causada e alimentada pelos preconceitos na cultura portuguesa. Mas primeiro tinha de identificar a imagem que os portugueses têm destes imigrantes", explica a psicóloga, ela própria brasileira, de Paraíba, e imigrante.

Mas a experiência cultural, pessoal, de Aline, não entra aqui. Faz questão, aliás, de separar as águas. Na universidade ela é apenas estudante, isenta, científica. Os inquéritos nunca souberam a sua nacionalidade. "Queria estudar a discriminação em Portugal, e a comunidade brasileira fica num meio-termo perfeito. Nem está no extremo da exclusão, como os ciganos, nem na total integração", explica.

Claro que, vendo os resultados, Aline reconhece, por experiência, alguns estereótipos, a que chama "falsas para a discriminação". Quando há 115 referências (27,3%) aos imigrantes brasileiros como maus e criminosos, 28 como conflituosos e 14 como pobres, ela percebe porque foi difícil alugar casa, quando veio estudar para Portugal, em 2006. Ou porque para abrir conta no banco lhe pediram mais dados e documentos que os referidos no site da instituição.

Chegou com mais oito colegas da Universidade Federal da Paraíba, mas só ela ficou o ano completo da bolsa. "No Brasil, estudávamos o preconceito, mas nunca tínhamos estado na posição de excluídos. Somos filhos da classe média alta, cujos pais podem pagar estudos no exterior. Mesmo fugindo ao típico imigrante, percebi o que era ser discriminada". Diz o estudo que as mulheres brasileiras — este estereótipo não é referido para imigrantes de outras nacionalidades — são consideradas oportunistas ("querem vida fácil, prostituição, roubar maridos, casar com velhos para ficar com a reforma deles...") e trabalhadoras pouco qualificadas. Talvez por isso, sempre que Ali-



Imigrantes festejam vitória do Brasil frente a Portugal no Mundialito de futebol de praia, em Portimão (2007) FOTO LUÍS FORRAU/LUSA

## NÚMEROS

57%

Portugueses que reconhecem existir muita discriminação étnica no país: Eurobarómetro 2009

44%

Brasileiros em Portugal, que já foram discriminados: Agência de Direitos Fundamentais 2009

106.961

Brasileiros com residência legal em Portugal: SEF 2008

## E O QUE PENSAM ELES DOS PORTUGUESES



"Lido todo o dia com o preconceito de ser 'mulher fácil', mas o português é '8 ou 80': rude ou muito cortês. E dado. Para ajudar dá a roupa do corpo"

ELJANE MENDONÇA, empregada de café



"No Brasil, estão a rever os estereótipos dos portugueses. A 'tradicionalidade' perde sentido com a migração de jovens formados, 'europeus'"

EDSON ATUADE, publicitário



"Imagina o que dizem a uma loira de 1,80m? Mas no geral são boa gente, porém, tristes e derrotistas"

CLÁUDIA SILVA, modelo e actriz

ne diz que é estudante, bolsa de doutoramento, sente que fica uma réstia de dúvida no interlocutor português.

"Curioso é perceber que essa imagem negativa não se aplica aos brasileiros que estão no Brasil". Esses são as estrelas das novelas, cultivam o corpo, festejam o Carnaval, são adeptos fanáticos de futebol. "E como se, ao emigrarem para Portugal, mudassem automaticamente e se tornassem criminosos".

## Visão preconceituosa

Gustavo Behr, presidente da Casa do Brasil, representação maior da comunidade em Portugal, reconhece que esses estereótipos existem, mas que a discriminação concreta é mais rara. "No geral, os portugueses têm uma visão preconceituosa dos brasileiros, mas é algo maioritariamente abstracto. Quando conhecem um directamente, com maior proximidade, mudam". A criminalidade violenta, imputada à comunidade, deve ser olhada, na sua opinião, como "casos esporádicos, comportamentos em que não nos revemos". Aliás, "muitos de nós partiram do Brasil para fugir à violência, não para a praticar".

Quando ouve algum compatriota lamentar situações de discriminação, Gustavo incita-o a fazer queixa. São raros os que formalizam as reclamações junto da Comissão para a Igualdade e contra a Discriminação Racial. "Só pondo a descoberto esta realidade é que se pode fazer algo para mudá-la", acrescenta. Aline alinhava mais uma justificação para os estereótipos: "Os brasileiros, outrora considerados o povo irmão, formam actualmente a maior comunidade imigrante. Com o contexto de crise económica, o desemprego sempre a subir, passaram a ser olhados como uma ameaça para os portugueses".

RAQUEL MÓLEIRO  
rmoleiro@expresso.impressao.pt

swatch+

NOVA LOJA SWATCH  
CENTRO COMERCIAL VASCO DA GAMA - LISBOA



● Comecei aos 17 anos. Tinha um amigo que se prostituía no centro do Rio de Janeiro. Fiquei curioso, pedi-lhe que me levasse. Aquilo era um talho, um açougue, uma carniçaria. Numa rua, rapazes de pé, mostrando partes íntimas; clientes passando de carro, escolhendo.

Era muito perigoso ficar, de noite, naquela rua escura. Entrava nos carros e nem via quem vinha lá dentro. Por vezes, a polícia aparecia do nada e espancava quem lhe apetecia e levava o dinheiro. Os rapazes que trabalhavam ali também podiam espancar, roubar.

Não estava disposto a passar cinco anos a estudar para ter uma profissão e nem sequer a exercer, como via acontecer com familiares e amigos. Não estava disposto a trancar-me num escritório. E a verdade é que isto vira um vício.

As pessoas, às vezes, falam nos trabalhadores do sexo como uns coitados. Eu estou nesta vida porque quero. Não me sinto agredido com a profissão, não me sinto vítima. Conheci muitos países, aperfeiçoei o meu inglês, aprendi a falar espanhol e italiano; tudo graças à putaria.

Não digo que é fácil ser puta. Digo que aprendi a virar-me. Chego a uma cidade sem saber onde se apanha um autocarro e tenho de descobrir tudo. Se me soltarem no deserto do Sara, eu encontro uma torneira. Foi a vida que me ensinou. Não tive um cursinho, não.

A minha família não sabe. Até hoje, pensa que trabalho em restaurantes, cafés. Sempre lhe disse que trabalhava nisso. Seria muita confusão na cabeça da minha mãe. Não quero que arranque os cabelos. E ela também não pergunta de onde vem o dinheiro que eu lhe mando.

Já não tenho pai. O meu pai morreu quando eu tinha 17 anos. Ficámos com dificuldades. Eu não estava disposto a estudar e a procurar um trabalhozinho desses típicos, "o primeiro da vida". E, como já tinha essa curiosidade, pedi ao meu amigo que me levasse para aquela rua.

Quando saí da rua, fui trabalhar



# Na primeira pessoa

## Paguei oito mil dólares às que me trouxeram para a

O primeiro relatório do Observatório do Tráfico de Seres Humanos revela que quatro em cada d  
são de origem brasileira. Este carioca de 34 anos, que vive no Porto, pagou para se prostituir na l  
rapidamente o dinheiro. E faz questão de dizer que não se sente agredido pelo que faz. Por Ana C





Quando começou a trabalhar como prostituta, não sabia que "um prostituto irregular tinha direito a ir a hospitáizinho, a ter conta no banco".

# peessoas Europa

z vítimas sinalizadas em Portugal  
ropa. Garante que recuperou  
ristina Pereira

para uma pessoa que tinha um apartamento: pagava-lhe metade do que ganhava. Ao fim de um ano e meio, aluguei o meu primeiro apartamento - era perto da praia. E, com isso, consegui a minha independência profissional - fazia os meus horários.

Há um processo. Depois de trabalhar num apartamento, ninguém quer voltar a trabalhar na rua. Não deixa de ser perigoso (recebe-se dentro de casa gente que nunca se viu), mas é bem mais confortável. Então, você quer comprar o seu apartamento. Viaja para a Europa para ganhar dinheiro.

A maior parte dos trabalhadores do sexo brasileiros que se anunciam na Internet e nos jornais, em Portugal, são assim. Vieram para trabalhar um tempo, para juntar um dinheiro para comprar um apartamento, montar um negócio. Muitos mandam dinheiro para ajudar as famílias.

Paguei oito mil dólares (cerca de 6500 euros) às pessoas que me trouxeram para a Europa. Há um sistema (de angariação de pessoas para trabalho sexual). Eles vêm para a Europa, fazem contactos, voltam ao Brasil, trazem outros. "Pago a sua passagem, arranjo um lugar para você ficar, dou-lhe uma certa ajuda".

Hoje, as pessoas vêm mais por conta própria. Em 2001, havia quem pagasse 12 mil dólares para vir; eu paguei oito mil por vir com um amigo. Quem está aqui não acredita, mas a Europa é o paraíso para quem sai do Brasil. Em seis meses, paguei os oito mil dólares e juntei 30 mil reais (actualmente, cerca de 13.600 euros).

## Portugal, Espanha, Itália...

Fiz a minha estadia na Suíça. Nunca sentia tanto frio. A comida era horrível. Era um trabalhador clandestino. Mal me atrevia a sair. As pessoas que nos trazem botam medo na cabeça da gente para a gente não ganhar asas: "A polícia apanha-te; se te apanha, deporta-te."

Trinta mil reais é muito dinheiro no Brasil. Achava que tinha direito de gastá-lo. Pobre nunca comeu melado; quando come, se lambuzava. Passei seis meses andando de táxi, pegando praia. A minha mãe tinha a mesma mesa e o mesmo guarda-roupa desde o casamento e eu comprei-lhe mobílias novas. Quando a conta começou a ficar curta, pensei: está na hora de voltar.

Quem vem para cá trabalhar num instante aprende onde comprar um telemóvel, onde arrendar um apartamento, onde botar um anúncio. E acha que já sabe tudo, mas é preciso tempo para entrar nesse circuito. Tive de tactear, sem costas quentes, sem proxenetas de luxo. Só juntei seis mil reais em três meses.

Voltei para o meu apartamento no Rio. Mantivera-o por não saber no que esta aventura lá dar. Mas depois daquele segundo regresso, quis entregá-lo. A minha cabeça começava a mudar. Deixei as minhas coisas na minha mãe e voltei para a Europa, a pensar: "Agora, vivo no mundo."

Nessa terceira vez, fiquei quatro anos seguidos. Del me a liberdade de conhecer. Andei por Portugal, Espanha, Itália, França, Inglaterra. Parei essa paranoia de só juntar dinheiro. Comecei a viver.

Estive em Espanha uns dois

“

Nunca me apaixonei por um cliente. Nunca me iludi. Nunca deixei de cobrar. Não vejo uma pessoa. Vejo uma nota de 50 euros.

”

irregular tinha direito a ir a hospitáizinho, a ter conta no banco. Tantas vezes fiquei doente e tive medo de ir ao hospital por estar irregular. Da terceira vez que vim para Portugal, tive sífilis e sofri imenso - isso não foi trabalhando; tenho muito cuidado, não apanho doenças no trabalho. Isso foi namorando.

## Nunca deixei de cobrar

Tenho um namorado. No início, ele não lidava bem com a minha profissão. Ele pensava que prostituição era coisa de vagabundo. É assim que as pessoas pensam: prostituto é preguiçoso, burro, sujo. Eu não. Podia ter estudado qualquer coisa. Gostei de ser puta. Gosto de não ter um patrão, um horário, de viver a minha vida desse jeito. Não é uma vida tão sofrida como se pensa.

Distingo bem a minha vida pessoal da minha vida profissional. Nunca me apaixonei por um cliente. Nunca me iludi. Nunca deixei de cobrar. Não me venha dizer que está stressado com o trabalho, com a família. Não vejo uma pessoa. Vejo uma nota de 50 euros.

Cobro 50 euros pelo básico: 15 minutos a fazer anal e oral. As raparigas cobram menos porque há muita oferta. Basta abrir um jornal para ver: são quase uma praga! Comigo, máximo 20 minutos, mínimo 40 euros.

Há trabalhadores do sexo que viajam com o cliente, jantam com o cliente, dormem com o cliente - até no interesse de serem apadrinhados. Eu é só o acto. Mas do que isso agrade-me. Prefiro fazer clientes desconhecidos do que estar com um fingindo que estou apaixonado. Não tenho estômago para isso. Mas há pessoas que gostam disso, que têm talento para isso, que dão graças a Deus quando encontram um velhote que as queira manter.

Tenho um apartamento no Porto - divido-o com amigos. Com esta crise não está dando para trabalhar aqui. Tenho ido para outras cidades: "fazer praça". Tenho estado em Aveiro. Pago uma diária de 15 euros num apartamento. Durmo lá a semana toda. Ao fim-de-semana, gosto de vir para a minha casa descansar. Já não estou nessa de escravo do telefone.

Já se ganhou muito mais dinheiro nesta profissão. O movimento tem caído de há quatro anos para cá. A putaria foi cortada, como as roupas caras, os perfumes. Hoje, um boné dia para mim é fazer cinco clientes. Isso era muito comum. Era quase mínimo. Havia dias de fazer dez ou onze. Hoje, num dia, quando faço três já fico satisfeito. Com a crise que aí está!

Estou com 34 anos. Isto é como uma carreira de modelo. Não vou ficar cobrando com 40 anos! Quando tiver 40 anos, se calhar, tenho de pagar! Quero casar, estabilizar. Há uns anos comprei uma vila - um terreno com cinco casinhas - no Brasil. Penso vendê-la. Já não tenho vontade de ter investimentos nem de voltar para lá. Nem sei o que vou fazer. Faço show travesti. Talvez vá por aí. Posso fazer show travesti até ser uma bicha velha. Há muita bicha velha a fazer show travesti por aí.

A partir de várias conversas com um mediador do Porto G, um projecto da Agência Piaget para o Desenvolvimento

anos. Encontrei-me lá. É o meu país favorito. As pessoas falam alto. O clima é ótimo. Ao ver o bairro gay de Madrid, fiquei maravilhado. Aquilo para mim era a Disneylandia. E, mais uma vez, trabalho não faltava. Quando faltou, fui para Barcelona.

Tive uma experiência nova em Barcelona. Eu e outros 50 rapazes andávamos de toalha enrolada numa sauna. O cliente escolhia um e ia para uma cabine. Aos olhos do dono da sauna, aquilo não acontecia. Eu pagava a entrada como qualquer cliente. Entrava às horas que queria e saía às horas que queria.

Acabei por me estabelecer em Portugal, o país com que me identifiquei mais, em 2004. Apaixonei-me. Comecei a criar raízes. Quando dei conta, vivia aqui. Mas já se sabe como é esta vida. O dinheiro pára de entrar de uma hora para a outra. Às vezes, faço temporadas noutros países. Não vou com um prazo. As coisas estão bem, vou ficando. As coisas estão mal, saio.

Aqui, há uma espécie de comunidade. Todo o mundo se conhece. Sabe quem é quem, quem brigou com quem, quem foi preso, quem voltou para o Brasil. As pessoas trabalham juntas. Algumas ficam amigas. Depois, uma está num sítio e diz à outra: "Vem para cá trabalhar." E a informação circula.

Sou mediador no Porto G, um projecto da Agência Piaget para o Desenvolvimento, que tem uma equipa que vai ao encontro de trabalhadores do sexo e dos seus clientes aos apartamentos, numa lógica de redução de riscos e minimização de danos.

Quero colaborar o máximo com essa equipa interdisciplinar, constituída por duas psicólogas, uma assistente social e dois enfermeiros. Não é só levar camisinha. Também é levar muita informação - sobre práticas sexuais de menor risco, sobre direitos civis. E encaminhar para serviços de comunidade.

Eu não sabia que imigrante



gnorar a crise A maior comunidade imigrante em Portugal continua a aumentar, apesar da recessão económica. No ano passado mai

# Brasileiros não desistem



Textos **JOANA PEREIRA BASTOS**  
Foto **TIAGO MIRANDA**

m Araçatuba, uma pequena cidade no interior do estado de São Paulo, todos tiveram a mesma reação. Quando, há um ano, Rodrigo exibiu o bilhete de avião para Lisboa, sem passagem de regresso, e comunicou a decisão de deixar o Brasil, amigos e familiares arregalaram os olhos e ficaram em silêncio uns segundos, como quem não entende o que acaba de ouvir. "Você só pode estar louco!"

A estranheza era compreensível. Durante anos, "falar de Portugal em Araçatuba só fazia lembrar de Roberto Leal, bacalhau, bigode e padaria". E os amigos da terra tinham entretanto aprendido a colar ao país uma outra ideia: crise. Por isso, não percebiam que o jovem, de 24 anos, quisesse trocar um emprego seguro como informático num dos países com maior crescimento económi-

trabalho garantido, num país em recessão. Rodrigo, no entanto, esteve longe de ser o único. Como ele, mais de 16 mil brasileiros pediram no ano passado, pela primeira vez, título de residência em Portugal. Apesar de o fluxo de entrada ter diminuído de forma acentuada desde 2008, o número de brasileiros, a maior comunidade imigrante no país, nunca parou de crescer, ao contrário de outras (como a ucraniana, por exemplo). Segundo o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, em 2010 o aumento foi de 2,7%.

A imagem de Portugal como país tranquilo, associada à facilidade da língua e à existência de uma grande comunidade brasileira que facilita a integração estão entre os principais motivos para a vinda, diz Gustavo Behr, vice-presidente da Casa do Brasil em Lisboa. "Apesar da crise, os brasileiros continuam a chegar, ainda que menos do que há uns anos. A maioria tem uma formação média e trabalha na restauração ou na estética, por exemplo, mas está a aumentar o número dos que chegam com formação superior".

Bacharel em Ciências da Computação, Rodrigo incluiu-se nesse lote. Estava can-

quer tinha saído do estado de São Paulo e queria conhecer o mundo. "Portugal era a porta de entrada".

"Dá-me tudo o que preciso" •

O jovem de rosto imberbe e corpo franzino planeava ficar apenas por um ano e rumar depois a outro país europeu com mais oportunidades. Mas encontrou tantas por aqui que já não quer sair. Conseguir um "ótimo emprego" numa empresa de informática e não demorou a fazer "dezenas de amigos" entre portugueses, brasileiros e outros estrangeiros. "Portugal dá-me tudo o que preciso".

Atualmente sem trabalho, Cláudia Zimmer, 33 anos, não pode dizer o mesmo. Ainda assim, a paulista de caracóis ruivos também não planeia deixar o país onde chegou em setembro do ano passado. Em São Paulo tinha uma carreira sólida na área de comunicação empresarial, mas faltava-lhe em paz de espírito o que lhe sobrava em estabilidade económica. Quando, na Primavera de 2010, visitou Lisboa, viu no céu "um azul que nunca tinha visto" e percebeu que era aqui que

ESTRANGEIROS

## 445.262

estrangeiros residiam legalmente em Portugal em 2010, o que representa um decréscimo de 1,9% e quebra o crescimento continuado dos últimos anos. Desde 1980, é apenas a segunda vez que o número de estrangeiros residentes diminui — a primeira tinha sido em 2005, quando se registou uma descida de 7% face ao ano anterior.

te e a qualidade de vida não tem comparação. São Paulo é muito stressante e perigoso, as crianças não podem brincar na rua e só se pode viver em condomínio".

por Portugal está até a ganhar terreno em relação aos Estados Unidos, que sempre foram o destino preferencial, revela Carolina Nunan, investigadora da Universidade Católica de Minas Gerais, que está a concluir uma tese de doutoramento sobre a emigração brasileira. "Segundo relatos de brasileiros que chegaram a Portugal depois de 2008, as motivações para a migração transcendem a razão económica e acaçam-se em razões pessoais, em muitos casos sentimentais e de reunificação familiar", diz. A facilidade de acesso devida à não exigência de visto para uma permanência até 90 dias e a localização na Europa — que exerce particular fascínio do outro lado do Atlântico — são outros motivos invocados.

A vinda de estudantes universitários ou investigadores que estão a complementar os estudos superiores, por exemplo no nível do doutoramento, é também bastante significativa e "tem sido muito incentivada pelo Governo brasileiro", acrescenta a especialista. Muitos acabam por já não querer sair.

Augusta Tavares, 63 anos, chegou em maio para fazer um pós-doutoramento



de 16 mil brasileiros pediram, pela primeira vez, título de residência no país

# de Portugal



"gostaria de ficar a viver". "No Brasil há insegurança em todo o lado, mesmo nas cidades mais pequenas, como João Pessoa, onde vivia. Aqui não fico segurando a bolsa, como fazia. Vivo com tranquilidade, rodeada de amigos brasileiros. Eles estão em todo o lado", diz.

Apesar de ter feito abrandar o ritmo das entradas, o medo da crise não foi suficiente para estancar as chegadas. Nem está a provocar um êxodo em massa. Não há números oficiais para a saída de imigrantes brasileiros, mas Gustavo Behr garante que não é muito significativo. "Seria de esperar que o movimento de retorno fosse maior, tendo em conta a diferença de desempenho económico entre os dois países, mas isso não está a acontecer, o que mostra que a comunidade está bem integrada e criou laços fortes com Portugal". O enorme crescimento do Brasil motivou o retorno de 50 mil imigrantes brasileiros no Japão, só nos últimos dois anos, por exemplo.

Cláudia Zimet confirma: "Os nossos amigos portugueses estão indo embora por causa da crise. Só os estrangeiros parecem querer ficar. É estranho".

joias@expresso.impressao.pt

## TRÊS PERGUNTAS A

Roberto Carneiro

Presidente do Observatório da Imigração

■ Portugal tem baixa natalidade e um envelhecimento acentuado. A imigração podia ajudar, mas as quotas de imigrantes têm vindo a cair. Porquê?  
■ Portugal, tal como os países do Sul da Europa, depende de mão de obra estrangeira para equilibrar o sistema de segurança social e assegurar tarefas que não atraem nacionais. A Europa tem de resolver este paradoxo e derrubar as barreiras que continua a erigir contra os de 'fora'. Um continente que sempre foi de forte emigração não pode agora repudiá-la imigração que a procura.

■ Como se manifestam essas "barreiras"?

■ A Europa não pode querer imigrantes qualificados para suprir as suas carências e mão de obra competente e, ao mesmo tempo, levantar dificuldades à sua integração e à dos seus descendentes. Se a Europa aceita que só se enriquece no diálogo com identidades e crenças distintas, então espera-se que produza medidas legislativas e práticas que promovam a integração.

■ Portugal devia iniciar políticas ativas de atração de imigrantes?

■ Acho que sim, dando prioridade a evidentes carências de qualificação estratégica, como é o caso dos médicos. O meu médico de família é sul-americano e cumpre exemplarmente os seus deveres.

Cláudia Zimet (foto principal), 33 anos, chegou no ano passado e não quer deixar Portugal, apesar de estar desempregada desde abril. Não troca a tranquilidade de Lisboa pela insegurança de São Paulo, onde vivia. Augusta Tavares (na foto de baixo) confessa sentir-se mais à vontade e já não tem de segurar a mala sempre que anda na rua, como fazia. Rodrigo Raposo (foto de cima), natural de uma pequena cidade, não pensou na segurança quando decidiu partir para Portugal. Os amigos acharam que estava louco por vir para um país em recessão, mas arranhou um "ótimo emprego" e não pensa em regressar.

## Brasileiros lideram pedidos de nacionalidade

**LESTE A SUBIR** Em 2010, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) recebeu cerca de 32 mil pedidos de parecer relativos à atribuição da nacionalidade portuguesa a estrangeiros. Os brasileiros, com 8 mil solicitações, lideram a lista, seguidos dos cabo-verdianos (4873 pedidos) e angolanos. Nestas estatísticas, o destaque vai também para o crescimento do número de moldavos e ucranianos: entre as entidades emitidas pelo SEF no ano passado, ocupam a quarta e quinta posições.

**BRASILEIROS** A maior comunidade imigrante em Portugal (que representa quase um terço do total de estrangeiros no país) continua a crescer. O SEF contabiliza 119.363 brasileiros residentes, mais 2,7% do que em 2009.

**ROMENOS** Em 2010, eram 36.830, mais 13,4% do que no ano anterior. É a quarta maior comunidade estrangeira e tem estado sempre a aumentar nos últimos anos.

**CHINESES** Há 15.699 a viver em Portugal, mais 9% do que em 2009. Representam 3,5% do total de estrangeiros.

**UCRANIANOS** Continua a ser a segunda maior comunidade, mas tem vindo a descer nos últimos anos. Em 2010, estavam registados 49.505 ucranianos a viver em Portugal, menos 5,3% do que em 2009.

**CABO-VERDIANOS** É a terceira maior comunidade, mas também não tem parado de diminuir. Em 2010, eram 43.979, o que representa um decréscimo de quase 5 mil pessoas.

**ANGOLANOS** À semelhança das restantes comunidades dos PALOP, a angolana (com 23.494 residentes) decresceu 11,5% no ano passado.

**MOLDAVOS** Tiveram a maior diminuição em 2010 (15.641 residentes, menos 25%). Foram ultrapassados pela China e Reino Unido na lista das nacionalidades estrangeiras mais representadas.

## Portugal nega entrada a seis estrangeiros por dia

**FALTA DE VISTO** No ano passado, os postos de fronteira negaram a entrada em Portugal a 2068 estrangeiros. Cerca de 65% das recusas incidiram sobre cidadãos brasileiros e foram feitas, sobretudo, no Aeroporto de Lisboa. A ausência de motivos para justificar a entrada e a falta de visto ou visto já caducado foram os principais motivos invocados, segundo dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Em relação a 2009, o número de recusas diminuiu quase 20%. Menos imigrantes a tentar entrar no país e maior combate à fraude documental ajudam a explicar a quebra.

## ESTRANGEIROS EM PORTUGAL

Em milhares

|       |         |
|-------|---------|
| 1980  | 50.750  |
| 1985  | 79.594  |
| 1990  | 107.767 |
| 1995  | 168.316 |
| 2000  | 207.587 |
| 2005  | 414.859 |
| 2010* | 448.282 |

\* Dados provisórios

Fonte: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

Em 30 anos, o número de estrangeiros em Portugal aumentou nove vezes. A população imigrante cresce sempre de ano para ano, exceto em 2010 (-1,9%) e em 2005 (-7%).



# Destaque

## Famílias Novas tecnologias ajudam a mitigar a saudade

### O Natal dos emigrantes fica mais próximo com o Skype

Com a emigração em alta, muitas famílias passam as festas dispersas pelo mundo. Programas como o Skype ajudam a "minorar a saudade"

Ana Cristina Pereira

● É o primeiro Natal de Ana Mexedo sem a família. Está há pouco mais de um mês nos Estados Unidos. Nunca viveu fora de Gaia. Nem nos seus tempos de estudante universitária. A mãe ainda chora ao vê-la no ecrã do computador. Dia sim, dia não, cruza-se no Skype, programa de conversação em tempo real. "É quando calha. Se marcamos, as coisas não acontecem."

A tradutora, de 36 anos, não passará a consagrada solteira. Está com o companheiro, em casa de familiares dele que o webdesigner só há pouco conheceu. Ainda assim, tudo lhe parece diferente. "Encontrei um supermercado português e já cozinhei alguns pratos típicos. Já fiz caldo verde, moelas. Vou fazer bacalhau com natas. Não me parece que aqui gostem de bacalhau cozido."

Ninguém sabe quantos partem a cada mês - há muito que foi abolido o passaporte do emigrante e, com a abertura das fronteiras, já nem o Instituto Nacional de Estatística se atreve a fazer estimativas. Nota-se que são muitos e de muitas idades, como quase sempre acontece quando uma economia se retrai.

Apesar da força da tradição num país de maioria católica, há sempre quem não ligue muito ao Natal. Paulo Sérgio fez a mala e virou costas a Santo André a 14 de Dezembro, como se a data fosse um mero detalhe. Há quase seis anos que a vida do técnico de automatização e instrumentação, de 41 anos, se faz um mês em Portugal e um mês em Angola, um dos maiores destinos migratórios da actualidade. "Não me apego a essas festas. Estou com um grupo de trabalho. Fazemos um jantarzinho. As oito da noite, vamos dormir."

Não é que seja um homem solitário. Tem mulher e duas crianças: uma menina de dois anos e um menino de quase quatro. Telefona-lhes quase todos os dias da base petrolífera. "Quando estou em Portugal, passo muito tempo com eles: vou levá-los à escola, vou buscá-los. Se calhar, passo mais tempo com os filhos do que mul-

tos dos que trabalham no país. Muitas pessoas saem de casa de manhã e só voltam à noite. Nem vêem os filhos acordados."

Há, porém, muito quem valorize a quadra e parta com um nó na garganta, como João Lobo. O fiscal de águas pediu licença sem vencimento à Câmara Municipal de Celorico e rumou à Suíça. Partiu no último dia 18 em nome de um salário quase quatro vezes superior. Faliu a empresa que empregava a mulher. "Com três filhos, um salário baixo não chega para viver."

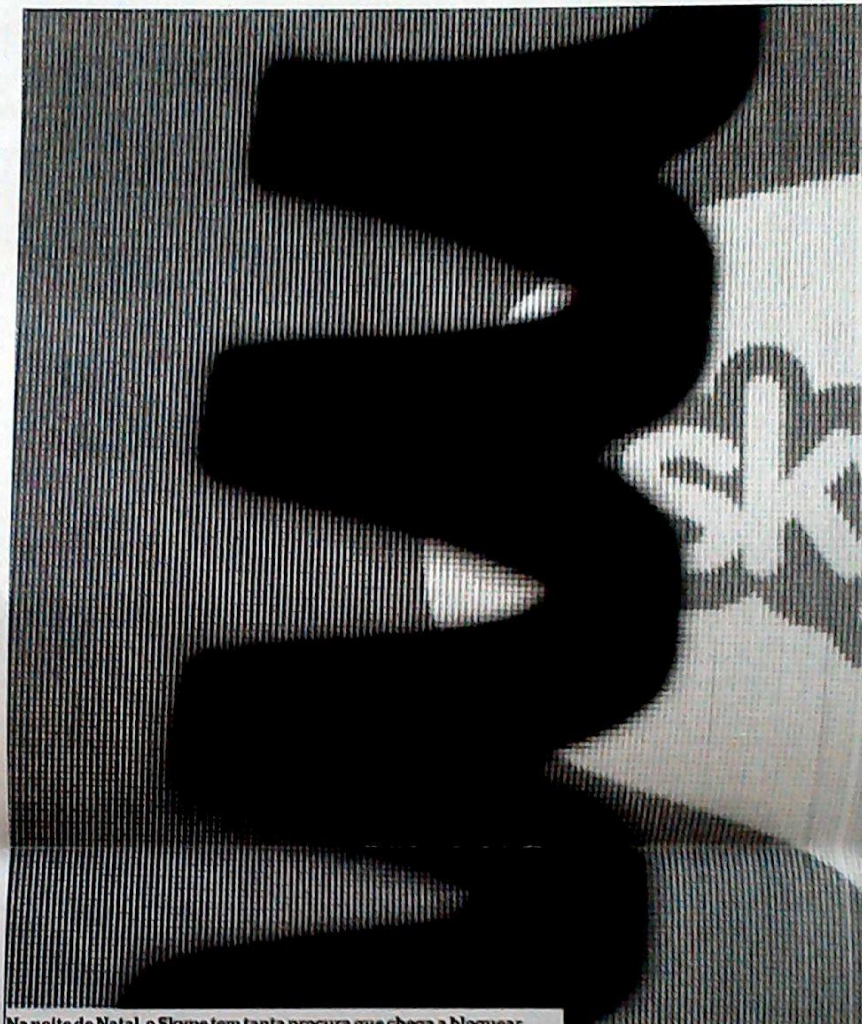
Já viveu fora. Só que a sua vida era outra. Tinha uns 20 anos e estava solteiro quando andou a ganhar a vida em França. Agora, que tem 42, preferia morar com a mulher, na terra, a ver crescer os filhos. "Levo-os no meu coração", comentava, dias antes de se embrenhar nos seus novos afazeres num hotel de montanha pejado de portugueses. "Tenho de procurar o melhor." E o melhor, parece-lhe, é ganhar o suficiente para os filhos terem hipóteses de comer, de vestir, de calçar, de estudar - de sonhar, coisa que por aqui vai custando.

#### Viver com "dignidade"

Os sonhos são como a esperança: constroem-se. Catarina Simões sonhou com o admirável mundo do cinema. A pequenez do mercado nacional levou-a a cruzar a fronteira. "Aqui, se estiver a trabalhar, pago as minhas contas, vivo com dignidade. Ai, não."

Este é o seu terceiro Natal em Espanha, país já antes eleito pela irmã. Os pais, separados, aparecem alternadamente. E este ano é ano da mãe. Não se fecham as três num apartamento a cheirar a rabanadas e filhós. Jantam com outros estrangeiros residentes em Barcelona.

Assim, de repente, ocorre-lhe uma vantagem: "Fazemos um jantar com pessoas de quem gostamos. Não temos de estar com quem não nos apetece só por ser da família. É como se fosse um aniversário." E logo outra lhe vem à cabeça: livra-se da azáfama, stressante, das prendas de Natal. "Tenho pena de não ir a Portugal, porque



Na noite de Natal, o Skype tem tanta procura que chega a bloquear



Tânia Reis, actriz, vive em São Paulo há três anos. Neste Natal não haverá ceta numa casa quente. A festa será na rua, com 30 graus, entre samba e cerveja

há pessoas que gostava de ver, mas não é um drama."

Não é que possa falar de desterro, como os que partiram nas décadas de 60 e 70 do século passado. Vai uma ou duas vezes por ano a Portugal. Afinal, Lisboa fica a 80 euros de avião. De resto, usa o Skype. "Pago um valor fixo de Internet por mês. Se estiver em casa, estou ligada." É como o Messenger ou o Facebook. "As pessoas aparecem, falamos."

Já não vê chegar portugueses a Espanha. A crise económica e financeira forçou a porta, entrou e instalou-se. Muitos espanhóis falam em emigrar. Muitos estrangeiros tentam outras paragens ou regressam aos países de origem. A Catarina já passa pela cabeça tentar a sorte no mercado brasileiro.

A actriz Tânia Reis abriu caminho para esse destino que agora tantos portugueses parece voltar a atrair. A filha do actor António Reis e da fadista Lurdes Rodrigues vive em São Paulo há três anos e meio. Quis experimentar outra forma de fazer teatro. "Foram anos difíceis, mas estão a dar frutos." Já não interpreta apenas personagens de nacionalidade portu-

guesa. "Aprendi a trocar o chip. Falo português do Brasil como se falasse outra língua."

A ausência familiar custa-lhe, em particular em momentos como este. "O Natal sabe-me bem passado em família." Lembra-se de estar um frio de rachar lá fora e de ficar dentro de casa, quentinha, a conversar com as irmãs, enquanto bebericava um bom vinho. "Aqui, estão 30 graus. As pessoas bebem cerveja e dançam samba. Não é a mesma coisa."

#### Natal sem sentido

O amigo da actriz, Hugo Veiga, tem pena dos homens que se vestem de "papai Noel" e que ficam de sino na mão, nas portas dos centros comerciais. Senta a família e sem o frio, "que torna o calor da família mais forte", "o Natal acaba por perder sentido" para ele.

Há quase sete anos que o publicitário, de 31, mora em São Paulo. Ganhou um concurso internacional cujo prémio era um estágio numa agência brasileira e conquistou um lugar. Durante este tempo, passou duas vezes o Natal com os seus vel-



# Portugal

Saídas profissionais Apelo de Passos Coelho à emigração de professores abre polémica

## Candidatos à emigração procuram novos mercados

A fuga de profissionais qualificados não é nova, mas é cada vez mais difícil, pela falta de alternativas na Europa - a crise é generalizada

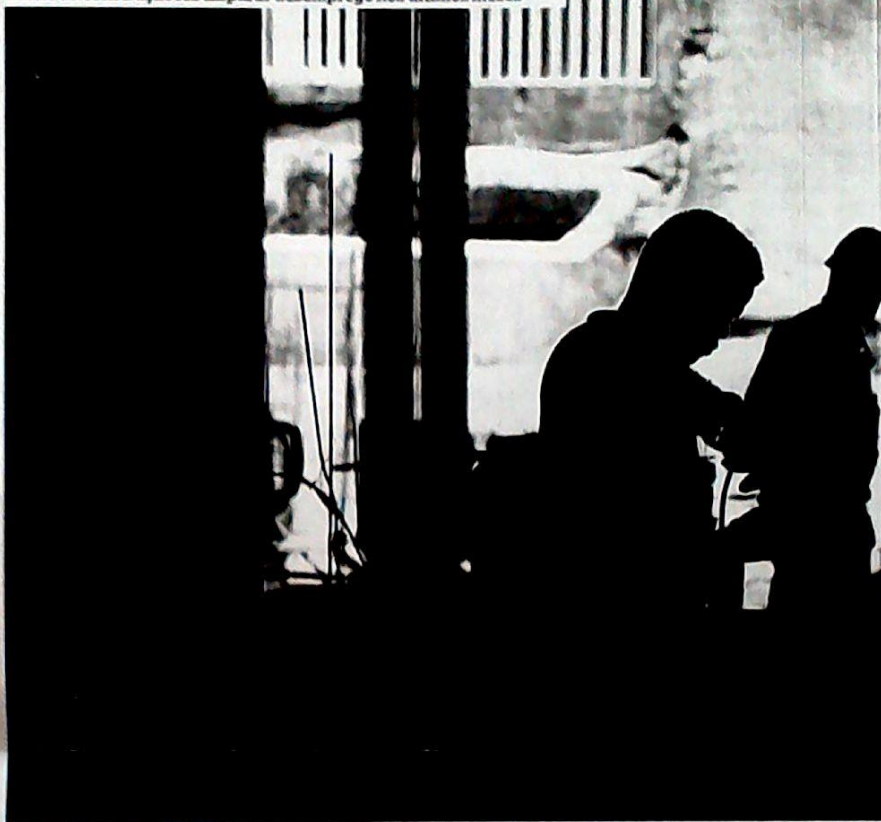
Graça Barbosa Ribeiro  
e João Ramos de Almeida

● A sugestão do primeiro-ministro de que os professores deviam olhar para os países de língua portuguesa como uma alternativa ao desemprego em Portugal, voltou a chamar a atenção para o fenómeno da emigração. Mas, segundo João Peixoto, investigador do Instituto Superior de Economia e Gestão, "a atenção política e mediática em relação a este fenómeno é o único dado novo". "Para tomar a decisão de emigrar não basta estarmos mal aqui, é preciso que tenhamos para onde ir",

comenta o professor, que acredita que a saída de profissionais qualificados do país, em 2011, não foi "muito superior" à que se tem verificado anualmente, ao longo da última década.

A abertura das fronteiras, na Europa, não permite trabalhar com dados rigorosos sobre a entrada e saída de cidadãos nos diversos países. Uma ressalva feita por João Peixoto que, no entanto, considera que se sabe o suficiente para adivinhar que "está em curso uma emigração em massa". "Os fenómenos migratórios verificam-se quando há uma oferta evidente de emprego num determi-

Sector da construção fez disparar desemprego nos últimos meses



### Sete casos

#### Médicos

##### Desemprego já é realidade

O bastonário da Ordem dos Médicos, José Manuel Silva, declara que as perspectivas são "muito más". No SNS as contratações estão suspensas desde Setembro e no sector privado há um excesso da capacidade instalada. O bastonário afirma que o desemprego médico "já é uma realidade" e antecipa uma situação "cada vez mais dramática", devido ao que diz ser um "desinvestimento na saúde". "Estamos a formar os técnicos mais caros para depois os exportar, o que não faz sentido", critica.

José Manuel Silva caracteriza as opções políticas como "despesismo puro" e considera as afirmações de Passos Coelho "profundamente infelizes". Deixa ainda uma nota de "esparto e indignação", criticando a diminuição do SNS e o aumento das listas de espera e, por outro lado, a exportação de profissionais altamente qualificados. "É um absurdo", diz.

#### Dentistas

##### Solução é a Europa

O bastonário dos médicos dentistas, Orlando Monteiro da Silva, nota que a tendência de emigração tem alguns anos, pois o mercado não consegue absorver todos os licenciados. Os dentistas emigram sobretudo para a Europa, mas o Reino Unido, Suécia, Suíça, Noruega ou Espanha são os destinos mais escolhidos. O bastonário estima que só no Reino Unido estejam já cerca de 600 dentistas, sendo este o país mais apetecido. Uma das vantagens da Europa é o reconhecimento profissional imediato. "Os portugueses são procurados pela excelente qualificação profissional, facilidade com as línguas, e facilidade de adaptação", afirma. O "grande desafio", admite, é referenciar os profissionais qualificados e tentar que depois regressem. Em relação às declarações de Passos diz que a emigração não é "uma fatalidade", mas preferia que em Portugal houvesse mais oportunidades.

#### Enfermeiros

##### Exportação "a custo zero"

Germano Couto foi recentemente eleito bastonário da Ordem dos Enfermeiros e tomará posse em Janeiro. Admite que as perspectivas "não são animadoras" e considera "ridículo" que Portugal exporte enfermeiros "a custo zero". Os destinos mais escolhidos são o Reino Unido, Irlanda, Suíça e Espanha, países onde o reconhecimento académico é imediato. Quanto às declarações de Passos Coelho, considera-as de uma "falta de visão política e estratégica lamentável". "Preocupa-me que o primeiro-ministro Pedro Passos Coelho veja a emigração como solução, porque Portugal deve investir no seu território antes de pensar na emigração", afirma.

A bastonária ainda em funções, Maria Augusta Sousa, alerta para o conjunto cada vez maior de enfermeiros que procura trabalho no estrangeiro. "O Estado português fica mais pobre", declara.

#### Farmacêuticos

##### Excesso de cursos superiores

O bastonário dos Farmacêuticos, Carlos Maurício Barbosa, desvaloriza as afirmações do primeiro-ministro Pedro Passos Coelho e diz que "têm algum sentido, porque em Portugal não há muitas oportunidades". O bastonário Carlos Maurício Barbosa critica o excesso de cursos superiores e diz que há demasiados farmacêuticos (cerca de 900 saem anualmente com formação superior). O bastonário prevê que os próximos anos, à semelhança de 2011, sejam "muito problemáticos". Há já um conjunto de farmacêuticos a emigrarem, sendo que o Reino Unido é o destino mais escolhido. "É um grande empregador de farmacêuticos portugueses", diz. O bastonário sublinha que os farmacêuticos portugueses estão "muito bem preparados", dominam com facilidade o inglês e "são muito pretendidos" no Reino Unido. "Penso que este fluxo [de emigração] irá aumentar", afirma.

#### Professores

##### 12.500 desempregados

O que mais indigna os representantes dos professores na sugestão de emigração feita pelo primeiro-ministro é aqueles acreditarem que em Portugal "não há docentes a mais". O desemprego, que atinge já cerca de 12.500 pessoas e aumentará brutalmente para o ano, não resulta de excesso de profissionais, mas de medidas que prejudicam a qualidade da Educação e visam expressamente afastar professores da escola", considera Mário Nogueira, dirigente da Fenprof. Pela mesma razão, Lucinda Dâmaso, da Federação Nacional de Educação, acredita que "a questão da emigração não se coloca". Ambos defendem que, se um dia vier a ser equacionada, terá de ser organizada pelo Estado, mediante protocolos de cooperação. "Os cálculos que têm de ser feitos para projectar o pilar de uma ponte são iguais aqui, no Brasil ou em Angola, mas não trabalhamos com pessoas", diz Nogueira.



## Arquitectos deixam de pagar quota à Ordem

A falta de trabalho em Portugal veio ao encontro das agências pelas saídas para fora do país. De acordo com a Ordem dos Arquitectos não cada vez mais os profissionais deste

sector que solicitam a suspensão do pagamento das quotas da ordem que lhes permitem exercer a profissão, para pouparem 190 euros por ano.



nado país. Assim se explica que anos 80 tenha havido um surto para a Suíça, na década de 90 para a Alemanha e entre 2000 e 2008 para Espanha. Mas... e agora? As pessoas emigram para onde? Não é fácil encontrar para onde mudar - o problema é generalizado", comenta.

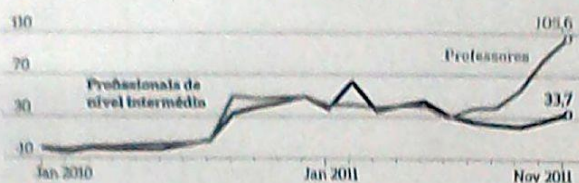
João Peixoto considera que a sensibilidade aos primeiros sinais da crise por parte de profissionais qualificados não é de agora, e os representantes de várias ordens profissionais contactados pelo PÚBLICO, confirmam-no. Enfermeiros, farmacêuticos e médicos-dentistas, por exemplo, têm tido na Europa o destino privilegiado. "Enfermeiros civis e arquitectos, já recorriam a países europeus, e só agora, com a especial pressão do desemprego no sector da construção civil, se começam a virar para destinos mais distantes, mas onde a oferta de emprego é uma realidade: Brasil e Angola".

"A decisão de sair do nosso país não é fácil - é pesada, dolorosa. Não é por um político afirmar que as pessoas devem fazê-lo que a emigração acontece", disse João Peixoto, que se recusou a fazer mais comentários às declarações de Passos Coelho, que classificou como "nada frequentes, num governante". Na sua perspectiva, mais do que a indicação "sair de quem for", pesa naquela decisão o aumento da taxa de desemprego. O que, tudo indica, é o que vai acontecer.

A fazer fé nos dados dos centros de emprego do IEFP, são os serviços e a construção que estão a marcar o ritmo da subida do desemprego. Depois de um leve abrandamento, o número de desempregados vindos do sector dos

## Desemprego registado nos centros de emprego Variação homóloga em percentagem

Desemprego toca cada vez mais professores...



...engenheiros...



Fonte: IEFP

...e profissionais da saúde.



serviços estava, em Novembro passado, a crescer 9,4% face a 2010, contra uma ligeira subida de 0,5% na indústria e mesmo uma quebra de 5,2% na agricultura. O número dos desempregados vindos da construção estava, nessa altura, a subir já a um ritmo de 11,3%. Ou seja, mais 70 mil novos desempregados face a Novembro de 2010. Uma evolução que contagiou um conjunto de actividades ligadas à construção. As actividades imobiliárias e de consultoria do sector contribuíram com mais 83 mil novos desempregados, um crescimento de 20% face ao mesmo período de 2010.

Finalmente, o Estado. Desde Junho de 2009 que os serviços públicos têm contribuído para a subida do desemprego. O ritmo da subida de desempregados vindos dos serviços públicos atenuou-se desde Outubro de 2010 até Junho deste ano (de 26,3 para 2,3% de variação homóloga), mas voltou desde então a acelerar fortemente. Em Novembro passado, a variação estava de novo em 18,9% face ao mesmo período de 2010. Ou seja, mais 46 mil novos desempregados quando comparados com os do mesmo período de 2010.

## Engenheiros

'Está a sair gente que faz falta'

O bastonário da ordem dos Engenheiros, Carlos Matias Ramos, estava habituado a referir-se à deslocação de profissionais para o estrangeiro como "experiências de internacionalização", mas admite que, embora lhe "custe", tem de passar a utilizar o termo "emigração". Refere-se, principalmente, aos engenheiros civis que, devido à estagnação do investimento em obras públicas, têm escolhido como destinos o Brasil, Angola e Moçambique. "Um fenómeno dramático", avalia, "e não só do ponto de vista individual, de quem se vê forçado a abandonar Portugal por falta de alternativas".

Diz o bastonário que "é importante que o Governo compreenda as consequências, em termos nacionais, da saída dos engenheiros mais qualificados". "No momento de crescimento da economia esta gente vai fazer uma falta imensa ao país", avisa.

## Arquitectos

Brasil e Angola são opções

Ainda não há dados definitivos, mas Marco Roque Antunes, da direcção da Ordem dos Arquitectos, não tem dúvidas de que este ano o número de certificados para a prática profissional da arquitectura no estrangeiro vai crescer até às três centenas. Com uma particularidade: se durante muitos anos Espanha foi o destino de eleição, desde 2008 a par com o Reino Unido, agora a maior parte dos arquitectos opta pelo Brasil e por Angola.

"Temos a sensação de que não são saídas pontuais, mas opções de vida", lamenta. Sem esperar pela sugestão do primeiro-ministro Pedro Passos Coelho sobre a emigração, que Marco Roque Antunes se recusou a comentar, a ordem já tratou de integrar o Conselho Internacional dos Arquitectos de Língua Portuguesa, para facilitar a adaptação dos profissionais aos países de destino.

## Linhas Telefónicas com Serviços Avançados via Internet AUMENTE A PRODUTIVIDADE E CORTE NOS CUSTOS

Telemóveis e Telefones fazem chamadas Grátis para redes móveis e fixas.



Linhas Telefónicas  
Multicanal de  
Múltiplo Operador  
3B+D

Serviços Avançados e eliminação de custos.  
Alta tecnologia ao serviço das Empresas.

Com 3 Canais (3B) de comunicação simultâneos numa única linha digital, é possível atender uma segunda chamada e ligar para uma terceira parte para, por exemplo, receber informação sobre as comunicações em curso.

Tudo isto mantendo a privacidade em cada comunicação e ainda pelo canal D (sinalização) ser informado no visor de possíveis novos contactos.

A tecnologia digital Tricanal de Múltiplo Operador, ainda oferece comunicações gratuitas para as redes fixas e móveis, nacionais e internacionais.

Sr. Empresário, instale linhas telefónicas Multicanal com tecnologia de Múltiplo Operador. É fundamental para a sua Empresa.

Ligue já:

7-808 20.62.62



Controlo de várias comunicações simultâneas numa linha (3B+D) e chamadas grátis feitas por telemóveis e telefones fixos para as redes fixas e móveis de Portugal e do Mundo!



Natália Faria (texto)  
Paulo Ricca e Daniel Rocha (fotos)

Não apenas qualificados, engenheiros, liquidatôres, profissionais ligados ao turismo etc., simplesmente, aposentados sem nada a perder: nem emprego nem subsídio de desemprego, porque já trabalharam sequer o tempo suficiente para isso, e que, "por mal ou por bem, experimentaram se a vida era melhor do lado de lá do Atlântico". Para se perceber o tamanho do fenômeno, não vale a pena perder muito tempo a esquivar-se às estatísticas oficiais. "A exceção é que já vivo em trabalhos assegurados, a maior parte não pensava que iríamos a isso e, no entanto, dia de amanhã de volta para cá e depois começamos por fazer a transição facilmente",

As estatísticas oficiais mostram uma melhoria na realidade. Mas não há uma discussão de onde está um crescimento de教堂s. Em 2007, segundo o Ministério da Trabalho e Emprego, há 1 milhão e 300 mil católicos em Portugal. O Governo português tinha dado 30 autorizações de construção a 14 igrejas portuguesas. No ano passado, mais nenhum tinha sido dado para as 798 e, até 31 de março, três meses depois, não, 207 portugueses solicitaram autorização para construir ou ampliar, o que corresponde a um aumento de 20 por cento relativamente ao mesmo período do ano anterior.

...por que tem uma boa aparência — com necessidade de demonstrar que o Brasil ainda não está a caminho do ritmo de desenvolvimento — e onde um diploma europeu ainda é muito valorizado”, explica Pedro Galvão, aproximando para tentar o “mist” brasileiro. O qual Portugal está a pedir a sua maior cidade mais qualificada. “Temos de fazer, e exportar mais do que temos qualificação de que não temos qualificação, mas não é porque a produção portuguesa é mais qualificada e o que está a chegar são os países que têm qualificação e a capacidade de transformar a capacidade e o conhecimento de cada um de nós”.

9

de 2007, desde janeiro, emitiu 100 mil, sendo concedidos alguns propósitos sobre violência armada urbana e o Prêmio Nobel da Paz. Como jornalista, quando me convidaram, hesitei muito porque a minha família toda está no Rio, ou teria que criar uma nova rede social e, por outro lado, tinha uma reunião de muito respeito com o Crim... O que a paixão entre "a relação de confiança que existe com o Rio de Janeiro, por causa da preocupação, pela língua, sobre a cultura musical e cinematográfica daqui". Mas foi muito do que isso. Foi a certeza de que o salário vai compensar, apesar de perder a escola pública e a rede familiar. E foi, sobretudo, "a diferença entre o trabalho de

respiro se torna grande sensação, e uma grande inquietação, esboçada entre os visitantes que têm náuseas mais altas". Em 2013 a sua agência funcionava já com 100 membros dos funcionários. "Vou dizer assim: quem se entregou a alguns ritmos adaptaram as campanhas que tinham há dois ou três anos, outros avançaram ou foram a zero, outros vieram para trás ou não vão mais poder inventar". Ela brinca, espregueçando de costas, ao levantar o dedo de triquetra sem nenhuma das 103 milhões de consumidores por volta de 200 milhões. A garbosa o lembra por cima. "Vou para a casa que tem ritmos como a Coca-Cola e a Microsoft, para um ou dois e vou trabalhar interior".

[illegible]

mhar  
 da. E  
 do g  
 amio.  
 de m  
 et  
 epe da  
 todo.  
 e mo  
 do.  
 a.  
 rida -  
 como  
 deiro  
 entific  
 prava e  
 quando se  
 plamos  
 la.

interrelacionados, e mesmo difícil tentar se separar um para analisar a importância de, por exemplo, a terra, não há, neste caso, uma "causa verdadeira". No primeiro a "verdade verdadeira", mas não a "verdade verdadeira"; no segundo a "verdade verdadeira", mas não a "verdade verdadeira".

dependência de parcerias que vier a ser mobilizada. "O objetivo é desolocar para lá alguns quadros, no fundo, esperar o nosso know how", explica Luis Roberto, de 46 anos, sobre um projeto em que, além a maioria lá mais de um ano: "A questão dos impostos lá é muito complexa, mas, quando ao resto, estou lá três semanas e os resultados, ou seja que respeito a oportunidade de parcerias, superam lá minhas expectativas".

10

[illegible]

criminosos, que não estão prontos para ganhar dinheiro". Veloso também diz: "Não vou que o Brasil seja um país de ricos e pobres, mas de ricos e pobres de classe média". E, mesmo difícil mesmo as condições para se permanecer na legitimidade de, sem isso, não se desqualifica ninguém". "O tempo a validade impõe a validade impõe a validade de "mudar de regime" sempre do ponto para Leticia, a respeito de desafios econômicos. "Não há tempo quando, que está a acontecer no Brasil".

O neorealismo da vaga migratória para o Brasil deixou as anteriores também porque se viveu em um empreendimento, imediatamente pequenas empreitadas, dentro de uma que, foram de um mercado afetado, seguem no cenário dos gigantes. "Temos uma filosofia de seguir os nossos clientes e, muitas



Cruzeiro Brasileiro aproveita pacotes que partem de Lisboa. Enchem a bagagem e despedem-se da Europa com uma viagem de duas semanas

# "Estou voltando para casa. E levo a vida na mala"

Texto RICARDO MARQUES  
Foto JOSÉ VERTUSSI

Quando desaparecer o voo para a casa, o cruzeiro brasileiro voltará para a casa. E levo a vida na mala. É assim que os brasileiros que estão em Lisboa, em Portugal, se despedem da Europa com uma viagem de duas semanas. O cruzeiro brasileiro voltará para a casa. E levo a vida na mala. É assim que os brasileiros que estão em Lisboa, em Portugal, se despedem da Europa com uma viagem de duas semanas.



Atravessar o mar rumo a uma vida nova

DECIDIR-se pelo projeto de "passagem de vida" é uma decisão que envolve muito mais do que apenas a vontade de mudar. É uma decisão que envolve a vontade de mudar de vida, de sair de casa, de sair de tudo o que se conhece e se ama, e ir para um lugar onde se não sabe o que esperar.

IMIGRANTES COM BILHETE PAGO



NÚMERO DE CANDIDATOS INSCRITOS



Empresas levam negócios e funcionários

COMPANHIA Para quem quer levar um negócio para o Brasil, a melhor opção é através das empresas que estão a ir para o Brasil. As empresas que estão a ir para o Brasil são as que estão a ir para o Brasil, e elas estão a ir para o Brasil.

193

paises do mundo têm integrado brasileiros de acordo com os dados do Centro Demográfico realizado no ano passado no Brasil. Os Estados Unidos são o primeiro destino dos brasileiros que saem para o estrangeiro.

COMO HOJE AGRUPAMENTO

COMO HOJE AGRUPAMENTO O grupo de imigrantes brasileiros que estão a ir para o Brasil, e eles estão a ir para o Brasil, e eles estão a ir para o Brasil.

"APESAR DA CRISE CÁ E DO CRESCIMENTO NO BRASIL, A EUROPA SERÁ SEMPRE A EUROPA NAO TEM COMPARAÇÃO"

PORTUGAL NÃO É O "ELDORADO" NESTE MOMENTO PARA OS IMIGRANTES" O mercado dos cruzeiros está em crescimento em todo o mundo e Portugal acompanha essa tendência.

Lençóis, sanduíches e vinho e Nossa Senhora

LENÇÓIS O lençol de lençóis é uma coisa que se não se tem tempo para fazer em casa. É uma coisa que se não se tem tempo para fazer em casa, e eles estão a ir para o Brasil.

53

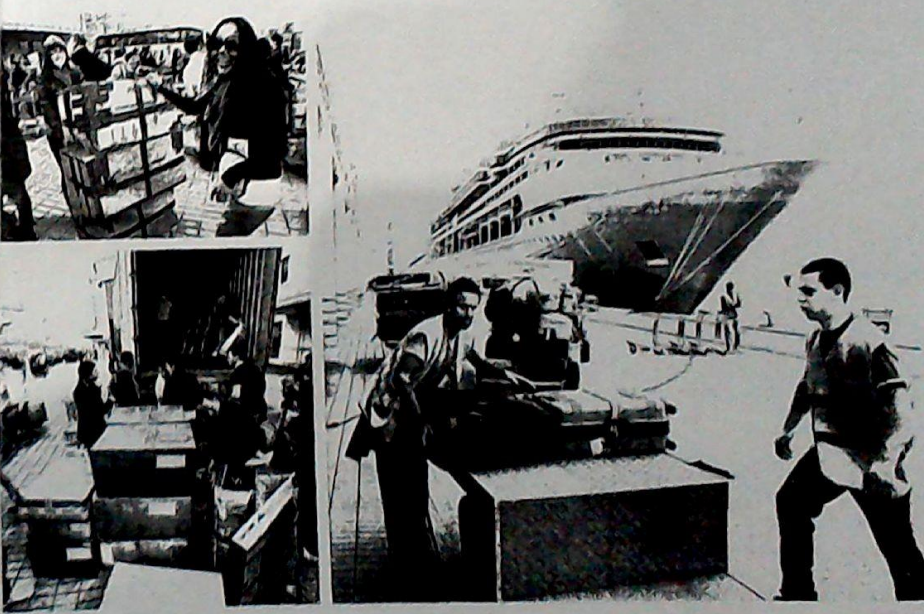
cruzeiros fizeram escala no porto de Lisboa durante o mês de outubro. A escala de Lisboa é uma coisa que se não se tem tempo para fazer em casa, e eles estão a ir para o Brasil.

GIGANTE DOS MARES

GIGANTE DOS MARES O gigante dos mares é uma coisa que se não se tem tempo para fazer em casa, e eles estão a ir para o Brasil.

Hoje em alto-mar, amanhã com o Brasil à vista

HOJE EM ALTO-MAR O "Vision of the Sea" que saiu de Lisboa na sexta-feira, dia 18, está hoje a cumprir o último dia de viagem de cruzeiro.



"O MERCADO DOS CRUZEIROS ESTÁ EM CRESCIMENTO EM TODO O MUNDO E PORTUGAL ACOMPANHA ESSA TENDÊNCIA"

O mercado dos cruzeiros está em crescimento em todo o mundo e Portugal acompanha essa tendência. O mercado dos cruzeiros está em crescimento em todo o mundo e Portugal acompanha essa tendência.



# O Brasil a ir embora

*Um país que decide prescindir de imigrantes é um país empobrecido*

**O**s imigrantes brasileiros estão a ir embora. Empregados de mesa e de balcão, esteticistas, manicuras, motoristas, mecânicos, pedreiros, porteiros, amas, grumetes, garagistas, e praticantes desses mil ofícios humildes ocupados por portugueses e estrangeiros.

Sendo naturalmente afáveis pelo recorte da língua, os brasileiros deram uma nota de cortesia em lugares onde a rispidez portuguesa era uso.

Talvez não se note a lenta partida, mas vai-se notar. E depois deles irão talvez os de Leste, os da Rússia, da Bielorrússia, da Ucrânia, da Romênia, da Bulgária. Muitos destes imigrantes integraram-se, obtiveram passaporte português, naturalizaram-se. Os filhos nasceram em Portugal. Falam português. Muitos destes brasileiros são hoje brasileiros e portugueses e a ausência será sentida. Porque eles revitalizaram a nossa demografia, pagaram os nossos impostos, descontaram para a nossa Segurança Social. Ao cabo de tantos anos e de tantos engulhos, ver partir estes brasileiros é um sinal da nossa decadência.

Lembro-me do tempo da arrogância europeia em que a Fortaleza Europa, talvez o conceito político mais estúpido jamais inventado, impedia nas fronteiras a entrada de imigrantes e sujeitava os estrangeiros com passaportes menos 'brancos' e 'ocidentais' a extensas humilhações. Nos aeroportos, cresciam como enxurradas as filas onde amanheciam brasileiros e africanos que falavam português. Cada um deles era sujeito a um interrogatório, às vezes conduzido por um manga de alpaca com títulos de rudeza, do alto da sua cidadania vigilante e da sua pequena potestade. A Europa mandou que expulsássemos e maltratássemos os brasileiros e nós fizemos isso mesmo, sem hesitação. Por cá, muitos patrões abusaram, exploraram, aproveitaram-se sem escrúpulo da fragilidade e da precariedade. Nos subúrbios, nasceu um tímido racismo à portuguesa, traduzido em desconfiança e negação do nome. O brasileiro era o brasileiro, a brasileira era a brasileira, não tinha nome. O lugar-comum da prostituta brasileira gerava generalizações, anedotas e episódios de *apartheid*. Apesar de muitos brasileiros gostarem de Portugal, muitos deles não gostaram dos portugueses. A necessidade obrigou-os a ficar e agora que o Brasil prospera sentem que está na hora de regressar. Outros foram despedidos. A crise torna-nos pouco apetecíveis e rouba-nos o futuro. E um brasileiro, sem hesitação, dirá sempre que adora o seu Brasil. Não deixa de ser irónico que na Fortaleza Europa, que

continua a deixar afogar os africanos no Estreito de Gibraltar, os aprisiona em campos, os empurra para o deserto e o deserto quando são caçados, sejam agora muitos europeus que procuram Angola e o Brasil. Os portugueses que querem trabalhar em Luanda sentem agora o aperto do visto. Cada um vai à procura do seu Eldorado. Chegou a vez da nossa humilhação.

Um país, ou um continente que quer ser um país, que decide prescindir de imigrantes é um país empobrecido e descolorido. Basta viajar para cidades como Londres e Paris, ou a Babel nova-iorquina, para perceber como são os imigrantes que injetam sangue novo nas veias e artérias esclerosadas de países velhos, e são eles que irão um dia ajudar a sustentar o estado social, ou o que dele restar. São eles que contribuem para a diferença, que dão vida às cidades. Na constante necessidade de adaptar e inventar são responsáveis pela revitalização da economia. São eles que trabalham fora de horas, mantêm a vida nas ruas, as lojas abertas, a gritaria nos restaurantes. São eles

que dão cor àquela multidão anónima e moribunda que T. S. Eliot descreve na sua "Waste Land": "Unreal city. (...) I had not thought death had undone so many." Londres sem paquistaneses, sem indianos, sem caribenhos, sem africanos, sem latinos e sem brasileiros, sem asiáticos e sem árabes, seria uma cidade fria de caras pálidas.

Os imigrantes trazem consigo o cheiro da viagem e dos novos costumes e tradições, a sua integração é um enriquecimento cultural. A Europa julgou que estabelecido o mercado comum, podia estabelecer

um "cordão sanitário" com o Leste e os Balcãs e com a África ao virar da esquina. A frase do cordão sanitário chegou a ser usada por deputados europeus de direita. O terrorismo, que gera o medo do estrangeiro (como se o terrorismo não pudesse ser doméstico, como no caso norueguês) e a crise financeira, que gera o medo do desemprego, tornará a Europa ainda menos tolerante e menos criativa. A desconfiança é apanhada nas redes do populismo, como aconteceu na Holanda, um país tradicionalmente benevolente para com a diferença e a experiência do outro. A Europa, carregando às costas uma população desunida e envelhecida, entrou no labirinto da solidão. ■



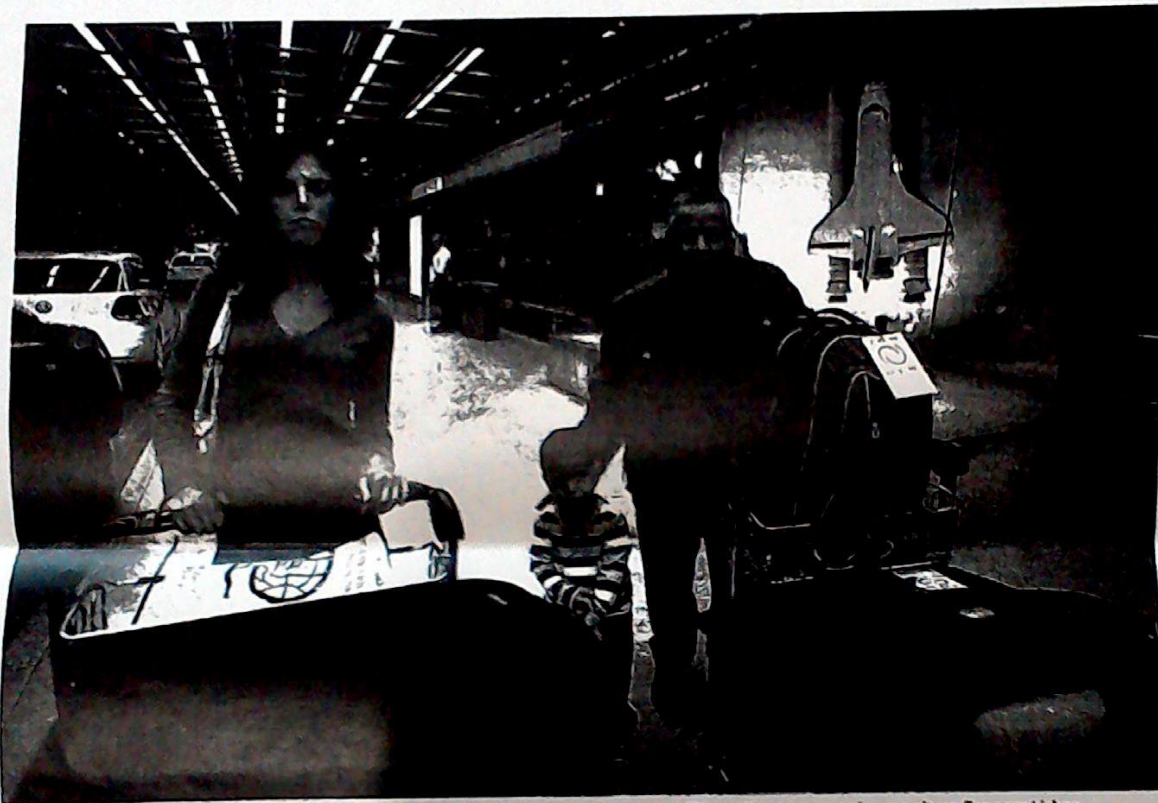
CLARA  
FERREIRA  
ALVES





**Balanço** Em 2010, a Organização Internacional para as Migrações ajudou 452 brasileiros a regressar a casa. Este ano, os embarques continuam a aumentar, ainda a um ritmo maior

# José já foi ter com a família ao Brasil



Sónia, Guilherme e José, em setembro de 2010, a primeira parte do regresso a casa: mãe e filho embarcaram, o pai nessa altura ficou em Lisboa

Textos RICARDO MARQUES  
Foto JORGE SIMÃO

A viagem de José Moraes para o Brasil começou numa noite fresca de setembro, ao apanhar o autocarro para casa à porta do aeroporto de Lisboa. Sozinho. A mulher e o filho tinham acabado de embarcar para São Paulo e ele jurou que os seguiria em fevereiro. Mas não aguentou. E no dia 18 de janeiro entrou no voo para a cidade brasileira, com bilhete pago pela Organização Internacional para as Migrações (OIM). Como antes sucedera com a mulher e com outros 561 imigrantes que deixaram Portugal em 2010.

"Nada é tão mau para um imigrante como não ter sequer dinheiro para regressar", admitiu ao Expresso, em setembro, Sónia Fiel, a mulher de José, antes de apanhar o voo. O marido, com o filho de três anos pela mão e as malas à frente, concordava: "O meu maior receio é o menino. Ele é muito apegado em mim".

No processo que preencheu na OIM nas semanas seguintes, José Moraes contou que o regresso de Sónia a Goiânia foi complicado. Tal como receava, Guilherme não se adaptou e os problemas do filho tornaram-se os problemas do pai. "Preocupado com a criança, acabou por pedir o nosso apoio", explica Luís Carrasquinho, da OIM.

O casal que agora está de novo reunido em Goiânia ficou separado nas estatísticas em Portugal. José faz parte das

59 pessoas que deixaram Portugal em janeiro. Este mês, nas três primeiras semanas, o número já em 68 embarques, 62 dos quais tiveram como destino o Brasil. Os números dos dois meses resumem bem os dados de 2010 — que incluem Sónia.

De acordo com o relatório da OIM, em 2010 o Programa de Retorno Voluntário pagou o bilhete a 562 imigrantes — tinham sido 381 em 2009. O número de processos de pedido de retorno analisados pela organização também cresceu: envolveram 1791 pessoas em 2010, contra 1011 no ano anterior. Em ambos os casos, os brasileiros — que constituem a maior comunidade

imigrante em Portugal — surgem à frente: foram responsáveis por 452 regressos e por 1519 processos.

## De volta a casa

O regresso ao Brasil, porém, não passa exclusivamente pela OIM, que apoia casos-limite. Mas os números da organização são os únicos que medem a realidade, admite Carlos Viana, da Casa do Brasil em Portugal. "Há muitos mais casos. Não são apenas as pessoas em dificuldade que estão a regressar ao Brasil. Há muita gente que já cá está há vários anos, que tem nacionalidade e que está a voltar", conta ao Expresso. O motivo? "Talvez seja a conjugação de dois fatores. Aqui sente-se um baixo astral e lá tudo parece estar a melhorar."

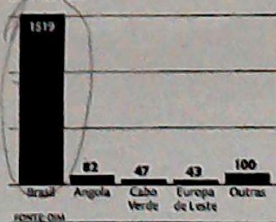
No relatório da OIM de 2010, a débil situação profissional e económica dos imigrantes é um dos principais motivos para o regresso. E o futuro próximo não deverá ser diferente. "Importa salientar que este aumento do número de pedidos de apoio para regressar aos países de origem se deve, principalmente, à atual crise económica e à posição vulnerável dos imigrantes no que diz respeito ao mercado de trabalho", lê-se.

O microuniverso da imigração encerra vários sinais da macroeconomia. Dois dos sectores que mais imigrantes empregam — serviços e construção civil — são também dos mais atingidos pela crise. José Moraes estava em ambos e já em setembro se quebrou de que a vida estava "cada vez mais difícil". Falava de poupar na renda, acumular mais trabalho e conseguir juntar o suficiente para mandar dinheiro para casa e para regressar. Voltou. Sem dinheiro.

marques@expresso.pt

## REGRESSO DE IMIGRANTES

Dados de 2010



## QUEM PARTE

**Homens** São mais de metade (62%) de todos os inscritos na OIM em 2010 (menos 9% do que no ano anterior). **Ensino secundário** Metade dos candidatos ao regresso com apoio da OIM tem o ensino secundário. Há 3% de analfabetos e 6% com frequência universitária.

**Família** 63% de todos os candidatos regressam sozinhos a casa. **Idade** A quase totalidade (97%) das pessoas apoiadas pela OIM estão em idade ativa. Metade tem entre 35 e 65 anos e 47% têm entre 18 e 35 anos. **Situação em Portugal** Apenas um terço (33%) dos imigrantes está em Portugal legalmente.

## COMEÇAR DE NOVO

39

imigrantes foram ajudados pela OIM para criar trabalho à chegada ao país de origem

74

pessoas embarcaram em outubro de 2010 — o mês com mais saídas

10%

dos processos de retorno voluntário são resolvidos em 30 dias



## IMIGRAÇÃO

# Imigrantes pedem mais ajuda para voltar

Brasileiros lideram pedidos de apoio no primeiro semestre e há muita gente em situação legal a partir

Mais de 330 imigrantes, sem condições financeiras para regressarem aos países de origem, deixaram Portugal no primeiro semestre deste ano com ajuda da Organização Internacional das Migrações (OIM). O número é superior ao registado em igual período do ano passado e representa mais de metade do total de apoios dados em 2010.

O último voo de repatriamento ocorreu no dia 30 de junho e o próximo deverá acontecer já em agosto. É, portanto, uma boa altura para fazer um balanço dos primeiros seis meses. "Foram apoiadas 332 pessoas e no mesmo período recebemos 1210 pedidos de ajuda", adianta ao Expresso Isabela Salim, da OIM, a maioria para regresso ao Brasil. Tinha havido 1791 pedidos em 2010 e 1011 em 2009.

No entanto, uma análise detalhada aos dados da OIM relativos ao primeiro semestre deste ano revela que está a subir o número de imigrantes com autorização de residência válida em Portugal a pedir ajuda para voltar ao país de origem. "Nos primeiros seis meses, 28% dos imigrantes que embarcaram tinham autorização de residência. Em 2010 eram 24%", diz Isabela Salim.

A explicação, segundo a respon-

### 772 EXPULSÕES

Em 2010, foram instaurados 2729 processos de expulsão administrativa de imigrantes. Destes, de acordo com o relatório do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) sobre o ano passado, 772 terminaram com decisões de expulsão e 665 foram arquivados. O número representa não só um aumento de 10,22% em relação em 2009, como acentua uma tendência de subida que ocorre desde 2008 — e, ao mesmo tempo, constitui o número máximo de processos num só ano na última década. Os cidadãos brasileiros lideram a lista.

sável da OIM, está na crise económica. "Numa situação normal, quem tem autorização de residência está mais tranquilo. Mas com a crise atual, mesmo estando um pouco mais protegidas, essas pessoas também sentem dificuldades", refere, sublinhando que há muitos casos de pedidos de famílias com filhos, sem em-

prego e sem quaisquer perspetivas de futuro.

Os sectores dos serviços e da construção são, em simultâneo, dos que mais imigrantes empregam e dos mais sujeitos à crise. No relatório de 2010, a OIM já antecipava que a situação iria agravar-se em 2011 e que o número de pedidos seria cada vez maior. Foram 562 em 2010, tinham sido 381 em 2009 — pouco mais do que o valor registado entre janeiro e junho deste ano.

Em 2010, 63% dos candidatos que pediram apoio à organização regressaram sozinhos a casa (alguns para se juntarem às famílias, que tinham partido antes); quase todos (97%) estavam em idade ativa e metade tinha entre 18 e 35 anos e, pelo menos, o secundário completo. Os brasileiros eram a maioria.

No primeiro semestre deste ano, os voos para o Brasil representaram 81% do total. Angola, São Tomé, Cabo Verde e Ucrânia foram outros dos países de destino dos imigrantes a quem a OIM pagou o bilhete de volta a casa. Em alguns casos, o trabalho continua com apoio à criação de emprego à chegada ao país de origem.

RICARDO MARQUES

rmarques@expresso.impressa.pt



# O Brasil chama com força mas ainda há quem prefira Portugal

No último ano, 30 mil a 40 mil imigrantes brasileiros em Portugal regressaram ao seu país. Luana, Cristina e Frederico, mesmo sem trabalho e com muitas dificuldades para manterem as suas vidas, teimam em ficar

**Imigração**  
José Bento Amaro

Cristina quis estudar e não conseguiu a matrícula porque o seu visto não era válido. Frederico tinha uma casa só para si e para a sua família, mas agora cedeu um quarto a um casal de compatriotas para poder fazer face às despesas. Luana voltou para a noite, depois do café onde trabalha ter encerrado. As vidas de Cristina, Frederico e Luana, três imigrantes brasileiros a viver há anos em Portugal, têm algo em comum: o desejo de só regressarem ao seu país em plenas condições financeiras.

Cristina foi ontem à tarde, na companhia de amigos, a uma conferência promovida pelo Consulado Geral do Brasil em Lisboa. A ideia era esclarecer todos os que desejam regressar às origens sobre as dificuldades e oportunidades que lhes reserva o retorno ao Brasil. É que, mercê de um elevado crescimento económico, os emigrantes brasileiros espalhados pelo mundo parecem agora um *boomerang* australiano, que já atingiu o alvo e voa agora até à mão de quem o arremessou. Mas Cristina, apesar de desempregada, não pensa regressar a Teixeira de Freitas, no Estado da Bahia, nos tempos mais próximos.

"A minha família regressou toda ao Brasil no ano passado e estão todos bem. Eu fiquei porque quero estudar, mas na escola onde me fui matricular não me aceitaram porque o visto estava caducado", conta a jovem, criticando os empregadores portugueses. "Ninguém dá contrato de trabalho. Quando se consegue um trabalho [quase sempre na restauração], pagam o mínimo e exigem o máximo", diz ainda Cristina, aludindo ao facto de quase todos os patrões oferecerem apenas o ordenado mínimo em troca de nove horas diárias de trabalho, labutadas seis dias em cada sete.

Para Frederico, chegado a Portugal em 1995, a vida na construção civil nunca foi tão madrastra. "Teve sempre o patrão mais explorador, que pagava mais ao português que ao estrangeiro, mas isso até não era tão ruim assim. Agora é pior, porque nem patrão sacana resta", refere, lamentando que a falta de emprego o tenha obrigado a partilhar a renda



Consulado brasileiro em Lisboa promoveu sessão de esclarecimento para compatriotas

do apartamento alugado em Queluz com um casal amigo. Os dois filhos passaram a partilhar o mesmo quarto para que uma das três divisões da casa fosse ocupada, por 220 euros mensais, por um casal de compatriotas.

## "Vida dura p'ra cacete"

Luana, de 37 anos, vinda de Goiânia em 1998, começou por trabalhar num bar de alterne. "Ganhava dinheiro, sim. Dava para os meus gastos e para mandar para casa." Depois, porque "o pessoal sempre falava" e porque "a vida da noite é dura p'ra cacete", deixou o alterne e foi trabalhar para um bar. "Ganhava muito menos, mas também não tinha o stress das noites sempre acordada e dos homens querendo te pegar", conta ainda. Até que o café, no Cacém, fechou. Luana voltou para o alterne "desde o início do ano" e em

**120**  
mil brasileiros residiam em 2010 em Portugal, segundo o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Hoje serão 80 mil a 90 mil

**2114**  
imigrantes podiam no último ano ajuda à Organização Internacional para as Migrações para poderem regressar aos países de origem. Mais de 80% são brasileiros

2012 nem foi "sambiar no Carnaval do Brasil", como quase sempre tem feito desde que emigrou.

E como está agora a vida de Luana? "Parece que não é o que era ao princípio. Há menos homens, mas ainda aparecem alguns p'ra gastar uma nota preta." E com maiores ou menores dificuldades, a verdade é que a sua mãe, que mora em Goiânia, já voltou a receber dinheiro enviado a partir de Lisboa. "P'ra minha mãe e p'ra minha 'minina'."

"Dos cerca de 120 mil brasileiros que estavam em Portugal, restam entre 80 mil a 90 mil", diz Ana Rosa Rio Branco, uma advogada brasileira que emigrou há 18 anos e que, para já, não pensa em regressar. "Hoje as regras são mais fáceis e possibilitam uma maior rapidez", diz a advogada, justificando assim o retorno dos emigrantes em maior número.

"O mercado brasileiro está a ab-

sorver a mão-de-obra que está no exterior, apesar de muitos dos que estão a regressar não terem conseguido a desejável especialização", refere ainda a advogada, que não põe de parte a hipótese de o fluxo da emigração brasileira voltar a reverter assim que acabar o Mundial de futebol a realizar naquele país, em 2014.

Essa é também uma hipótese que uma das vice-cônsules em Lisboa não descarta, salientando, no entanto, que o Governo brasileiro tem a intenção de acolher o maior número de nacionais que queiram regressar e que tenham condições de fazerem crescer a economia do país. É que, segundo referem os dados mais recentes, o regresso dos emigrantes tem feito crescer o número de microempresas em todo o país, as quais já representam 25% do Produto Interno Bruto do país.



## MIGRAÇÕES

# Recorde de pedidos de ajuda para partir

Programa Retorno Voluntário recebeu mais de dois mil pedidos de imigrantes. Brasileiros dominam

Em cinco anos, o número de imigrantes que, em Portugal, pediram ajuda à Organização Internacional das Migrações (OIM) para regressar ao país de origem cresceu quase sete vezes. No ano passado, o programa de Retorno Voluntário bateu todos os recordes: 2.114 pedidos (tinham sido 320 em 2007), 176 inscrições por mês, 6 pessoas por dia a chegar ao fim da linha da imigração — quando não há dinheiro nem para ficar nem para regressar a casa. A crise é a razão apontada por todos, mascarada de desemprego, vínculos precários, salários insuficientes ou legalização impossível.

Os brasileiros dominam as inscrições (87%) e acrescentam à lista de motivos para a partida o fulgor econômico que se vive do outro lado do Atlântico: o país de Dilma Rousseff tornou-se a sexta economia mundial, cresce 3,27% ao ano, os ordenados acompanham a subida e estima-se que até 2015 necessite de quase oito milhões de trabalhadores. Em Portugal, os imigrantes lutam contra uma taxa de de-

semprego de 13,2% e um crescimento negativo de 0,3%. Não é difícil escolher o país do momento. É altura de partir.

Mas nem todos regressaram a casa com ajuda da OIM. Em 2011, dos mais de dois mil inscritos só 594 beneficiaram de bilhete de ida pago e 50 euros de 'dinheiro de bolso' para as refeições em trânsito e transporte no destino. O apoio não foi negado aos restantes candidatos — as recusas são residuais: simplesmente desistiram de esperar.

O fluxo de pedidos está a atrasar a capacidade de resposta da organização e o processo pode demorar entre quatro a cinco meses. Quando depois os técnicos contactam os imigrantes, o número já não está ativo. "Não

**"Temos cada vez mais famílias. E muitos imigrantes legais, cuja situação económica se degradou"**

conseguimos aferir se desistiram ou partiram por meios próprios. Mas acredito que a maioria tenha arranjado outra forma de regressar", explica Luís Carrasquinho, coordenador do programa em Portugal.

Em 2012, a OIM pagou 500 viagens certinhas, com destino ao Brasil, a imigrantes oriundos principalmente de São Paulo, Minas Gerais e Goiânia. A grande distância seguiu-se Angola, com 25 regressos, e Cabo Verde e São Tomé, com 15 cada. Tudo o resto entra no domínio do dígito único: 8 para a Guiné e para a Ucrânia, 7 para Moçambique e 2 para a Geórgia e para a Índia, Moldávia, Rússia, China, Guiné-Conacri, Nepal, Paquistão, Bielorrússia, Bangladesh, Mali, Gana, Nigéria e Filipinas registaram apenas um retorno cada.

São principalmente homens, sozinhos, em idade ativa, com escolaridade média, desempregados e ilegais. Mas o perfil do imigrante sem meios financeiros para suportar o custo do regresso está a mudar. "Temos ca-

da vez mais famílias. São já 45% dos casos. E muitos imigrantes legais, com autorização de residência, mas cuja situação económica se degradou. Dizem que já não compensa ser imigrante aqui", conta Luís Carrasquinho.

## Voltar só daqui a três anos

Para garantir a ajuda da OIM o imigrante não pode ter cometido infrações suscetíveis de procedimento criminal, nem ter beneficiado anteriormente do programa. Também não são abrangidos os nacionais da União Europeia. Voltar a Portugal no prazo de três anos obriga à devolução do valor da ajuda.

Anderson Cardoso, 33 anos, 12 de imigrante legal em Portugal, regressou quinta-feira para Mangueira, uma vila no interior do Paraná, no Brasil. Voltou para a casa da mãe e com ele levou Sandra, a mulher de 30 anos que conheceu em Lisboa há dois, também ela brasileira, de Goiânia, recém-chegada a um Portugal já em crise, ele plenamente conquistado por

um país que não tencionava deixar tão cedo.

Mas deixou. Há dois dias. Porque a família cresceu e a crise também. Sandra mandou vir o filho Isaac, de cinco anos, que tinha deixado no Brasil e há quatro meses nasceram as gêmeas Pamela e Paola. A Segurança Social indeferiu o pedido de abono das crianças, Sandra perdeu o emprego numa IPSS e a possibilidade de legalização. O salário de Anderson numa empresa de limpeza não tem elasticidade para uma casa de cinco pessoas.

Anderson geria uma pastelaria alugada quando emigrou para Portugal. Queriu um espaço só dele. Cada ano de salário, nas obras, numa carpintaria, nas vindimas, na reposição de stocks do Continente, nas limpezas, foi transformado na maquinaria do seu negócio. E o terreno para o edificar. E o que vai fazer agora.

A quem leva na mala um futuro já delineado a OIM pode atribuir uma ajuda extra: assistência na elaboração de um Plano

de Negócio ou um subsídio de apoio à reintegração, até €1100, para que o imigrante faça formação ou crie a própria empresa. A aplicação da ajuda financeira é monitorizada *in loco* por instituições de ajuda humanitária. Por razões orçamentais este apoio ainda é reduzido, conta o coordenador nacional. Em 2011 houve só 37 beneficiários.

Anderson não foi abrangido. Com três filhos menores, o seu pedido foi considerado urgente e não houve tempo para a análise alargada das necessidades. Terve poucos dias para cortar os vínculos de 12 anos em Portugal, metê-los em duas malas e embarcar com a família. "Não sei como vai ser. Eu sempre que ia de férias à minha terra marcava um mês e 15 dias depois estava de volta. Ali sem comboio tem. Vou concentrar-me nos pastéis. Tem de ser". Numa das malas enfiou uma bandeira de Portugal e outro do Benfício. Vai pô-la na parede do negócio. "O nome? Lusitano".

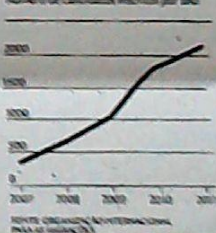
**RAQUEL MOREIRA**  
maiores@expresso-impressao.pt



Anderson, Sandra e os três filhos partiram esta semana para o Paraná, com o apoio da OIM  
FOTO: ANTONIO PEDRO FERREIRA

## PROGRAMA DE RETORNO VOLUNTÁRIO

Número de candidaturas inscritas por ano



**87%**

dos 2.114 imigrantes que pediram ajuda à OIM Portugal em 2011 eram brasileiros. Consequentemente, dominaram os embarques: 500 em 594 viagens pagas pela organização tiveram como destino o Brasil

**119**

mil brasileiros residiam em situação legal em Portugal em 2010, de acordo com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

## Brasil quer engenheiros

Nova lei vai facilitar entrada de imigrantes qualificados. É na área da construção civil que o país tem as portas abertas

O Brasil vai facilitar a entrada de imigrantes qualificados a partir de março, data da conclusão de um estudo que depende diretamente da Presidente Dilma Rousseff. Como a formação de profissionais, sobretudo engenheiros, não acompanha a velocidade do

crescimento econômico do país organizador do Mundial de futebol de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, a mudança da lei visa capitalizar a abundância de pedidos de visto de permanência de imigrantes americanos e europeus, entre os quais muitos portugueses — entre dezembro de 2009 e junho de 2010 chegaram mais de 50 mil ao Brasil, totalizando cerca de 328 mil.

O Ministério do Trabalho brasileiro não tem números oficiais,

mas a área das engenharias — acima de todas a construção civil, mas também a da exploração de poços de petróleo e das novas tecnologias da comunicação — é referida por todos os agentes como a mais necessária de mão de obra qualificada.

Na Michael Page, agência multinacional de recrutamento, João Nunes, um português especialista na área que trocou a suculenta portuguesa (da empresa pela brasileira, vive no dia a dia as necessidades do Brasil. "Não quero ser definitivo mas se falar numa área específica diria que a construção civil é aquela em que o Brasil está mais necessitado, sobretudo de engenheiros qualificados". Explica Nunes que a estrada faz de uma forma em Portugal ou no Brasil. Nosso negócio qualquer o imigrante

português teria mais dificuldade em conhecer o mercado, os canais de venda e de distribuição, e acabaria por se tornar um profissional caro.

Um engenheiro português terá, no entanto, de ser reconhecido pela CREA, equivalente à Ordem dos Engenheiros (ver caixa).

É a chegada de profissionais es-

trangeiros não coloca problemas sociais a médio prazo? "Somos um país hospitaleiro e sem xenofobias", é o entendimento de Paulo Abrão Pires, secretário nacional da Justiça. A sua comissão mantém-se, mesmo sabendo que dois dos quatro milhões de imigrantes brasileiros também estão a chegar. "Os brasileiros têm de sentir os imigrantes como complementares e não competitivos", acrescenta Robert Wong, um *businessman* profissional, ou seja, caça-talento, cuja ocupação é colocar a pessoa certa na empresa certa.

## Capital humano

As autoridades brasileiras admitem que o maior fluxo de imigração desde os finais do século XIX é um fenómeno com o qual têm

de aprender a lidar. "Não dá para ser à sexta economia do mundo impunemente", comentou já Celso Amorim, ministro da Defesa e amigo titular da pasta dos Negócios Estrangeiros. "Temos de saber aproveitar a vinda desse capital humano, as suas potencialidades e riquezas, para o desenvolvimento das nossas atividades produtivas".

Karen Vieira, advogada especializada na área da imigração, conta que já começou a receber clientes europeus. "Não apenas engenheiros mas profissionais interligados em áreas técnicas das suas empresas", em São Paulo e outros pontos. "A partir de março conto ter ainda mais clientes por causa dessa modificação da lei".

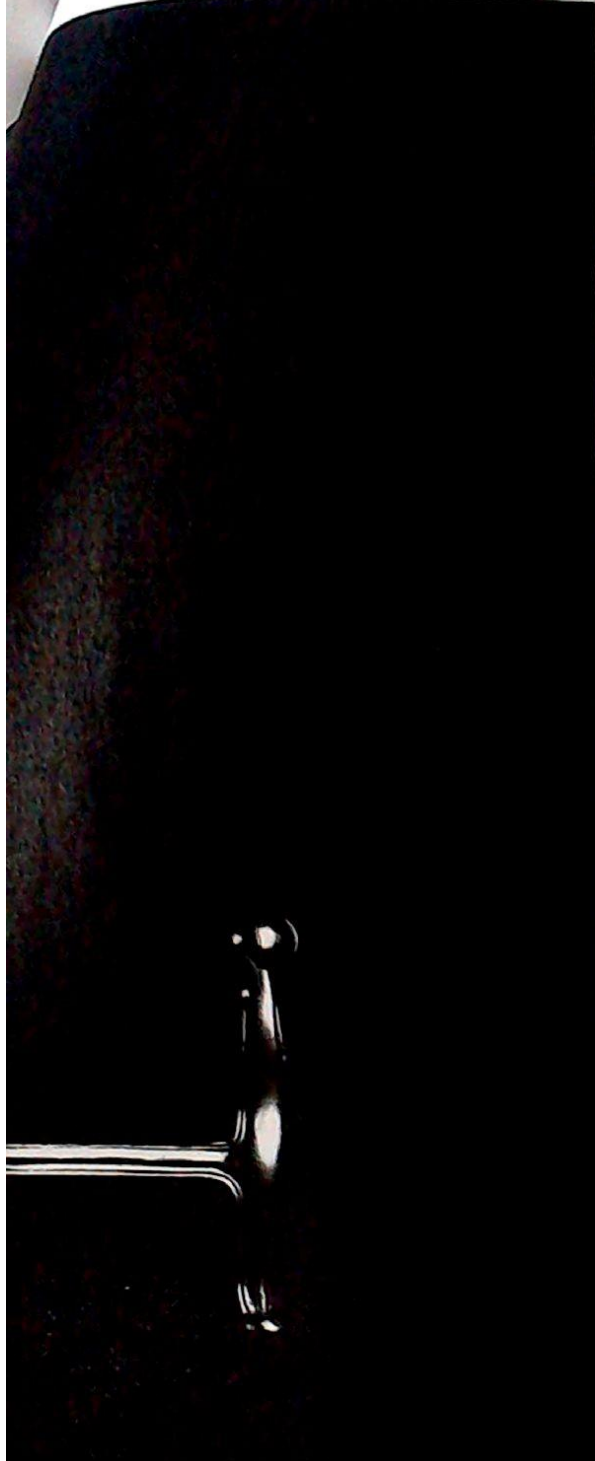
**JOÃO ALMEIDA MOREIRA**  
em São Paulo  
societade@expresso-impressao.pt





**Isto é chocante.** Portugal enfrenta uma grave crise de valores. Só que não é uma crise de valores morais: é de valores económicos. A crise é tal que, hoje em dia, qualquer coisa que antes era banal agora é luxuosa. Uma meretriz não é vesga e coxa e passa logo a ser de luxo





Há cinco anos despediu-se da família em Minas Gerais, no Brasil, para se instalar num apartamento em Lisboa onde passou três meses na cama de corpo disponível. Veio para dar prazer e enriquecer. Chegou a atender 20 homens num só dia. Foi a vertigem do dinheiro fácil e a atração por uma nova vida de luxúria que a trouxe a Portugal. O incentivo veio da irmã que largara o balcão para cobrar por serviços íntimos. "Dei-me bem. Tenho o dom da sem-vergonhice."

Carla, nome de guerra, não é uma vítima neste enredo e o seu passaporte não ficou confiscado à chegada para se prostituir contra vontade, como acontece com muitas outras jovens imigrantes. Foi Carla quem ditou a exploração do próprio corpo. Ela e as pessoas da sua agência que atendiam as chamadas dos clientes que lhe entravam no quarto. Nessa altura Carla ganhava perto de 5000 euros por mês. Mesmo a dividir os lucros. Só o seu corpo pagava a fatura. "Fisicamente ficava cansada. O útero doía. Contraía infeções com facilidade. Mas mentalmente estava bem. Fingia que estava com o namorado." Depressa passou a ser a sua própria patroa. Já se deitou com todo o tipo de homens. Altos, baixos, gordos, magros, felos, bonitos, velhos, novos. Não fecha a porta a nenhum. Garante que o preservativo é a sua regra de trabalho. "Apenas o sexo oral é ao natural. E o que mais gosto de fazer. Acho que sou boa nisso." A sua relação com o sexo é tão banal e natural como é para muitos um aperto de mão ou um beijo na cara. Gosta de fazer de tudo. Não recusa nada. "Eu entrei para quebrar!" Até mesmo quando um jovem cliente pediu que lhe defecasse em cima (coprofilia) a troco de 500 euros. Ela tentou... mas não conseguiu, enojada. "Ele era muito bonito, aquele tipo de homem de fato impecável, estilo executivo." Já tirou da caixa todas as fantasias: "Estive com dois homens, em casas de swing, com mulheres loiras e até na cama com uma equipa de futebol de primeira divisão (só faltaram três jogadores). Senti-me uma rainha. Mas os jogadores são doidos. Têm mulheres lindas, mas pagam para estar a masturbar-se enquanto me veem a fornicar com os colegas." Conta as experiências sem pinga de vergonha. "Não tenho

nojo desses homens. Eles é que me sustentam. A diferença é que quando atendo um homem bem arrumado, cheiroso e com boa aparência sou mais carinhosa, mas quando é um homem com mau cheiro é tocar mais ou menos e acabar rápido." Esse despudor não foi ganho na nova atividade. Mesmo quando vivia no Brasil, onde foi lojista, "babá" de crianças e secretária de um presidente da Câmara, era insaciável. Chegou a escrever num diário centenas de nomes de rapazes com quem se deitou, onde classificava o desempenho deles. A grande ironia é que só se iniciou sexualmente aos 18 anos por ser filha de pais evangélicos, conservadores, que a obrigavam a usar sã até os pés e não lhe permitiam namoros. E de virgem passou a meretriz.

Fala-nos com voz de mel e atitude de menina malandra, enquanto trinca uma maçã. Tem boa aparência, a pele bem tratada e um sorriso fresco. Se nos cruzássemos com esta morena na rua, que se apresentou com um discreto vestido branco virginal e sandálias rasas, não diríamos que é uma mulher da vida. É como a maçã que mordisca. Desejo e pecado. Só que as trincas são pagas ao minuto. Cinquenta euros por meia hora. Cem euros à hora. Nestes quatro anos já reuniu dinheiro suficiente para comprar uma casa para as irmãs no Brasil e tem outro tanto no banco. A crise ainda não chegou à indústria do sexo, garante. "Claro que há homens que choram um desconto e outros que me garantem seis mil euros por mês. Mas é estúpido pagar por sexo, não é?"

Um desses homens tornou-se o seu atual companheiro e o pai do seu filho, de um ano e meio. Na noite em que se conheceram, o empresário australiano, de 28 anos, nem quis ter sexo. Só falar. Incrédula, a brasileira pôs a tocar a música 'Loba', da Shakira, e dançou despida para ele. Ele apaixonou-se naquele instante. Atualmente, ele vive na Austrália e, enquanto trata da mudança dela e do filho, comprou-lhe uma casa mobilada em Corroios e ainda lhe paga uma pensão "de dois mil euros". Mas nem assim Carla deixou de se encontrar com clientes. Tornou-se um vício. "Faço-o porque estou longe dele, preciso de sexo e não me entrego de graça. Nunca mais me entregarei de graça. Nem para ele."

CARLA  
31 ANOS, PROSTITUTA DE LUXO

## UMA MULHER QUE NÃO SE ENTREGA DE GRAÇA



# Brasil travou acordos para reconhecer engenheiros portugueses

Bastonário vai ao Brasil falar com o seu homólogo para tentar superar o "silêncio ensurdecedor" a que se remeteram os responsáveis brasileiros, depois de terem assinado dois acordos de cooperação no último ano

Lurdes Ferreira

**M**ais de um ano depois de ter assinado o primeiro de dois acordos para o reconhecimento das licenciaturas de engenheiros portugueses, o Brasil não só mantém o impedimento à entrada dos profissionais como foge a explicar a razão por que recuou em relação aos compromissos firmados. A acusação é do bastonário da Ordem dos Engenheiros (OE), Carlos Matias Ramos, admitindo que este é o assunto "mais constrangedor" do seu mandato.

Em Novembro de 2011, a OE e a sua congénere brasileira, a Confea, assinaram em Coimbra um acordo de

reconhecimento mútuo. Na presença do primeiro-ministro, Passos Coelho, "o acordo permitia o exercício profissional dos engenheiros inscritos na Ordem, aproveitando uma lei de 1966 que possibilitava o registo temporário, período durante o qual o diploma português seria reconhecido por uma universidade brasileira", diz em entrevista ao PÚBLICO.

O acordo estabelecia ainda o prazo de seis meses para a definição dos critérios e para a sua entrada em vigor. "Era taxativo e eu acreditei que era possível", afirma Matias Ramos. A Confea, responsável pelo registo dos profissionais, mudou entretanto de presidente e aparentemente de opinião. "Houve nitidamente um travão" e "entrou-se numa cadeia sem fim", denuncia o bastonário.

Ao fim dos seis meses, Matias Ramos diz ter recebido cartas da Confea a alegar dificuldades e a pedir a prorrogação por mais seis meses. Ao fim desse tempo, recebeu um "silêncio ensurdecedor".

Em Outubro passado, um novo acordo foi assinado já não entre as ordens, mas entre as cúpulas de reitores dos dois países. Matias Ramos diz ter acreditado neste segundo acordo, até que reparou que estabelecia mais um prazo, este de dois meses. Recorda que "eram duas folhas A4 com os princípios orientadores do reconhecimento mútuo de diplomas". A iniciativa dos reitores surgia como uma "cereja no topo do bolo", mas, passados os dois meses, repete-se o silêncio.

Nesse mesmo mês, em Outubro,

realizou-se em Lisboa o I Congresso de Engenheiros de Língua Portuguesa. Apesar dos convites da OE, o actual presidente da Confea não compareceu. Por essa altura, já o ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Portas, se tinha encontrado com o ministro brasileiro da Educação, Aloísio Mercadante, em Brasília, para pedir o reconhecimento dos diplomas.

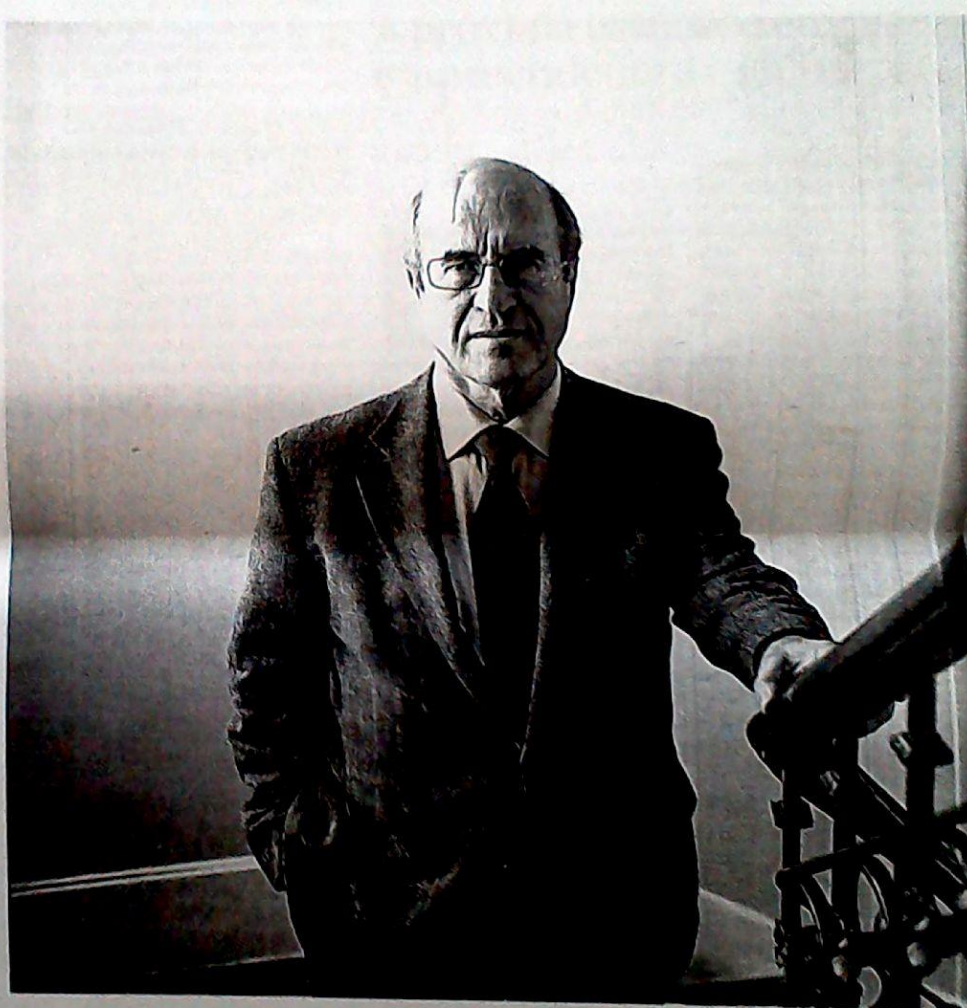
O bastonário não poupa críticas ao "país dito irmão": "Apresentamos a preocupação de travar a entrada de engenheiros portugueses com argumentos sequer inteligíveis, como o de que podemos 'invadir o Brasil'. Imagine-se, com a dimensão que temos!"

O Governo brasileiro admitiu que as necessidades do país apontavam

para 80 mil engenheiros. Dos 47 mil engenheiros portugueses inscritos na OE, 19 mil são civis, a disciplina mais afectada por este desentendimento. "Mesmo que 10% dos engenheiros civis portugueses fossem para o Brasil, seriam apenas 1900", sublinha Matias Ramos, assinalando que, em contrapartida, os 354 engenheiros brasileiros reconhecidos em Portugal são um número "proporcionalmente superior".

No último ano, o vice-presidente da OE foi também ao Brasil por duas vezes, mas sem sucesso.

Matias Ramos, em fim de mandato e de novo candidato assumido, ilustra o que considera ser "uma cadeia sem fim" de bloqueios. Um engenheiro português, licenciado no Instituto Superior Técnico, com 18 anos de







Presença de prostitutas junto da EN-13, em São Pedro da Torre, incomoda moradores

## Menos clientes e menos brasileiras a trabalhar

**A** crise chegou à prostituição. Esta é, pelo menos, a percepção de quem trabalha em Lisboa, em diversas organizações não governamentais que compõem a Rede sobre Trabalho Sexual (RTS). Parece básico: "Se o cliente tem menos dinheiro, tende a recorrer menos à compra de sexo."

Vigora a ideia de que o preço dos serviços está a baixar. "Há maior pressão dos clientes para negociar", observa Aline Santos, coordenadora do Porto G, projecto da Agência Piaget para o Desenvolvimento que trabalha com pessoas que se prostituem em apartamentos no Grande Porto. Elas têm tendência a trabalhar mais horas. E correm maior risco de ceder a quem está disposto a pagar mais para ter, por exemplo, sexo oral sem preservativo.

É impossível traçar um retrato rigoroso, já que esta é uma actividade económica subterrânea. Pode dizer-se, ainda assim, que, de norte a sul, parece estar a mudar o perfil de quem vende sexo.

Sara Trindade, do secretariado da RTS, faz acompanhamento de mulheres em apartamentos e pensões em Lisboa. Esta técnica, que trabalha para o Grupo Português de Ac-

tivistas sobre Tratamentos de VIH/Sida, nota, nos últimos meses, uma diminuição das brasileiras. Paulo Anjo, o coordenador da Associação Existências, que cobre os concelhos de Coimbra, Mealhada, Condeixa, Figueira da Foz e Aveiro, fala num reequilíbrio, após o domínio das brasileiras: "Estão a voltar para o Brasil, mas aumentou o número de portuguesas."

"Temos encontrado mais portuguesas com trabalho sexual iniciado recentemente", diz também Aline Santos, ressaltando o facto de a cobertura ser limitada.

A expansão da economia brasileira e a recessão da economia portuguesa podem explicar uma parte da mudança. O recuo da protecção social explicará outra parte. Paulo Anjos tem encontrado beneficiárias de rendimento social de inserção a tentar complementar a prestação, que ainda há pouco sofreu novo corte. E toxicodependentes, "talvez por as estruturas que lhes dão suporte estarem com maiores dificuldades".

Com a diminuição de clientes, no Norte e Centro, nota-se que algumas, não muitas, trocam os apartamentos pelas ruas ou conciliam os dois tipos de espaço. Já o relato das associações de Lisboa, que integram a RTS, indica "um ligeiro decréscimo do trabalho sexual de rua".

Fora da capital, contudo, o cenário poderá ser diferente, faz saber esta rede. "A prostituição de rua é realizada tendencialmente por pessoas mais empobrecidas e o crescimento do desemprego e do trabalho precário e mal remunerado poderá, em determinados locais e situações, potenciar o aumento do recurso a este tipo de trabalho sexual enquanto fonte de rendimento", admite, por email.

Já no Alentejo, a Associação para o Planeamento Familiar, em Évora, nota um certo aumento no número de mulheres que procuram aconselhamento, mas faz saber que isso terá mais a ver com o facto de o seu projecto estar a ganhar visibilidade do que com um aumento da prostituição num concelho onde a prostituição se faz, sobretudo, dentro de portas.

## Turismo sexual

Algarve está na rota

**É**a percepção de quem trabalha no terreno e que só este ano viu duplicar o número de novas trabalhadoras do sexo que procuram os seus serviços: o Algarve é cada vez mais um destino de turismo sexual, diz Osvaldo Coutinho, coordenador e monitor no Movimento de Apoio à Problemática da Sida (MAPS), com sede em Faro.

O número de utentes do MAPS, sobretudo brasileiras, portuguesas e romenas, ronda, este ano, "as 700, 800". E com o Verão a procura subiu. Em média há 15 novas utentes por semana, o que é perto do dobro do registado em anos anteriores. Da exemplos: em Olhão, passaram de sete mulheres por semana, para 15 a 20. "Em Albufeira não temos mãos a medir. Em Cacela Velha e Castro Marim também aumentou..."

Osvaldo Coutinho nota que há uma grande rotatividade das utentes, nomeadamente nas zonas próximas da fronteira com Espanha — muitas delas trabalham em bares e sempre que muda o gerente de um bar ou de um clube, mudam as mulheres. Por cada novo gerente chegam a entrar cem novas trabalhadoras, explica.

Não é garantido que a crise e o desemprego justifiquem por si só este aumento da prostituição. "Existem de facto casos novos, de mulheres que perderam o emprego e que recorrem ao trabalho sexual. Portuguesas, mas também brasileiras. Mas creio que essa não é a única justificação. Há um aumento da procura de turismo sexual no Algarve."

O MAPS, que acompanha trabalhadoras do sexo há já alguns anos, vai aos bares, apartamentos e locais na rua onde trabalham estas mulheres, distribui preservativos, presta apoio psicológico e faz encaminhamento para o seu projecto de cuidados de saúde, que tem a colaboração da ARS.

Andreia Sanches



A prostituição de rua cresce com o empobrecimento

despertar desejo a quem nem saiu da sua rotina.

Não se pense em magotes, apesar de nos últimos anos terem encerrado as portas quatro estabelecimentos de diversão nocturna que funcionavam como pontos de angariação de clientes no concelho de Valença: não terão sobrevivido às operações de combate ao tráfico de pessoas e à imigração ilegal. A equipa de rua só torna a encontrar trabalhadoras do sexo lá à frente, já a chegar a Viana.

A prostituição de rua é "mais vulnerável à reacção social" e os meios rurais tendem a ser-lhe "mais ostensivamente hostis" do que os urbanos, nota a Rede sobre Trabalho Sexual, num email assinado por membros das diversas organizações não governamentais que trabalham nesta área e que a integram. O isolamento pode "potenciar mais situações de violência e abuso de poder por parte de clientes, de pessoas que se fazem passar por clientes, de autoridades policiais e de outros agentes do Estado e pelas próprias

comunidades locais".

Há um sistema a funcionar, liderado por uma mulher, que conta com a colaboração de homens da sua família. Um motorista apanha as mulheres em casa, trá-las para a mata, torna a apanhá-las à hora do almoço e a trazê-las, e leva-as ao final do dia. Entretanto, exerce um trabalho de vigilância. Faz o giro às raparigas estrategicamente colocadas em três pontos. Cinco euros por cliente.

Quando a carrinha da GAF pára junto à rapariga, ela precipita-se: "Tenho preservativos. Comprei. Tem lubrificante?". Apesar de trabalhar no mato, diz recusar qualquer proposta de sexo desprotegido e aproveitar todos os rastreiros às infecto-contagiosas que lhe são oferecidos. As outras também. Mara julga-as cuidadosas, está mais preocupada com a população toxicodependente, mas nem por isso deixa de passar ali, em qualquer parte, a diminuição de clientes aumenta o risco de cedência a quem oferece mais dinheiro por sexo inseguro.



Trabalho Quase 40 mil estrangeiros tiveram autorização de residência em Portugal no ano passado. Pela primeira vez, as mulheres superaram os homens. Crise fez mudar perfil dos novos imigrantes

# Chegar quando tantos querem partir

Texto: HUGO FRANCO  
e JOANA PEREIRA BASTOS  
Fotos: JORGE SIMÃO

Vieram em sentido contrário, como se entrassem numa estrada em contramão. Aterraram num país deprimido onde falta em trabalho o que sobra em amsteridade, depois de o próprio primeiro-ministro ter aconselhado os portugueses a emigrar. A crise não os assustou. Segundo o último relatório do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), divulgado esta semana, no ano passado quase 40 mil imigrantes obtiveram título de residência em Portugal. O que os motivou a chegar quando tantos querem partir?

O padrinho da brasileira Patrícia Peret também estranhou a decisão da advogada de 34 anos que, em janeiro de 2012, trocou o Rio por Lisboa. "Agora que todo o mundo está voltando para o Brasil, é que está indo para lá? Você está em fluxo contrário", avisou-lhe o familiar. Ele sabia do que falava. Tinha acabado de regressar ao Brasil, depois de vários anos a viver em Portugal. Patrícia não ligou. Até tinha emprego e uma vida confortável, mas o amor não se vive à distância e o namorado estava em Portugal. Meses depois de aterrizar, casou-se, começou a trabalhar e não quer ir-se embora.

Quando chegou, percebeu que deste lado do Atlântico existe a imagem de um novo Brasil, próspero e em contínuo crescimento. Mas não foi esse o país que deixou. Houve melhorias económicas, mas ainda não atingiu um nível comparável com Portugal em termos de qualidade de vida, segurança e organização, garante. "O Rio de Janeiro está caríssimo e ainda é violento, ao contrário de Lisboa, que é cosmopolita, muito tranquila e onde até os transportes funcionam", sintetiza a advogada, que ficou até surpreendida com a facilidade em arranjar trabalho. Como brasileira, olha para a recessão com uma outra perspetiva. "Quando era pequena pedía à minha mãe dinheiro para comprar sorvete e ela dizia para eu ir ao

mercado saber quanto era, porque os preços mudavam todos os dias. Havia hiperinflação e os salários não davam para nada. Quem viveu isso não se assusta com a crise de cá."

O guineense Mamado Jaquetet, 31 anos, começou a trabalhar em Portugal no ano em que caiu o Governo, o país pediu o resgate financeiro e a austeridade passou a ser oficial. Também ele não teve medo da recessão. Foi o desespero que o levou a tentar a sorte em Lisboa, já que em Bissau mal tinha dinheiro para viver. "Os meus irmãos avisaram-me que já não era tão fácil arranjar emprego na Europa. Mas não tinha nada a perder. Viver na Guiné é muito pior."

Começou bem, como pedreiro em obras na Grande Lisboa, até que há quatro meses ficou desempregado. Mesmo sem propostas de trabalho, não pensa em voltar para casa ou ir para França, como fizeram os irmãos, também ligados à construção civil. "Estou por minha conta, mas não perdi a esperança de um dia conseguir trazer a minha mulher e o meu filho de seis anos para Papo de Arcos."

## Mais mulheres do que homens

Patrícia Peret e Mamado Jaquetet vieram numa altura em que o número de novos imigrantes está a diminuir em Portugal. Em 2012 foram emitidos 38.537 primeiros títulos de residência, menos 15% do que no ano anterior. Os brasileiros são os que mais continuam a vir (11.715, quase um terço do total), seguidos de cabo-verdeanos, romenos, guineenses, ucranianos, chineses e espanhóis.

O presidente da Associação Solidária Imigrante, Timóteo Macedo, garante que há cada vez menos estrangeiros a trabalhar em Portugal a recorrer ao apoio desta instituição. "Tem havido um decréscimo acentuado, principalmente desde 2008."

A tendência de diminuição registrada nos últimos anos é acompanhada de uma mudança de perfil. Ao contrário do que acontecia antes da crise, quando havia pouco desemprego e falta de mão de obra em Portugal, nem todos vieram por razões económicas.

Nos anos em que Portugal estava em crescimento, os estrangeiros vinham

## NÚMEROS

24.998

estrangeiros adquiriram nacionalidade portuguesa no ano passado. Brasileiros, cabo-verdeanos, ucranianos, angolanos e guineenses lideraram os pedidos

1246

imigrantes viram recusada a entrada em Portugal em 2012. Além destes, 625 estrangeiros residentes foram afastados do país por estarem ilegais ou terem sido condenados, pela prática de crimes, com pena acessória de expulsão

da anos antes. "Uma boa parte das populações migrantes tende a fixar-se no país de destino, mesmo em períodos de crise. O reagrupamento familiar tem a ver com uma certa sedentarização das comunidades estrangeiras", acrescenta o diretor do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE. Além disso, diz, o salário médio praticado em Portugal continua a ser mais vantajoso, sobretudo para os menos qualificados, do que no Brasil, nos PALOP ou em alguns países da Europa de Leste.

Ainda assim, milhares de imigrantes têm vindo a deixar o país nos últimos anos. De acordo com o SEF, no ano passado, 414.610 estrangeiros estavam a residir em Portugal, menos 37 mil do que em 2009. "Não significa que toda esta população tenha abandonado o território nacional. Não pode ser negligenciado o acesso à nacionalidade portuguesa por estrangeiros residentes em Portugal. Só no ano passado, foram pedidos 30.247 pareceres para acesso à nacionalidade", ressaltou o diretor nacional do SEF, Manuel Jarmela Palos.

## Sem planos para partir

A espanhola Esther Paredes, 31 anos, e a romena Mara Popescu, 25, chegaram a Portugal já este ano. Não ficaram dececionadas e não pouparam elogios ao país. Muito menos planeiam partir. Já se habituaram a ouvir os portugueses perguntar, com estranheza, porque vieram para cá e não para países ricos como a Alemanha ou a Noruega.

Da janela da casa dos pais, na vila do Rosal, na Galiza, junto à fronteira, Esther cresceu a ver Portugal. "Culturalmente, sinto que tenho mais a ver com os portugueses do que com um espanhol das Cándrias ou da Andaluzia", diz a jovem, que em janeiro pediu à empresa ibérica de marketing e relações públicas onde trabalhava, em Santiago de Compostela, transferência para o escritório de Lisboa. Além de se ter apaixonado pela cidade que conheceu em 2004, quando fez Erasmus, tinha uma motivação extra: o namorado português, com quem hoje vive, no Príncipe Real. "Fui muito bem acolhida, pessoal e profissionalmente. Quero ficar. Portugal tem potencial para sair da crise".

Mara Popescu não se mostra menos entusiasmada. Em Bucareste, vivia confortavelmente com o apoio dos pais e tinha um emprego. Mas queria vir para Lisboa a todo o custo, depois de ter passado férias na capital portuguesa em 2012. Não se importou de viajar sozinha para vir ganhar pouco mais do que o salário mínimo numa agência de viagens online, no Cais do Sodré, onde trabalha desde abril.

"Não tenho medo da crise. Pelo menos até acabar o meu contrato, em abril de 2014". Só depois disso pensará melhor o que pretende fazer da vida. Já recebeu um convite para ir trabalhar noutro país da Europa, a ganhar mais dinheiro, mas recusou. Por nenhuma razão em especial. Apenas porque se afeiçoou "aos portugueses, ao calor, a Lisboa e às praias".

Joana@expresso.impressao.pt



## EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO ESTRANGEIRA EM PORTUGAL

Em milhares

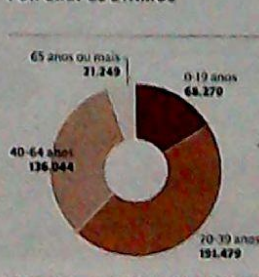


## IMIGRANTES EM PORTUGAL POR NACIONALIDADE

Em percentagem, 2012



## NÚMERO DE IMIGRANTES POR GRUPOS ETÁRIOS







**NOVOS IMIGRANTES** **1** Esther Paredes, 31 anos, veio da Galiza e trabalha numa consultoria de comunicação e marketing na Avenida da Liberdade, em Lisboa. Apaixona-se pela cidade, "a única capital europeia com praias incríveis a 20 minutos de distância", e não pensa regressar à Espanha. **2** A advogada Patrícia Peret, 34 anos, trocou o Rio de Janeiro por Lisboa, no início do ano passado, para se juntar ao namorado. Garante que, apesar do crescimento económico do Brasil, se vive melhor em Portugal, com mais qualidade de vida e segurança. **3** Quase sem dinheiro para viver na Guiné-Bissau, Mamadu Jaquetet, 31 anos, veio para Portugal para trabalhar como pedreiro. Mesmo tendo ficado desempregado há quatro meses, não pretende sair do país e alimenta a esperança de conseguir trazer a mulher e o filho de seis anos. **4** A romena Mara Popescu, 25 anos, chegou em abril e trabalha numa agência de viagens. Até ganhava bem em Bucareste, mas quis vir à aventura, sozinha, para Lisboa — que tinha conhecido numa férias no ano passado. Afeiçãoou-se aos portugueses e não pensa ir embora. Até já recusou uma proposta de trabalho para outro país da Europa.



## TRÊS PERGUNTAS A

### Rosário Farmhouse

Alta Furtado para a Farmhouse  
e o (Máximo) Espaço Rural  
em Portugal

**1** Segundo o último relatório do SEF, cerca de 40 mil estrangeiros obtiveram primeiros títulos de residência em Portugal em 2012. Num cenário de crise, o que pode atrair estes imigrantes?  
**2** Apesar de a crise ter impacto nas entradas — tendo-se verificado uma diminuição face ao número de primeiros títulos de residência emitidos no ano anterior (45.369) —, não afeta de igual modo a decisão de emigrar de todos os estrangeiros. Há mais razões para os fluxos migratórios, além das económicas. Há imigrantes que chegam ao nosso país através de redes sociais ou por via do reagrupamento familiar. A crise não desmobiliza a vontade de ter a família por perto. Por outro lado, há imigrantes que vêm para Portugal estudar. Além disso, a imigração contemporânea comtemporânea ainda o fluxo de seniores: Portugal é cada vez mais um destino para imigrantes, de inúmeros países da UE, já em situação de reforma. Finalmente, e tendo Portugal obtido nos últimos anos inúmeros reconhecimentos internacionais pelas boas (e não as melhores) políticas de integração, quero acreditar que muitos imigrantes também escolhem Portugal por isso. A paz social e a opinião pública mais favorável à imigração criam melhor contexto de acolhimento do que outros destinos.

**3** Quais as atividades mais procuradas pelos imigrantes que chegaram a Portugal nos últimos dois ou três anos?

**4** A crise teve maior impacto em sectores onde tradicionalmente inúmeros imigrantes se inserem, como a construção civil, o que fez com que nos últimos dois a três anos tenha havido um reforço da inserção de estrangeiros em atividades mais ligadas aos serviços. Persaite, no entanto, a tendência de os imigrantes responderem às necessidades do mercado de trabalho português e/ou de se inserirem nas profissões e atividades mais preteridas pelos portugueses, nomeadamente atividades mais exigentes, por turnos, de maior risco e mais mal pagas. Por outro lado, é fundamental reconhecer também o contributo da imigração para a criação de emprego em Portugal. Dados recentes dos Censos ajudam-nos a ilustrar esta realidade: de 2001 para 2011 verificou-se um aumento de 15% na taxa de empregadores estrangeiros, ao mesmo tempo que houve uma diminuição de 7% da mesma taxa para os nacionais. Torna-se, pois, evidente que os estrangeiros, apesar da crise, continuam a gerar postos de trabalho e a dinamizar a economia portuguesa.

**5** Os brasileiros continuam a ser a comunidade que mais procura Portugal para residir e trabalhar. O que tem Portugal que não tenha o Brasil, país que está atualmente em crescimento económico?

**6** É importante atender que, muito embora o Brasil seja a comunidade numericamente mais expressiva em Portugal (com 105.622 residentes, o que corresponde a 25,3% da população estrangeira em Portugal) e com maior número de entradas (11.715 em 2012, o equivalente a 30,4% do total), também sofreu uma diminuição face ao ano anterior. A diminuição foi superior ao verificado para o total de estrangeiros — os brasileiros diminuíram 5,2% de 2011 para 2012, enquanto o total de estrangeiros caiu 4,5%. Alguns fatores específicos da realidade portuguesa continuam a motivar a vinda e a permanência de brasileiros. A proximidade linguística e cultural, que facilita a integração em contexto migratório, e a paz social verificada em Portugal (por comparação às taxas de criminalidade mais elevadas no Brasil) continuam a cativar. Note-se também que, apesar de o país estar presentemente numa situação económica global melhor do que a portuguesa, os episódios das últimas semanas no Brasil mostram que ainda há enormes assimetrias na sociedade brasileira. É por isso normal que muitos brasileiros continuem a sonhar com a vinda para outros contextos e Portugal continua a ser um destino mais fácil de entrar.



**VISTAS** ANDRÉ  
PATROCÍNIO, DESIG-  
NER QUE TROCOU O  
LEBLON PELO VIDI-  
CAL, NA VARANDA DO  
APARTAMENTO QUE  
DIVIDE COM UM  
AMIGO ALEMÃO







**O VIDIGAL É UMA  
FAVELA PRIVILEGIADA  
NA GEOGRAFIA  
DO RIO DE JANEIRO,  
ESTÁ AO LADO DOS  
BAIRROS MAIS RICOS  
E SEGUROS DA ZONA  
SUL, DENTRO DA  
MATA ATLÂNTICA**

F

Falta uma semana para o início do verão e o horizonte está baixo de nuvens, o Redentor desapareceu no nevoeiro. Chove muito e não é o melhor dia para mudanças, mas a melancolia meteorológica de domingo não contamina o entusiasmo de Aníbal e Maria, que acabaram de chegar ao Brasil e, após um par de noites em casa de amigos, transportam malas favela acima, no táxi que apanharam no bairro da Gávea, a fim de conhecerem a casa que alugaram, à distância, no topo do Vidigal.

Na simples tarefa de encontrar um transporte para o morro, deram-se conta do fosso que ainda separa os bairros e os habitantes do Rio de Janeiro, um afastamento que nem sempre é geográfico, mas que se nota todos os dias em gestos tão corriqueiros como apanhar um táxi. Quando Aníbal informou que o destino era o Vidigal, o primeiro taxista recusou. O mesmo aconteceu com o segundo, diante do Shopping da Gávea — bairro que ocupa a primeira posição no Índice de Desenvolvimento Humano do Rio de Janeiro; o Vidigal aparece em 38º lugar; os bairros estão a dois quilômetros de distância, a menos de cinco euros de táxi.

Na terceira tentativa, um taxista disse que subiria o morro e, questionado porque aceitara a corrida, respondeu: "Porque sou de lá."

A entrada do Vidigal, junto ao mar, é um alegre caos de mototáxis, botecos, barracas de comida, pessoas que sobem e descem a ladeira para ir trabalhar como porteiros em Ipanema, empregadas domésticas no Leblon, ascensoristas no Centro. O táxi escala a rua principal, quase a pique, e avança através de camionetas e pedões que, sem passelos, caminham descontroladamente na estrada. Ao deter-se numa curva, o taxista cumprimenta os rapazes na porta de um boteco. Depois arranca e informa: "Esses aí são bicho solto." Ou seja, soldados do tráfico de drogas.





**CONVÍVIO** DUARTE MACEDO E JOÃO RUAS, COM AS LUZES DO MORRO DO VIDIGAL AO FUNDO. BERNARDO FONTOURA (CAMISA AOS QUADRADOS) E OS AMIGOS PORTUGUESES DO MORRO

que ficaram sem trabalho após a pacificação da favela, em novembro de 2011. Desde então, o tráfico armado desapareceu das ruas e a polícia chegou para ficar, cumprindo o programa das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), inaugurado em 2008, e que está presente em 30 das cerca de 500 favelas do Rio de Janeiro (ver caixa).

No Vidigal pós UPP, Aníbal e Maria não irão encontrar adolescentes com metralhadoras guardando as bocas de fumo (postos de venda de droga) ou a estranha justiça das tabelas públicas, ordenadas pelo traficante chefe, aos maridos adeptos da violência doméstica. O maior sucesso das UPP foi tirar as

favelas do jugo dos traficantes que ocuparam o lugar do Estado durante décadas e que, temidos ou amados, controlavam aqueles territórios — o traficante que mandava dar um tiro na mão de quem roubasse dentro da comunidade era o mesmo que pagava as despesas médicas de uma criança doente.

Aníbal e Maria viviam num bairro nobre de Lisboa. Nunca entraram numa favela antes. A primeira vez que sobem o morro é para ir lá viver.

O táxi chega ao topo. Logo ali ao lado, no cume que antes era o reduto inexpugnável de traficantes, está a sede da UPP. Minutos mais tarde, de olhos postos na vis-

ta que os deixa pasmados, Aníbal, o designer com 36 anos que prefere o risco à resignação, olha para o formidável horizonte de mar, praia e morro, e diz, sorrindo: “Se me dissessem há um ano que ia estar a viver aqui não acreditava”.

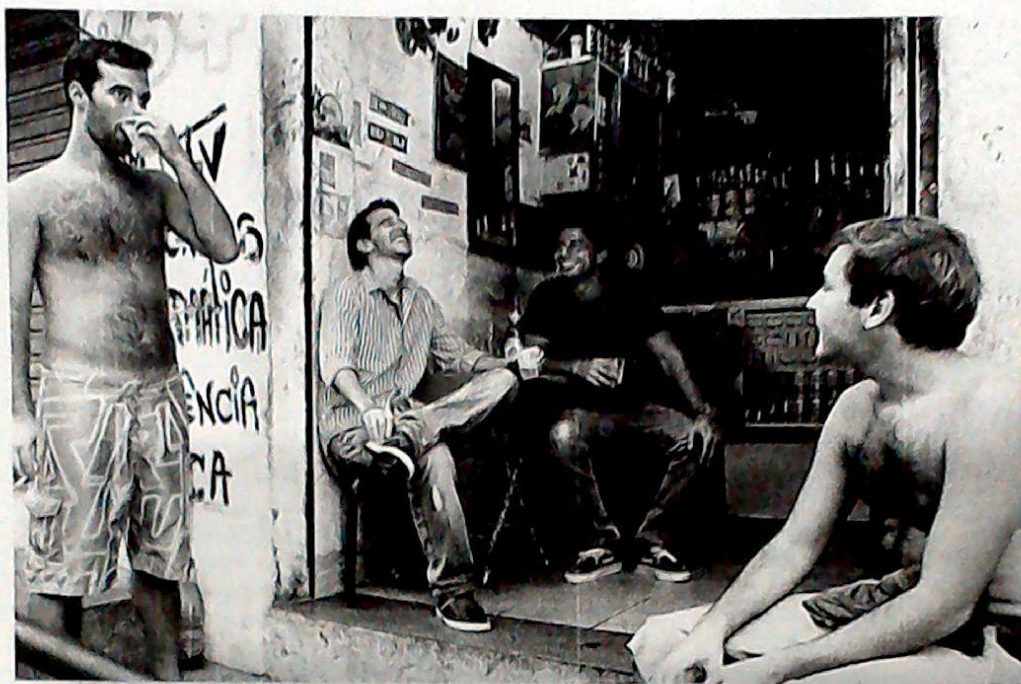
Milhares de portugueses chegaram recentemente ao Brasil tentando desvencilhar-se da crise do bolso e da alma. Não é apenas uma fuga, é um recomeço, a aprendizagem de viver noutra pais a milhares de quilômetros de casa. Estes emigrantes — não há números oficiais, mas podem chegar aos cem mil desde 2011, se considerarmos os ilegais — contrariam o clichê, ainda persistente no Brasil, da





Maria e do Manuel sem a quarta classe antiga, ambos de bigode e fugidos da miséria. Agora, os portugueses gostam de apresentar-se como cidadãos europeus, com graus académicos e experiência no mercado de trabalho. E mesmo que esta seja, como muito se repete, a geração mais preparada de sempre, tem de fazer pela vida numa das cidades mais caras do mundo, onde as rendas das casas, em certos bairros, aumentaram 150 por cento nos últimos dois anos e onde um emprego, logo na chegada, não é uma certeza.

Um mês mais tarde, no terraço e debaixo do sol de verão, após o seu primeiro Natal carioca, Aníbal



**O RIO É UMA DAS  
CIDADES MAIS CA-  
RAS DO MUNDO. AS  
RENDAS DAS CASAS  
AUMENTARAM  
150 POR CENTO  
EM DOIS ANOS**

sintetiza a capacidade de adaptação que levou vários portugueses para aquela favela: "Desenrascamo-nos sempre." E Maria explica que chegaram ali porque era mais barato. Uma casa no Vidigal custa cerca de 300 euros por mês, um T1 no Leblon, pelo menos 1100. Mas também por causa de amigos portugueses, que viviam no Vidigal.

#### DO LEBLON PARA A FAVELA

Um deles, André Patrocínio, chegou em 2003, e embora frequentasse o Vidigal e até tivesse passado uma consoada no morro, só há dois meses saiu do Leblon para a Rua 3: "Vivi em bairros da Zona Sul e podia continuar, mas a minha decisão não tem apenas a ver com dinheiro. Tem a ver com o estilo de vida que escolhi. Quero chegar do trabalho e dar um mergulho. Aqui sinto-me num bairro, cumprimento as pessoas quando saio, há crianças a jogar futebol na minha rua, as pessoas ajudam-se."

Não é apenas por prudência financeira que os portugueses vão parar ao Vidigal. Há cada vez mais estrangeiros na comunidade. Trata-se de uma favela privilegiada na geografia do Rio de Janeiro, está ao lado dos bairros mais ricos e seguros da Zona Sul, como Leblon, Ipanema ou Gávea, e encontra-se incrustada no morro Dois

Irmãos, dentro da Mata Atlântica, propiciando uma espantosa vista sobre as praias e os morros da cidade. Muitas ruas são charmosas, por vezes parece que estamos no campo: árvores, vegetação tropical, macacos, pássaros, uma placidez de aldeia. Outras ruas, porém, são estreitas e contaminadas pela humidade, com o esgoto a céu aberto, feitas de casas mínimas e improvisadas num declive.

No apartamento que divide com um amigo alemão, André Patrocínio, 36 anos, sublinha a mística do morro, como se a vista daquela varanda não fosse suficiente: "Este é o morro do cartão postal, aquele que fica exposto à Zona Sul, é o presépio de luzinhas que se vê de Ipanema, e faz parte da paisagem romântica da cidade." Há uns anos, pensou comprar uma casa no Vidigal, muito antes do morro começar a atrair estrangeiros, muito antes da chegada da UPP e da subida dos preços do imobiliário. Agora é mais difícil. "Uma casa que há cinco anos custava 10 mil reais [3,7 mil euros], agora custa 50 mil [18,6 mil euros]." Mesmo assim, no Vidigal, André paga um quarto da renda que pagaria no Leblon.

Tatiana Coelho, como os outros portugueses, tem o mar na janela. Leva um ano de "licença sabática" — assim classifica o período



# Ordem para pacificar

que passou desde que saiu do Porto. Enquanto relações públicas da Casa da Música, acompanhou artistas, DJ e orquestras, somando mais de dois mil concertos. Mas alguma coisa se esgotara. "Durante cinco anos e meio o mundo viajou até mim, e eu queria viajar até ao mundo." Na altura, com 34 anos, decidiu sair de Portugal. Ganhará um visto no sorteio que os Estados Unidos organizam para candidatos a emigrantes. Ponderou a boa sorte, mas escolheu o Brasil, onde a mãe nasceu. Tatiana tem sotaque do Porto e passaporte brasileiro, privilégio que permite a sua permanência sem a ansiedade de conseguir o visto desejado por tantos portugueses. Do Porto foi direto para João Pessoa, a ilha paradisíaca onde conheceu uma rapariga na praia. "Não tinha decidido onde ia viver, mas ela falou-me de um amigo, que queria dividir casa no Vidigal." Há um ano e três meses no Rio, diz que tem no morro a sua família. "As pessoas aqui são generosas, preocupam-se contigo, estão lá se precisas de alguma coisa."

Tatiana move-se pelo Vidigal cumprimentando vizinhos, sendo abraçada por senhoras que podiam ser as suas avós africanas, dizendo-se grata por estar ali. "Por mais ideias formadas que tenhamos sobre as favelas, o nosso imaginário fica aquém daquilo que elas realmente são." Nunca teve medo. No entanto, no dia da ocupação policial, sozinha em casa, quando os helicópteros pareciam arrancar o telhado, sentiu-se num cenário de guerra. "Mas não foi disparado um tiro sequer", explica, para depois fazer o balanço de um ano de pacificação. "Está tudo mais organizado. Os mototáxis [antes controlados pelo tráfico] estão legalizados e os passageiros têm de usar capacete." Por causa das UPP também diminuíram os homicídios em várias favelas. A lista de mudanças é longa e passa

Antes da chegada das Unidades de Polícia Pacificadora em 2008, apenas uma favela do Rio de Janeiro não era controlada por traficantes, o Rio das Pedras. Durante anos, os polícias só subiam os morros para combater os bandidos. Depois iam embora. O modelo atual é considerado de sucesso e já foi adaptado noutros lugares do Brasil, mas no Rio de Janeiro sofre várias críticas: a maioria das favelas pacificadas fica na Zona Sul, que recebe os turistas e todos aqueles que vierem para os grandes eventos internacionais que a cidade organizará nos próximos anos; a polícia continua mal preparada; faltam mudanças a nível social e de infraestruturas; os traficantes que não foram capturados continuam a agir noutras zonas da cidade. Para algumas destas falhas, o estado do Rio desenvolveu as UPP sociais, já presentes nalgumas favelas, e que pretendem ir mais além da presença da polícia.

pela normalização daquelas zonas da cidade, ou seja, recolha de lixo, luz elétrica da companhia, escrituras para as casas.

No último ano, Tatiana foi-se ocupando com trabalhos temporários. Colaborou na cimeira Rio +20, tomou conta de crianças no Hotel Sheraton, praticou capoeira e descobriu que o passado da sua família também passou por ali. "A minha mãe é uma pessoa de cabeça aberta, mas demorei algumas semanas até contar-lhe onde vivia. Tive uma surpresa. Ela disse-me que, entre os anos 50 e 70, o meu avô foi dono de um hotel na entrada do Vidigal."

Tatiana passa pelo hotel, que fica a poucos metros de sua casa e que agora é um motel para encontros rápidos. Desce para a praia de Ipanema onde, há dias, teve a primeira sensação de insegurança desde que chegou. Um grupo de crianças aproximou-se e começou a olhar para os seus tênis. "Estavam a estudar-me. Meti conversa e apontei para o Vidigal, disse-lhes que vivia ali, na favela. Eles ficaram um pouco confusos, não encaixava. Foram-se embora sem roubar nada."

## COMO INDÍGENAS

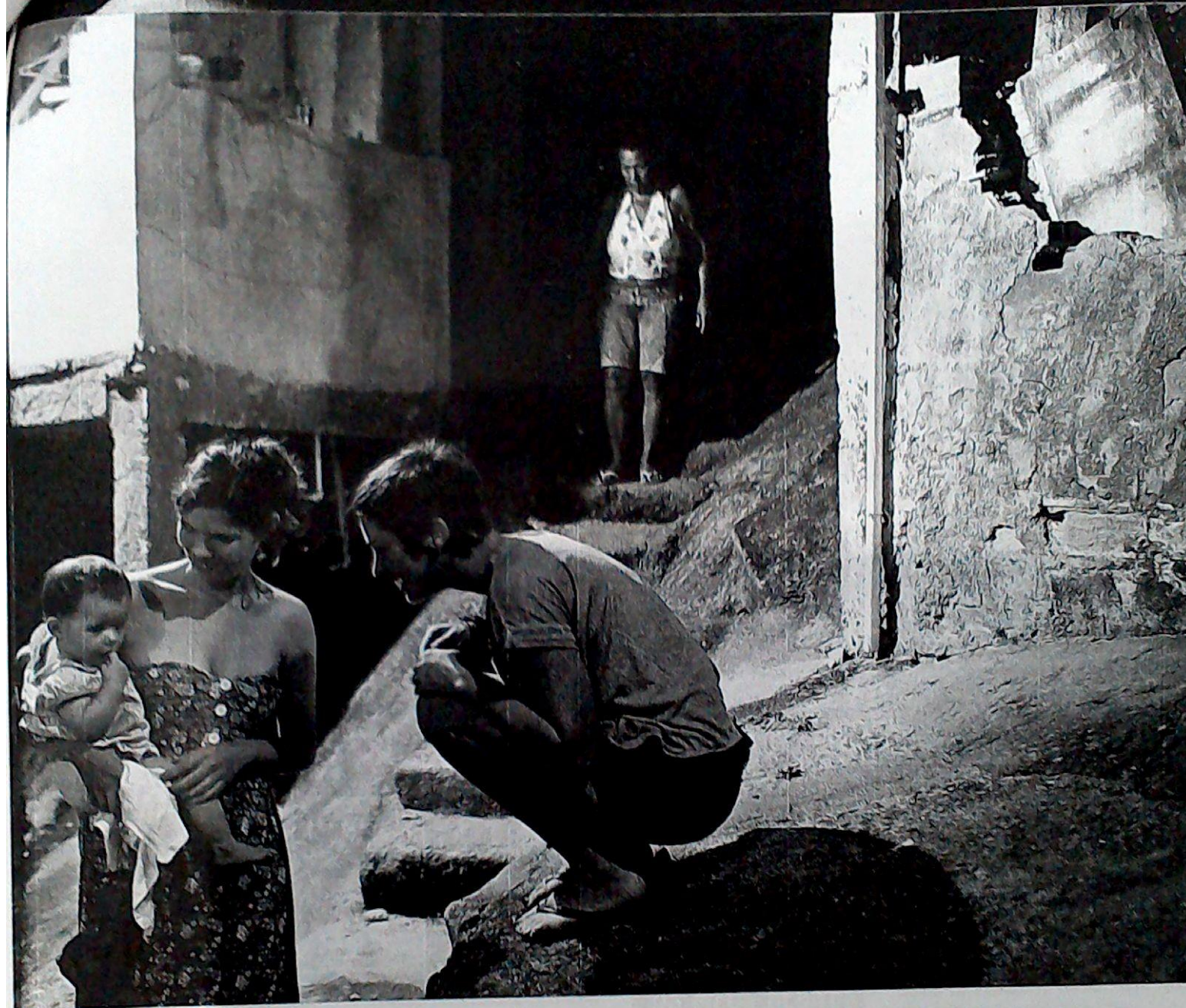
Duarte Macedo e Bernardo Fontoura, ambos com 25 anos, já tinham partilhado a experiência de fazer Erasmus em Budapeste. Reencontraram-se no Brasil. Duarte estudou um semestre no Rio, em 2009, e decidiu ficar. Trabalha agora no mercado financeiro. Bernardo chegou três anos mais tarde e foi juntar-se ao amigo, no Vidigal, dando seguimento à sua carreira de organizador de eventos que começou em Portugal aos 16 anos. "Aqui havia mais mercado, mais oportunidades." Duarte já tem visto de trabalho. Bernardo não precisou, nasceu no Brasil, onde os pais, portugueses, viveram na década de 70 e 80.

No Vidigal, Duarte e Bernardo partilharam casa com outros portu-

gueses até há pouco tempo. Um deles, João Ruas, provavelmente o português com mais experiência de Vidigal, decidiu viver ali logo na primeira vez que visitou o morro. "Fui a um baile funk e gostei tanto que no dia seguinte comecei a procurar casa." João tinha andado por Madrid, Londres, Salvador e nessa altura estava na Barra, no Rio, a trabalhar num quiosque de praia. Quería entrar para a faculdade e estudar nutrição. Viver no Vidigal era uma forma de poupar dinheiro para pagar o curso. "O primeiro mês foi duro. Não tinha cama e cozinhava na casa de um amigo. Levantava-me às cinco da manhã para trabalhar. Fazia figuração nas novelas







da Globo e tinha aulas ao final da tarde. Chegava a casa à meia-noite. Nunca teve problemas de integração, mas um dia, quando tentou cobrar os cinco reais (1,9 euros) que alguém lhe devia, ouviu da boca de um local que as partes envolvidas deveriam resolver o assunto entre si, e a bem, ou teriam de recorrer à justiça dos traficantes.

João não vê o morro como uma morada temporária, ao contrário dos amigos portugueses. Duarte reconhece que, embora tenha gostado da experiência, viveu ali para poupar dinheiro. E Bernardo precisava de tempo para encontrar um apartamento — tarefa cansativa, difícil e demorada no Rio. Mas

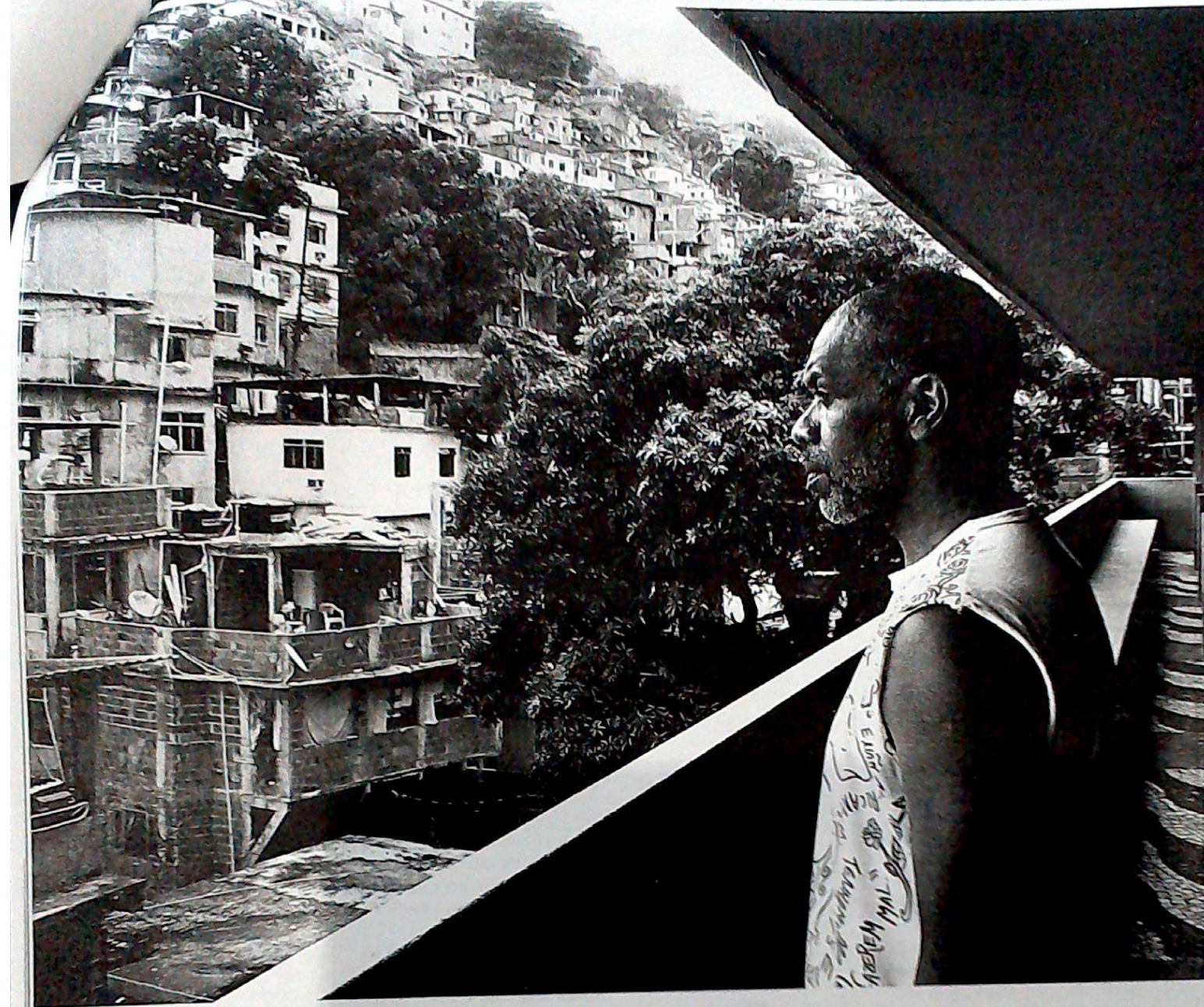
**NUNCA TEVE MEDO.  
MAS NO DIA  
DA OCUPAÇÃO  
POLICIAL, SOZINHA  
EM CASA, SENTIU-  
-SE NUM CENÁRIO  
DE GUERRA**

todos se movem pelas ruas do Vidigal com uma fluidez de indígena. De regresso para visitar amigos, Bernardo fala com uma antiga vizinha, chama-lhe "Vó" e vai dar-lhe um beijo, para depois sugerir ao amigo Duarte: "Vamos varrer um açai?" No morro, um açai custa 3,5 reais (1,3 euros). Em Ipanema, onde agora Bernardo e Duarte partilham casa, vale seis (2,2 euros).

Duarte cumprimenta o dono de um bar, seu homónimo, com um carloquíssimo "E aí xará?", e recorda o vizinho do lado, que punha funk a tocar de manhã cedo, no volume máximo, e ia trabalhar deixando uma única canção a tocar o dia inteiro. Privacidade não é uma

**INTEGRAÇÃO**  
TATIANA COELHO  
NA RUA DE SUA CASA,  
COM VIZINHOS. SAIU  
DO PORTO, ONDE  
TRABALHAVA NA  
CASA DA MÚSICA,  
PARA O VIDIGAL





**O PROFESSOR O**  
BRASILEIRO MÁRCIO  
JANUÁRIO, NO  
PRÉDIO ONDE VIVE,  
COM VISTA PARA  
AS CASAS DE TIJOLO,  
DE UM LADO, E PARA  
O MAR, DO OUTRO

característica do morro. As portas estão muitas vezes abertas, ouve-se sempre um rádio ou uma televisão, sabe-se, com facilidade, a vida dos vizinhos. Outro dos grandes problemas é a mobilidade: subir e descer. Há mototáxis e kombis (carlinhas), mas viver em plano inclinado amacha o corpo. Duarte diz: "Se chegasse cansado do trabalho já não voltava a descer."

No terraço do antigo apartamento de Duarte e Bernardo, juntam-se outros portugueses recém-chegados ao Vidigal. Bebem cerveja e falam de vistos — tema recorrente entre emigrantes. João Ruas, o decano, diz: "Não há semana que não receba emails de portugueses à procura

de apartamentos baratos."

Márcio Januário nasceu numa favela de Petrópolis, numa casa com telhado de zinco. Tem maestria com as palavras, mas também dureza e graça. Foi direto ao tema da cidade dividida: não é fácil ser "preto, pobre e viado [gay]". Márcio, um autodidata que não terminou o liceu, tem 47 anos e 20 de Vidigal. Embora já tenha vivido em bairros cariocas da Zona Sul e viajado pelo mundo, regressa sempre ali. Publicou, recentemente, um conto intitulado "Final Feliz", no qual relata a vida de várias personagens após a pacificação. "A patroa passava o dia todo elogiando as UPP, dizia que agora os morros

**"OS MEUS ALUNOS  
NÃO SABEM ANDAR  
NA ZONA SUL,  
TÊM RECEIO DE IR  
AO SHOPPING,  
NÃO CONHECEM  
OS SEUS DIREITOS",  
DIZ MÁRCIO**



## Números & factos

**6.323.030**

POPULAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

**1.393.314**

POPULAÇÃO EM FAVELAS CARIOCAS

**30**

FAVELAS COM UNIDADES DE POLÍCIA PACIFICADORA (UPP)

**402.664**

POPULAÇÃO ABRANGIDA POR UPP

**12.797**

POPULAÇÃO DO VIDIGAL

**71.085**

UPP MAIS POPULOSA: ROCINHA

**47,9**

POR 100 MIL HABITANTES HOMICÍDIOS ZONA NORTE

**2,4**

POR 100 MIL HABITANTES HOMICÍDIOS ZONA SUL

**644**

REAIS

(237 EUROS) RENDA MÉDIA NAS UPP DA ZONA SUL

**422**

REAIS

(155 EUROS) RENDA MÉDIA NAS UPP DA ZONA NORTE

**3000**

REAIS

(1100 EUROS) RENDA MÉDIA DE UM TI NO LEBLON

**510.000**

ESTRANGEIROS LEGAIS NO BRASIL (ANO 2000)

**1.500.000**

ESTRANGEIROS LEGAIS NO BRASIL (ANO 2012)

senzala." Márcio explica que a divisão da cidade é racista — a grande maioria dos habitantes do morro é negra —, mas também de cariz económico e classista. Os anos de tráfico, violência e exclusão só partiram ainda mais o Rio de Janeiro.

Na sua varanda, André Patrocínio corrobora um alerta feito por Márcio: faltam creches, postos de saúde, saneamento. Mas reconhece que a UPP teve o apoio maioritário da população, e que isso representou a libertação da tirania dos traficantes. Sobre a vaga de estrangeiros que escolhe o Vidigal para viver, diz: "O problema são aqueles que chegam aqui e compram 15 casas de uma vez. Aumentam a especulação, obrigam as pessoas a mudar-se." Duarte Macedo conta que, incapazes de pagar os novos preços, alguns habitantes do Vidigal escolhem a periferia.

### OS MUROS ESTÃO A CAIR

Com um mês e meio de morro, Aníbal e Maria percebem agora melhor a separação da cidade. Basta descer ao Leblon. "Ir a um sítio tão perto nunca me pareceu tão distante." Aníbal fala da qualidade de vida e do choque que sentiu diante das diferenças sociais. "Parece que não há meio termo." O carioca do asfalto não costuma entrar na favela. Já o carloca da favela costuma trabalhar no asfalto. E são muitas vezes os estrangeiros, como André Patrocínio, que levam os cariocas do asfalto a frequentar o morro pela primeira vez na vida. "Temos de compreender essa desconfiança, foram muitos anos de violência, as pessoas tinham medo de ser assassinadas ou raptadas, e a insegurança sempre esteve associada às favelas." Para outros, o estigma da violência é para ser enterrado: já existe o projeto de um hotel de cinco estrelas para o Vidigal. O arquiteto, Helleno Pellegrino, é brasileiro e tem ateliê na Gávea; o dinheiro é de um investidor alemão.

Aníbal e Maria tinham passa-

do seis meses na Ásia antes de se mudarem para o Rio. Já viveram em vários países, mas nunca, como agora, a mudança foi tão poderosa. Quando questionados sobre a razão que os levou para o Brasil, Aníbal responde, brincando: "Por causa dela." E ainda que, mais sérios, apontem outros motivos — mudar de vida, falta de trabalho em Lisboa —, qualquer romântico preferiria concentrar-se nas palavras de Aníbal, porque uma mudança tão extrema e destemida não pode ser apenas resultado de uma crise económica.

O casal desce o morro pelas escadas de cimento e fica a conversar com as crianças que lançam papagaios. Quem os vê percebe que são "uma família" — palavras de Aníbal — descendo a escadaria entalados entre uma paisagem de revista de viagens e casas de tijolo encavalitadas em casas de tijolo, paredes que parecem suar com o calor implacável, galinhas passeando na rua. Maria conta que, nas últimas semanas, uma galinha viveu em sua casa e que teve pintalinhos. "Chamamos-lhe Katia". E de manhã o casal dá comida aos macacos que saem da mata. Aníbal diz que, por ser gringo, já lhe quiseram cobrar cinco reais (1,9 euros) de moto-táxi — uma viagem custa 2,5 reais (1 euro). E até para comunicar é preciso gíngua de língua e adocicar o sotaque. Tudo é novo, diferente, possível. E sem temor ou salamaleques, há portugueses a viver no morro. Basta olhar para Aníbal e Maria para saber que mais do que uma fuga, este é o segundo ato, uma reviravolta na vida programada, o tal recomeço após a desilusão. Aníbal diz: "Ninguém disse que ia ser fácil." E verão, fim de tarde, a praia ao fundo e toda a vida por diante. Aníbal, conhecedor da avassaladora novidade em seu redor, diz: "Mas está-se bem, está-se muito bem." ●

revista@expresso.impressa.pt

Nota: Aníbal e Maria são nomes fictícios de pessoas que preferiram manter-se anónimas.

iam ficar civilizados e o tráfico ia acabar de vez. Só não percebia (...) que os filhos vendiam todos os tipos de droga para os meninos da Zona Sul. Uma coisa é certa, tráfico de gente rica não é crime."

Ballarino, encenador, dramaturgo, escritor, Márcio, que ensina na comunidade, de graça, e dá aulas (pagas) a senhoras ricas, conhece bem a divisão entre o morro e o asfalto, aquilo que o escritor Zuenir Ventura chamou de "Cidade partida". "Muitos dos meus alunos não sabem andar na Zona Sul, têm receio de ir ao shopping, têm dificuldade em comunicar e pouco vocabulário. Não conhecem os seus direitos. Negro ou está na cozinha ou na



**Negócios** O Brasil tem mais do que boas praias e samba para atrair os portugueses. Cada vez mais empresas tentam a sorte num país em franco crescimento. Foi o que fizeram no Rio de Janeiro as pessoas que levaram os doces convencionais para a favela e o Benfica para Ipanema

# Rio de oportunidades

## O Brasil é um caminho para negócios

Texto MARIA MARTINS

### MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA PARA EMPRESÁRIOS PORTUGUESES

#### Língua



Brasileiros e portugueses falam a mesma língua, mas os primeiros não estão habituados a ouvir o português de Portugal todos os dias. O objetivo básico da comunicação é o entendimento e é aconselhável abrandar o discurso, mesmo que a pronúncia não seja a melhor. Falar devagar é outro requisito importante para ter a certeza de que tudo é percebido.

#### Negócios à mesa



Como em Portugal, são frequentes os almoços de negócios a que se juntam também pequenos almoços de trabalho. É importante escolher um restaurante ou outro local com nome e qualidade reconhecidos, de preferência perto do escritório do empresário brasileiro que se quer conquistar. O ambiente é informal, mas o mundo dos negócios brasileiro é conservador. Fato e gravata são acessórios essenciais.

#### Reuniões



Os brasileiros são abertos e afáveis e as relações pessoais são uma componente importante para estabelecer a confiança entre potenciais parceiros. Além disso, muitas empresas são familiares. É usual as reuniões ou os encontros de trabalho ultrapassarem os temas profissionais, prolongando-se para lá do tempo previsto. Marcar duas reuniões para a mesma manhã ou tarde, por exemplo, requer deixar tempo suficiente de manobra entre as duas para chegar a tempo a segunda. O trânsito é outro contratempo a considerar.

#### Burocracia



A "papelada" é um dos maiores pesadelos do Brasil, afetando todas as áreas de atividade. De acordo com dados do Banco Mundial, abrir uma empresa demora, em média, 119 dias. É preciso tempo e dinheiro. É muita paciência. Para um estrangeiro, o processo é ainda mais difícil e moroso. Contratar especialistas locais recomenda-se — advogados, contabilistas, despachantes — e há escritórios especializados. No ano passado, o jornal "Folha de São Paulo" referia que para um estrangeiro o preço deste tipo de serviços prestados pode oscilar entre os 8 mil e os 15 mil reais (entre 2800 e 5400 euros).

#### Visto de investidor



Portugal tem agora o "Visto Dourado", o Brasil tem o "Visto de Investidor Pessoa Física", o qual atribui residência permanente a quem investir recursos próprios e de origem externa equivalentes a um mínimo de 150 mil reais (cerca de 54 mil euros) numa empresa brasileira nova ou já existente.

#### Ajuda à exportação



Um primeiro passo será consultar a AICEP. As Lojas do Exportador encontram-se por todo o país e está disponível online uma série de recursos de apoio como o Guia do Exportador, o Guia Prático de Apoios Financeiros à Internacionalização e documentos específicos sobre o mercado brasileiro, por exemplo MÓNICA BELLO





## Benfica brinca na areia

O título poderia ser: 'A Casa do Benfica nas areias de Ipanema' porque foi o que os dois amigos portugueses pretendiam ao entrar no negócio da barraca

Os dois portugueses que, há ano e meio, fundaram a barraca do Benfica, em Ipanema, ainda não tinham nascido quando, em 1972, o clube jogou no Maracanã. Estavam lá Toni, Jordão, Nenê e Simões. O Flamengo tinha Fio Maravilha, conhecido pela dentadura descomunal e pelas caneladas. Aos 33 minutos, marcou o único gol do jogo. Nas bancadas, o músico Jorge Ben Jor, flamenguista apaixonado, pensou em fazer uma canção: "Foi um gol de anjo, um verdadeiro gol de placa! E a magnética, agridocida, se encantava." O tema imortalizou Fio Maravilha. E o Benfica entrou na história da música popular brasileira.

Tantos anos depois, muito mudou: veem-se turistas com camisolas do FC Porto passeando em favelas pacificadas e o Maracanã recém-inaugurado pouco tem do estádio antigo — custou o dobro (400 milhões de euros) do orçamento e é agora símbolo do desperício, uma joia pregada no ego do Rio. Já o Benfica perdeu no quotidiano da cidade: Por causa dos portugueses Diogo Anjos e João Ruas há bandeiras do clube em Ipanema.

"Estava um dia perfeito de verão", conta Diogo. "Mas faltava alguma coisa. Perguntei ao Johnny, o que é que falta aqui para a praia ficar ainda mais gloriosa? A bandeira do Benfica." Falaram com Chico, dono da barraca 67, da qual eram clientes. "Dissemos que havia cada vez mais portugueses no Rio, consequentemente, mais benfiquistas", explica Diogo. O Chico respondeu:

"Quando é que trazem a bandeira?"

Nos 50 km de areia há 2500 barracas, que vendem bebidas, alugam cadeiras e chapéus de sol. E há vendedores de mate, gelados, jornais e revistas, biquínis, comida árabe, queijo coalho, cerca de 200 mil pessoas que trabalham, direta ou indiretamente, na praia, criando uma economia que movimenta 360 milhões de euros ao ano.

Diogo e João não são sócios de Chico, mas compraram as bandeiras, as novas lonas da barraca, trouxeram clientes e contribuíram para o menu. "As Sporting (garrafa de água) e as J.J. (caipirinha dentro do coco) são as bebidas com mais saída", informa Diogo.

João é responsável pelos novos investimentos na empresa de construção Viana Ruas, fundada há 50 anos em Portugal, e presente há 30 no Rio. "Eu e o Diogo trabalhamos com fundos e investidores privados, por norma, na área do imobiliário." Por sua vez, Diogo também dirige as padarias da família, e ainda que um português podeira seja aqui um lugar comum, nenhum deles encaixa na imagem datada, e agora em mudança, que os brasileiros têm dos portugueses. Com pouco mais de 30 anos e MBA no currículo, Diogo e João estão entre os estrangeiros que procuram as oportunidades que surgem com as mudanças na cidade. Próximo passo: um projeto imobiliário em Vidigal, favela pacificada, à beira-mar, que atrai artistas e estrangeiros, e que em breve terá um hotel de cinco estrelas.

Quanto à barraca benfiquista, há novidades: "Fizemos um *crowd funding* para comprarmos um gerador, antena parabólica, TV e uma tenda para vermos os jogos na praia", revela Diogo. "Já temos o gerador."

HUGO GONÇALVES no Rio de Janeiro



No cardápio da barraca do Benfica há uma bebida chamada Sporting: é uma garrafa de água que tem esse nome porque "não faz mal a ninguém"

## Doces portugueses no Complexo do Alemão

A partir da conhecida favela do Rio de Janeiro, a Arte Conventual fabrica por dia seis mil pães e bolos e dá a conhecer os sabores da doçaria portuguesa

Do Pão de Açúcar à praia de Copacabana, a deslumbrante paisagem natural da 'cidade maravilhosa' atrai inúmeras pessoas à procura de oportunidades de vida. Uma lógica onde o Complexo do Alemão não deve figurar muitas vezes, uma vez que se trata de um dos complexos de favelas mais conhecidos do Rio de Janeiro. Mas foi precisamente ali que um grupo de portugueses apostou para se expandir. A Arte Conventual é um negócio de produção e distribuição de doçaria tradicional impulsionada pelos portugueses Rodrigo Castello e Luís Santos e o chefe brasileiro de produção, Adailton Fonseca, parte de uma equipa de dez pessoas.

"Queremos resgatar o valor do tempo e da tradição do que de melhor se faz em Portugal", conta Rodrigo Castello. "A opção pelo Complexo do Alemão deve-se ao facto de o nosso chefe de produção residir na comunidade há alguns anos e a estrutura ser compatível com as nossas necessidades iniciais. A aposta foi imediata também por uma questão

de custos e controlo operacional. Estamos lá sediados é um fator que desperta natural curiosidade por parte do mercado, já que toda a mão de obra é recrutada na comunidade. Este projeto é também um apelo à valorização social."

Mas não se enganem. Os doces conventuais são as estrelas da companhia. Por isso, Adailton Fonseca esteve em Portugal a aprender receitas centenárias em alguns conventos que agora recria todos os dias. Entre os doces típicos que saem da fábrica incluem-se pastéis de nata, pastéis de Tentugal, pastéis de Santa Clara, mimos de Aveiro, queijinhos de figo do Algarve, toucinhos do céu e queijadinhos de Sintra. Mais de seis mil unidades de pães e bolos são fabricados diariamente.

A funcionar sem investimento exterior, a Arte Conventual não tem uma loja comercial e os principais clientes ainda são os hotéis da cidade. Em desenvolvimento encontra-se agora uma obra no centro do Rio de Janeiro onde Rodrigo explica que se fará a transição para uma estrutura superior para responder às crescentes expectativas do mercado. A base atual no Complexo do Alemão irá manter-se como um projeto de formação.

TIAGO OLIVEIRA

### TRÊS PERGUNTAS A

Francisco Ribeiro Telles

(embaixador de Portugal no Brasil)



□ Rio ou São Paulo: qual o melhor para internacionalizar?

□ É um país de dimensão continental, com realidades que variam de estado para estado e de ano para ano. Ao definirem as estratégias de internacionalização é importante que as empresas tenham em conta diferentes dinâmicas. A concentração de consumidores com elevado poder de compra, de grandes empresas e de infraestruturas modernas fizeram com que grandes metrópoles como São Paulo e o Rio fossem os polos de atração de empresas estrangeiras. Hoje, as oportunidades não se esgotam no Sudeste. A projeção do investimento público está a atrair cada vez mais privado. Grandes obras de infraestrutura, programas sociais como o Bolsa Família ou o Minha Casa Minha Vida contribuíram para redesenharem o mapa da riqueza, com Estados do norte e nordeste (região mais pobre do país) e do centro-oeste com taxas de crescimento do PIB bem acima da média nacional. Não há um destino perfeito, mas há, sem dúvida, muito mais escolha do que há 10 anos.

□ Quais as vantagens e desvantagens para os empresários portugueses e que atributos devem ter para entrar neste mercado?

□ O idioma comum é um facilitador e uma vantagem. Mas poderá não ser fator suficiente. Há que ser competitivo e ter o mesmo grau de exigência que teríamos num país onde não existissem estes pontos de contacto. Outra vantagem é a rede de empresas já estabelecidas no país e as 13 câmaras de comércio luso-brasileiras, concededoras profundas dos mercados locais, das obrigações jurídicas que variam muito de Estado para Estado, e das redes existentes nos vários sectores de atividade. A concorrência é forte e diversificada, um país que oferece excelentes perspectivas para a internacionalização das empresas portuguesas, mas com custos de implantação significativos, o chamado "custo Brasil", de entre os quais destacaria uma carga tributária elevada e complexa, o custo da mão de obra e as carências ao nível da infraestrutura. Digo muitas vezes aos empresários portugueses, em particular às PME, que devem ponderar a entrada no mercado brasileiro com uma perspectiva de médio-longo prazo. Se pensarem que em 15 dias vão resolver a situação da empresa em Portugal, nem vale a pena comprar o bilhete de avião.

□ Como correu o Ano de Portugal no Brasil que termina agora?

□ Portugal e o Brasil mudaram muito nos últimos anos e estas mudanças não foram ainda totalmente absorvidas no imaginário que cada país tem do outro. Subsistem ainda imagens e estereótipos. O Ano de Portugal no Brasil contribuiu para esse fim: atualizar, atualizar imagens, contactos, relações entre os dois países e os dois povos, com enfoque na modernidade e na inovação. Serviu para nos conhecermos melhor. Foi um ano rico em iniciativas de qualidade e saídas que permitiram trazer um pouco da nossa identidade e modernidade a todo o Brasil. H.G.

## Do morro do Castelo à Cidade Maravilhosa

A história da cidade cujo nome foi atribuído pelo navegador português Gaspar de Lemos e que hoje atrai investimento

A uma semana de receber a final da Copa das Confederações no Maracanã, primeiro teste para organizar os dois maiores acontecimentos desportivos — Mundial de futebol e Jogos Olímpicos — são óbvias as transformações que vão movendo esta cidade de 6,3 milhões de habitantes, onde a previsão dos investimentos a curto prazo já saltou 95%, de uns estimados 840 milhões de euros para 1,6 mil milhões. Os estádios representam 25%.

Conhecida pelo samba e pelo Carnaval, a verdade é que, tanto um como o outro, são fenómenos recentes na história de quatro séculos e meio da segunda metrópole brasileira, responsáveis por gerar quase 11 por cento da riqueza nacional. O facto de terem aqui sede as duas maiores empresas do país, a Petrobras e a Companhia do Vale do Rio Doce, contribuiu para os bons resultados. O turismo, por outro lado, continua a ser um dos suportes vitais para a economia da cidade que atrai mais de 40 por cento dos estrangeiros que visitam o país.

O Rio de Janeiro — sede da Petrobras e da Companhia do Vale do Rio Doce — gera 11% da riqueza do Brasil

Muito antes de existir samba e Carnaval, essa geografia maravilhosa talvez tenha caído também no mapa de Gaspar de Lemos, navegador português que no dia 1 de janeiro de 1502 aportou à grande baía, hoje de Guanabara, dando-lhe o nome de Rio de Janeiro. Seria preciso esperar mais de seis décadas para os portugueses pegarem em armas e expulsarem uma colónia francesa que entre tanto se instalara na ilha de Seripe, fundando São Sebastião do Rio de Janeiro, em honra do rei português com o mesmo nome.

Do morro do Castelo, onde se ergueu a cidadela murada, não sobra uma única pedra, arrasado em 1921 a favor de uma reforma urbanística. É na praça XV de Novembro, data da implantação da República no Brasil, e arredores, no centro histórico do Rio do século XXI, que se respira ainda o ambiente colonial e imperial. Aqui se ergueu o primeiro pelourinho e o primeiro chafariz da cidade. Aqui viveram governadores, vice-reis e a família real portuguesa quando desembarcou no Brasil, elevando o Rio a capital do Império e impulsionando o desenvolvimento da cidade. Por aqui passaram o ouro de Minas Gerais, o precioso café de um Brasil já independente. E conquistaram-se os primeiros bocados de terra ao mar, numa estratégia que a cidade seguiria ao longo dos séculos, lutando por espaço para acomodar uma população cada vez mais numerosa e apertada entre obstáculos geográficos.

Seria preciso chegar ao século XX para assistir à afirmação do Carnaval, ver nascer o samba, Copacabana e o Cristo Redentor, imagens de marca inconfundíveis do Rio de Janeiro de hoje, e que o título de uma marcha de Carnaval de 1935 imortalizou em duas palavras: Cidade Maravilhosa. M.B.

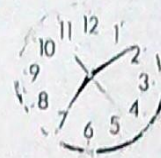
### O QUE É QUE ESTA LUSO-CARIOCA TEM

Os americanos chamaram-lhe 'A Bomba Brasileira'; os brasileiros preferiram deixá-la na história como 'A Pequena Notável'. Do alto dos 1,54 metros de altura, Carmen Miranda arrebatou a década de 40 com as mais de 300 canções que gravou e as duas dezenas de filmes em que participou. Hollywood rendeu-se aos seus talentos e à imagem de marca dos inesquecíveis chapéus tutti frutti, fazendo dela, à época, a mulher mais bem paga do cinema. Filha de um barbeiro de Várzea da Ovelha, Marco de Canavezes, Maria do Carmo Miranda da Cunha chegou ao Rio de Janeiro com a mãe, tinha 10 meses, num período em que quase meio milhão de portugueses atravessou o Atlântico (entre 1904 e 1915) para fugir à pobreza. A sua vida começou por não ser muito diferente desses milhares de portugueses que em 1920 somavam mais de metade da população da então capital brasileira. Começou a trabalhar aos 13 anos, vendeu gravatas e aprendeu a fazer chapéus numa loja de modas e novidades. Hoje, o Brasil voltou a ser um dos destinos preferidos dos portugueses para emigrar. O sonho, esse, é o mesmo: procurar uma vida melhor. M.J.L.



Coimbra A mais antiga universidade portuguesa é também a que tem mais alunos brasileiros fora do Brasil. Já são 1957

# Universidade maravilhosa



COIMBRA



Texto MICHAEL PEREIRA  
Foto JORGE SIMÃO

Aos sábados, há peladinha. Aos domingos, churrasco. Quando faz bom tempo, o terraço enche-se no último piso do prédio de três andares. Só nos dois apartamentos de cima vivem 12 brasileiros, mais os amigos que podem aparecer para reforçar a carne na grelha e a conversa com sotaque açucarado. "Gostamos de ter aqui um pouco do Brasil," Alexandre Oliveira, ou Alex, um arquiteto de 42 anos natural de Salvador da Baía, mas com ar de europeu, está há dois anos em Coimbra empenhado num doutoramento sobre o comportamento dos edifícios em cenários de terremoto. Não veio sozinho. Antes dele, a mulher tinha entrado na Faculdade de Direito, onde também está a fazer um doutoramento.

Do terraço da casa de Alex avista-se ao longe, na colina oposta, a 'cabra', como é conhecido o sino da torre da universidade que já no século XVIII soava para chamar os estudantes para as aulas. Entre eles muitos brasileiros, incluindo o 'patriarca da independência', José Bonifácio de Andrada e Silva. O sino deixou de tocar nos esses tempos, ainda que de outra forma, parecem estar de volta.

Alex faz parte da direção da Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros em Coimbra, a APEB. Desde que, em 2012, passou a ter uma sede, cedida pela diretora da Faculdade de

Direito, o foco da associação tem sido acompanhar o fluxo exponencial de conterrâneos que vão chegando à cidade e que já fazem de Coimbra a universidade com mais estudantes brasileiros fora do Brasil. Segundo Joaquim Ramos de Carvalho, vice-reitor responsável pela internacionalização da universidade, há neste momento 1957 brasileiros a estudar nas várias faculdades e departamentos, um número que se aproxima dos dez por cento do universo total de alunos da instituição.

O fenômeno tem uma explicação. A universidade beneficia da relação histórica com a antiga colônia portuguesa, porque era até ao século XIX o sítio para onde as elites de São Paulo e do Rio de Janeiro mandavam os filhos e isso ficou no imaginário das pessoas. Há quatro anos, aproveitando esse potencial, foi criado em Brasília o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras, que junta como membros 50 das instituições de ensino superior mais importantes do país irmão.

"Quando cheguei cá para estudar Direito, em 2005, estava praticamente sozinho", recorda Viviane Carrico, a presidente da APEB, atualmente a estagiar num escritório de advogados na cidade. "Mas as coisas mudaram muito. Hoje em dia, até já organizamos o nosso próprio Carnaval." E todas as sextas-feiras há noite de samba e forró. Uma banda, a Sambajah, formada por estudantes brasileiros, a maioria deles doutorandos do Centro de Estudos Sociais (CES) da universidade, costuma juntar-se para animar o CCB, um bar que se tornou pequeno centro.

Empenhada em ajudar na integração dos alunos e em fazer pressão para que os problemas com a burocracia e a revali-

lação, no Brasil, dos graus académicos obtidos em Portugal sejam ultrapassados, a APEB foi criada, em 2004, precisamente por estudantes do CES, com o apoio de Boaventura de Sousa Santos, o diretor do centro.

Com cada vez mais trabalho entre mãos, a associação está a preparar um novo estatuto, um regulamento interno mais detalhado e tem um plano de atividades para angariar mais membros. Público-alvo não falta. E o número vai crescer. O Governo português prepara-se para permitir um regime de propinas mais altas para estudantes estrangeiros, mas isso não inclui brasileiros nem outras nacionalidades lusófonas (ver textos ao lado). No próximo ano letivo será inaugurada a primeira licenciatura, na Faculdade de Direito, que garantirá a estudantes portugueses e brasileiros uma dupla titulação. Passarão dois anos em Coimbra e dois anos na Universidade Federal de Salvador

da Baía e serão licenciados simultaneamente nos dois países. E é apenas um de vários protocolos que estão a ser negociados entre os dois lados do Atlântico. Em 2014/2015, outras novidades deverão surgir, com um reforço de estudantes na área das ciências sociais.

## O plano de Dilma

A culpa é da Presidente Dilma Rousseff. O Brasil tem 280 mil estudantes colocados em universidades espalhadas pelo mundo inteiro. "Houve um grande incremento devido a uma forte dinâmica política do Governo brasileiro de incentivo à mobilidade e à formação qualificada no exterior", explica o vice-reitor, Joaquim Ramos de Carvalho. "A verdade é que temos 700 estudantes em Coimbra ao abrigo de programas que não existiam há três anos."

Além de uma versão transatlântica do Erasmus, a tradicional rede de intercâmbio de alunos de licenciatura, e um Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI) virado para a formação de professores de ensino secundário (com 455 alunos só em Coimbra, num regime de dupla titulação), o Ministério da Educação brasileiro criou, em 2011, o programa Ciência Sem Fronteiras, vocacionado para financiar a colocação de estudantes (sobretudo de mestrado e doutoramento) no estrangeiro nas áreas da biologia, agricultura, engenharias e tecnologia, com um esquema de subsídios generosos. Ao todo são 100 mil bolsas, sendo que até agora já foram oferecidas quase 23 mil para colocações em 38 países.

Este é o primeiro ano letivo, em Portugal, do programa Ciência Sem Fronteiras. O país assumiu-se como segun-

do destino no mundo para os estudantes brasileiros, com 2935 bolsas atribuídas (contra 5027 nos Estados Unidos e 2692 em França). Só para Portugal concorreram 12 mil candidatos. E para o próximo ano letivo apresentaram-se 20 mil a concurso. Segundo a Capes (Cooperação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), o órgão que gere o programa no Brasil, 9691 desses candidatos foram aprovados. "A demanda qualificada para Portugal ultrapassou as candidaturas para os outros países" e "não é viável alocar esse elevado número de estudantes nas instituições portuguesas". Muitos deles terão de ser desviados para os EUA, o Reino Unido e mais quatro ou cinco opções.

Em Coimbra, entre mestrandos e doutorandos, há 361 alunos ao abrigo do Ciência Sem Fronteiras. Sérgio Tadcu, um engenheiro civil de Santos, perto de São Paulo, é um deles. Veio para fazer

**COIMBRA TEM 700 NOVOS ALUNOS SÓ COM PROGRAMAS DE APOIO QUE NÃO EXISTIAM HÁ TRÊS ANOS. A CULPA É DA POLÍTICA DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF**

**HÁ UM 'GRUPO COIMBRA' DE UNIVERSIDADES BRASILEIRAS. E NA CIDADE, A ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES BRASILEIROS JÁ ORGANIZA O SEU CARNAVAL**



# “Ter alunos do Brasil é bom para todos”

Estrangeiros pagam mais, lusófonos não

**PRÓPRIAS** O Conselho de Rectores das Universidades Portuguesas tinha proposto o *Government Academic*. O secretário de Estado do Ensino Superior já confirmou nas últimas semanas que a partir do próximo ano levará todos os estrangeiros que queiram tirar uma licenciatura em estabelecimentos públicos portugueses a pagar os mesmos valores de propinas que os alunos nacionais. O novo regime não vai, no entanto, abrangendo nenhum aluno da UE, nem dos países lusófonos — precisamente o mercado que mais procura Portugal para obter um título.



Em Portugal, o reitor da Universidade de Aveiro, Manuel Assunção, coordena o programa brasileiro Ciências Sem Fronteiras, que financia os estudos em universidades portuguesas a milhares de alunos vindos do outro lado do Atlântico.

Os quase dez mil candidatos brasileiros do programa Ciências Sem Fronteiras aprovados para estudar em universidades portuguesas no próximo ano letivo foram informados de que podem trocar de país. Porque acha que isso aconteceu?

■ Não conheço o contexto dessa situação, mas já com os alunos que estão cá neste ano letivo houve um grande desequilíbrio entre a oferta e a procura. Havia 1500 vagas disponíveis para quase 13 mil candidatos. Há uma apetência por Portugal. O programa quer colocar estudantes brasileiros no exterior, mas há um desequilíbrio, com uma escassez na procura de outros destinos. É normal que se preocupem com o assunto. Tem de tentar que os candidatos estejam atentos a outros destinos. É mais fácil usar a língua materna, as pessoas não estão muito à vontade com o inglês. É óbvio que muitos brasileiros se sentem pouco confortáveis fora do Brasil. E por isso, Espanha também é muito procurada, pela proximidade da língua.

■ Como comenta uma notícia publicada há duas semanas, no Brasil, de que a formação superior oferecida em Portugal é fraca?

■ A notícia não tem substância. Fazem uma comparação de um curso (Engenharia Civil) entre uma universidade brasileira e uma universidade portuguesa. Não é isso que está em causa. O Brasil não tem capacidade para

absorver os estudantes de uma nova classe média. Os graduados brasileiros são bons. Mas os engenheiros portugueses também têm enorme qualidade. Existem sete universidades portuguesas nos rankings das 500 melhores do mundo. Somos até melhores do que o Brasil. O Brasil tem duas universidades muito bem colocadas internacionalmente, que estão à nossa frente, mas como conjunto Portugal está melhor. Há muito desconhecimento, no Brasil, do Portugal moderno. Há uma visão enraizada de há 50 anos. Tem de haver um esforço de esclarecimento por parte da tutela e também do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

■ Qual é a importância hoje dos estudantes brasileiros para as universidades portuguesas?

■ Portugal e o Brasil, no que se refere a esta questão, estão em contradição. Em Portugal a oferta é neste momento superior à procura. A demografia joga contra nós. Temos muita oferta e pouca procura nacional, os brasileiros têm alguma oferta e uma procura gigantesca. Temos estudan-

tes do Brasil é bom para os dois lados. Nós ajudamos a qualificação dos brasileiros e eles preenchem as nossas vagas. A internacionalização é um objetivo importante para o nosso sistema. É propicia relações que permitem um trabalho em rede, que é benéfico para o sistema português.

A validação no Brasil dos graus obtidos em Portugal não é um problema?

■ No programa Ciências Sem Fronteiras o problema não existe. Os estudantes vêm cá fazer um ano, mas continuam a ser estudantes na universidade de origem. O reconhecimento do grau não está em causa. No Programa de Licenciaturas Internacionais, a pedido das autoridades brasileiras, há uma dupla titulação. Estão cá dois anos, depois obtêm um grau português e um grau brasileiro. Mas existe um problema geral nos dois lados com o reconhecimento mútuo dos graus académicos. É um assunto da maior importância que tem estado a ser visto pelos conselhos de rectores portugueses e brasileiros e por ambos os governos.

Faria sentido os brasileiros pagarem propinas mais altas do que os colegas portugueses?

■ É uma questão complexa. As propinas não pagam o total da formação, mas temos muito a ganhar no fortalecimento de laços com os brasileiros. E reabilitamos a capacidade instalada. Temos os professores e os cursos, os custos são marginais. E há ainda o reforço do espaço da língua portuguesa. Está bem assim. O novo regime (de acesso para alunos estrangeiros) tem o meu acordo: os estudantes da lusofonia não devem pagar propinas mais altas. M.P.

## 56%

dos 153 alunos a frequentar atualmente o mestrado científico da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra são brasileiros (86). No caso dos doutorandos, e segundo João Leal Amado, subdiretor da faculdade, o peso dos brasileiros é de dois terços. Havia ainda 90 estudantes oriundos do Brasil a frequentar a licenciatura em Direito no primeiro semestre deste ano letivo. Em 2003 eram apenas 9. “A presença dos brasileiros é neste momento esmagadora”

## Contracido na construção civil

**ENGENHARIA** Para compensar a fraqueza que está a ser sentida por jovens portugueses, devido às notícias sobre a crise profunda que o setor das obras públicas e construção civil atravessa atualmente, o Departamento de Engenharia Civil da Universidade de Coimbra teve de quadruplicar este ano letivo as vagas previstas para brasileiros nas licenciaturas e nos mestrados integrados, de 15 para 60, de forma a responder ao crescente interesse, no país irmão, pela formação oferecida (dentro do departamento, 14 foram para Engenharia do Ambiente e os outros 54 para Engenharia Civil). Além disso, há ainda sete doutorandos vindos do Brasil. Para José Raimundo Mendes da Silva, diretor do departamento, o contraste tem a ver com o contracido em que o Brasil se encontra, com uma quantidade grande de obras públicas em curso ou a começar no país e quando se sabe que vêm aí o Mundial de futebol e os Jogos Olímpicos. “Há também cada vez mais estudantes a contactar-nos porque querem tirar a licenciatura inteira conosco”.



**CASA DA LUSOFONIA** Na próxima semana começa a funcionar um novo espaço numas antigas instalações dos CTT em Coimbra, para ser usado por todos os estudantes dos países lusófonos. De acordo com Clara Almeida Santos, vice-reitora da Universidade de Coimbra, a Casa da Lusofonia é uma reivindicação antiga dos estudantes destes países e vai servir como local para promoverem atividades culturais e poderão receber as suas aulas. O primeiro evento, agendado para quarta-feira, dia 20, é uma mesa-redonda sobre as relações com a China e a comunidade lusófona, integrada na Semana Cultural da Universidade de Coimbra.

RIO DE JANEIRO

Bar do Instituto Universitário Justiça e Paz, em Coimbra, onde o fuso horário entre Portugal e Brasil só existe nos relógios. Na cidade, o sotaque brasileiro dos estudantes está presente a toda a hora

um doutoramento sobre eficiência energética em edifícios, porque “Portugal tem uma posição de vanguarda nesta área”. Gosta muito de morar em Coimbra e está a pensar até em comprar casa na cidade. “Quero ter um pouco na Europa, porque gosto de vir cá regularmente e aqui parece-me perfeito”. Costuma fazer caminhadas nas margens arborizadas do rio Mondego, “de dia ou de noite, para desanuviar”. E gosta de passear no centro histórico. “É uma cidade muito agradável”.

## Terra do Peter Pan

Nos corredores, nas ruas, nas salas de exposições e espetáculos, passou a haver brasileiros em todo o lado. “Mudaram por completo o panorama cultural em Coimbra”, diz Clara Almeida Santos, vice-reitora da universidade. E dá um exemplo. “Houve há pouco tempo um ciclo de cinema italiano e foram os brasileiros que encheram a sala. São muito interessados. Mais do que os portugueses”.

A diferença também se nota na vida noturna. A uma quarta-feira, uma noite tipicamente fraca em Coimbra, o bar Bigorna, junto ao largo da Sé Velha, estava cheio às duas da manhã. Num cerz gigante passava um jogo de futebol da Taça dos Libertadores. O Fluminense perdia contra o Grêmio. “O espírito académico é muito forte. E podemos andar a qualquer hora na rua com um portátil na mochila sem que nos aconteça nada. Isso seria impensável no Brasil”, diz Alex, com um copo de cerveja na mão depois de mais uma reunião da APEB. “Coimbra, para nós, é a Neverland”.

in.pereira@expresso.impressa.pt

# Chineses, turcos, polacos e iranianos

Foram quase 30 mil os alunos estrangeiros que no último ano optaram por estudar em instituições portuguesas de ensino superior

A medida que as fronteiras são cada vez mais tênues, representando cada vez menos um obstáculo à migração, Portugal não fica de fora do mapa dos destinos escolhidos por alunos de outros países. Vindo eles de tão longe como o Bangladesh ou a Mongólia, para estudar por exemplo em Castelo Branco, é certo que a palavra sobre o país anda a percorrer muitas léguas. De acordo com dados do Ministério da Educação e Ciência, no ano letivo de 2011/12 havia 29.045 alunos estrangeiros inscritos no ensino superior em Portugal — número que corresponde a 7,3% do total (397.337).

Há “fuga de cérebros”, mas também se importa talento. É por isso que o vice-reitor da Universidade do Porto, António Marques, diz que “faz mais sentido hoje, num mundo global, falar de “circulação de cérebros”.

Tradicionalmente, a esmagadora maioria dos alunos estrangeiros chegava às universidades portuguesas a partir de países da CPLP. Os brasileiros ainda lideram, mas hoje podem encontrar-se grupos — de dimensões consideráveis — das mais diversas e inesperadas proveniências. No último ano letivo estiveram inscritos 107 chineses na Universidade de Coimbra, 60 turcos na do Porto e 53 iranianos na do Minho. A Técnica de Lisboa recebeu 121 polacos e 118 alemães.

## Mercados globalizados

Esta evolução reflete as estratégias utilizadas pelas universidades para recrutar alunos, nomeadamente as candidaturas a projetos europeus, com vista à promoção das instituições no estrangeiro e da obtenção de fundos.

Na Universidade do Porto, há já 3700 alunos de 111 países. António Marques não duvida que representam “seguramente um forte estímulo à economia da cidade quer no retorno direto que geram quer no impulso que dão à criação de infraestruturas e servi-

ços com qualidade para o seu acolhimento”. A participação em projetos europeus rendeu já à universidade 228 milhões.

As vantagens, confirma, são muitas. A comunidade universitária fica dotada “de uma melhor preparação académica, linguística e intercultural, que resulta do contacto com novas formas de trabalho e de organização” — o que é “fundamental para fazer face aos desafios de uma economia sem fronteiras e da procura de oportunidades em mercados de trabalho cada vez mais globalizados”.

O vice-reitor do Porto lembra que “a internacionalização é hoje, para muitos especialistas, uma condição da própria qualidade do Ensino Superior e da investigação. Também o vice-reitor da Técnica de Lisboa, Eduardo Pereira, encara este processo como “elemento essencial para o desenvolvimento cultural, científico e tecnológico das sociedades”, sem ele as universidades não conseguirão “constituírem-se como instituições de criação e transmissão de conhecimento”.

XAVIER BURTOFF  
soi.indice@expresso.impressa.pt



Gustavo Behr Vice-presidente da Casa do Brasil em Lisboa

# “Se aguardássemos a situação ideal nada se teria feito”



Texto **LUCIANA LEIDERFARB**  
Foto **NUNO BOTELHO**

Gustavo Behr é vice-presidente da Casa do Brasil em Lisboa, a mais antiga associação de brasileiros em Portugal, fundada em 1992. Advogado, 37 anos, há 25 a residir no país vindo de Porto Alegre, representa a síntese das duas culturas. O Ano do Brasil em Portugal e o Ano de Portugal no Brasil teve “saldo positivo”. Embora, por cá, se tenha inspecionado de integrar a comunidade brasileira.

□ Que balanço faz do Ano de Portugal no Brasil e do Ano de Brasil em Portugal (ABP)?  
□ Foi uma iniciativa muito importante e sem precedentes, que ajudou ao conhecimento mútuo. Em trocas e intercâmbios o saldo é positivo.

□ Não terá também acentuado as diferenças entre um Brasil em franca expansão e um Portugal em retração?

□ Isto passa-se há uns cinco anos. São ciclos económicos, em que o Brasil está a crescer e os portugueses a procurar

mais, ou em que Portugal está melhor e são os brasileiros a viajarem, como aconteceu no passado. Por isso, dentro das possibilidades de cada país e do que os governos consideraram prioritário foi feito um bom trabalho. Se ficássemos a aguardar pela situação ideal nada se faria.

□ O Brasil foi mecenas de muitos eventos portugueses. Qual foi o impacto do ABP na comunidade brasileira a residir cá?

□ Muitos artistas brasileiros que vivem em Portugal tinham a expectativa de serem chamados a participar no projeto, o que não aconteceu. Isso gerou alguma desilusão na comunidade.

□ Que contributo o Brasil pode dar no que se refere a estratégias de difusão da cultura?

□ Neste momento, o Estado brasileiro dá muito apoio à cultura, mas nem sempre foi assim. É a questão da forma como se promove tem a ver com a própria dimensão do país. O Brasil tem um mercado interno gigantesco. É difícil transpor esta realidade para outros países.

□ Como brasileiro residente em Portugal, como encara o desinvestimento do Estado português na cultura?

□ No outro dia li uma citação de Churchill sobre o investimento na cultura durante a II Guerra Mundial. Perguntavam-lhe porque é que não transferia essas verbas para o esforço de guerra e ele respondeu que, sem cultura, não tinha sentido fazer a guerra. Segundo a mesma lógica, se nada ficar depois, de nada terá servido vencer esta crise.

□ A ministra da Cultura do Brasil, Marta Suplicy, disse ao Expresso que a cultura se insere num trabalho de promoção social. Poderia não ser assim?

□ Não, pela importância de muitos projetos culturais na retirada de pessoas da miséria ou da criminalidade. Esta questão já se discute há muito no Brasil, e o facto de uma ministra o referir mostra a sua importância hoje.

□ Falávamos da relação entre os países. Recentemente, Portugal foi riscado da lista de destinos para os brasileiros estuda-

## IMIGRAÇÃO

**Organismo multilingue**  
A Casa do Brasil em Lisboa é uma associação sem fins lucrativos destinada a apoiar e encaminhar os imigrantes oriundos do Brasil. Reconhecida pelo ACID, a sua função cultural cumpre-se por meio de atividades como aulas de capoeira, samba ou teatro. Mas será mais procurada pelo seu papel social e integrador, como o apoio jurídico em assuntos de regularização e a inserção profissional. Gustavo Behr, o vice-presidente, vê nela sobretudo “um órgão reivindicador” de deveres e direitos.

sem, ao abrigo do programa Ciência sem Fronteiras.

□ Foi uma decisão errada. Portugal e o Brasil precisam um do outro e trabalham para criar uma relação próxima em todos os níveis, seja na economia, na circulação de pessoas ou na troca de conhecimentos.

□ O Brasil vai submeter os médicos portugueses a um exame especial. Quer comentar?

□ No passado, eram os médicos brasileiros a ter dificuldades de inserção cá. Defendo uma simplificação dos processos, o que já foi conseguido no caso dos engenheiros e dos arquitetos.

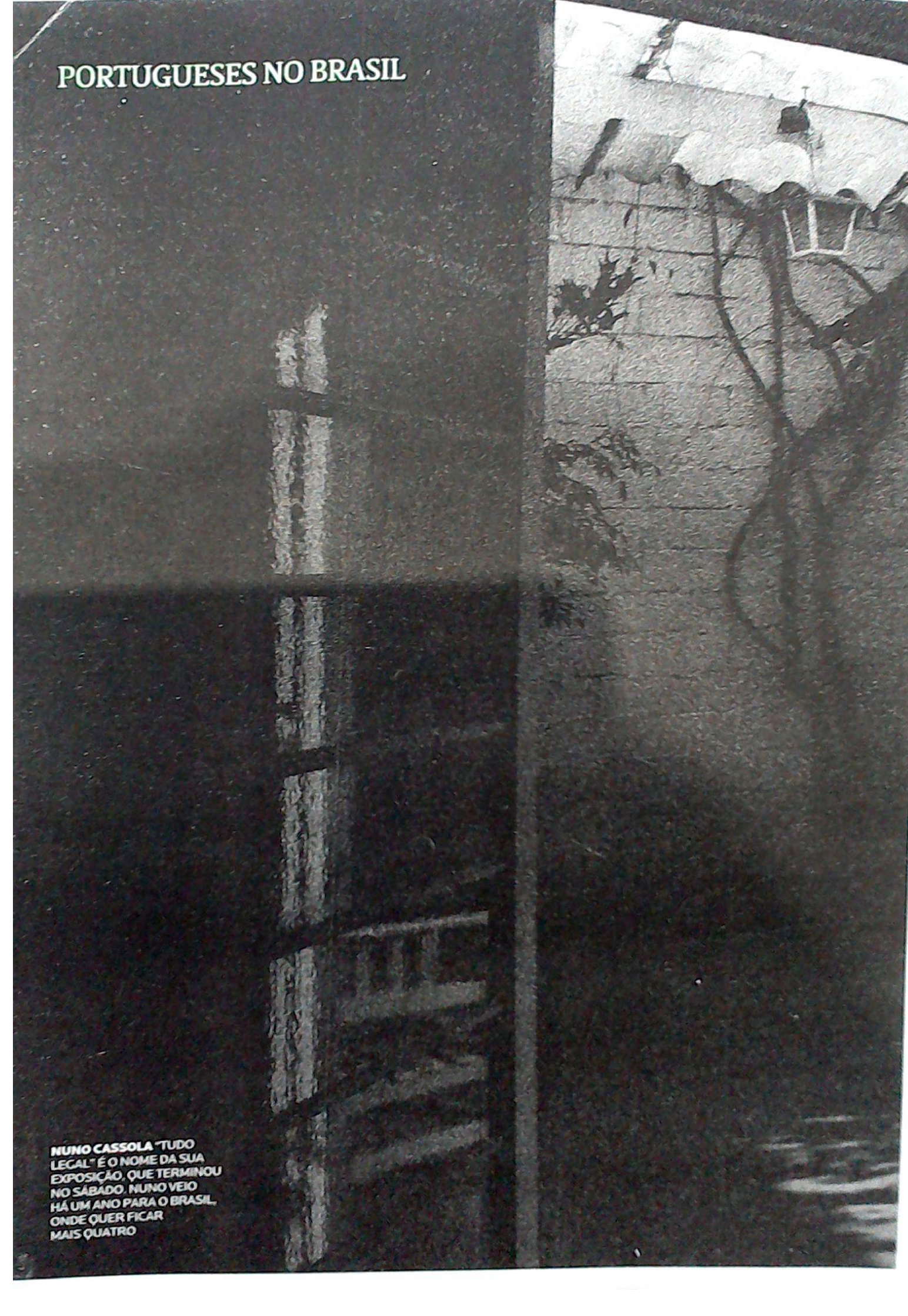
□ Como é que os brasileiros veem a cultura portuguesa?

□ Em comparação com o que os portugueses conhecem da cultura brasileira, os brasileiros conhecem muito pouco da portuguesa. É algo ainda distante, como é distante a forma como o Brasil olha para a Europa. Porém, a cultura portuguesa está gradualmente a entrar, sobretudo no lado da literatura.

leiderf@expresso.pt



# PORTUGUESES NO BRASIL



NUNO CASSOLA "TUDO  
LEGAL" É O NOME DA SUA  
EXPOSIÇÃO, QUE TERMINOU  
NO SÁBADO. NUNO VEIO  
HÁ UM ANO PARA O BRASIL,  
ONDE QUER FICAR  
MAIS QUATRO



# A MINHA ARTE É A MINHA PÁTRIA

Desde há alguns anos que São Paulo é a morada de jovens artistas portugueses em início de carreira. O Expresso foi ouvir quatro deles e um consagrado, Fernando Lemos, que foi para o Brasil há seis décadas, por motivos bem diferentes

TEXTO DE MARIA DA PAZ TREFAUT, FOTOGRAFIAS DE JORDI BURCH, EM SÃO PAULO







**FERNANDO LEMOS** "JÁ NINGUÉM SABE O QUE É ARTE, ARTE AGORA É TUDO", DIZ ESTE PINTOR-ESCRITOR-FOTÓGRAFO-PENSADOR, CONSIDERADO UM DOS ÚLTIMOS SURREALISTAS

U

Uns falam com o sotaque de Portugal, outros incorporaram o português do Brasil. Em comum têm o Registo Nacional de Estrangeiros (RNE), como se chama o documento de identidade dado a quem não é brasileiro. São portugueses "com papéis", como se diz, devidamente legalizados. Todos vivem em São Paulo, procurando exercitar uma arte sem fronteiras na qual a nacionalidade é apenas uma contingência. O que une Filipe, Luísa, Nuno e Tiago é o facto de serem artistas jovens que, por motivos

diversos, trocaram Portugal pelo Brasil. Por enquanto. Nada é definitivo. A história deles é muito diferente da de Fernando Lemos, 88 anos, que se viu forçado a deixar Portugal nos anos 1950 por motivos políticos e nunca mais voltou.

Os artistas portugueses que vivem em São Paulo não formam propriamente uma comunidade. Alguns nem se conhecem. Outros são amigos e até já dividiram a mesma casa. Por ser de outra geração e por se ter tornado um nome no cenário artístico brasileiro, Fernando Lemos é uma referência para todos. Mas Fernando é um caso à parte. "Não sou brasileiro, mas também já não era português", diz. Essa não é a realidade dos quatro artistas jovens que ilustram esta reportagem.

A questão da identidade, da nacionalidade, e o direito de ir e vir foram o tema principal da exposição "Tudo Legal", de Nuno Cassola, que terminou no sábado passado na Sala Projeto Fidalga. Para a visitar era preciso marcar hora. A mostra ocupou um espaço alternativo que fica nos fundos de uma casinha antiga, na Vila Ma-

dalena, bairro que é uma espécie de Soho paulistano. Na primeira sala havia o RNE de Nuno, capas de passaportes brasileiros sobre a mesa e um vídeo com o símbolo da União Europeia que se desfazia em cinzas enquanto tocava o hino de Beethoven. Na outra sala um retroprojetor sobrepunha uma declaração relativa à perda da nacionalidade portuguesa com imagens de imigrantes que tentam entrar na Europa pelo enclave espanhol de Melilla.

"O meu trabalho tem a ver com três instâncias: a relação com Portugal, com a Europa e o Brasil", explica Nuno, de 30 anos, que está em São Paulo há um ano e meio e pretende ficar quatro ou cinco. "Tenho interesse pelos eternos movimentos migratórios, mas a minha situação é diferente: sou europeu, branco e homem. Sou muito privilegiado. Além do mais, a minha visão não é condicionada pela necessidade. Sinto-me parte da diáspora portuguesa atual, mas por opção, não por imposição. Não sou como outros amigos, que tiveram de sair por não terem trabalho."

Nuno Cassola nasceu em

Aveiro, estudou Belas-Artes no Porto e, no Brasil, está vinculado a um grupo de estudos na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. "Tudo Legal" é a sua primeira exposição individual. "O nome tem vários sentidos, e eu quis refletir sobre a origem da expressão." Mostrar o trabalho não saiu caro: a televisão para exibir o vídeo é de um amigo, o retroprojetor de outro.

#### GALERIA NA COZINHA

Também com recursos mínimos, Filipe dos Santos Barrocas, de 32 anos, criou a Galeria O Quarto. Quando desembarcou em São Paulo, há mais de quatro anos, tinha apenas um quarto — daí o nome. "Já tive vários endereços e levei a galeria sempre comigo. É um exercício de intervenção no espaço doméstico e uma forma de utilizar a fotografia como reflexo sobre o espaço onde se vive", conta.

Atualmente, a Galeria O Quarto está na cozinha de uma antiga casa operária no Bairro de Perdizes, onde Filipe vive com a namorada. O que se vê é uma cozinha toda branca, que ele mesmo





**LUÍSA MOTA A ARTISTA**  
DIZ QUE A SUA VERDADEIRA  
CASA É EM HIGIENÓPOLIS,  
BAIRRO DO CENTRO  
DE SÃO PAULO

18 pintou, com uma foto que é resultado de uma instalação, também preparada por ele, no mesmo espaço. O trabalho demorou dois meses para ficar pronto. A galeria não tem propósito comercial nem procurar inserir-se no mercado. Outros artistas brasileiros já expuseram lá. "Não tenho nenhum calendário, são propostas que surgem", explica.

Nascido em Lisboa, Filipe dava aulas de fotografia e apresentou a exposição Diagramas em Portugal, em 2010, antes de sair. Chegou ao Brasil para ficar seis meses, depois de ter conseguido um estágio internacional pelo programa INOV-Art, criado pelo Ministério da Cultura português. Desejoso de ficar, obteve uma bolsa e leva vida de estudante, que complementa com trabalhos em artes plásticas e gráficas. "O que descobri no Brasil foi a relação com o outro e a disponibilidade para construir junto. Hoje, quando volto, sinto a melancolia do povo português."

Quando chegou a São Paulo, Filipe Barrocas conheceu Tiago Mestre, de 36 anos, que tinha vin-

do através do mesmo programa. Ficaram amigos e dividiram um apartamento durante um período. Tiago também quis ficar e rapidamente conseguiu emprego num escritório de arquitetura. A sua formação na Faculdade de Arquitetura da Universidade Téc-

nica de Lisboa ajudou-o a conseguir um salário razoável. "Quis ficar mais tempo para conhecer melhor o Brasil. Eu não tinha má perspectiva em Portugal. Mas sabia que o Brasil era muito vital e que havia algo além da economia, da música, das telenovelas. É um país grande, bonito, e acho que o português tem sempre a ideia de que as antigas colônias são um pouco de Portugal noutro lugar. Há um sentimento de familiaridade."

Natural de Beja, Tiago Mestre já havia corrido mundo. A sua curiosidade levou-o a viver na Califórnia, em Milão, na Bélgica e a trabalhar em São Tomé e Príncipe. No Brasil há quatro anos, já fez uma exposição no Rio e duas em São Paulo. Todas têm nomes em inglês — "Speech", "Secret Life of Materials" e "All The Things You Are" —, mas é pura coincidência, diz. O apartamento de quarto e sala onde vive, em Pinheiros, um dos bairros eleitos pelos jovens, é o seu ateliê. Há dezenas de quadros, de todos os tamanhos, com pinturas a óleo e acrílico, a grande maioria não figurativa. Mas ele não se dedica apenas a pinturas.

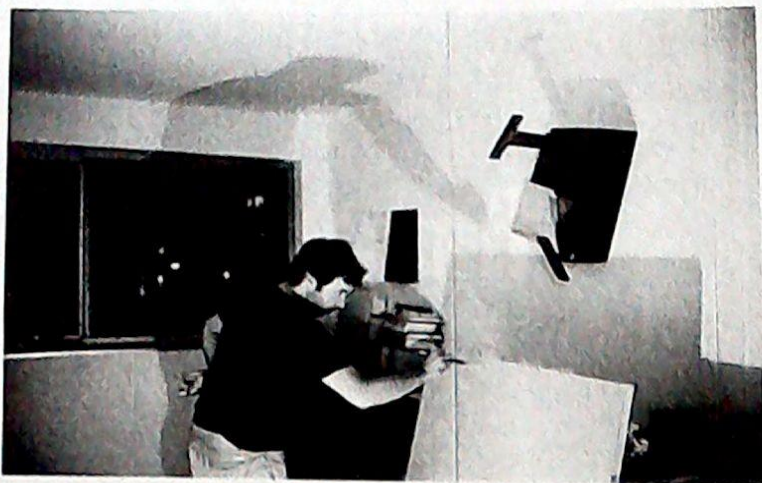
Faz esculturas, vídeos, fotografia, objetos. "Faço arte contemporânea na franja da exploração de outras linguagens." Pretende ficar? "Não sei, quem sabe. Depende do dia. Não tenho um plano muito definido", responde Tiago.

Essa disponibilidade pelo mutante é a mesma de Luísa Mota, que atualmente está em Londres, mas faz questão de dizer que a sua verdadeira casa é em Higienópolis, bairro central de São Paulo, onde tem um apartamento montado. O seu marido é português e ela está grávida de seis meses, de uma menina que deverá nascer em Londres. "Volto ao Brasil em março", anuncia pelo Skype, com pronúncia de brasileira. "O meu sotaque português é muito pesado e acho melhor adquirir outro em vez de adaptar os dois, o que ficaria uma coisa híbrida."

Apesar de ter vivido pouco mais de um ano no Brasil, o seu plano é ficar. O trabalho da artista tem como base a performance e desenvolve-se em vários formatos: vídeo, escultura, fotografia, instalação. Trabalha com pessoas da comunidade, com atores e

**"ACHO QUE  
O PORTUGUÊS TEM  
SEMPRE A IDEIA DE QUE  
AS ANTIGAS COLÔNIAS  
SÃO UM POUCO  
DE PORTUGAL NOUTRO  
LUGAR. HÁ UM  
SENTIMENTO DE  
FAMILIARIDADE",  
DIZ TIAGO MESTRE**





**TIAGO MESTRE**  
DEPOIS DE CORRER  
MUNDO, APORTOU  
A SÃO PAULO. FAZ  
PINTURA, ESCULTU-  
RA, VÍDEO, FOTOGRA-  
FIA, OBJETOS

**FILIFE BARROCAS**  
A GALERIA O QUARTO  
ANDA SEMPRE ATRÁS  
DE SI. "É UM EXERCÍ-  
CIO DE INTERVENÇÃO  
NO ESPAÇO  
DOMÉSTICO". DIZ

voluntários. "Discuto os mitos, os estereótipos, os clichês."

Luisa é do Porto. Aos 18 anos foi para Londres e ficou lá até vir para São Paulo. Aos 30 anos começa a mostrar seu trabalho em Portugal. Em abril deste ano participou do Projeto Contentores, com curadoria de Sandro Resende, no Museu da Eletricidade. Ainda em 2014, na 3ª Bienal da Bahia, em Salvador, apresentou "Genesis e Genes", uma ação de rua em forma de cortejo, protesto ou procissão religiosa, com pessoas nuas e fantasiadas.

"Acho que é bem mais viável viver de arte no Brasil do que em Portugal. No Brasil há um circuito de galeristas e colecionadores que promovem a carreira dos artistas, o que não acontece em Portugal. Especialmente para o tipo de trabalho que faço, os brasileiros são mais acolhedores. As pessoas são colaborativas, querem participar,

**"AS PESSOAS MAIS  
INTERESSANTES  
SÃO OS FOTÓGRAFOS.  
SÃO OS MAIS LOUCOS  
E OS MAIS LIGADOS  
AO INSTANTE.  
NÃO FICAM DISCUTINDO  
O SEXO DAS ARANHAS",  
DIZ FERNANDO LEMOS**

envolvem-se, há outra energia. Na Inglaterra e em Portugal, antes de se entregar, toda a gente fica preocupada com o seu papel. É outra postura."

#### SEM "MODELO FIXO"

Nos idos de 1953, ao desembarcar no Rio, Fernando Lemos sentiu algo semelhante. O Brasil correspondeu à ideia que tinha de liberdade, de criatividade. A 1ª Bienal de Arte de São Paulo, em 1951, começara a mudar o panorama artístico, mas tudo estava por fazer. "Isso deu-me a chance de criar relacionamentos e ajudou a fazer a minha cabeça. São Paulo era uma aldeia de três milhões de habitantes, mas Portugal era um poço de atraso."

Fernando Lemos é tido como um dos últimos surrealistas vivos. Transitou da pintura para o desenho, da fotografia para a escrita. Hoje define-se como um pensador. "Não tenho um modelo fixo. De-

senho como se fotografasse, não tenho uma ideologia. Em todas as linguagens sinto-me gráfico, porque tudo o que faço se imprime, se aplica. A pintura é uma coisa mais reflexiva, mais demorada. Mas mudaram todos os conceitos: já ninguém sabe o que é arte, arte agora é tudo."

Apoiado na mesa cheia de pincéis e tubos de tinta, abre um dos seus livros: "Eu Sou Fotografia". Lá estão fotos icônicas de poetas, escritores e artistas portugueses e brasileiros. Imagens a preto e branco de Sophia de Mello Breyner, Jorge de Sena, José Cardoso Pires, Vieira da Silva, Lúcia Fagundes Telles e Hilda Hilst. Ao folheá-lo, ele decreta: "Para mim, as pessoas mais interessantes são os fotógrafos. São os mais loucos e os mais ligados ao instante. Não ficam discutindo o sexo das aranhas."

#### FUGIU DO FASCISMO E FOI FICANDO

É uma tarde quente e o sol entra pela janela. Fernando Lemos está em contraluz, sentado numa cadeira de rodas. "Estou velho e deficiente, agora todo o mundo é autoritário comigo", diz com humor. Casado pela segunda vez, com Beatrix, uma psicóloga, é pai de cinco filhos e tem cinco netos. Teve poliomielite aos 26 meses, mas superou a doença. "Fiz tudo. Coxeava um pouco, mas isso era como uma coisa meio fadista. Eu nadava, dançava, pegava bonde (autocarro) em andamento."

Fernando chegou ao Brasil para fugir do fascismo e foi ficando. "Estou aqui, onde mais trabalhei. Foi onde fiz os meus melhores amigos, onde constituí família. É um país que tem uma certa magia: tudo o que dá errado no mundo, aqui dá certo." Só em 2014 fez quatro exposições e está envolvido no projeto de dois filmes. Não é pouco, para quem se aproxima dos 90 anos. Ele apanha o jornal que está em cima da mesa, que traz na primeira página uma notícia sobre políticos corruptos. "Este é o país do bom coração", desfecha com ironia. ●

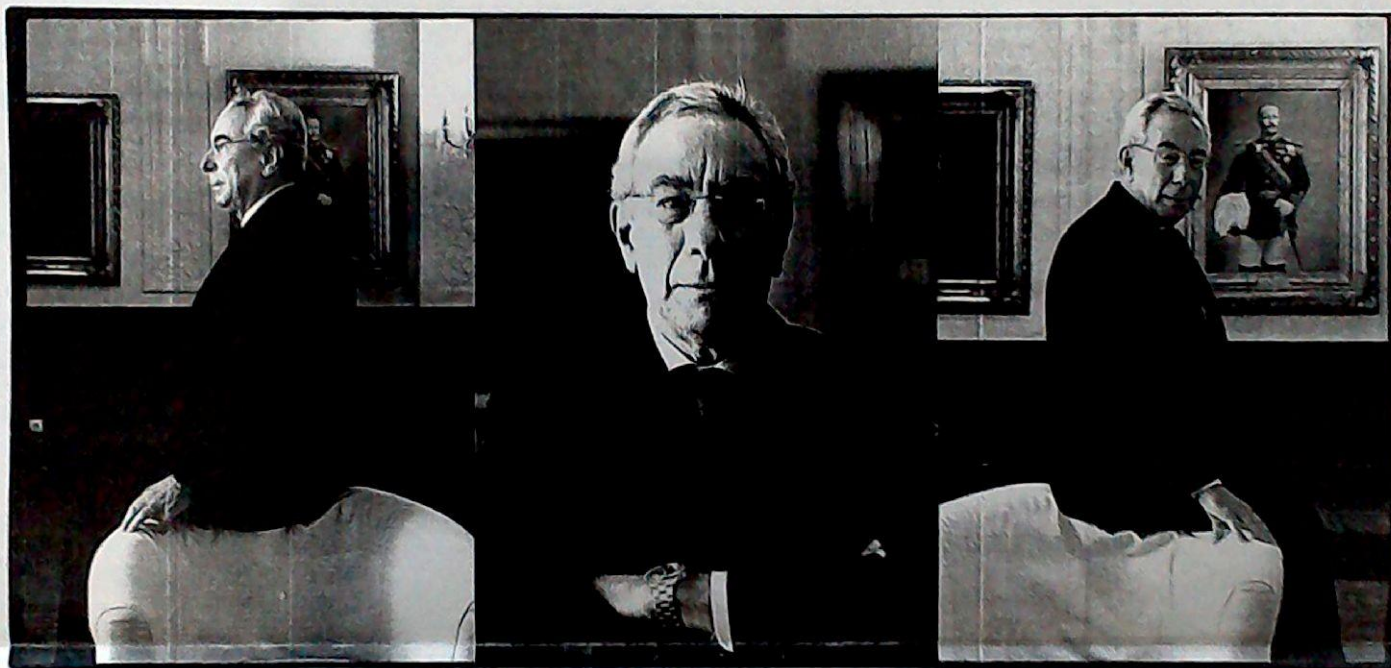
revista@expresso.imprensa.pt



## ENTREVISTA

Francisco Ribeiro Telles Embaixador de Portugal no Brasil

## “Os jovens que vão para o Brasil são altamente qualificados”

Textos J.F. PALMA-FERREIRA  
Fotos NUNO BOTELHO

Francisco Ribeiro Telles é o primeiro português a receber o prêmio da diplomacia económica pelo seu trabalho desenvolvido no Brasil. Tem acompanhado os grupos empresariais nacionais que aumentam os investimentos locais. Mas, sobretudo, tem assistido à ida de muitos jovens quadros portugueses para o Brasil, onde seguem carreiras alternativas aos empregos que desistem de procurar em Portugal.

**□ Prefere Angola ou o Brasil?**

□ Estou há dois anos no Brasil. E vim de Angola, onde estive cinco anos. São dois mercados importantes para as nossas empresas e têm graus de desenvolvimento bastante diferentes, mas também têm linhas comuns de atuação.

**□ A diplomacia económica portuguesa é um sucesso?**

□ Foi exigida à atual diplomacia uma adaptação às novas realidades criadas pela globalização e o reforço da sua componente económica. Sempre fizemos diplomacia económica, mas hoje em

dia a diplomacia económica é cada vez mais importante na atuação das embaixadas. Isso tem sido o meu dia a dia no Brasil. Até nas reuniões mensais de embaixadores da União Europeia, na maior parte do tempo discutimos questões económicas. Tenho notado da parte do mundo empresarial e das empresas uma maior aproximação às embaixadas. Os empresários começam cada vez mais a compreender a utilidade de manter contactos estreitos com a embaixada, quer seja para tentarem solucionar problemas que têm quer para projetos de investimento. E as embaixadas funcionam de forma crescente como facilitadores para contactos determinantes para os projetos empresariais.

**□ Os empresários portugueses estão a redescobrir o Brasil?**

□ O investimento português no Brasil aumentou de 2011 para 2012 à volta de 12% e o investimento brasileiro em 2012 aumentou em Portugal cerca de 32%, o que revela o aumento do nosso intercâmbio com o Brasil.

**□ Em que sectores é que o investimento está mais ativo?**

□ Além das telecomunicações (a fusão da PT com a Oi), está mais ativo na área da energia. Os recursos do Brasil são abundantes e diversificados e nesse sentido tem havido uma crescente cooperação Portugal-Brasil na área energética. Continua a haver investimentos nos sectores tradicionais, como a hotelaria e a restauração. E no agronegócio começam a surgir projetos.

**□ Há novas oportunidades no Brasil para investidores portugueses?**

□ Há projetos de investimento em sectores como a construção, rodovias e ferrovias. São infraestruturas nas quais Portugal tem mais-valias reconhecidas a nível internacional e que já operam com sucesso noutros mercados, como seja o caso de Angola. Por exemplo, a Mota-Engil acaba de comprar uma construtora em Belo Horizonte e tem uma boa carteira de encomendas no Brasil.

**□ Assistimos a uma nova vaga de emigração de portugueses para o Brasil?**

□ Existe de facto uma nova vaga de portugueses a irem para o

**RECONHECER CURSOS**

**Habilitações académicas**

A diplomacia portuguesa teve um árduo trabalho até conseguir que Brasil e Portugal celebrassem acordos para reconhecerem mutuamente as habilitações académicas obtidas nos dois lados do Atlântico. O embaixador Francisco Ribeiro Telles diz que os dois países estão agora a passar por um processo de reconhecimento de graus académicos. E diz que os arquitetos vão poder inscrever-se nas ordens profissionais do Brasil e de Portugal. Os engenheiros também têm tudo bem encaminhado, admite.

Brasil, jovens altamente qualificados que vão trabalhar para empresas, possuindo um currículo profissional e académico que corresponde àquilo que o Brasil necessita.

**□ Que conselho daria a quem quer investir no Brasil?**

□ Deve fazer um trabalho de casa rigoroso sobre as exigências do sistema normativo brasileiro, que é burocrático e complexo. Deve procurar parcerias com sócios brasileiros. E diversificar atividades nas regiões do Nordeste, onde as mais-valias portuguesas se evidenciam melhor.

**□ Que importância atribui ao prêmio de diplomacia económica que lhe foi concedido?**

□ É o reconhecimento do trabalho desenvolvido pela equipa que dirijo no Brasil ao nível da embaixada e dos consulados. Este prêmio é significativo porque foi dado pela sociedade civil, pela Associação Comercial de Lisboa, pela Câmara de Comércio e Indústria Portuguesa e pela Confederação Internacional dos Empresários Portugueses.

jpferrera@expresso.nipressa.pt



## IMIGRAÇÃO

**Ilusão** Por €5 mil, falsos agentes trazem jovens, via Brasil e Cabo Verde, com a promessa de um lugar na I Liga. A maioria acaba sem clube nem saída

# SEF investiga tráfico no futebol



Muitos jogadores em situação ilegal ficam sem clube e acabam por enveredar pelo tráfico de droga para ganhar dinheiro  
FOTO TIAGO MIRANDA

## 1000 a 1500 jogadores ilegais

HUGO FRANCO  
e RAQUEL MOLEIRO

A maioria chega de avião vinda do Brasil, quase sempre do Rio de Janeiro. São rapazes entre os 16 e os 23 anos, midosos brasileiros e argentinos com o sonho de serem estrelas do futebol na Europa. Na terra natal revelaram 'jeito de bola', chamaram a atenção de olheiros, vendedores de promessas que viajaram ao seu lado rumo a Portugal, supostos agentes desportivos a quem a família dos jovens pagou cinco mil euros (16 mil reais) a troco de um lugar garantido na I Liga portuguesa e uma saída da pobreza hereditária.

Os restantes vêm de África. Os angariadores procuram-nos em Cabo Verde, São Tomé, Guiné-Bissau, Costa do Marfim e Senegal, levam-nos a todos para solo cabo-verdiano, para a Cidade da Praia, rumo ao aeroporto Nelson Mandela, com destino a Lisboa. Na bagagem trazem os mesmos sonhos e as mesmas promessas dos craques da América do Sul. Juntos traçam e alimentam as duas rotas intercontinentais usadas habitualmente pelos traficantes de jogadores de futebol para Portugal.

Os atletas entram com visto de turismo ou licença de visto, imigrantes com a legalização à distância da assinatura do prometido contrato de trabalho como jogadores profissionais. Mas 99% nunca chegam a rubricar tal papel e rapidamente ficam em situação ilegal. Em vez da I ou II divisão, são colocados em clubes de futebol

amador, a disputar o Campeonato Nacional de Seniores ou as ligas distritais.

"Quando chegam, obviamente não cabem nos clubes principais. Os empresários já têm o dinheiro do lado deles, não têm nada a perder. Põem 20 ou 30 jogadores em meia dúzia de clubes secundários, alguns dos quais ainda lhes pagam, e não se preocupam mais, limpam as mãos. Só se forem bons futebolistas é que não os abandonam", explica uma fonte que conhece bem o fenómeno, que está a ser investigado pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e Polícia Judiciária.

"Há agentes que detêm um papel preponderante na colocação de jovens nestes clubes, assumindo-se como grandes atores nos esquemas de angariação e encaminhamento, independentemente de os jogadores terem possibilidades de sucesso no mundo

do futebol", explica o SEF, que confirma a "existência de um esquema em que os agentes recebem valores monetários avultados para arranjar convites de clubes de futebol nacionais, de molde a que os jogadores entrem em Portugal, seja ao abrigo da exigência ou dispensa de visto".

Atualmente, estarão referenciados perto de uma dezena de falsos empresários de origem brasileira e cabo-verdiana, naturalizados portugueses, alguns até ex-futebolistas que dominam os meandros desportivos dos dois lados das redes, da captação à recepção. Contra eles, o SEF recolhe ainda provas que ajudem, ou não, a sustentar os crimes de auxílio à imigração ilegal, tráfico de seres humanos, tráfico de menores ou mesmo associação criminosa. A Procuradoria-Geral da República não revela quantos inquiridos correm relacionados com estas redes.

### Clubes 'barriga de aluguer'

"Os jogadores ilegais dão lucro aos clubes pequenos, que servem de 'barriga de aluguer'. Estes ganham dinheiro se conseguirem transferir os para clubes grandes, dando dinheiro a ganhar a muita gente. Tornam-se todos convites com o negócio: pequenos, médios e grandes clubes", denuncia Joaquim Evangelista. Desde 2001 que o presidente do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol alerta para este fenómeno, que viu aumentar nos últimos três anos. Também o SEF confirma "um aumento de agentes responsáveis pela colocação de jovens jogadores em clubes".

Cada empresário trouxe já para Portugal largas dezenas de jovens. Estima-se que atualmente existam em Portugal entre 1000 a 1500 futebolistas

estrangeiros ilegais ou legalizados de forma fraudulenta, com ou sem clube, alguns com ordem de expulsão, garante ao Expresso fonte da investigação.

O SEF realizou, recentemente, uma operação nacional em que inspecionou 104 clubes e associações desportivas. Dos 508 cidadãos estrangeiros identificados, 203 eram ilegais, sem título de residência ou visto adequado à prática desportiva. No fim de 2014, uma ação de fiscalização centrada apenas na zona centro identificou 250 atletas estrangeiros, 157 dos quais ilegais; 107 nem sequer reuniam condições para iniciar qualquer processo de regularização, tendo sido notificados para abandonarem voluntariamente Portugal. 25 clubes com atletas ilegais foram também sancionados com multas.

Recentemente, um jogador estrangeiro sub-19 do FC Porto foi impedido de regressar de avião a Portugal depois de uma prova no exterior, por suspeita de irregularidades na documentação. O caso "corre os seus termos" no SEF. O clube não comenta.

O Expresso falou com os dirigentes de quatro clubes investigados, todos de escalões secundários. Luis Costa, presidente do Portimonense, dos distritos de Leiria, revela que chegaram a ter 20 atletas estrangeiros no plantel com visto de turista. Foram todos obrigados a regressar a casa. "Não sabemos se pagaram para poderem vir para Portugal, estamos à margem desses negócios", assegura. O clube hoje só tem portugueses no plantel. O Torrense forvisado há um mês. "Estavam interessados nos juniores, mas está tudo regularizado", garante o dirigente Pedro Canas. Na Associação Desportiva de Oeiras e no União Atlético Povoense, o discurso é semelhante. Está tudo legal.

Os esquemas são semelhantes aos

das redes de tráfico da imigração de Leste no início do século XXI. A mentira suporta o funcionamento de tudo. Antes, na origem, estava a promessa de um contrato de trabalho num restaurante, que à chegada se transformava num bar de alterne. Hoje, os jovens pagam para assinar com um grande do futebol, mas nem o clube é garantido nem a legalização. "Vêm mesmo ao engano, são iludidos. É um caso social de miséria humana", atesta a mesma fonte da investigação.

Depois de uma primeira experiência inglória num clube inferior, a maioria dos agentes abandona os atletas. Em situação ilegal, sem contrato de trabalho ou salário que financie o regresso a casa, acabam na rua. Os investigadores perderam a conta aos casos que viram terminar assim. Nos meios pequenos, a solidariedade impede o pior, mas os futebolistas que jogam nas grandes cidades caem nos furtos e no tráfico de droga. Pelo menos dois jogadores acabaram detidos, ambos por tráfico; um está preso preventivamente e outro aguarda o julgamento em liberdade.

### Estrela no Freamunde

Assumante conhece cada um dos passos desse percurso descendente. Jogou cinco anos ilegalmente antes de conseguir um lugar no Freamunde, da II Liga. Chegou aos 17 anos da Guiné-Bissau para prestar provas no Sporting. A Europa era um sonho. No passaporte trazia um visto de turista. Depois do chumbo em Alvalade, o empresário que o trouxe "desinteressou-se" e colocou-o no Clube Desportivo do Candal, em Gaia, e deixou-o lá, já ilegal. "Como não era um clube profissional, o SEF não

**RECENTEMENTE, UM JOGADOR ESTRANGEIRO SUB-19 DO FCP FOI IMPEDIDO DE REGRESSAR DE UMA PROVA NO EXTERIOR POR SUSPEITA DE IRREGULARIDADES NA DOCUMENTAÇÃO**





## Joaquim Evangelista

Presidente do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol

■ Consegue eleger um caso recente de um jogador de futebol que tenha caído numa destas redes ilegais e que seja a imagem do tráfico de pessoas?

■ Sim, o caso do brasileiro Caio Silva Aviles, de 22 anos, que denunciámos em janeiro. Foi-lhe prometido um contrato de trabalho desportivo em Portugal. Para poder vir, a mãe foi obrigada a suportar as despesas (fez um empréstimo de 3200 euros, alegadamente para o pagamento do certificado internacional). Um agente brasileiro e um português estiveram envolvidos no negócio e colocaram-no na Naval 1ª de Maio. Quatro meses depois de chegar, o clube não fez o contrato de trabalho, impedindo a concretização do negócio. Foi expulso pelo clube do apartamento que dividia com uns oito jogadores e abandonado à sua sorte. A presidente do clube vitimizou-se, dizendo que o jogador nem era futebolista e que tinha praticado uma boa ação ao acolhê-lo. Mas que boa ação? Este é um negócio de exploração de jogadores. [A Naval garantiu que não recebeu qualquer importância de Caio, lembrando que o atleta "se apresentou voluntariamente neste clube".]

■ Quantos casos semelhantes aos de Caio estima que existam em Portugal?

■ Umhas largas centenas. Numa operação realizada em fevereiro, o SEF deteve mais de cem jogadores ilegais a jogar em dezenas de clubes, o que é revelador do quadro negro deste negócio de tráfico humano. Um dos grandes problemas é que a maioria dos jogadores explorados não faz denúncia destas situações. Só em casos-limite, como o de Caio. E, de alguma forma, permitem que estes crimes continuem em Portugal.

■ O fenómeno do tráfico de futebolistas está a agravar-se?

■ Sim, sem dúvida. Trata-se não só de um caso desportivo mas também de um caso social. O negócio do futebol consiste no seguinte: os empresários conseguem trazer jogadores por pouco dinheiro e lucrarem com uma transferência. Isto implica várias pessoas envolvidas: intermediários (uns com licença, outros sem ela), clubes, treinadores, etc. Em 2001, foi proibida a transferência de atletas menores de 18 anos na Europa. Na altura, eram abandonados muitos jogadores na Bélgica ou na Holanda que depois se dedicavam a outro tipo de práticas. Apesar das novas regras, o problema tem-se agravado desde então. E cruza-se com o fenómeno dos resultados combinados, que também explora os jogadores fragilizados, manipulados e pagos por intermediários fora dos clubes.

■ A indústria do futebol está a fazer o suficiente para combater a exploração das redes ilegais de jogadores?

■ Não. Não basta haver preocupação só quando os casos são detetados. Isto é demasiado grave e há muita gente a olhar para o lado, ou por medo de represálias ou por não se querer incomodar. Temos de ser mais eficazes do que apenas alterar os regulamentos. Há um sinal positivo, que é o SEF estar ativo nesta matéria. Deve haver um lado dissuasivo. Quem vive à custa da exploração de menores tem de ser erradicado do futebol. Tem de haver consequências e sanções para quem traz esses jogadores para Portugal e depois os abandona, quando não resultam, deixando-os completamente isolados. Subsiste o argumento hinduísta de dizermos que estamos a ajudar alguém que tem dificuldades no seu país de origem, do género "lá no país dele não tinha nada e eu pelo menos dou-lhe casa". Quem está a fazer isso não o faz por solidariedade mas com um interesse próprio.

■ Há duas rotas de jogadores ilegais: do Brasil e de África. Confirma?

■ Sim, nessas regiões há bons jogadores, mas ainda se fazem muitas ilegalidades. Já não permitidas na Europa e existe uma relação muito próxima com Portugal. As redes organizadas são globais e passam por Portugal.

aceitou os papéis", recorda o jogador.

Nessa altura, Ansumane remeteu o futebol para o período noturno. De dia era estafeta numa empresa de tintas, a profissão que lhe dava o contrato de que precisava para ter residência legal em Portugal; à noite treinava os dotes de ponte de lança. Enquanto esperava pela legalização, mudou três vezes de clube, foi apanhado pelo SEF e recebeu ordem de expulsão. Protestou e não cumpriu. Em 2012, foi convocado para a seleção da Guiné e teve de recusar — se saísse de Portugal, nunca mais o deixavam entrar.

A família também teve de esperar cinco anos para o ver. Só recebiam o dinheiro que o jogador enviava. Com 13 irmãos e a mãe entretanto viúva, Ansumane sustenta 39 familiares. "Tenho muitos amigos ilegais a jogar em Portugal. Alguns já têm ordem de expulsão. O que eles estão a passar é muito duro, mas estão a lutar. Voltar para a Guiné não é uma alternativa."

As operações do SEF e a expulsão de atletas fizeram os traficantes alterar o *modus operandi*. A aposta agora faz-se na legalização fraudulenta dos imigrantes, através de contratos de trabalho com empresas fictícias ou mesmo com os clubes onde jogam, como roupeiros e tratadores de relva, até em campos pelados. A emissão de vistos em tempo recorde também tem levantado suspeitas, assim como a vinda de dezenas de menores tutelados pelos mesmos adultos. "Há redes identificadas, e não passam apenas pelos agentes do futebol. Também há outro tipo de agentes, em serviços especiais, como embaixadas, que poderão estar envolvidos. A situação é mais grave do que se imagina", garante Joaquim Evangelista.

hfranc@expresso.pt

## NÚMEROS

5

mil euros é a quantia avançada, em média, pelas famílias de jogadores brasileiros e africanos menores de idade, a supostos empresários para colocarem os atletas no mercado de futebol português

104

clubes foram inspeccionados pelo SEF na mais recente operação de controlo da imigração ilegal; 508 jogadores estrangeiros foram identificados pelas autoridades; desses, 203 não tinham habilitações para exercer a atividade desportiva

15

mil jovens africanos emigram ilegalmente todos os anos para a Europa com o objetivo de tentarem uma carreira como futebolista

## FACTOS

## NOVAS REGRAS NA LEGALIZAÇÃO

Em abril, a FPF vai introduzir no regulamento do estatuto de inscrição e transferência de jogadores a obrigatoriedade de apresentação de documentação que ateste a legalidade da permanência de estrangeiros em solo nacional

## MAIS DE 100 TÊM DE SAIR DO PAÍS

No início deste mês, o SEF notificou 107 jogadores estrangeiros para abandonarem o país no prazo de 20 dias. Três atletas foram detidos por não acatarem ordens anteriores de expulsão e 25 clubes da região centro foram multados

## ALERTA PARA A FIFA

O Sindicato dos Jogadores anunciou em outubro do ano passado que a FIFA seria alertada para o tráfico de jovens futebolistas estrangeiros. Muitos são inscritos em Portugal sem que a sua idade real corresponda à que está no passaporte e vivem em condições desumanas

## PRESIDENTE ABSOLVIDO

António Campos e o seu antecessor na presidência do Rio Ave, Paulo de Carvalho, tinham sido acusados dos crimes de auxílio à imigração ilegal em julho de 2013. Em causa estava um alegado esquema de criação de postos de trabalho fictícios para progenitores e tutores de jogadores menores, de origem brasileira, de modo a que esses atletas pudessem

jogar em Portugal pelo clube. Em janeiro de 2014, o tribunal de Vila do Conde não deu como provadas essas acusações e absolveu os arguidos

## ALIANÇA ENTRE SEF E LIGA

A Liga de Clubes e o SEF assinaram, em maio de 2013, um protocolo que agilizou o processo de autorização de residência a futebolistas profissionais estrangeiros, que desde então passou a ser mais simples e rápido

## QUATRO ILEGAIS NO CHAVES

O SEF identificou quatro atletas estrangeiros das camadas jovens do Grupo Desportivo de Chaves depois de buscas realizadas no final de 2012. Nem o clube nem os dirigentes foram constituídos arguidos

## NAVAL SOB SUSPEITA

No início de 2012, o SEF investigou um suposto esquema de imigração ilegal na Naval 1ª de Maio fazendo buscas às instalações do clube da Figueira da Foz

## CASO ANDERSON NO FCP

Em 2007, deu que falar o caso Anderson, jogador do FC Porto. Segundo vários jornais, a legalização do atleta teria sido obtida através de um contrato de trabalho fictício apresentado pela mãe, numa altura em que Anderson era menor de idade. Outros jogadores estrangeiros do clube estiveram sob suspeita, mas o caso nunca chegou aos tribunais



Há imigração escrava na Espanha da açucena e do castanha. Ilícitos laborais agravam-se nas florestas, segurança e mercaderias

Tercel, 4 de agosto, Centro do país, distrito de Leiria. Solo a direção do Ministério Público, 20 operários do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) cumpriram 18 mandados de busca domiciliar numa operação de combate ao tráfico de seres humanos. Em visitas realizadas desmontaram uma rede de angariação e exploração de mão de obra ilegal. Foram detidos cinquenta cidadãos estrangeiros, maioritariamente comunitários, a trabalhar ilegalmente e a viver "em condições pouco dignas, nalguns casos de insalubridade".

Entre não é caso único, ou sequer raro. É só o mais recente no setor agrícola, onde se regista o maior número de casos de exploração laboral, que surgem ao ritmo do calendário das colheitas. De acordo com o último Relatório Anual de Segurança Interna (IASI), os trabalhadores vítimas de tráfico humano detetados em Portugal são maioritariamente homens, adultos e menores, que trabalham na Espanha da açucena, castanha, pimento, alho, cereja e talisco — estendido "um aproveitamento criminoso da necessidade de migrantes sazonais", lê-se no relatório.

Os trabalhadores chegam maioritariamente da Romênia e Bulgária, trazidos em grupos e explorados por indivíduos da mesma nacionalidade que ser-

venha  
grat  
em t  
Fini  
tado  
a su  
com  
O  
por  
tem  
a su  
a 55  
rio  
a su  
cor  
por  
pro  
Em  
(2)  
vill  
don  
dell  
ag



Há 5 mil imigrantes ligados ao setor da cosmética. Os ilegais são o dobro

Esquema Redes trazem imigrantes para trabalhar em salões de beleza, mas não lhes pagam. O 'salário' é um quarto alugado

# Verniz esconde trabalho escravo

HUGO FRANCO

O "boom" do negócio das unhas de gel em Portugal tem atraído para o país novos imigrantes brasileiros, na maioria mulheres. Algumas são recrutadas por redes informais de familiares e amigos que as contactam através da internet. Prometem-lhes salários chorudos, mas quando chegam, em vez de dinheiro, os patrões dão-lhes apenas um quarto para viver em troca do trabalho como manicureiras, cabeleireiras ou esteticistas. Os pagam-lhes quantias tão baixas que as vítimas acabam a pedir ajuda aos clientes para sobreviver.

O esquema foi revelado ao Expresso por duas associações de apoio a imigrantes, que acompanham algumas trabalhadoras ligadas a redes destas mesmas redes. "É uma forma de escravidão moderna. As recém-chegadas, em geral ilhadas, ficam nas mãos dos patrões numa situação de grande dependência e vulnerabilidade", diz Magdala de Gusmão, fundadora da associação Comunitária. Esta arremete sobre o caso de uma trabalhadora que vive num quarto anexo ao salão de beleza, onde ela presta serviços a seu "único" patrão.

Também a Casa do Brasil de Lisboa conhece o fenómeno. Nos últimos quatro anos recebeu mais de cem denúncias do género, algumas delas de "quase escravidão". A porta-voz,

Ana Rita Alho, relata casos dramáticos: uma vítima que só não passava fome graças à comida e ao dinheiro oferecidos pelas clientes do cabeleireiro, pois trabalhava em troca de um alojamento; uma outra que viu o salário diminuir de mês para mês, fazendo o mesmo número de horas semanais. E ainda uma imigrante obrigada a pagar o equipamento para poder trabalhar num salão de beleza que nunca lhe pagava o que havia prometido.

Regra geral, os imigrantes não avançam com uma queixa formal às autoridades por receio de represálias da entidade empregadora ou por medo de serem a ser expulsos do país. "O grau de informalidade entre patrões e empregados é tal que é praticamente impossível os casos serem detetados pelas polícias", garante Magdala de Gusmão. Até ao fecho da edição, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) não esclareceu se existe algum tipo de investigação em curso sobre o fenómeno.

## Ajuda ou exploração?

Em maio, uma reportagem do "New York Times" intitulada "The price of nice nails" ("O preço das unhas bonitas") veio revelar uma realidade escondida: a de milhares de mulheres imigrantes, provenientes da Ásia e da América Latina, mal pagas, exploradas em turnos de 10 a 12 horas diárias ininterruptas e alvo de todo o tipo de abusos. Algumas tinham até de pagar os custos de água que bebiam no salão (ver caixa).

Em Portugal, o fenómeno não é tão grave nem generalizado: segundo números oficiais, há cerca de cinco mil imigrantes legalizadas a trabalhar em locais de manuseio e estética em todo o país. As associações estimam, no entanto, que o número de ilegais ou sem contrato seja pelo menos o dobro. Com idades entre os 20 e os 40 anos, provêm de famílias modestas do sul do Brasil, como o Paraná e Goiás, onde já trabalhavam no ramo. Embora, já uma minoria sejam exploradas, o Expresso sabe que casos graves têm surgido com maior regularidade nos últimos três anos.

As histórias do que acontece nas redes de exploração social, os patrões não retiram os passaportes às vítimas nem há queixas de abusos sexuais ou violência explícita. "As mulheres são muitas vezes coagidas psicológicamente, mas não podemos falar em grandes malhas organizadas. Trágica de pequenas redes, que trabalham

independentes entre si", salienta Magdala de Gusmão, que chegou a confrontar alguns destes patrões de nacionalidade brasileira. Mas eles usam o argumento de "que estão a ajudar os recém-chegados", respondendo à ligação da exploração laboral.

## Marquesa na sala de jantar

Uma vítima, de 43 anos, que conta o seu caso, no anonimato, revela ter chegado a Portugal num voo do Rio de Janeiro há um ano e meio, a convite do dono de um cabeleireiro no centro de Lisboa. "Ele prometeu-me um contrato para me legalizar mas foi-me enganado", conta. O pior em tudo são os 400 euros que recebe por semana, por uma média de oito a dez horas de trabalho diárias. "Fazendo as contas, havia semanas em que recebia cerca de um euro por hora. E ainda tinha de arcar com a maneira de pagar 200 euros por um quarto".

Cada vez que falava com o patrão sobre o assunto ele usava "todo o tipo" de chantagem e ameaças, garantindo que iria chamar o SEF. "Foi um inferno. Fiquei nervosidade, pois estava lá em Portugal e o pior é que não tinha ninguém a quem recorrer". Havia dias em que só pensava em desistir de tudo e regressar a casa. No entanto, ganhava pouco e sentava-se a lutar até ao fim. Há poucos meses, um episódio inesperado veio reverter a história da sua vida: o patrão foi passar férias ao Brasil e não regressou a Lisboa, tendo decidido vender o salão de beleza sem avisar os empregados. O que parecia ser o maior de todos os pesadelos ac-

bou por se transformar numa tábua de salvação. "A nova gerente apoiou-me. Tenho finalmente um contrato e vou a legalizar-me", conta.

As denúncias de exploração laboral de esteticistas chegaram também aos sindicatos. "Já nos apareceram casos de mulheres, de estabelecimentos dentro de grandes superfícies comerciais, que trabalhavam desde a abertura até ao encerramento, e de outras que simplesmente não dispunham de um dia para o outro, sem qualquer pagamento", revela o Sindicato dos Trabalhadores e Técnicos de Serviços (SITSE). Um dos piores casos é o de uma imigrante, com contrato que trabalhava entre 9 e 7 dias por semana. Quando comunicou que estava grávida, o patrão atrasou-lhe os pagamentos. Depois, contrariou uma nova funcionária e passou-lhe as clientes. Confrontado pelo sindicato, proibiu a entrada da imigrante no salão, tendo enviado a seguinte mensagem: "Abandone o trabalho" para a despedir.

Nazare Nunes, presidente da Associação Nacional do Emprego Profissional, tem registado alguns casos irregulares nas salões que o grande problema do sector é a falta de regulamentação e de fiscalização. "Como não é obrigatória a carteira profissional qualquer pessoa pode ser esteticista, o que é muito preocupante". Esta dirigente lembra que dada a grande procura, o mercado da estética tende a desenvolver-se e os salões multiplicam-se, por vezes sem condições, o que prejudica os clientes. "Não basta abrir uma marquesa na sala de jantar e fazer aí as sessões de cosmética".

Informações prestadas por Inês Pereira

## NÚMERO

100

dólares (92 euros) e o valor cobrado por um patrão num salão de beleza em Long Island (Nova Iorque) às novas trabalhadoras para que possam trabalhar no estabelecimento, segundo o "New York Times". Uma prática considerada comum naquela cidade que em 2012 tinha cerca de dois mil gabinetes de estética e manicure. Há casos de empregadas a ganhar 150 dólares (130 euros) por hora em semanas de trabalho que podem ir até às 66 horas. Na reportagem do jornal, são relatadas histórias de imigrantes que ficam sem as garfetas como castigo por "transgredirem menores".

## OS PIORES CASOS

- Vive num quarto alugado no interior do salão de beleza onde trabalha todos os dias. É o único pagamento que recebe pelo seu trabalho
- Manicureira vê o seu salário descer todos os meses, mesmo fazendo o mesmo número de horas por semana
- Sobrevive apenas com a comida e o dinheiro oferecido pelos clientes do gabinete de estética. Não é remunerada
- Ganha em média um euro por hora, já que recebe entre 30 e 50 euros por semana e trabalha entre oito e dez horas diárias num cabeleireiro
- Patrão despede funcionária depois desta anunciar a sua gravidez alegando abandono do trabalho. Antes disso, tinha a substituído por outra pessoa
- É obrigada pelo patrão a pagar o próprio equipamento para tratar as unhas das clientes



# Brasil triste no desfecho da festa

No final das celebrações, os dois países estavam mais próximos, mas os índios e os sem-terra tinham-se afastado do Governo



IZA DE SALLES FREAZA  
no Rio de Janeiro

A PRIMEIRA semana do «ano 500» do Brasil começou com a imprensa e os meios políticos a tentarem interpretar o que aconteceu na tarde do sábado, 22 de Abril, em Porto Seguro, quando a polícia da Bahia impediu, com gás lacrimogénico e balas de borracha, o protesto pacífico de índios que pretendiam chegar ao centro histórico da cidade, onde se encontravam os presidentes Fernando Henrique Cardoso e Jorge Sampaio.

O confronto foi um facto inédito nos seis anos do Governo Cardoso e a principal preocupação, segundo assessores do Governo, era que houvesse desrespeito pelas autoridades, sobretudo no que se referia ao Presidente Jorge Sampaio — já que os manifestantes contestavam a descoberta portuguesa.

Tranquilo e conseguindo escapar com agilidade às perguntas indiscretas sobre os acontecimentos, Sampaio despediu-se na segunda-feira do país numa recepção no consulado português no Rio de Janeiro, onde fez um balanço do que pode ser a coisa mais positiva: a conclusão de que, em 500 anos de vida em comum, nunca estiveram tão boas as relações entre o Brasil e Portugal.

## A tese da invasão

As poucas vezes que se levantaram contra os festejos e contra Portugal foram rebatidas na véspera, em artigo do escritor João Ubaldo Ribeiro: «Está a ficar politicamente correcto,

penso que por motivos incorrectíssimos, abraçar a tese da Invasão do Brasil. Será possível que não se perceba a vastidão dessa sandice?», pergunta ele, enumerando os benefícios da colonização portuguesa.

A festa conjunta agradou aos brasileiros e um dos melhores momentos foi a apresentação de Caetano Veloso e Dulce Pontes em São Paulo e Rio de Janeiro. Cariocas e paulistas adoraram a estrela portuguesa e nela descobriram o que procuram há muito: uma sucessora para a maior cantora do país, Ellis Regina.

## Guerras internas

Se oficialmente tudo correu de acordo com o previsto, a verdade é que os brasileiros receberam agressões físicas e verbais ao Presidente brasileiro, que atravessa um mau momento no que se refere à de popularidade.

Em 1996, no mesmo local das comemorações, radicais do MST — Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra — tinham furado o bloqueio policial e chegado perto demais do presidente Cardoso e do Ministro da Cultura português.

Desta vez, o Secretário de Segurança, General Alberto Cardoso, preferiu não correr riscos. Sobre o porquê o MST, mais uma vez, já estava perto do local. Uma semana antes, os seus militantes tinham ocupado a estrada para Porto Seguro, entraram na cidade e só saíram depois de muita negociação. O que ninguém esperava era que os índios fossem tomar seu lugar.

De nada adiantou, neste contexto, o presidente lembrar, em discursos oficiais, que tinha dado terras a 400 mil famílias, além de ter demarcado reservas indígenas que já somam 11% do território nacional. Por a maioria da população desconhecer tal facto, os agricultores e índios tornam-se presa fácil dos radicais.

«Não sabíamos exactamente o que os índios pretendiam fazer e temíamos a influência de alguns religiosos sobre eles», explicou Marcelo Cordeiro, subsecretário da

presidência, responsável pelas negociações com as comunidades indígenas, que acusa a igreja católica de ter incitado os índios, através do Conselho Missionário Indígena (Cimi).

O representante do Papa no Brasil para a Missa dos 500 Anos, cardinal Angelo Saldano, parece concordar com ele — não gostou nada do que viu.

Nos dias seguintes, o confronto da Bahia fazia mais vítimas do que os 31 índios feridos: a imagem do Brasil foi bastante atingida e o ministro Rafael Greca, principal organizador da festa, tem os dias contados no Ministério do Turismo e Desporto, porque não soube avaliar a situação nem evitar os incidentes.

Também foram atingidas as relações do Governo com o MST: «A minha paciência acabou. A partir de agora, quem destruir prédios do Governo ou sequestrar funcionários públicos vai responder na por estes crimes», afirmou na terça-feira o ministro do Desenvolvimento Agrário, o ex-comunista Raul Jungman.



Jorge Sampaio e Fernando Henrique Cardoso: as autoridades justificaram a violência alegando que queriam evitar faltas de respeito aos dois Presidentes

A magia desta terra  
torna todos os desejos  
em realidade





## ENTREVISTA

# O Brasil exige um trabalho de casa meticuloso para quem quer trabalhar ou investir

Portugal e Brasil tenderão a encontrar, cada vez mais, áreas de actuação conjunta na África lusófona, admite o embaixador de Portugal no Brasil, Francisco Ribeiro Telles.



Manuel Carvalho · 15 de Junho de 2014, 8:15



**Francisco Ribeiro Telles DR**

O embaixador de Portugal no Brasil recomenda cuidado e planeamento aos que querem trabalhar ou investir no país. E para que sejam bem-sucedidos, os projectos têm de se basear no médio e longo prazo, avisa o diplomata que está confiante em relação ao futuro do Brasil. Os



sua perspectiva, a subida dos patamares de exigência e de consciência dos brasileiros e não vão pôr em causa o sucesso do Mundial de Futebol.

Francisco Ribeiro Telles deixou Luanda e está há cerca de dois anos em Brasília. Vencedor do primeiro prémio para o melhor diplomata económico, criado pela Câmara de Comércio e Indústria Portuguesa, o embaixador afirma que Portugal e Brasil alimentam uma boa relação e acredita que as empresas dos dois países hão-de acertar posições para projectarem os seus investimentos na África de língua portuguesa.

**Qual é a intensidade da relação actual entre Portugal e o Brasil. Para o Brasil, Portugal é um parceiro importante, ou nem tanto?**

As relações e contactos que tenho mantido com o Itamaraty [a sede do Ministério das Relações Exteriores do Brasil] são um fluxo constante. Nós falamos com o Itamaraty, falamos com os altos funcionários brasileiros de tudo. Existe de facto uma relação, não diria muito intensa, mas, de facto, constante. E isso tem a ver com os grandes temas da política internacional, mas



com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Para dar um exemplo, temos mantido uma colaboração com o Brasil muito estreita na situação da Guiné. E mesmo em relação a temas de política internacional os nossos contactos são constantes. Falo com eles muito regularmente sobre a Venezuela, onde temos uma grande comunidade portuguesa e um volume de negócios apreciável.

**O Brasil tem mantido um certo isolamento internacional em termos de celebração de tratados de livre comércio, nomeadamente com a União Europeia. Hoje há sinais de que está a mudar de posição.**

**Concorda?**

É verdade, penso que isso está a mudar e temos sinais recentes dessa mudança. Eu lembro-me que, quando cheguei a Brasília há cerca de dois anos, não era uma prioridade do governo brasileiro haver um acordo entre a União Europeia e o Mercosul. Mas essa questão entrou na agenda.

**É uma megalomania Portugal pretender assumir nesse processo de negociação um papel de pivô, com algum**



que envolvem do lado do Mercosul economias muito complexas, como é o caso da Argentina, e do lado europeu há países que, à partida, podem não estar tão entusiastas com esse processo como Portugal, por várias razões. Mas nós temos sempre dito que esse acordo é importante, tanto para a União Europeia como para o Mercosul. E nesse quadro, o nosso papel tem sido importante.

**Não lhe parece que a cooperação económica entre os dois países, principalmente a que se faz ao nível das empresas, já foi mais forte do que é agora? No final dos anos 90, o Brasil chegou a ser a nossa principal prioridade económica fora da Europa.**

Eu não diria que essa relação esteja hoje adormecida. Na década de 1990 houve uma grande expansão de empresas portuguesas aqui. Houve grandes investimentos e é claro que houve entretanto uma retracção. Houve empresas que ficaram e deram o salto, outras saíram mas a relação continua intensa. Mas não com o volume de investimentos desse tempo – Portugal chegou a ser o segundo investidor no Brasil. E isso acontece por variadíssimas



**... a crise é uma delas?**

Sim, a crise é uma delas. Mas temos cerca de 600 empresas com investimentos a longo prazo, sendo que há também, sobretudo agora da parte de pequenas e médias empresas, a vontade de conhecerem e de se instalarem no mercado brasileiro.

**A embaixada é consultada com frequência por esses potenciais investidores?**

Sim. Há cada vez mais um contacto estreito entre a embaixada, e aí incluo os consulados gerais de São Paulo e Rio de Janeiro e Salvador, e isso é muito positivo. Nós estamos cá, conhecemos o terreno e começa a haver essa consulta permanente.

**E da vossa parte também já há sensibilidade para a “diplomacia económica”?**

(Risos) Eu acho que sempre se fez diplomacia económica. Claro que hoje em dia há uma maior aproximação entre a diplomacia e os empresários, isso é evidente. As empresas hoje em dia sentem mais utilidade em consultar as embaixadas e os consulados do que sentiam há dez anos. E aí também o AICEP (Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal)



mudou muito, e mudou para melhor, e por isso estamos de facto no radar das empresas.

**Essa comunidade, principalmente a de segunda e terceira geração, ainda mantém contactos com a embaixada?**

Sim, mantém. É uma comunidade muito bem instalada, com grande sucesso nos negócios. É uma comunidade discreta, que não dá nenhum tipo de problemas, e que mantém uma ligação muito forte a Portugal. Claro que na terceira geração a situação é um pouco diferente. Portugal para eles já está mais distante. De forma que é importante captar essas segunda e terceira gerações da comunidade portuguesa para Portugal. A parte da comunidade que mantém uma relação mais sentimental com Portugal, que passa lá férias todos os anos, está a envelhecer.

**Tem acompanhado a instalação de uma nova geração de jovens emigrantes, mais qualificada do que as anteriores? Têm um conhecimento preciso da dimensão dessa comunidade, o que estão a fazer?**

Podemos ter uma ideia aproximada,



Constato que eles ainda assim os procuram porque aí podem obter informações de natureza empresarial. Ou seja, os consulados são-lhes úteis.

**A maioria vem com contratos de trabalho ou vem à procura de oportunidades?**

Há de tudo. Não é fácil vir para aqui à procura de trabalho. O Brasil exige um trabalho de casa meticuloso.

**As empresas que vêm para cá que dificuldades encontram?**

Não se pode pensar que aqui se resolve em 15 dias o que não se conseguiu resolver em Portugal. As empresas têm de pensar num horizonte de 10, 15 anos e aí o Brasil tem um enorme potencial.

**Dadas as dificuldades colocadas pela política alfandegária brasileira, muito proteccionista, é mais fácil investir e produzir cá do que exportar de Portugal?**

Sim, é mais fácil, embora ao nível da nossa balança comercial os números que tenho apontam para um crescimento de 35% nos primeiros meses deste ano e pela primeira vez Portugal está com um excedente nas trocas com o Brasil.



**Nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) prevalece a cooperação entre Portugal e o Brasil ou, pelo contrário, a competição?**

Se há uma região do mundo sobre a qual as consultas são permanentes é em relação à África lusófona. Nós consultamos regularmente o Itamaraty sobre a situação em Angola, sobre a situação de Moçambique, a situação da Guiné... No plano empresarial é diferente e a minha experiência em Angola diz-me isso, porque em determinados sectores há competitividade com as empresas brasileiras. Mas cada vez mais a tendência vai ser encontrar, juntos, áreas de actuação em África. E nesse aspecto, o Brasil ao seu mais alto nível, refiro-me ao ex-presidente Lula da Silva, tem lutado muito para que isso possa vir a acontecer.

**Está preocupado com as tensões que hoje se sentem no país?**

Talvez tenha havido um excesso de optimismo em relação ao Brasil alguns anos atrás e agora talvez haja um excesso de pessimismo. O Brasil está no meio. É um país que está a crescer, que está a crescer bem, que tem melhorias sociais substanciais,



novas exigências. Os protestos que houve no Verão passado têm a ver com isso. O brasileiro está muito mais exigente. Estes protestos em relação à Copa eram impensáveis há sete anos, quando o país foi designado para receber a sede do Mundial.

**São, até certo ponto,  
indicadores de  
desenvolvimento social?**

São, até certo ponto. Há uma consciência nova e uma exigência nova das pessoas em relação ao seu dia-a-dia. E isso é legítimo e compreensível, e o próprio governo reconhece isso. Onde existe uma maior preocupação é quando esses protestos assumem um carácter violento. Mas estou convencido que o Brasil está a criar condições para que haja um bom Mundial de futebol.

[manuel.carvalho@publico.pt](mailto:manuel.carvalho@publico.pt)

---

***Assinar o Público é  
participar na construção  
de um país melhor***

**OPÚBLICO nunca foi tão lido. Todos os meses passam pelo nosso online mais de 6.5 milhões de visitantes. Para**



**Queremos produzir mais e melhor informação, com a liberdade de sempre e sem abdicar da diversidade de opiniões que enriquece uma sociedade livre. Queremos reforçar a nossa investigação para garantir um escrutínio mais eficaz dos poderes. Precisamos que se junte a nós neste esforço. A verdade, o pluralismo, a justiça, a solidariedade ou a abertura ao mundo são valores que partilhamos consigo.**

**Sinta-se ainda mais parte deste projecto cívico. Pense bem, pense Público.**

**ASSINE JÁ**

TÓPICOS

- POLÍTICA | BRASIL |
- ANO GRANDE DO BRASIL | DIPLOMACIA |
- LÍNGUA PORTUGUESA | EMPRESAS |
- MUNDIAL DE FUTEBOL



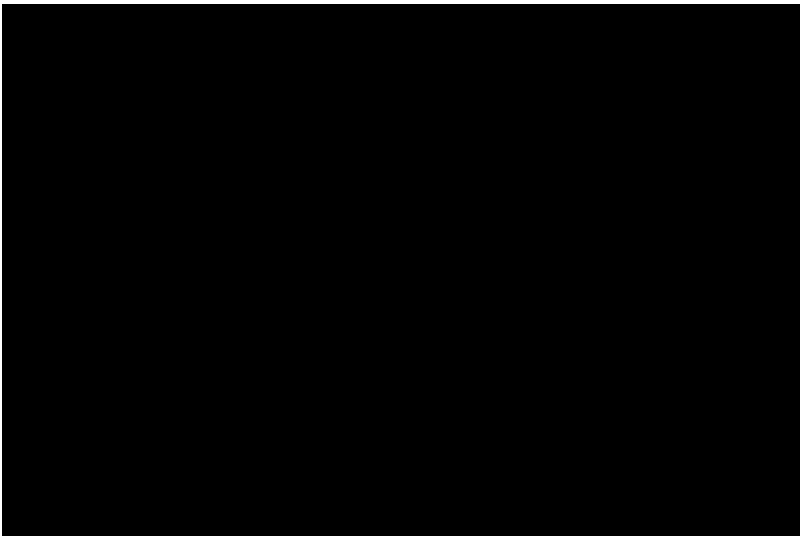
**ANO GRANDE DO BRASIL**

# Portugueses no Brasil “à espera para ver o que acontece”

Seja qual for o resultado das eleições, o que os imigrantes parecem querer é crescimento económico. Retoma pode abrir caminho para desburocratização de vistos para trabalhadores qualificados.



Andréia Azevedo Soares · 5 de Outubro de 2014, 7:36



**"A bolha vai desinchar mas não estourar, há muito consumo interno" NELSON GARRIDO**

Qual o impacto das eleições brasileiras na vida dos portugueses que vivem do outro lado do Atlântico? Não há uma solução simples para esta pergunta, mas, caso houvesse, a resposta passaria em grande parte pela economia. “Como imigrante qualificado, o que me preocupa é que haja crescimento



locomotiva de tudo o resto”, afirma ao PÚBLICO Rui Alves, um engenheiro civil de 32 anos que vive há quatro em Curitiba.

Rui e a namorada, Maria Peixoto, de 31 anos, também portuguesa e engenheira civil, gostam da vida que levam na capital do Paraná. Mas o “crescimento desastroso do PIB” não os encoraja a ter filhos e construir um futuro no país. “Não havendo investimento, não há trabalho na engenharia civil”, conclui Maria, durante uma conversa via Skype. Não têm um candidato predilecto. E dizem ter acompanhado a campanha eleitoral com alguma distância, como todos os portugueses contactados pelo PÚBLICO.

João Laranjeiro, 40 anos, tem uma postura parecida: não vive as presidenciais de forma apaixonada, mas está expectante para perceber como a economia vai se comportar. “Como se diz aqui, estou à janela à espera para ver o que acontece”, diz o gestor de remarketing de uma empresa de gestão de frota automóvel. João vive há mais de uma década em São Paulo, onde diz estar feliz e integrado. Apesar do desaceleramento da economia, não



uma bolha que vai desinchar mas não estourar, há muito consumo interno”, prevê. Por isso, até ver, não pensa em regressar.

Rubens Barbosa — ex-embaixador do Brasil em Londres e Washington e especialista em migrações do Instituto Millenium — corrobora a ideia de que, nestas eleições, o que está em cima da mesa é a prosperidade. “O que interessa para os imigrantes é mesmo o crescimento económico”, independentemente do resultado eleitoral. Esta é a parte evidente da

---

### ***Assinar o Público é participar na construção de um país melhor***

**O PÚBLICO nunca foi tão lido. Todos os meses passam pelo nosso online mais de 6.5 milhões de visitantes. Para nós, este número confirma a importância do nosso trabalho. Queremos produzir mais e melhor informação, com a liberdade de sempre e sem abdicar da diversidade de opiniões que enriquece uma sociedade livre. Queremos reforçar a nossa investigação para garantir um escrutínio mais eficaz dos poderes. Precisamos que se junte a nós neste esforço. A verdade, o pluralismo, a justiça, a solidariedade ou a abertura ao mundo são valores que partilhamos consigo.**

**Sinta-se ainda mais parte deste projecto cívico. Pense bem, pense**



**ASSINE JÁ**

TÓPICOS

MUNDO | ANO GRANDE DOBRASIL |  
ELEIÇÕES